NAVESSA ALLEN

Os que matam juntos ficam juntos



ÀS ESCURAS

Romance INTO DARKNESS

EUFORIA

www.guerraepaz.pt/euforia
@euforiaeditora

EDIÇÃO ORIGINAL
Título: *Lights Out*
Autora: Navessa Allen
© 2024 de Navessa Allen
Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos da América pela editora Zando.
Direitos de tradução cedidos pela Sandra Dijkstra Literary Agency e pela Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS
Título: *Às Escuras*

Acompanhamento editorial: Maria José Batista
Tradução: Maria Inês Ramos
Revisão: Joana Ambulate
Design de capa: Christopher Brian King
Adaptação e Paginação: Ilídio J.B. Vasco

ISBN: 978-989-576-238-5

© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2024
Reservados todos os direitos

EUFORIA

Euforia é uma chancela da **Guerra e Paz, Editores**

GUERRA & PAZ

R. Conde de Redondo, 8–5.º Esq. · 1150-105 Lisboa
Tel.: 213 144 488 · guerraepaz@guerraepaz.pt

NAVESSA ALLEN

ÀS ESCURAS

TRADUÇÃO
Maria Inês Ramos

Romance **INTO DARKNESS**

FICÇÃO · ROMANCE

AVISOS

Às Escuras é um romance negro e cómico que retrata um perseguidor e que contém temas pesados.

Fica ao critério do leitor se deseja prosseguir com a leitura, uma vez que este livro contém:

Conversas e cenas sexualmente explícitas (incluindo sexo anal)
Consumo de álcool
Menção de violação (fora de cena)
Abuso de crianças (memória)
Conteúdo médico
Sangue e cenas sangrentas (em ambiente hospitalar)
Conversas sobre saúde mental
Menção de assassinos em série e dos seus crimes
Descrição de um tiroteio em massa
Perseguição
Invasão de privacidade
Invasão de domicílio
Câmaras ocultas

Hacking
Roubo
Canibalismo não intencional (memória)
Morte
Acidente de viação (memória)
Descrição de uma morte violenta (memória)
Morte de um dos pais
Sexo com asfixia
Sexo com uma faca
Sexo com uma arma

Sexo com medo
Sexo animalesco
Sexo com máscaras
Consentimento dúbio

Para todos os que são corajosos
o suficiente para cavalgarem o cabo.

ÀS ESCURAS

AGRADECIMENTOS

Este é o livro que nunca ia ser um livro. Foi uma simples ideia que me veio à cabeça enquanto percorria as redes sociais certa noite. Sem pensar muito, criei um vídeo de um homem a usar uma máscara e disse: «Muito bem, oiçam-me. Isto é um romance.» Mais de cem mil pessoas viram esse vídeo e exigiram que tornasse a ideia realidade, e cá estamos nós.

Há tantas pessoas a quem devo agradecer, a começar pelos primeiros espectadores. E especialmente aos meus subscritores do Patreon, que foram lendo os capítulos de *Às Escuras* à medida que os escrevia e me apoiaram até ao «Fim».

À minha mãe, por me apoiar incondicionalmente. É bom que nunca veja isto, porque foi proibida de ler este livro, por razões óbvias, mas, mãe, se por alguma reviravolta infernal estiveres a ler isto, não vou pagar a tua terapia.

Ao meu marido, por me encorajar a seguir os meus sonhos, sejam eles quais forem, e por ser o melhor parceiro romântico e amigo que alguma vez poderia desejar. Muitos dos meus protagonistas masculinos são inspirados nele, pelo menos de alguma forma, e em *Às Escuras*, o Josh herdou o seu sentido de humor. E sim, é tão hilariante (e, por vezes, exasperante) na vida real como na ficção.

À minha agente, Jill Marr, pelo seu total investimento desde a nossa primeira chamada via Zoom e por me abrir os olhos para as possibilidades deste livro. Jill, és uma estrela, e estou-te muito grata por defenderes e patrocinares os meus livros e a minha carreira.

Por fim, à Zando e à Slowburn, especialmente à Hayley Wagreich e à Sierra Stovall. Obrigada por arriscarem seguir com um lançamento independente e reconhecerem o seu potencial. Obrigada por serem tão acolhedoras, prestáveis e entusiastas com este livro. E obrigada por trazerem mais romance ao mundo com o vosso selo. É uma honra fazer parte da equipa.

1

Aly

A rapariga nova não se estava a sair lá muito bem. Quando entrei na sala de descanso, vi-a encolhida numa das cadeiras de plástico baratas e desconfortáveis, pasmada a olhar para o vazio. A farda estava amarrotada, o coque escorregava-lhe pela cabeça desalinhado, as madeixas louras sobressaíam como se tivesse estado a puxar o cabelo. Sob as luzes fluorescentes, a pele dela parecia cerosa e pálida.

As outras duas enfermeiras na sala estavam bastante afastadas, lançando-lhe olhares ansiosos como se estivessem preocupadas que fosse vomitar ou desmaiar. Ou pior, desistir, como tantas outras tinham feito.

Só por cima do meu cadáver.

Precisávamos dela. Não podia continuar a fazer turnos de quinze horas seguidas, ou ficaria de rastos.

Respirei fundo e fui ter com ela, abaixando-me ao seu lado para que, se vomitasse, eu conseguisse mergulhar para fora da zona de salpicos. Não pareceu reparar em mim. Não era bom sinal.

– Olá. Brinley, certo? – perguntei, mantendo a voz baixa e calma.

Recorri ao mesmo tom que usava para falar com crianças.

Ela pestanejou e virou-se para mim, com os olhos azuis vidrados e desfocados, como se não me estivesse a ver. Estava praticamente em choque. Eu sabia-o; via-o em quase todos os turnos em pelo menos um dos meus doentes.

Porra, ela ia mesmo desistir.

Virei-me ligeiramente para o lado, mantendo o olhar fixo na Brinley.

– Cobertor?

O som de passos a andar de um lado para o outro disse-me que alguém estava a assegurar o pedido, por isso voltei a olhar para a frente e dei toda a minha atenção à nova enfermeira. Tinha ouvido rumores sobre ela pelos

outros colegas. Segundo eles, a Brinley era enfermeira há três anos e tinha sido transferida recentemente de um serviço de urgências mais pequeno. Esta era a primeira vez que trabalhava num hospital polivalente.

Algumas pessoas safavam-se bem nas urgências normais, mas passavam-se quando vinham para aqui. Estávamos no centro da cidade, numa metrópole conhecida pelas suas elevadíssimas taxas de criminalidade. Não havia um turno em que não víssemos o pior do pior: esfaqueamentos, violações, ferimentos de balas, vítimas de abuso, sobreviventes de acidentes de viação horríveis, víamos de tudo mesmo.

Esta noite tinha sido especialmente dura, mesmo para mim, e eu já tinha visto tanta merda que não havia muito que me abalasse. Podia ser marcante para alguém novo como a Brinley, e amaldiçoei a sorte dela por este ter sido o seu primeiro turno sem supervisão.

Apareceu um cobertor na minha periferia. Peguei nele sem olhar e enrolei-o à volta dos ombros da Brinley. Movia-se como um robô, com os braços a tremer enquanto agarrava as pontas e as puxava com mais força.

– O peito dele – disse, tão baixo que mal apanhei as palavras. – O seu interior estava simplesmente… vazio.

Ah, então ela tinha apanhado uma ferida feita por um tiro de caçadeira à queima-roupa. Era incrível que o homem ainda estivesse vivo quando chegou, e terrivelmente triste porque não havia quase nada que pudéssemos fazer em casos como o dele. Grandes partes do coração, dos pulmões e de outros órgãos vitais estavam despedaçadas e demasiado danificadas para que conseguisse sobreviver. Ouvi dizer que morreu pouco depois de ter chegado. Se tivesse sido a Brinley a atendê-lo, teria ficado certamente encharcada de sangue. Não admira que tivesse mudado de farda e que o cabelo ainda estivesse húmido, por ter tido de lavar aquilo tudo.

– Não havia nada que pudesses ter feito – disse-lhe.

Ela fungou, e os olhos dela pareceram, finalmente, concentrar-se em mim.

– Eu sei, mas… *meu Deus*. Acho que nunca vou conseguir tirar aquela visão da minha cabeça.

Não te preocupes, amanhã verás algo igualmente traumático, que irá substituir o que viste hoje, pensou uma parte de mim obscura, porém incapaz de o dizer em voz alta.

– Alguém já te falou dos terapeutas? – perguntei-lhe.

Ela assentiu com a cabeça.

– Terceiro andar, certo?

– E se estiveres num turno da noite e precisares de falar com alguém, há uma linha telefónica 24 horas por dia, sete dias por semana.

O nosso hospital podia sobrecarregar-nos de trabalho, mas fazia um excelente trabalho ao dar prioridade à saúde mental do seu pessoal. Passávamos pela mesma quantidade de traumas diários que os soldados podiam enfrentar estando na linha da frente, e as nossas taxas de *burnout* e de *stress* pós-traumático eram elevadíssimas por esse motivo.

Eu falava regularmente com um dos terapeutas de serviço. Era uma das poucas coisas que me mantinham relativamente sã enquanto o sistema de saúde se desmoronava à nossa volta e havia tantas pessoas a abandonar a profissão que corríamos o risco de ficar sem pessoal.

– Não tenho o número da linha – disse a Brinley, com uma única lágrima a rolar-lhe pela face.

Isto era bom. Com lágrimas, eu podia trabalhar. As lágrimas significavam que já estava a processar, e o risco de entrar em choque estava a passar.

– Em que cacifo puseste as tuas coisas? – perguntei. – Eu vou lá buscar o teu telemóvel e acrescento já o número.

Vinte minutos mais tarde, já estava de pé, com as mãos à volta de uma caneca fumegante de chá de camomila. Inseri o número da linha de apoio no seu telemóvel. Ela tinha parado de tremer e as bochechas estavam a ganhar um pouco de cor. Só estava mais uma enfermeira connosco na sala, tendo substituído as duas inúteis anteriores. Essa enfermeira era a Tanya, uma mulher negra de quarenta e poucos anos que trabalhava em urgências há quase tanto tempo quanto a Brinley estava viva. A Tanya era a minha colega de trabalho preferida. Era ótima sob pressão, era boa com os pacientes e sabia mais sobre tratar pessoas em situações de emergência do que a maioria dos médicos com quem trabalhávamos.

Neste momento, estava com a Brinley perto da janela, a falar baixinho, com uma mão a segurar o ombro da mais nova. Eu ia ouvindo e desligando, enquanto pegava nas minhas coisas e nas da Brinley, confiando que a Tanya saberia usar as palavras certas para persuadir a Brinley a sair da beira do abismo.

– Portaste-te tão bem – ouvi-a dizer. – E isto não é só para te fazer sentir melhor. Já vi outras enfermeiras com mais experiência a ficarem paralisadas em noites como esta, mas tu mantiveste-te firme e fizeste o que tinhas a fazer. – Virou-se para mim. – Certo, Aly?

Pendurei a mala da Brinley ao ombro e juntei-me a elas.

– Ela não está a mentir – disse. – Pelo que vi, tu arrasaste. E é totalmente normal ficar abatida depois de uma noite destas. Toda aquela adrenalina fez-te subir demasiado alto, e os teus níveis de cortisol ficaram provavelmente descontrolados. Não é vergonha nenhuma entrar num minicoma de *stress*. Ainda me acontece em noites muito más.

A Brinley empalideceu.

– Achei que esta tinha sido uma noite muita má.

Ups. Tinha de dar a volta por cima.

– E foi – disse. – Só quis dizer que, desta vez, eu não vi o pior. Acho que tu e a Mallory é que não tiveram tanta sorte.

Soltou um suspiro trémulo.

– Oh. Está bem.

A Tanya virou-se para ela.

– Agora, a Aly vai dar-te boleia até casa. O turno dela também já acabou.

A Brinley olhou para nós.

– Mas tenho aqui o meu carro.

A Tanya acenou com a cabeça.

– Sim, mas achamos melhor não conduzires agora.

Parecia compreender a sabedoria por detrás.

– Sim, acho que tens razão.

– Não te preocupes – disse. – Verifiquei o teu horário. Amanhã estamos no mesmo turno, por isso também te dou boleia. Estacionaste no parque dos funcionários?

Acenou com a cabeça.

– O teu carro ficará bem ali. Precisas de lá ir buscar alguma coisa?

Franziu o sobrolho.

– Acho que não?

A Tanya arrancou-lhe o chá das mãos.

– Então deviam sair daqui enquanto podem.

– *Obrigada* – movimentei os lábios.

Acenou com a cabeça.

Não era invulgar sermos obrigados a trabalhar mais algumas horas se ficássemos por ali depois do fim do turno, porque havia sempre alguém a precisar de mais um par de mãos ou de ajuda para estabilizar um doente. A Brinley não estava em condições de o fazer e eu já tinha feito quatro horas extras. Estava na altura de ir embora.

Guiei a Brinley em direção à saída e fomos pelas traseiras para evitar cruzarmo-nos com alguém. Estava calada enquanto caminhávamos, mas parecia muito melhor do que quando a vi pela primeira vez, o que tomei como um bom sinal.

– Vives com alguém? – perguntei-lhe.

– Com o meu namorado – disse.

– Ele está em casa neste momento?

Não me agradava a ideia de a deixar sozinha se ele não estivesse.

Ela acenou com a cabeça.

– Está. Mandei-lhe uma mensagem no final do turno, antes de me sentar, e, bem. Tu viste.

– Falar ajuda – disse-lhe. – Não sei se o teu namorado é sensível, mas contar-lhe sobre o que te aconteceu pode tirar-te algumas coisas da cabeça.

– Não tenho a certeza – disse, com a voz cheia de indecisão.

– Não precisas de entrar em pormenores. Ficas-te pelo essencial. E além da linha de apoio, também pus o meu número no teu telefone, para que me possas ligar sempre que quiseres.

Lançou-me um olhar de alívio.

– Obrigada. Acho que ele não ia perceber. Compreendes?

Assenti com a cabeça. Compreendia. Ao contrário da Brinley, eu era solteira… mais ou menos, mas mesmo quando tinha parceiros, não falava de trabalho com eles. Nunca namorei a sério, estava demasiado focada na minha carreira neste momento, e falar sobre um dia mau ou o quão triste foi perder um paciente parecia o tipo de coisa que se guardava para alguém importante. Na maior parte das vezes, desabafava com terapeutas ou outras enfermeiras e, pelo olhar da Brinley, percebi que ela faria o mesmo. Por norma, os civis, como chamávamos a quem não trabalhava no setor da saúde, não nos conseguiam compreender.

A caminho de casa, para nos distrairmos da noite que tínhamos tido, continuámos a conversar, porém, acerca de temas mais ligeiros, como o

último programa de televisão que toda a gente andava a ver. Quando deixei a Brinley em casa dela, o Sol estava a começar a nascer sobre a cidade, brilhando nos arranha-céus distantes e pintando as nuvens com uma sombra macabra que variava entre o roxo profundo de nódoas negras recentes e o vermelho arterial de sangue acabado de derramar.

Meu Deus, estou mesmo mórbida esta manhã, pensei, desviando os olhos do céu.

Tinha passado tanto tempo a tentar ajudar e a distrair a Brinley que não tinha processado a minha própria noite de merda. Houve um tipo que tinha sido esfaqueado três vezes, uma mulher com o pulso partido, o nariz a sangrar, um marido com ar de culpado e que não a deixava falar por si própria, e uma criança de dois anos com VSR* tão grave que teve de ser transportada para o hospital pediátrico.

O pior foi o sem-abrigo com queimaduras de frio. Não por ser um caso extremo, pois as queimaduras eram relativamente ligeiras e ia conseguir manter todos os dedos dos pés, mas por mais ninguém no meu turno querer entrar no quarto dele devido ao seu mau cheiro, saindo de imediato para o corredor reclamando alto o suficiente para ele conseguir ouvir. Fiquei destroçada e irritada, por isso mandei-os a todos embora e tratei dele sozinha.

Eram estes os tipos de casos que me ficavam na memória, não os supersangrentos, mas os tristes. Ficava fascinada. Onde estaria a família daquele homem? Andaria à procura dele? E a mulher que estava a ser maltratada pelo marido? Conseguiria ela afastar-se antes de ele a voltar a magoar?

A minha viagem para casa foi desatenta enquanto estes pensamentos me enchiam a cabeça e, quando dei por mim, estava a entrar na garagem. A rua estava suficientemente escura para que a minha casa estivesse somente iluminada por luzes cintilantes. Já estávamos na segunda semana de janeiro, mas alguns dos meus vizinhos ainda tinham as decorações de Natal, por isso não me apressei a desfazer as minhas. Ver aquelas luzes a brilhar alegremente na escuridão da madrugada era precisamente o tipo de estímulo de que precisava. Qualquer coisa para manter a escuridão à distância.

Desliguei o carro e saí. A minha casa não era nada de especial, era apenas uma casinha com dois quartos, ao estilo artesanal e num bairro mais ou menos seguro, mas era toda minha, e estava muito orgulhosa do trabalho

que tinha feito para a remodelar e lhe dar o meu cunho único. O revestimento era azul-esverdeado antigo, o acabamento era branco quente, e o pequeno terraço da frente parecia festivo e convidativo graças ao sinal de boas-vindas natalício e à árvore de Natal que brilhava com enfeites.

Por dentro, era igualmente alegre. Já não tinha família que importasse, e decorar a casa de cima a baixo para as festas era a forma de me distrair do quão deprimente era passar o Natal sempre sozinha ou a trabalhar.

Um miar estridente dividiu o ar quando fechei a porta atrás de mim e descalcei os sapatos.

Bem, não estava *completamente* sozinha. Tinha o *Fred* para me fazer companhia. Devia estar a dormir na minha cama quando entrei, porque o seu miar soava mais longe e aumentou de tom e de volume à medida que corria na minha direção, como uma ambulância a ecoar numa autoestrada.

Bem, ele é tão barulhento quando está zangado, pensei. Se continuasse assim, os meus vizinhos mais próximos iam começar a pensar que o andava a magoar.

– Oh, meu Deus, *Fred* – disse, enquanto o gato de pelo comprido preto e branco dobrava a esquina. – Pronto. Desta vez, só me atrasei umas horas.

Peguei nele quando chegou ao meu lado, virando-o de costas para que pudesse enterrar a minha cara na sua barriga fofa. Quando era criança, a minha mãe chamava a isto «terapia do pelo». Ela chegava a casa depois de um longo dia de trabalho e, antes de dizer olá ao meu pai ou a mim, ia ter diretamente com o gato e acariciava-o até ele começar a contorcer-se. Fazia-a sempre sentir-se melhor, por isso, eu fazia o mesmo com o *Fred* desde o dia em que apareceu no meu quintal, a chorar, ainda bebé, quase afogado por uma tempestade. Não sabia se era por ser tão novo quando comecei a fazer-lhe isto, mas ele tolerava muito bem a terapia do pelo; ronronava e passava as patas no meu cabelo.

Devia parecer uma lunática para pessoas que não gostavam de gatos, mas estava-me a cagar. Por princípio, não confiava em ninguém que não gostasse de gatos, por isso, eles nunca estariam por perto para me julgar.

Pus o *Fred* no chão depois da minha terapia, e ele correu atrás de mim enquanto fui para o quarto mudar de roupa. Pensar-se-ia que estaria cansada depois de um turno tão longo, mas estava bem acordada. Provavelmente por já ter aprendido a adormecer num piscar de olhos, e por saber encontrar o lugar certo para fazer uma sesta de cinco minutos sempre que havia um

momento calmo. O hospital tinha estado estranhamente tranquilo entre a meia-noite e a uma, e eu conseguira dormir durante uma hora inteira. A Tanya disse-me que uma das enfermeiras, alguém que trabalhava num andar e unidade diferentes, ao vir buscar umas análises fez um comentário sobre essa tranquilidade, o que nos agourou. As enfermeiras das urgências sabiam que não podiam dizer esse tipo de coisas.

Tomei um duche, vesti o pijama mais aconchegante que tinha, servi-me de um copo enorme de vinho branco e aconcheguei-me com o *Fred* no sofá. Estava com vontade de ligar a televisão e relaxar um pouco, mas não tinha visto o telemóvel durante o turno e as notificações das redes sociais estavam a chamar por mim.

Cedendo ao inevitável, abri a minha aplicação favorita e comecei a percorrer o ecrã. Havia os vídeos esperados de animais fofos a fazer coisas fofas, pessoas a agir como idiotas e a meterem-se em sarilhos, histórias sobre ex-namorados e pessoas musculadas a posar para os espelhos do ginásio. Mas, mais do que qualquer outra coisa, havia gajos bons. Especificamente, gajos bons que usavam algum tipo de máscara. Esta minha obsessão começou no início do outono, quando este subgénero de vídeos foi ganhando destaque de ano para ano, graças a lascivos amantes de livros e a espectadores excitados como eu.

Com uma mão, coçava o *Fred* atrás das orelhas. Com a outra carregava no botão «like» de vídeos de homens em *cosplay*, uns com equipamento militar futurista e outros com fatos de filmes de terror. No entanto, guardei os meus favoritos para as máscaras de fantasmas. Os que estavam em tronco nu deixavam-me a babar. Se juntássemos uma faca e um pouco de sangue falso, o resultado era instantâneo.

O meu criador preferido usava o nome «the.faceless.man» porque tinha tudo o que eu mais gostava: uma máscara personalizada e diferente de todas as outras, tão sensual como aterradora, músculos, boa iluminação, uma seleção de música excecional e um conhecimento inato de como atrair o espectador e mantê-lo a implorar por mais. Tinha uma secção inteira de favoritos dedicada aos seus vídeos, e voltava a vê-los sempre que precisava de uma distração depois de um turno mau.

Como o desta noite.

Bebi o último gole do meu vinho. Porra, perdia completamente a noção do tempo quando estava na aplicação. Levantei-me para me servir de outro.

O *Fred* saltou do sofá e enroscou-se na sua casinha de feltro ao pé da televisão, tendo atingido o seu limite de aconchegos. Verifiquei a comida e a água dele na cozinha, ambas quase cheias, e esvaziei a garrafa de vinho no meu copo. Quando o terminei, já tinha bebido meia garrafa.

Sim, em breve estaria bêbeda e, esperava, suficientemente cansada. Só tinha dez horas até ao início do meu próximo turno e precisava desesperadamente de recuperar todo o sono que tinha perdido devido ao habitual aumento de atividade no hospital durante a época festiva.

Puxei um cobertor por cima de mim quando me voltei a sentar, e depois fui buscar os meus vídeos do Homem Sem Rosto, como o tinha começado a chamar. Era difícil escolher um favorito, mas se alguém me apontasse uma arma à cabeça e me obrigasse a fazê-lo, seria aquele em que estava esparramado no sofá, sem camisa, com a cabeça apoiada no braço, a cena inundada de luz vermelha. Só era visível das costelas para cima, a pele coberta de tatuagens, os músculos cerrados enquanto o braço se movia num movimento rítmico que sugeria que se estava a masturbar, mas que não ia longe o suficiente para ser banido.

Nunca sabia para onde olhar quando o via. Para a forma como os seus bíceps se distendiam e flexionavam a cada movimento? Ou para o seu peito ofegante, como se estivesse à beira de se vir? Ou para fora do ecrã, em que podia imaginar a mão dele a afagar uma pila dura?

Começou o vídeo a olhar para o teto. Perto do fim, virou a cabeça para olhar diretamente para a câmara, e embora *soubesse* que uma máscara não podia ter expressão, parecia que a dele tinha. Parecia que aqueles olhos negros e escancarados olhavam diretamente para a minha alma, e que aquela boca sorridente chamava o meu nome enquanto se vinha. O vídeo fora cortado logo depois de ele virar a cabeça, e era embaraçoso saber quantas vezes o pus em pausa mesmo antes de isso acontecer, para poder continuar a olhar para aqueles olhos por mais alguns momentos.

Como seria estar no quarto com ele enquanto filmava? Ser a pessoa em quem pensava enquanto se masturbava? Ou melhor ainda, chegar a casa um dia e encontrá-lo a ocupar este mesmo sofá enquanto esperava por mim no escuro, coberto de sangue, com a luz a brilhar no aço da sua faca?

Esse pensamento fez-me estremecer com um misto de desejo e medo. Queria-o de uma forma que provavelmente não era saudável, mas depois de toda a merda feia que tinha visto no hospital, e mesmo antes, durante os

anos fodidos da minha adolescência, era natural que os meus gostos se começassem a inclinar fortemente para o lado negro.

Talvez o Tyler possa usar uma máscara para mim, pensei.

Certo, o Tyler. O tipo com quem andava a sair há quase um ano. Quase me tinha esquecido dele. Não que fosse propriamente esquecível, era bem-parecido e uma foda decente, mas quando andava atarefada no trabalho, tinha tendência a dispersar-me, o que acontecia muito ultimamente por causa da falta de pessoal.

Quando foi a última vez que estivemos juntos? Já deve ter sido antes do Natal. O que significava que estava na altura de lhe ligar para fodermos. Amanhã era o meu último turno da semana, e depois teria dois dias gloriosos de folga. Haveria melhor maneira de os passar do que estendida debaixo de um homem que sabia onde o clítoris ficava?

Sorvi o vinho, sentindo-me entusiasmada com a possibilidade de ver um homem a usar máscara na vida real. Antes de pensar melhor, fiz uma captura de ecrã do meu vídeo favorito e enviei-a ao Tyler juntamente com uma mensagem.

Tenho dois dias de folga a partir de sexta-feira. Queres vir cá a casa e trazer uma máscara como esta? Prometo que vou fazer com que a noite seja interessante.

A resposta só chegou no dia seguinte, umas horas depois de começar o meu turno, porque, claro, quando enviei a mensagem, ele estava a dormir como uma pessoa normal.

O meu coração afundou-se ao ler as suas palavras.

Porra, miúda. Ainda estás viva? Pensei que me andavas a ignorar. Já passaram dois meses. Passo a cena da máscara. Não gosto disso e, de qualquer maneira, ando a sair com outra pessoa.

Dois meses? Já tinha passado assim tanto tempo? Percorri as nossas mensagens e, porra, tinham mesmo passado dois meses. Talvez fosse altura de marcar outra sessão de terapia e perguntar por dicas para conseguir conjugar a minha vida pessoal com este tipo de trabalho.

Porque, claramente, eu estava a falhar.

---

* Vírus Sincicial Respiratório. (*N. de T.*)

2

Josh

— Estás bem, meu? – perguntei ao meu colega de casa.

Tínhamos parado o nosso videojogo há cinco minutos para que pudesse enviar uma mensagem a alguém, e eu começava a ficar aborrecido.

O Tyler atirou-se para o sofá ao meu lado.

– Sim, tive de acabar com aquela rapariga com quem andava a sair, a Aly.

Franzi o sobrolho.

– Pensei que tivessem acabado há meses.

Abanou a cabeça e passou uma mão pelo cabelo louro-escuro, enquanto fletia o bíceps e parava para observar os próprios músculos.

Para com isso, estava-me na ponta da língua, mas permaneci em silêncio. Não havia aqui ninguém para o Tyler impressionar, mas sempre foi vaidoso e fazia pose mesmo quando não se apercebia de que o estava a fazer. Já era quase um tique nervoso, por isso devia estar mais incomodado com a situação da Aly do que deixava transparecer.

– Pensei que ela me andava a ignorar – disse. – Mas deve ter andado ocupada com o trabalho.

Virei-me para a televisão e tentei agir naturalmente.

– É uma enfermeira das urgências, certo?

Já sabia a resposta a essa pergunta, tal como outros factos, como a morada dela, em que escola de enfermagem tinha andado, que tipo de notas tivera e o seu horário de trabalho atual. Estão a ver, aquelas coisas normais que as pessoas sabem sobre as ex-namoradas do colega de casa.

– Sim – disse o Tyler. – Não tenho notícias dela durante dois meses e depois… vê bem as merdas que ela me manda.

Tirou o telemóvel do bolso, desbloqueou-o e atirou-o para mim. Apanhei-o no ar e olhei para baixo, congelando assim que os meus olhos aterraram no ecrã.

Oh, foda-se.

Estava a acontecer. O dia que temia desde que comecei uma conta secreta nas redes sociais, há dois anos, tinha finalmente chegado. A minha vida *online* estava a colidir com a minha vida real, e estava prestes a ser descoberto.

Tranquilo, meu, disse a mim mesmo. O Tyler estava a observar-me, e não podia deixá-lo ver o meu nervosismo. Mas, fodaaaaa-se, a Aly tinha um fetiche com máscaras, e de todas as imagens que podia ter enviado ao meu colega de quarto, tinha escolhido esta.

Limpei a garganta.

– Nunca me tinhas dito que ela gostava deste tipo de coisas.

O que era estranho, porque o Tyler tinha o hábito de me contar todos os pormenores sórdidos da sua vida sexual, apesar de lhe ter implorado para não o fazer. Ele bufou.

– Eu não fazia ideia, por isso, ainda bem que estou a andar com a Sarah, porque eu cá não gosto do mesmo. Só quero entrar, vir-me e pôr-me a andar. Não estou para estes jogos.

Que má sorte a das pessoas que dormiram com ele.

– Nem mais – menti, inclinando o telemóvel na minha direção como se estivesse a inspecionar a imagem e, ups, lá se foi o meu polegar. – Merda. Apaguei a mensagem sem querer.

O Tyler encolheu os ombros.

– É na boa. Não preciso de um gajo em tronco nu no meu ecrã.

Um gajo em tronco nu, pensei enquanto devolvia o telemóvel. Bem, não tinha olhado para a fotografia com muita atenção porque, se o tivesse feito, teria reconhecido as tatuagens. As minhas tatuagens. Uma rapariga com quem ele havia dormido tinha-lhe enviado uma captura de ecrã de um dos meus vídeos, e eu ter-me-ia rido se não fosse pelo medo de ser descoberto e pela adrenalina a correr-me nas veias.

– Estás pronto? – perguntou, levantando o comando.

– Claro.

Desbloqueou o jogo e voltámos a disparar contra tudo o que mexia. Tentei concentrar-me no ecrã à minha frente, mas só conseguia pensar

naquela mensagem. A Aly queria ser fodida por alguém que usasse uma máscara.

Só a tinha visto uma vez, mas tinha-me causado um certo impacto. Foi no verão, numa manhã cedo, depois de ter passado a noite na cama do Tyler, *não* a dormir. Nessa noite, também eu estava acordado e a amaldiçoar a estranha acústica do nosso apartamento até encontrar os meus auscultadores com cancelamento de ruído e os conseguir abafar com música.

Sempre dormi mal, por isso não estava à espera de que mais alguém estivesse acordado quando, finalmente, várias horas depois, desisti e fui fazer café. A porta do Tyler abriu-se logo depois de a máquina ter apitado a avisar que o café estava pronto. Virei-me para trás, à espera de ver o meu colega de quarto, mas vi antes uma mulher. Uma mulher alta, o que era um azar, uma vez que estava a usar uma das camisas do Tyler, que mal lhe cobria as virilhas. Os meus olhos caíram imediatamente para as suas longas pernas. O Tyler conhecera-a no ginásio, e ela parecia alguém que usava regularmente pesos: coxas grossas, gémeos tonificados e, pelo que pude ver, os braços eram igualmente musculados.

Levantei o olhar, apercebendo-me de que estava a observá-la fixamente, e arrependi-me de imediato. A Aly era uma boazona. Não que esperasse o contrário; o Tyler sempre namorou com pessoas atraentes. Porém, ela era mais impressionante do que bonita, com um queixo pontiagudo, lábios cheios que pareciam ter sido bem usados na noite anterior, um nariz que a minha mãe teria dito ser distintamente italiano e olhos grandes e escuros. O cabelo castanho estava desalinhado, caindo-lhe até aos cotovelos em canudos de caracóis.

O sorriso que me deu quando os nossos olhares se cruzaram foi quase ofuscante.

– Por favor, diz-me que fizeste o suficiente para dois.

Grunhi um «sim» e pus-me de costas para ela.

Tentou fazer conversa de circunstância comigo, e eu não fora exatamente rude, mas tinha-me mantido à distância e com a cara virada para o outro lado enquanto lhe dava respostas monossilábicas e ela, muito rapidamente, parou. Para compensar, servi-lhe primeiro o café e pus a caneca no balcão, onde a podia alcançar. Depois deitei um pouco na minha caneca e fugi.

O Tyler não lhe tinha dito quem eu era. Ele sabia que não o podia fazer, mas não podia arriscar que ela visse a minha cara durante muito tempo e começasse a perguntar-se quem é que eu a fazia lembrar. Eu era demasiado parecido ao meu pai, e tinha acabado de sair um documentário sobre ele na Netflix. Teria sido muito azar se a Aly o tivesse visto.

Graças a esse documentário tive um verão difícil e mal saí de casa por causa disso. Sempre que o meu querido papá aparecia nas notícias, alguém me parava na rua ou no supermercado e dizia: «Não sei se alguém já te disse isto, mas és parecido com um tipo que apareceu numa notícia.» Ou que apareceu num *podcast*. Ou num episódio de uma série sobre crimes reais, que se focava nos seus vários delitos.

Com o documentário veio uma nova onda de interesse, e eu há meses que andava a fazer horas extraordinárias para evitar que as pessoas me encontrassem a mim ou à minha mãe e padrasto. Toda a gente queria uma entrevista exclusiva dos membros sobreviventes da família de George Marshall Secliff e, por vezes, faziam esforços ilegais para nos encontrarem. Foi por isso que me interessei pela pirataria informática desde o liceu. Queria ajudar-nos aos três a desaparecer da Internet e aprendi tudo o que podia para o fazer acontecer.

Essas habilidades tinham valido a pena a longo prazo. Agora, trabalhava para uma empresa exclusiva de cibersegurança, a escrever código que impedia outros *hackers* de se infiltrarem nas empresas do grupo Fortune 500 e roubarem o dinheiro dos seus clientes. Permitia-me trabalhar a partir de casa, com horários flexíveis, o que me dava tempo suficiente para me dedicar a outros passatempos.

Como fazer *thirst traps* para todos os entusiastas de máscaras por este mundo fora.

A razão pela qual ficava em casa era a mesma de não namorar muito. Embora o meu cabelo fosse mais escuro do que o do meu pai e eu o usasse mais curto, éramos quase iguais. Não era assim tão mau quando era mais novo, e a minha cara ainda não havia sido moldada pelas hormonas. Ter sido um miúdo magricelas tinha-me salvado. Agora que já tinha corpo de homem e estava perto da idade que o meu pai tinha quando foi apanhado, era uma cópia da sua foto de prisão.

Uma das primeiras perguntas que fazia às mulheres com quem me correspondia nas aplicações de encontros era se gostavam de documentários

sobre crimes. Se dissessem que sim, bloqueava-as e seguia em frente. Só me arriscava com aquelas que diziam odiar «essas coisas nojentas». Nas raras ocasiões em que me encontrava e ia para a cama com mulheres, acabava por só durar, no máximo, algumas semanas. Terminava tudo quando percebia que estavam a sentir algo ou quando ficavam com aquele olhar que dizia que estavam a tentar perceber de onde me conheciam.

Até os espelhos eram um problema hoje em dia, porque não conseguia olhar para um sem imaginar a minha própria cara contorcida em fúria enquanto choviam pedras sobre mim. Já tinha visto outros documentários acerca de homens violentos e ficava sempre perplexo quando os familiares juravam que não faziam ideia do que o pai/marido/tio andava a fazer nos tempos livres.

O meu pai era um monstro de merda, e não havia como disfarçar. Tinha como alvo mulheres marginalizadas e só conseguiu realizar os seus crimes durante tanto tempo porque era bonito e conseguia fazer boa figura por curtos períodos. Tempo suficiente para convencer as trabalhadoras sexuais que frequentava a entrarem no carro dele.

Era muito parecido com o seu ídolo, o Ted Bundy.

O único espelho comum que restava no nosso apartamento era o da casa de banho, e virava a cabeça para baixo sempre que lá ia para o evitar. Por isso, sim, a minha cara era um problema, e era por isso que a ideia de usar uma máscara era tão apelativa. Há anos que andava fascinado e finalmente encontrei uma desculpa para começar a usar uma, depois de ter aparecido uma história no meu *feed* sobre o aumento de contas sexuais com pessoas a usar máscaras. Era um artigo altivo sobre a psicologia por detrás da tendência, mas ignorei toda aquela treta e concentrei-me nos vídeos incluídos no artigo.

Eu podia fazer isto, apercebi-me, com o pensamento atingindo-me como um relâmpago. Aqui estava uma forma de me juntar finalmente às redes sociais, mostrar o corpo que tanto trabalhei para conseguir e satisfazer o desejo comum a todos os humanos de estabelecer interação social. Além disso, tinha herdado algumas merdas do meu pai, uma delas era querer ser admirado. Tinha-o suprimido durante a maior parte da minha vida, mas, ultimamente, o meu terapeuta tinha tentado convencer-me de que era normal perseguir fama e louvor. Os nossos cérebros primitivos ansiavam-no, porque quando ainda andávamos a esmagar as cabeças uns dos outros

com ossos de mamutes, ser-se popular significava ficar dentro da caverna em segurança.

Decidi que não havia problema em satisfazer os meus desejos por uma vez. Então, antes de criar uma conta, encomendei pela Internet algum equipamento de vídeo topo de gama, passei horas a desenhar e a imprimir em 3D uma máscara personalizada e vi demasiados vídeos do YouTube sobre realização.

E não contei nada a absolutamente ninguém. Nem mesmo ao Tyler, que era o meu melhor amigo desde que me lembro.

– Meu, hoje estás uma merda – disse, quando morremos ambos no ecrã.

Outra vez.

– Merda, desculpa. Estou a pensar no trabalho – menti.

Atirou o comando para a mesa de café com mais força do que era necessário.

– Não interessa. É na boa. Preciso de ir ao ginásio antes que exploda.

Levantou-se do sofá e foi para o seu quarto.

O Tyler podia ser um cabrão e um garanhão incorrigível, mas também era a única pessoa que não me tinha abandonado quando o meu pai foi preso. Por detrás do seu exterior de merda era um bom amigo e era leal, por vezes, quase em demasia. Foi ele que, depois de as pessoas na faculdade descobrirem quem eu era, teve a ideia de nos mudarmos para esta cidade e começar de novo. A sua frase exata foi: «Que se fodam. Vamos bazar», o que, no início, me fez pensar que não estava a falar a sério. Mas depois preencheu a papelada de transferência de escola e começou a enviar-me anúncios de casas fora do *campus*.

Acabei por desistir da faculdade em vez de fazer a transferência com ele. Sentia que o meu tempo de escola tinha terminado, e nenhum dos meus professores me podia ensinar mais nada sobre *hacking*. O resto da minha formação foi *online* e estudei sem parar até me sentir pronto para entrar no mercado de trabalho. Candidatei-me apenas a uma posição, a que tenho atualmente, e consegui-a ao piratear um enorme conglomerado de meios de comunicação, para mostrar à minha empresa como tinha conseguido ultrapassar o sistema de segurança deles.

Pagam-me um balúrdio para me manter um passo à frente das ameaças informáticas emergentes, o suficiente para comprar a câmara amadora mais cara do mercado sem pestanejar e poder pagar dois anos de renda.

Ouvi uma gaveta a fechar-se no quarto do Tyler, o que me fez levantar do sofá. O meu telemóvel estava na minha secretária e estava desejoso de o ter nas mãos. Precisava de procurar o vídeo que a Aly tinha enviado e ver se a encontrava na secção de comentários. Ela tinha um fetiche com máscaras. Ou, pelo menos, gostava delas o suficiente para querer que alguém as usasse com ela.

Até à data, tinha ignorado todas as mensagens privadas que me pediam encontros na vida real para concretizar as suas fantasias. Eram estranhos da Internet. Podia ser qualquer pessoa, e eu não queria aparecer em casa de uma octogenária quando estava à espera de uma gaja boa de vinte e poucos anos.

A Aly não era uma estranha. Eu conhecia-a. Até melhor do que devia, é certo, mas graças às contribuições genéticas do meu pai, era-me difícil traçar limites.

Ela tinha estado na minha casa, o único santuário que me restava. A necessidade de proteger a minha identidade e de me manter a mim e ao Tyler em segurança era forte o suficiente para justificar lançar uma investigação à escala do FBI sobre qualquer pessoa que o Tyler trouxesse cá a casa. Felizmente, ele compreendia a minha compulsão e avisava-me com antecedência sempre que planeava ter companhia. Por norma, deixava de me preocupar quando percebia que não constituíam uma ameaça, mas o meu interesse pela Aly tinha-se mantido por muito mais tempo.

Apanhei o telemóvel da secretária e sentei-me na cama enquanto abria a minha conta. O vídeo que a Aly capturou era um dos meus mais populares, com mais de 3,4 milhões de visualizações. A desvantagem era que tinha milhares de comentários para analisar até encontrar o dela, e mesmo assim seria um tiro no escuro. A maioria das pessoas era bastante anónima na Internet. E tendo em conta o meu tipo de sorte, a Aly devia ser uma dessas também. Quem me dera poder escrever um código para a procurar, mas essa parte do trabalho exigia intervenção manual, por isso, encostei-me à cabeceira da cama e comecei a ver os comentários, a olhar para os nomes e avatares à procura de qualquer sinal dela.

Passou uma hora até me sentar direito, com o polegar a pairar sobre o nome de utilizador «aly.aly.oxen.free». Foda-se, era ela? Cliquei no perfil dela e, claro, era privado. Inclinei-me, semicerrando os olhos. O avatar era uma fotografia em grande plano de uma mulher de cabelo escuro. Fiz uma

captura de ecrã, depois usei o *software* de IA que tinha no telemóvel para a aumentar e corrigir os problemas de resolução até estar a olhar para uma imagem cristalina da Aly, com a certeza de que era ela.

Para ter cem por cento de certeza, entrei no meu computador e pirateei-lhe a conta, usando todos os truques possíveis para encobrir o meu rasto e evitar que ela fosse avisada. O endereço IP que tinha usado para criar a conta era local e, quando investiguei mais, descobri que era originário do quarteirão onde ela vivia.

Tinha-a encontrado. A Aly não só tinha um fetiche por máscaras, como tinha gostado o suficiente de um dos meus vídeos para deixar o comentário: *Senhor, estou a trabalhar. Como se atreve?*

Teria deixado outros?

Entrei na minha conta no computador e criei algumas linhas de código que a procuravam nas secções de comentários. Havia tantas respostas que a minha cabeça começou a andar à roda. Ela tinha gostado, guardado e comentado quase todos.

Todo o sangue do meu corpo foi diretamente para a minha pila, criando uma tenda nas minhas calças de fato de treino. Isto não era bom. Não devia estar aqui sentado a cobiçar a ex… qualquer coisa do meu colega de casa. Não tinha sido namorada dele. Nunca tinham chegado a um ponto tão sério que quisessem definir a relação e o Tyler tinha andado com outras pessoas ao mesmo tempo que andava com ela. Isso significava que não estava a quebrar nenhum código de irmãos, certo? Apenas várias leis de privacidade e um monte de normas sociais, mas nunca me preocuparam muito. O Tyler era o único amigo que tinha. Não queria arriscar perdê-lo por causa de uma mulher, mesmo que essa mulher estivesse a atormentar os meus sonhos desde que lhe pusera a vista em cima.

O que os olhos não veem o coração não sente, pensei. E também não era como se já tivesse feito alguma coisa. Qual era o mal de uma pequena perseguição *online*? Ela tinha-me feito o mesmo.

Os meus olhos pousaram no primeiro comentário que a pesquisa devolveu.

Foi por causa deste vídeo que acordei aleatoriamente às duas da manhã? Fui convocada para vir aqui parar?

Sorri, abanando a cabeça. Claro que ela também era engraçada. Já não bastava ser uma brasa e estar fora dos meus limites…

Continuei a ler. Os comentários variavam entre a ligeireza e o francamente lascivo.

Gostaria de agradecer ao algoritmo por me ter trazido aqui.

Estou na sexta temporada deste vídeo.

Bem, isto faz-me sentir feral demasiado cedo, logo pela manhã.

A forma como me arrastaria até ele.

Bum. Lá se foram os meus ovários.

Este é o filme de terror em que eu morreria. Todos os outros estariam a fugir enquanto eu iria a correr direitinha ao perigo.

Afastei-me da secretária do computador. Oh, isto era mau. Porque o último comentário atingiu-me com mais força do que os outros, e agora tudo o que conseguia imaginar era persegui-la e fodê-la assim que a apanhasse.

Era assim que começava? Uma fantasia mais ou menos inocente de arrebatar uma mulher num sítio onde ninguém a pudesse ouvir gritar? Será que a partir daqui iria piorar, e os meus desejos iriam progredir, indo além de a querer foder e sufocar ao mesmo tempo? E depois disso, apertar ainda com mais força até ver a vida desaparecer-lhe dos olhos enquanto a fodia?

A minha pila ficou mole instantaneamente, o que aceitei como um bom sinal. A ideia de magoar a Aly a sério não me excitava, por isso talvez não estivesse tão mal quanto receava.

Rolei a cadeira para a secretária e li o resto do que ela tinha escrito, o que demorou algum tempo, porque havia mais de cem resultados de pesquisa.

Em menos de um minuto, a minha pila voltou a erguer-se. Muitos dos seus comentários giravam em torno de chegar a casa e encontrar-me à sua espera e, em breve, a minha mente começou a encher-se de pensamentos sobre alimentar a sua fantasia.

O que aconteceria se entrasse mesmo em casa dela?

Na realidade, ou me dava um tiro no cu ou fugia e chamava a polícia, e depois toda a minha vida ia pelos ares quando fosse preso e os cabeçalhos começassem a anunciar que eu era igual ao meu pai.

Porém, agora, não estava a viver a realidade. Os meus pensamentos eram pura fantasia, e não conseguia parar de me imaginar a entrar em casa dela e vê-la a responder exatamente como disse que faria. A rastejar até

mim. A implorar para que a fodesse enquanto segurava uma faca contra a sua garganta.

*Este homem está sempre no meu FYP** *e nunca dentro de mim, o que é uma tragédia* era, provavelmente, a minha nova frase favorita de todos os tempos.

Gemi e toquei na minha pila por cima das calças de fato de treino. As coisas que faria a esta mulher se ela me deixasse. Desempenharia todos os seus pensamentos obscuros e lascivos. E não teria de me preocupar com a possibilidade de ver o seu desejo transformar-se em horror, porque, tendo o meu rosto sempre escondido, não haveria qualquer risco. Por uma vez na vida, poderia estar livre do medo de ser descoberto ou reconhecido.

Esse pensamento excitou-me quase tanto como o da Aly.

Recostei-me na cadeira e enfiei a mão nos *boxers*, agarrando a base da minha pila. Como seria entrar em casa dela? Eu sabia que era capaz de o fazer. Além de piratear, também era bom a esconder-me à noite. Sempre fui um bicho noturno, o que era especialmente verdade nos últimos tempos, pois havia um risco menor de ser reconhecido na escuridão do que à luz do dia. Fazia as minhas compras numa mercearia aberta vinte e quatro horas e os treinos eram reservados para as duas da manhã, quando não havia ninguém no ginásio do nosso condomínio.

Passei a mão pela minha pila enquanto me imaginava a abrir a fechadura da Aly. Tinha aprendido a fazê-lo quando era adolescente, para poder entrar à socapa no gabinete do meu terapeuta e ver o que tinha escrito sobre mim; um erro, porque não estava preparado para o que iria encontrar, mas, pelo menos, tinha aprendido uma nova habilidade no processo. Agora podia ir buscá-la e dar-lhe melhor uso, ao entrar em casa da Aly na calada da noite enquanto ela estava de serviço no hospital.

Esfreguei o polegar sobre a cabeça do meu pénis quando cheguei ao topo, cobrindo-o de líquido pré-ejaculatório antes de voltar a deslizar a mão para baixo e agarrar outra vez a sua base. As minhas pálpebras fecharam-se quando imaginei a Aly à porta de casa, com um ar desleixado e cansado depois de uma longa noite no hospital, os olhos arregalados de medo ao se aperceber de que não estava sozinha.

– Quem está aí? O que é que queres? – ouvi-a gritar com uma voz trémula.

Na minha cabeça, aponto-lhe uma faca em resposta.

A ti.

Ela levanta as mãos.

– Leva o que quiseres e vai-te embora. Por favor, não me magoes.

Abano a cabeça e inclino a ponta da faca para o chão, numa ordem explícita. Ela cai de joelhos como uma boa menina. Dirijo-me até ela, observando o seu peito a subir e a descer, à medida que me aproximo. Os olhos dela deslocam-se da faca para o meu torso sem camisa, coberto de sangue, o negro das suas pupilas tornando-se castanho à medida que o seu medo se transforma em desejo.

Paro por cima dela, a olhar para a sua cara fixada ao solo, a deleitar-me com a vulnerabilidade da sua posição. Com muito cuidado, ponho a ponta da faca debaixo do seu queixo e inclino-lhe o rosto para cima, enquanto abro o fecho da breguilha e deixo a minha pila libertar-se. Ela levanta o olhar até às órbitas escuras da minha máscara, por um momento de cortar a respiração, e depois os seus lábios abrem-se, e ela inclina-se para a frente, sugando a cabeça da minha pila com aquela boca e…

Oh, foda-se, estava quase a vir-me.

Tirei alguns lenços de papel da caixa que estava por perto e enfiei-os nas calças mesmo a tempo de os ensopar. A visão da Aly diante de mim, com medo e tesão ao mesmo tempo? Queria-o. Muito. Mais do qualquer coisa, há já bastante tempo.

Só tinha de encontrar uma forma de o fazer acontecer, que não terminasse comigo na prisão.

***

O bairro da Aly ainda estava iluminado como se fosse Natal, e esse foi, surpreendentemente, o maior obstáculo que tive de enfrentar ao planear a minha proeza. Tinha passado uma semana desde que vi a mensagem que ela enviara ao Tyler. Sete dias a tentar dissuadir-me desta loucura, enquanto praticava arrombar fechaduras, pesquisava sobre a possibilidade de a Aly ter um sistema de segurança em casa – não tinha, o que era inaceitável – e conduzia pelo seu bairro durante a noite para fazer o reconhecimento.

Claramente, a parte ainda racional do meu cérebro não tinha conseguido fazer com que o resto de mim visse a razão por que aqui estava eu nas

sombras, junto à porta das traseiras da Aly, a tentar recuperar o fôlego depois de ter provocado um miniapagão na rua e de ter corrido para trás da casa dela para desaparafusar as luzes do fundo antes de a eletricidade voltar.

Encostei a cabeça ao revestimento de vinil e fechei os olhos. Ia ser apanhado. Ia ser apanhado e ia ser notícia internacional e, por causa do meu pai, não havia maneira de um júri pensar que este era o meu primeiro arrombamento. Iriam pensar que tinha planeado algo muito mais nefasto, e seria enviado para a prisão para o resto da minha vida por causa desta merda idiota.

Tudo porque queria foder uma rapariga bonita enquanto usava uma máscara.

Devia ter ido para casa. Ter-me afastado da parede, entrado no meu carro, ido embora e esquecido o fetiche de máscaras da Aly. Um gajo normal tê-lo-ia feito. Um gajo são. Mas eu não devia ser nem um nem outro, porque no segundo em que me passou pela cabeça a ideia de me ir embora, um retumbante «NÃO!» cortou-a.

Talvez fosse altura de aceitar que eu não era normal e nunca o seria. Queria coisas que a maioria das pessoas não queria, ansiava por escuridão e depravação em vez de luz e amor. Lutava contra a minha natureza desde que me lembro, e estava cansado.

Tão cansado, foda-se.

Seria muito mais fácil ceder por uma vez. Um alívio, na verdade. Tinha-me esforçado tanto para evitar e suprimir aquilo que me ensinaram ser anormal, mas depois de mais de uma década de terapia e medicação os pensamentos e desejos que a maior parte da sociedade considerava problemáticos permaneceram.

Aqui estava finalmente a minha oportunidade de os experienciar. Tinha-me preparado o máximo possível. A minha pele estava coberta da cabeça aos pés, por isso não haveria vestígios de células epiteliais para serem encontradas por uma equipa forense. Apenas um dos vizinhos diretos da Aly tinha um sistema de segurança, e tinha entrado na sua rede para ver se alguma das câmaras tinha vista para o quintal. Não tinham. Para o caso de me ter escapado alguma coisa, usei uma balaclava para esconder a cara. As botas em que enfiei os pés eram um tamanho maior do que o que usava, e tinha engessado as solas para que não ficassem quaisquer marcas de passos visíveis. Tudo o que restava era entrar, fazer o que tinha a fazer e sair.

Respirei fundo e virei-me para a porta. A Lua estava apenas meio cheia, mas entre ela e as luzes de Natal próximas, consegui identificar a maçaneta da porta. Abri a mochila e tirei o meu pequeno *kit* de arrombamento. As ferramentas de aço brilhavam ao luar quando as tirei e comecei a trabalhar.

A minha personalidade por vezes inclinava-se para o comportamento obsessivo, e tinha praticado tanto que só demorei um minuto a destrancar a porta. Rodei a maçaneta, enquanto rezava para que não fosse assim tão fácil, e quando a porta não se mexeu por causa do ferrolho, soltei um suspiro de alívio. Ainda assim, não seria o suficiente para me impedir a mim ou a um ladrão a sério, e a Aly precisava de mais segurança do que esta.

Fiz uma nota mental de lhe fazer uma encomenda anónima, enquanto guardava o *kit* de arrombamento e retirava da mochila os ímanes caríssimos que tinha comprado *online*. Demorei muito mais tempo a abrir o ferrolho do que a fechadura. Podia ter arrombado a porta com um pontapé ou ter usado outro método destrutivo para entrar, mas não queria danificar a propriedade da Aly, nem facilitar a tarefa a outros que fizessem o mesmo que eu, o que significava que tinha de fazer as coisas da forma mais lenta e difícil.

O suor escorria-me pela testa à medida que os minutos passavam. Cada vez que um barulho soava demasiado perto, congelava, o meu coração martelava-me no peito enquanto me perguntava se estava prestes a ser apanhado. Quase que fugi quando ouvi o súbito barulho de uma sirene, mas, em vez de se aproximar, a sirene deslocou-se paralelamente à rua da Aly e depois afastou-se.

Ainda perdi um minuto inteiro enquanto reaprendia a respirar.

Isto era uma loucura do caralho. A loucura total. E, no entanto, não me consegui conter enquanto levantava os ímanes e voltava ao ferrolho.

Depois do que pareceu uma pequena eternidade, os ímanes prenderam-se e o ferrolho abriu-se. Encostei a testa à porta e soltei um suspiro trémulo, com tanta adrenalina a correr-me nas veias que o meu corpo tremeu com a necessidade de a expelir. Ainda tinha algum receio de que isto acabasse num desastre, mas a pura emoção de fazer algo tão perigoso e ilegal era mais estimulante do que qualquer outra coisa que já tivesse experimentado, incluindo o paraquedismo.

Será que era assim para o meu pai? Seria esta a mesma emoção que o levava aos seus desejos mais sádicos?

Abanei a cabeça e endireitei-me. Podia perguntar-me sobre esta merda mais tarde. Neste momento, precisava de entrar.

Rodei a maçaneta e abri a porta com cuidado. A única coisa que não consegui descobrir *online* era se a Aly tinha ou não animais de estimação. Não tinha ouvido latidos enquanto arrombava as fechaduras, mas isso não significava que não houvesse um cão de ataque à minha espera lá dentro que tivesse sido treinado para estar calado. Claro que podia ter aliviado a preocupação perguntando ao meu colega de casa: o Tyler já cá tinha estado algumas vezes, por isso saberia a resposta, mas não queria que pensasse que eu estava interessado em qualquer uma das suas ex-namoradas, especialmente na Aly.

A parte de trás da casa estava escura, com apenas um brilho suave a emanar da sala da frente, onde a árvore de Natal da Aly estava orgulhosa e totalmente iluminada numa janela. Era iluminação suficiente para ver o que me rodeava e perceber que não havia cães à espera para me atacar.

Fechei rapidamente a porta atrás de mim e tranquei-a.

Um uivo diabólico fez-se ouvir.

Foda-se! Afinal a Aly tinha uma espécie de canino possuído por demónios, e ia provavelmente rasgar-me a perna e espalhar o meu sangue pela merda da casa toda, para a polícia me encontrar.

Agarrei na maçaneta da porta e estava prestes a sair dali, quando uma forma pequena e fofa entrou na sala e parou.

Um gato. A Aly tinha um gato.

Olhámos um para o outro na escuridão. Era pequenito, apesar do longo pelo preto e branco. Se fosse preciso, lidava com ele.

– Não me tentes foder – avisei.

Em resposta, virou-se de lado e pôs-se em bicos de pés, a inchar que nem uma doninha.

Apesar de não querer, sorri. O gato podia ser pequeno, mas parecia um lutador, algo que podia apreciar.

Nunca tinha tido um animal de estimação. Os assassinos em série eram conhecidos por começarem com pequenos animais, e não queria cair na tentação de me tornar mais parecido com o meu pai do que pensava. Preocupava-me com o facto de que, se adotasse um, não fosse capaz de sentir empatia por ele – ou seja, nenhum dos instintos protetores ou da agressividade fofa que a maioria dos donos de animais parecia sentir – ou

que tivesse todos os meus maiores medos confirmados se ao olhar para ele pensasse «presa».

À medida que os segundos passavam, fiquei colado ao tapete de entrada, à espera de que um impulso violento se apoderasse de mim. Tudo o que senti foi um ligeiro receio. Os gatos tinham garras, certo? E se se atirasse a mim e me arranhasse o suficiente para fazer sangue? Uma única gota era suficiente para identificar alguém.

Sem aviso, o gato desinchou e avançou na minha direção.

Oh, foda-se. O que é que ele estava a fazer?

Dei um passo atrás e encostei-me à porta, estranhamente hipnotizado pela forma como os seus olhos brilhavam na escuridão. Esta pequena e fofa criatura seria tão fácil de matar, mas não tinha vontade de o magoar. Isso tinha de ser um bom sinal, certo? Ou será que esta era uma experiência tão nova que qualquer reação horrível que pudesse ter normalmente estava silenciada?

– Nada de arranhar – disse ao gato.

Ainda havia a possibilidade de um desejo monstruoso de sangue se estar a agitar por baixo da minha pele, sem ser detetado, e se ele me atacasse, esses instintos assassinos poderiam emergir à minha psique e levar-me a fazer algo terrível. Tinha sido ensinado a não confiar em mim próprio e isto parecia ser o cenário perfeito para aprender, de uma vez por todas, o quanto eu e o meu pai éramos parecidos.

O gato aproximou-se dos meus pés, imperturbável. Fiquei congelado, à espera que fosse correr tudo mal, mas em vez de me morder, cheirou-me a perna e encostou a testa à minha canela, ronronando tão alto que parecia um motor.

Soltei um suspiro de alívio e agachei-me para o ver mais de perto. A coisa era tipo… fofa, com manchas brancas por cima dos olhos, parecia que tinha sobrancelhas. Depois juntou-as, enquanto semicerrava os olhos e se encostou de novo à minha perna, como se quisesse festas. Será que eu já tinha achado alguma coisa fofa antes? Se calhar a melhor pergunta era: alguma vez me tinha permitido fazê-lo?

– Desculpa se lixar isto tudo – disse-lhe, enquanto levantava a mão para coçar o gato entre as orelhas e depois lhe dar festas nas costas, como tinha visto outras pessoas fazerem na televisão.

Era a primeira vez que dava festas a um animal, e os meus dedos tremiam. Felizmente, era por causa da adrenalina não gasta e não graças ao desejo crescente de estrangular o bebé de peluche da Aly.

Crise evitada. Pelo menos por enquanto.

Até agora, tinha aprendido duas coisas cruciais sobre mim próprio esta semana: não queria magoar a Aly, nem o gato dela. Se calhar não era um psicopata. Eles não se preocupavam com ninguém além deles. Contudo, isso não excluía a sociopatia. A maioria dos sociopatas era capaz de se preocupar com algumas pessoas específicas. Eram raras exceções, mas desenvolviam amor e devoção intensos por elas, sem sentir absolutamente nada por mais ninguém. Eu preocupava-me com a minha mãe, o meu padrasto e o Tyler. Eram as minhas pessoas, e mal pensava nos outros. Mas será que isso se devia a um distúrbio de personalidade ou a eles serem os únicos que tinham *merecido* a minha confiança?

Abanei a cabeça e levantei-me, ignorando um miar de protesto irritadiço assim que parei de lhe fazer festas. Não estava aqui para criar laços com um animal.

O meu tempo era limitado e quanto mais tempo demorasse, maior seria o risco de ser detetado. Podia descodificar a minha saúde mental mais tarde.

Tinha um vídeo para filmar e uma câmara para montar.

Estava na altura de descobrir até que ponto a Aly estava a falar a sério sobre querer entrar em casa e encontrar um homem mascarado à sua espera na escuridão.

---

* For you page – funcionalidade do *TikTok*; página inicial personalizada que mostra vídeos recomendados com base nos interesses e no comportamento do utilizador na plataforma. (*N. de T.*)

3

Aly

Toda a gente nesta maldita cidade tinha perdido a cabeça. Ou pelo menos esta noite era o que parecia. Víamos a nossa quota-parte de acidentes durante um turno normal, mas este foi diferente. Já tinha perdido a conta ao número de pacientes que, nas últimas sete horas, se tinham magoado a si próprios ou sido magoados por outra pessoa a fazer alguma merda estúpida, que até uma criança sabia que não devia tentar.

Será que havia uma nova tendência perigosa a circular pelas redes sociais, da qual ainda não estivesse a par? Ou uma nova versão daquele programa antigo, com gajos dentro de carrinhos de compras a atirarem-se contra coisas? Algo tinha de explicar este nível de estupidez. Não podia ser só coincidência.

Estávamos a meio de uma pequena pausa, comum a uma hora tão tardia, a tentar relaxar, enquanto bebia outra chávena de café enroscada numa cadeira da sala de descanso. O meu turno ainda ia a meio e, se a segunda parte da minha noite progredisse como a primeira, ia precisar de toda a cafeína que conseguisse para aguentar.

A Tanya entrou na sala e foi direita à janela, estava tão concentrada a olhar para o céu noturno que julguei que não tinha reparado em mim.

– E nem sequer é uma maldita lua cheia – disse, sem respirar.

Endireitei-me na cadeira.

– Então, não são só os meus pacientes?

Virou-se para mim e abanou negativamente a cabeça, com as longas tranças a caírem-lhe sobre os ombros.

– Não. Hoje, passa-se qualquer coisa nesta cidade.

Partilhámos um olhar preocupado e depois quebrámo-lo. Às vezes aconteciam cenas destas, padrões estranhos que me faziam pensar que os seres humanos estavam mais ligados do que imaginávamos. Numa semana,

podíamos ver um pico de vítimas de acidentes de viação sem que nada, nem mau tempo nem trânsito, explicasse o aumento. Na semana seguinte, podemos ter mais vítimas de agressão doméstica do que o habitual e, na semana a seguir, mais vítimas de tiroteios.

Às vezes a Tanya e eu falávamos sobre isso, questionando-nos se os seres humanos partilhavam de algum tipo de consciência coletiva, ou se estes fenómenos estavam relacionados com as correntes magnéticas cujos nossos subconscientes captavam, recebendo os mesmos sinais subtis do mundo à nossa volta.

Cheguei mesmo a comentá-lo com um dos polícias que costumavam cá estar e, em vez de pensar que eu era esquisita, concordou comigo, dizendo-me que ele e os seus colegas viam algo semelhante. Numa semana, uma série de pessoas que não tinham qualquer ligação entre si cometiam praticamente todas o mesmo crime. Na semana seguinte, seria um novo grupo a fazer uma nova coisa.

Contei à Tanya e ficámos tão assustadas que agora evitávamos falar do assunto, como se trazê-lo à baila pudesse desencadear uma nova onda de estranheza.

– Como está a Brinley? – perguntei.

A Tanya tinha trabalhado com ela na noite anterior, mantendo-a debaixo de olho, tal como eu tinha feito.

A Tanya afastou-se da janela e foi até à máquina de café.

– Está bem. Graças a Deus. Acho que tens razão, e vai conseguir aguentar-se. Mas aquela primeira noite abalou-a.

– Nada como um batismo de fogo para testar a nossa resistência – disse.

A Tanya acabou de servir o café e virou-se para mim, encostando a anca ao balcão enquanto tomava o primeiro gole.

– Não teria sido tão mau se tivéssemos mais pessoas para dividir os pacientes.

Animei-me com isso.

– Por falar nisso, vais àquela feira de emprego no mês que vem?

O hospital tinha regularmente bancas em feiras de emprego de escolas secundárias e eventos de recrutamento locais, num esforço de atrair mais pessoas para a área da enfermagem. Poucos acabavam por vir trabalhar para aqui, mas considerávamos qualquer aumento como uma vitória.

A Tanya acenou com a cabeça.

– Queres vir comigo? Conta como um turno, e talvez vejas a luz do dia para variar. – Olhou-me por cima da borda da caneca, com uma sobrancelha levantada. – Tens andado muito pálida.

Revirei os olhos.

– Espero que os teus argumentos de venda sejam melhores do que isso. – Ela riu-se. – Vens ou não? Não me faças levar alguém como a Donna.

Fizemos uma careta. A Donna era uma das enfermeiras que tinham estado aqui com a Brinley na semana passada. Era péssima com os pacientes, não tinha os instintos naturais necessários para o trabalho de cuidadora. Se a levássemos para uma feira de recrutamento, o mais provável era afugentar futuros profissionais.

– Sim, vou – disse-lhe.

A Tanya soltou um suspiro de alívio e bebeu mais um gole de café.

O silêncio reinava entre nós, mas era um silêncio confortável a que nos tínhamos habituado. Havia noites, entre tratar pacientes, em que nos sentávamos e conversávamos partilhando intrigas. Outras eram assim, as duas presas nos nossos pensamentos, a tentar recuperar o fôlego a meio de um turno difícil.

O *pager* na anca da Tanya apitou e ela praguejou baixinho enquanto o verificava.

– Resultados de laboratório – disse, engolindo o resto do seu café, antes de sair da sala.

Conferi o meu *pager* assim que ela saiu. Estava à espera de análises sanguíneas para dois doentes e era surpreendente que os meus ainda não estivessem prontos. Talvez pudesse subornar a minha amiga do laboratório, a Vern, para me pôr à frente da fila.

A data no topo do meu *pager* chamou-me a atenção e endireitei-me no meu lugar. Hoje era quinta-feira. Isso significava um novo vídeo do Homem Sem Rosto. Postava todas as terças, quintas e sábados, como um relógio. Como é que me podia ter esquecido?

Saltei da cadeira, em direção ao cacifo. Ter a sala de descanso só para mim era um pequeno milagre, e não ia deixar passar a oportunidade de poder ver o novo vídeo descansada.

– Vá lá – murmurei, enquanto girava o botão da minha fechadura com dedos impacientes.

A porta podia abrir-se a qualquer momento e a oportunidade ia à vida, fazendo-me esperar até à próxima pausa ou até ao fim do turno para o ver.

Abri o cadeado e tirei o telemóvel da mala. Os meus dedos voaram quando o alcancei, tocando no ícone da minha rede social favorita e indo diretamente para a barra de pesquisa. Um instante depois, a página dele preencheu o meu ecrã e o calor inundou-me o corpo quando vi as familiares capas de vídeo em várias poses e fases de despir.

Raios, o homem era todo bom.

A minha respiração acelerou enquanto olhava para o telemóvel, com os mamilos a darem sinal de vida por baixo da minha bata. Eu, por ele, era como um cão pavloviano, mas em vez de me babar com a antecipação da comida, molhava-me noutro sítio com a expectativa de prazer. Isto não podia ser normal, esta reação instintiva, como se estivesse pronta para tudo após o mais pequeno vislumbre da sua página. Precisava de parar de me masturbar com os vídeos dele, porque começava a ser um problema ficar tão rapidamente excitada. Sobretudo num momento como este, em que não teria tempo para aliviar a minha necessidade súbita, e ia passar o resto da noite em sofrimento a pensar nele.

Provavelmente, devia ter pousado o telemóvel e visto o vídeo mais tarde, de preferência na solidão do meu quarto, onde tinha acesso fácil a um vibrador, mas lá foi o meu dedo, como se tivesse vontade própria, abrir o último vídeo. Devia ser bom, porque só tinha sido publicado há umas horas e já tinha mais de cem mil visualizações.

Aproximei o telemóvel e observei enquanto uma música assombrosa começou a tocar. O ecrã estava submerso pela escuridão, até que a câmara subiu, revelando a máscara do Homem Sem Rosto deitada sobre algo. A câmara distanciou-se e, foda-se!, estava em cima de uma cama, com um edredão igual ao meu!

Carreguei na pausa e soltei um gemido torturado. Oh, não. Não, não, não. Não devia ter começado a ver isto aqui. A minha cona apertou-se ao ver aquela máscara deitada no que poderia ter sido a minha cama, a dar espasmos que só o meu maior vibrador ou uma longa e bruta foda poderiam aliviar.

Desiste enquanto podes, pensei. Ver o resto do vídeo ia acabar em tortura, mas apesar de saber o quão desconfortavelmente excitada ficaria o

resto da noite, não pude deixar de levantar o telemóvel e carregar no «unpause».

A música começou a tocar outra vez, e apareceu uma mão masculina, com unhas curtas e tatuagens a descer pelas costas até cada dedo. A câmara distanciou-se um pouco mais. Soltei um suspiro trémulo quando um antebraço musculado foi revelado, coberto de tatuagens e veias, e, oh, meu Deus, o que é que os antebraços dele tinham que me deixavam neste sufoco? Será que era por conseguir imaginar os músculos a fletir enquanto aquela mão grande segurava os meus dois braços por cima da minha cabeça? Ou, melhor ainda, a apertarem-se com uma força descontrolada enquanto os seus dedos longos me envolviam a garganta?

A mão deslizou sobre a máscara, circulando as órbitas antes de a arrastar lentamente para fora da vista, enquanto uma voz masculina dolorosamente baixa cantava sobre fazer coisas profanas no quarto. A seleção de música do Homem Sem Rosta era sempre perfeita, capaz de transformar até um simples vídeo como este numa provocação ao clitóris. Desta vez era ainda pior, porque não conseguia parar de o imaginar a fazer isto no *meu* quarto.

De repente, a câmara subiu e inspirei com força. Ali estava ele, emoldurado num espelho em toda a sua glória de tronco nu, o telemóvel numa mão enquanto se filmava, a outra a desapertar lentamente o cinto. Voltei a carregar no botão de pausa para absorver tudo. Ele era a perfeição. Talvez não para toda a gente, mas para mim era. Com músculos fortes ganhos com o que devem ter sido horas de ginásio, tonificado e esbelto em todos os sítios certos, largo e denso noutros.

Queria traçar a língua pelo vale dos seus peitorais, venerar os seus abdominais, e passar um tempo ímpio a memorizar o V profundo das suas ancas.

Mais do que tudo, queria substituir as suas mãos pelas minhas, desapertar-lhe o cinto, tirar-lhe o que parecia ser uma pila de tamanho considerável, tendo em conta a protuberância nas suas calças, e passar o resto da noite a fazer coisas que fariam o Diabo corar.

Um barulho soou no corredor, lembrando-me de que o meu tempo era limitado. Desbloqueei o vídeo e vi os últimos segundos, deleitando-me com a forma lenta e ponderada como desapertava o cinto e o enrolava à volta do

peito, enquanto respirava fundo e com dificuldade, com o peito a tremer. Porque é que aquilo era tão *sexy*?

Provavelmente, porque o estás a imaginar a respirar assim enquanto te põe o cinto à volta dos pulsos para te prender, sua cabra excitada.

Porra, estava louca por este homem, e nunca o tinha visto, não fazia ideia de como era por baixo daquela máscara ou de como soava. Ele nunca falava nos vídeos.

Essa devia ser a atração. Sexo depravado com um homem *sexy* e sem rosto que não falava? Inscrevam-me, por favor. Ultimamente não podia com vozes de homens.

Algo no canto do espelho me chamou a atenção e carreguei no botão de pausa, mesmo antes de o vídeo terminar. Os fundos dos vídeos dele eram sempre escuros e desfocados, mas podia jurar que estava a olhar para a borda da minha cómoda, com o que podia ser a desordem dos meus recipientes de maquilhagem e ganchos perdidos.

Devia estar mesmo mal, se estava a ver formas desfocadas e a trocá-las pelos meus móveis e pertences.

De qualquer forma, esta era oficialmente a minha nova *thirst trap* favorita. Porque, independentemente de ser uma coincidência ou a minha mente a pregar-me partidas, era demasiado fácil imaginá-la a ser filmada no meu quarto. Meu Deus, as coisas que eu ia fazer a mim própria a ver isto nos próximos dias e semanas. Perguntei-me se este tipo tinha alguma ideia do efeito que tinha. Será que ficaria assustado se soubesse o quanto eu o desejava? Ou gostaria de saber?

O meu *pager* tocou, arrancando-me dos meus pensamentos de tal forma que quase deixei cair o telemóvel. Antes de o voltar a enfiar no cacifo, guardei o vídeo nos favoritos e escrevi um apressado *Eu tenho esse edredão. Isto podia ter sido filmado no meu quarto. Tomeeeeeeem, cabras!*, sabendo que, quando voltasse a entrar no *site*, todas as outras pessoas com quem tinha interagido inúmeras vezes nos comentários do Homem Sem Rosto iriam ver e morrer de inveja.

***

Nove longas e excruciantes horas depois, cheguei ao meu lugar de estacionamento e desliguei o motor do carro, encostando a testa ao volante.

Tinha tido uma noite de merda. Uma completa e total merda. O ponto alto foi perder uma paciente, que julgávamos estável, com ataque cardíaco. Ela era tão jovem, nem cinquenta anos tinha e quando teve o segundo ataque o marido e os filhos adolescentes estavam com ela, à volta da cama, observando horrorizados enquanto os empurrávamos dali para fora, tentávamos, e falhávamos em lhe salvar a vida.

Eram noites como esta que me faziam querer desistir. Tinha entrado em enfermagem para salvar pessoas, e cada morte parecia um fracasso pessoal. Como se a culpa fosse minha por não terem sobrevivido devido a um sinal que me tivesse escapado ou a um teste que não me tinha lembrado de fazer.

Racionalmente, sabia que não era verdade. Não estava a tratá-los sozinha. Trabalhava com inúmeros enfermeiros, especialistas e médicos, e estes sentimentos deviam ser causados pela dor que persistia por causa da morte da minha mãe, mas isso não me ajudava em nada, nem diminuía a culpa que me assolava sempre que perdíamos um paciente.

Fiz uma nota mental para falar sobre isto na minha próxima sessão de terapia e saí do carro. Assim que entrei em casa, o *Fred* veio a miar até mim, peguei nele e aninhei-me com ele mais tempo do que o habitual, tentando voltar à terra e levar o meu cérebro a ter pensamentos mais felizes.

Pousei-o quando começou a contorcer-se e fui para a cozinha. O vinho chamava por mim. Tinha-me abstido desde que enviara aquela lamentável mensagem ao Tyler, mas numa noite destas precisava mesmo de álcool.

O relógio do meu fogão estava a piscar, marcava as 12h00, o que me fez parar. Devemos ter ficado sem eletricidade durante a noite. A casa estava quentinha e a companhia de eletricidade não tinha enviado nenhuma comunicação, como normalmente fazia quando faltava a luz, por isso deve ter sido um acontecimento estranho ou algo que não durou tempo suficiente para desencadear uma notificação.

Encolhi os ombros e fui até ao frigorífico, com o *Fred* a passar por entre as minhas pernas como se me quisesse fazer tropeçar. Ficou colado às minhas canelas, mais do que o costume, enquanto tirava uma garrafa de branco e servia um copo grande. Devo ter ficado fora mais tempo do que o normal outra vez, já que o meu turno de doze horas passou a dezasseis. Amanhã era dia de folga, ia compensá-lo.

Neste momento, precisava de vinho e de estar sozinha com o meu telemóvel e o meu vibrador.

Seria de esperar que todo o sangue e trauma que tinha visto me distraíssem do meu desejo, mas já estava tão habituada que só me afetava no momento. Assim que voltei a ter um segundo para mim, as imagens daquela máscara deitada sobre o que poderia ter sido o meu edredão vieram à tona. A luxúria era uma resposta natural a acontecimentos traumáticos e já tinha deixado de lutar contra isso há muito tempo, contra o corpo querer lembrar-se de que estava vivo, depois de ter estado tão perto da morte.

– Eu sei, amigo – disse, inclinando-me para coçar o *Fred* atrás das orelhas. – Dá-me só uns dez minutos.

Não precisava de mais do que isso.

Fechei-o fora do quarto, acendi a luz e congelei. Estava algo em cima da minha cama.

Estava uma coisa na minha cama e não tinha sido eu a deixá-la lá.

O vinho começou a abanar no copo à medida que os meus dedos tremiam, mas não me conseguia forçar a pousá-lo porque não me conseguia mexer. Estava completamente imóvel, presa pelo meu medo crescente. Teria estado alguém na minha casa? Ainda cá estava? Foda-se, era por isso que o *Fred* tinha estado tão em cima de mim? Estava a tentar avisar-me?

Não vou ser uma vítima, pensei, obrigando-me a mexer, a dar um passo em frente, a pousar o copo e o telemóvel na cómoda e a agachar-me, enquanto abria silenciosamente a gaveta de baixo e tirava de lá uma arma.

Viver sozinha numa grande cidade e ver o pior que podia ser feito às mulheres todas as noites tornou-me paranoica. Tinha uma arma no carro e mais uma, além da que tinha agora, escondida por perto. Dormia com um taco de basebol ao lado da minha cama e com gás lacrimogéneo e facas de arremesso na minha mesa de cabeceira, sempre ao meu alcance. Duas vezes por semana, frequentava um curso de combate corpo a corpo ensinado por um ex-fuzileiro que não era brando por eu ser a única mulher da turma. Se, neste momento, estivesse mais alguém na minha casa, ia recambiá-lo para a morgue.

Concentrei-me na audição enquanto me endireitava e me aproximava lentamente da cama. Não ouvi mais ninguém, mas isso não significava que não estivesse alguém no armário ou à espera debaixo da cama, pronto para me agarrar o tornozelo quando me aproximasse. Com isso em mente, parei

fora de alcance e inclinei-me para a frente, congelando pela segunda vez em menos de um minuto. Havia uma máscara na minha cama.

E não era uma máscara qualquer.

Era a máscara *dele*.

Tinha olhado para ela tantas vezes nos últimos meses que a reconheceria de qualquer ângulo.

Não tinha ficado maluca e imaginado as minhas coisas no vídeo. Aquela era mesmo a minha cómoda no canto do espelho, porque a *thirst trap* que cobiçara toda a noite tinha sido filmada no meu maldito quarto.

Foda-se. O que estava a acontecer? E que raio devia fazer?

Chamar a polícia? Verificar se ele ainda cá estava?

A minha visão ficou desfocada por um instante. E se… e se o sangue nos vídeos dele não fosse falso? E se isto não fosse um pequeno e divertido fetiche para ele como era para os outros? E se ele fosse uma espécie de assassino em série escondido à vista de todos, e usasse a sua plataforma para atrair as suas vítimas?

Estaria eu prestes a ser a próxima? Seria este o início de um jogo de gato e rato?

Abanei a cabeça. Se fosse esse o caso, não teria reparado nos diferentes quartos em que se escondia enquanto atormentava as suas vítimas? Teria, sim. Exceto o que tinha filmado esta noite, todos os vídeos tinham um de três fundos: um sofá, uma parede com iluminação vermelha e uma cama enorme com lençóis pretos, o que fazia desta a única exceção à regra.

Porquê eu? E porquê agora?

E porque é que estava tão excitada, quando sabia que devia desatar a fugir aos berros da minha casa?

4

Josh

Tinha feito merda. Tinha feito *uma grande* merda.

A câmara que tinha discretamente posto no quarto da Aly mostrava-a de pé a alguns metros da cama. A sua bata azul-clara estava amarrotada depois de uma maratona de trabalho no hospital, e alguns fios de cabelo tinham-se soltado da trança para emoldurar entre ondas soltas o seu rosto. Os seus enormes olhos escuros davam-lhe uma expressão de pura incredulidade enquanto olhava para a máscara que lhe tinha deixado em cima da cama.

Levantou a arma que segurava, apoiando-a nas duas mãos, enquanto olhava à volta do quarto.

– Está aqui alguém? – gritou, em alto e bom som.

Nunca me tinha sentido tão atraído por alguém na minha vida. Parecia pronta para disparar contra qualquer coisa que se mexesse. Foda-se, ainda bem que não tinha ficado, ou estaria agora provavelmente a sangrar no seu chão.

Revi rapidamente a noite na minha cabeça, à procura de qualquer vestígio que pudesse ter deixado para trás. Tinha sido tão cuidadoso enquanto lá estive que não pensei que houvesse alguma coisa que os polícias pudessem encontrar, caso a Aly acabasse por acordar para a vida e os chamasse. Mesmo quando tirei a camisola para filmar o vídeo, deixei-me ficar com a balaclava, para que não houvesse um fio de cabelo que me denunciasse. Até tive tempo de voltar a trancar a porta das traseiras e cobrir os meus passos na neve derretida.

Não pus a câmara no quarto dela como um tarado de merda para a ver mudar de roupa ou a dormir, mas agora que pensava nisso…

Esperem, não. Precisava de parar aqui. Este caminho não levaria a nada de bom. Esta invasão de privacidade já era má o suficiente, mesmo sem

adicionar predador sexual à minha lista de crimes.

A razão pela qual pus a câmara no quarto dela foi para avaliar a reação e saber se estava ou não a falar a sério em todos os seus comentários. Será que gostava mesmo das mesmas merdas obscuras que eu, ou estava apenas a testar as águas?

A julgar pelo seu olhar de horror, era a última hipótese. O que significava que precisava de começar a implementar a minha estratégia de saída. Tinha encomendas para cancelar, planos para descartar e encobrimentos para fazer. Tinha tomado todas as precauções de segurança possíveis para ocultar a minha pegada digital e só conhecia três piratas informáticos nos Estados Unidos capazes de traçar os meus passos e, talvez, se tivessem sorte e evitassem todas as armadilhas que tinha deixado no meu rasto, encontrar-me. Dois deles trabalhavam para a NSA, e outro estava atualmente na prisão, portanto, por agora, sentia-me seguro com o trabalho que tinha feito. Além disso, duvidava de que os polícias locais chegassem ao ponto de chamar agentes federais por causa de uma mera invasão de casa em que nada tinha sido destruído ou roubado.

Até a minha conta da rede social era segura, ou tão segura quanto possível. Qualquer pessoa que a pirateasse seria diretamente levada a um pai de trinta e poucos anos do Utah com um fetiche secreto por máscaras. Era um homem real chamado Carl, com um verdadeiro fetiche por máscaras e uma conta clandestina de *thirst traps*, que nem a sua mulher conhecia. As nossas tatuagens não eram iguais, e ele filmava conteúdos diferentes, mas o trabalho que a polícia teria de fazer para descobrir as diferenças dar-me-ia tempo suficiente para cobrir o meu rasto e desaparecer *offline*.

Desculpa, Carl, mas às vezes eram precisos sacrifícios.

Devia sentir-me pior pelo tipo, contudo, tal como os limites, a empatia era difícil para mim. Talvez tenha sido esse o meu erro com a Aly. Estava tão entusiasmado com a perspetiva de viver a nossa fantasia, que não parei para pensar na perspetiva dela. Como seria para uma mulher, que vivia sozinha, aperceber-se de que um estranho tinha invadido a sua casa?

Abri um segundo separador e dividi o ecrã; via a Aly a baixar-se e a olhar para debaixo da cama, com a arma nas mãos, enquanto eu fazia uma pesquisa rápida na Internet.

Os resultados não eram bons. Sim, era aqui que tinha feito merda. De acordo com o Google, a Aly estava provavelmente aterrorizada, zangada e

sentia que a sua casa estava comprometida, violada até, passando de um santuário para outro sítio onde se sentia insegura.

Como é que podia compensar um erro tão colossal? Com rosas? Os homens nos filmes e na televisão estavam sempre a mandar rosas. Mas não me parecia suficiente. Se calhar se lhe mandasse muitas?

Abri outro separador, parando para ver a Aly a verificar o resto do quarto como uma mulher que sabia o que estava a fazer. Era mesmo *sexy*. Apesar do aparente medo, movia-se com confiança e competência, como se tivesse treino formal. E talvez tivesse. Talvez o curso de autodefesa que tinha feito a tivesse ensinado a fazer isto.

Fiz uma nota mental para piratear as câmaras deles e ir confirmar, enquanto comprava todas as flores de uma loja local, com o dinheiro de outra pessoa. Não me sentia tão mal em roubar, especialmente quando a minha vítima era um criminoso rico que tinha recentemente tentado roubar milhões de dólares de um dos clientes da minha empresa. Passei a sua etapa de segurança infantil e entrei no sistema sem ser visto, aprendendo todo o tipo de coisas interessantes, incluindo o número do seu cartão de crédito.

No ecrã, a Aly acabou de ver o quarto e a casa de banho e saiu pela porta. Meti os altifalantes no máximo, na esperança de ouvir se chamava a polícia enquanto estava fora de vista. Passaram-se vários minutos em quase silêncio, com apenas sons suaves de movimento que indicavam que estava a percorrer o resto da pequena casa.

Amaldiçoei-me por ter montado apenas uma câmara em vez de duas. O que é que ela estava a fazer? Como é que se estava a sentir? Haveria alguma forma de compensar isto, ou tinha perdido a minha oportunidade com ela?

– Estás bem, *Fred*? – ouvi-a perguntar e fiquei imediatamente alerta, questionando-me com que cabrão estaria a falar.

A raiva invadiu-me do nada enquanto esperava pela resposta do *Fred*. Já estava outro gajo lá em casa? Teria planeado encontrar-se com ele depois do trabalho? Não ouvi nenhuma porta a abrir ou a fechar e…

– Ele não te fez mal enquanto esteve aqui, pois não? – perguntou.

Um miar suave ecoou nos altifalantes.

– Estavas a tentar avisar-me quando cheguei a casa, não estavas?

Outro miar.

Ah. O *Fred* era *o gato*. Os ciúmes esvaíram-se e abri as mãos que estavam ferozmente agarradas aos braços da cadeira. Uau, certo. Esta fúria

instintiva era nova. E não devia ser boa. Ia ter de ficar de olho nisto. Podia não querer magoar a Aly ou o seu gato, mas só de pensar noutro tipo com ela fez-me ir direito para *matá-lo à facada.*

Os altifalantes ficaram silenciosos e permaneci sentado à espera de algum sinal de que a Aly estivesse, sei lá, bem? Ou chateada? Ou assustada? Qualquer coisa, na verdade. Não a ver era um problema, depois de passar a semana a observá-la todas as noites pelas câmaras do hospital. Ela expressava todas as suas emoções por meio do rosto, e eu passara todas as minhas horas de insónia a aprender sobre cada uma delas.

Por fim, voltou a aparecer com o *Fred* num braço e uma cadeira da sala de jantar no outro, com um ar de pura determinação. Pôs o *Fred* na cama e fechou a porta do quarto, apoiando a cadeira debaixo da maçaneta e barricando-se lá dentro.

Afinal, não ia cancelar aquela compra anónima, tendo em conta que recorria a uma cadeira para se proteger. Ela ia definitivamente precisar de todo o equipamento de defesa doméstica que lhe tinha comprado. Porque é que ela não o tinha? O bairro dela tinha uma taxa de criminalidade relativamente baixa em comparação com outras partes da cidade, e era claro que se sabia defender, mas não teria eu acabado de lhe provar como era fácil para alguém determinado invadir-lhe a casa?

Sabia que não se tratava de dinheiro. O seguro de vida da mãe dela tinha pago a escola de enfermagem e a maior parte da entrada da casa, e tinha um rendimento respeitável graças ao seu salário e a todas as horas extraordinárias que fazia no hospital. Teria apenas ficado complacente?

Se calhar até lhe tinha feito um favor, ao entrar em casa dela e mostrar-lhe a sua displicência.

Fiz uma careta. Que horror. Não ia voltar a ter pensamentos como este. Estava obviamente a tentar racionalizar o que tinha feito e a diminuir a minha culpa, e não devia, porque se o Google me tinha ensinado alguma coisa esta noite, era que tinha feito uma bela merda.

Essa revelação foi confirmada quando a Aly foi até à cómoda e trocou a arma pelo vinho que lá tinha deixado, bebendo-o como se fosse uma cerveja numa festa de fraternidade. O copo abanou nos seus dedos quando o pousou, e eu encolhi-me. Porque, *foda-se*. O medo dela excitava-me. Tinha evitado admitir o quão excitado estava, mas era impossível ignorar a forma

como o meu pénis se esticou contra os meus calções de desporto enquanto a Aly tremia.

Certo, não a queria magoar, mas queria assustá-la. Era potencialmente preocupante, no entanto, estava longe de ser o pior cenário possível. E, na verdade, não seria esta a confirmação de algo que eu já sabia sobre mim? Foda-se, eu cobria o meu peito com sangue falso e segurava uma faca de talhante, enquanto me sentava no escuro a olhar para uma câmara como se tivesse acabado de massacrar uma família inteira.

Excitava-me com todos os comentários em que me diziam estar simultaneamente excitados e algo aterrorizados, mexiam comigo, faziam-me sentir poderoso, feroz e perigoso, como se o mundo fosse meu para ser conquistado. O facto de haver tanta gente a gostar dos meus fetiches acabou por normalizar os meus desejos. Não sentia que havia algo de errado em gostar de máscaras ou que estivesse a pisar a linha de território perigoso que se aproximava demasiado daquilo que o meu pai tinha feito.

Isto era tudo para mim. E era por isso que queria que a Aly fosse toda minha. Não só por ser uma mulher bonita com um fetiche por máscaras que regularmente fazia propostas indecentes ao meu alter ego, mas porque, tecnicamente, ela tinha-me perseguido primeiro. Ou tinha tentado, tendo em conta o histórico de pesquisa que descobri depois de piratear o portátil dela.

Como é que encontro alguém nas redes sociais?

Quem é o Homem Sem Rosto do TikTok*?*

Outras contas de redes sociais do Homem Sem Rosto.

Existe software *de IA para encontrar pessoas com base nas suas tatuagens?*

Estão a ver? Ela é que começou. E sim, estava ciente de que esse argumento não se sustentaria em tribunal, mas aqui não dava o braço a torcer: tinha a crença de que a Aly também era fodida da cabeça. Apenas o suficiente para que hesitasse antes de me denunciar. E com sorte, o suficiente para alinhar em todas as coisas que tinha planeado para ela.

Voltei a minha atenção para o vídeo quando ela pegou no telemóvel e se sentou à beira da cama. A pequena câmara que tinha instalado era um dispositivo genial. Imitava o carregador do telemóvel, com uma entrada USB funcional e tudo. Embora o espaço branco por cima parecesse inócuo, era, na verdade, um ecrã com uma grande câmara angular escondida por trás, praticamente impercetível sem um detetor de dispositivos. Mesmo

antes de sair, troquei o carregador dela por este, verificando no telemóvel se estava a funcionar e depois gerei um apagão para encobrir a minha fuga.

Toquei em alguns botões e fiz *zoom* no telemóvel da Aly. Estava na minha página, provavelmente a preparar-se para me bloquear ou dar-me uma descompostura por meio de uma MP.

– Eu sabia – disse ela, enquanto percorria o ecrã. – Cama. Sofá. Parede.

Comecei a franzir o sobrolho antes de me aperceber de que estava a falar dos fundos dos meus vídeos. Filmava-os todos no meu quarto, enquanto o Tyler estava a dormir ou fora do apartamento, e eram esses os três sítios que usava. Até surgir o quarto da Aly. Será que tinha notado a diferença? Passou uma mão pelo rosto e virou-se para o *Fred*, que estava sentado ao seu lado, ronronando tão alto que o conseguia ouvir pelos altifalantes.

– Bem, talvez não seja um assassino em série que usa a aplicação para atrair as suas vítimas.

Afastei-me. Era isso que estava a pensar? Foda-se. Era a última coisa que queria. Como é que eu ia resolver isto? Estava tentado a enviar-lhe uma MP a explicar-me, mas como? *Olá, Aly, sou eu, o homem que invadiu a tua casa. Estava a observar-te pela câmara que escondi no teu quarto e queria dizer-te que tens razão. Eu não sou, de facto, um assassino em série.*

Oh, meu Deus.

Eu sabia que devia ter insistido com a minha terapeuta quando ela me disse que estava na altura de deixar os antipsicóticos. Claramente, eram necessários se uma das primeiras coisas que fiz, assim que me saíram do sistema, foi começar a perseguir alguém.

Levantei a mão e estava prestes a desligar o vídeo, quando a Aly se virou na cama e finalmente olhou para a máscara. O meu dedo pairou sobre o botão enquanto a sua expressão se transformava em algo que nunca tinha visto antes. As pálpebras dela tremeram e mordeu o lábio inferior de uma forma que me fez inclinar para a frente na cadeira. Um bonito rubor pintou-lhe as bochechas de cor-de-rosa. Estaria prestes a chorar?

Olhou de lado para o seu gato.

– Só há uma maneira de descobrir.

Antes que pudesse voltar a ver o que ela estava a fazer, tocou em algo no telemóvel, com os dedos a esvoaçar sobre o ecrã antes de carregar na

última tecla. Seguiu-se um som de *swoosh*, como se tivesse acabado de enviar um *e-mail* ou uma mensagem.

O meu telemóvel tocou na minha secretária.

Congelei.

Oh, merda. Ela tinha-me enviado uma MP?

Com todo o cuidado, como se de repente pudesse ganhar vida e morder-me, levantei o telemóvel. Uma notificação apareceu no ecrã, dizendo: *A utilizadora aly.aly.oxen.free gostaria de lhe enviar uma mensagem.* Ao desbloquear o ecrã e abrir a mensagem sentia o meu coração bater contra as minhas costelas.

Isto pode parecer completamente louco, mas entraste na minha casa esta noite, filmaste um vídeo no meu quarto e deixaste cá uma máscara? Foda-se. Como é que lhe ia responder? Se dissesse que sim, poderia ser usado contra mim em tribunal. Se dissesse que não, estaria a enganá-la. Podia responder de uma forma tranquila? Responder com uma pergunta que não confirmava nem negava as suas suspeitas?

O que farias se te dissesse que sim?, perguntei. Pronto. Pareceu-me suficientemente seguro.

No ecrã, a aplicação dela tocou, e tinha uma vista privilegiada enquanto ela lia e reagia à minha resposta. Mordeu o lábio inferior novamente, respirando fundo enquanto puxava o telefone para perto. Algumas mechas soltas de cabelo caíram sobre o ombro, ofuscando o seu perfil.

– Foda-se, ele respondeu – disse, com a voz pouco acima de um sussurro. – Ele nunca responde a ninguém. Nunca.

Vira-te um pouco para a direita para te poder ver melhor, quase exigi, mas isso iria denunciar a câmara e, agora que a ouvia, não estava preparado para acabar com a transmissão.

Começou a escrever outra vez e, um segundo depois, o meu telemóvel tocou.

Depende, disse ela.

De quê, Aly?, respondi-lhe.

Inspirou mais uma vez, e eu sorri. Ela gostava quando eu a chamava pelo nome. Fazia-a sentir-se especial, sabendo que o homem que tinha cobiçado abertamente *online*, que nunca respondia a comentários ou a MP, tinha finalmente escolhido falar com alguém, e esse alguém era ela? Se

assim fosse, escreveria e diria o nome dela sempre que tivesse oportunidade.

Das tuas intenções, disse.

Recostei-me na cadeira. As minhas intenções. Como podia responder? Havia tantas opções, tantas fantasias que já tinha visualizado na minha cabeça. Havia aquela em que a acordava a meio da noite com uma faca encostada à garganta, mas em vez de usar a lâmina, enfiava-lhe o cabo entre as pernas e usava-o para a levar à beira da loucura, provocando-a, mas sem lhe dar o que queria, apesar de ela implorar e chorar para se vir. Ou aquela em que a raptava no parque de estacionamento do hospital, a levava para o meio do bosque e lhe dizia para correr o mais longe possível, porque o que planeava fazer-lhe quando a apanhasse faria o próprio Diabo corar.

Porém, ela não devia estar preparada para nada disso neste momento, e se calhar ainda estava a pensar em chamar a polícia, por isso, preferi provocá-la.

As minhas intenções? Oh, Aly. Porque é que te diria quais são, quando os teus comentários anteriores me levaram a crer que, para ti, o medo é metade da diversão?

Levantei os olhos mesmo a tempo de a ver deixar cair o telemóvel no edredão e pôr a cabeça entre as mãos.

– Preciso de muito mais terapia do que a que estou a receber – disse ela.

Sorri, porque eu estava na mesma.

O *Fred* miava e roçava a cabeça no braço dela.

– Desta vez a terapia do pelo não vai chegar, amigo – afirmou, ao pegar nele. – E desculpa por isto, mas agora preciso de fazer coisas de adulto, e tu não podes estar aqui.

Enquanto eu observava, ela dirigiu-se para a casa de banho e pôs o *Fred* no chão de azulejos, pedindo outra vez desculpa, enquanto o fechava lá dentro. Estava a suster a respiração, quando ela voltou para a cama e pegou no telemóvel.

Como é que posso confiar que não me vais magoar?, perguntou.

Não podes, Aly. Sou um estranho da Internet.

Soltou um suspiro agudo e abanou o telemóvel.

– Achas que não sei isso? Só preciso de algum tipo de garantia de que não estou prestes a ser notícia de primeira página.

Devia ter-me sentido mal por ela, mas, tal como o seu medo, a sua exacerbada preocupação só me excitava. Há muito tempo que não deixava uma mulher tão frustrada. Normalmente, preferia que a frustração delas fosse sexual, torturando-as mais e mais, até estourarem, mas com a Aly a adrenalina crescia até com esta forma benigna de antagonismo. Havia qualquer coisa em ver uma mulher tão bonita a tornar-se agressiva que me fazia vibrar. Talvez fosse o desafio. Gostava de mulheres que dessem luta. Aquelas que não aturavam merdas, que diziam o que pensavam e que sabiam tomar conta de si próprias.

Não que tivesse alguma coisa contra as mulheres mais mansas; simplesmente não eram para mim. Aliás, aterrorizavam-me porque eram as presas preferidas do meu pai. Nunca tinha andado com uma, muito menos dormido com uma, na eventualidade de partilhar as suas propensões. Em vez disso, preferia mulheres fortes e quase agressivas. Aquelas que tinham mais hipóteses de dar luta se alguma vez… bem, preferia não pensar nisso enquanto via a Aly preencher o ecrã do meu computador.

Vê-la irritada deu-me vontade de a recompensar, apesar de os meus instintos me gritarem para ter cuidado. Fui buscar a segunda parte do vídeo que tinha filmado no quarto dela, a parte que me faria ser banido das redes sociais, e antes que me pudesse questionar, carreguei-o na nossa conversa e enviei, agindo apenas por instinto.

A Aly tapou a boca com uma mão quando o abriu, a sua voz foi abafada quando gemeu:

– Oh, meu Deus.

Recostei-me na minha cadeira e esperei, perguntando-me o que faria com o vídeo. Era outro teste. O mais provável era estar prestes a chamar a polícia, mas na hipótese de não o fazer, estaria pronta para dar o primeiro passo e se tornar *minha*.

– É a…? – disse.

A mão dele a deslizar para dentro das calças? Sim, era, e eu ia para o inferno por ter gravado um vídeo a bater uma até chegar ao clímax no quarto dela.

A cabeça dela caiu para a frente, e um gemido baixo escapou-lhe dos lábios. Os olhos estavam outra vez semicerrados quando os levantou, as bochechas rosadas e, de repente, apercebi-me da luxúria que reinava na sua expressão.

A Aly também estava toda fodida. Aleluia.

Estendeu a mão livre e pôs a minha máscara nas almofadas. Depois, levantou-se e verificou duas vezes a cadeira encostada à porta, certificando-se de que estava segura, antes de ir à cómoda, abrir a gaveta de cima e tirar um vibrador.

Oh, foda-se.

Precisava de desligar o vídeo.

Nem há dez minutos, tinha dito a mim próprio que o limite era ver a Aly a dormir ou a mudar de roupa. Espiá-la enquanto se masturbava ia para lá do limite, era errado a tantos níveis que eu… oh foda-se, lá se foram as calças dela. Vi um breve vislumbre de um triângulo de pelos bem aparado antes de se virar e…

Olhem. Para. O. Rabo. Dela.

Queria dar-lhe uma palmada. Com força suficiente para deixar uma marca. E depois queria mordê-lo. Virá-la no meu colo e vê-lo saltar enquanto a fodia por trás. Deus abençoe os exercícios para os glúteos que ela fazia no ginásio, porque estavam a dar frutos.

Não. Isto era errado. Não iria ver a Aly a dar prazer a si própria com um vídeo que lhe tinha enviado. E definitivamente não estava a enfiar uma mão nos meus calções e a agarrar a base da minha pila.

Para com isso. Mão má. Não vamos fazer isto.

No ecrã, a Aly deitou-se na cama com as pernas abertas de frente para a minha máscara, o telemóvel erguido com uma mão. Ligou o vibrador com a outra e, sem quaisquer preliminares, posicionou-o no ápice das coxas e empurrou-o todo para dentro, com as costas arqueadas, um grito meio torturado, meio de prazer, soava pelos meus altifalantes.

Carreguei no botão para cortar a transmissão de vídeo e o meu ecrã ficou preto. Para não cair em tentações, empurrei a cadeira do computador para trás e afastei-me da secretária, parando em frente às janelas do meu quarto. As minhas mãos tremiam, e apertei-as atrás da cabeça enquanto olhava para o sol nascente. Porra, foi por pouco. A visão das costas arqueadas da Aly estava gravada nas minhas retinas, e o seu grito torturado tinha sido demasiado doce para os meus ouvidos. Se a tivesse observado por mais um segundo, nunca teria encontrado a força de vontade para parar.

Era um pouco reconfortante saber que ainda tinha alguma moral. A Aly podia estar a masturbar-se com um vídeo que lhe tinha enviado, mas não

tinha consentido que a visse fazê-lo. E, certo, não tinha consentido que eu lhe invadisse a casa, filmasse uma *thirst trap* dentro do quarto, lhe enviasse um vídeo sexualmente sugestivo ou a observasse desde que havia chegado a casa, mas a linha tinha de estar algures, e a predação sexual parecia ser um bom sítio para a traçar. Não interessava o quanto as minhas partes mais obscuras protestavam que se ela não soubesse não se iria magoar.

Estava a ficar doentiamente obcecado por ela. Não havia maneira de isto acabar bem para nenhum de nós se eu não me controlasse, mas agora que a conseguia ver, não conseguia parar, e todos os meus planos cuidadosamente elaborados para ir devagar e apresentá-la ao meu mundo com calma estavam a ir por água abaixo.

Precisava dela e, quer estivesse preparada ou não, eu estava prestes a pô-la à prova.

Só esperava que não acabasse com nenhum de nós traumatizado ou morto.

5

Aly

O Homem Sem Rosto tinha estado aqui. Aqui, no meu quarto, *na minha cama*, com a mão nas calças enquanto se filmava. Devia ter ficado assustada por um estranho da Internet ter entrado na minha casa. E estava. A sério. Porém, também nunca tinha estado tão excitada e, a este ritmo, só precisaria de mais uns golpes brutais do meu vibrador para me vir aos berros. Aumentei a vibração e enfiei-o dentro de mim com uma mão, enquanto segurava o telemóvel com a outra, a ver o homem que desejava há meses a masturbar-se neste mesmo edredão. Olhem-me para estes músculos. A faca que segurava na mão. A forma como o antebraço se dobrava e fletia enquanto batia uma. Era a coisa mais *sexy* que já tinha visto, e, por algum motivo, ele tinha reparado nos comentários esfomeados que lhe deixava, escondidos entre os milhares que devia receber diariamente.

Fez-me sentir especial. Vista. Escolhida.

Até hoje, pensei mesmo que a minha obsessão fosse só uma fase. Que *era* só conversa e que o meu recente despertar para este fetiche era puramente motivado pela vasta abundância de homens mascarados nas minhas redes sociais. Estava convencida de que a nova tendência ganharia força *online* e que, no final do mês, estaria interessada em *bondage*.

Que parvoíce.

Agora já sabia. Não se limitava a uma fantasia passageira. Era a minha fantasia de estima e estar a vivê-la fazia-me sentir mais viva do que me tinha sentido em meses.

Mas não era parva. Os meus anos de trabalho como enfermeira ensinaram-me que era muito provável que isto acabasse em tragédia. Tinha verificado toda a minha casa, de cima a baixo, e sabia que ele não estava cá dentro. Também tinha posto cadeiras contra as portas da frente e de trás,

bem como contra a do meu quarto. Estava tão segura quanto possível por agora, e assim que tirasse esta *necessidade* avassaladora do meu sistema, voltaria a ficar aterrorizada e zangada.

O vídeo recomeçou, e aproximei o telemóvel para ver o Homem Sem Rosto a espalmar uma grande mão sobre os seus abdominais e, depois, a deslizá-la tortuosamente devagar para dentro das suas calças de ganga desabotoadas. Acariciou-se primeiro para baixo, puxando a pila da ponta até à base. Gemi e imaginei a sensação dele na minha mão, tão grosso que mal podia envolver os meus dedos à sua volta, duro como aço, macio como seda, e quente o suficiente para me incendiar o sangue.

Não tinha mentido nos comentários; queria rastejar até este homem. Fazer-lhe o melhor broche que alguma vez recebera, que o fizesse encaracolar os dedos dos pés, tremer as pernas, pulsar a pila, agarrar-se aos lençóis e esvaziar os tomates. Estava perto só de pensar nisso, por isso deixei que a fantasia se desenrolasse na minha mente enquanto eu me inseria no vídeo, juntando-me a ele na cama e substituindo a sua mão pela minha boca, engolindo-lhe a pila até os meus olhos lacrimejarem e a minha cona se apertar. Queria as mãos dele no meu cabelo, enquanto me fodia a boca, a agarrar-me com tanta força que doía.

Levantei a cabeça para olhar para a máscara, *a sua máscara*, que tinha deixado para mim como se fosse uma recordação macabra. Era demasiado fácil imaginá-lo a olhar-me através dela, a observar-me enquanto enfiava o vibrador bem fundo e o mantinha no lugar.

Estava farta de me provocar, precisava de me vir como precisava de respirar. A pequena saliência na base do aparelho vibrou contra o meu clitóris, o que fez com que a minha coluna se arqueasse. O telemóvel caiu-me dos dedos dormentes, e fechei os olhos enquanto todo o meu ser descia em espiral até ao sensível feixe de nervos entre as minhas coxas.

Oh, meu Deus, eu ia…

– Foda-se!

Dei um meio grito, meio gemido, quando a luz explodiu por detrás das minhas pálpebras fechadas, e um orgasmo me atravessou com tanta violência quanto prazer.

Depois fiquei deitada, a ofegar, atordoada e ainda excitada. Foda-se. Isto não era bom. Um homem tinha entrado na minha casa e, em vez de

chamar a polícia, masturbei-me em cima da prova que ainda restava. Não lhes podia ligar. Como é que ia explicar isto?

– E porque é que não nos chamou imediatamente? – perguntariam.

– Desculpe, senhor agente. Estava demasiado ocupada a masturbar-me.

Ugh. E mais uma coisa: eu tinha pedido por isto. Não me estava a vitimizar; tinha literalmente implorado para que isto acontecesse. A certa altura, até deixei um comentário a oferecer-lhe dinheiro para que ele entrasse e esperasse por mim no escuro. Como é que o caso se aguentaria em tribunal? A defesa dele poderia argumentar que tudo o que o seu cliente tinha feito fora acreditar na minha palavra. Devia perguntar aos advogados do hospital. Tecnicamente, como funcionária tinha direito a serviços de advocacia. O que significava que não podiam contar a ninguém as coisas esquisitas que eu fazia fora do trabalho, certo? Sigilo profissional e essas cenas?

Levantei-me e limpei-me. Estava encharcada. Tão molhada como já não estava há muito tempo. O sexo normal era bom, catártico até, mas neste momento tinha-se tornado menos excitante do que costumava ser, e servia mais para aliviar o *stress* ou satisfazer uma necessidade de intimidade física, e era uma lembrança de que as pessoas podiam dar prazer umas às outras em vez de dor.

O meu trabalho estava mesmo a começar a ter impacto na minha vida. Sempre soube desta possibilidade. Tentaram preparar-nos para isso na escola. Quando comecei a trabalhar, o meu formador e outros colegas disseram-me o quanto a enfermagem de urgências podia afetar uma pessoa, descreviam taxas de divórcio elevadíssimas, diagnósticos de PSPT* e problemas de dependência, mas não lhes tinha dado ouvidos. Fui ingénua e obstinada. Ninguém tinha estado lá quando a minha mãe precisou, e eu não podia deixar que aquilo acontecesse a mais ninguém, não se o pudesse evitar.

Agora, começava a ficar entorpecida. Tinha visto tanta merda, que a minha fé na humanidade estava no fundo do poço, e tinha perdido o contacto com toda a gente, exceto com os meus amigos enfermeiros e paramédicos, porque mais ninguém compreendia o que eu enfrentava dia após dia. Até o sexo tinha perdido aquela emoção. Ou, pelo menos, o *sexo baunilha* tinha deixado de ter emoção. O que tinha acabado de fazer provou

que precisava de algo mais picante para me excitar. Algo mais sombrio e com uma ponta de perigo.

Um *miar* suave arrancou-me do mar dos meus pensamentos. Ah, certo. Tinha trancado o *Fred* na casa de banho. Sentia-me uma má mãe depois da noite que ele tivera. Deve tê-la passado escondido debaixo da minha cama e saído só quando me ouviu chegar. Não gostava nem confiava na maior parte das pessoas, especialmente em homens (e alguém o podia culpar?), e fugia ou assanhava-se a todos os homens que trazia cá a casa. Deve ter ficado superassustado por ter tido um estranho a entrar no seu espaço sem eu nem sequer cá estar.

Vesti o pijama e deixei o *Fred* sair. Entrou no meu quarto e foi direito para a porta. O coitadinho devia ter de fazer chichi. Com os nervos à flor da pele, tirei a minha arma da cómoda e retirei cuidadosamente a cadeira de debaixo da maçaneta, ainda receosa de que alguém estivesse do outro lado, à espera de entrar. Rodei a fechadura com um estalido e depois entreabri a porta, com a arma apontada. Não havia ninguém no curto corredor que separava os quartos – graças a Deus! – e tinha deixado tantas luzes acesas que pude ver que não havia ninguém ao virar a cabeça para a esquina e olhar para a minha sala de estar.

Ainda assim, a minha paranoia estava ao rubro e, enquanto o *Fred* corria para a caixa de areia, voltei a verificar a casa uma segunda vez. Quando terminei, um toque ruidoso fez-me voltar ao quarto. Tinha lá deixado o telemóvel. Esqueci-me completamente de responder ao vídeo que o Homem Sem Rosto me tinha enviado.

As minhas bochechas ficaram ruborizadas. Se ele soubesse a razão… Ficaria provavelmente ainda mais convencido de que eu concordava com aquilo tudo e que queria repetir, de preferência com ele presente.

Tirei o meu telemóvel da cómoda e fiquei paralisada. Será que queria mesmo repeti-lo? Abanei a cabeça. Não. De maneira nenhuma. Seria uma loucura, certo? Mas não havia como negar o disparar da minha pulsação e o calor nascente no meu âmago em resposta à ideia.

O meu telemóvel tocou outra vez e olhei para ele. Vi duas novas notificações. O Homem Sem Rosto tinha-me enviado mais mensagens.

Os meus dedos tremeram quando desbloqueei o ecrã. O que tinha dito? Será que tinha enviado outro vídeo? E porque estava eu tão desesperada para descobrir, quando devia bloquear e denunciar o cabrão?

Não era outro vídeo. Apenas duas mensagens simples, de cortar o coração.

Dorme bem.

Alyssa.

Pisquei os olhos. Não me chamou Aly. Alyssa. O meu nome completo. Que não tinha usado no meu perfil, comentários, ou em qualquer outro lugar desta maldita aplicação. Não fiquei surpreendida. Tinha entrado na minha casa, por isso, antes de cá vir, deve ter pesquisado o meu nome completo e eu sei lá mais o quê. Ainda assim, por alguma razão, o facto de o escrever fazia com que parecesse ainda mais intrusivo, não de uma forma totalmente má.

Que raio lhe iria eu responder? Obrigada? Vai-te foder, seu pervertido? Tenta uma merda assim outra vez e eu mato-te? Volta já para aqui, seu monstro, não me podes deixar assim tão excitada? Parecia que o meu cérebro se estava a dividir ao meio. Por um lado, isto era a coisa mais excitante que alguma vez me tinha acontecido. Por outro, era também a coisa mais fodida.

Ia mesmo morrer neste filme de terror, não ia?

***

Apesar da excitação e do medo que sentia, consegui adormecer. Tinha-me barricado no quarto com o *Fred*, mudei-lhe a caixa de areia para a casa de banho e meti a tigela de comida e água ao pé da cómoda. Adormeci agarrada a um taco de basebol, com a pistola ao alcance da mão.

Estava convencida de que ia ter pesadelos, ou pior, sonhos sexuais, mas dormi como se estivesse morta durante dez horas, acordando apenas quando o *Fred* se aborreceu na sua prisão e começou a correr à volta da cama.

Agora, estava sentada na pequena mesa de jantar, a agarrar uma enorme caneca de café, enquanto fazia contas à vida. Parte de mim não conseguia acreditar no que tinha acontecido. O Homem Sem Rosto invadira a minha casa ontem à noite. Era surreal, só de pensar. Como se me tivesse desligado da realidade e residisse agora numa falha obscura do *matrix*, criada por mim.

Ele podia ter-se escondido e ter-me matado assim que me visse a entrar pela porta, mas não o fez. Ainda estava inteira e saudável, embora um pouco abalada, e isso tinha de significar alguma coisa, certo? Que ele não me queria matar?

Não sejas burra, disse a mim própria.

Pois. Se calhar isto eram só os seus preliminares. Podia ser como um gato a brincar com a sua presa, a saborear a perseguição, a observar sem piedade enquanto eu voava, à espera do momento certo para atacar. Podia ser mesmo um assassino e fazer isto com todas as suas vítimas. Atraía-as *online*, seduzia-as, invadia as suas casas, talvez até as fodesse algumas vezes sem as magoar. Agora conseguia ver a facilidade de se cair na armadilha, de baixar a guarda até se ser assassinada de uma maneira espetacularmente brutal.

Bem, só seria a sua vítima por cima do meu cada… Ups, péssima escolha de palavras. Eu *não seria* a sua próxima vítima. Ainda hoje, acrescentaria à minha longa lista de tarefas fazer uma visita à loja de armas. Vendiam mais do que armas. Além de artigos de defesa pessoal, vendiam material de defesa doméstica. Ia comprar câmaras. Um alarme. Aquele filho da puta não voltaria a entrar aqui sem luta, porra.

Mexi-me no lugar, a tentar ignorar que, apesar da minha nova determinação, estava excitada desde a noite passada, com as cuecas húmidas e a sentir pequenos arrepios de prazer sempre que os meus mamilos roçavam no interior da minha camisola.

O meu estúpido fetiche fazia-me desejar um homem que provavelmente me quereria arrancar a pele para fazer um par de luvas.

Fiz uma careta ao imaginar o filme, e bebi mais um gole de café. Esta situação era para lá de frustrante. Queria magoar-me, ou não? E porque é que me tinha escolhido de entre todas as pessoas da sua secção de comentários? Será que vivia algures por perto? Podia tê-lo conhecido *offline*? Tinha esbarrado com ele no meu café preferido ou levantado pesos ao seu lado no ginásio?

Mesmo que tivesse, como é que me tinha encontrado *online*? Se me conseguiu identificar nos comentários, já devia saber o meu nome e aspeto, porque eu não tinha contado a ninguém, absolutamente *ninguém*, sobre o meu fetiche por máscaras, e também não era amiga nem seguia ninguém que conhecesse pessoalmente naquela aplicação.

O que tinha acontecido depois de ele me ter encontrado? Como é que passou de descobrir quem eu era para saber onde morava?

Ainda mais importante, como é que entrou aqui ontem à noite? Nenhuma das minhas janelas estava partida ou destrancada, não tinha uma chaminé pela qual pudesse entrar e a minha porta das traseiras tinha uma fechadura que mantinha trancada por dentro. Tanto quanto sabia, teria de a partir para entrar. Verifiquei ontem à noite que não havia sinais de entrada forçada. Portanto, só restava a porta da frente.

A eletricidade tinha sido cortada durante a noite. Teria ele, de alguma forma, ativado o corte e usado a escuridão para entrar? Não. Deve ter sido uma coincidência. Teria de ser um *hacker* excelente para fazer tal proeza.

E para descobrir tudo o que sabia sobre mim, agora que pensava nisso.

O meu telemóvel estava virado para cima, na mesa ao meu lado. Observei-o com cautela. Estaria ele, de alguma forma, a observar-me através dele agora? Enfiei-o atrás do porta-guardanapos, fora de vista, só por segurança. Isto era demais para mim. Tinha feito alguns cursos de programação no liceu e na faculdade. O suficiente para perceber que um emprego em informática não era para mim. Não fazia ideia das competências necessárias para piratear o meu telemóvel ou se era sequer possível.

Esperem um minuto. O colega de casa do Tyler não era um génio informático? Será que podia responder às minhas perguntas? Podíamos ter acabado, mas nunca foi uma cena muito séria, nem sequer acabou mal. Tinha-o visto no ginásio na tarde passada, e ele tinha sido bastante simpático, acenando-me do outro lado da sala de pesos e fazendo-me um sinal de positivo quando atingi um novo máximo a levantar pesos. Será que estranharia se lhe pedisse para falar com o colega de casa por mim? Como é que lhe ia explicar o que precisava?

Olá, Tyler. É a Aly. Não te preocupes, já não estou interessada em ti. Só preciso que o teu colega de quarto encontre o homem da thirst trap *que te enviei.*

Revirei os olhos. Sim. Ia correr superbem.

Se fosse vaga e me oferecesse para pagar ao tipo, talvez não houvesse problema. Só me tinha encontrado com o Josh uma vez, por isso ele não tinha qualquer razão para o fazer por amizade ou por ter bom coração.

Os meus pensamentos voltaram àquele encontro. Os únicos pormenores que o Tyler me tinha contado sobre o Josh eram que era um eremita e tinha um emprego ligado à cibersegurança. Estava à espera de um tipo baixo, magro e de óculos, e sim, reconhecia-me como vítima do estereótipo hollywoodesco de *geek*.

O Josh provou-me o contrário. Porque ele era enorme, pelo menos um metro e oitenta, e embora estivesse a usar calças de fato de treino largas e uma *sweatshirt* na manhã em que o encontrei na cozinha, não havia como esconder que era um tipo com caparro. Só tinha olhado de relance para o perfil dele: maxilar forte, nariz aquilino, o tipo de pestanas grossas e compridas pelas quais a maioria das mulheres mataria. Esse vislumbre foi suficiente para me dizer que a aparência do Josh partia corações. Devia ter sangue mediterrânico, porque a pele dele tinha um tom de azeitona e o cabelo era tão escuro como o meu. Se a minha mãe o tivesse visto, teria dito algo inapropriado sobre ser um homem que lhe podia dar netos italianos fortes.

Tinha-me feito endireitar de imediato, quando me apercebi de que estava a usar a *T-shirt* do seu colega de casa, e que, provavelmente, me ouvira a foder com o Tyler umas horas antes, porque depois de dividirmos uma garrafa de vinho ao jantar, não tínhamos conseguido ser tão silenciosos como devíamos.

Nada disso importava, eu não precisava do Josh por causa da sua aparência; precisava dele por causa do seu cérebro. Será que pagar-lhe seria incentivo suficiente para me ajudar? E quanto é que teria de lhe dizer sobre o que precisava? Poderia simplesmente pedir-lhe que encontrasse alguém sem entrar em demasiados pormenores?

Precisava do Google para responder a todas estas perguntas.

Os meus dedos foram para o telemóvel, mas hesitei: não confiava em mim para não voltar a abrir as minhas MP e ficar agarrada ao vídeo que o Homem Sem Rosto me tinha enviado. Em vez disso, pousei o meu café e fui à procura do meu portátil.

---

* Perturbação de *Stress* Pós-Traumático. (*N. de T.*)

6

Josh

A Aly pesquisava no Google sobre os elementos necessários para um *hacker* poder encontrar alguém.

O que podia ser um problema.

Observei-a pela câmara do portátil enquanto lia o artigo, com os olhos escuros focados, com uma pequena falha entre as sobrancelhas quando começou a franzir o sobrolho. O cabelo estava atado e despenteado, não tinha maquilhagem e tinha as roupas amarrotadas, como se tivesse acabado de acordar. Amoleci ao olhar para ela. Andava tão concentrado em concretizar aquela fantasia, que nem tinha parado para pensar como a realidade disso seria.

Fechei os olhos e imaginei-me sentado em frente a ela à mesa de jantar, a bebericar café enquanto acordava, com o cabelo indomável e os lábios feridos daquilo que lhes tinha feito na noite anterior. Quase gemi com o pensamento. Há muito tempo que não partilhava a cama com alguém para mais do que uma foda. Quando foi a última vez que acordei com uma mulher a dormir sobre o meu peito, a usar-me para se aquecer? Não devia ser lá muito bom sinal não me conseguir lembrar.

O Tyler costumava chamar-me de presidiário, mas, até agora, nem tinha pensado nisso. E se fosse? A minha aversão a sair de casa era justificada, tendo em conta o meu passado e as consequências de ser reconhecido. Porém, imaginar-me numa simples cena do dia a dia com a Aly fez-me questionar as minhas escolhas. O que andava eu a perder ao isolar-me do resto do mundo? Será que ainda precisava de me proteger das pessoas e vice-versa? Tinha vinte e seis anos e, até agora, tinha conseguido viver a minha vida sem magoar ninguém.

Significava que podia nunca o fazer?

O meu pai tinha cometido a sua primeira agressão durante a sua adolescência. Os *podcasts* que examinavam o caso dele adoravam debater como uma infância cheia de abusos e traumatismos na cabeça o fizeram percorrer um caminho sombrio. Passou a dor para mim antes de a minha mãe conseguir afastar-nos dele para sempre, mas ao menos tive a sorte de não sofrer uma lesão cerebral traumática.

A tríade de MacDonald era uma previsão desatualizada, mas, por vezes, assustadoramente precisa das tendências violentas. O primeiro ponto do triângulo era a piromania. Nunca achei graça a pegar fogo a coisas. O segundo era fazer chichi na cama. Tinha uma bexiga de ferro desde pequeno e nunca tinha mijado os lençóis. O terceiro sempre me preocupou, porque nunca me quis pôr à prova: crueldade contra os animais. No entanto, na outra noite, como não tinha magoado o *Fred* nem me sentira tentado a fazê-lo, estava cada vez mais confiante de que não me ia passar de repente e transformar-me no meu pai.

Mano, estás literalmente a perseguir a Aly neste momento, lembrei-me. Pois, havia isso. *OK,* podia não ser um perigo para o público, mas tinha alguns traços de algo que muita gente – incluindo o meu terapeuta –, se lhes confessasse o que andava a fazer, chamaria de problemático. Bem, mas pelo menos não andava a observá-la por querer acorrentá-la na minha hipotética cave, ou uma merda do género. Só precisava de descobrir se ela estava a gostar ou não do que eu tinha feito, e parar mediante a sua resposta.

Revirei os olhos. Infelizmente, tinha demasiada consciência para acreditar nas minhas tretas.

Não ia parar, foda-se.

A Aly chegou-se à frente e começou a escrever.

Podem ver-me através da câmara do meu portátil?

Oh-oh.

Os olhos dela arregalaram-se ao ler os resultados, depois saltaram para o topo do ecrã, a olhar diretamente para mim.

– Olá, linda – disse, ao desejar que ela ouvisse para poder ver o sangue a esvair-se-lhe do rosto com medo.

Sim. Era definitivamente problemático. Mais tarde voltaria a analisar isto.

– Merda – disse a Aly, afastando-se da mesa.

Virou-se e saiu de vista, e fiquei a olhar para o seu rabo. As coisas que queria fazer com aquele rabo. Sempre me considerei um homem de mamas, mas a Aly provava o quão errado eu estava.

Ouvi-a a remexer por perto, antes de regressar ao ecrã com fita-cola e tesoura. Estava prestes a cobrir a câmara.

Foda-se.

As minhas entranhas foram inundadas por desilusão e frustração e não consegui impedir-me de sacar do telemóvel e escrever-lhe uma mensagem.

Para.

O telemóvel tocou e ela parou de arrancar um bocado de fita-cola para olhar para ele. O medo passou-lhe pelo rosto, um medo doce e delicioso, antes de ser rapidamente substituído pela raiva.

– Ouve, filho da puta – disse, pousando o telemóvel e pondo as mãos na mesa enquanto se inclinava para mim. Porra, era linda quando estava zangada, com os olhos quase negros, semicerrados – Eu vou encontrar-te, e aí é que vamos ver o quanto gostas de ter alguém à tua espera no escuro.

A adrenalina percorreu-me o corpo, culminando na minha pila. Pelos vistos, ia gostar mesmo. Se era para ela acabar à minha espera com uma arma ou uma faca, talvez nem tentasse bloquear o *hacker* de meia-tigela que ela acabaria por contratar. Seria uma vítima voluntária. Ou talvez a testasse para ver até onde iria.

Não desejava morrer. Não queria que me desse um tiro ou algo do género, mas tinha curiosidade em saber quanta escuridão se escondia por baixo da sua maravilhosa fachada. Até a deixaria castigar-me.

Esperem, não. Esqueçam. Em vez disso, preferia defender-me, levar a Aly ao limite e ver o quanto tinha aprendido nas aulas de autodefesa. Parecia ser uma mulher que não se deixava ficar e, com todos os músculos e conhecimento que tinha sobre o seu corpo, devia conseguir fazer alguns danos, mesmo a um tipo como eu, que pesava mais setenta quilos do que ela.

Sorri. Infelizmente para a Aly, eu estudava várias artes marciais desde os onze anos. A minha mãe inscreveu-nos a ambos na primeira aula, depois de termos deixado o meu pai; queria que fôssemos capazes de nos defendermos caso ele voltasse a tentar magoar-nos. Mesmo agora, praticava uma vez por semana com o Tyler, que as frequentava comigo desde o liceu.

Deixaria a Aly dar-me uns murros, faria com que sentisse que tinha uma hipótese antes de a prender ao chão e encontrar uma forma de a convencer que foder era melhor do que lutar.

Sentei-me e observei-a enquanto arrancava a fita-cola. Não me escapou o pormenor de a sua mente ter ido diretamente para a vingança. Podia ter ameaçado fazer queixa, exigido que não voltasse a entrar ou dito que ia chamar a polícia. Mas não o fez. Será que uma parte dela estava a gostar tanto disto quanto eu? Afinal de contas, uma pessoa «normal» iria à polícia. Deixaria que profissionais me tentassem encontrar, em vez de ir à minha procura.

Não só a Aly não tinha feito nada disso, como nem sequer me tinha dito para parar de a espiar.

Apalpei a minha ereção pelos calções. Ela estava a gostar. Podia ainda estar a tentar convencer-se de que não estava ou não devia estar, mas estava. Eu sabia-o. Tinha de encontrar uma maneira de fazer com que o aceitasse.

Inclinou-se outra vez e piscou-me o olho pela câmara, o que me fez agarrar a base da minha pila com tanta força que quase doeu.

– Vemo-nos em breve – ameaçou antes de pôr a fita-cola.

Mais cedo do que pensas, linda, pensei enquanto o ecrã escurecia. Ontem à noite, tinha formulado outro plano para lhe invadir a casa, mas agora tinha uma ideia melhor, em que ela teria tanto controlo quanto eu.

Passei a mão por baixo da cintura e peguei na pila, inclinando-me para trás na cadeira. A Aly podia ter-me impedido temporariamente de olhar para ela, mas ainda tinha uma janela aberta que espelhava o ecrã do seu computador. A sua próxima pesquisa no Google foi sobre como desligar completamente a câmara. Acompanhei-a enquanto seguia os passos, soltando um suspiro quando terminou. Tinha desligado o vídeo, mas não desativado o microfone. Ouvi um murmúrio, perguntando-me o que estaria a fazer antes de ouvir o som silencioso de um telefone a tocar.

A quem é que estava a telefonar?

Ouvi uma voz demasiado familiar.

– Aly?

Larguei a minha pila. Ela tinha telefonado ao *Tyler*? Que merda era esta?

E porque é que me apeteceu ir ao escritório dele e dar-lhe um murro na cara?

Controla-te, pensei. *Ele é o teu melhor amigo.*

– Tyler, olá – disse a Aly. – Desculpa ligar-te assim do nada. Não te vou implorar para reconsiderares o nosso fim, mas tenho um pedido estranho e, se isto estiver a passar dos limites, estás à vontade para me mandares à merda.

– *OKaaay*? – disse o Tyler.

Aquele tom de voz era-me familiar.

Não acreditou nela. Pensava mesmo que estava prestes a pedir-lhe para voltarem.

A Aly respirou fundo.

– Lembro-me de dizeres que o teu colega de casa era bom com computadores?

Oh.

Foda-se.

Não.

Ela não estava prestes a…

Não podia estar mesmo…

O Tyler soltou uma gargalhada, parecendo aliviado.

– Sim. Porquê?

– Será que ele conseguia tentar encontrar alguém? *Online*? Tenho aqui uma situação um bocado complicada.

Foda-se!

Afinal de contas, eu era um perigo. Para o Tyler. Porque o ia matar, por ele lhe ter revelado tanto sobre mim.

O humor desapareceu da sua voz quando ele respondeu.

– Que tipo de situação? Estás bem?

– Hum… – disse a Aly, e desejei poder ver-lhe a cara. – Acho que sim. Na verdade, só vou ter a certeza quando o teu colega conseguir encontrar esta pessoa.

Pus-me de pé e meti as mãos atrás da cabeça. Isto era mau. Isto era muitíssimo mau.

– Aly. A sério – insistiu o Tyler. – Se alguém te ameaçou ou algo do género, devias ir à polícia, não ao meu colega de casa.

– Não fui ameaçada. – Houve uma longa pausa. – Acho eu.

Foda-se. Se bem conhecia o Tyler, sabia que estava prestes a oferecer-se para tratar de tudo.

Parece que conhecia, porque disse:

— Diz-me do que precisas e eu e o Josh tratamos de tudo. Entre os dois, faremos com que esse tipo se arrependa de ter nascido.

– Eu tenho isto sob controlo – disse a Aly, com uma pitada de aborrecimento a emergir no seu tom. – Só preciso de encontrar a pessoa. É só isso. O Josh pode ajudar-me ou não? Eu pago-lhe.

Lá voltou a minha pila a fazer uma tenda nos meus calções assim que ela disse o meu nome.

– Podes guardar o teu dinheiro – disse o Tyler. – Tenho a certeza de que o fará de borla.

Quase que derrubei a merda da secretária. Ótimo. Agora não tinha maneira de não ajudar a Aly. Pelo menos não sem parecer um cabrão monumental e fazer o Tyler questionar-se sobre o porquê da minha recusa. Ia parecer suspeito como o caralho eu dizer que não.

A Aly soltou um suspiro.

– Obrigada. Qual é a melhor altura para passar por aí.

Passar por aí? Passar por aqui?

Virei a cabeça para a esquerda, em direção ao sofá característico ao longo da parede que aparecia com frequência nos meus vídeos, depois para a minha cama e para a estúpida cabeceira personalizada que tinha de ter encomendado, porque claro que não podia ir ao IKEA como toda a gente na porra deste planeta. Não, eu tinha de ser especial. Único.

A Aly era inteligente. Já devia ter descoberto que eu morava por perto. Assim que ela entrasse no meu quarto, estava fodido.

– Depois do trabalho falo com ele e digo-te – disse o Tyler.

– Certo. Obrigada.

Desligaram o telefone e comecei a andar de um lado para o outro, sentindo-me como um animal enjaulado. Não era preciso entrar em pânico. Ia-se tudo resolver. Para começar, a Aly não podia entrar aqui. Isso era óbvio. Nem podia ver as minhas mãos e braços. As minhas tatuagens eram tão particulares como as minhas escolhas de mobiliário, e chegavam-me até aos nós dos dedos. Felizmente, tinha um par de luvas sem dedos. Calçá-las-ia antes de ela chegar e, se me perguntasse porque as estava a usar, dir-lhe-ia que tinha frio.

Acalmei o meu andar nervoso e peguei no telemóvel para começar a planear tudo o que teria de fazer para evitar ser reconhecido.

Teria de baixar o termóstato para que ela acreditasse na mentira do frio. Mudar o meu computador para a sala de estar e trabalhar a partir dali, evitando a minha secretária. E, se quisesse fingir que me estava a localizar a mim mesmo, ia ter de trocar o pai do Utah que tinha incriminado por alguém que estivesse a uma distância mais curta.

Os meus dedos voaram para o telemóvel enquanto fazia uma lista na aplicação de notas. Era um mestre em organização.

Depois de ver tudo escrito, senti-me um pouco melhor. Não era uma catástrofe e até havia um lado positivo. Ia finalmente ter uma desculpa para passar algum tempo com a Aly, aprender mais sobre ela e compreender o que pensava sobre a situação para a qual a tinha arrastado.

Quando acabei, enfiei o telemóvel no bolso, ainda nervoso. Tinha de sair dali e desanuviar a cabeça.

Olhei para o meu computador e vi que o monitor de som ligado ao portátil da Aly ainda estava a medir ruído, por isso ela não o tinha desligado. Transferi o sinal para o meu *tablet*, peguei nele, nas chaves e na carteira, vesti umas calças de fato de treino, um casaco e saí.

Liguei o *tablet* aos altifalantes do meu carro por *bluetooth* enquanto o motor ganhava vida e o aquecimento ligava, escutando a Aly movendo-se pela casa. Pus o telemóvel no suporte do *tablier* e abri o *feed* da câmara oculta, para o caso de ela entrar no quarto.

Unidade móvel de perseguição: ativada.

Senti-me orgulhoso durante um segundo, antes de me aperceber de que isto me devia fazer parecer um nojento. Apesar de saber que me devia sentir culpado pelo que estava a fazer, não sentia. Só conseguia conjurar uma pontada de arrependimento, mas não era isso que me fazia querer parar. Por esta altura, só a polícia ou a Aly a mandar-me à merda seriam suficientes para acabar com este comportamento.

Esperava eu.

Vinte minutos depois, passava pela segunda vez ao lado da casa da Aly, a gargalhar sozinho, enquanto ela *spammava* as minhas MP. O primeiro presente tinha chegado, e ela não estava a achar piada.

Flores?, perguntou. *Compraste-me flores depois de invadires a minha casa, foda-se?*

Além disso, que raio hei de eu fazer com a loja de flores inteira?

Estes estafetas estão a dizer que é contra a política da loja aceitarem-nas de volta, uma vez que já foram pagas.

Se isto era suposto ser um pedido de desculpa, falhaste.

Estou mais zangada contigo agora do que estava ontem à noite.

Esta última afirmação despertou o meu interesse. Estava mais irritada com flores do que com uma invasão domiciliária? Sim, a Aly era completamente passada, e provavelmente nem se apercebeu do quanto os seus comentários o revelaram, porque ainda estava a tentar convencer-se de que não queria nada isto.

Queria dizer-lhe qualquer coisa, mas deixei de responder, porque podia parecer uma admissão de culpa.

– Não tenho mais nenhum sítio para as pôr – vociferou a Aly, suficientemente alto para que tanto o microfone do seu portátil como o da câmara do seu quarto o captassem.

A resposta do estafeta foi abafada.

– Não, eu sei que o problema não é seu, mas por favor – disse ela.

O meu divertimento desvaneceu-se. Estaria ele a ser mal-educado?

Continua a conduzir, estúpido, disse a mim mesmo. Não podia encostar o carro e dar-lhe uma lição de educação. Ia estragar tudo. Mas talvez pudesse descobrir quem era o tipo e encontrar uma maneira digital de lhe mostrar o erro que cometera.

– Tenho uma ideia – disse a Aly. – Levem-nas para o posto de enfermagem do Prescott Memorial.

A resposta foi novamente abafada.

– Cinquenta dólares para dez minutos de viagem? – disse ela. – Está a falar a sério?

Fiz uma careta. Bem, isto estava a dar merda.

Um suspiro pesado soou nos altifalantes quando estacionei a uma rua de distância.

– Deixe-me ir buscar a minha carteira – ouvi-a dizer.

Tirei o telemóvel do apoio mesmo a tempo de a ver entrar no quarto, com um ar irritado. O *Fred* estava enrolado no edredão, sem se importar com o barulho.

A Aly tirou a carteira da mala e parou por tempo suficiente para coçar o *Fred* entre as orelhas.

– Espero que tenhas mordido o Homem Sem Rosto.

O *Fred* ronronou em resposta. Optei por interpretar isto como uma defesa do meu carácter. Não era suposto os animais de estimação terem um sexto sentido e conseguirem distinguir as pessoas boas das más? Nem se tinha assanhado comigo. Aliás, não me deixou em paz enquanto lá estive, e acabei por ter de o expulsar do quarto da Aly para poder filmar em paz. Agarrei-me a isso como um sinal de que não estava tão mal como pensava, e que um pouco de perseguição ligeira, *OK*, pesada, não era o suficiente para me condenar.

A Aly pagou ao estafeta e fechou a porta da frente com força suficiente para que os meus altifalantes emitissem ruído.

Ótimo, escreveu um minuto depois. *Além de ser parva e exagerada, a tua prenda acabou de me custar 50 dólares.*

Deslizei no meu lugar, a desejar poder pedir desculpa, mas sabia que não o devia fazer. Ah, esperem. A Aly não tinha uma aplicação de pagamento? Entrei numa das minhas contas anónimas no *tablet* e encontrei-a na aplicação, enviando-lhe 50 dólares por meio do mesmo cartão de crédito roubado que tinha usado para comprar as flores.

A sério?, perguntou. *Achas que compensa todo este incómodo?*

Bati com os dedos no *tablier*, frustrado com a minha incapacidade de comunicar com ela. Estive para trazer o telemóvel descartável, mas deixei-o ficar, dizendo a mim próprio que era demasiado cedo para lhe mandar uma mensagem.

Um *som* alto saiu dos meus auriculares. A campainha da porta? Abri a aplicação de localização e, de facto, os meus outros presentes tinham acabado de chegar.

Ouvi uma porta a abrir-se e depois:

– Posso ajudar?

– Estou aqui para entregar uma encomenda a Alyssa Cappellucci? – disse um homem, que lhe confundiu o apelido.

Não se deu ao trabalho de o corrigir.

– Sou eu.

– Assine aqui.

– Mas eu não encomendei nada.

– Então, está a recusar a entrega?

– Hum… não? – respondeu.

– Então, por favor, assine aqui.

– Quem é que a enviou?

– Não faço ideia – foi a resposta. – Não recebemos essa informação. Quer a encomenda ou não?

– Está bem, sim.

Fez-se silêncio durante um minuto, e presumi que estava a assinar.

– Aqui tem – disse o homem. – Tenha um bom dia.

A porta da frente voltou a fechar-se e ouvi mais sons abafados. O meu telemóvel tocou um segundo depois.

Enviaste-me alguma coisa?

Várias coisas, mas ela iria descobrir isso em breve.

É bom que não seja uma bomba ou vou voltar como um poltergeist *e arranjar maneira fantasmagórica de te matar*.

Sorri. A Aly era tão sarcástica como os seus comentários sedentos a faziam parecer, e eu estava aqui para isso.

De repente, ao entrar no quarto apareceu no ecrã do meu telemóvel. Foi ter com o *Fred*, pegou nele e pô-lo na casa de banho.

– Desculpa, amigo – pediu. – Mas tens de ficar aqui. A mãe está prestes a fazer uma coisa estúpida, e não quero que te magoes caso corra mal.

Fechou a porta apesar dos miados de protesto e saiu do quarto.

Tentei evocar alguns remorsos enquanto me inclinava para a frente no lugar e a ouvia abrir as encomendas, mas estava demasiado excitado. Além disso, sabia que não era uma bomba. Obviamente.

– Mas que… – exclamou. – O que é isto? Oh, só podes estar a brincar comigo, foda-se.

O meu telemóvel tocou e abri imediatamente as mensagens dela.

Enviaste-me ferramentas de proteção doméstica?

Depois de invadires a minha casa?

Estás a falar a sério?

Queria dizer-lhe para continuar. Além das cunhas à prova de roubo com alarmes incorporados que podiam ser enfiadas por baixo das portas, tinha-lhe comprado barras de titânio que protegiam os puxadores muito melhor do que uma cadeira, fechaduras extras que não podiam ser manipuladas com ímanes e um sistema de segurança completo com câmaras para as portas da frente e de trás.

Por último, porque uma pequena parte de mim acreditava em justiça e queria equilibrar o jogo, comprei-lhe uma câmara de alta tecnologia, com

um detetor. Observá-la tinha sido divertido e estava a satisfazer o fetiche de vigilância que nem sabia que tinha, mas seria ainda mais divertido se a Aly decidisse que queria ser observada.

Ouvi mais barulho e depois: «Este filho da puta.»

Porque é que me compraste estas coisas?, exigiu. *Para te dificultar a vida da próxima vez que tentares arrombar a porta?*

És um tarado de merda que gosta de desafios?

Além disso, poupaste-me o trabalho de ter de as comprar para mim mais tarde, como planeado, mas se estás à espera de um agradecimento, estás com azar, amigo.

Passou um minuto de silêncio.

– Responde-me, porra! – A voz dela ecoou no meu carro.

Sei que estás a ler estas mensagens, seu cabrão. Estou a ver os sinais de que as recebeste.

Antes que me conseguisse conter, enviei-lhe um *emoji* com uma cara de beijinho. Um dia, aprenderia a deixar de me armar em esperto, mas hoje não. O rugido que saiu dos meus altifalantes em resposta foi adorável.

– Muito bem – disse ela. – Mudei de ideias. Vou chamar a polícia.

Não, respondi, como fizera antes.

Isto não podia ser relacionado com nada que ela já tivesse escrito e, se alguma vez acabássemos em tribunal, seria a palavra dela contra a minha de que esta resposta era a algo que ela tinha dito. Esperava mesmo que não chegasse a esse ponto. Estava a divertir-me demasiado com ela.

– Mas que merda é esta? – disse. – Consegues ouvir-me? Como é que eu desativo o microfone de um portátil?

Bem, eu é que não te vou dizer, respondi.

– Espero que te estejas a divertir, seu filho da puta – rosnou.

Muitíssimo, respondi, acrescentando um *emoji* de cara sorridente para variar.

– Vou encontrar-te e fazer com que te arrependas disto.

Soa-me kinky.

Uma gargalhada estrangulada passou pelos meus altifalantes, e o sorriso que me rasgou a cara em resposta parecia ser maléfico. Apanhei-a. Também estava a gostar disto. Agora, só precisava de continuar a descascar as camadas até encontrar aquela que a desvendasse o suficiente para que

deixasse de lutar contra a sua natureza e se juntasse a mim na descida às trevas.

– Não interpretes mal o som que acabou de sair da minha boca – disse. – Foi apenas um riso histérico. Provocado pelo *stress* e uma raiva assassina.

Sexy, respondi.

Ela engasgou-se com outra gargalhada.

– Porra. Acabou-se. Vou desligar o meu computador.

Enviei um *emoji* com cara de choro.

– Não tens graça – disse.

Então porque é que te estás a rir?

— *Não* me estou a rir. De todo.

Abri a minha aplicação de fotografias, verifiquei duas vezes se o fundo do vídeo de que precisava estava suficientemente desfocado para que o quarto dela não fosse identificável e enviei-lhe um excerto da noite passada, só para a manter na conversa.

Ficou calada enquanto me via em tronco nu a tentar filmar-me no espelho, para ser interrompido pelo *Fred* a saltar de repente para a cama e começar a miar a plenos pulmões e a esfregar-se na minha mão por não ser suficientemente rápido a fazer-lhe festas.

Isto era um risco enorme. A sala podia estar desfocada, mas a minha imagem ao lado de um gato preto e branco podia ser mais difícil de justificar. Por esta altura, todo eu era instinto. A Aly ainda não me tinha denunciado e, se o meu instinto estivesse certo, havia uma boa hipótese de nunca o vir a fazer.

– Não – disse a Aly. – Não é possível. O que é que fizeste? Cobriste-te com erva-dos-gatos? Ele odeia homens.

Porque é que essa pequena informação me fez sentir tão especial?

Ele só tem um gosto exigente, respondi.

Enviei-lhe outro vídeo do *Fred* a seguir-me, antes de saltar para os meus dedos pendentes, batendo-lhes sem usar as garras, e depois sair do ecrã, em que miou como se quisesse que eu continuasse a brincar com ele.

A Aly riu-se, mas ficou abafada depois de um som de palmas, como se tivesse posto uma mão sobre a boca.

– Isto não significa nada – disse ela. – Os gatos são sociopatas por natureza. O *Fred* simplesmente reconheceu um semelhante.

Se eu sou o gato, o que é que isso faz de ti?, perguntei. *O rato?*

– Sou um lobo, caralho – disse a Aly, e depois o computador foi abaixo quando o desligou da corrente.

Porra. Bem, pelo menos ainda tinha a câmara do quarto dela por mais uns minutos. Bloqueei o *tablet* e mudei o telemóvel para o *bluetooth* para a ouvir melhor nos altifalantes.

– Que raio de coisa é esta?

O meu telemóvel começou a tocar compassadamente.

UM LOCALIZADOR DE CÂMARAS???? NÃO.

MEU.

NÃO.

É BOM QUE NÃO O TENHAS FEITO.

Dirigiu-se diretamente para o quarto empunhando o aparelho que apontava em várias direções.

Bem, lá se vai a minha última forma de a monitorizar em casa dela, pensei. Demorou menos de um minuto a encontrar a câmara que eu tinha instalado e, quando a encontrou, ficou parada à frente dela, a olhar durante tanto tempo que comecei a ficar nervoso.

Já não aguentava mais, peguei no telemóvel.

Diz qualquer coisa, escrevi.

Ela olhou para o ecrã do telemóvel e depois para a câmara.

– Na noite passada, depois de me teres enviado aquele vídeo. Tu…

Fechou a boca como se não conseguisse terminar a frase.

Aly, não, disse, a sentir-me desesperado. Queria que ela tivesse medo de mim, mas não assim. *Parei.*

– Não acredito em ti – disse ela, tão baixo que mal a ouvi.

Porra, estava a começar a perdê-la, não estava?

E não tens qualquer razão para isso, escrevi. *Mas garanto-te que parei.*

– Tens estado a ver-me mudar de roupa, dormir e…

Não. A minha bússola moral pode não apontar para norte, mas não está assim tão fodida.

– Porque deveria acreditar em ti?

Suspirei. Queria convencê-la, mas sabia que não era a atitude certa. Tanto quanto ela sabia, eu era um estranho na Internet.

Não devias, Aly.

Ela soltou um som baixo de frustração e abanou negativamente a cabeça.

– Foda-se.

Enquanto observava, ela arrancou a câmara da tomada e, embora soubesse que ia acontecer, não estava preparado para a sensação de perda que me atravessou.

Não te quero magoar, disse-lhe, embora soubesse que me poderia arrepender quando tudo isto corresse mal e ela me denunciasse.

Não acabaste de insinuar que seria uma idiota se acreditasse em ti?, respondeu. Suponho que sim.

A sua notificação *online* foi interrompida quando saiu da aplicação.

Estava tudo bem. Já esperava que a Aly ficasse chateada com a câmara durante algum tempo. Estava no seu direito.

Porém, se tudo corresse como planeado, ia provar que não tinha intenção de a magoar e que ela podia confiar em mim.

7

Aly

Preciso de parar de olhar para o meu telemóvel, pensei enquanto abria a porta da sala de descanso.

Sempre que tinha cinco segundos, apressava-me a lançar-lhe uma olhadela. Tinha instalado o meu novo sistema de segurança no dia anterior: pus os pequenos sensores em todas as janelas e configurei as câmaras da entrada. Também vinha com câmaras interiores, mas nem pensar que as ia instalar, tendo em conta que o Homem Sem Rosto as podia usar para continuar a espiar-me.

O cabrão.

Nem acreditava que tinha posto uma câmara no meu quarto. Ter invadido a minha casa já era mau o suficiente e, embora não devesse, estava a meio caminho de o perdoar por isso. No final de contas, fui eu que lhe pedi para o fazer. Mas vigiar-me sem o meu consentimento ultrapassava todos os limites e, mesmo depois de tudo o que ele fizera, seria uma tonta se acreditasse na treta do «Aly, eu parei», ainda que sentisse o meu instinto dizer-me que podia confiar nele.

Que tipo de perseguidor tinha essa fortitude? Como é que era *essa* a sua fronteira? Talvez fizesse de mim uma má pessoa, mas se invertêssemos os nossos papéis e eu tivesse tido a oportunidade de o ver a masturbar-se, não teria parado. Teria enfiado a mão nas cuecas e juntava-me à diversão.

Tinha duas notificações à espera no sistema de segurança quando tirei o telemóvel do cacifo. Uma delas mostrava um guaxinim gordinho a passar pela porta das traseiras, e guardei-a nas minhas fotografias para a rever mais tarde, porque, apesar de saber que eram animais selvagens e portadores de raiva, sempre que via um panda do lixo, apetecia-me pegar nele e amassá-lo.

O segundo vídeo era do Steve, o meu vizinho estranho do fundo da rua, que corria às tantas da noite, mesmo no inverno. Era um ultramaratonista que competia nos ambientes mais extremos do planeta, e, de acordo com ele, quanto mais duras as condições, melhor. Sabia demasiado sobre o homem, porque também era muito falador. Tinha-me encurralado na última festa de bairro, durante uns bons vinte minutos, para me falar acerca de como as ultramaratonas eram mais sobre ter força mental do que física, e como costumava treinar. Evitava-o desde então. A sua intensidade era enervante.

E era só. Apenas dois vídeos. Nas últimas seis horas, tinha visto pouco mais de uma dúzia, todos de carros que estavam de passagem. Precisava de encontrar uma forma de reduzir a sensibilidade da câmara ou não me livrava do *spam* de notificações ao longo do dia, enquanto os meus vizinhos seguiam a vida deles.

Estava sempre à espera de entrar na sala de descanso e ver o Homem Sem Rosto mascarado em toda a sua glória, a tentar entrar na minha casa enquanto eu estava a trabalhar, mas não havia sinal dele. O mais perturbador era não saber se estava mais aliviada ou desiludida. Por um lado, um estranho tinha entrado na minha casa e tinha-me filmado; por outro, estava a concretizar a fantasia sombria que andava a assombrar o meu eu acordado e o meu eu adormecido durante os últimos três meses.

A maior razão pela qual eu queria tanto acreditar nele quando me dizia que não me queria magoar era o potencial de poder concretizar o fetiche da máscara. Quantas vezes sonhei em pôr aquele corpo musculado à prova? Queria os dedos dele à volta do meu pescoço enquanto me fodia, para que pudesse olhar para as veias que lhe saltavam dos antebraços enquanto me segurava no lugar. Queria-o atrás de mim, com as minhas mãos agarradas à cabeceira da cama, enquanto ele me encostava uma faca à garganta e me dizia para não me mexer.

Bolas, tinha de parar de ficar tão excitada no trabalho. O meu olhar voltou a concentrar-se na direção do telemóvel.

Não o faças, disse a mim mesma, com o dedo a pairar sobre a aplicação. Era sábado à noite, o que significava que havia um novo vídeo do Homem Sem Rosto. Era para lá de pontual, e duvidava de que perseguir-me fosse interferir com a sua agenda de publicações. Até agora tinha conseguido aguentar, mas a minha força de vontade estava a falhar.

– És uma mulher fraca, fraca – afirmei, enquanto abria a aplicação e entrava no seu perfil.

Claro que havia um novo vídeo.

– Não tens de o ver – disse a mim própria.

Mas o meu polegar já se mexia por vontade própria e, uma batida de coração depois, uma melodia baixa e inebriante veio dos altifalantes do telemóvel. O Homem Sem Rosto estava de volta a um dos seus locais habituais de filmagem, e soltei um profundo suspiro de alívio por não ser o meu quarto. Estava deitado no seu sofá, vestido com uma camisola *Henley* preta com as mangas até aos cotovelos, revelando as tatuagens e os antebraços com veias que me deixavam fixada. Como de costume, segurava uma faca, brincava com ela enquanto olhava para o teto, ao mesmo tempo que uma voz masculina torturada cantava sobre ter o coração partido.

A cena mudou, mostrava-o sentado na cama, encostado a uma pesada cabeceira que parecia ter sido feita para aguentar uns bons abanões. Era feita para sexo vigoroso e atlético, e até tinha o que parecia serem buracos especificamente concebidos para amarrar pessoas. Já estava sem camisola, o corpo grande encostado às almofadas, a cabeça virada para o lado como se estivesse a olhar para o espaço.

A cena mudou outra vez, para um local que nunca tinha visto. Estava em frente a uma grande janela, ainda sem camisola, com os braços levantados para cima enquanto se encostava à parte superior da janela. Fiz uma pausa para o observar. O corpo dele era uma obra-prima. O privilégio de ser bonito era real, porque olhar para ele fazia-me querer perdoar-lhe todo o tipo de pecados.

Até que olhei para baixo e reparei que tinha adicionado uma legenda pela primeira vez. Dizia: *Quando ela está zangada contigo.*

Oh, porra. Era bom que este filho da puta não estivesse a falar de mim.

Carreguei em «unpause» e o vídeo durou mais alguns segundos antes de voltar ao início. Os meus olhos estreitaram-se enquanto ouvi a letra cheia de arrependimento e remorso por ações passadas. Seria esta a sua forma de pedir desculpa? Ia ter de fazer muito melhor do que isto.

Dei uma vista de olhos aos comentários. As pessoas estavam a perder a cabeça.

Quem é que te magoou assim?

Dá-me um nome e uma morada, e eu trato disso.

Não. Recuso-me a acreditar que alguém possa estar zangado com ele.

Senhoras, cavalgamos ao amanhecer.

Quando digo que perdoaria este homem por literalmente qualquer coisa.

– Ah, ah – disse, sem humor. – Dizes isso agora, mas espera só até ele me matar e vir atrás de ti a seguir.

Levantei a cabeça, aliviada por ver que ainda estava sozinha. Precisava mesmo de parar de falar tanto comigo.

Baixei o olhar e li mais alguns comentários a defender a sua honra inexistente antes de a minha raiva se apoderar de mim e escrever: *Quando ela tem boas razões para estar zangada contigo, querias tu dizer?*

Ainda mal tinha carregado no «enter» quando o meu telemóvel tocou. Ele já tinha visto e gostado do meu comentário. Oh, porra. Ele nunca gostava de comentários. Será que as pessoas iam reparar?

Apareceu outra notificação. *O utilizador the.faceless.man começou a seguir-te.*

Quase deixei cair o telemóvel. Não, ele não acabou de fazer isto.

Outro toque. Alguém, que não ele, tinha respondido ao meu comentário.

HUM, SENHORA, ELE GOSTOU DO SEU COMENTÁRIO????

Outra pessoa escreveu: *OMG, ELA É A ÚNICA PESSOA QUE ELE SEGUE.*

Afastei-me do telemóvel quando as respostas começaram a chegar. Oh-oh. O que é que eu tinha feito? E o que é que ele tinha acabado de fazer ao escolher-me?

O meu telemóvel começou a tocar tão depressa que parecia o início de uma música EDM.

Perdoa-lhe, seu monstro.

Como é que ele é na vida real?

Andas a sair com ele???

Então é isto a raiva ciumenta.

Qual é a sensação de ser a mulher mais odiada da Internet neste momento? Se não o quiseres, eu fico com ele.

Saí rapidamente da aplicação e silenciei todas as notificações. Não. Não ia lidar com esta merda agora. Ainda tinha a segunda metade do meu turno para fazer e esta noite já era má o suficiente por termos uma vítima de violação e o agressor, depois de ter sido apanhado em flagrante. A família

da mulher descobriu que ele estava aqui, e estávamos a fazer de tudo para os impedir de o matarem.

Não que eu os pudesse censurar.

Ainda bem que não fui eu a enfermeira da mulher, porque, apesar de toda a minha formação e dos acordos de ética que tinha assinado, sentir-me-ia tentada a dar ao marido dela o número do quarto do homem. Somente a ideia de ir parar à prisão me impedia de o fazer, mas tinha aprendido tantas coisas novas sobre mim, nas últimas vinte e quatro horas, que me questionei sobre isso ser justificação suficiente.

Seria eu mais parecida ao Homem Sem Rosto do que pensava? Entre contemplar escolher a via de fazer justiça pelas próprias mãos, sendo cúmplice de um homicídio, e não denunciar o meu recém-descoberto perseguidor à polícia, eu estava a enveredar por um caminho sombrio. Talvez fosse altura de tirar umas semanas de férias e desanuviar. Não tinha tirado nem um dia em… dois anos? Não, não podia ser verdade.

Franzi o sobrolho, a pensar no passado. Que merda, era mesmo verdade. A última vez que faltei a um turno foi graças a uma intoxicação alimentar causada por uma charcutaria local que, perante grande surpresa, acabou por fechar.

Dois malditos anos de enfermagem sem férias. Caramba. Sim, precisava de o corrigir. Não admirava que andasse tão confusa ultimamente.

Bem, também foi, em parte, graças ao Homem Sem Rosto. Estaria ele a observar-me agora pelas câmaras de segurança do hospital? Provavelmente, não, mas só para o caso de estar, mostrei o dedo do meio para a câmara no canto da sala.

O meu telemóvel tocou com uma mensagem de texto.

Quando o virei, vi um número desconhecido e uma única palavra: *Malcriada.*

Quase me engasguei. Ele tinha entrado nas câmaras do hospital. Quão bom tinha de ser alguém para fazer isso? Quão obcecado tinha de ser alguém para ir tão longe?

E porque é que, foda-se, isso me fazia sentir especial em vez de assustada?

Não devia ter respondido. Não devia mesmo, mas não consegui parar de escrever: *Estás a ver-me agora?*

Taaaalvez, disse, seguido de um *emoji* a piscar o olho.

Cerrei os dentes, tentando ignorar o facto de que, até agora, ele parecia mais fofo do que assustador para um perseguidor.

Estás a infringir tantas leis, respondi.

E nem sequer sabes metade do que ando a fazer.

Ouve, tu, ugh, nem sei o que te chamar!

Que tal boo?, escreveu de volta. *Sabes, por causa do…* Seguiram-se três pequenos *emojis* de fantasmas que representavam a sua máscara. Raios, eu não ia sorrir agora. Não quando ele me podia ver a fazê-lo. Já era suficientemente mau que me tivesse feito rir ontem. Maldito seja o meu pai por me ter passado o seu sentido de humor negro. A vontade de rir apoderava-se sempre de mim nos piores momentos.

NÃO te vou chamar boo, disse. *Vou ficar-me por «idiota», obrigada. E não tens nada melhor para fazer do que espiar-me no trabalho?*

Nem por isso, disse ele. *Esta semana* as *insónias estão a dar cabo de mim.*

Pestanejei, sentindo-me mal por ele durante um segundo antes de me controlar.

Merecia ter insónias pelo seu comportamento.

Vi o teu comentário no meu vídeo, acrescentou. *Parece que toda a gente também o viu. És muito popular neste momento.* Acrescentou um *emoji* a rir para, presumo, me provocar.

Voltei a aceder à aplicação e fiquei com receio. Até agora, havia mais de uma centena de respostas, e as pessoas andavam à procura de sangue.

A culpa é tua, disse-lhe.

Foste tu que deixaste o comentário, Aly.

Ah, não. Não metas isso em cima de mim. Fiz uma má escolha ao deixá-lo, mas teria passado despercebida sem a tua interferência. Sabias muito bem o que aconteceria ao gostares e ao seguires-me.

Não me arrependo de te ter reclamado publicamente.

Reclamar-me?

Oh, meu Deus. Não, vulva, não tremas com isto. Raios partam. Vocês também não, ovários.

Consciente de que continuava a ser observada, fiquei completamente imóvel e lutei contra a vontade de me contorcer. A declaração dele era estranhamente tranquilizadora. Aqui estava um registo digital que me ligava a ele, por isso, se acabasse por me assassinar, haveria cem mil testemunhas

online que podiam apontar para ele e dizer: «Foi o namorado.» Podia não ser mesmo o meu namorado, mas ninguém sabia disso. Para todos os efeitos, ele tinha acabado de insinuar que era.

Era esta a sua forma de me mostrar que não representava uma ameaça?

Abanei a cabeça. Não, não ia amolecer com isto. Ele tinha-me filmado. Estava a observar-me agora. Podia ter mentido sobre o quanto viu de mim na outra noite. Porra, ele podia ter-me gravado. Já podia haver um vídeo de mim a foder-me com um vibrador num *site* de pornografia de vingança.

Não conhecia este homem e seria uma idiota em confiar nele.

Continuo a não te perdoar, disse.

Ainda não te estou a pedir isso, respondeu. Quereria dizer que o faria mais tarde? Levantei a cabeça e olhei para a câmara, os meus pensamentos agitavam-se como uma maré furiosa. Precisava de acabar com isto. Dizer-lhe para se ir foder.

Então porque é que não o conseguia fazer? Será que alguma parte de mim estava a gostar disto?

O meu tormento deve ter transparecido na minha expressão porque me enviou a seguinte mensagem: *Diz-me para parar, Aly, e eu paro*.

Os meus polegares passaram sobre o ecrã. Precisava de fazer isto. Era a coisa mais saudável. A coisa certa. Claro, a ideia de um homem invadir a minha casa para me foder era uma fantasia apelativa, mas era apenas uma fantasia. A vida real tinha-me mostrado que só havia uma conclusão lógica para esta loucura, e essa era a minha eventual agressão ou assassinato.

Consegui escrever a letra P antes de o meu *pager* tocar. Olhei para baixo e todos os pensamentos sobre o Homem Sem Rosto varreram-se da minha mente.

As ambulâncias estavam a chegar com várias vítimas baleadas. Tinha havido um tiroteio em massa num clube noturno.

Atirei o telemóvel para o cacifo, fechei-o e corri para o corredor.

A Brinley saiu da porta da casa de banho quando passei por ela e quase colidimos. Abrandei o suficiente para a segurar antes de arrancarmos juntas em direção à zona das ambulâncias.

– À vossa esquerda! – gritou a Tanya, passando a correr por nós.

– Oh, meu Deus, ela é rápida – sibilou a Brinley enquanto arrastávamos o rabo atrás dela.

– Ela é uma rainha do cardio – disse-lhe. – Faz três maratonas por ano.

– Quão mau é que isto vai ser? – perguntou a Brinley.

Olhei para ela de lado.

– A verdade? – Ela acenou positivamente com a cabeça. – Não podia ser pior – disse.

***

Vinte horas depois, saí a cambalear do hospital. Quase toda a equipa de enfermagem foi chamada para ajudar no tiroteio, e muitos dos meus colegas de trabalho apareceram antes mesmo de lhes conseguirmos ligar. Sempre que uma tragédia acontecia, sabíamos que tínhamos de vir para aqui.

Só havíamos recebido uma fração das vítimas. As restantes tinham ido parar a outros serviços de urgência e unidades espalhadas por toda a cidade. Seis pessoas estavam mortas, outras quinze tinham sido baleadas e mais vinte ficaram feridas durante a debandada do clube.

De acordo com um dos polícias que estavam a recolher depoimentos, o atirador tinha sido morto por uma heroica empregada de bar. Apareceu por detrás do bar pouco depois de ele abrir fogo, bateu-lhe com um taco de basebol e continuou a bater-lhe até a sua cabeça parecer polpa de abóbora.

Ela tinha salvado muitas vidas, mas havia pelo menos três pessoas que ainda podiam sucumbir aos ferimentos. Infelizmente, este nem sequer era o pior tiroteio em massa que já tinha visto. No ano passado, um homem tinha ido ao local de trabalho da ex-mulher, matando oito pessoas e ferindo muitas outras antes de ser abatido por um atirador da SWAT.

Consegui dormir uma ou duas horas aqui e ali entre a correria de um quarto para o outro, mas não o suficiente para lutar contra estar acordada há quase quarenta. Era por isto que deixava o *Fred* com tanta água e comida. O veterinário estava sempre a dizer-me para não lhe deixar muita comida, que estava a começar a ficar gordo, mas preferia que o *Fred* tivesse excesso de peso do que passasse fome sempre que ficava presa no trabalho desta maneira.

Apanhei o elevador para o terceiro andar do parque de estacionamento, apertando o meu pesado casaco de inverno quando as portas se abriram e uma rajada de vento ártico entrou. Um olhar para a minha direita fez-me

parar. Mais uma vez caíam flocos grandes e fofos que o vento soprava para os lados. Ótimo. Espero que as estradas não estejam muito más.

Senti-me tentada a dar meia-volta e ir dormir para um dos beliches dos trabalhadores de turnos longos, mas se o fizesse, provavelmente só teria mais uma ou duas horas antes de alguém me acordar a pedir ajuda. Dizer não nessas situações era um problema para mim, e conhecia-me suficientemente bem para saber que precisava de ir para casa para evitar a autossabotagem, mesmo que isso significasse apanhar um táxi ou algo do género.

Só precisava de tirar algumas coisas do meu carro primeiro, e depois voltava para dentro e pedia um Uber. Era estúpido pensar que podia conduzir. A última coisa de que alguém precisava era que eu adormecesse ao volante e causasse outra emergência.

Afastei o olhar da neve e dirigi-me para a esquina do parque de estacionamento onde tinha deixado o carro.

Estava a funcionar quando lá cheguei.

Parei a cinco metros de distância, confusa. Não tinha um motor de arranque automático que pudesse explicar isto. Estaria tão cansada que estava a alucinar? Olhei em volta, à procura de alguém para poder perguntar se estava a ver o mesmo que eu, mas não havia ninguém. Eram três da manhã e este piso era o parque dos empregados. Toda a gente estava no hospital, a tentar salvar vidas.

Pestanejei várias vezes numa sucessão rápida. Não. Não estava a alucinar. O raio do meu carro estava a trabalhar. Não o podia ter deixado ligado, as chaves estavam na minha mala. Por isso, o que raio estava a acontecer?

O meu cérebro grogue começou finalmente a acordar. Terá sido isto, de alguma forma, obra *dele*?

Peguei no gás-pimenta e caminhei paralelamente ao carro, a olhar em volta à procura de alguém que estivesse à espera de me emboscar. A garagem estava bem iluminada e não via ninguém, mas não queria correr riscos. Mantive o dedo no botão do *spray* até ver o lado do condutor e, surpresa, estava lá alguém sentado. Uma pessoa grande, escondendo o rosto com um capuz.

Não. Foda-se, nem pensar.

Sem aviso, virou-se e eu saltei para trás, batendo no carro atrás de mim. O Homem Sem Rosto fitava-me pela minha janela.

Bem, agora estava bem acordada. E não estava com disposição para estas merdas. O descaramento deste homem para fazer uma proeza destas depois da noite e do dia e da noite que eu tinha tido.

Levantou uma mão e acenou, depois levantou um dedo como se estivesse a pedir-me para esperar antes de desaparecer, e olhou para baixo. O meu telemóvel apitou na minha mala. Mantive os olhos fixos nele enquanto o procurava.

Demorei muito tempo a ler a sua mensagem, porque estava sempre a olhar para o telemóvel e a voltar a olhar para cima com a mesma rapidez para analisar o que me rodeava. Não confiava que não tivesse um cúmplice algures por perto, à espera de que me distraísse para me apanhar desprevenida.

Pensei em dar-te boleia até casa. O tempo está uma merda e deves estar exausta. Não devias conduzir agora.

Olhei-o fixamente e rodei um dedo, indicando-lhe que devia baixar o vidro.

Virou-se para voltar a escrever.

Não mandes gás-pimenta.

– Não estás em posição de me dares ordens – gritei. Ele abriu um pouco a minha janela para me ouvir melhor. – Há vinte polícias dentro do hospital neste momento, e conheço a maior parte deles pelo primeiro nome. Um telefonema e estás fodido.

Virou-se e começou a escrever.

– A sério? – disse. – Não vais falar comigo?

Abanou negativamente a cabeça e continuou.

Eu devia conhecê-lo suficientemente bem para lhe reconhecer a voz, se estava a ir tão longe a ponto de não falar. Quem seria ele? Um dos polícias com quem acabara de o ameaçar? Conseguia lembrar-me de vários que eram mais ou menos do seu tamanho, e isso explicaria a facilidade com que me tinha encontrado se para isso tivesse podido usar equipamento do governo.

Só te quero dar uma boleia, disse. *Vi aquilo por que passaste, vi como estavas de rastos quando começaste a arrumar as tuas coisas, e achei que devia vir.*

Apertei a ponte do meu nariz e pensei em gritar por ajuda.

– Porque pensaste isso?

Não me disseste para parar, Aly.

Deixei cair a minha mão e olhei-o fixamente.

– Porque fui interrompida por uma maldita tragédia.

Diz agora, então, escreveu, depois levantou a cabeça para olhar para mim através daqueles olhos que mais pareciam buracos negros sugando-me a alma.

Abri a boca, mas não saiu nada.

Diz, Aly, pensei. *Diz, porra. Diz-lhe para parar como a pessoa mentalmente saudável e racional que costumavas ser antes de os vídeos dele tomarem conta das tuas redes sociais.*

Tentei forçar as palavras e senti-me como se estivesse a sufocar. Foda-se. Não fui capaz de o fazer. Que raio é que aquilo dizia sobre mim? O que significava? Estava mesmo a gostar disto?

É a exaustão, tentei dizer a mim própria, mas a mentira caiu por terra. A feia verdade era que me sentia tão viva nos últimos dias como já não me sentia há anos. Claro, tinha passado metade desse tempo aterrorizada, mas já tinha chegado ao ponto em que o medo era preferível ao entorpecimento. Até ele ter entrado na minha casa, eu vivia num mundo de cinzentos, tipo robô. Trabalho, ginásio, casa, repetir. Os breves lampejos de sentimento que atravessavam a névoa da minha sensibilidade giravam em torno deste homem e dos seus vídeos.

Deixei o meu olhar percorrer a sua máscara e, embora ele me olhasse a partir de uma fachada de plástico gelada, juro que parecia que os cantos dos seus lábios se tinham inclinado para cima, numa ligeira sugestão de sorriso.

Apontei o meu *spray* para a janela entreaberta.

– Só porque estou estúpida o suficiente para não o poder dizer agora, não significa que vou entrar no carro com o homem que invadiu a minha casa e me filmou sem o meu consentimento.

Esperava que as câmaras do parque de estacionamento estivessem a gravar isto tudo e que ele não tivesse arranjado maneira de as congelar ou de as pôr em *loop*. Se alguém saltasse e conseguisse dominar-me, seria a única prova visual do que tinha acontecido à minha cabeça de abóbora.

Ele enviou-me outra mensagem, mas eu já estava farta deste estilo de comunicação.

Fala! Queria gritar.

O meu telemóvel tocou e eu fiz a mesma dança de há cinco minutos, olhando aceleradamente para cima e para baixo.

Olha para o banco do passageiro, disse. *Vais ter todo o poder.*

– Se alguém estiver à espera para me saltar para cima, mato-vos aos dois – disse-lhe. – Não me estou a sentir muito amigável com os homens esta noite.

Ele acenou com a cabeça como se não esperasse outra coisa e fez-me sinal para continuar.

Cerrei os dentes e contornei cautelosamente o para-choques em direção ao outro lado do carro. Ele deve ter sentido a minha relutância em me aproximar demasiado, porque se inclinou e abriu a porta do passageiro. A minha arma e uma faca com um aspeto terrível estavam uma ao lado da outra no banco. Ele inclinou-se para trás, apontou para elas e depois para mim.

Um arrepio percorreu-me o corpo quando outra rajada de vento gelado e um uivo atravessaram o parque de estacionamento. Podia estar a usar um casaco de inverno, mas as calças da farda eram finas, e estava tão fora de mim quando saí do hospital que nem me lembrei de pôr luvas.

Dei um passo em direção à porta aberta e ao calor que saía dela, à espera de que a bomba rebentasse. Não se movimentou na minha direção, limitou-se a inclinar-se para trás e a levantar lentamente as mãos enluvadas para mostrar que estava desarmado. Atirei-me para a frente e peguei na arma, depois saltei para trás e verifiquei rapidamente se ainda estava carregada. E estava.

O peso dela na minha mão fazia-a parecer um cobertor de segurança. Ele aparentava não ter qualquer arma consigo e, a esta distância, podia facilmente disparar antes que conseguisse alcançar uma. Tinha o poder todo, e sabia-me bem, por uma vez, estar por cima.

Esta era a parte em que devia mandá-lo sair do carro e chamar a polícia, mas estava a começar a perder energia à medida que a minha adrenalina se desvanecia, e estava com tanto frio que os meus dentes rangiam. Não queria apanhar um Uber e, por acréscimo, ter de procurar boleia para o meu próximo turno. Também não queria chamar a polícia. Não havia nenhuma explicação racional para a minha reticência em comprometê-los. Trabalhava

com eles diariamente e sabia que me iam proteger, mas algo me impedia de o fazer.

Talvez por ter conhecido tantos homens maus no meu trabalho. Assassinos, violadores, membros de gangues, traficantes de droga, assaltantes, pedófilos, de tudo. Os meus instintos foram sendo aperfeiçoados ao longo dos anos, e tinha desenvolvido quase um sexto sentido capaz de reconhecer perigo. Neste momento, esses instintos estavam serenos. Só a minha mente me dizia para avisar a polícia. E mais, o *Fred* gostava dele. O *Fred* nunca gostava de ninguém. Ou se assanhava ou fugia e escondia-se. Era assim que agia com qualquer pessoa que aparecesse. O facto de ter brincado com o Homem Sem Rosto continuava a deixar-me embasbacada.

O meu instinto dizia-me para entrar no carro e ver onde isto ia dar. Não era como se fosse ficar indefesa assim que me sentasse no banco do passageiro. Teria uma arma e uma faca, e podia apontar-lhe as duas enquanto ele conduzia. Assim que fizesse uma curva errada ou me tentasse magoar, *bum!* Ser enfermeira significava que sabia exatamente para onde apontar e causar o maior dano possível.

E, Deus me ajude, estava a morrer de curiosidade. A um certo nível, queria ver como isto se ia desenrolar, apesar de as consequências poderem ser potencialmente catastróficas. Mesmo sabendo que nenhuma pessoa racional faria o mesmo.

Pronto. Eu não era racional. Estava na altura de aceitar isso sobre mim. Algures no último ano ou dois, tinha despertado para a escuridão, e agora mergulhava até às suas profundezas. Era uma mulher sedenta de sexo e privada de sono, mais interessada numa foda perversa do que em segurança e conforto.

Era estranhamente libertador admitir isso. Agora que tinha parado de lutar contra mim própria, podia olhar para trás, para os últimos dias, e ver o que tinha tentado ignorar: eu queria isto. Passei a minha vida adulta na solidão. Os homens que conheci em aplicações de encontros ou nas redes sociais não pareciam importar-se quando não aparecia ou me esquecia de lhes enviar mensagens durante semanas a fio. Simplesmente mudavam para outra pessoa, como fizera o Tyler.

Tinha dedicado a vida inteira a cuidar dos outros. Por uma vez, queria que alguém cuidasse de mim. Queria que alguém me quisesse. Não, *que*

precisasse de mim. Queria um homem tão obcecado que pirateasse câmaras para me observar quando não conseguisse dormir. Queria que monitorizasse os meus dados de localização, que me encomendasse um sistema de segurança para que mais ninguém pudesse entrar na minha casa e que ameaçasse matar quem me magoasse.

Não o queria moralmente cinzento. Queria alguém com uma alma tão negra como a noite. Alguém que incendiasse o mundo por minha causa e não perdesse um único minuto de sono por isso.

O Homem Sem Rosto baixou as mãos e convidou-me a entrar.

Inspirei o ar gelado, entrei e fechei a porta atrás de mim, selando o meu destino.

8

Josh

A Aly estava a entrar no carro. Vi-a deslizar para o banco ao meu lado, com a arma apontada para o meu centro, os olhos fixos na minha máscara, enquanto puxava lentamente o cinto de segurança sobre o peito e o apertava.

Estendeu a mão e fechou cegamente a porta atrás de si, tão relutante em desviar o olhar de mim como eu dela, embora por razões diferentes. Soltei a respiração que sabia muito bem estar a suster. Para não a assustar, não queria sequer respirar, quanto mais mexer-me.

Estava uma mulher com um fetiche por máscaras à distância de um braço de mim. Uma mulher que se tinha masturbado recentemente com um dos meus vídeos, e não conseguia tirar da cabeça aquela breve imagem dela a enfiar o vibrador dentro de si.

Era assim que ela gostava? À bruta ? Uma pitada de dor para aumentar o prazer?

Foda-se, eu queria-a. Aqui. Agora. Era tão tentador virar-me e prendê-la no lugar para que pudesse…

Ela encostou o cano da arma ao meu tronco.

– Conduz. E se formos mandados parar pelo caminho, estamos lixados. Entre a tua roupa de filme de terror e as minhas armas, seríamos notícia de primeira página.

Pois. Acerca disso.

Tirei o telemóvel do *tablier*. Gostava de poder falar com ela, mas em breve teria de o fazer como Josh e não podia arriscar que reconhecesse a minha voz. O modulador sofisticado que encomendei seria entregue amanhã, aí podia acabar com esta parvoíce de escrever tudo.

Vou pelas traseiras, escrevi. *Pus as direções no mapa, para saberes que não estou a mentir.*

Mostrei-lhe a mensagem em vez de a enviar.

Ela inclinou a cabeça para o lado e olhou para a borda da minha máscara como se estivesse a pensar em arrancá-la.

– Ou podias mostrar-me quem és e conduzir o meu carro como uma pessoa normal. Eu já sei que nos conhecemos antes e tu, com essa coisa, não deves conseguir ver muito bem.

O meu coração acelerou no meu peito. A Aly foi a melhor da turma quando se formou em Enfermagem. Talvez devesse estar preocupado por ela ser suficientemente inteligente para descobrir quem eu era, mas isso só me entusiasmava. Parecia um jogo, em que eu estava sempre três passos à frente para evitar ser apanhado. O desafio era emocionante. E, apesar da preocupação dela, conseguia ver perfeitamente com a máscara. O material preto que cobria as largas órbitas oculares era feito de uma espécie de nanofibra de alta tecnologia que era opaca de um lado e transparente do outro. Não era muito diferente de olhar através de uns óculos.

Consigo ver bem. E queres mesmo estragar a fantasia? Mostrei-lhe o telemóvel e rezei para que ela quisesse isto tanto quanto eu.

Soltou um suspiro trémulo e desviou o olhar, enquanto deixou a arma desviar-se um centímetro, e assumi o seu silêncio como confirmação.

Bastou-me olhar de soslaio para a arma para ver que o dedo dela não estava sequer perto do gatilho. Não que pudesse acontecer alguma coisa se o premisse. Tinha substituído as balas por cartuchos vazios. Podia estar excitado, mas não era suicida. E sim, planeava trocá-las novamente. Pensar nela desarmada nesta cidade enfurecia-me e dava-me vontade de vomitar ao mesmo tempo, o que era nojento, por isso as balas verdadeiras seriam novamente colocadas assim que chegássemos a casa. Só tinha de encontrar uma maneira de ser sorrateiro, para que não voltasse a ficar zangada comigo.

Os olhos dela não diziam nada, mas havia um toque de rubor nas bochechas que não estava lá antes, o que mostrava que a Aly também preferia que estivesse mascarado e fosse anónimo.

Apertei o cinto e pus o carro em marcha-atrás, utilizando a câmara de visão traseira para me guiar para fora do lugar de estacionamento.

– Ligaste o aquecedor do banco – disse ela.

Assenti com a cabeça. Por qualquer razão, a empatia começava a ser fácil com ela. Ao observá-la pelas câmaras do hospital, vi uma mulher que

faria tudo para ajudar os outros, mesmo em detrimento de si própria. Imaginava que estivesse dorida por ter estado tanto tempo em pé, apesar de os seus sapatos ortopédicos parecerem confortáveis, apostava que tinha dores nas pernas e nas costas.

Também devia ter fome, não a tinha visto comer muito no último dia e meio. Felizmente, tinha uma solução. Pus o carro em andamento, mas mantive o pé no travão.

Rodei lentamente no meu lugar, enquanto levantava as mãos. A arma chocou com os meus abdominais quando me virei para ela, e o seu olhar desviou-se para baixo como se o tivesse sentido. Estiquei-me até ao banco de trás e retirei de lá um pequeno saco.

– Calma lá, amigo – exclamou, inclinando-se para o lado quando me virei. – Isso é uma bomba ou algo do género?

Quase me esqueci do que tinha planeado e praguejei. Porque é que não me tinha apercebido de que a Aly poderia chegar a uma conclusão destas depois do turno que tivera? Foi um erro estúpido, e não voltaria a cometê-lo. Iria-me comportar melhor com ela daqui para a frente. Ela merecia alguém que tivesse atenção a todos os pormenores.

Abanei a cabeça e pousei o saco no meu colo. Mexi-me devagar para não a assustar, abri o fecho e mostrei-lhe o conteúdo.

Ela franziu o sobrolho e inclinou-se para a frente para ver melhor, olhando para mim com uma sobrancelha arqueada.

– Trouxeste-me alimento?

Assenti com a cabeça e pus o saco no meio do carro.

Não se mexeu e a sua expressão tornou-se exasperada.

– Não vou comer nada disto. Sei lá se não meteste aí alguma droga.

Era justo. Agarrei no saco cheio de fatias de maçã. As minhas luvas eram suficientemente finas para que fosse fácil tirar uma. Afastei um pouco a máscara do rosto para pôr a fatia dentro dela sem revelar mais do que a borda da minha mandíbula e deslizei a maçã para dentro da minha boca.

Fiz um movimento de «vês?» enquanto mastigava, mas a Aly estava demasiado ocupada a olhar para onde o meu maxilar estava novamente escondido, para prestar muita atenção às minhas mãos.

A minha boca ficou seca. Será que também o sentia? Esta inegável atração? Estava a tentar ser um cavalheiro, tinha prometido a mim mesmo que a viagem de regresso a casa desta noite seria para a tranquilizar, para

lhe mostrar que podia confiar em mim. Afinal, era algo enorme pedir a alguém que concordasse em fazer sexo com um estranho que empunhava uma faca, mas se ela continuasse a olhar para mim daquela maneira, não sabia se me conseguiria controlar.

Ela lambeu os lábios enquanto os seus olhos deslizaram da minha cara e percorriam o resto de mim. Fiquei imóvel no meu lugar, a dizer à minha pila para não reagir, mas ela tinha vontade própria quando se tratava da Aly, por isso, lá se empurrou contra as minhas calças de ganga, para exigir ser libertada.

A Aly continuou a olhar para mim. Não havia muita coisa à mostra, estava a usar uns *jeans* e uma camisola com capuz, mas tinha deixado a *sweatshirt* aberta e o olhar da Aly foi direito para a forma como o meu *Henley* justo tocava no meu estômago.

– Foi essa a camisola que usaste no teu último vídeo? – perguntou, com a voz rouca.

Assenti com a cabeça.

Abanou negativamente a cabeça como se estivesse a tentar limpar os pensamentos. Pensamentos sujos?

– Achas mesmo que estavas a ser engraçado ao publicares uma *thirst trap* tão sentimental depois do que me fizeste?

Desta vez acenei vigorosamente com a cabeça, contente por ela não poder ver o meu sorriso presunçoso.

Soltou um suspiro e desviou o olhar, mas não antes de poder ver as pontas dos seus lábios a subirem.

Uma buzina tocou atrás de nós e ambos saltámos.

Certo. Devia estar a levar a Aly para casa, não a pensar se ela gostaria ou não de ser bem comida no banco de trás do carro dela.

Acenei à pessoa impaciente, e tirei o pé do travão. Eles estacionaram no espaço livre que tinha acabado de desocupar, e eu abrandei outra vez, apenas tempo suficiente para desligar o *loop* que tinha posto em todas as câmaras neste nível do parque de estacionamento, e carregar em «ir» no meu mapa para que ela soubesse que não estava a mentir quando disse que ia seguir direções. Feito isso, dirigi-me para a rampa de saída enquanto uma voz suave de mulher com sotaque britânico me dizia para onde ir. Um som crocante veio do banco do lado. Olhei e vi a Aly a servir-se das fatias de maçã com uma mão, a outra ainda a apontar a arma na minha direção. Um

frisson de calor percorreu-me. Porque é que me sentia tão bem a cuidar dela, mesmo se a um micronível? Seria por nunca ter tido ninguém a quem chamar meu? Ou era um instinto inato de todos os humanos que, até agora, fora suprimido pelo *cocktail* de medicamentos que tomava desde a puberdade?

De qualquer forma, não o ia questionar. Sabia-me bem tomar conta dela. Era claro para mim, pelo que tinha visto, que alguém precisava de o fazer, e não ia deixar que outro homem o fizesse. O meu colega de casa era um idiota. Será que não se apercebia do que tinha quando estava com ela? Como é que foi estúpido o suficiente para deixar uma criatura tão perfeita escapar-lhe por entre os dedos? Como foram todos os seus parceiros anteriores igualmente cegos? Ela já devia estar casada, mimada e acarinhada como a rainha que era.

Os homens eram uns idiotas. Essa era a única explicação.

Quando saímos do parque de estacionamento, a Aly já tinha comido as fatias de maçã todas. Pegou no saco e começou a mexer nele. Tinha embalado várias opções: um iogurte para beber, palitos de cenoura, uma laranja e uma mistura de frutos secos feita por mim. Até tinha uma garrafa de água.

– Tu primeiro – disse, passando a mistura.

Parei no fim da rampa de saída e tirei-lhe o saco. Os nossos dedos deslizaram um contra o outro.

Malditas sejam as putas destas luvas e a necessidade de as usar.

Foi a primeira vez que nos tocámos e odiei que não tivesse sido pele com pele. Ansiava pela sensação dela contra mim, mesmo que fosse apenas um roçar de dedos.

Peguei no telemóvel e escrevi: *Só queres é ver o meu maxilar.*

– É um belo maxilar – disse, sem merdas. – Agora para de empatar. Estou com fome.

Pousei o telemóvel para não escrever algo potencialmente ofensivo sobre a fome que também tinha. Por ela. Depois, peguei numa mão-cheia de frutos secos e virei-me para o outro lado, porque precisava de puxar a máscara um pouco mais para cima para conseguir fazer isto e não queria que ela visse mais do que estava preparado para mostrar.

– Desmancha-prazeres – disse, enquanto eu enfiava os frutos na boca e puxava a máscara para baixo.

Fiz-lhe um sinal com o polegar enquanto mastigava e depois aliviei o pé do travão. Estava a nevar à séria. Tinha consultado a meteorologia várias vezes nas últimas horas e as previsões de acumulação continuavam a subir. Na nossa área, o total de precipitação das tempestades era difícil de prever, porque tínhamos habitualmente células estacionárias que se detinham sobre nós e despejavam mais neve do que o previsto. A este ritmo, não me surpreenderia se tivéssemos 30 centímetros ao nascer do sol.

Embora os limpa-neves estivessem de serviço, não conseguiam acompanhar o ritmo e as estradas estavam uma merda. A minha motorista de Uber viu-se grega para chegar ao hospital, e o carro dela era um SUV com tração às quatro rodas. O carro da Aly era um pequeno sedã e podia não ter tração às quatro rodas, mas pelo menos vinha com controlo de tração. Esperei não precisar dele quando entrei numa estrada coberta de gelo.

– Vais precisar de mais do que um vídeo lamechas, se queres que te perdoe por me teres observado sem consentimento – disse a Aly entre dentadas.

Assenti com a cabeça para mostrar que compreendia. Se estava arrependido do que tinha feito? Não, de todo, mas não lhe negava o direito de estar zangada e, se houvesse uma hipótese de ela me perdoar, arranjaria um milhão de maneiras de pedir desculpa até ela ceder.

– Obrigada por me levares a casa – acrescentou num tom mais suave. – Não queria chamar um Uber nem tentar dormir no hospital.

Sorri e comecei a estender a mão para lhe dar uma palmadinha no joelho, como forma de dizer «de nada», mas a arma voltou a espetar-se nas minhas costelas e parei a meio do gesto.

– Nada de toques. Ainda estou zangada.

Levantei a mão, com os dedos abertos, até a arma se afastar. A minha pila escolheu esse momento para me lembrar de como estava excitado, noutra tentativa de romper o fecho. A Aly zangada era uma brasa. Mal podia esperar para que me perdoasse; assim poderia começar a pensar em outras formas de a irritar. Se sou masoquista? Talvez. Mas, por alguma razão, as nossas discussões pareciam mais preliminares do que uma discussão a sério, e estava a gostar. Nem conseguia imaginar como seria o sexo de reconciliação.

A cidade estava calma de manhã cedo. Já tinha conduzido pelo bairro dela várias vezes a esta hora, graças às minhas insónias, e nunca conseguia ultrapassar o quão estranho era. Parecia que estava no cenário de um filme pós-apocalíptico e era um dos únicos humanos que restavam depois de uma terrível praga ou de um vírus *zombie* ter varrido o planeta.

Hoje estava menos assustadora e mais acolhedora graças à tempestade, os passeios cobertos de neve, tudo brilhante e fresco, como se a cidade tivesse sido lavada de todos os seus pecados. Eu sabia que não ia durar muito, que bastariam algumas horas, quando a neve parasse de cair, para que a vida recomeçasse e as ruas ficassem pretas com a sujidade e a fuligem espalhadas pelos carros que passavam.

A Aly inclinou-se para a frente e aumentou o nível de calor. Mexi-me no assento quando parei num semáforo vermelho, tirando o capuz. Sentia o sangue a subir por estar tão perto dela. Estava à beira de transpirar, e nada como pele pegajosa para estragar o ambiente.

Subi as mangas até aos cotovelos e virei à esquerda quando o semáforo mudou, dirigindo-me para os arredores da cidade e para uma estrada mais pequena onde havia menos hipóteses de passar por alguém.

Pronto, assim estava melhor. Crise de suor evitada.

Demorei um momento a aperceber-me de como a Aly tinha ficado imóvel. Tive um vislumbre dela quando passámos por baixo de um candeeiro de rua e a apanhei a olhar para o meu antebraço, com a arma esquecida na coxa.

Bem, bem, bem. Tinha passado tanto tempo a pensar em formas de a amolecer que me tinha esquecido do aliado mais óbvio que tinha: o seu corpo e o modo como este a traía depois de todo o tempo que tinha passado a ver os meus vídeos. Tinha descarregado os dados dela da aplicação e foram umas impressionantes duzentas horas a olhar para mim. Vendo bem as coisas, eu parecia um santo. Tinha-a visto menos de quarenta até agora.

Podia estar chateada comigo, mas o seu cérebro reptiliano havia espoletado por estar tão perto de alguém cuja imagem tinha usado para se masturbar. Sabia que tinha acontecido pelo menos uma vez, porém rezava para que não fosse a única, e esperava que o facto de ter ficado excitada comigo tantas vezes fizesse com que a nossa simples proximidade física fosse o suficiente para lhe encharcar as cuecas.

O que é que ela disse sobre os meus antebraços naquele comentário?

Que queria traçar cada veia com a língua?

Para testar esta hipótese, agarrei o volante com mais força, fazendo-as sobressair. A Aly fez um pequeno som de desamparo e desviou o olhar, deixando-o cair para o seu saco de frutos secos cada vez menor. Tentei disfarçar a minha presunção e falhei espetacularmente. Ela queria-me. Muito. Talvez mais do que eu a queria a ela, o que já era qualquer coisa.

Gostava de me poder virar e observá-la, memorizar a forma como as suas bochechas aqueciam e a sua respiração acelerava, mas à medida que nos afastávamos do centro da cidade, as condições de condução pioravam e tinha uma carga preciosa comigo. Precisava de me concentrar em levá-la para casa em segurança antes de ceder às minhas necessidades mais obscuras.

«Vire à esquerda no próximo semáforo», dizia-me o telemóvel.

Alguns minutos mais tarde, abrandei e liguei o pisca. Uma carrinha parou ao nosso lado e ouvi a voz de um homem a gritar, abafada pelas janelas.

– Cabrões – disse a Aly, enquanto mostrava o dedo do meio para depois se virar para mim e esconder a cara do condutor.

Disseram-lhe alguma coisa mal-educada?

A carrinha buzinou e eu ouvi o som óbvio de um piropo. Foda-se, nem pensar.

Pus a marcha em ponto morto, peguei na faca esquecida no chão, junto aos pés da Aly e saí do carro para ficar a olhar para o outro condutor pelo tejadilho.

O homem branco de meia-idade olhou para a minha máscara e recuou no seu lugar.

O amigo do lado começou a empurrar-lhe o ombro.

– Meu, o que é esta merda?

Levantei a faca com uma mão e, com a outra, acenei com os dedos.

Boo, filhos da puta.

O condutor pisou no acelerador, passou o sinal vermelho e arrancou para a noite.

Sorri e voltei para o carro, com a faca na mão para oferecer o seu punho à Aly.

Olhou para mim durante um longo momento antes de pousar a arma e pegar nela.

– Tu és perturbado. Tens noção disso?

Encolhi os ombros. Perturbado. Protetor. Vai dar ao mesmo.

– Pensei que isto fosse falso – disse, pressionando a ponta da faca com a ponta do dedo indicador. – Porra, é afiada.

Olhei para baixo, receava que se tivesse cortado, mas não vi sangue, por isso não deve ter feito muita força. Mantinha-a afiada o suficiente para cortar osso.

O semáforo mudou, banhando-nos de verde, e, com relutância, afastei-me dela e recomecei a conduzir. A Aly fechou o pacote dos frutos secos, colocou-o de volta no saco e fechou-o como se tivesse acabado de comer. Depois virou-se para o pôr no banco de trás e senti o cheiro a flores do seu champô. Incapaz de me conter, respirei fundo. Mal podia esperar para enterrar o rosto naquele cabelo enquanto a fodia, com o som dos seus gritos irregulares a encherem-me os ouvidos, com as suas pernas em cima dos meus ombros enquanto a dobrava ao meio e a penetrava até ela ficar por um fio.

Mexi-me no assento para tentar aliviar a pressão nas minhas calças. Teria a Aly visto a minha ereção quando saí do carro? Porra, a minha pila tinha ficado mesmo ao nível do seu campo de visão enquanto estava a assustar aqueles gajos. Ups. Se calhar devia ter parado para considerar a minha «situação» antes de a raiva me ter deixado impotente, mas esta tinha-se apoderado demasiado depressa para dar uma hipótese ao pensamento racional.

Olhei de relance para a Aly. A rua para onde tinha virado tinha menos luzes, mas ainda era clara o suficiente para ver que estava a olhar diretamente para as minhas virilhas. Tinha-a visto, sim, e pela forma como as suas sobrancelhas subiam, ou estava impressionada ou preocupada. Com sorte, um misto de ambos.

Tinha um pedido de desculpa na ponta da língua, mas houve qualquer coisa na sua expressão que me impediu de o soltar. Lentamente, ela levantou os olhos para a minha máscara e mordeu o lábio inferior. Precisava mesmo de parar com aquilo, pela sua saúde.

– Quero ver – pediu.

Não, ela não acabou de fazer isto, seu merdas, pensei.

Só podia ter alucinado aquela declaração. Queria tanto a Aly que tinha saído da realidade e agora estava a viver num mundo de faz-de-conta no

qual a mulher que desejava me pedia para lhe mostrar a pila enquanto conduzia.

– Por favor – implorou.

Virei a cabeça para ela, incrédulo, e o carro deslizou um pouco sobre o gelo. Avancei e endireitei-nos. Tinha crescido no norte e estava na minha natureza conduzir em condições de merda, mas odiava que a minha distração nos tivesse posto em perigo.

– Eu posso fazer isso por ti – declarou, e algo frio pressionou o meu corpo.

Olhei para baixo. A Aly ainda tinha a faca e estava a usar a ponta desta para arrastar a bainha da minha camisola para cima.

Oh, merda. Porque é que aquilo era tão *sexy*?

– Tens tentado garantir-me de que estou segura contigo – disse, enquanto deslizava o lado embotado da lâmina para cima. – Mas paraste para pensar se estavas seguro *comigo*?

Quase gemi. A Aly estava na sua era de vilã? Iria à falência por comprar bilhetes para a primeira fila desse espetáculo.

E sim, tinha considerado bem a resposta à sua pergunta e foi por isso que tirei as balas da arma. Mas a faca era verdadeira e talvez fosse esse o meu fim. Se assim fosse, o mais provável seria morrer com um sorriso idiota na cara enquanto ela me talhava.

Contudo, não pensei que chegasse a esse ponto. Não havia nada nas notas do terapeuta dela que indicasse que a Aly tivesse tendências homicidas. Não duvidava de que estivesse zangada, mas zangada o suficiente para me magoar? Não. Talvez para me assustar e estava a assustar-me agora, porque se virasse aquela lâmina, a minha pele abrir-se-ia como o mar se abriu para Moisés.

Com cuidado, alcancei a faca e levantei a camisola para que ela me pudesse ver melhor. Esta posição de estar sentado não era a forma ideal de mostrar o meu corpo, mas aceitaria qualquer atenção dela, por isso recostei-me um pouco no assento e deixei-a olhar para mim.

Ela riu-se.

Não era a resposta de que estava à espera.

– Desculpa – pediu. – Mas estava a pensar, e se uma destas montras tiver sistema de circuito fechado?

Olhei pelo para-brisas para a rua estreita à nossa volta e para todas as lojas familiares apinhadas umas ao lado das outras.

– Imagina ires ver a tua câmara de manhã e deparares-te com um homem mascarado a conduzir com a camisola levantada até aos mamilos e uma mulher a segurar uma faca contra o seu estômago?

Apanhado desprevenido, soltei uma gargalhada sem voz.

Ela riu-se de novo, mas um segundo depois, o humor desvaneceu-se e ela expirou profundamente.

– Sei que já te disse isto milhares de vezes, de várias formas embaraçosas e inapropriadas, mas tens um corpo lindo.

Assim sim.

Atento à faca, aproximei-me e peguei-lhe na mão livre, metendo-a na minha barriga. Finalmente, contacto pele com pele. Oh, meu Deus, sim. Os dedos dela estavam quentes em cima de mim, e começava a perguntar-me se ela tinha perdido a coragem pela quantidade de tempo que os manteve lá, quando de repente se mexeram, acariciando os meus abdominais.

– Aquele vídeo que me enviaste era uma provocação – disse. – Os teus vídeos são todos uma provocação. É assim que tu és na vida real?

Assenti com a cabeça. Sim. Estava na minha natureza provocar mulheres. Já lhe tinha dado um vislumbre disso nas nossas mensagens, mas a minha necessidade de provocar as mulheres estendia-se ao quarto. Nesse aspeto, a Aly era a minha vítima perfeita. Já sabia que ela era mal-humorada. Era demasiado fácil imaginá-la com o rosto vermelho e a ofegar enquanto me implorava que a fizesse vir.

Os dedos dela desceram até à cintura das minhas calças de ganga e percorreram a borda. Fleti os músculos. Com força. Não para me exibir, mas para não rir que nem um louco. Tinha cócegas, o que era incrivelmente inconveniente neste tipo de momentos. Felizmente, ela parou logo acima do meu botão superior, e relaxei um pouco quando a ameaça de estragar o momento passou.

Dedos experientes abriram o botão.

– Posso ver?

Oh, foda-se. Isto estava a acontecer. Não estava a alucinar.

Acenei com a cabeça e mexi as ancas para a frente para lhe facilitar o acesso.

O seu gemido baixo encheu o carro enquanto deslizava a mão para baixo e apalpava a minha pila por entre as calças.

– Eu sabia que ias ser grande – sussurrou.

Agarrei o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Puta da tempestade de neve. A minha concentração tinha de se manter na estrada, independentemente do quanto quisesse olhar para baixo e ver o que a Aly me fazia.

O aço frio deslizou pelo meu lado e fiquei completamente imóvel.

Porra. Como é que me tinha esquecido da faca?

– Estás tão duro que preciso de duas mãos para abrir o fecho. Portas-te bem se eu pousar a faca?

Hummm… será que portaria? Não tinha a certeza. Estávamos a sair da cidade e a aproximarmo-nos dos subúrbios onde a Aly vivia. Seria muito fácil encontrar um parque de estacionamento vazio e atirá-la para o banco de trás.

Virou a faca e passou a lâmina pelo meu lado, tão rente que provavelmente raspou alguma penugem.

– Não o farei se não me prometeres ser um bom rapaz – cantarolou.

Fetiche por elogio: desbloqueado.

Assenti com a cabeça várias vezes muito rápido, ela riu-se e pôs a faca, com a ponta para baixo, num dos suportes para copos entre nós. A seguir, aqueles dedos ágeis de enfermeira estavam em cima de mim, um a puxar os *jeans* para longe do meu pénis, enquanto o outro abria cuidadosamente o fecho. Puxou os lados das minhas calças e ficou imóvel. Vi-a a olhar para a protuberância nos meus *boxers* com um olhar faminto.

Não te venhas nas cuecas, não te venhas nas cuecas, comecei a entoar na minha cabeça.

Mantive os olhos na estrada e abrandei o carro. Só tive um aviso de um movimento na minha periferia antes de a Aly baixar os meus *boxers* e tirar a minha pila para fora. Reinou entre nós um silêncio absoluto. Devíamos estar os dois a suster a respiração. Foi então que a Aly soltou um suspiro irregular enrolando os dedos à volta da minha pila e eu quase me vim com o contacto.

– Não me interpretes mal – declarou, enquanto pegava outra vez na faca.

O terror abateu-se sobre mim. Uma mulher tinha uma mão na minha pila e a outra numa faca. Isto podia correr tão mal, tão depressa. A minha pila devia encolher-se de medo, mas só ficava mais dura com a ideia, o perigo a levar a minha excitação a um nível quase desconfortável.

A Aly reparou; apertou-a e passou o polegar sobre a cabeça para espalhar uma gota de líquido pré-ejaculatório na minha pele.

– Estou a ver que não sou a única com um fetiche por facas.

Parece que não, foda-se.

– Ainda estou zangada – disse. – Isto não é para ti.

OK, mas parecia que era *um pouco* para mim. Afinal, a mão dela estava a acariciar *a minha* pila.

– Sonhei com isto durante meses e não me vou negar a oportunidade de te tocar só porque estamos a discutir.

Awww. A nossa primeira discussão oficial.

Ia definitivamente marcar isto no meu calendário para que, daqui a um ano, pudéssemos celebrar o dia em que ela reconheceu que havia algo entre nós. Estaria a precipitar-me? Provavelmente, mas não o podia evitar. A Aly ia ser minha. Ponto final. Só tinha de encontrar uma forma de a fazer pensar que tinha acontecido organicamente, e que ela não estava a cair no meu plano diabólico de lhe fazer uma lavagem cerebral para que me amasse, enquanto a mimava e lhe satisfazia todas as vontades.

O gume embotado da faca deslizou pelo meu corpo, numa ameaça encenada, enquanto a Aly voltava a tocar-me na pila. O seu toque era suave, porque tanto a sua mão como a minha pila estavam tão secas que não havia lubrificação suficiente entre nós para que pudesse ser mais agressiva. Fez uma pausa quando chegou ao fundo, apertou a minha base, e depois enfiou a mão dentro dos meus *boxers* e apertou-me os tomates.

Soltei um suspiro trémulo e agarrei o volante com tanta força que o couro rangeu.

– Nem imaginas quantas vezes fantasiei fazer isto – proferiu, enquanto se inclinava para a frente. Fez uma pausa a meio caminho da minha pila, e quase gemi. – Estás limpo?

Assenti com a cabeça. Tinha feito o teste há algumas semanas e não tinha estado com ninguém desde então.

– Não me mentirias sobre uma coisa destas, pois não? – perguntou, a rodar a faca contra o meu lado, com o gume afiado a dirigir-se para a minha

pele. Abanei a cabeça, horrorizado com a ideia de alguém o conseguir fazer.
– Ótimo, porque não consigo aguentar mais.

E depois apertou os lábios à volta da cabeça da minha pila e passou a língua por ela.

A minha visão afunilou-se. Oh, foda-se, ia vir-me que nem uma boca de incêndio se continuasse assim.

Ela era melhor do que imaginara e ultimamente tinha sonhado acordado com isto quase todos os dias. Seria por ter deixado de tomar a medicação que entorpecera as minhas emoções e sensações durante tanto tempo? Ou porque era a Aly, e ter sentimentos em relação à pessoa com quem fodia aumentava o meu prazer?

Talvez fossem as duas coisas juntas, adicionadas ao facto de ter a máscara posta e esta ser a primeira vez que estava a viver uma fantasia que tinha há anos.

Essa perceção fugiu-me da mente quando ela apertou outra vez a base da minha pila e baixou a cabeça, levando mais de mim para o calor húmido da sua boca. A vontade de empurrar as minhas ancas para cima era grande, mas tinha dito que isto era para ela, por isso, mantive-me quieto com um esforço monumental e deixei-a brincar comigo.

Foi descendo, descendo, alargando o maxilar enquanto me levava até ao fundo da garganta. Gemi quando a língua dela passou outra vez por cima de mim, cobrindo o meu pénis de saliva quando voltou a subir. Será que, se me viesse demasiado cedo, arruinaria a imagem assustadora típica do perseguidor-mascarado? Não seria verdade que os durões duravam muito tempo?

A sua mão envolveu a minha pila, agora lubrificada, e começou a batê-la, rodando-a ao longo da descida, tal como eu gostava.

Rezei aos deuses da longevidade e depois comecei a nomear equipas de basebol de cabeça.

Voltou a aproximar-se da cabeça e lambeu-me a glande com um gemido.

– Foda-se, sabes tão bem.

Nope. Não ia aguentar. Ia rebentar como um idiota que se vem com dois toques, e a minha reputação de durão ficaria completamente arruinada.

Tentei arrepender-me disso, mas a Aly afunilou as bochechas enquanto se baixava e a sucção fez-me ver estrelas.

Virei no sentido errado numa rua escura e abrandei o carro até ficar muito lento.

– Faça inversão de marcha no próximo semáforo – disse-me a britânica.

A Aly congelou.

Oh-oh.

Os seus lábios soltaram-se – *não, não, não* – e sentou-se, com a faca totalmente rodada, a lâmina a pairar sobre a minha pele.

– Acabaste de te desviar das direções? – perguntou.

Choraminguei em resposta.

Eu choraminguei, caralho.

Em minha defesa, a minha pila estava fria e solitária e a pulsar de necessidade, e a boca que tão recentemente lhe tinha dado prazer estava agora a vários metros de distância. Quem me podia culpar?

– Os meninos maus não são recompensados – declarou.

Não. Porra. Já me bastava o recém-despertado fetiche por elogios, não precisava de mais um *brat kink*. Era suposto os dois anularem-se e não agirem como amplificadores.

Ou talvez se calhar tinha só um fetiche com a Aly e tudo o que dissesse desencadearia esse tipo de reação em mim. Talvez o facto de estarmos juntos significasse que todos os seus desejos estariam prestes a tornar-se nos meus.

Por favor, meu Deus. Não deixes que ela tenha um fetiche com fisting*, pensei. Não queria lá muito ser usado como fantoche.

Liguei os piscas e dei a volta no semáforo. Ela ficou a observar-me no escuro, com a faca a correr para cima e para baixo até voltarmos à estrada que o mapa queria que seguíssemos. Passou mais um momento dilacerante que me fez recear que a Aly me fosse deixar assim, até que afastou a faca e se inclinou novamente para a frente. Desta vez, começou na minha barriga, depositando beijos quentes e inebriantes no meu abdómen, antes de entreabrir os lábios e me mordiscar a pele com uma intensidade que me fez arrepiar. Será que fetiche com mordidelas era uma cena? Devia ser, porque estava para lá de duro.

Lá fora, caía cada vez mais neve e as luzes do carro faziam com que parecesse que eu nos tinha acabado de lançar em *hyperdrive*, mesmo que mal nos estivéssemos a mexer, os flocos passavam por nós como estrelas enquanto corríamos pelo espaço. Quando os lábios da Ali envolveram outra

vez a cabeça da minha pila, senti-me como se estivéssemos no nosso próprio mundo.

– Se não estivéssemos neste carro – sussurrou ela contra mim, com o hálito a aquecer-me a pele enquanto a sua mão massajava a minha pila –, engolia-te até me engasgar. Mas este não é o ângulo certo, por isso, vou ter de fazer isto.

Lambeu a cabeça da minha pila, passando a língua pelo meu frénulo e depois pela minha glande, antes de voltar a fazer aquele delicioso movimento giratório, enquanto me massajava a pila.

A Aly não estava a brincar. A maneira como lambia, chupava e acariciava tinha uma única determinação: fazer-me vir.

Mudei de equipas de basebol para equipas de hóquei. Não era grande fã destas e precisava de puxar pela cabeça para recordar alguns dos nomes de… *foda-se, o que é que ela acabou de fazer?*

Tirei o pé do acelerador e olhei para baixo. A parte de trás da cabeça da Aly escondia a boca e a mão, o que me privava de a ver fazer o que quer que fosse.

Não. Hóquei. Lembra-te do hóquei. Coisas das equipas. Estavas a tentar…

A pressão aumentou na base da minha coluna. Os meus tomates começaram a apertar-se. A Aly chupou-me profundamente e fez aquela *coisa* outra vez.

Ia vir-me.

Com força.

Bati-lhe no ombro, para tentar chamar-lhe a atenção. Afastou-me como se não precisasse da distração.

Foda-se. Oh, foda-se. *A boca* dela.

Voltei a bater-lhe, desta vez com mais insistência.

Um *estalo* soou quando se afastou da minha pila.

– Se continuas a interromper-me, nunca vou descobrir a que é que sabes quando te vens.

A luxúria invadiu-me quando se baixou e me chupou profundamente. Sabia que tinha dito que isto era só para ela, mas já não me conseguia impedir de me mexer, só um bocadinho, a penetrar aquela humidade deliciosa. Gemeu como se estivesse a gostar, por isso, penetrei com mais força.

Uma dor aguda atravessou a minha mão direita.

Que merda era esta?

Olhei para baixo e os meus olhos arregalaram-se. A Aly tinha acabado de me esfaquear acidentalmente.

Afastei a mão da faca para ver os estragos, mas a Aly fez aquela coisa com a boca outra vez e entre o pico de prazer e a dor ardente, fui até ao limite, com a coluna vertebral a curvar-se para a frente, a perder todo o controlo enquanto me vinha dentro da sua boca acolhedora e perfeita. Engasgou-se um pouco, a tentar engolir tudo, o que me fez vir com mais força e prolongou a minha libertação.

A Aly agarrou-me na pila quando terminei e limpou-a com língua até à última gota. Levantei a minha mão e puxei-a para perto de mim. O sangue estava a começar a escorrer-me pelo braço e não queria sujar o cabelo dela nem o banco do carro.

Deu-me um último e doce beijo na glande e depois enfiou-a de volta nos meus *boxers*, levantando-se com um sorriso satisfeito que rapidamente se transformou em horror quando viu a minha mão.

– O que fizeste, porra? – perguntou, agarrando-a para avaliar os danos. – Oh, meu Deus, acho que precisas de pontos.

Haveria uma forma simpática de lhe explicar que eu não tinha feito nada, e que tinha sido *ela* a mutilar-me?

---

* Prática sexual em que o parceiro ou a parceira introduz o punho na vagina ou no ânus do outro. (*N. de T.*)

9

Aly

Tinha-o esfaqueado. Estou pronta para ir para o inferno; tinha esfaqueado um homem enquanto lhe fazia um broche. Não havia volta a dar. Este ia ser o meu fim. A qualquer momento, entraria em combustão espontânea devido à humilhação.

Apesar de tudo, o Homem Sem Rosto parecia estar a lidar muito bem com a situação. Se os nossos papéis estivessem invertidos, duvido de que fosse tão indulgente em relação a ser esfaqueada. Ou seria apenas o seu compromisso com o silêncio que escondia a sua verdadeira raiva? Estaria a ser estoico agora, mas depois desapareceria da minha vida?

E porque é que este pensamento me fez sentir como se me tivessem tirado o chão?

– Uma última vez – avisei, as palavras ligeiramente abafadas pela minha máscara cirúrgica.

A mão deitada diante de mim não se moveu enquanto se preparava para o ponto final. Tinha tentado convencê-lo a voltar ao hospital e pedir a um médico para o suturar com anestesia local, mas abanou a cabeça, e a rigidez dos seus ombros disse-me que continuaria a ser teimoso se eu voltasse a insistir. Não o ia fazer. Os meus colegas de trabalho estavam a meio de uma tragédia; não precisavam que eu ocupasse uma cama com o meu… o que quer que ele fosse.

Então, aqui estávamos nós, sentados à minha minúscula mesa de jantar transformada em urgências improvisadas, com o meu *kit* de emergência espalhado à nossa volta. Ele tinha sorte de eu ter tudo o que era necessário para limpar e coser a ferida, mas ainda me sentia desconfortável. Era uma enfermeira. A sutura era considerada uma operação cirúrgica menor, e como em muitos outros estados, no nosso não era permitido aos enfermeiros realizarem este procedimento. Era preciso ser-se um enfermeiro de prática

avançada para o fazer. Se alguém descobrisse que tinha violado a lei, podia ter muitos problemas, talvez até perder o emprego e ser condenada.

Disse-lhe isto tudo ao entrarmos na minha garagem, para o caso de a ferida infetar e ele ter de ir ao médico, pedindo-lhe que não revelasse a ninguém a minha identidade. Ele fingiu fechar a boca, como se planeasse levar o segredo para o túmulo. Podia ser estranho, mas o meu instinto foi acreditar nele.

Só mais um ponto, Aly. Tu consegues, disse a mim mesma. Já há muito tempo que não fazia isto, estava sem prática. A minha exaustão não estava a ajudar. Nem o facto de não conseguir parar de seguir a linha de tatuagens que lhe subia pela mão até aos antebraços grossos e cheios de veias.

Lambi os lábios e quase gemi. Ainda conseguia sentir o sabor dele. Ao observar-me enquanto eu estava de serviço, o homem decidiu que precisava de se armar em cavaleiro andante e, por isso, veio arrombar-me o carro para me poder dar uma boleia até casa. E o que é que eu tinha feito? Pois bem, esperei cinco minutos antes de mergulhar de cara na pila dele.

– Estás pronto? – perguntei, a olhar para ele.

Acenou com a cabeça, parecia muito menos afetado por esta situação do que eu, e passou a mão livre pelas costas do *Fred*.

Poupei um olhar ao meu gato traidor. O *Fred* tinha saltado para o colo do Homem Sem Rosto assim que ele se sentou à mesa, e estava ali enrolado e a ronronar como se o meu perseguidor fosse o seu novo humano preferido.

A minha vida tinha-se tornado muito estranha.

Deixei cair o meu olhar e voltei a concentrar-me na mão que tinha diante de mim. O Homem Sem Rosto precisava de cinco pontos. *Cinco*. Cortei mais do que esfaqueei, perdida no meu pequeno mundo cheio de luxúria enquanto adorava aquela que era, sem dúvida, a pila mais esteticamente agradável que alguma vez vira. Porque claro que era. O corpo dele era uma obra-prima; porque não seria a sua pila? Grande, grossa, tensa, com uma pele suave e sedosa, sem veias ou descoloração. Olhara para ela uma vez e a saliva começara a acumular-se na minha boca.

Sim, tinha um fraco pelo corpo dele. Mas apenas isso. Isto só podia ser a concretização de uma fantasia. Não devia ter ficado tão excitada com a forma maníaca como ele assustou aqueles homens nojentos da carrinha. E definitivamente não deveria estar a sorrir para mim mesma enquanto

enfiava uma agulha na pele dele uma última vez, a pensar nas nossas mensagens privadas e sedutoras.

Porque é que os homens armados em espertos eram tão atraentes? Seria por parecer que não levavam a vida a sério? Ou seria por eu ver tanta dor e morte que precisava de alguém que me fizesse rir com um comentário bem feito depois de um turno terrível como o que tinha acabado de ter?

Por mais que me custasse admiti-lo, o tipo de humor do Homem Sem Rosto parecia ser inofensivo, era mais dado a brincadeiras espirituosas e autodepreciação do que a rir-se à custa dos outros. Queria mais disso na minha vida, ainda não conseguia acreditar que me tinha feito rir com aquela frase «soa-me a *kinky*» quando estava tão zangada com ele.

Respirou fundo enquanto eu puxava e fechava o seu último ponto, e apesar da dor que devia estar a sentir, este foi o único som que emitiu durante toda a noite.

– Desculpa – pedi. – Só tenho de atar este lado.

Respirei fundo e uniformemente enquanto terminava de o fechar, a tentar não deixar que o pânico me afogasse. Claro que tinha de ter acertado numa tatuagem. A cicatriz seria bastante visível por causa disso. Ia mesmo ficar com uma cicatriz. Estes pontos não eram grande coisa, graças à minha falta de experiência.

– Provavelmente podes pedir a um cirurgião plástico para a corrigir – disse, enquanto me endireitava.

Depois de ter passado tanto tempo acordada e em pé, as minhas costas protestaram por terem estado dobradas. Precisava de uma aspirina e de cerca de quinze horas de sono.

O Homem Sem Rosto abanou negativamente a cabeça e tirou a mão do *Fred* para começar a escrever. Demorou algum tempo e eu aproveitei para lhe limpar a ferida e a confusão à volta da mesa. Devo ter acertado numa veia, porque sangrou bastante. Pelo menos agora tinha o seu ADN.

Coloquei um bocado de gaze num saco de plástico e deslizei-o para fora da mesa enquanto ele estava distraído. Iria para o meu congelador com um bilhete que dizia que, se me acontecesse alguma coisa, o sangue pertencia ao meu assassino. Esperava que não chegasse a esse ponto, mas uma rapariga tinha de ter cuidado. Virou o telemóvel para mim e li: *Nada de cirurgião plástico. Vou usar a tua marca como o distintivo de orgulho que é.* Para mostrar o seu ponto de vista, fez um punho, pô-lo sobre o coração e

curvou-se para mim como alguém saído de um filme inspirado num conto de Tolkien.

– És ridículo – disse, virando-me para que não visse o meu divertimento.

Tirei a máscara, reuni o lixo e fui despejá-lo.

– Queres comer alguma coisa? – perguntei, abrindo o congelador. A porta escondia-me enquanto atirava o saco de plástico para o canto mais afastado. – Tenho *pizza* congelada ou… – Abri o frigorífico. Vi traças esvoaçar. Está bem, vá, não saíram mesmo traças, mas mais valia terem saído. O meu frigorífico estava vazio, à exceção do vinho, de uma pequena garrafa de leite para o café e de um recipiente *takeaway* da minha charcutaria favorita. Fechei a porta e voltei-me para ele. – Ou *pizza* congelada.

Abanou negativamente a cabeça, pousou com cuidado um *Fred* que protestava no chão e levantou-se. Pelos seus vídeos, sabia que ele era alto, mas vê-lo em carne e osso, ocupando tanto espaço na minha sala de jantar, era outra coisa. Tinha mais de um metro e oitenta, com ombros largos e coxas que pareciam troncos, como um jogador de futebol. A sua *Henley* preta agarrava-se a ele de uma forma que quase me fazia inveja. Sortudo do algodão.

Queria dizer alguma coisa, fazer uma piada, ou encontrar alguma forma de preencher este silêncio, mas as palavras escapavam-me. Ele estava aqui. Na minha casa. À distância de um toque.

O meu corpo estava ligado, hiperconsciente de todos os seus movimentos enquanto ele pegava no telemóvel. Não sabia se as outras mulheres eram assim, mas fazer broches excitava-me. O ato era tão íntimo, tão vulnerável para ambas as partes, e eu simplesmente gostava de excitar a outra pessoa. Sentir uma pila a ficar dura entre os meus lábios e a começar a pulsar enquanto um homem se perdia em prazer? Adorava-o, o que significava que estava para lá de excitada neste momento.

Neste momento, bastava um simples roçar dos seus dedos no meu clítoris para me fazer vir, mas duvidava de que estivesse a pensar em sexo depois de eu *o ter esfaqueado*.

Senti um roçar na minha canela e olhei para baixo para ver o *Fred* a bater com a cabeça na minha perna.

– Oh, agora já te lembras de mim? O humano que te salvou e que não tem feito outra coisa senão mimar-te desde o dia em que apareceste como um rato meio afogado aqui em casa? Estou a ver como é.

O *Fred* sentou-se a miar, sem se desculpar.

O som de passos fez-me levantar a cabeça. O Homem Sem Rosto dirigiu-se para mim, com o telemóvel na mão.

Devias tomar banho e ir dormir um pouco, dizia a mensagem. *Obrigado por me coseres. Era o mínimo que podias fazer depois de me mutilares brutalmente, mas agradeço-te na mesma.*

Pus uma mão sobre os olhos e gemi. Nunca mais o ia ver.

– Sei que já o disse uma centena de vezes, mas lamento muito.

Ouvi o som de alguém a escrever e, depois, os seus longos dedos envolveram o meu pulso, puxando-me a mão enquanto me mostrava novamente o telemóvel.

Aly, foi tão bom que, sempre que sentires vontade, deixo-te de bom grado mutilares-me outra vez.

As minhas bochechas aqueceram. Não corava facilmente, mas este homem parecia ser a minha *kryptonite*.

– Uh, de nada, então?

Os seus ombros largos abanaram-se como se se estivesse a rir. E de certeza que era de mim, mas não o podia censurar. A realidade de um engate *kinky* estava a revelar-se um pouco diferente da fantasia que tinha alimentado. Em primeiro lugar, era eu que tinha a faca. Em segundo lugar, incluía comida.

Sempre que sonhava acordada, havia um macho alfa a manipular-me, agressivo e quase impiedoso, a usar o meu corpo. Ainda queria isso, queria-o com este homem em particular, mas duvidava de que o conseguisse depois do que lhe tinha feito, por muito simpático que ele estivesse a ser.

A mão à volta do meu pulso apertou, o aviso que tive antes de ele me puxar para si. O meu peito chocou contra ele, os mamilos apertaram-se no meu sutiã. As minhas mamas pareciam mais cheias, a doer como se desejassem sentir as suas mãos grandes a tocar-lhes e a minha roupa interior estava completamente encharcada. A cada segundo que passava, os meus músculos internos apertavam-se como se quisessem lembrar-me de que não tinham uma pila para apertar e que *não* estavam contentes com esse facto.

Tinha visto demasiadas *thirst traps* deste homem e agora isso estava a lixar-me.

Não te esfregues contra ele como uma gata no cio, disse a mim própria. *Já fizeste o suficiente para o assustar por uma noite*.

Soltou-me o pulso e levantou a mão para me agarrar o queixo, inclinando-me a cabeça para trás até eu poder fitar o vazio negro das órbitas oculares da sua máscara. Olhei de um para o outro, a desejar poder ver os seus olhos verdadeiros. Como seriam? De que cor eram? Estariam a olhar para mim com o mesmo desejo que enchia os meus?

O polegar dele roçou-me os lábios e, embora não conseguisse ver os seus olhos, jurei que os senti a caírem sobre a minha boca. Será que também estava a pensar no que tinha acontecido? Na sensação de o estar a chupar antes de tudo correr mal?

Incapaz de me conter, estendi a mão e passei-a sobre as suas calças de ganga. Oh, porra, ele estava duro. Meti a palma da mão sobre a sua ereção e acariciei-a para cima, outra vez com fome dele.

– Deixa-me compensar-te – disse antes de apertar os meus lábios à volta do seu polegar, lambendo-o de forma sugestiva.

Mexeu as ancas para a frente na mais subtil das investidas e soltou um grunhido baixo. Uma emoção de vitória percorreu-me, apenas para ser desfeita um instante depois, quando libertou o seu polegar da minha boca, deu um passo atrás e abanou negativamente a cabeça, só uma vez. Apontou para mim e depois para o meu quarto. Depois juntou as palmas das mãos, inclinou-as para o lado e encostou a cabeça a elas, imitando alguém a dormir.

Quase dei um pontapé no chão como uma criança petulante. *Mas eu não quero ir para a cama! Quero ficar acordada até tarde e ser fodida!*

Ele deve ter visto o motim na minha expressão, porque cruzou os braços sobre o peito largo e alargou a sua postura de uma forma que não permitia qualquer discussão. *OK,* isto era um bocado excitante. Mas talvez tivesse razão. O facto de me apetecer fazer uma birra, com lágrimas e tudo, significava que devia ter passado de muito cansada para território *delulu*.

– Está bem – disse, e descontraiu um pouco. – Como é que vais para casa?

Ele descruzou os braços e escreveu uma resposta. *Estacionei ao fundo da rua.*

– Claro que estacionaste – disse, olhando para o céu com exasperação. – E consigo sentir-te a sorrir agora mesmo, seu esquisito, por isso para com isso.

Os seus ombros estavam a tremer com um riso silencioso quando olhei para baixo. Fazia com que a loucura parecesse mais adorável do que preocupante e era por isso que ele era tão perigoso. Porque se fosse louco e mau ou um *bully*, os meus instintos ter-me-iam afastado dele, ter-me-iam feito querer correr a gritar na direção oposta. O seu humor e picardia apenas me fizeram aproximar mais e baixar a guarda.

Esperava mesmo que não estivesse a planear matar-me, porque me sentiria muito estúpida se acontecesse.

Começou a escrever outra vez, só com uma mão, e torci o nariz enquanto esperava, cheia de pena. Foram muitas as vezes na minha vida em que me apeteceu esfaquear homens. Claro que a única vez que o fiz tinha sido um acidente.

Mostrou-me o telemóvel. *Vou-me embora. Mesmo que não queira.*

– Então fica – disse.

Oh, meu Deus. Estás assim tão carente, Aly? Se o esfaqueamento não o assustou, de certeza que esta atitude o faria.

Abanou negativamente a cabeça, apontou para mim e fingiu dormir outra vez. Depois fechou a distância entre nós e inclinou-se para encostar a sua testa mascarada à minha. O plástico era frio e sem vida, quase chocante depois de todo o tempo que passei a antropomorfizá-lo. Senti o mais leve cheiro do que poderia ser o sabonete que usava, com aroma a pinho, crocante e limpo, antes de se afastar.

Apesar de ter dito que se ia embora, ficou ali parado, a olhar para mim durante um longo momento, antes de soltar um som baixo e frustrado e se afastar. Tomei como bom sinal o facto de não ter ido logo embora. Devia estar mesmo interessado em mim se tinha dificuldade em se despedir, mesmo depois de eu o ter esfaqueado.

Fez-me sentir melhor em relação à minha obsessão por ele. As pessoas dizem sempre que não devemos conhecer os nossos ídolos, mas depois de meses a seguir a sua conta, a realidade dele deixou-me ainda mais intrigada do que a sua personalidade *online*. Nas minhas fantasias, ele era unidimensional, um arquétipo que tinha criado apenas para meu prazer. O homem que caminhava em direção à minha porta da frente, perseguido pelo

meu gato igualmente carente, era ainda melhor devido ao enigma que apresentava.

Quem era ele? Porque é que não falava comigo? E durante quanto tempo tencionava brincar desta maneira até se aborrecer e seguir em frente, como todos os outros homens da minha vida?

Fez uma pausa com a mão na maçaneta da porta e virou-se para mim. Olhámos um para o outro durante mais um momento prolongado. Havia tanta coisa que lhe queria dizer, que não sabia por onde começar. Será que sentia o mesmo magnetismo entre nós? Esta fixação quase doentia? Tinha estado a observar-me no trabalho, por isso supunha que sim, mas queria saber, sem sombra de dúvidas, que a mesma necessidade que me tinha dominado também o estava a dominar.

Acenou uma última vez com a cabeça, inclinou-se para coçar o *Fred* atrás das orelhas e saiu. Fiquei a olhar durante demasiado tempo, até que uma cabeçada na minha canela e um miado exigente me arrancaram dos meus pensamentos.

Peguei no *Fred* e enterrei a minha cara nele.

– Devia ter-te chamado Benedict, seu pequeno vira-casacas.

Ele ronronou e começou a brincar com o meu cabelo.

***

Doze horas depois, acordei com um barulho. Parecia uma porta a fechar-se, mas devia ter estado a sonhar.

Virei-me e estava prestes a voltar a dormir quando as últimas quarenta e oito horas se abateram sobre mim. O tiroteio em massa. O Homem Sem Rosto no meu carro. Eu a entrar no banco do passageiro num movimento que teria feito os aficionados de filmes de terror gritarem às suas televisões. E, no entanto, aqui estava eu, viva. Ou era uma cabra sortuda, ou o meu instinto de que não estava em perigo estava correto.

Tinha quase a certeza de que era a segunda. Afinal de contas, conhecia bem o perigo. Intimamente. Enfrentava-o todos os dias. Só na última semana, tive de bloquear uma bofetada de um doente, esquivar-me de um apalpão e morder a língua enquanto era insultada por inúmeros outros. Os meus instintos estavam tão apurados que não me lembrava da última vez

que alguém me apanhou desprevenida. Estava sempre à espera, sabia quais os doentes com quem tinha de ter cuidado. Atualmente, as pessoas só me tocavam quando estava distraída ou de costas.

A maioria dos meus colegas de trabalho tinha o mesmo sexto sentido, sendo a Brinley a única exceção por ser muito nova, mas já estava a aprender e, se se mantivesse firme, dentro de um mês ou dois, estaria tão preparada como os outros.

Tudo isto para dizer que tinha 98 % de certeza de que o Homem Sem Rosto não tencionava fazer-me mal. Os outros 2 % deviam ser preocupantes, e eram, mas infelizmente também davam um toque excitante às nossas interações. Era esse pequeno fragmento que aumentava o meu desejo, da mesma forma que o risco de ser apanhada tornava o foder em público tão divertido. Ontem à noite, perguntou-me se eu queria que ele tirasse a máscara e estragasse a fantasia, e tive de cerrar o maxilar e afastar-me para não gritar «NÃO!». Porque… e se ele o fizesse, e a excitação desaparecesse? Precisava da máscara para me sentir viva. Precisava da faca na mão dele para me lembrar de como a minha vida era preciosa e da sorte que tinha em estar viva.

A única coisa que poderia aumentar a fasquia era descobrir quem era às escondidas e guardá-lo para mim. A ideia de virar o jogo, entrar na casa dele para montar o meu próprio conjunto de câmaras para o poder atemorizar, era quase tão excitante como ser fodida por um estranho anónimo.

E sim, apercebi-me exatamente do quão fodido isto tudo era.

Suspirei e virei-me de costas, enquanto me perguntava como é que tinha chegado àquele ponto. Estaria simplesmente a trabalhar demais, ou seria genético e a escuridão tinha permanecido dentro de mim durante anos, à espera da oportunidade de sair e brincar?

Não, disse a mim própria. A maior parte dos meus familiares tinham sido cidadãos cumpridores da lei.

Houve apenas uma exceção e decidi não contar com ela.

Deve ter sido induzido por trauma, o que significa que precisava mesmo de tirar duas semanas de férias. Por mais do que uma razão. Tinha acabado de acordar de um longo dia de sono profundo, mas ainda estava exausta e, se não fosse o facto de ter de voltar ao trabalho dentro de poucas horas, poderia ter facilmente dormido o resto da noite.

Vou pedir férias assim que as coisas acalmarem no hospital.

Então… nunca?, respondeu um pensamento, sem ser solicitado.

Abanei a cabeça. Porque é que fazia sempre isto? Adiar os cuidados com a minha saúde mental e dar prioridade ao bem-estar de todos os outros? Sabia o que diria o meu terapeuta: que ainda estava a interiorizar a morte da minha mãe e a culpar-me por isso. Depois de todos os anos de trabalho que fiz para tentar recuperar da sua perda, a culpa ainda me perseguia. Não podia salvar a minha mãe, mas com cada vida que salvava no trabalho, sentia que, pelo menos, podia salvar o ente querido de outra pessoa.

Sentei-me na cama e apoiei a cabeça nas mãos. *O hospital não vai entrar em colapso se decidires tirar umas semanas de férias*, disse a mim mesma. *Entre a Tanya, o Seth e todas as outras enfermeiras, eles vão ficar bem.*

Se continuasse a repetir estas palavras para mim própria, talvez acreditasse nelas. Não era que não tivesse fé nos meus colegas de trabalho. A Tanya e o Seth, o enfermeiro sénior do turno diurno, eram os enfermeiros mais competentes do hospital. Confiava-lhes a minha vida. Foi a ideia de não estar presente quando precisassem de mim que me fez hesitar, e a hipótese de a minha ausência poder significar a morte de alguém. E se algum sintoma ou sinal crítico passasse despercebido por eu não estar lá?

– Pronto, para – disse. Agora soava presunçosa, porque claro que, sem a presença de uma superenfermeira como eu, todos os pacientes morreriam. Não era verdade, nem era o que me estava a guiar. O que eu sentia era mais do que autoengrandecimento, era FOMO ou medo de ficar de fora.

Antes que pudesse voltar a convencer-me a não o fazer, peguei no telemóvel que estava na mesa de cabeceira, e enviei um *e-mail* a pedir férias ao meu supervisor.

Depois, respirei fundo e tentei aceitar a ideia de ter duas semanas de liberdade. Pareceu-me muito tempo. Demasiado tempo, sinceramente. Como ia preencher todas aquelas horas? No ginásio, certamente. Pôr em dia todos os programas de televisão que tinha guardado na minha lista também soava bem. Talvez pudesse finalmente aprender a tricotar.

O *Fred* entrou no quarto e com um miar suave interrompeu a minha espiral de pensamentos. Saltou para o pé da minha cama e dirigiu-se a mim, arqueando as costas quando lhe estendi a mão para o acariciar. Ainda não

conseguia acreditar no quanto ele gostava do Homem Sem Rosto. Ter-se sentado ao colo dele ontem à noite foi uma loucura. Por outro lado, sempre foi o meu amiguinho empático, a aconchegar-se em mim sempre que eu estava triste ou tinha tido um turno mau no hospital. Talvez tivesse sentido a dor do Homem Sem Rosto e quisesse confortá-lo.

Sim, preferia essa hipótese ao *Fred* escolher um estranho mascarado em vez da sua mãe.

– Estás pronto para o pequeno-almoço? – perguntei.

O *Fred* respondeu com um chilreio e saltou da cama, abrindo o caminho até à cozinha. Eu segui-o, enquanto vestia o meu roupão pesado e chinelos antes de sair do quarto.

A casa estava banhada pela luz dourada do sol poente, com os raios a brilharem nas decorações festivas que já devia ter retirado. Ou seria apenas a pressão da sociedade a dizer-me o que fazer? Não havia um mandato oficial que dissesse quando terminava a época das decorações natalícias e os vizinhos do outro lado da rua ainda tinham a árvore na janela da frente. Estava discretamente à espera de que a tirassem antes de arrumar as minhas coisas e sempre que chegava a casa e via o brilho alegre que vinha da casa deles, sorria, ao saber que a alegria festiva tinha vivido para ver mais um dia.

Enquanto preparava um café e o pequeno-almoço do *Fred*, ocorreu-me um pensamento. E se os meus vizinhos estivessem a fazer o mesmo que eu? Estaríamos presos num impasse não intencional, cada um à espera que o outro desse o primeiro passo? Será que janeiro se transformaria em fevereiro e nos tornaríamos o ridículo do resto da vizinhança? A Paula e o George eram do sul profundo e se a música *country* me tinha ensinado alguma coisa, era que alguns sulistas tinham orgulho em deixar as luzes acesas durante todo o ano.

Fiz uma careta. Natal no verão. Pois, não. As decorações tinham de ser retiradas.

Fá-lo-ia no meu próximo dia de folga.

Preparei o prato de comida húmida para o *Fred* e meti-o no chão para ele o devorar. Enquanto o café estava a ser feito, peguei na minha caneca preferida, larga, tipo tigela, e com a frase «Já vi mais pilas do que um realizador porno». Foi uma prenda de aniversário da Tanya no ano passado,

e a sala de descanso cheia de enfermeiras riu-se quando a abri. Porque nós víamos muitos genitais.

Estremeci.

Tantos órgãos genitais.

O cheiro a café inundava a cozinha quando me dirigi ao frigorífico. Abri a porta e peguei no leite, e congelei. Havia dois recipientes de *takeaway* lá dentro. Mas ontem à noite não tinha visto só um? Peguei no leite e fechei a porta. Depois voltei a abri-la.

Sim, a segunda embalagem ainda lá estava.

Belisquei-me e doeu-me. *OK*, isto não era um sonho lúcido. Enquanto estava a dormir, alguém tinha entrado na minha casa e deixado os seus restos no meu frigorífico.

Pergunto-me quem teria feito tal coisa?

Preocupada em encontrar uma parte de um corpo à minha espera, retirei o novo recipiente e espreitei por baixo da tampa. Nenhuma mão decepada, graças a Deus. Em vez disso, vi uma pilha de panquecas cobertas de morangos frescos e *chantilly* caseiro. O mesmo pequeno-almoço que pedia todos os domingos na padaria ao virar da esquina.

Ergui o recipiente e reparei no logótipo da padaria gravado por baixo, bem ao centro.

Cuidadosamente, voltei a pôr as panquecas no frigorífico e fechei a porta uma última vez, perguntando-me como me sentia com esta última invasão. Por um lado, o Homem Sem Rosto reparou que já não havia comida cá em casa e manifestou-a. Por outro lado, estava a dormir enquanto o fazia.

Essa constatação foi aterradora. Eu sabia que tinha o sono pesado, mas caramba. Qualquer pessoa poderia ter entrado aqui nos últimos anos com intenções muito piores, e eu não saberia do perigo até ser tarde demais.

De repente, fiquei muito mais grata pelo meu novo sistema de segurança.

Por falar nisso.

Virei-me e fui buscar o telemóvel ao quarto. Abri a aplicação de segurança e voltei para a cozinha. Havia várias notificações, mas eram todas de carros que estavam de passagem ou de vizinhos que passeavam pelos passeios. Franzi o sobrolho quando me apercebi de que as indicações de tempo mostravam um intervalo de várias horas, parando por volta do

meio-dia e recomeçando há apenas vinte minutos, mais ou menos na altura em que acordei com o som de uma porta a fechar-se.

Raios partam, ele tinha pirateado as minhas câmaras.

Dirigi-me para a entrada da casa a passo firme com o intuito de acenar com a mão à frente da que estava lá fora, e verificar se as restantes estavam novamente ligadas. Porém, quando abri a porta, pestanejando para o branco ofuscante que cobria as ruas de neve, congelei pela segunda vez em menos de cinco minutos. A tempestade tinha despejado pelo menos 30 centímetros de neve em cima de nós, e a minha reação imediata foi gemer, porque isso significava que teria de me desenvencilhar antes de ir para o trabalho, o que me ocuparia o tempo que normalmente utilizava para ir ao ginásio.

Na realidade, alguém já me tinha limpado a casa. Os meus degraus da frente e o passeio estavam limpos, o meu carro tinha sido escovado e a minha entrada estava impecável.

Os meus vizinhos do lado, um casal negro com cerca de sessenta anos, estavam cá fora com todo o seu equipamento de neve, a acabar de limpar os feitos da tempestade. O marido, Clarence, viu-me e acenou. A esposa, Wendy, reparou e acenou também, encostando a pá ao lado da garagem antes de se dirigir a mim.

Saí para o meu alpendre e fechei a porta atrás de mim. O vento mordiscava-me a pele, e eu apertei mais o meu roupão enquanto descia as escadas para ir ter com ela. Quando me mudei para cá, a Wendy e o Clarence apresentaram-se dando-me as boas-vindas com uma lasanha caseira. Tinham vários netos da minha idade e, naquele dia, olharam para mim e viram uma jovem proprietária exausta e assoberbada com o tanto de trabalho que a casa estava a precisar, e decidiram adotar-me, ajudando-me nas obras, assegurando-se de que eu tinha, pelo menos, uma refeição caseira por semana, e tomando conta do *Fred* quando eu fazia uma maratona de turnos no hospital, como a que tinha feito esta manhã.

A Wendy alcançou-me com os olhos escuros a brilhar, aconchegando um caracol solto no capuz do casaco. Era alta, como eu, e ainda estava em ótima forma, graças aos passeios que ela e o Clarence davam juntos e aos jogos de golfe quinzenais, que jogava durante os meses mais quentes. A casa deles era a mais bonita do quarteirão, uma linda casa de dois andares que possuíam há quarenta anos. Recentemente, tinham considerado mudarem-se para uma casa mais pequena, mas nenhum deles conseguia

vender a casa onde tinham criado as suas quatro filhas, e eu esperava sinceramente que nunca o fizessem.

– És uma sortuda – disse a Wendy. – Aquele teu homem jeitoso desenterrou-te com uma pá.

A minha pulsação disparou. «Como é que ele…», interrompi-me. Quão estranho seria perguntar à Wendy como é que ele era fisicamente?

– Ele disse alguma coisa?

Ela sorriu.

– Pouca coisa. Disse só que vocês tinham tido uma pequena discussão e que ele estava a tentar voltar a cair nas tuas boas graças. – Ela olhou para o meu passeio e para a minha entrada, ambos imaculados, antes de se voltar para mim com um olhar suavemente punitivo. – Não nos disseste que andavas a sair com alguém.

– É coisa recente – disse eu, em jeito de desculpa.

Não, nós não éramos familiares de verdade, mas a Wendy levava o facto de ser avó muito a sério, e eu já perdera a conta das vezes em que, sempre que eles me convidavam para jantar, eu terminara a noite a desabafar com ela e com o Clarence.

– Não quero ser insistente – disse ela –, mas se me perguntares, eu digo-te fica com este. É bem-parecido como o Diabo e está disposto a fazer trabalhos manuais para te manter feliz? – Ela acenou na direção do marido. – Estes homens não aparecem muitas vezes, e se não o apanhares, alguém o fará. Eu roubei o Clarence de debaixo do nariz de uma mulher que não o apreciava como devia.

Fiquei a olhar para ela. A educada e certinha Wendy tinha sacado o homem dela a outra mulher?

– Ó minha senhora? Quando é que me ia contar essa história?

O sorriso dela alargou-se e os olhos enrugaram-se nos cantos.

– Não é tão excitante quanto parece.

– Deixe que seja eu a julgar isso – disse-lhe.

Ela riu-se e acenou com a cabeça.

Conversámos durante mais alguns minutos antes de o frio me recambiar para dentro de casa. Deixei a Wendy com a promessa de que iríamos lá jantar em breve. Era a vez deles de serem os anfitriões, e ela disse que o Clarence tinha todos os ingredientes para fazer *chana saag*, o meu prato

preferido de todos os que eles já me tinham servido. Assim que entrei, tirei o telemóvel do bolso do roupão.

Já ouviste falar da palavra «limites»? Mandei uma mensagem ao Homem Sem Rosto.

Não me parece familiar, respondeu ele. *Consegues usá-la numa frase?*

Raios o partam, não teve piada. Nem um pouco. As bochechas doíam-me porque estavam frias, não pelo meu sorriso de orelha a orelha.

Fizeste mais alguma coisa nefasta, além de limpares a entrada e o passeio e de abasteceres o meu frigorífico, que eu deva saber?, perguntei-lhe. *Vigiaste-me enquanto dormia? Puseste mais câmaras escondidas?*

Ele enviou um *emoji* a pensar. *Não me vem nada à cabeça. Mas és mesmo fofa quando ressonas.*

Os meus olhos arregalaram-se. *Eu NÃO ressono.*

Que nem um esquilo constipado. Assobio, sibilo, suspiro.

Continua a gozar comigo e talvez te apunhale outra vez. E não te atrevas a chamar-me «pervertida»!

Pervert… humm, quero dizer…

Tens muita sorte de eu não ter encontrado uma maneira sorrateira de fazer com que os meus vizinhos te descrevessem para eu te poder localizar.

E arriscar que eles olhem para ti de lado depois de eu lhes ter dito que era o teu beau*? Sabia que serias incapaz de o fazer. Ou de tornar as coisas mais fáceis para ti própria. Não mintas, vá. Estás a divertir-te tanto quanto eu, Aly.*

Abanei a cabeça. Ele era incorrigível. E eu estava a divertir-me, mas ainda não me sentia preparada para o admitir à frente dele. O ego dele parecia ser já suficientemente grande sem eu o alimentar.

Obrigada, já agora, disse-lhe. *Pelo pequeno-almoço e pela limpeza. Não devias ter feito isto. Digo-o literalmente, mas estou-te grata na mesma.*

Esperava uma resposta sarcástica, mas ele respondeu: *Gosto de tomar conta de ti.*

Merda. Não, hormonas. Não vamos ficar todas aqui a flutuar quando o homem estranho que nos persegue é gentil connosco.

Como estão os teus pontos?, perguntei, sem saber como responder ao seu comentário emocionalmente carregado. Tinha estado a evitar ativamente a memória de o ter esfaqueado e depois cosido, mas não conseguia suprimir a profissional de saúde em mim durante muito tempo.

Tinha feito tudo o que podia para evitar infeções, mas a realidade era que a minha casa não era um ambiente asséptico, e o risco de algo poder correr mal era real.

Vermelhos e dão-me comichão, respondeu ele. *E é normal ter umas linhas pretas a subir-me pelo braço, a partir da ferida?*

Oh, foda-se.

Não! Tens de ir às urgências. Agora, eu não sou… comecei por escrever antes de ele me enviar a mensagem seguinte, tendo parado logo para ler.

Estou a brincar. Está tudo bem. Passaste-te completamente, não foi?

Apoiei as mãos no balcão da cozinha e inclinei-me para a frente, respirando ofegante enquanto lutava para controlar o meu ritmo cardíaco.

Eu ia mesmo encontrá-lo e arranjar uma forma de me vingar. Talvez entre em casa dele e lhe mude a mobília ligeiramente de sítio. Não de forma demasiado óbvia, apenas o suficiente para que o cérebro dele fique na dúvida, com a impressão permanente de que algo está errado, e ele fique louco a tentar descobrir o quê. Ou talvez vá ao quarto *dele* fazer uma *thirst trap* para ver se *ele* gosta.

Ugh. Risca isso. Provavelmente iria adorar, e eu estou a pensar num castigo, não numa recompensa.

O meu telemóvel tiniu novamente.

Aly? Ainda estás aí? Ou estás algures a planear a minha morte?

Como é que ele já me conhecia tão bem?

Ah, claro. A perseguição.

Nunca me hás de ver a vir, disse-lhe, carregando no botão enviar antes de reparar no duplo sentido das palavras.

Bolas. Lá se vão os meus planos para ti esta noite, escreveu ele de volta.

Quase me engasguei.

Como raios é que eu ia passar o resto da noite com a ideia de ele a dar-me prazer a ocupar tanto espaço no meu cérebro?

Chegou outra mensagem, mas era do Tyler.

Olá, Aly. Provavelmente trabalhas esta noite, mas será que tens tempo para passar por aqui e falar com o Josh? Ele disse-me que está livre.

O sorriso que se espalhou pelo meu rosto parecia maníaco. Que seja dado o primeiro passo para encontrar o Homem Sem Rosto.

Se eu sair em breve, sim, respondi. *Será que meia hora a partir de agora é suficiente para ele?*

O Tyler demorou alguns minutos a responder. *Ele disse que sim. Eu não vou cá estar. Pode ser assim? O Josh é fixe.*

Tenho a certeza de que vou ficar bem, disse-lhe.

OK. *Boa sorte. Aqui está o número dele para que lhe possas mandar uma mensagem quando chegares.*

Ele enviou-o e eu guardei-o no meu telemóvel antes de lhe agradecer. Voltei à minha conversa com o Homem Sem Rosto.

Queres partilhar que planos são esses?, perguntei.

Em resposta, recebi um *emoji* de lábios fechados, seguido de uma faca e depois uma cara de diabo sorridente.

Fixe, fixe.

Ou era a sua vez de brincar com a faca ou estava a planear suturar os meus lábios para que eu não pudesse dizer ao Diabo, quando chegasse ao inferno, quem me tinha esfaqueado até à morte.

10

Josh

— Tens a certeza de que vais ficar bem a sós com a Aly ? – perguntou o Tyler da cozinha. – Se precisares que eu fique, eu fico.

A que ponto cheguei eu para que o meu colega de quarto considerasse baldar-se a um encontro para ficar a tomar conta de mim enquanto eu tinha visitas?

Fiz uma pausa a meio da montagem do meu portátil na mesa de café da nossa sala, e virei-me para ele.

– Eu fico bem, desde que tenhas a certeza de que ela não gosta de crimes reais.

O Tyler riu-se, cruzando os braços enquanto se encostava ao balcão.

– Sim, tenho a certeza – disse ele. – Ela confronta-se com demasiados crimes no trabalho e não compreende a obsessão das pessoas com isso. E vá lá, pá. Achas mesmo que eu trazia uma *murderino** cá a casa?

Franzi o sobrolho. Ele selecionava os encontros dele em função de mim?

– Não sabia que eras assim tão seletivo.

O Tyler encolheu os ombros.

– Porque é que achas que não conheceste o Eric, no ano passado? Ele era um *fanboy* do *My Favorite Murder*, e na altura tinham acabado de publicar um episódio sobre o teu pai.

Era por isso que o Tyler era o meu melhor amigo, apesar de todas as suas tendências parvas. Ele fazia a coisa certa quando era importante, sem eu ter de lhe pedir nada.

– Então tenho andado a evitar todos os teus engates sem razão nenhuma? – disse eu.

Ele exibiu um sorriso não apologético.

– *Yup*.

– E não te apeteceu contar-me isto até agora porque…

– Porque não queria ter concorrência caso alguém te pusesse a vista em cima. A última coisa de que precisamos é ter outra…

Apontei para ele.

– Não digas outra situação como a da Cara McKinley.

A namorada do Tyler na faculdade era cá uma peça, que canseira, fazia o seu melhor para se meter entre nós, mas não da forma que ele imaginava. A Cara tinha a palavra «abusadora» escrita na testa. Desde cedo reconheci os sinais e tentei avisar o Tyler, mas ele não me deu ouvidos.

O comportamento dela foi diretamente retirado do manual do meu pai. Ela tentou separar o Tyler de mim e de toda a gente presente na vida dele. Perdi a conta às vezes em que a vi mentir descaradamente para manipular o meu colega de quarto, fazendo-se sempre passar por vítima. Ela descrevia amiúde os acontecimentos à maneira dela e manipulava o Tyler quando ele a tentava corrigir. Falei com ele várias vezes durante o namoro, chamando-o à atenção para o comportamento dela, mas ele recusava-se a ver e a aceitar a realidade, estava demasiado cego pela forma como ela o punha num pedestal.

Por isso, decidi resolver o assunto pelas minhas próprias mãos. Um dia, quando ele não estava, encontrei a Cara a mexer nas coisas do Tyler e encurralei-a, olhando-a fixamente nos olhos e sorrindo com todos os meus dentes, enquanto lhe dizia quem era o meu pai e que, se ela não deixasse o meu colega de quarto em paz, eu faria com que os crimes do meu pai parecessem uma brincadeira de crianças.

Ela fugiu do dormitório e contou a toda a gente o que eu lhe tinha feito e denunciou-me à segurança do *campus*, revelando o meu segredo, o que acabou por fazer com que eu e o Tyler tivéssemos de abandonar aquela escola.

Não me arrependi de nada, embora o Tyler ainda estivesse convencido de que eu tinha afastado a Cara porque ela se tinha atirado a mim ou algo do género.

Abanei a cabeça para o meu colega de quarto.

– Parece que és tu que não queres que eu fique sozinho com a Aly.

Ele empurrou o balcão.

– Estás a brincar? Se eu pensasse que podia acontecer alguma coisa entre vocês os dois, inundava o *hall* de entrada de pétalas de rosa, revestia este sítio de velas e punha Marvin Gaye a tocar. Tu andas a precisar de dar uma queca, meu. Tens passado demasiado tempo sozinho no teu quarto e a este ritmo ainda vais ficar com síndrome do túnel cárpico ou com uma artrite precoce no pulso.

Fiquei imóvel. Ele não tinha problemas com o facto de eu ver a Aly? A excitação corria-me nas veias. Era um obstáculo a menos que tinha de saltar, um obstáculo a menos que tinha de ultrapassar a caminho de a tornar minha. Por me ter distraído, a segunda parte do que o Tyler disse só me atingiu momentos depois, fazendo-me revirar os olhos.

– Eu não estou sentado no meu quarto a bater uma 24 horas por dia.

Espera aí, porque é que estou a criar uma discussão? Era melhor ele pensar que eu me tinha transformado num masturbador em série do que saber a verdade sobre a forma como eu andava a passar os meus dias ultimamente.

– Tenho andado a trabalhar muito – menti.

Ele olhou para mim.

– Se tu o dizes.

– Não tens um encontro? – perguntei-lhe.

Ele tinha de se ir embora. Agora. A Aly já devia estar a caminho.

O Tyler consultou o relógio.

– Merda. A Sarah vai-me matar se me atraso outra vez.

Vê-lo correr para o quarto apaziguou o meu aperto no peito. Para haver ainda alguma esperança de conseguir impedir a Aly de descobrir a minha identidade, o Tyler não podia estar presente.

Bati com os dedos na mesa de café enquanto o ouvia a preparar-se.

Vamos lá, vamos lá. O teu cabelo está ótimo. Para de o alisar em frente ao espelho.

O facto de eu saber o que ele estava a fazer sem precisar de o ver significava provavelmente que estávamos a viver juntos há demasiado tempo.

Poucos minutos depois, ele voltou, vestindo um elegante casaco preto com o colarinho levantado, parando no meio do nosso espaço. Apareceu-lhe um vinco entre as sobrancelhas quando me olhou.

– Tens a certeza de que ficas bem?

– Põe-te a andar – disse, as palavras soaram um pouco mais duras do que pretendia.

Estava a ficar sem tempo.

Ele mandou-me um olhar de desprezo.

– Tudo bem, mas liga-me se a merda der para o torto.

Acenei-lhe e ele saiu do apartamento, com um ar irritado. Mais tarde, teria de encontrar uma forma de lhe pedir desculpa.

Assim que a porta se fechou atrás dele, saltei do sofá e desliguei o aquecimento antes de correr para abrir todas as janelas do apartamento. Tinha conseguido esconder a minha mão ferida do Tyler, mas isso não ia funcionar com a Aly, pois precisava de ambas para escrever. Aposto que já estava na sua lista de suspeitos, era uma dedução óbvia, pois ela já me conhecia e sabia que eu era bom com computadores, por isso, teria de ser astuto se quisesse serenar as suas suspeitas. Para isso, tinha passado a última hora a desenvolver alegremente um plano.

Quem diria que a perseguição e os jogos de engano eram tão divertidos?

Hum, o teu pai?, respondeu-me uma voz no meu cérebro.

Parei no meu caminho e encolhi-me. Precisava de encontrar uma forma de amordaçar o meu subconsciente. Estava sempre a dar de si nos momentos mais inoportunos para apontar falhas na minha lógica ou fazer comparações entre mim e o monstro que tinha contribuído para metade do meu ADN.

E se eu partilhasse algumas características com o homem? Desde que não fossem as más, será que isso importava? Afinal de contas, também herdei a propensão da minha mãe para pensar demasiado nas coisas, e isso ultimamente tem-me dado mais trabalho do que as merdas que recebi do meu pai.

Abanei a cabeça e voltei ao termóstato, vendo a temperatura descer para os quinze e poucos graus. Assim que chegou aos doze, voltei a fechar as janelas. Pronto. Isto deve resolver o problema. Está frio o suficiente para serem precisas várias camadas, mas não tão mau que faça a Aly tremer.

O nosso termóstato estava à entrada, onde ela o podia ver e reparar que eu o tinha desligado, por isso, peguei numa fotografia que a minha mãe me tinha enviado, minha, dela e do meu padrasto, tirada quando os fui visitar no verão, e pendurei-a por cima do termóstato para o esconder. Podia ter feito melhor, mas por agora teria de servir.

O apartamento era um retângulo espaçoso, e a porta do meu quarto ficava logo a seguir ao *hall* de entrada. A partir daí, o espaço abria-se, com a cozinha à esquerda e a sala de estar à direita, ladeadas por janelas enormes que datavam da altura em que este edifício era uma fábrica industrial. O quarto do Tyler ficava no lado oposto ao meu, e seria de esperar, pela distância que nos separava, que eu não conseguisse ouvir nada do que se passava lá dentro. Infelizmente, o grande espaço aberto entre nós funcionava como uma espécie de câmara de eco sexual, a alvenaria exposta e as condutas suspensas transportavam todos os gemidos e grunhidos diretamente para o meu quarto.

Há três noites, tinha levantado os olhos do ecrã do meu computador e ousado dizer: *Espera. Esperaaa. Agora,* mesmo antes de o Tyler soltar um valente gemido e o apartamento mergulhar no mais absoluto silêncio.

Estremeci ao recordar-me, desejando poder desaprender os sons de aviso que o meu colega de quarto fazia antes de se vir.

Definitivamente, estávamos a viver juntos há demasiado tempo.

Voltei a minha atenção para o chão e procurei por qualquer coisa que me pudesse ter escapado durante a arrumação. O Tyler gostava de deixar as meias dele espalhadas pelo chão, porém fazia-o cada vez menos. No outro dia, queixou-se de que estava a ficar sem meias e que a máquina de secar as devia estar a comer de alguma forma. Não estava. Era eu quem as estava a deitar fora para tentar quebrar o mau hábito dele.

Significativo? Talvez. No entanto, de acordo com o quadro branco pendurado na minha secretária, já tinham passado cinco dias desde que a última meia tinha sido deixada no chão da sala de estar – um novo recorde! –, por isso, não ia parar.

Entrei no meu quarto e peguei numa camisola e em luvas sem dedos. Já tinha a intenção de as usar para esconder as minhas mãos tatuadas, mas agora com os pontos, elas eram duplamente necessárias.

Dois telemóveis estavam lado a lado na minha cama. Certifiquei-me de que o telemóvel com que enviei as mensagens à Aly estava em modo silencioso e deixei-o ficar para trás, enquanto peguei no meu verdadeiro e saí do quarto. Por via das dúvidas, e para o caso de a Aly se sentir bisbilhoteira quando chegasse, fechei a porta atrás de mim.

Estava preparado tanto quanto possível, mas então porque é que me sentia à beira de um ataque de nervos? Estava excitado, sim, e ansioso por

jogar mais jogos com a Aly, mas também estava nervoso. Será que é porque uma rapariga de quem gostava vinha ver-me pela primeira vez e eu queria que tudo corresse na perfeição?

Não.

Sim?

Fiquei a pensar nisso. Sim, era isso. Porque, aparentemente, eu estava a voltar a ser um adolescente por causa da Aly, e o facto de ficar com tesão sempre que pensava nela confirmava ainda mais esse facto.

Tinha vestido uma *T-shirt* demasiado grande e que descia o suficiente para esconder o contorno óbvio da minha ereção a pressionar-me as calças de ganga. Tinha estado excitado a maior parte do dia, porque sempre que parava por mais de meio segundo, os meus pensamentos voltavam à noite passada e à memória da Aly a balançar para cima e para baixo no meu colo enquanto venerava a minha pila.

Raios me partam, a mulher sabia fazer um bom broche, e isso depois de me dizer que estava a fazê-lo de um mau ângulo. O que é que ela seria capaz de fazer se eu me pusesse diante dela e a deixasse fazer o seu pior?

Provavelmente, estragar-me-ia com mimos perante todas as outras mulheres. Não que eu me pudesse queixar. O meu telemóvel tocou na minha mão.

Respirei fundo. Era agora.

Olhei para baixo e, de facto, a mensagem era da Aly. Ela tinha acabado de chegar e estava a subir.

Calcei as luvas e a camisola e fui esperar por ela à porta. Os meus dedos batiam na minha coxa com impaciência, e eu não conseguia parar de bater o pé. Tinha ido correr mais cedo para gastar alguma da minha energia nervosa, mas apesar de me ter esforçado até à exaustão, não tinha sido suficiente. Estava excitado, hiperconsciente e duro como a porra de uma pedra.

A Aly estava prestes a estar à distância de um toque, e eu nem sequer podia encostar um único dedo nela. Isto ia ser uma tortura. A única coisa que me ia ajudar a ultrapassar isto era o facto de saber que iria poder compensá-lo mais tarde. Apesar do que lhe tinha enviado por mensagem, ainda planeava fazê-la vir-se. Depois de um pequeno castigo pelo esfaqueamento, claro. Só esperava ter feito o suficiente para ganhar a sua confiança na noite passada e que ela não corresse diretamente para uma

arma quando me encontrasse sentado no quarto dela coberto de sangue e com uma faca na mão.

Alguém bateu à porta. Respirei fundo enquanto me preparava e a abria.

A Aly estava no corredor, vestida com uma bata nova e o mesmo casaco de ontem à noite. O seu cabelo escuro estava preso numa longa trança e ela tinha apenas um pouco de maquilhagem.

Estava a olhar em frente quando eu abri a porta, por isso os seus olhos pousaram no meu peito. Mantive-me perfeitamente imóvel enquanto eles se alargavam um pouco e subiam lentamente, olhando para a largura dos meus ombros, demorando-se na minha mandíbula, antes de finalmente subirem e virem ao encontro dos meus. As pupilas dela dilataram uma fração mínima, e uma pitada de cor temperou as suas bochechas.

Será que estava excitada neste momento? Será que me achava atraente?

Senti-me ao mesmo tempo exultante e ligeiramente traído. Bem, este era um sentimento estranho. Tinha ciúmes de mim próprio. Porquê? Não era como se a versão mascarada de mim tivesse algum direito sobre ela. Ela era uma mulher de carne e osso com olhos na cara. Era-lhe permitido sentir-se atraída por quem quisesse. Eu devia ver isso como uma coisa boa. Quando ela eventualmente descobrisse quem eu era, seria um bónus se ela tivesse tesão por mim.

Sorri, deleitando-me com o rubor que lhe afagava a cara. Oh, sim, ela sentia-se atraída por mim.

– Aly, certo? – perguntei, estendendo a minha mão direita na direção dela, que por acaso era a minha mão ferida.

Era preciso eliminar-me da lista de suspeitos dela, e esta era uma ótima maneira de começar.

Ela baixou o olhar para a ver e franziu o sobrolho, reparando nas luvas.

– Sim, obrigada mais uma vez por me ajudares.

Os seus olhos estreitaram-se quando ela pôs a sua mão na minha, e eu preparei-me antes do aperto de mãos. Se bem a conhecia, e já a conhecia bastante bem graças ao quanto a tinha observado, ela estava prestes a morder o isco.

Mesmo na hora certa, os seus dedos apertaram-se à volta dos meus no primeiro movimento para cima, e quando voltámos a descer, ela estava a apertar-me com muito mais força do que a necessária.

A minha mão ardia como uma filha da puta, a dor subia-me pelo braço. Um gemido cresceu no fundo da minha garganta, mas não havia maneira de o deixar sair, porque ela ou se ia aperceber de que me tinha magoado ou reconheceria o som lamentável de há pouco.

Sorri, apesar da dor.

– Que belo aperto que tens aí. Estás a tentar intimidar-me para que fique calado em relação a tudo isto?

Ela arregalou os olhos ao perceber que, se eu não era o seu perseguidor mascarado, então ela estava a bloquear o fluxo de sangue de um homem inocente. Soltou-me e deu um passo atrás.

– Desculpa, não, eu só…

Levantei uma sobrancelha, à espera de que ela terminasse a frase.

Ela abriu a boca. Fechou-a novamente. A Aly estava nervosa? Oh, isto era demasiado bom. O meu coração sombrio e perverso cantou ao vê-la procurar uma forma de se desculpar pelo seu comportamento. Eu ia atormentar esta mulher como o caralho, e ia ser bem divertido.

– Só… desculpa – ela terminou de forma fraca, desviando o olhar.

Tive um pouco de pena dela e afastei-me, segurando a porta.

– Entra.

– Obrigada – disse ela, passando por mim.

– Desculpa se está frio. O aquecimento ainda agora estava a funcionar, mas depois parou, há já algum tempo, e não voltou a ligar-se. Já falei com o porteiro e ele disse que vai resolver o assunto.

O olhar dela desceu para as minhas luvas.

– Oh, então é por isso que estás de luvas.

– Sim. Se tiveres frio, temos mais pares por aí.

Ela sorriu, parecendo ainda embaraçada por imitar uma jiboia quando me apertou a mão.

– Se precisar digo-te. Obrigada.

Fechei a porta atrás dela e dirigi-me para a cozinha.

– Café?

– Claro – disse ela.

– Metade-metade, certo?

Ela ficou calada, provavelmente a pensar como é que eu sabia do modo como ela tomava a sua bebida com cafeína preferida. Por a observar, claro,

mas eu sabia-o há mais tempo, e essa pequena verdade provavelmente também a iria desorientar.

Virei-me e sorri-lhe, o suficiente para fazer sobressair as minhas covinhas. O olhar dela pousou sobre elas e perdeu a concentração por um segundo, e eu fiquei grato por a minha *T-shirt* comprida ter escondido a forma como a minha pila reagiu. Eu conhecia o meu aspeto, sabia o efeito que tinha nas pessoas. Até agora, sempre me tinha ressentido por ser tão bonito, porque me lembrava de como deve ter sido fácil para o meu pai atrair as suas vítimas.

Pela primeira vez em muito tempo, fiquei grato pela minha aparência porque a rapariga dos meus sonhos parecia abalada por ela, apanhada desprevenida porque não tinha olhado bem para mim na primeira vez em que nos encontrámos e não sabia o que fazer em relação ao facto de o colega de quarto do Tyler se parecer com alguém que podia entrar no próximo filme do Super-Homem.

– Lembro-me de como tu gostas dele, desde aquela noite em que estiveste cá em casa – disse-lhe, acrescentando uma piscadela de olho para ver se conseguia que ela corasse de novo.

De facto, o cor-de-rosa das suas bochechas voltou a aparecer.

– De como eu gosto dele? – perguntou ela, tendo percebido a insinuação nas minhas palavras.

Ela olhou de olhos arregalados para o quarto do Tyler e eu consegui ver as rodinhas a girar na sua cabeça enquanto se questionava sobre o quanto eu teria ouvido naquela noite.

– Sim, do teu café – disse eu enquanto a olhava, com um tom inocente, mas uma expressão que era tudo menos isso.

Ela respirou fundo e virou-se para trás.

– Sim! – guinchou ela. – Com natas, obrigada. Vou sentar-me aqui.

O colega de quarto do seu ex-engate estava a flirtar com ela, e ela *não* sabia o que fazer. Por dentro, eu estava a rir-me. Talvez a conseguisse desequilibrar tanto que ela se esquecesse do porquê de estar aqui.

Mas eu devia ter mais juízo.

Quando o café acabou de ser preparado e eu caminhei até ela com as chávenas, ela já se tinha controlado, tinha voltado a ser a mulher competente e sensata que eu via quase todas as noites. Deve ter sido apenas a surpresa que a fez inicialmente perder o controlo.

– Mais uma vez, obrigada – disse ela enquanto eu lhe passava a chávena. – Sei que é um pedido estranho, pedir-te que encontres alguém por mim, e agradeço-te desde já pela ajuda. Tens a certeza de que não queres que te pague?

– Tenho a certeza – disse eu. – O desafio será pagamento suficiente.

Foi a minha vez de me sentir ofuscado enquanto olhava para os seus grandes olhos castanhos.

De perto, havia toques mais claros de âmbar e topázio escondidos entre os tons mais escuros. As suas sobrancelhas eram espessas, um ou dois tons mais escuras do que o seu cabelo, arqueadas ao meio como as de uma beldade de uma pintura renascentista.

Faças o que fizeres, não olhes para a boca dela, disse a mim próprio.

Usei a desculpa de estar a bebericar o meu café para desviar o olhar antes de ceder a essa tentação. Olhar para a boca da Aly era perigoso porque me faria lembrar o que aquela boca me tinha feito recentemente, e a minha pila já estava suficientemente dura.

Pousei o meu café numa base e abri o meu computador portátil. O ecrã ganhou vida, mostrando-me o emblema da empresa para a qual eu trabalhava. Tinha limpado qualquer vestígio da Aly antes, para o caso de ter de me levantar para urinar, e ela ficar curiosa e se pôr aos cliques.

– Porque é que precisas de encontrar esta pessoa? – perguntei. – O Tyler foi um bocado vago.

– A culpa é minha. Não quis entrar em pormenores com ele – disse ela.

Olhei para ela e vi-a a observar atentamente o meu ecrã. Esperei um pouco, mas ela não entrou em pormenores. *A sério, Aly? Nem sequer o dizes ao tipo que te está a ajudar a encontrar o que procuras?* Está bem. Se ela se recusasse a ser sincera, eu teria de encontrar outra forma de lhe arrancar a informação.

– Muito bem, então – disse. – Tens pelo menos um ponto de partida? Um nome ou uma morada?

Ela respirou fundo e puxou do telemóvel.

– Por favor, não me julgues pelo que te vou mostrar.

Vi-a desbloquear o ecrã, anotando o código de acesso – porque é claro que o fiz –, e esperei que ela abrisse a aplicação das redes sociais, encontrasse o meu perfil para depois mo mostrar.

Olhei de lá para cá e de volta para ela.

– Queres que eu encontre este tipo por ti?

Ela acenou com a cabeça.

– Não és uma *fangirl* raivosa a tentar descobrir onde ele vive, certo? Porque perseguição é crime, Aly.

O meu tom era sério como o caraças, e foi preciso toda a força de vontade para manter uma alegria raivosa na minha expressão.

As suas bochechas voltaram a aquecer, mas parecia ser por mau humor em vez de desejo.

– *Eu* sei que é crime. É a outra pessoa que tem problemas em respeitar limites – murmurou ela.

Não te rias, não te rias, não te rias.

– A sério? – disse.

– É uma longa e louca história, e não quero entrar nela com alguém que é quase um estranho.

Outch!

Ela levantou o olhar para o meu e teve a boa educação de parecer apologética.

– Sem ofensa.

– Não me ofendi – disse-lhe. – Só me preocupa um pouco que isto acabe comigo a ser acusado de ser cúmplice involuntário no homicídio de alguém.

Ela bufou.

– É com o meu assassínio que devias estar mais preocupado.

Ela estava a falar a sério? Ainda acreditava que eu a poderia magoar? Foda-se, afinal não tinha feito o suficiente para a tranquilizar. Talvez precisasse de mudar o plano desta noite e dar-lhe o poder novamente. Ela pareceu gostar de o ter ontem à noite.

– Estás a brincar? – perguntei, porque era o que uma pessoa não envolvida e preocupada faria. – Achas que este tipo te vai matar?

Ela soltou um suspiro

– Não. Quer dizer, espero que não. – Ela deixou cair a cabeça nas mãos. – Porra, estou a fazer isto parecer muito pior do que aquilo que é.

Ela levantou-se e olhou para mim suplicante, e eu decidi que lhe daria qualquer coisa que ela pedisse naquele momento. A minha ajuda. A minha lealdade eterna. A palavra-passe da minha conta de investimento e todo o dinheiro que lá estava.

– Se eu achasse que estava realmente em perigo, teria ido à polícia – disse ela. – Este tipo tem andado a meter-se um pouco comigo, de uma forma inofensiva, e eu gostava de me vingar dele.

Continuei a fazer o papel de espectador preocupado.

– Não sei. Isto parece algo para ser resolvido pelas autoridades.

Ela abanou negativamente a cabeça.

– Não. Quero fazer isto à minha maneira. Ajudas-me ou não? – Ela pôs a mão sobre a minha, a direita, reparei, e apertou-a novamente. – Mas compreendo perfeitamente se tudo isto te assusta.

Auu, Auu, Auu.

Mantive o meu rosto estoico enquanto lhe respondia.

– Eu ajudo. Mas, por favor, vai à polícia se as coisas piorarem ou se te sentires insegura.

Ela sorriu e voltou a apertar-me a mão, desta vez com mais força, claramente atenta à minha expressão procurando por qualquer sinal de dor, soltando-me logo depois.

– Fica descansado. Obrigada.

Reparei, ao assentir com a cabeça, como parecia quase desiludida com a minha inércia e me virei para o meu portátil. Será que ela queria que fosse eu?

Acharia ela que eu lhe ia facilitar assim tanto a vida?

Fiz questão de abrir o meu perfil nas redes sociais num *browser* e bloqueei-o no lado esquerdo do ecrã. A seguir, abri um programa, bloqueei-o à direita, copiei e colei o meu nome de utilizador numa linha de código e carreguei no «enter». Números e letras começaram a esvoaçar no lado direito do ecrã enquanto o programa continuava a trabalhar.

Parecia deveras impressionante, como algo saído de um filme de espionagem, mas na realidade não servia de nada. Eu não ia ficar ali sentado a seguir o meu próprio rasto, nem me iria substituir e fazer de alguém mais próximo o meu bode expiatório. Se a Aly estava a falar a sério sobre vingança, isso poderia significar invadir a casa de alguém, e eu nunca a enviaria para a morada de um estranho, se fosse esse o caso.

Teria de encontrar uma forma de acelerar o tempo, e de lhe dizer que o *hacker* dela era muito bom – quer dizer, era mesmo, não é para me gabar nem nada – e que ele tinha feito um excelente trabalho a encobrir o seu

próprio rasto, demasiado bom para que eu o conseguisse encontrar, sem correr o risco de ser apanhado e pirateado.

– É só isso? – perguntou a Aly. – Só tens de inserir os dados e o programa trata de tudo por ti?

– Gostava que fosse assim tão fácil, mas não – respondi. – Isto é só para descobrir o endereço de IP que ele usou para criar a conta dele.

A partir daí, falei em pormenor sobre o trabalho necessário para encontrar alguém. A cara dela desceu enquanto eu falava. Ótimo. Com sorte, ela estava a reconsiderar a sua ideia maluca.

– Então não vais ter uma resposta para mim até eu ter de sair – consultou o relógio –, daqui a vinte minutos?

– Não. Desculpa – disse eu. – Como é que é ser enfermeira nas urgências? – acrescentei.

Porque não me consegui conter. Era a primeira vez que falava com a Aly e, apesar da frequência com que a observava, continuava ávido por informação. Havia muito conhecimento que não se podia obter por meio de uma câmara. Tinha memorizado as suas expressões e aprendido a ler os seus estados de espírito, mas não sabia o que a fazia vibrar, não sabia o que ela realmente sentia em relação a todas as coisas pelas quais a tinha visto passar.

– Oh – disse ela, parecendo ligeiramente surpreendida pela súbita mudança de tópico. – É… não sei exatamente como o descrever. É bom, embora esta não seja a palavra certa. Recompensador talvez seja melhor.

Olhei para os seus lábios, incapaz de me conter. Há menos de um dia, eles tinham-se aberto à volta da minha pila. Há menos de um dia, eu tinha-me vindo dentro daquela boca maravilhosa.

Levantei o olhar e voltei a concentrar-me nas suas palavras antes de fazer alguma estupidez.

– Por vezes, é incrivelmente exigente – afirmou. – Os pontos baixos são deveras baixos, mas os altos são igualmente altos. Nada se compara à emoção de salvar a vida de alguém.

Assenti com a cabeça.

– Aposto que sim. O que é que te fez querer entrar nesse universo?

Ela encontrou os meus olhos antes de se desviar para ver as letras a palpitar no meu ecrã.

– A minha mãe, mas não quero falar sobre isso. Desculpa.

– Está bem – disse. Merda, tinha tocado num nervo. Precisava de voltar a pôr-nos em terreno mais seguro. – Mais café?

Ela bebia pelo menos um bule por noite, e a chávena dela parecia estar a precisar de nova dose.

Ela estendeu-ma.

– Sim, por favor.

Fui até à cozinha e servi mais duas chávenas. Quando regressei à sala de estar, a Aly estava a escrever no telemóvel. Ainda a consegui ver pressionar no «enviar» e depois pôr-se a olhar para o meu telemóvel, que estava ao lado do portátil, como se estivesse à espera de alguma coisa. Será que ela acabou de me enviar uma mensagem? Ao meu eu mascarado?

Se assim fosse, ela receberia uma resposta vaga e ligeiramente provocadora em três, dois, um…

O telemóvel tocou, e ela pareceu desapontada durante meio segundo até ler a mensagem e sorrir, abanando a cabeça como se estivesse divertida e não quisesse estar. Eu conhecia bem aquela expressão. Ela usou-a constantemente na noite passada.

Enquanto eu regressava à sala com as nossas chávenas, ela encaminhou outra mensagem sorrindo ainda mais quando a resposta seguinte chegou.

O programa de resposta automática que eu tinha carregado no meu gravador era bastante sofisticado. Conseguia, na minha ausência, manter uma conversa inteligente/irritante com ela, embora eu esperasse que ela não continuasse a conversa por muito tempo. O programa era bom, mas não era perfeito, e ela parecia ter finalmente parado de suspeitar de mim. De mim, Josh. Afinal de contas, não podia ser eu o seu admirador secreto se ele estava, ao mesmo tempo, a responder-lhe às mensagens, pois não?

– Obrigada – disse ela, pousando o telemóvel para segurar no café.

Agora que eu já não era um suspeito, parecia mais descontraída do que há pouco, como se já não estivesse de costas voltadas para mim.

Muah ah ah ah ah.

O meu plano maléfico estava a funcionar. Primeiro passo: fazer com que a Aly baixasse a guarda. Segundo passo: fodê-la neste sofá.

Oh, espera, não. Tinha saltado alguns passos algures.

Mas, meu Deus, a tentação era forte. A Aly descontraída era quase tão sensual como a Aly mal-humorada, e tive de me forçar a não olhar para ela, e fingir que estava a prestar atenção às maravilhas executadas pelo meu

falso programa de pirataria. Infelizmente, ela não parecia sofrer com tal compunção, eu podia mesmo sentir o seu olhar como um toque físico enquanto ela me observava a olhar para o ecrã. Tinha-me preocupado com a possibilidade de a minha ligação a ela estar somente relacionada com a nossa perversão partilhada e que, sem uma máscara entre nós, a excitação se esvaísse. Devia ter prestado mais atenção. Desejava-a tanto agora como ontem à noite e, pela forma como ela me olhava tão atentamente, começava a pensar que ela sentia o mesmo.

Continua assim, querida, pensei eu, *e vê lá se não me denuncio agora mesmo só para poder ceder à tentação de te puxar essas calças para baixo e…*

– Como é ser um programador de computadores? – perguntou ela.

Limpei a garganta e remexi as ancas, tentando aliviar-me da minha ereção direcionando-a para o lado, de modo que não ficasse encalhada na minha breguilha. Ela estava a fazer conversa fiada, ou queria mesmo saber?

Bebi um gole de café, recostei-me e arrisquei olhar para ela. Parecia genuinamente interessada.

– É um pouco como descreveste a enfermagem. Desafiante, mas gratificante, embora de formas diferentes.

– O que é que te fez querer começar?

Afastei relutantemente o meu olhar dela. Tinha estado a olhar para a sua boca outra vez e quase me escapou a pergunta. No momento em que se registou, o meu estômago desceu. Já estava a fazer jogos suficientes com ela, e não queria começar a empilhar mentiras, por isso contentei-me com uma meia-verdade.

– O meu pai não era um bom homem. Tentou encontrar-nos quando eu e a minha mãe o deixámos. A razão pela qual comecei a programar foi para aprender e conseguir escondermo-nos dele *online*.

– Oh, uau – disse ela. – Peço muita desculpa.

Abanei a cabeça.

– Não é preciso. Tudo isso faz parte do passado. Agora estamos livres dele. – O mundo inteiro estava livre dele, graças à sua execução. – Um assunto mais leve – disse-lhe. – Se estivesses fechada num quarto cheio de aranhas, preferias que a luz estivesse acesa ou apagada?

A Aly inclinou-se para mim até eu não ter outra hipótese senão olhar para ela novamente.

– Isso é um assunto mais leve? – perguntou ela, com as sobrancelhas levantadas em sinal de preocupação.

Os olhos dela eram tão bonitos assim de perto.

– Do que o meu pai? Sim.

Ela sentou-se.

– Luzes acesas, acho. Para poder ver as aranhas a chegar.

– Tu?

Assenti com a cabeça.

– O mesmo.

– Preferias ficar sozinho e preso no espaço ou no fundo do mar? – perguntou ela.

– São ambos terríveis. Espaço.

– O mesmo. Mas porquê?

Sorri.

– Estou a contar com a hipótese de ser resgatado por *aliens*.

Ela sorriu de volta, o seu olhar mergulhou novamente nas minhas covinhas e ficou ligeiramente desfocado.

O meu coração começou a bater com tanta força que me fez estremecer a caixa torácica. Quando é que foi a última vez que fiz isto? Sentar-me e conversar com uma mulher? Não me lembrava de alguma vez ter estado tão à vontade com uma, pelo menos enquanto adulto. Uma parte de mim continuava sempre inquieta, à espera que elas descobrissem quem eu era e que esse conhecimento arruinasse tudo. Talvez devesse ter sentido isso com a Aly, mas o Tyler não era mentiroso, e se ele disse que ela evitava crimes verdadeiros como a peste, estava a falar a sério.

– Preferias mudar de sexo sempre que espirras ou não saberes a diferença entre um bebé e um queque? – perguntei-lhe.

Ela riu-se, atirando a cabeça para trás e quase entornando a bebida.

– Essa segunda parte é macabra. Eu fico-me pela mudança de sexo. Parece-me divertido.

Assenti com a cabeça.

– O mesmo.

Um olhar malicioso insinuou-se na sua expressão, e o seu olhar desceu para o meu colo.

Olhei para baixo, mas a bainha da minha *T-shirt* ainda escondia o que se passava por baixo dela.

Ela ergueu os olhos para os meus, o seu olhar ardente.

– Preferias cada vez que te vens ejacular um espermatozoide do tamanho de um girino ou cem do tamanho normal, mas que podem falar?

Sorvi um gole cheio de café e comecei imediatamente a engasgar-me. A Aly deu-me palmadinhas nas costas, enquanto eu me inclinava para a frente, a arfar ao mesmo tempo que os meus pulmões tentavam expelir a invasão líquida.

– Desculpa – disse ela. – Devia ter esperado que engolisses. Já apanhei muita gente desprevenida com esta.

– Essa é uma pergunta verdadeiramente impossível – sussurrei.

Deixou de me dar palmadinhas e começou a acariciar as minhas costas, e eu decidi ficar onde estava até ela ter vontade de parar.

– Eu sei. Porque, por um lado, oh. Por outro, nunca nos conseguiríamos livrar deles. – Ela elevou a voz para um registo muito mais alto, soando como uma criança. – Nãooo. Não nos esmagues, Josh. Estamos vivos.

***

A Aly havia saído da minha casa há quase oito horas, e eu já estava desesperado por a ver pessoalmente outra vez. Tinha-a declarado vencedora do nosso jogo improvisado de «Preferias?» depois de ela quase me ter feito morrer engasgado com uma pergunta sobre chorar pedrinhas ou transpirar vinagre. O ecrã do meu computador mostrava-me que ela continuava ocupada no trabalho, ainda a lidar com as consequências de um tiroteio em massa. Durante o dia, mais uma das vítimas tinha sucumbido aos ferimentos. As organizações noticiosas e os políticos locais estavam a fazer horas extras para chamar a atenção para o acontecimento ou para a afastar, dependendo das suas filiações.

A minha mãe tinha-me telefonado num pânico cego. Ela não via as notícias hoje em dia, não que alguém a pudesse culpar por isso, dado o seu passado, mas tinham-lhe contado sobre a tragédia e como ela ainda não tinha tido notícias minhas, a sua mente foi diretamente para o pior cenário possível.

O meio soluço que ela soltou quando eu peguei no telefone apunhalou-me no coração, e resolvi a partir daquele momento ligar-lhe a ela e ao Rob,

o meu padrasto, mais vezes.

Pusemos a conversa em dia depois de ela se ter acalmado, e quando me perguntou se eu andava com alguém, com um tom de esperança na voz, cedi e contei-lhe um pouco sobre a Aly. Não muito, pois quase de certeza ela me internaria por precaução, se soubesse a verdade sobre o meu comportamento. Mas sim, contei-lhe que andava com alguém e ainda era recente e disse-lhe que ela era enfermeira nas urgências e que estava a ajudar as vítimas do tiroteio.

– Ela parece-me ser uma boa mulher – disse a minha mãe. – E tu deves gostar mesmo dela. Não me recordo da última vez que me falaste de alguém.

Sim, ela recordava-se, mas nenhum de nós gostava de pensar em como essa relação terminou. A minha namorada do liceu tinha desaparecido durante cinco dias no verão a seguir à formatura. Fui preso no segundo dia e fiquei numa cela até ela aparecer em casa dos pais. Ela tinha feito uma viagem de carro improvisada com a melhor amiga e não se preocupou em contar a ninguém.

Os polícias deixaram-me sair com um pedido de desculpa, mas a minha mãe escreveu um artigo de opinião furioso ao jornal, fizemos as malas e mudámo-nos. Outra vez.

Esperava que a minha relação com a Aly terminasse numa nota mais agradável. Ou, melhor ainda, que não terminasse de todo.

Voltei a focar a minha atenção no ecrã do computador. A Aly estava junto ao posto de enfermagem, a rir-se com as colegas de trabalho. Era bom ver que elas ainda conseguiam rir mesmo sob tanta pressão. Com o diabo, este era, provavelmente, o mecanismo de sobrevivência a que mais se agarravam.

Na noite anterior, cometi o erro de entrar nas câmaras da ambulância quando começaram a trazer as vítimas, e isso foi o prego final no caixão, confirmando que eu e o meu pai somos diferentes num aspeto crítico: o sangue e a morte na vida real assustavam-me. Ao olhar para a vítima mais gravemente ferida, comecei logo a engasgar-me. E que fez a Aly? Subiu para a maca e substituiu o exausto do paramédico que bombeava o peito do paciente para lhe manter o coração a funcionar.

Ela era uma *rockstar* e eu esperava que os seus pacientes lhe dissessem isso pelo menos uma vez por hora.

Pestanejei quando a vi despedir-se de alguém e virar-se para subir o corredor. A piscadela deve ter durado um minuto inteiro, porque ela tinha desaparecido da câmara quando finalmente abri de novo os olhos. Foda-se, estava mesmo cansado. Tinha planeado dormir uma sesta mais longa depois de ela ter saído daqui hoje cedo, mas despertei passadas poucas horas, e a necessidade de a ver fez com que me arrastasse de volta para a frente do computador.

Dentro de um minuto, faria mais uma cafeteira de café. Isso manter-me-ia vivo. Pelo menos até a Aly sair do trabalho. Depois, a excitação e a adrenalina tomariam conta de mim, e eu estaria novamente bem acordado.

Recostei-me na minha cadeira e deixei a minha mente vaguear por tudo o que tinha planeado para a Aly mais tarde. Os meus olhos fecharam-se, para melhor a imaginar deitada debaixo de mim, com os braços para cima, as mamas a saltar.

Meu Deus, que visão tão bonita.

Um alarme estridente despertou-me do meu sonho. Merda, estava outra vez a acontecer alguma coisa no hospital?

Lancei-me para a frente no meu assento, horrorizado por o meu quarto estar vários tons mais claro do que quando tinha fechado os olhos. Porque o Sol estava a nascer.

Devo ter adormecido.

O alarme vinha do meu telemóvel. A câmara da porta de entrada da Aly estava a registar muita atividade. Puxei o telemóvel para mais perto e vi-a sair do carro. À porta de entrada.

Ela já estava em casa, e eu não estava lá à espera dela. Que porra de merda!

Afastei-me do computador, peguei na minha mochila cheia de provisões, nas chaves do carro e saí porta fora.

---

* Fanática/o por crimes. (*N. de T.*)

11

Aly

O Josh era o Homem Sem Rosto. Não sabia como, mas sabia-o.

No momento em que ele abriu a porta do seu apartamento, essa certeza atingiu-me como um murro no estômago. Ele já estava no topo da minha lista de suspeitos. Tinha-o conhecido, era bom com computadores e tinha o tipo de corpo certo, mas vê-lo em carne e osso confirmou-o.

Não sei como é que ele conseguiu manter uma cara tão séria enquanto lhe apertava a mão, mas não se notava um pingo de dor na sua expressão. Agora sentia-me mal por isso. Deve-lhe ter doído como o caraças. Com sorte, os pontos continuavam bem. Tinha-lhe enviado uma mensagem com instruções de limpeza, por isso, caso tivesse sangrado, ele sabia bem como fazer o curativo sozinho.

Além das luvas suspeitas, algo nos seus modos me fez lembrar o Homem Sem Rosto. Ele estava tão preocupado e foi tão sincero quando me disse que perseguir era ilegal, sim, isso à primeira vista. Mas no fundo, havia um brilho nos seus olhos enquanto falava que me fez sentir como se estivesse secretamente a divertir-se à grande, enquanto me fazia contorcer de desconforto. Havia outros elementos que apontavam para a sua inocência, mas preferi ignorá-los. O facto de ele ter um cheiro diferente. Em vez do aroma limpo a sabonete, ele cheirava a uma água de Colónia escura e inebriante: madeira de cedro combinada com magnólia fumada. Os seus movimentos também eram mais relaxados. O Homem Sem Rosto perseguia a presa.

O Josh vagueava em busca dela. O mais grave de tudo é que, quando enviei uma mensagem de texto ao meu perseguidor mascarado, esperando que o telemóvel do Josh se acendesse na mesa de café, recebi uma resposta.

Estou um pouco preocupada com os teus planos para mim, disse-lhe eu.

Planos a curto prazo ou planos a longo prazo? Ambos devem ser motivo de preocupação, de formas diferentes.

Eu tinha sorrido e abanado a cabeça. *A curto prazo*.

Ele tinha enviado uma mensagem com o GIF de um vilão de desenhos animados a rir-se maniacamente enquanto um relâmpago brilhava ao fundo, e eu tinha levantado a cabeça mesmo a tempo de o Josh me entregar o café. O Josh, que estava na cozinha sem telemóvel, por isso tinha de ser inocente, certo?

Errado. Eu não estava a cair em nada daquilo. O meu cérebro reptiliano tinha observado o Homem Sem Rosto juntamente com a parte mais evoluída, e ao ver o Josh *soube-o*, captando sinais subtis que eu não conseguia perceber quais eram.

E se o Josh fosse tão inteligente como o Tyler afirmava, podia ter-se antecipado às minhas mensagens e ter pedido a um dos seus amigos *hackers* para responder por ele ou ter descoberto como me responder automaticamente de forma credível.

Estive meio tentada a tirar-lhe uma fotografia para mostrar à Wendy, mas hesitei por duas razões. A primeira era a hipótese de estar enganada. Como é que ia explicar o facto de lhe mostrar uma fotografia da pessoa que eu julgava ser o meu *beau* para ela depois me dizer, olhando-me de lado, que não era o tipo que ela tinha visto? A segunda era que me parecia demasiado fácil. Quase como fazer batota. O meu orgulho estúpido estava a empurrar-me para descobrir isto sozinha. Eu queria vencer o Homem Sem Rosto jogando o seu próprio jogo, e foi por isso que parei na loja de armas, depois de sair da casa dele, e comprei um dispositivo de localização. Da próxima vez que tivesse oportunidade, ia enfiá-lo num dos bolsos do Homem Sem Rosto e ver até onde ia.

Estava à espera que me levasse ao apartamento do Josh e do Tyler, porque queria que o Josh fosse o Homem Sem Rosto. Isso fazia-me sentir menos culpada pela forma como o meu corpo reagia a ele. Ele tinha aberto aquela porta, e no segundo em que o vi, a luxúria explodiu em mim. Porque, caramba, o Josh era bem jeitoso. O tipo de jeitoso que não se vê por aí assim, a trotear na natureza, com o resto de nós comuns mortais. A cara dele era mais adequada a um ecrã de cinema ou a uma página de revista.

E quando ele sorria e apareciam aquelas covinhas? Desencadeava a ovulação. Ninguém me conseguia convencer do contrário. Não depois da

forma como fiquei ali especada a olhar para ele, enquanto os meus ovários se revestiam em pintura de guerra e começaram metaforicamente a atirar óvulos ao homem.

Não fazia ideia de como me mantive firme durante toda aquela visita, quando tudo o que queria era atirá-lo para o sofá e rasgar-lhe a camisola para ver as suas tatuagens. E depois continuar a arrancar-lhe a roupa até o ter nu, deitado debaixo de mim.

Foda-se, eu precisava de dar uma queca. Já tinha passado tanto tempo que os meus dedos e o meu vibrador já não estavam a dar conta do recado. Tinha-me masturbado no chuveiro depois de o Homem Sem Rosto ter saído esta manhã, mas isso não fez quase nada para aliviar a tensão. Eu precisava de uma pila dentro de mim, precisava das mãos de outra pessoa no meu corpo. Estava faminta de toque, faminta de pele. Era o que acontecia quando as pessoas passavam muito tempo sem contacto físico. Claro, eu tocava nos outros todos os dias, mas raramente alguém me tocava de volta, e certamente não da forma que eu desejava.

Será que «desejo» era uma palavra suficientemente forte para o que eu estava a sentir? Não me parecia. «Necessidade» era melhor, mas ainda não era forte o suficiente. O que eu queria estava mais próximo da possessão. Queria que alguém me possuísse, de corpo e alma. O Homem Sem Rosto tinha esse potencial. Tal como o Josh. A forma como ele se encostou ao balcão da cozinha e me piscou o olho, com os olhos escuros a fumegar, revelava um homem que sabia o que queria, e o que ele queria levá-lo-ia a ser excomungado da maioria das religiões. Havia algo de desonesto, mas brincalhão nos seus olhos, como se ele fizesse de uma descida ao inferno a aventura mais divertida de sempre.

A minha mente estava decidida. Até prova em contrário, o Homem Sem Rosto e o Josh eram a mesma pessoa. Não conseguia imaginar outra explicação para o facto de o meu corpo ter sentido uma atração tão instantânea e forte pelo Josh. E não tinha sido apenas o meu corpo a sentir-se atraído por ele, mas a minha mente também. Foi tudo tão fácil entre nós. Encaixámos que nem lego, de uma maneira que já não me acontecia com ninguém há muito tempo. Não queria que o jogo do «Preferias?» acabasse, e quando o fiz engasgar-se e pude esfregar-lhe as costas? O céu.

Havia qualquer coisa na sensação de tocar em músculos robustos que me fazia sentir bem, e não era apenas pela estética, mas por causa do

esforço e da intensidade necessárias para formar tal musculatura. Revelava alguém com vontade e concentração, alguém disposto a trabalhar arduamente mesmo nos dias em que não queria. Essa dedicação tinha o potencial de ser transferida para uma relação, porque as relações podem ser o trabalho mais difícil de todos.

Se o Josh fosse o Homem Sem Rosto, isso significava que eu poderia ter sexo excêntrico, brincadeiras espirituosas, conversa fácil e até um novo colega de ginásio, tudo num só. Oh, sim, por favor!

Por falar em sexo pervertido. O trabalho tinha sido especialmente duro esta noite, e se alguma vez precisei de ir para casa e encontrar um homem nu e mascarado à minha espera no meu quarto, era agora. Pensei nisso durante todo o caminho até casa, que demorou mais tempo do que o normal graças ao gelo negro que cobria as estradas e à necessidade de conduzir a passo de caracol para não deslizar sobre ele.

O que faria eu, na realidade, se abrisse a porta do meu quarto e encontrasse o Homem Sem Rosto do outro lado à minha espera, sem camisa e coberto de sangue falso como se tivesse saído de um dos seus vídeos? Provavelmente diria «ao ataque» e depois saltava-lhe em cima. Estes *thirst trappers* mascarados não faziam ideia de quão selvagens deixavam as pessoas. Claro, os nossos comentários podiam dar-lhes algumas indicações, mas quase de certeza pensavam que éramos só conversa. Não éramos. Quando eu terminar o meu assunto com o Homem Sem Rosto esta noite, vai ser *ele* a caminhar de forma engraçada.

A antecipação corria-me nas veias quando entrei na minha garagem. Olhei para a rua, mas não vi nenhum carro estranho por perto. Ele deve ter feito a coisa mais inteligente e estacionou uns quarteirões mais adiante.

Ao abrir a porta, o *Fred* miou a sua habitual saudação, e eu larguei as minhas coisas, ao caminhar, mesmo a tempo de o aconchegar nos meus braços.

– Onde é que ele está? – perguntei.

O *Fred* ronronou para mim, com os olhos a brilhar como se já não recebesse atenção há algum tempo. Hum. Há aqui qualquer coisa que não bate certo. Se o Homem Sem Rosto estivesse em minha casa, não estaria o *Fred* já em cima dele, ignorando-me como aconteceu ontem?

Abracei o meu gato e voltei a pousá-lo, dirigindo-me para o meu quarto, onde muito provavelmente encontraria…

Ninguém. Não havia ninguém lá dentro.

Franzindo o sobrolho, fui até ao armário e abri-o, meio preocupada com a possibilidade de o Homem Sem Rosto me saltar à vista, como se se tratasse de um *Jack in the Box* em tamanho real. Não. Também não estava ali. Procurei debaixo da cama e depois na casa de banho, chegando mesmo a abrir a cortina do chuveiro. Nada.

Uma busca pelo resto da casa revelou que estava igualmente vazia.

Lutei contra uma onda de desilusão que se abatera sobre mim. Não era como se tivéssemos marcado uma data e uma hora para o nosso próximo encontro.

Era esta a sua forma de se vingar de mim por eu o ter apunhalado? Fazer-me pensar que ele estaria aqui com aquelas mensagens ameaçadoras e depois não aparecer? Passei uma mão pelo cabelo, cravando as unhas no couro cabeludo. Argh!

Porque é que as relações eram tão confusas?

Não que isto fosse uma relação.

Não. Absolutamente não. Não me devia afeiçoar de maneira alguma. Não sem ter a confirmação da verdadeira identidade do Homem Sem Rosto ou qual é o seu objetivo. Tanto quanto sabia, os meus devaneios sobre passarmos mais tempo juntos, a descansar em sofás, entre maratonas de sexo, não passavam de uma quimera. Ele podia estar a planear aparecer uma vez por semana quando eu menos esperasse, acrescentando as emoções de medo e de surpresa aos nossos encontros.

Parecia divertido, mas também uma tortura. Não a parte do medo, mas os intervalos de espera pelo meio. Ainda mal o tinha provado e já ansiava por mais. Da próxima vez que tivesse oportunidade, iria fazer uma refeição inteira dele, saboreando cada lambidela e chupadela, fazendo com que fosse tão bom para ele que o seu esperma ficaria tatuado no fundo da minha garganta.

Abanei a cabeça. Estes pensamentos não me estavam a ajudar. Nem o festival de lamentações que me apetecia fazer. O que ia acontecer ia acontecer, e estar aqui a preocupar-me com isso agora não mudaria nada. O Homem Sem Rosto tinha feito tanto para me convencer a confiar nele que me fez pensar que também ele sentia a mesma fome por mais.

Suspirei, verifiquei duas vezes se as minhas portas estavam trancadas e fui tomar um duche. Ansiava encontrá-lo à minha espera quando saísse, mas

ele não estava e, além da minha desilusão, estava a começar a sentir-me travessa. Só havia uma maneira de o fazer arrepender-se de não estar aqui, vingar-me.

Meti o *Fred* fora do meu quarto, fechei a porta e abri a primeira gaveta da minha cómoda. Entre os meus dois vibradores preferidos estava a câmara escondida que o Homem Sem Rosto tinha posto no meu quarto.

Estava na altura de voltar a ligar esta menina má.

Havia a hipótese de ele nem sequer estar acordado, mas eu esperava que estivesse e que tivesse alguma notificação associada à câmara que lhe dissesse quando estava ligada, porque eu estava prestes a pagar-lhe por todas as vezes que ele me tinha espicaçado ou me tinha feito rir quando na verdade eu devia estar furiosa. Não que me estivesse a queixar de nenhuma dessas coisas. Secretamente, adorava-o.

Oh, pronto, eu *admito*. Adorei-o abertamente. Queria mais, e o *quid pro quo* parecia ser uma ótima forma de o conseguir.

Liguei a câmara à tomada, dispondo-a de forma a enquadrar a melhor vista para a minha cama e depois deixei cair a toalha, ficando nua. No meu quarto a luz era fraca, a única iluminação provinha da porta entreaberta da casa de banho, mas, ainda assim, esta era sem dúvida suficiente para se conseguir ver e ser vista num ecrã de computador ou telemóvel. Desenrolei a toalha do meu cabelo e deixei os fios húmidos caírem-me até aos cotovelos, arrepiando-me a pele e fazendo os meus mamilos endurecer.

O meu telemóvel tocou.

O que estás a fazer?, dizia a mensagem dele.

A euforia atravessou-me. Ele estava acordado e tinha reparado que a câmara estava em direto.

Continua a ver e descobre, escrevi de volta, acrescentando um *emoji* a piscar o olho seguido de um diabo sorridente.

Apareceu imediatamente um balão de digitação, mas pus o telemóvel em silêncio e atirei-o para o lado. Já lhe tinha dito tudo o que queria dizer.

Nunca tinha feito nada assim e, antes que os meus nervos se apoderassem de mim, tirei o meu maior vibrador da gaveta de cima e subi para a cama, tomando o meu tempo e fazendo um espetáculo da forma como gatinhei em direção às almofadas. Encostei-me a elas, abri bem as pernas para a câmara e tirei o lubrificante da minha mesinha de cabeceira.

O vibrador era de tal modo avantajado que, apesar de eu já estar excitada, sabia que ia precisar de uma pequena ajuda para o gozar por inteiro.

Deitei um pouco de lubrificante na ponta e usei a minha mão para o espalhar sobre o silicone. Foi moldado a partir da pila de um ator porno famoso, mas eu continuava a achar que a do Homem Sem Rosto era bem mais bonita. Pensei brevemente em lhe dizer isso, mas não sabia se a câmara tinha microfone e estava a tentar atormentá-lo, não a alimentar-lhe o ego.

O meu peito subia e descia à medida que a minha respiração acelerava. Saber que ele me estava a observar era uma excitação maior do que eu tinha previsto, e agora precisava de acrescentar o voyeurismo à minha lista de perversões, por ser algo que gostaria de voltar a fazer. Ou ver outra pessoa a fazê-lo.

Oh, foda-se. O Homem Sem Rosto e eu, escondidos ao fundo de uma sala escura e cheia de gente enquanto alguém no palco se masturbava? Acho que não conseguiria passar nem cinco minutos sem ter de levantar a saia até à cintura e sentar-me no colo dele, ainda de frente para o palco, para que ambos pudéssemos assistir enquanto ele me fodia por trás.

Passei a minha mão livre sobre os meus seios, afagando-os e amassando-os, com os dedos a saltitar sobre os meus mamilos duros, fazendo faíscas correrem diretamente para o meu âmago. A minha outra mão segurava a base do vibrador enquanto eu o ligava e, com a ponta, massajava a minha entrada. A fonte principal da vibração estava localizada na parte inferior do aparelho, na qual um segundo e mais pequeno nódulo se destacava e se encostava ao meu clítoris quando o *dildo* estava completamente inserido, mas a vibração era tão forte que só a cabeça do vibrador já me sabia bem contra o meu cerne dolorido.

Ainda mal tinha começado e já era melhor do que todas as outras vezes em que me tinha masturbado recentemente. Sim. Isto confirmava-o. Eu não era *baunilha* e, de agora em diante, *baunilha* não seria suficiente para mim. Talvez o mundo cinzento no qual vivia tivesse menos que ver com a minha mentalidade sombria, e mais que ver com a falta de tempero presente na minha vida atual.

Enfiei a cabeça do vibrador dentro de mim, sentindo a minha vagina expandir-se ao seu redor, esticando-se para acomodar a sua grossura. Quanto mais teria a minha vagina de se esticar para aguentar o Homem Sem

Rosto? Qual seria a sensação de estar sentada na sua pila, tão grossa que quase me cortava a respiração? E depois senti-lo retrair-se, deixando-me dolorida e desesperada, antes de me voltar a penetrar com uma investida dura e brutal?

As minhas pernas tremeram só de pensar nisso. Belisquei e puxei os meus mamilos antes de introduzir o vibrador mais um centímetro, saboreando a luxúria deliciosa e inebriante que me percorria o corpo. Sentia-me lânguida e tontinha, a oxitocina a baixar as minhas inibições e a fazer-me querer ser mais corajosa. Mais ousada. Se eu ia dar um espetáculo, ia fazê-lo à séria. Que se lixe a minha autoconsciência persistente e a preocupação de não estar a fazer isto bem.

Provocar-me a mim própria era divertido, e provocá-lo a ele era ainda melhor, mas neste momento estava excitada e frustrada, e queria sexo com força, de forma rápida e bruta, então afastei todos os pensamentos enquanto me abandonava e me entregava ao prazer.

Agarrei numa almofada que estava atrás de mim e sentei-me, erguendo-me sobre os joelhos para a poder enfiar entre eles, apoiar o vibrador nela e soltar-me, caindo a direito e penetrando-me com a enorme pila de silicone.

Vi estrelas-cadentes atravessarem todo o meu campo de visão, ao mesmo tempo que uma dor profunda e desagradável me dizia que provavelmente devia ter passado mais tempo nos preliminares.

Que se lixem os preliminares, pensei. Abracei a dor. Especialmente porque já estava a desaparecer, e o que sobrou foi a sensação de estar a ser preenchida de uma forma que eu desejava desde a primeira vez que meti os meus lábios sobre a cabeça da pila grossa do Homem Sem Rosto.

Inclinei-me para a frente, apoiando a minha mão livre na cama e segurando o vibrador no lugar com a outra, para o poder montar. A primeira investida foi puro deleite, tão bom que fiz uma pausa na descida e rodei as ancas, deixando a vibração bater no meu clítoris. Voltei a fazê-lo, e a minha respiração ficou suspensa. A este ritmo, não ia durar muito.

A luz da minha casa de banho apagou-se, mergulhando o meu quarto numa escuridão tão completa que, provavelmente, o quarteirão inteiro deve ter ficado sem eletricidade.

Fiquei paralisada.

Um *bang* profano ecoou pela casa. Desliguei o vibrador.

Mas que raio foi aquilo?

Seria o Homem Sem Rosto? Estava aqui? Ou foi outra pessoa a arrombar a minha porta da frente?

Tremi no escuro, as gotas de água a arrefecerem na minha pele, a luxúria a encolher à medida que o medo se apoderava de mim. Se houvesse um intruso indesejado na minha casa, esta era a posição mais vulnerável em que me poderia encontrar: nua e encharcada de lubrificante.

Precisava de uma arma, e precisava dela agora.

Estava a tentar soltar-me do vibrador quando ouvi o *Fred* dar o seu grito de boas-vindas. Ele não fazia isso a ninguém, exceto a mim e ao Homem Sem Rosto.

Ouviu-se outro miar, e depois uma voz profunda e gutural quebrou o silêncio, demasiado profunda para ser natural, tão baixa que devia ter sido modulada.

– Não, *Fred*. A mamã e o papá precisam de estar sozinhos agora.

Quase me ri, o meu alívio era tão grande. A mamã e o papá. Só podia ser ele. Mais ninguém era tão presunçoso.

A minha porta abriu-se e fechou-se rapidamente. Não conseguia ver quase nada, apenas uma forma grande a surgir na escuridão, cada vez maior à medida que se aproximava. A luz da casa de banho voltou a acender-se e, de repente, estava frente a frente com o meu perseguidor.

Apanhada desprevenida, afastei-me por instinto, mas ele agarrou-me pela garganta e puxou-me de volta para ele, aqueles olhos negros arregalados olhando diretamente para a minha alma, a sua pega era firme. Inescapável.

– Não pares por minha causa – disse ele, e as minhas paredes interiores apertaram-se à volta do vibrador.

De todas as configurações de modulador de voz que ele podia ter escolhido, é claro, esta era aquela que parecia estar prestes a rosnar a verdade absoluta no meu ouvido.

A sua mão no meu pescoço tornou-se mais forte e deu-me um bom puxão. Ou me levantava ou era asfixiada. Hesitei durante meio segundo, sentindo a doce emoção do medo percorrer-me com a possibilidade de me cortarem o ar. Ele inspirou com força e puxou ainda com mais força, e eu subi, deslizando quase até ao fim do vibrador.

– Estamos a fazer isto? – perguntou ele.

Ele não precisava de se explicar. Fazer isto significava finalmente realizar a nossa fantasia partilhada.

– Sim – disse-lhe, com a minha pulsação a trovejar contra os seus dedos.

Ele imobilizou-me no lugar onde estava e meteu a mão entre as minhas coxas, voltando a ligar o brinquedo sexual.

– Não há palavra de segurança – disse ele. – Se quiseres que eu pare, basta dizeres. Não importa quando. Não importa o que estiver a fazer com esta cona gulosa. – Ele roçou os dedos ao de leve no meu clitóris, e eu berrei. – Entendes?

Acenei-lhe com a cabeça.

Os seus dedos cravaram-se na minha pele.

– Preciso que o digas, linda.

– Não há palavra de segurança – concordei, com voz bruxuleante devido a um misto de preocupação e de luxúria.

Ele era muito maior do que eu, muito mais forte, apesar de eu passar bastante tempo no ginásio. Este homem podia fazer-me muito mal. Claro, havia a possibilidade de eu conseguir lutar contra ele, mas um só soco bastaria para me pôr no chão.

Nunca na minha vida estivera numa posição tão vulnerável. E também nunca me sentira tão viva.

Ele agarrou-me no pescoço para me empurrar de novo para baixo, até à base do vibrador, e manter-me no lugar.

– Roda essas ancas.

Eu gemia e fazia o que ele dizia. Que grande merda, a sensação era boa.

– Outra vez – disse ele, e eu obedeci, olhando para ele com admiração.

O seu tom de brincadeira desaparecera; o seu habitual registo de provocação desaparecera. O homem que estava agora acima de mim era tudo aquilo que prometera nos seus vídeos: exigente, despótico e absolutamente implacável.

Ele baixou-se novamente, pôs os dedos entre o meu clitóris e o nó que o estimulava, e pressionou o meu doce feixe de terminações nervosas. A minha coluna arqueou-se enquanto eu era atravessada por puro prazer.

– Estavas a tentar castigar-me? – perguntou ele.

Eu não podia responder. Não podia fazer nada a não ser ficar ali sentada a ofegar. Uma vibração percorreu-me desde o clitóris até ao meu âmago,

mas com o fluxo de sangue para o meu centro de prazer quase cortado, era impossível vir-me. Em vez disso, eu rodopiava ondulante, cada vez mais alto, o suor começava a pontilhar na minha testa. A minha pele parecia estar eletrificada, como se estivesse demasiado perto de um fio elétrico.

Ele apertou-me o clítoris com mais veemência.

– Responde-me, linda.

– Sim – gritei. – Estava zangada por não estares aqui.

Ele soltou ligeiramente os dedos e as minhas pernas começaram a tremer à medida que o sangue regressava ao meu clítoris, e este começou a inchar entre os seus dedos. O prazer regressou multiplicado devido à sua ausência recente. Eu estava prestes a vir-me com muita força.

– Devias saber que eu viria ter contigo e esperar por mim – disse ele.

Mal percebi as palavras, estava demasiado ocupada a empurrar as ancas para baixo enquanto os meus músculos internos se apertavam à volta do vibrador. Quase. Estava tão perto. Só precisava que ele moderasse um pouco mais o aperto no meu clitóris e no meu pescoço, e eu poderia…

Os dedos dele voltaram a apertar-se, apanhando-me desprevenida.

– Eu é que devia estar a castigar-te – disse ele. – Tu apunhalaste-me, Aly.

O meu olhar tinha ficado desfocado quando comecei a perder-me, mas as palavras dele trouxeram-me de volta. Sorri enquanto olhava para os seus olhos negros, a minha voz saía como um chiar devido à pressão na minha traqueia.

– Sim, mas tu gostaste.

Ele rosnou, e o modulador tornou-o animalesco, fazendo-o soar como se um maldito lobisomem tivesse acabado de entrar no meu quarto.

Os seus dedos desapareceram do meu sexo e o fluxo de sangue que regressara fez a minha cabeça girar e a coluna vertebral curvar-se à medida que me aproximava do limite, mas depois ele empurrou a minha mão do cabo do vibrador e puxou-o para fora de mim. Tive tempo suficiente para gemer com a sua perda antes de ele me empurrar para trás. Bati na cama, e depois ele estava em cima de mim, passando uma perna por cima da minha cintura enquanto tirava a camisa. Puxou-me pelos braços, enfiou-me a camisa por baixo da cabeça e do pescoço, e depois puxou o fecho da breguilha para baixo, sacando da pila.

Eu agarrei-o com avidez, mas ele empurrou as minhas mãos para o lado e pegou no lubrificante que eu deixara no edredão. Um salpico de lubrificante caiu no meio do meu peito. Esse foi o único aviso que tive antes de ele me agarrar nas mãos e as pôr nos meus seios.

– Aperta-os – ordenou ele. – O teu primeiro presente é aquele colar que me tens implorado para te comprar.

Pressionei as mamas uma contra a outra, com força, e sorri dengosamente para ele.

– Vejo que tens andado a ler os meus comentários.

Ele soltou o que poderia ter sido uma gargalhada estrangulada – com o modulador era difícil perceber – e penetrou diretamente as minhas mamas.

Levantei a cabeça e consegui lamber-lhe o frénulo prepucial antes de ele me agarrar pelo cabelo e me afastar, prendendo-me à cama.

– O que é que tu disseste ontem? – perguntou ele. – *Que isto não é para ti*?

– Parece-me que é *um pouco* para mim – respondi-lhe.

Outro riso estrangulado foi rapidamente cortado por um gemido quando ele me penetrou de novo, iniciando um ritmo constante. A cama rangeu sob os nossos corpos. A nossa respiração pesada ecoou pelo quarto, e o cheiro a sexo encheu-me o nariz.

Se ele estava a tentar castigar-me, estava a falhar. Eu era toda a favor da sensação de o seu pénis quente, macio e lambuzado de lubrificante ser enfiado entre os meus seios, enquanto ele me usava para encontrar a sua libertação. E realmente, deixá-lo pintar um colar de pérolas no meu pescoço era o mínimo que eu podia fazer depois de o ter esfaqueado. Talvez conseguisse encontrar mais maneiras de o irritar e ver quantos dos meus comentários ele iria ler.

– As tuas mamas são perfeitas – disse ele, largando o meu cabelo para apoiar as duas mãos na cama e rodar as ancas para trás e para a frente, ganhando velocidade.

Todo o teu corpo é perfeito, quis eu dizer-lhe, mas estava demasiado hipnotizada pela visão de ele a pairar sobre mim, com os abdominais contraídos e os bíceps a esforçarem-se enquanto se mantinha ali em cima. Apertei ainda mais os meus seios, imaginando que era a minha cona que ele estava a massajar com o seu pénis. A sua pila monstruosa iria provavelmente bater no meu colo do útero a cada investida… sorte a minha.

Levantei o meu olhar do seu pénis tenso para o ver a olhar diretamente para mim, enquanto fodia as minhas mamas. A sua respiração ficou acelerada e a sua pila inchou com uma nova lufada de sangue. Sentia as suas bolas levantarem-se da minha pele à medida que se contraíram; a visão do que ele me estava a fazer, *a sensação* que sentia, era tão saborosa que tive de apertar as pernas para aliviar a minha necessidade insatisfeita.

– Quero que te venhas – disse, incapaz de manter a boca fechada por mais tempo. – Quero sentir-te a marcar o meu pescoço no local onde, antes, estava a tua mão a marcar-me.

– Como território meu – rosnou ele.

Não era uma pergunta, mas respondi-lhe na mesma.

– Sim. É teu.

– Foda-se, Aly.

Com uma última bombada, ele estava a vir-se, a semente quente a salpicar-me a pele, a pila a pulsar entre as minhas mamas, o corpo dele trepidava por cima do meu e ele, inspirando compassadamente, ia movendo as suas ancas com ritmos diferentes perdendo-se num labirinto de prazer.

Estremeceu e ficou quieto ao acabar, curvando-se sobre mim, e apesar de eu não ter feito nada além de manter as minhas mamas juntas para ele, senti uma pequena emoção triunfante por ele se ter vindo com tanta força que precisou de um minuto para se recompor.

– É a minha vez? – perguntei, incapaz de esconder o entusiasmo na minha voz.

O seu riso de resposta era maléfico e, no início, pensei que fosse por causa do modulador, mas depressa aprendi a lição.

***

– Vai-te foder – vociferei.

– Só as boas raparigas é que são fodidas, Aly, e pela forma como tens estado a amaldiçoar o meu nome nos últimos cinco minutos, acho que já estabelecemos que tu não és uma.

O veneno continuou a sair-me da boca enquanto ele apoiava o seu antebraço nos meus ombros, mantendo-me no lugar, e começava lentamente a penetrar-me outra vez. Com o meu maldito vibrador em vez da pila dele.

Parecia que estava a fazer isto há uma hora, embora estivéssemos ali há provavelmente mais ou menos dez minutos. Uma e outra vez, ele introduziu o vibrador em mim, mantendo-o firme contra o meu clitóris até eu ver estrelas a saracotear no horizonte, apenas para o retirar novamente, negando-me o orgasmo que eu tanto precisava naquela altura, ou jurava que ia morrer de frustração.

– Por favor – implorei.

– Podes sempre dizer-me para parar – disse ele.

Não, não podia. Porque assim ele ganharia. Ele tinha tido quase todo o poder na nossa dinâmica desde o início, e eu não lhe queria dar ainda mais poder, ao desistir. A minha teimosia era demasiado imponente para isso e, quase de certeza, seria também a minha morte.

Ele voltou a retirar o vibrador quando eu já estava quase lá, e um soluço escapou-me dos lábios antes que eu o pudesse impedir. O sacana teve a audácia de se rir. Ele que se lixe. E eu também. Especialmente eu, que já tinha lido sobre *edging* e pensado que parecia divertido.

Não foi divertido. Foi uma tortura.

Debati-me debaixo dele quando ele retirou o vibrador, deixando a minha cona a apertar-se com o ar vazio. Como é que ele achava que isto era excitante? Eu estava uma confusão vermelha e suada, com o cabelo colado à testa e lágrimas nos cantos dos olhos, mas sabia que ele estava a gostar porque estava outra vez duro como uma rocha, com as calças ainda desabotoadas, exibindo a sua pila perfeita. Que ele não me dava. Nem sequer me deixava tocar-lhe. Sempre que eu lhe tocava, ele afastava-me as mãos com uma bofetada e voltava a atormentar-me. O homem devia ser um maldito sádico para se estar a divertir tanto.

Abanei a cabeça de um lado para o outro.

– Preciso mesmo de… preciso mesmo de… – repeti.

– Chiu – disse ele, afastando o cabelo da minha cara. – Eu sei, linda. Estás a portar-te muito bem.

Outro soluço abalou o meu corpo. Nunca mais veria a excitação da mesma forma depois disto. Ele estava a mudar toda a minha visão do mundo.

– Prepara-te – disse ele, o único aviso que tive antes de ele arremessar o brinquedo sexual e de o enfiar dentro de mim.

As minhas costas arquearam-se para fora da cama e a sua mão pousou de novo na minha garganta, mesmo por baixo do meu maxilar, mantendo a minha cabeça inclinada para longe dele enquanto algo quente e húmido envolvia um dos meus mamilos.

Terá ele tirado a máscara?

A sua língua lambeu-me o mamilo no momento em que o pequeno e vibrante nó atingiu o meu clítoris, e desta vez, se ele não parasse em breve, não havia nada que me impedisse de vir. Sentia-o a crescer como uma onda gigante ao largo da costa, ganhando força à medida que corria pelos baixios, pronta para me atingir com a mesma força destrutiva de um ciclone de fim de estação.

Ele rodou o vibrador, simulando o ato de empurrar, esfregando o botão sobre e à volta do meu clítoris. Havia manchas a dançar nos limites da minha visão, bem próximas devido à forma como ele me apertava a garganta.

Merda, ele estava a cortar-me o ar.

A boca dele agarrou-se ao meu mamilo, chupando-o, *vorazmente*, e os seus dedos enterravam-se no meu pescoço. Arrastei uma única inspiração antes de ele fechar novamente o punho. Oh, não. Como é que o prazer continuava a aumentar? Eu não conseguia fazer isto. Era demasiado. Todo o meu corpo parecia um nervo cru e pulsante; se ele me continuasse a estimular desta maneira, eu teria danos cerebrais, sabia-o bem.

A sua boca deixou o meu peito, e eu gritei em desespero.

– Deixa-te vir, Aly – disse ele. – Eu apanho-te quando caíres.

Ele voltou a pôr a boca sobre o meu outro mamilo e chupou-o, acariciou o meu clitóris com o vibrador, e afrouxou o seu aperto no meu pescoço o suficiente para que a respiração voltasse a fluir para os meus pulmões. E aí tremi, solucei com as pernas a baterem uma na outra, e agarrei-lhe o pulso enquanto ele arrancava do meu corpo arruinado o orgasmo mais devastador que eu alguma vez tivera.

Parecia que o meu cérebro tinha entrado em curto-circuito. Senti-me como se tivesse morrido. Parecia que tinha falado com o Diabo, e que ele me tinha dito que estava orgulhoso do que tínhamos acabado de fazer.

E depois tenho quase a certeza de que desmaiei durante alguns minutos, porque, quando voltei a mim, o Homem Sem Rosto estava a limpar-me o

pescoço com uma toalha quente e a dizer-me que, afinal, eu era uma boa rapariga.

12

Josh

Talvez tenha ido longe demais com a Aly. Provavelmente ela estava exausta e emocionalmente esgotada depois de mais um turno no hospital, e o que é que eu fui fazer? Levei-a até ao limite extremo. Não me consegui conter. Assim que o meu telemóvel tocou a caminho da casa dela e a vi ter prazer sem mim, algo no meu interior quebrou. Quando entrei no quarto dela e a encontrei empoleirada naquele vibrador, vi o terror nos seus olhos transformar-se rapidamente em desejo, e todos os meus nervos desapareceram.

Uma calma tomou conta de mim, destruindo a minha preocupação persistente de que me tornaria como o meu pai. Os sentimentos que eu tinha em relação à Aly não tinham nada que ver com violência ou dor, e as lembranças do homem que me gerou não pertenciam àquele quarto, nem faziam parte de nós nem do que estávamos prestes a experienciar. Apaguei-as da minha mente de uma vez por todas assim que me aproximei da cama dela, confiando em mim mesmo para poder envolver a delicada garganta da Aly com a minha mão, sem me preocupar se iria longe demais ou a apertaria com demasiada força.

Meu Deus, a Aly era perfeita, absolutamente perfeita. Não só quando me fizera vir, mas depois também, quando se debatia nas minhas garras, chamando-me todos os nomes possíveis e amaldiçoando a minha própria existência.

Esperava que ela não estivesse muito zangada, porque o que acabámos de fazer foi satisfatório a um nível primário e profundo. Tínhamos realizado a nossa fantasia partilhada de um engate mascarado. Sem faca porque, na minha pressa de chegar aqui, tinha-a deixado para trás como um amador. Ou talvez fosse o meu subconsciente a tentar salvar-me, caso a Aly voltasse a deitar-lhe a mão. Dois esfaqueamentos em dois dias teria sido excessivo.

Um miar suave interrompeu os meus pensamentos, e olhei para baixo para ver o *Fred* sentado aos meus pés, a olhar para mim enquanto esperava pacientemente por outro pedaço de *bacon*, como o pequeno cavalheiro que era. Da primeira vez que nos vimos ele assustou-me como o caraças, mas agora que já não me preocupava com o desejo súbito de o esfolar, começava-me a afeiçoar a ele. Gostava especialmente da forma como ele ignorava a mãe sempre que eu estava por perto. Talvez porque provavelmente isso a irritava, mas também porque era bom ser o escolhido para variar. Não me lembrava da última vez que alguém me tinha escolhido.

Parti um pedaço de *bacon* e estendi-o ao *Fred*, que se levantou sobre as patas traseiras e pegou nele com cuidado, antes de se afastar para o comer debaixo de uma cadeira da sala de jantar, como se fosse um leão que arrasta a sua presa para uma caverna. Lutei contra uma náusea e aumentei a ventilação do fogão para aspirar o cheiro da carne a dourar, antes de virar o *bacon* na frigideira e depois mexer os ovos da Aly para que não ficassem com grumos.

À medida que as náuseas foram diminuindo, uma sensação de contentamento apoderou-se de mim. Estava saciado, quase letárgico, e tudo o que queria fazer era enrolar-me com a Aly debaixo dos seus lençóis e dormir durante uma semana inteira. Infelizmente, nunca tinha usado a minha máscara durante tanto tempo, e muito menos enquanto fazia algo tão extenuante como foder mamas e depois atormentar a mulher por quem estava obcecado. Tinha subestimado a transpiração e a comichão que o interior da máscara podia provocar, e se não a tirasse da cabeça em breve, ia ficar com urticária.

Um movimento chamou a minha atenção, e olhei para o meu telemóvel, que estava no parapeito da janela. Mostrava a imagem da câmara do quarto da Aly. Mesmo agora, não conseguia parar de a observar. Ela tinha acabado de sair da casa de banho, terminando o seu segundo duche da manhã, com uma toalha enrolada à volta daquele corpo delicioso.

Ela tinha ficado tão fora de si depois de se vir que eu tive de a ajudar a entrar no duche, suportando o seu peso com um braço enquanto ligava a água com o outro. Fiz-lhe festas e elogiei-a enquanto esperávamos que aquecesse, odiando ter de a abandonar ali e não poder entrar com ela por causa da minha máscara. Esperava poder compensar essa deserção com o pequeno-almoço.

Ela voltou a apertar a toalha à volta do corpo, e a vontade de entrar ali e a arrancar era forte, porém, sabia de antemão a pausa de que o corpo precisava depois de um *edging* como o que eu lhe tinha acabado de dar, por isso, deixei de lado esta minha necessidade e foi quando estava prestes a voltar ao fogão que reparei no seu olhar astuto.

O que é que andas a magicar, linda?, questionei-me quando a vi acelerar em direção à mala e sacar de lá uma pequena caixa castanha.

Dirigiu-se para a porta, fechou-a suavemente antes de dar uma volta à chave na fechadura. Será que já se tinha esquecido da câmara? Ou será que pensava que eu não a estava a ver através dela só porque estava do outro lado da porta? Se fosse a segunda hipótese, ela tinha claramente subestimado a minha obsessão.

Mexi distraidamente os ovos enquanto ela abriu a caixa, virou-a ao contrário, e algo prateado lhe caiu para as mãos – mas estava demasiado longe da câmara para conseguir perceber o que era. Ela pressionou o objeto como se o estivesse a ligar, depois dirigiu-se à mochila que eu tinha deixado apoiada no cadeirão e enfiou-o no bolso da frente.

Em seguida, virou-se para a câmara e abriu a porta enquanto um sorriso de satisfação absolutamente diabólico lhe percorria a face. Aquela pequena raposa. Estava disposto a apostar bom dinheiro em como a Aly me tinha posto um localizador na mochila.

Oh, isto ia ser mesmo divertido. No jogo que estávamos a jogar, eu sabia que ela era uma adversária à minha altura e estava orgulhoso dela por ter aceitado o desafio tão rapidamente. Mas o que fazer com o seu pequeno aparelho de espionagem? Podia pô-lo num saco de plástico e atirá-lo a um rio. Amarrá-lo a um rato do metro e fazê-la acreditar que o seu perseguidor vivia no subsolo, como as toupeiras que, segundo os rumores, vivem sob a cidade. Ou podia…

Oh, porra, lá se foi a toalha. A Aly estava nua. A Aly estava a nada menos do que dez metros de distância de mim. Nua.

O meu peito pesava enquanto respirava fundo. Todo o sangue do meu corpo correu diretamente para a minha pila, e fiquei instantaneamente duro, outra vez. E também um pouco tonto. Porra, precisava de um ecrã maior do que o do meu telemóvel para apreciar plenamente a visão dela em toda a sua glória. Claro, tinha-a visto assim há menos de meia hora, muito mais de perto e pessoalmente, mas nessa altura o quarto dela estava mais escuro, e

vê-la envolta em sombras não se comparava a vê-la iluminada pela luz dourada do sol nascente. Parecia uma deusa saída diretamente do panteão dos nossos antepassados, curvilínea e forte, como se estivesse igualmente à vontade num estádio olímpico ou a descansar numa praia jónica.

O trepidar do *bacon* sobressaltou-me, e olhei para baixo para o ver a transpor a fronteira da perfeição e entrar no reino dos alimentos crocantes. Meti-o num prato forrado com papel absorvente. Os ovos da Aly também já estavam prontos, e eu já estava farto de estar longe dela, por isso, pu-los noutro prato, ao lado das fatias de laranja e das torradas que já tinha preparado, peguei num garfo e dirigi-me para o quarto.

Quando abri a porta, ela estava a vestir um pijama às riscas azuis e brancas. Ver os seios que tinha acabado de marcar com a minha pila desaparecerem por trás daquela camisola foi como ver o meu bar preferido a arder. Ela tinha de estar nua. Sempre. Eu teria de encontrar uma maneira de a levar para uma cabana na floresta e esconder-lhe as roupas todas. Certificar-me-ia de que havia um ou dois cobertores nos quais ela se poderia embrulhar, e acenderia o fogão a lenha até ficar tão quente que ela não teria frio nenhum. Assim, talvez não ficasse tão zangada comigo a ponto de não querer participar em todas as coisas divertidas que podíamos fazer durante um fim de semana longo e nu.

Sim. Parecia-me ser um excelente plano.

– Isso é para mim? – perguntou ela.

Acenei com a cabeça.

– De maneira nenhuma. Trouxe-o aqui para o comer à tua frente e gozar com a tua fome.

Os olhos dela estreitaram-se.

– Depois do que acabaste de me fazer, estou inclinada a acreditar nas tuas palavras.

Alcancei-a em três passos e puxei-a para mim, segurando bem o prato para não entornar nada. Percebi que ela não estava zangada pela forma como se deixou abraçar, com os dois braços serpenteando à volta do meu centro, a bochecha pressionada contra o meu peito, por entre os meus montes musculados, enquanto se aconchegava.

– Foste perfeita – disse, envolvendo o meu braço à volta dos ombros dela e apertando-a com força.

Ela estremeceu.

– Transformei-me numa repugnante fonte de suor. Estava à espera de que já cá não estivesses quando saísse do duche.

Tentei beijá-la na testa e quase praguejei quando o modulador de voz, que tinha colado no interior do bocal, estalou contra os meus dentes. Precisava de arranjar uma configuração melhor, ou isto ia ficar obsoleto muito depressa.

– Estiveste belíssima – disse-lhe. – E no final, não valeu a pena?

Ela afastou-se do meu abraço, com uma sobrancelha arqueada.

– Sinceramente, ainda não sei. Ainda estou a tentar decidir se te imploro para nunca mais me fazeres isto ou se te peço para o voltares a fazer agora mesmo.

O olhar dela deslizou para baixo, pousando nas minhas virilhas.

E lá veio o meu pénis de novo, bem na hora certa, juntar-se à conversa.

– Avisa-me quando souberes – disse eu, ignorando a luxúria que rugia em mim e me exigia que a empurrasse para cima da cama, enterrasse a minha pila na cona dela, quente e apertada, e a fodesse até ela se esquecer de todos os outros com quem já tinha estado.

Queria o meu nome e apenas o meu nome na sua boca, queria beber todos os gritos de prazer que esta mulher alguma vez desse.

Foda-se, estava mesmo apanhado. E pela forma alienada como a Aly continuava a olhar para a minha ereção óbvia, eu não era o único à beira de dar mais um passo.

Segurei o prato de comida entre nós.

– Pequeno-almoço?

Ela demorou um bocado a reagir e a processar as palavras, até finalmente direcionar o olhar para o prato.

– Oh. Sim. Obrigada.

Tirou-mo e sentou-se de pernas cruzadas na cama amarrotada. A cama onde eu a tinha prendido recentemente. A cama para a qual eu precisava de parar de olhar se tivesse alguma esperança de sair desta casa e deixá-la dormir o sono de que tanto precisava.

Pus-me de pé e fui buscar-lhe o *bacon* e o chá de camomila. Apenas dois pedaços de *bacon* estavam no prato quando regressei à cozinha. Não tinha feito três? Mas que raio? Onde é que foi parar o que faltava? Comecei a olhar à minha volta, perguntando-me se teria escorregado do prato ou se

me teria esquecido de o tirar da frigideira. Tinha a certeza de que tinha feito três.

Um som crocante e estaladiço atraiu o meu olhar para a sala de jantar, onde o *Fred* estava escondido debaixo da mesa, com um olhar de esquilo, enquanto engolia o pedaço de *bacon* que faltava, o mais depressa que conseguia.

– Seu monstrinho sorrateiro – disse, baixando-me para lho arrancar da boca.

Posso não perceber muito de animais, mas aquela quantidade de gordura num corpo tão pequeno só podia acabar em ginástica digestiva, e não me pareceu que a mãe dele ficasse muito contente com o papá se acordasse com a casa coberta por uma explosão de diarreia de gato.

Deitei o *bacon* no lixo e peguei no resto do pequeno-almoço da Aly.

– O que é que o *Fred* fez? – perguntou ela quando regressei ao quarto.

– O nosso bebé-anjo não fez absolutamente nada de mal, e ofende-me a insinuação de que alguma vez seria capaz de o fazer – disse, pondo o pequeno prato de *bacon* ao lado dela e entregando-lhe o chá.

Ela abanou negativamente a cabeça para mim, mas eu sabia que ela estava a lutar por esconder um sorriso pela forma como os seus lábios se apertaram.

Soltei um suspiro de alívio, contente por voltar a um terreno mais seguro e antagónico. Não que não quisesse foder a Aly – de pé, sentado, de lado, de costas, contra a parede –, mas havia algo mais do que somente a necessidade de ela dormir e repousar que me impedia de o fazer. Sentia que não era correto fazer sexo com ela antes de ela saber toda a verdade sobre mim. Não apenas quem eu era, mas de onde eu vinha.

Depois da minha namorada do liceu, ainda não tinha contado a nenhuma outra parceira romântica sobre o meu pai. Todos os meus encontros e namoros terminaram quando senti que estávamos a chegar demasiado perto dessa informação. Isto porque eu já os começava a saber que iam ser de curta duração, mas esse não era o caso da Aly. Isto já não era apenas um engate *kinky*. Foi mais ou menos na semana passada que comecei a sentir algo por ela e, apesar de já ter passado algum tempo desde que tive uma relação séria, sabia bem que começar uma alicerçada em mentiras era uma ótima forma de nos prepararmos para um fracasso.

Isso não significava que eu já estivesse pronto para deixar de brincar com ela. O nosso jogo tinha acabado de começar e, por muito que eu quisesse ficar aqui a vê-la adormecer, estava ansioso por dar o próximo passo e ver como ela iria reagir.

– Ei – disse, inclinando-lhe o queixo para cima para a olhar nos olhos.

A sua expressão suavizou-se, transformando-se em algo que a minha mente traidora tentou dizer-me ser saudade.

– Sim?

– Vou-me embora para que possas comer e dormir em paz.

O rosto dela caiu, e eu provavelmente não me devia ter sentido tão triunfante ao ver a sua desilusão aberta, mas não consegui evitar. A Aly não queria que eu fosse embora. Ainda bem. Podia não ser uma declaração de amor eterno, mas parecia ser o primeiro passo para lá chegar.

Inclinei-me e encostei a minha testa mascarada à dela.

– Estava a falar a sério quando disse aquilo há pouco. Foste perfeita. A coisa mais bela que já vi na porra da minha vida, e da próxima vez que tiver oportunidade, vou encontrar uma maneira de te fazer vir ainda com mais força.

Os olhos dela arregalaram-se.

– Isso é seguro?

Eu ri-me.

– Só há uma maneira de descobrir. Alinhas?

Ela soltou um suspiro trémulo e sorriu para mim.

– Que se lixe. Sim, alinho.

– Ótimo. Vejo-te mais tarde, beleza.

Virei-me para sair, mas ela surpreendeu-me ao agarrar-me na mão.

– Espera um segundo. Quero ter a certeza de que está a sarar bem.

– Estava a brincar sobre a infeção – disse.

Ela lançou-me um olhar.

– Eu sei, mas nunca me perdoaria se alguma coisa corresse mal e eu não verificasse.

Estremeci quando ela puxou a ligadura para cima e depois apalpou e apalpou a área à volta da minha ferida, testando a pele e depois inclinando-se para inspecionar os pontos.

– Parece estar tudo bem. Tens seguido as instruções que te dei?

– Sim, senhora – confirmei.

Ela soltou a minha mão e abanou negativamente a cabeça.

– Então acho que podes ir.

Peguei na minha mochila, mas à saída fui incapaz de me conter e parei diante dela para lhe pôr uma mecha de cabelo atrás da orelha. Era impossível tê-la tão perto e não lhe tocar.

– Toma conta do nosso filho enquanto eu estiver fora – disse, forçando-me a afastar-me. – E não lhe dês mais *bacon*. Ele já comeu o suficiente.

O seu riso seguiu-me para fora do quarto.

– És tão presunçoso!

Fiz uma pausa e inclinei-me para trás por entre a porta para ter uma desculpa para olhar para ela uma última vez, empoleirada na cama com o seu pijama primitivo, equilibrando no colo a comida que lhe preparara, o cabelo escuro caído à volta dos ombros, a luz do sol a entrar pelas fendas das persianas.

– Presunçoso? – respondi. – Nah. Apenas reparei na forma como me olhas e decidi deixar de lutar contra a tua inevitável vontade de mim.

Ela atirou-me com uma almofada à cabeça.

Ri-me e pus-me a caminho, parando para me despedir do *Fred* antes de desligar a câmara da porta da frente e sair.

Tirei a máscara assim que saí, aspirando a minha primeira respiração livre em mais de uma hora. Meu Deus, sabia bem estar livre daquela coisa. Ia esfoliar bem a cara quando chegasse a casa, porque, caso contrário, provavelmente ia acabar por ter erupções cutâneas.

Pus o capuz para me poder esconder da Aly, caso ela decidisse espreitar pela janela, depois virei costas à casa dela e caminhei pelo passeio da frente, parando para acenar à vizinha do lado, a Wendy, que tinha vindo buscar o correio.

Dez minutos depois, estava no meu carro, a regressar à cidade. O meu telefone estava apoiado no *tablier* e mostrava a Aly sentada no meio da cama, ao lado do seu pequeno-almoço meio comido, enquanto olhava atentamente para o seu portátil aberto, seguindo-me. Sorri e deitei a mão ao dispositivo do tamanho de uma moeda que ela tinha escondido na minha mochila. Ainda bem que a estava a observar, ou teria caído na sua armadilha.

Era por isso que tínhamos de estar atentos às mulheres. Elas estavam sempre a tramar alguma, a invadir a nossa privacidade, a ultrapassar os

limites que lhes impúnhamos, independentemente de quaisquer leis ou normas sociais. Que viria a seguir? Ela invadir a minha casa?

Ri-me da minha própria piada de mau gosto quando virei à direita e conduzi para leste durante vários quarteirões antes de virar à esquerda. Segui para norte durante dois quarteirões, observando o meu mapa para saber quando fazer inversão de marcha e regressar à rua de onde tinha saído. Voltei a entrar na mesma rua e dirigi-me para leste durante mais dois quarteirões, escrevendo a letra L antes de virar novamente à esquerda, de forma cuidadosamente cronometrada, e me dirigir de novo rumo a norte durante dois quarteirões e depois virar mais à esquerda até escrever a letra O.

– Que raio está ele a fazer? – perguntou a Aly, inclinando-se para perto do seu ecrã.

Eu estava a sorrir tão energicamente que me começou a doer a cara. Esta marca de localizador vinha com um tipo de rasto que permitia ver e traçar todo o trajeto realizado, o que significava que, a qualquer momento, ela iria perceber o que eu estava a fazer.

Quando virei à esquerda, vi o *Fred* saltar para cima da cama, mas a Aly intercetou-o antes de ele conseguir chegar ao pedaço de *bacon* esquecido.

– Será que ele sabe que o estou a tentar seguir? – perguntou ela. – Será que está a tentar despistar-me?

Virei mais uma vez à esquerda, conduzi durante dois quarteirões, depois fiz inversão de marcha e voltei a descer pela mesma rua por onde tinha acabado de entrar.

– Não – disse ela.

Os meus ombros tremeram enquanto tentava conter o riso.

Agarrou na extremidade do portátil e abanou-o, assustando o *Fred*.

– Não te atrevas a virar outra vez à esquerda.

Virei mais uma vez à esquerda e acelerei, abrindo a janela para deixar cair o localizador na estrada, deixando-a a olhar para o que eu lhe tinha escrito.

– LOL? – gritou ela. – LOL, meu sacana de merda?

Deus abençoe o pessoal do planeamento urbano que decidiu pôr estas ruas na disposição que tornou possível fazer o que tinha acabado de fazer. Este foi, talvez, o momento de maior orgulho da minha vida. Se eu morresse amanhã, levaria comigo o conhecimento da partida perfeita.

A cabeça da Aly levantou-se, o seu olhar fixou-se na câmara.

– Raios. Ele estava a observar-me enquanto preparava o pequeno-almoço? – Deslizou da cama e dirigiu-se ao aparelho. – Porquê? Eu estava apenas a um quarto de distância dele. Espera. Está a observar-me neste momento? Deve estar. – Ela agachou-se para olhar para a câmara, o que, numa feliz coincidência, me deu uma excelente visão do seu decote.

Olá, mamas. Tive saudades vossas.

– Aposto que estás muito orgulhoso de ti mesmo, Josh – disse ela.

Voltei o meu olhar para enfrentar o dela. Oh-oh.

– Pensas que não sei quem és, mas sei – disse ela, com um ar furioso. – Nenhuma das tuas tretas me fez perder a cabeça. De facto, não fez mais do que confirmar as minhas suspeitas. Tentei fazer isto de maneira amigável, vencer-te no teu próprio jogo, mas que se lixe. Não estás a jogar limpo, por isso também não vou jogar. Adivinha? Arranquei alguns pedaços de cabelo da tua camisola enquanto te esfregava as costas ontem, e se pensas que não vou fazer um teste de ADN com as ligaduras ensanguentadas que guardei no congelador, estás redondamente enganado. – Ela piscou o olho. – Até logo, Boo.

O ecrã ficou preto quando ela arrancou a câmara da tomada. Bem, tinha acontecido.

Infelizmente para a Aly, eu tinha tirado aquela camisola do cesto de roupa suja do Tyler, para o caso de ela ser tão matreira como eu e me fazer uma coisa destas.

Ela ia ficar tão zangada quando o ADN não coincidisse.

Fui o resto do caminho até casa a rir-me à gargalhada, imaginando o leque de emoções que lhe passariam pelo rosto quando se apercebesse de que estava enganada ou, pior ainda, que tinha sido enganada outra vez.

13

Aly

—Como assim, vai demorar uma semana? – disse eu.

Estava no laboratório de clínica forense do hospital, três andares acima das urgências. Precisava de um favor.

A Verónica, uma técnica de laboratório latina muito inteligente, com um cabelo fulgurante, cor-de-rosa, segurava os dois sacos que lhe tinha trazido.

– Deste-me três pedaços de cabelo que podem ou não ter raízes viáveis e alguns trapos ensanguentados. Isto não é como um teste de paternidade totalmente automatizado que eu possa fazer numa hora, Aly. Tenho de seguir todo um processo de purificação, quantificação, ampliação e de eletroforese capilar, e é se queres que os resultados sejam exatos. Ah, e vou ter de te enfiar aqui algures por entre o meu outro trabalho. – Ela pôs os saquinhos no balcão e lançou-me um olhar inexpressivo. – Já deves ter reparado; trabalho não me falta.

Lancei-lhe uma careta, sabendo perfeitamente das milhares de horas que o nosso laboratório tinha de trabalhar a mais. A Vern e os seus colegas de trabalho tinham acumulado um vasto conjunto de testes e provas para processar, incluindo situações de violação. De repente, senti-me uma idiota por ter pulado a fila, mas sinceramente não me apercebi do tanto trabalho que tinham em espera. Pensei que ela podia meter as minhas amostras numa máquina e, *bip-bip*, receberia os meus resultados.

Peguei nos sacos. Nem pensar em pôr o meu desejo de superar o Josh acima de identificar o agressor que violou alguém.

– Mudei de ideias.

– Esquece o meu pedido.

A Vern afastou a minha mão com uma bofetada. A sua maquilhagem de *pin-up* estava impecável esta noite, e uma sobrancelha perfeitamente arqueada subiu ainda mais enquanto me olhava.

– Demasiado tarde. Agora estou intrigada. Contas-me, por favor, o que é que se passa?

– Digamos apenas que envolve um rapaz de quem gosto – disse-lhe.

Ergueu as duas sobrancelhas.

– Achas que ele anda por aí a divertir-se nas tuas costas? Ouvi dizer que o Greg, do departamento de limpezas, tem ligações à máfia. Talvez ele te possa ajudar a fazer desaparecer o teu gajo.

Forcei uma gargalhada, tentando parecer natural. O Greg era um irlandês-italiano magro, com cabelo preto e sardas. Podia ter cara de bebé, mas também era um *flirt* implacável, e tinha conquistado a Vern na festa de fim de ano. Ele pertencia à máfia, sem dúvida.

A Vern e eu dávamo-nos bem, tão bem que se tivéssemos algum tempo livre para coisas como amigos, seríamos seguramente melhores amigas. Só a tinha visto uma mão-cheia de vezes no último mês, mas sabia que ela estava caidinha pelo Greg porque arranjava sempre maneira de falar dele pelo menos uma vez em cada conversa. O que significava que eu precisava de arranjar maneira de arruinar a paixoneta dela. Imediatamente. A Vern era boa pessoa; não precisava de andar associada a marginais.

– O Greg? – retorqui. – A Mallory disse que ele traiu as suas últimas três namoradas.

A Vern fez uma careta.

– A sério?

– Sim. E gaba-se disso.

– Eeee. Então esquece – disse ela, puxando o saco de ligaduras na sua direção.

– Vern, não. Não te posso pedir para fazeres isto por mim.

Tentei passar a minha mão por baixo da dela para recuperar as amostras, mas ela agarrou-as e escondeu-as atrás das costas, lançando-me um olhar severo.

– Já te disse que é demasiado tarde. Agora estou investida. E tira-me esse arzinho de culpa da cara. Vou fazer os testes durante as minhas pausas, para que não sintas que estás a saltar a lista de espera.

Eu torci o nariz.

– Mas então vou estar a tirar-te os intervalos.

– Aly – disse ela, agarrando-me no braço com a mão livre. – Não há problema em sermos egoístas de vez em quando. Tu sabes disso, certo?

– Sim? – disse, lutando contra a vontade de me contorcer sob o seu olhar.

Ela sacudiu-me o braço.

– Mais uma vez, mas com convicção.

– Sim – repeti.

Continuava a soar mais como interrogação do que afirmação.

A Vern soltou-me e suspirou.

– Vocês, enfermeiras da urgência, e os vossos corações a sangrar. – Ela virou-se para carregar num botão, e eu estava a pensar em pegar nos sacos e fugir quando ela se virou e me apanhou com a mão estendida. O olhar pouco impressionado que me lançou dizia muito. – É isso mesmo. Pisga-te.

Dirigi-me para a porta, envergonhada.

– Obrigada.

– Sim, sim. Eu digo-te quando tiver os resultados – disse ela, mostrando-me a saída.

Saí do laboratório a sentir-me estranhamente desiludida e mais do que culpada. Sim, queria os resultados, mas não gostava de estar a tirar tempo à Vern. Eu sabia como as pausas eram sagradas quando se estava sobrecarregada de trabalho, e o laboratório forense tinha tanto falta de pessoal como as enfermarias.

O meu telemóvel tocou no bolso da minha farda, enquanto descia as escadas. Sem olhar, sabia que era o Josh, e estava hesitante em ler a mensagem em público, caso ele tivesse dito algo especialmente incendiário. O homem tinha uma maneira de me chatear que me levava a dizer palavrões da boca para fora, e eu não queria ofender ninguém que me pudesse estar a ouvir.

Tirei o telemóvel do bolso assim que entrei na sala de descanso. Sim. Era o Josh.

Numa escala de 1 a 10, até que ponto estás zangada por causa do localizador?, perguntou ele. *Um significa que precisas de um dia ou dois para te acalmares, e dez significa que temos de começar a redigir um acordo de custódia conjunta para o* Fred.

E assim, sem mais nem menos, eu estava a sorrir. Não fazia ideia de como ele continuava a fazer-me isto: irritar-me num segundo e fazer-me querer rebentar a rir no outro. Nunca tinha conhecido ninguém como ele, e a sua personalidade era viciante por isso mesmo. Conseguia perfeitamente

imaginar uma vida com ele, ir para casa depois de um turno horrível e ele encontrar uma forma de transformar as minhas lágrimas em gargalhadas.

Estou num 3, escrevi de volta. *Acho que preciso de uns dias para me reagrupar e definir o meu próximo plano de ataque.*

Mentira. O que eu realmente precisava era de tempo para me desfazer dos sentimentos que começava a desenvolver por este homem. Um engate *kinky*? Ótimo. Isso era permitido. Todos nós tivemos encontros de uma noite com estranhos. Mas querer mais do homem que a) invadira a minha casa, b) arrombara o meu carro e c) me perseguia ativamente era o cúmulo da estupidez.

Só que eu não me sentia idiota. Sentia-me… bem. Ele teve inúmeras oportunidades para me magoar, e não o fez. Tudo o que ele tinha feito até agora foi tornar a minha vida melhor. Comida, limpeza, boleias para casa quando eu estava demasiado cansada para conduzir, atualizações do sistema de segurança, o melhor orgasmo da minha vida. Claro que ele também me deixa com os nervos em franja metade do tempo e não sabe cozinhar. O *bacon* que me serviu continuava cru no meio, e eu parei de comer os ovos depois de tirar o terceiro pedaço de casca da boca, mas nenhum homem era perfeito.

Receei que me estivesse a afeiçoar demasiado depressa. Passaram apenas alguns dias desde que aparecera pela primeira vez, mas eu tinha passado quase todos os momentos livres desde então com ele ou obcecada por ele. Se a minha deceção por ele, ontem, não estar quando cheguei a casa significava algo, era que este homem tinha o potencial de ferir os meus sentimentos. Lancei a culpa ao tempo que passei obcecada com os seus vídeos. Fazia-me sentir como se ele fizesse parte da minha vida há muito mais tempo do que realmente fazia, como se tivéssemos tido uma relação sexual estranha e unilateral desde antes do Halloween.

Agora compreendia as protagonistas femininas de todos os romances desportivos que tinha lido. Não era de admirar que dissessem «amo-te» a meio da história – os seus sentimentos pelos seus homólogos famosos tinham começado meses, por vezes anos, antes de se encontrarem.

Bufei, recordando-me do nosso – nada fofinho – primeiro encontro, incapaz de deixar de imaginar alguém, daqui a uns anos, a perguntar como é que eu e o Josh nos conhecemos. De alguma forma, suspeitava de que «Ele entrou no meu carro às três da manhã, de arma e faca na mão» não seria a

resposta esperada, mesmo se acrescentar a parte dos *snacks* e aquecedores de assento.

O meu telemóvel tocou, olhei para baixo e vi outra mensagem.

Peço desculpa se fui longe demais, disse ele. *Tanto com a história do «LOL» como antes.*

Ótimo. Agora ele estava preocupado por ter ultrapassado os limites e por me ter ofendido ou por me ter forçado a fazer algo sexual para o qual eu não estava preparada. Isto era o que eu ganhava por ser evasiva.

Respirei fundo e comecei a escrever, vestindo as minhas calças metafóricas de menina grande. *Não tens de pedir desculpa, e não foste longe demais. Só estou a tentar proteger-me.*

Eu nunca te magoaria, Aly, escreveu ele de volta.

Suspirei. Porque é que ele tinha de ser tão querido? O meu coração estúpido, frágil e faminto de amor não era grande coisa em autopreservação, e este homem estava a destruir as poucas defesas que eu tinha erguido à minha volta.

Talvez não intencionalmente, disse eu. *Mas já te ando a observar há muito mais tempo do que tu me observas a mim, e preocupa-me* – Foda-se. Como é que eu lhe fui dizer isto sem revelar demasiado? – *que, para ti, isto seja apenas o concretizar de uma fantasia tua.*

Não é, disse ele. *Vê o meu vídeo mais tarde. Demora o tempo que precisares. Mas, Aly?*

Sim?

Estou disposto a permitir-te apenas alguns dias. Depois disso, regressarei a ti, linda, estejas tu pronta ou não. E até lá, vou ficar de olho em ti. Bem, isto não foi sinistro nem nada. E decididamente não era a coisa mais excitante que eu já lera na minha vida. As minhas cuecas estavam molhadas, não por causa da minha portentosa excitação, mas porque tinha desenvolvido uma incontinência súbita, e esta era e seria a história oficial.

Sem saber como reagir à despedida do Josh, pus o telemóvel no cacifo e afastei-me como se tivesse acabado de guardar uma bomba. Claro que foi nessa altura que a Tanya entrou.

– Estás bem, Aly? – Ela ficou a meio do caminho, com o braço estendido enquanto segurava a porta aberta, olhando cautelosamente para o espaço entre mim e o meu cacifo. – Não deixaste outra vez comida indiana lá dentro, pois não?

– Não, não – respondi. – E isso só aconteceu uma vez!

Ela entrou, deixando a porta fechar-se atrás de si.

– Sim, mas essa única vez foi suficiente para infestar o andar inteiro. Quatro dias, Aly. Quatro dias de caril a apodrecer em pleno verão, na semana em que o ar condicionado esteve avariado. Mandámos o Seth para aqui vestido com o EPI completo para se livrar dele. – Ela estremeceu. – Ele ainda tem pesadelos.

Abanei a cabeça para ela, estranhamente grata pela brincadeira familiar e pela distração que me proporcionara.

– Eu pago-lhe a sua próxima sessão de terapia.

Ela dirigiu-se para a máquina de café.

– A nossa terapia é gratuita.

– Sim, pois é, então compro-lhe uma garrafa de vinho – disse, juntando-me a ela.

Tecnicamente, o nosso turno só começava daí a meia hora, mas eu e a Tanya chegávamos sempre mais cedo para nos familiarizarmos com o local. Conversávamos durante alguns minutos, pondo a vida em dia – sobretudo a dela, pois ela tinha uma vida com marido e filhos – antes de nos dirigirmos ao posto de enfermagem para sabermos dos mexericos do dia e dos doentes que iríamos receber.

As palavras de despedida do Josh ecoavam na profundeza dos meus pensamentos, e só quando alguém me deu um toque nas costelas e me perguntou se estava a ouvir é que me apercebi de que me tinha distraído. Sim, estava caidinha. Com sorte, ia descobrir uma maneira de resguardar o meu coração nos próximos dias.

Horas depois, a minha esperança aumentou ao ver o último vídeo dele. Este era mais sombrio do que os outros, não só pela iluminação, mas também pelo seu tom e pela banda sonora inquietante e instrumental, sem letra. Ele estava sem camisa, e o vídeo começava com ele a pegar no telefone como se tivesse acabado de agarrar alguém pela garganta – a minha garganta – antes de uma transição panorâmica o revelar a emergir em frente à câmara com uma mão apoiada algures por cima da objetiva, com as suas calças de ganga escuras desabotoadas enquanto ele as alcançou como se estivesse a preparar-se para tirar a pila para fora – e fodê-la diretamente nas minhas mamas outra vez. A câmara fez mais uma panorâmica, mostrando-o deitado de lado, com uma mão a apoiar a cabeça, a outra a desaparecer do

ecrã, mostrava um antebraço a esvoaçar deliciosamente enquanto movia o braço como se estivesse a foder-me com o meu vibrador outra vez.

Este foi o vídeo sexualmente mais explícito que ele alguma vez publicou, e vê-lo a recriar o que tínhamos feito esta manhã deixou-me desesperada por uma segunda ronda. Que sacana desonesto. *Claro, leva o tempo que quiseres, Aly, mas eu vou torturar-te com a minha ausência até que caias em ti.* Deu-me vontade de voltar a ser malcriada, de aguentar até que a sua paciência se esgotasse e ele me perseguisse.

Oh, porra, isto parecia ser um bom plano. Sim, era mesmo isso que eu ia fazer. E… espera lá. O vídeo dele tinha outra legenda.

Quase deixei cair o telemóvel quando a li, o meu riso foi tão instantâneo que me engasguei com o ar. Dizia: *Hora da mamã e do papá*. Como? *Como é que* ele era capaz de ser tão giro e engraçado ao mesmo tempo? Não fazia sentido. Certamente, um devia anular o outro, e eu devia estar excitada ou divertida e não as duas coisas ao mesmo tempo.

Os meus olhos saltaram para a secção de comentários. Não desiludiu.

OMG, ele é casado???

Isto só prova que todos os bons homens já estão ocupados. Se o chamam de papá, por alguma razão há de ser.

@aly.aly.oxen.free MIÚDA, GANHASTE.

Está bem, mas como é que vais dizer à tua mulher que este vídeo acabou de me engravidar?

Estão a aceitar candidaturas para uma terceira?

Se o meu futuro marido não for assim, não o quero.

Eu achava que não queria ter filhos até imaginar este homem a segurar um bebé.

Quase atirei o telemóvel para o cacifo. Não. Não. Não precisava da imagem que o último comentário invocou a preencher-me a cabeça.

Oh, meu Deus. É demasiado tarde. O Josh, de 1,80 m, musculado, fortemente tatuado e sem camisa, com um bebé nos braços. Sentia os meus ovários de novo em ebulição e a abrirem as comportas, gritando: «VAI, VAI, VAI» enquanto libertavam todos os óvulos do meu corpo. Se eu tivesse sexo com este homem num futuro próximo, teríamos de duplicar o controlo de natalidade.

O meu *pager* tocou e eu fiquei contente com a desculpa para poder sair dali antes que a próxima fantasia que eu desenvolvesse fosse a da

reprodução.

***

Os dias que se seguiram pareciam, ao mesmo tempo, voar e arrastar-se, fazendo-me sentir como se estivesse num túnel do tempo. Voltar à minha rotina habitual era estranho, apesar de não ter estado fora dela por muito tempo. Esperava que o Josh não honrasse o meu pedido de espaço, mas os registos de tempo nas minhas câmaras de segurança não mostravam quaisquer lacunas que indicassem que ele as tivesse pirateado, e além do vídeo melancólico que ele publicou a meio do meu turno de quinta à noite, completado com uma banda sonora triste dos anos 80, ele não tinha tentado contactar-me.

Os comentários ao vídeo eram impagáveis, havia muitas a perguntarem se a mamã e o papá estavam outra vez zangados. Eu tinha recebido quase dez mil pedidos de seguidores desde que o Josh me reclamou como seu objeto – o que dizia muito sobre o tipo de influência que ele tinha *online*. Não admira que ele tivesse um ego tão grande. Todo aquele poder tinha-lhe subido à cabeça.

– Olá – disse eu quando me juntei à Tanya, à Brinley e a alguns outros colegas de trabalho no posto de enfermagem.

Normalmente, passava o meu tempo de inatividade na sala de descanso a beber café, mas não confiava em mim perto do meu telemóvel neste momento.

Um coro de saudações deu-me as boas-vindas ao grupo. Estávamos a meio de um período de calmaria noturna, mas que iria cessar em breve, assim que os bares encerrassem e todos os adeptos de futebol saíssem às ruas. A equipa da nossa cidade tinha chegado à fase final dos *playoffs* e, depois de os jogos terminarem, recebíamos um fluxo de homens bezanos que se tinham magoado a tentar derrubar carros ou a subir a postes de iluminação.

A estação de enfermagem ficava de frente para a nossa área de atendimento rápido, na qual tínhamos seis salas estreitas e abertas, quase como se estivéssemos num estábulo. Era onde púnhamos os doentes com ferimentos e doenças menores, como entorses, fraturas, lacerações e dores

de garganta. Três estavam ocupadas, mas apenas dois dos doentes estavam a ser vistos. Na terceira sala estava um homem branco de aspeto médio, com cabelo castanho-claro. Tinha um daqueles rostos ambíguos, como se pudesse ter entre vinte e poucos e trinta e poucos anos, e misturava-se bem na multidão. Ainda assim, parecia-me vagamente familiar, mas não o conseguia identificar. Os seus ombros eram largos como se fizesse exercício, por isso talvez frequentasse o mesmo ginásio que eu?

– O que é que se passa com aquele tipo? – perguntei.

Parecia que se tinha metido numa luta, com um olho a inchar rapidamente e um lábio cortado. Pressionava uma gaze contra a testa, era sem dúvida um corte. Alguém o devia estar a ajudar com isso.

A Tanya inclinou-se para perto de mim, a voz dela sussurrante.

– É o violador da outra noite.

Parecia que me tinha atirado um balde de água gelada para cima da cabeça. Desviei o olhar do tipo, não querendo estabelecer contacto visual se ele se virasse na nossa direção.

– Porque é que ele não está na cadeia? – perguntei. – Não foi apanhado em flagrante?

Foi a Deb, uma mulher branca na casa dos cinquenta e a enfermeira-chefe do turno da noite, que respondeu.

– Ele nem sequer foi preso. Um advogado apareceu antes de lhe podermos fazer a folha e, uma hora depois, estava a sair daqui impune.

Ela abanou negativamente a cabeça expressando repugnância, o cabelo grisalho à altura dos ombros baloiçava com o movimento.

Agarrei-me à borda da secretária das enfermeiras para me estabilizar.

– Como assim. Mas que raio?

Era incapaz de proferir uma única palavra. Sentia-me como se estivesse a sufocar numa onda crescente de raiva em ebulição.

A Brinley emitiu um som como o de um gato eriçado e eu senti-me melhor por saber que não era a única que estava à beira de se tornar numa explosão nuclear.

– A família dele é rica. O advogado ameaçou processar o hospital e a polícia por coerção, por o terem tentado forçar a fazer um teste de ADN.

– Mas ele foi apanhado em flagrante – disse a Erica, uma enfermeira júnior. – Porque é que precisam de um teste de ADN para o prenderem?

– Talvez por não existirem provas em vídeo? – alguém respondeu.

– Sim, mas os polícias trouxeram-no aqui – respondeu outro. – E a vítima e uma outra testemunha identificaram-no.

Entrámos num acalorado debate sussurrado sobre o que tinha acontecido naquela noite, cada um de nós partilhando o conhecimento que tinha recolhido junto da polícia, da administração do hospital e o resultado das nossas próprias pesquisas no Google e o apreendido em programas de investigação criminal. Mas nenhum de nós tinha formação em Direito, por isso era tudo especulação e, no final, tínhamos mais perguntas do que as respostas que procurávamos.

– Está bem, mas porque é que ele está aqui? – perguntei assim que nos acalmámos.

A Erica clicou no rato do computador e inclinou-se para ler o ecrã.

– Um dos irmãos da vítima localizou-o num bar depois de ver um Snapchat.

Abanei a cabeça.

– Não. Quero dizer, porque é que ele ainda está aqui? Quanto mais rápido o tratarmos, mais rápido o podemos mandar de volta lá para fora, para que o irmão dela possa acabar com ele.

– Ninguém o quer tratar – disse a Tanya.

Olhei em redor. Só mulheres. Normalmente, em cada turno, tínhamos vários colegas do sexo masculino, uma vez que os doentes tinham, por vezes, preferência em relação a quem queriam que os tratasse.

– De momento, só temos o Amit de serviço – disse a Brinley, percebendo a minha confusão. – O Zach ligou a dizer que estava doente e o Kevin só chega daqui a uma hora.

O Amit era um nativo-americano, atarracado, peito de barril, na casa dos trinta ou quase, que conseguia levantar o dobro do seu peso corporal. Era ótimo com os nossos «pacientes problemáticos» porque normalmente eles olhavam para os seus músculos tensos e pensavam melhor antes de se portarem mal.

A Tanya inclinou-se sobre a secretária da estação para pegar num bloco de notas.

– Estamos à espera que ele termine na sala três, e depois mandamo-lo para cá.

Abanei a cabeça. Isso ainda vai demorar um bocado. O doente da sala três estava muito pouco estável.

– Eu faço-o – disse-lhes.

A Brinley respirou fundo.

A Tanya agarrou-me no braço.

– Aly, não.

Soltei-me da sua pega, encarando todas as minhas colegas.

– Eu vou ficar bem. Estarei sempre no vosso ângulo de visão, e ontem, na minha aula de artes marciais, aprendi a dar murros na traqueia – sorri, metendo-me numa falsa bravata. – Talvez seja uma boa oportunidade para o testar.

A Tanya não parecia convencida.

– Eu vou contigo.

Levantei a mão, travando-a quando ela tentou dar um passo na minha direção. A Tanya nunca tratou de predadores sexuais. Nunca. Havia uma razão para a sua reticência, que ela própria só sugerira recentemente, mas era suficiente para eu adivinhar a sua essência, e diabos me levem se eu permitisse àquele homem a oportunidade de a voltar a traumatizar, dizendo ou fazendo algo terrível na sua presença.

– Eu trato disto – disse-lhe.

Formou-se uma linha entre as sobrancelhas da Tanya quando esta franziu o sobrolho para mim. Os seus olhos escuros pareciam preocupados.

– Se ele se tornar inapropriado, vais afastar-te e deixar o Amit tratar dele.

Assenti com a cabeça. Não era uma deixa de amiga, mas a ordem de uma superior.

Olhou-me demoradamente antes de soltar um suspiro.

– Está bem. Mas nós ficamos de olho.

– Ótimo – disse eu, voltando-me para trás, contente por ter reforços prontos a intervir.

O telefone começou a tocar enquanto eu me afastava e ouvi a Erica atender.

– Espera, volta! Está aqui um homem ao telefone para ti!

– Diz-lhe que estou bem – proferi por cima do ombro.

O Josh deve ter entrado outra vez no sistema de videovigilância do hospital e viu o que eu estava prestes a fazer. Quase sorri. Ele disse que estaria a vigiar-me, mas era bom ter isso confirmado. Era como ter o meu próprio anjo da guarda a zelar pelo meu bem-estar, e isso fazia-me sentir

segura de uma forma que nem mesmo a multidão de colegas atrás de mim podia assegurar.

Eu estava certa de que ficaria bem, mesmo sem a supervisão tão próxima da equipa de enfermagem. O homem que eu estava prestes a tratar nem sequer era o pior que eu já tinha visto. Algo que a maioria dos «civis» não percebia era que, quando as pessoas na prisão se magoavam ou adoeciam, iam ao hospital como toda a gente. No ano passado, tratei de um homem esfaqueado que tinha sido condenado pelo assassínio brutal de duas mulheres. Ele fora amarrado à cama e estavam sempre dois agentes presentes no quarto comigo, mas mesmo assim sentia-me insegura na sua presença.

Nunca esquecerei o olhar dele quando me viu. Era desumano, algo que eu nunca tinha visto antes e que, de alguma forma, estava completamente morto e febrilmente vivo ao mesmo tempo. Parecia que estava a morrer de fome, mas não era fome de comida. Era um tipo de fome permanente que nos esvaziava até que tudo o que restava era a fome.

Assim que saí do quarto, virei-me para o polícia que guardava a porta e disse-lhe que não acreditava que aquele homem só tivesse matado duas mulheres. O polícia olhou-me nos olhos e disse: «Nós também não.»

Tive pesadelos durante semanas.

Nada poderia ser pior do que aquele homem, pensei. Porém, quando me aproximei do acusado de violação e ele se virou para olhar para mim, perguntei-me se estaria prestes a descobrir que estava enganada.

De perto, tinha os mesmos olhos que o suspeito de assassínio em série, embora os dele fossem castanhos e os do assassino azuis. Estavam mortos e vivos e eram totalmente desumanos. Eu sabia com certeza que estava a olhar para os olhos de um predador, os olhos de alguém que não me via como um ser com vontade própria, mas como um brinquedo posto nesta terra para o seu entretenimento. Apetecia-me rastejar para fora da minha pele, mas vesti a minha farda de profissional e usei-a como um escudo protetor. Quanto mais depressa o tratasse e o mandasse embora, melhor.

Saltei as habituais amabilidades e fui direita ao assunto, distanciando-me da cama onde ele se reclinava enquanto me dirigia para o pulsoxímetro, mantendo-me meio virada para ele de modo que, se ele tentasse fazer um movimento, eu o pudesse ver chegar.

– Olá, vou cuidar de si esta noite – disse, quase sem qualquer entoação, porque ele que se lixe.

– E o seu nome é? – perguntou ele, com uma voz baixa e agradável, o que era ainda mais enervante por se tratar da pessoa em questão.

– Enfermeira Hanover – respondi.

Era o nome genérico que dávamos aos doentes quando não nos sentíamos à vontade para lhes dar os nossos nomes verdadeiros, e até constava na alta médica quando ele saía, para que não me pudesse localizar depois. Tínhamos tido alguns incidentes de doentes terem ido à procura das suas enfermeiras fora do local de trabalho, um dos quais acabou muito mal, e agora o hospital fazia o possível para nos proteger.

– Tens um primeiro nome? – perguntou ele, com um tom de provocação na voz.

– Não – respondi. – Apenas Hanover. Como a Madonna ou a Cher.

Ele riu-se, e o som deu-me vontade de vomitar. Porque era contagioso. Se o tivesse ouvido num bar, ter-me-ia virado para ver quem se estava a rir, e isso lembrou-me de como algumas pessoas com distúrbios de personalidade podem ser encantadoras.

Levantei o leitor de pulsações da máquina e pedi-lhe que estendesse o dedo, tendo o cuidado de não lhe tocar quando o fixei. Deixei-o fazer a sua magia, afastando-me para ver a sua ficha no computador que estava por perto. O nome de Amit estava lá, então ele deve ter sido o único a resolver este problema antes de ser chamado para ajudar o paciente no quarto três.

O nome do violador era Bradley Bluhm e se tivesse alguma relação com os Bluhm que deram nome a um dos arranha-céus mais altos da cidade, ele não vinha apenas de uma família endinheirada; a sua família valia milhares de milhões. Não era de admirar que conseguisse subornar, coagir ou pagar para não ser preso. As leis não se aplicavam aos podres de ricos, apenas àqueles sem dinheiro ou sem meios para as subverter.

A ficha do Brad dizia-me que ele provavelmente precisaria de pontos na testa e de uma radiografia às costelas, mas eu ainda tinha de lhe perguntar o que havia acontecido e fazer com que ele descrevesse os ferimentos. Não o queria mesmo fazer, por isso fiquei a mexer no computador durante mais algum tempo, enquanto o monitor cardíaco emitia um ritmo lento e constante. O sacana estava a olhar fixamente para mim. Não tinha parado desde que eu me aproximara. Conseguia vê-lo virado para mim pelo canto

do olho, e sentir o seu olhar percorrer-me como se fosse um fenómeno corpóreo.

Os teus colegas de trabalho estão a observar-te, disse a mim mesma. *O Josh está a observar-me. Se ficou tão perturbado quando um par de homens estranhos me mandaram piropos, imagino o que fará se este tipo me puser as mãos em cima.*

A ideia quase me fez sorrir. Não era que eu precisasse de um homem grande e forte para me proteger ou lutar as minhas batalhas – tinha deitado por terra um tipo vinte e dois quilos mais pesado do que eu num tatami de judo ontem à tarde –, mas era bom saber que o Josh estava mais do que disposto a fazê-lo. Parte de mim quase esperava que o Brad tentasse alguma coisa para que eu pudesse saber até onde o Josh era capaz de ir, e até onde eu estaria pronta a ir com ele, porque se ele fosse atrás do Brad, não havia como não estar metida ao barulho.

Afastei-me do computador e saquei do esfigmomanómetro.

– Pode estender o braço? Precisamos de medir a tensão arterial.

O Brad inclinou-se para a frente, tentando encontrar o meu olhar, mas eu evitei-o. Tinha o hábito de mostrar as minhas emoções a toda a gente, e não queria que este monte de merda soubesse o quanto eu o temia e odiava. O medo não era por causa do que ele me podia fazer; era mais por saber que pessoas como ele viviam e andavam no meio de nós, assim, a monte – pessoas que estavam tão destroçadas por dentro que nenhum tipo de terapia ou de medicação as podia tornar «seguras» para andarem com o resto de nós. Pessoas como o Bundy e o Kemper e aquele tipo jeitoso do recente documentário da Netflix de que as minhas colegas não paravam de falar. Qual era mesmo a alcunha estúpida que lhe deram? O Ken Assassino?

– Pareces-me desconfortável – disse ele, com uma voz baixa e persuasiva, enquanto eu enrolava a braçadeira à volta do seu bíceps. Reparei nos arranhões cicatrizados que tinha ao longo do braço e perguntei-me se a polícia os teria fotografado. – Isto é pela infeliz confusão de ontem à noite?

Mantive-me calada, apertando a braçadeira mais do que devia antes de me afastar e ligar a máquina. Confusão. A porra da *lata* deste pedaço de merda.

– Sei bem o que é que parece – disse o Brad, com um tom quase tímido. – Mas se eu tivesse realmente feito o que eles dizem que fiz, não devia estar

já preso?

Não respondi, recusando-me a ser incitada por ele. Em vez disso, cerrei o maxilar e virei-me de costas para observar as máquinas. O seu pulso estava estável a 61 batimentos por minuto e a sua tensão arterial era de 115/70. O facto de até as suas leituras mostrarem um homem tranquilo deu-me vontade de gritar. Ele não estava nervoso nem agitado enquanto conversava sobre a possível violação de alguém, o que me dizia que ou ele era incapaz de sentir emoções como empatia ou a mulher daquela noite não fora a sua primeira vítima. Parte de mim preocupava-se que ambas as coisas fossem verdadeiras.

Contive-me enquanto lhe tirava a braçadeira, tentando manter a respiração estável ao mesmo tempo que o meu coração batia quase ao dobro do ritmo do dele e a minha tensão arterial disparava.

– Preciso de lhe examinar a cabeça antes que o levem para a radiologia para lhe examinarem as costelas – disse-lhe.

– Oh, claro, faça favor. Gostava de poder dizer que o outro tipo ficou em pior estado, mas estaria a mentir – disse ele com uma gargalhada autodepreciativa.

Os pelos da minha nuca eriçaram-se. Apesar da minha repulsa, conseguia perceber como é que alguém se podia deixar seduzir por ele. Mas a parte reptiliana do meu cérebro não acreditava numa vírgula que fosse. Antes pelo contrário, gritava ordenando-me para bater em retirada e afastar-me do Brad o mais depressa possível.

Demorei o meu tempo a empurrar as máquinas para um canto, tentando reunir a minha indecifrável determinação de o tratar.

– A minha ficha contou-te o que aconteceu? – perguntou ele, sem fazer uma pausa longa o suficiente para que eu lhe pudesse responder. – Aquele homem seguiu-me pelas redes sociais para me poder vir atacar pelas costas, num bar. Ainda bem que havia várias testemunhas e que a polícia estava perto o suficiente para fazer uma detenção rápida.

Voltei a não dizer absolutamente nada, contudo, estava a fervilhar por dentro. Quão fodido era o nosso sistema de justiça que, por um lado, permitia que um familiar devastado fosse preso e considerado um agressor e, por outro, que um violador saísse em liberdade, como se fosse inocente?

Já não conseguiria aguentar muito mais, mas talvez se permanecesse calada por tempo suficiente, o Brad percebesse a dica e fechasse a matraca.

Não me apetecia começar uma discussão com um potencial psicopata nem entrar no faz de conta da sua falsa narrativa.

Mas, infelizmente, este monstro era muito falador.

Inclinou-se em direção a mim, tentando captar a minha atenção.

– Tentei explicar-lhe que era tudo um mal-entendido e que, naquela noite, a irmã dele estava mais do que predisposta a estar comigo, mas ele não me quis ouvir.

Os meus ouvidos tilintaram quando o meu temperamento começou a escapar ao meu controlo. Pela quantidade de quetamina encontrada no sistema da vítima, ela não estava de todo capaz de poder consentir, isto no caso de ela ainda estar sequer consciente.

Cumpre apenas com o teu trabalho e pisga-te, disse a mim própria, calçando um novo par de luvas de nitrilo.

– Mas eu venho de um tipo de família que sofre constantemente ataques como este – disse o Brad. – Ficaria espantada com as coisas que as pessoas são capazes de fazer por dinheiro.

Não o faças, disse a mim própria. *Não mordas o isco.* Ele queria mesmo resposta.

Mantive os olhos fixos numa pequena prateleira enquanto passava ao pé da cama dele, com cuidado para não o deixar sair da minha periferia. Sentia a minha pulsação nos meus ouvidos e tinha tanta adrenalina a correr-me nas veias que estava a começar a tremer. Eu conseguia fazer isto. Só tinha de lhe limpar a cabeça e chamar um auxiliar para o levar lá abaixo à unidade de radiografia. A partir daí, a sutura seria da responsabilidade de um médico.

Olhei de relance para o posto de enfermagem e vi a Erica e a Tanya atrás dele, ambas a observarem-me petrificadas. Será que ouviram tudo aquilo que o Brad disse? Ou será que era apenas o facto de o verem a falar, que as mantinha à defesa? De qualquer modo, estava grata pela vigilância. Poder vê-las animava-me um pouco, lembrava-me de que não estava a sós com este pedaço de merda.

– Já devia estar à espera de algo assim da parte dela – disse o Brad enquanto eu abria a gaveta de cima. – Ela não era exatamente uma mulher de grande categoria, se é que me entende. Era de esperar que ela ficasse grata pela atenção de alguém com o meu *pedigree,* mas, em vez disso, deu meia-volta e acusou-me de a ter atacado.

Ao tirar da gaveta o material de que ia precisar, os meus dedos tremiam. Gaze. Material de limpeza. Adesivos para manter a ferida dele fechada até que o médico o pudesse ver. Concentrei-me em cada um dos itens para não ter de me virar e dar-lhe um murro na cara. Nunca tinha desejado magoar alguém desta maneira, era algo aterrorizante sentir a violência gritar dentro de mim em busca de expressão.

Um movimento chamou-me a atenção. Desviei-me para o lado e virei-me para o Brad, que tinha acabado de me tentar agarrar.

Um sorriso dividiu-lhe o rosto, o encanto foi desaparecendo ao mesmo tempo que algo frio e serpentino ganhava lugar. Que porra. Tinha-lhe finalmente dado a reação que ele queria.

– Tão nervosa – disse ele. – Deves estar com medo.

Pela forma como a pila dele começou a montar tenda nas calças, ele estava entusiasmado com essa possibilidade. Infelizmente para ele, o meu medo tinha sido subvertido pela raiva. Estava tão furiosa que me senti estranhamente calma quando inclinei a cabeça para o lado e pousei os olhos diretamente no colo dele.

– Medo? – retorqui. – De um pirralho mimado com pila de camarão? – Levantei o meu olhar para o dele, sabendo que ele veria a minha fúria, a minha antecipação. – Vá, força. Tenta lá agarrar-me outra vez. – Aproximei-me dele pela primeira vez esta noite, sentindo um cheiro a álcool velho emanar do seu hálito. Meu Deus, esperava mesmo que o fizesse. Se fosse ele a tocar-me primeiro, eu podia dizer que me estava a defender. – Adorava ver como é que um cobarde se aguenta contra uma mulher completamente consciente.

Ele pestanejou e só me deu tempo suficiente para reconhecer o triunfo nos seus olhos antes de fechar a cara e começar a chorar, enquanto se fingia atemorizado.

– Socorro! Socorro! Esta enfermeira está a ameaçar-me!

Afastei-me apressadamente, amaldiçoando-me por o ter deixado manipular-me. Várias pessoas entraram a correr perante as suas contínuas explosões, incluindo o Ben, um dos nossos seguranças.

– Estás bem, Aly? – perguntou ele, e eu quase praguejei com ele por usar o meu nome.

– Estou – disse.

– Porque é que lhe estás a perguntar isso a ela? – O Brad choramingava, e todas as evidências do monstro que eu tinha acabado de conhecer desapareceram, sendo substituídas pela imagem chapada do pirralho mimado que eu o tinha acusado de ser. – Foi a mim que ela ameaçou.

– Não vamos recomeçar com esta história outra vez, senhor Bluhm – disse o Ben, aproximando-se da cama dele.

Outra vez? Teria ele feito algo parecido na outra noite? Foi assim que ele saiu daqui? Foda-se. Teria eu acabado de dar outra desculpa aos advogados dele para atacarem o hospital?

– Quero o meu advogado! – gritou ele, mesmo na altura certa. – E quero que seja ela a tratar de mim.

Apontou diretamente para a Erica, que tinha vindo a correr com a Tanya para ajudar.

A Erica, magra e pequena, que eu notei ter a mesma constituição e cabelo escuro da mulher que o Brad tinha agredido. Oh, não, caralho. Era este o plano dele desde o início? Substituir-me pela sua vítima ideal para a poder atormentar, ou pior, tentar descobrir quem ela era, para a poder atacar a seguir?

– Não – disse eu, fazendo a Erica dar meia-volta e arrastando-a para longe enquanto os outros continuavam a lidar com o escândalo levado a cabo pelo violador.

Alguns minutos depois, a Tanya veio ao nosso encontro na esquina do corredor.

– O que é que ele te disse?

Encostei-me à parede e inclinei a cabeça para trás, tentando controlar-me.

– Uma treta qualquer sobre como a vítima dele lhe devia agradecer o facto de ele se ter interessado por ela, sendo ela uma mulher de tão baixa qualidade.

– Mas… isso é… o quê? – balbuciou a Erica.

– Ele é louco – disse-lhe. – E não estou a ser capacitista. Estou a falar clinicamente. Posso não ser terapeuta, mas é impossível que aquele homem não tenha PPAD*. – Desviei o meu olhar para o da Tanya. – Ele era exatamente como aquele tipo do ano passado.

Os olhos dela arregalaram-se.

– O assassino? – assenti com a cabeça.

Ela desviou o olhar de mim quando uma mulher branca e rechonchuda, com cerca de trinta anos, se juntou a nós. Oh-oh. Alguém tinha ligado para os recursos humanos.

– Olá, Aly – disse a Hannah quando chegou ao pé de nós. – Queres vir ao meu gabinete e contar-me o que aconteceu?

Suspirei e empurrei-me, afastando-me da parede. Tecnicamente, eu não tinha quebrado nenhuma regra importante, embora talvez levasse uma palmadinha na mão pelo comentário sobre o pénis de camarão e a provocação.

– Claro, mostra-me o caminho.

Uma hora depois, o Brad tinha tido alta e eu estava de novo no chão do SU, pronta para o meu próximo doente. A Hannah tinha-me dado um aviso não oficial e disse-me muito gentilmente para ter cuidado com a minha boca, ao mesmo tempo que insinuava que, se estivesse no meu lugar, teria esfaqueado o Brad com o objeto afiado mais próximo.

Era boa pessoa.

Senti-me como se tivesse enfrentado o pior da noite e conseguido sair praticamente ilesa. Isso até ser chamada a uma ambulância para ajudar com uma vítima de um acidente de viação. Estes acidentes eram sempre difíceis para mim devido ao meu passado, mas esta noite revelara ser a minha ruína.

A vítima era uma mulher na casa dos quarenta, com cabelo escuro e pele cor de azeitona. Como a minha mãe. E, tal como a minha mãe, tinha sido empalada por algo no momento do impacto, só que, em vez do cano que tinha entrado diretamente no peito da minha mãe, esta mulher tinha um pedaço de metal fino e não identificável a sair-lhe do ombro direito. Iria sobreviver a uma situação à qual a mãe não tinha sobrevivido e, embora eu dissesse a mim própria que não era ela, só conseguia ver a minha mãe a olhar para mim do banco do pendura, com sangue a sair-lhe da boca enquanto me tentava dizer algo.

– Não posso – disse, afastando-me da maca enquanto um dos meus colegas de trabalho se apressava a tomar o meu lugar. – Não consigo.

Voltei a ter novamente dezasseis anos e a estar ali sentada, impotente, ao lado da minha mãe com as mãos cheias de sangue, tentando estancar a hemorragia enquanto ela morria, a buzina do carro avariada a abafar os meus gritos de socorro por alguém que, quem quer que fosse, nos viesse ajudar.

* Perturbação da Personalidade Antissocial. (*N. de T.*)

14

Josh

Havia algo de errado com a Aly. Algo estava *deveras* errado.

Eu andava de um lado para o outro junto da secretária onde tinha o computador, incapaz de ficar quieto por mais tempo. Ela estava a retirar os seus pertences do cacifo e para quem não a conhecesse bem, acharia provavelmente que estava tudo bem. Mas eu conhecia-a. Pelo menos conhecia as suas expressões e, neste momento, a sua cara era de madeira. Era como se alguém tivesse sugado a vida do seu interior, deixando o seu invólucro para trás para que se pudesse continuar a movimentar.

Será que foi algo que o violador lhe disse? As estúpidas câmaras das urgências não tinham microfones e eu não conseguia ouvir a conversa, mas sabia pela cara da Aly que devia ter sido feia, especialmente no fim, quando ele quase a agarrou.

Nem sei o que teria feito se ele lhe tivesse tocado. Já era suficientemente mau saber que a Aly estava na presença de um sacana daqueles. No momento em que ela se dirigia a ele, já eu tinha o cadastro dele em mãos, e o que vi fez-me correr para o telefone. Ela tinha-me pedido espaço, mas isso não se estendia a deixar de a prevenir de um perigo iminente, certo?

O maxilar ainda me doía pela força com que bati os dentes quando ela pediu à colega em linha para me dizer que estava bem.

Percebi, assim que ela viu o violador, que não estava «bem». Estava assustada. E não com o tipo de medo de que gostava – aquele que era rapidamente substituído por desejo e tesão –, mas vi antes um medo profundo que lhe drenou a cor do rosto. Percebi o porquê quando fiz *zoom* no Bradley Bluhm. Ele tinha os mesmos olhos que o meu pai, e a Aly, habituada a trabalhar num ambiente tão perigoso, era provavelmente melhor

do que a maioria a reconhecer monstros, tendo-se apercebido de estar na presença de um.

Por momentos, senti-me ligeiramente melhor por ela nunca ter olhado para mim daquela maneira, mas depois apercebi-me de que ela estava ao alcance de alguém assim, e pus-me de pé com as chaves na mão antes de pensar melhor. Estava quase a chegar ao meu carro quando me consegui controlar. Conduzir até lá e entrar de rompante nas urgências com uma máscara inspirada num filme de terror não era a melhor opção. Seria preso ou provavelmente alvejado. E por muito que quisesse ir ter com ela, não me permitia ir como eu próprio. E ainda não estava pronto para que o nosso jogo acabasse.

Foda-se. Não era inteiramente verdade. Pois é, na verdade o que me impediu de lá ir foi o meu receio perante um potencial término, uma vez que contasse à Aly tudo sobre mim. Havia uma hipótese real de ela fugir, e eu tinha acabado de lhe pôr as mãos em cima. Não estava pronto para a deixar partir tão cedo.

Voltei para o meu quarto e posicionei-me em frente ao computador, relembrando-me de que a Aly era um osso duro de roer. Ontem, tinha-a visto pontapear a merda de um tipo com quase o dobro do tamanho dela. Era uma boa lutadora: rápida, ousada, quase imprudente. E pelo sorriso na cara dela, gostava de uma boa luta. Estava certo de que ela se podia defender de alguém como o Brad, especialmente porque homens como ele eram uns cobardes do caraças. No fundo, eles temiam as mulheres tanto quanto as odiavam. Havia inúmeras histórias sobre pessoas como o Bundy, o Night Stalker, e até mesmo o meu pai, que fugiam quando as suas supostas vítimas lutavam e começavam a ganhar vantagem.

A Aly tinha vários objetos à sua volta que podiam servir de armas e bastantes pessoas que a podiam vir socorrer. Ia correr tudo bem.

Acreditei nisso até ver o Brad abrir a boca e as mandíbulas da Aly saltarem como se tivessem abocanhado o isco. Que teria ele dito? Reclinei-me para a frente, aproximando-me o máximo possível e fixando a cara do Brad, tentando ler-lhe os lábios, querendo tirar-lhe aquele sorriso presunçoso da boca. O seu olhar estava tão colado à Aly como o meu estava a ele, percorrendo-a da cabeça aos pés de uma forma cobiçosa que despertou o homem das cavernas em mim.

– Dá-lhe um murro na cara – disse eu a uma Aly que não me conseguia ouvir. – Arremessa a cabeça dele contra aquele painel de vidro.

» Oh, pois, tens razão. Seria muito melhor estrangulá-lo com o fio dessa máquina que estás a usar agora.

Infelizmente, ela não fez nenhuma destas coisas. E também não olhou diretamente para o Brad, não depois daquele primeiro vislumbre. Ele deve tê-la enervado à séria.

Ela atravessou os pés da cama dele e eu pude ver bem a cara dela. Não. Ela não estava nervosa; estava lívida, porra. O que é que aquele monte de merda lhe estava a dizer?

– Atenção! – gritei quando ele a tentou alcançar.

Se aquele filho da puta a magoasse, seria uma das últimas coisas que ele faria na vida.

Ela esquivou-se facilmente, mas em vez de se afastar, aproximou-se, com uma expressão que eu nunca tinha visto antes. Era quase serena, mas os seus olhos ardiam como se ela estivesse a tentar incendiar o Brad com o olhar. Parecia estar ligeiramente perturbada e claro que a minha pila escolheu aquele preciso momento para entrar na conversa. Nem sequer tentei parar a reação do meu corpo diante da Aly assustadora porque, porra, vê-la a vestir a pele de Cruella de Vil e ir com tudo para cima do Brad era demasiado excitante. Se ela lhe batesse, talvez me viesse.

Infelizmente, ela não teve hipótese. Comprovando a minha observação sobre a cobardia típica destes tipos, o Brad fechou a cara e desatou aos gritos, provavelmente a pedir ajuda, o manipulador de merda.

Abri uma nova janela no meu *browser* e comecei a procurar por tudo o que conseguisse encontrar sobre o tipo, e agora, cinco horas depois, chegara a uma conclusão: o Bradley Bluhm precisava de morrer. Quanto mais cedo, melhor.

Eu iria descobrir a logística para isso quando tivesse mais tempo livre. Neste momento, a Aly precisava de mim.

Apesar do que se passou entre ela e o Brad, não me parecia que tivesse sido ele a pô-la no estado de espírito em que se encontrava. Ela tinha ficado zangada, mas pelo que eu tinha visto, tinha recuperado bastante bem. Até mesmo a reprimenda que levara no escritório da responsável pelos RH não me parecera assim tão má.

Afastei-me quando todas se começaram a rir, e mergulhei na minha pesquisa. Teria acontecido mais alguma coisa à Aly enquanto eu estava distraído? Tinha-a visto de vez em quando durante o resto do turno, e ela parecia estar bem, embora um pouco abatida. Estaria ela a fechar-se agora como uma reação tardia à feia interação com o Brad, ou será que o meu instinto estava certo e algo me tinha escapado?

O facto de não saber estava a dar cabo de mim.

Peguei no meu telemóvel, que estava em cima da secretária, e sem o conseguir evitar, enviei-lhe uma mensagem. *Por favor, não vás para casa nesse estado. Sei que disseste que precisavas de espaço, mas deixa-me ir buscar-te. Ou, pelo menos, apanha um Uber.*

Pelo meu ecrã, vi-a a olhar para o telemóvel com uma certa apatia, o que não me agradou nada.

Vou apanhar um Uber, escreveu ela de volta, sem nenhum dos seus habituais insultos por eu a estar a vigiar. Talvez tivesse enfim aceitado a minha vigilância constante, mas pensava que isso não a impedia de continuar a gozar comigo, como faria em circunstâncias normais.

Uma das suas colegas de trabalho, uma mulher negra e elegante com quem eu vira a Aly tantas vezes à conversa e que, por isso, devia ser uma boa amiga, pôs um braço à volta dos ombros dela, proferindo algo. Gostava de ter podido ouvir o que ela lhe disse. A sua expressão estava cheia de compreensão e empatia. Teria a Aly perdido um paciente enquanto eu estava a pesquisar o passado criminoso do Brad? Sabia bem como isso a teria especialmente afetado.

A conversa foi breve, terminando num longo abraço. A Aly afastou-se da colega de trabalho e dirigiu-se para a porta. Usei as câmaras para a seguir durante todo o caminho até à saída do hospital e, quando o Uber dela começou a sair por uma das portas laterais, já me tinha decidido. Estava farto de espaço. Tinha dado à Aly os dias que ela me pedira, controlando-me sempre que pegava no telemóvel para lhe enviar uma mensagem.

Eu ansiava por um reencontro de natureza sexual, mas era óbvio que, num momento como este, ela não podia ficar sozinha, e apesar de a minha ereção persistir, ter sexo era a última coisa que me vinha à cabeça. Ela precisava de ser confortada e de companhia. Alguém que a ouvisse ou abraçasse, enquanto chorava.

Deixei a minha máscara para trás tendo-a substituído por uma balaclava. Tinha a sensação de que a manhã ia ser longa e não queria ficar com a cara presa numa caixa de plástico.

O Tyler estava prestes a acordar, por isso enviei-lhe uma mensagem a dizer que precisava de sair, peguei nas chaves, na mochila e saí.

Pela primeira vez desde que comecei a observá-la, a Aly saiu do hospital quando era suposto, por isso o Sol ainda não tinha nascido e eu tinha a estrada quase toda para mim. Mesmo assim, ela vivia mais perto do hospital do que eu vivia dela, e a câmara da porta da frente mostrou-a a chegar, vários minutos antes de mim.

Estacionei ao virar da esquina, permanecendo oculto, e voltei para casa dela a pé. Fazia tanto frio. Nas notícias tinham avisado de que estávamos prestes a enfrentar um vórtex polar, mas este era o primeiro do ano, e eu já me tinha esquecido de como podia fazer frio. O meu bafo pairava no ar à minha volta e, embora ainda não precisasse dela, aconcheguei a minha balaclava para manter a minha pele protegida contra a geada. Que se lixe este tempo.

Não me dei ao trabalho de desligar as câmaras da Aly, pois tinha a cara tapada, e também não me dei ao trabalho de bater à porta, tendo usado a chave que tinha mandado fazer para entrar. O *Fred* veio a correr ter comigo, de cauda erguida e com a boca aberta, cantando a canção do seu povo.

Tirei o casaco e, antes de entrar em casa, peguei nele ao colo.

– Temos de trabalhar as tuas competências sociais, amigo. Imagina se a mamã e o papá agissem como tu e entrassem aqui a gritar sempre que chegássemos a casa.

O som da minha voz fez-me perder a cabeça. A minha voz *não estava modulada*. Que merda. Na pressa de sair do apartamento, esqueci-me de que o modulador estava cosido à minha máscara. Que jogada de principiante. Mas não ia voltar atrás para o ir buscar – agora que estava aqui, só se a Aly me ordenasse que saísse é que saía –, por isso teria de encontrar outra forma de falar com ela, pois já não queria mais mensagens de texto, e tinha quase a certeza de que ela também não.

Quando me aproximei do quarto dela, ouvi o duche a correr. Ainda tinha alguns minutos.

– Que achas disto? – perguntei a um *Fred* ronronante, baixando a minha voz o mais possível. – Sou o Batman.

O Fred semicerrou os olhos e cravou as garras no meu casaco, massajando-o, por isso presumi que aprovava.

Dei-lhe beijinhos de esquimó através da máscara e pousei-o de novo no chão, enquanto me dirigia para a cozinha. Algumas pessoas perdiam o apetite quando ficavam perturbadas, por isso não queria preparar outro pequeno-almoço elaborado para a Aly para depois o desperdiçar. Não me agradava especialmente a ideia de fritar mais *bacon*. Trouxe-me memórias de quando o meu pai teve uma ideia engenhosa sobre como se livrar da sua última vítima durante uma infame churrascada comemorativa do 4 de julho, lá no bairro. Desde então que me tornara vegano e, mesmo agora, quase vinte anos depois, o cheiro de carne a fritar ainda me deixava com vontade de vomitar.

Que poderá a Aly querer em vez de comida? Vinho, ou talvez um bom chá calmante? Prepararia os dois. Assim, ela poderia escolher.

O chuveiro foi desligado pouco depois de o chá ter terminado de infundir, e eu dirigi-me para o seu quarto de caneca e copo de vinho na mão. Ela estava vestida com um roupão branco grosso e, quando entrei, ela penteava o cabelo de costas voltadas para mim.

– Eu não sabia o que querias, por isso trouxe-te… AHHH!

Ela virou-se e atirou a escova à minha cabeça, e eu, ao esquivar-me, queimei a merda da mão com chá a escaldar.

– Foda-se! – gritámos ambos, antes de começarmos a falar um por cima do outro. – Não podes aparecer aqui assim de repente!

– Pensei que me tinhas ouvido.

Pus o vinho e o chá na secretária e dei meia-volta para ir lavar a minha pele escaldada à cozinha.

A Aly lançou-se no meu encalço.

– O que é que se passa com a tua voz? O que é isto, a versão assustadora do Batman?

– O Maskman? – respondi. – Gosto.

– Espero que também gostes do som de guizos, porque vou comprar-te uma coleira com um, para que não me possas voltar a apanhar de surpresa.

Lancei-lhe um sorriso, apesar da minha dor.

– *Perversa.*

– Raios partam – murmurou a Aly.

Fechei os lábios para conter o riso.

– Anda cá, deixa-me ver isso – disse ela quando chegámos ao lava-loiça.

Abri a torneira da água fria e olhei de relance para a minha pele irritada, antes de levantar o olhar para ver as sobrancelhas da Aly franzirem-se enquanto ela pegava na minha mão. Ela deu uma vista de olhos rápida e profissional ao meu último ferimento, mudou a torneira de fria para morna e guiou a minha mão para debaixo de água.

– Não é muito mau – afirmou ela. – E ao menos não foi a mão esfaqueada.

Queria estender a mão e alisar a linha entre as suas sobrancelhas, mas mesmo assim era melhor vê-la ligeiramente perturbada do que vê-la sem qualquer emoção.

– Sim, é muito melhor perder ambas do que apenas uma delas.

Ela abanou negativamente a cabeça e murmurou algo ininteligível que soou um tanto ou quanto ameaçador. Fiquei contente por ela não conseguir ver o sorriso que sorrateiramente esbocei. As mulheres tendiam a não gostar quando as pessoas achavam os seus estados de espírito sombrios bonitos, e eu apostava que a Aly não era exceção. No entanto, eu não conseguia mesmo evitá-lo. Ela era adorável, especialmente porque, depois de a ver com o Brad, percebi que comigo ela ladra, mas não morde.

A propósito, ela disse:

– Belo toque com as lentes de contacto azuis – olhando para mim. – Mas consigo ver uma linha castanha à volta delas.

Que raio. Eu sabia que devia ter comprado um par feito à medida.

Os seus olhos não se fixaram em mim durante muito tempo, apenas o suficiente para me lançarem um olhar de reprovação por continuar com esta duplicidade, antes de os voltar a baixar. Ficámos em silêncio enquanto ela observava a água a correr pela minha mão, e eu aproveitei para a beber. O seu cabelo molhado deixava manchas de humidade no roupão, e os seus olhos estavam um pouco injetados de sangue, como se tivesse estado a chorar no duche. A pele por baixo deles apresentava-se ligeiramente magoada, um sinal revelador de cansaço. Ver a vida começar a esvair-se da sua expressão fez-me querer agarrá-la e nunca mais a deixar.

– Estás aqui – disse ela, tão baixinho que quase não ouvi as suas palavras.

Tirei a minha mão da dela e puxei-a para a abraçar.

– Achei que estavas a precisar de mim.

Ela empoleirou-se nos bicos dos pés, envolveu-me pondo os braços à volta do meu pescoço e enterrou o rosto no meu peito, respirando tão profundamente que as laterais do seu tronco pressionaram os meus bíceps. Começou a tremer quando expirou, e eu cedi à minha necessidade de a abraçar, baixando as mãos para as suas coxas e levantando-a. As suas pernas compridas enrolaram-se à volta da minha cintura, os seus braços apertaram-se nos meus ombros enquanto ela escondia o rosto no meu pescoço.

– O que é que aconteceu? – perguntei-lhe. – Não pode ter sido só o Brad.

– Foi a minha mãe – sussurrou ela contra a minha pele.

Franzi o sobrolho.

– Pensei que a tua mãe tinha morrido.

Ela enrijeceu.

Foda-se. Devia ter guardado essa informação para mim mesmo. Ela recuou o suficiente para encontrar os meus olhos, sem se preocupar em esconder as lágrimas que lhe escorriam lentamente pelo rosto.

– És tão amável que às vezes me esqueço do quão tarado és.

Uma resposta sarcástica estava na ponta da minha língua, mas contive-a.

– Como assim, aconteceu alguma coisa com a tua mãe?

Ela suspirou e começou a afastar-se, mas eu agarrei-me a ela, impedindo-a de criar qualquer espaço entre nós. Julgo que não lhe apetecia fugir, porque assim que se apercebeu da minha intenção, desistiu e voltou a aconchegar-se.

– Eu matei-a.

Foi a minha vez de ficar rígido como uma tábua. De que raio estava ela a falar?

– Pensei que ela tinha morrido num acidente de carro.

– Sim – confirmou ela. – Era eu quem estava a conduzir. Ela estava a tentar ensinar-me a conduzir um carro de mudanças manuais, e era a nossa primeira vez numa estrada a sério. Antes disso, tínhamos praticado em parques de estacionamento vazios, e ela pensou que eu estava pronta para o passo seguinte. Mas houve um semáforo vermelho que me escapou e eu no meu pânico de ver o carro a avançar, pisei a fundo no pedal, só que em vez

de carregar no travão carreguei no acelerador, e saímos disparadas rumo ao cruzamento à nossa frente.

Oh, foda-se.

– Um carro bateu-nos na traseira, fazendo-nos girar, e um camião bateu-nos de frente – contou ela. – O condutor do camião conseguiu travar no último segundo, mas o impacto foi suficientemente forte para acionar todos os nossos *airbags*. Parti os meus dois tornozelos quando a parte da frente do carro se amarfanhou. Bati com a cabeça com força suficiente para que tudo ficasse confuso durante alguns minutos e, quando voltei a mim, estava com tantas dores que demorei um momento a reparar no cano que saía do peito da minha mãe. Soltou-se do camião durante o impacto e empalou-a.

– Lamento muito que tenhas passado por isso – disse-lhe, apertando-a com força.

Quaisquer palavras soavam inúteis. Porque é que não havia uma forma melhor de verbalizar empatia em momentos como este? Uma maneira de lamentar que expressasse simultaneamente a forma como o nosso coração está partido pela dita pessoa, e que faríamos de tudo para a poder aliviar da sua dor.

Os flancos da Aly tremiam enquanto ela perdia a luta contra as lágrimas, as próximas palavras saíram-lhe entre soluços.

– Eu não a consegui salvar.

Tudo começou a fazer sentido. Como a Aly não conseguiu salvar a mãe, passava agora todas as horas da sua vida a tentar salvar toda a gente, em detrimento da sua própria saúde mental e física. Isso tornou-me ainda mais protetor em relação a ela. Uma pessoa tão carinhosa e sensível devia ser protegida a todo o custo, mesmo de si própria, se necessário.

– Houve um acidente de viação esta noite – disse ela. – A mulher parecia-se com a minha mãe, e eu simplesmente… perdi a cabeça. Não a consegui tratar.

Saí da cozinha para a sala de estar e deitei-me no sofá com ela ainda nos braços.

– Ninguém te pode culpar por isso.

Ela fungou.

– A culpa é minha.

Penteei-lhe o cabelo por cima do ombro e passei-lhe a mão pelas costas.

– Não devias. Retraumatizares-te não é solução.

– Já se passaram quase dez anos. Já não devia estar traumatizada.

Encostei os meus lábios revestidos de tecido na sua têmpora.

– Não há limite de tempo para o luto nem para um trauma.

Ela recuou o suficiente para olhar para mim, com os olhos vermelhos, as bochechas coradas, ainda mais bonita por me confiar a sua vulnerabilidade.

– Pareces o meu terapeuta.

Respondi-lhe soltando um riso não humorístico.

– Provavelmente porque já ando em terapia há tanto tempo que sei o que ele diria agora.

– E o que é? – perguntou ela, estudando os meus olhos.

– Um terapeuta dir-te-ia que não mataste a tua mãe. O que aconteceu foi um acidente.

– É justo – disse ela com outra fungadela. – Mas a culpa de ela estar morta continua a ser minha.

– Contraponto: a culpa é do camionista, que não se desviou de vocês. Ou do primeiro condutor, por vos bater pela traseira. Ou até da tua mãe, por te ter levado para a estrada antes de estares preparada.

– Ei – disse ela, com os olhos a brilhar de reprovação enquanto deslizava do meu colo.

Apertei os meus braços à volta dela e puxei-a para junto do meu peito.

– Estou a falar a sério, Aly. Todos os envolvidos foram tão cúmplices quanto tu. Não é justo que ponhas a culpa toda em ti. Dirias a outra jovem de dezasseis anos nessa mesma situação que era ela a culpada pela morte dos seus pais?

Ela estremeceu.

– Meu Deus. Nunca.

– Então, porque estás a fazer isso a ti própria? – Ela não tinha nada a dizer, por isso aproveitei a minha vantagem. – Eu não conheci a tua mãe, mas aposto que ela não ia gostar que te castigasses assim pela sua morte. Ela ia querer que vivesses a tua vida sem culpa, que fosses saudável e feliz. Quando te negligencias e fazes estes turnos todos seguidos, estás ativamente a ir na direção oposta.

– Mas é tão difícil – disse ela, cravando os dedos na minha camisa. – O hospital tem tão pouco pessoal.

Peguei nela pelas coxas e puxei-a para mais perto, querendo banir o pouco de espaço que restava entre nós, desejando poder aninhar-me dentro dela e acabar com todos os pensamentos na sua cabeça.

– Eu sei – disse-lhe. – Mas não serás útil a ninguém se te esgotares. Pessoas exaustas são pessoas desleixadas. Cometem erros que as fazem ser apanhadas. – Os malditos pensamentos do meu pai a invadirem cada uma das minhas conversas. – Quero dizer que se metem em sarilhos mais facilmente. Nunca te perdoarias se, ao cuidares de um doente depois de ultrapassado o teu limite de cansaço, cometesses um erro que o deixasse pior em vez de o ajudar.

O seu hálito quente aqueceu-me o pescoço enquanto ela expirava profundamente.

– Tens razão. Eu sei que tens razão, mas nesta altura é quase uma compulsão para mim.

Ela soava melhor do que há um momento, mais como ela própria, e isso fez-me querer espicaçá-la um pouco.

– Bem, temos as próximas duas semanas de folga para corrigir isso – disse-lhe.

Ela recuou, e eu devia receber uma medalha por ter mantido o meu olhar no seu rosto em vez de o deixar cair para o lugar onde o seu robe se abrira, revelando uma linha de pele cor de azeitona até ao umbigo. Ainda mais abaixo, na minha visão periférica, apercebi-me de que o seu robe também se tinha aberto por baixo da cintura, e que a Aly estava completamente nua por baixo dele.

Foda-se.

– Como é que sabes que as minhas férias foram antecipadas? – perguntou-me ela. – E o que é que queres dizer quando dizes que «nós» temos duas semanas de férias?

Ignorei a sua primeira pergunta. Ela já sabia a resposta.

– Eu também tirei férias. Pensei que podíamos passar algum tempo juntos em família. Tu, eu. O nosso filho desajustado que acabou de esfregar o rabo na carpete atrás de ti.

Ela virou-se, com o roupão ainda mais aberto.

– *Fred*, porcalhão! Estás outra vez com lombrigas?

Ele levantou a cabeça do local onde estava a dormir profundamente, na sua casinha de feltro ao lado da televisão, e lançou-lhe um olhar do género:

Eu? O que é que eu fiz?

Ela virou-se para mim com as feições a mudar para uma expressão de sofrimento.

– Tu simplesmente não te consegues controlar, pois não?

– Não quando é tão fácil fazer com que te irrites.

A sugestão de um sorriso inclinou-se nos cantos da sua boca, e ao vê-lo algo despertou dentro de mim. Ela tinha todo o direito de estar chateada, e eu tinha a certeza de que esta não seria a última das nossas conversas sobre «tu esforças-te demasiado», mas ainda assim era bom saber que conseguia fazê-la sorrir, mesmo nos piores momentos. Isso tinha de significar alguma coisa, não tinha? Que isto era mais do que um engate, mais do que um encontro casual. Isto tinha um potencial real de ser algo a longo prazo, e eu não me estava a iludir ao formar um plano para a fazer apaixonar-se por mim.

Levantei as pernas, empurrando-a para a frente para que caísse contra mim, escondendo toda aquela pele bonita antes que eu cedesse ao desejo de lhe tocar.

Ela encostou a bochecha ao meu ombro.

– Eras tu ao telefone nas urgências, certo?

– Sim, era.

– O que é que me querias dizer?

– Ia avisar-te sobre o Brad. Vi os registos hospitalares dele e tive um mau pressentimento.

– Tinhas razão – disse ela.

Passei-lhe uma mão pelas costas.

– Oh, nem fazes ideia.

Inclinou a cabeça o suficiente para me olhar nos olhos.

– O que é que queres dizer com isso?

– A família dele tem andado a encobri-lo ou a pagar às vítimas dele, desde que ele é adolescente – disse-lhe.

– Então, eu tinha razão. Ele é um monstro.

Não era uma pergunta, mas respondi-lhe na mesma.

– Sim, ele é um monstro.

O seu olhar desceu, escurecendo enquanto ela olhava para a parede.

– Eu queria matá-lo.

Fiquei completamente imóvel debaixo dela.

– O que é que ele te disse?

– Um monte de tretas sobre como a vítima queria estar com ele e lhe tinha mentido para lhe sacar dinheiro – disse ela. – Mas era mais do que isso. Tudo nele me fazia sentir mal. Depois de ele me ter tentado agarrar, provoquei-o, na esperança de que ele tentasse de novo ou me desse um murro, para eu ter uma desculpa para o atacar. – A voz dela baixou. – Ainda bem que ele não o fez, porque acho que não teria conseguido parar. Sentia-me fora de mim. Sei que isto não soa bem, mas não sei como o descrever de outra forma. Senti-me completamente descontrolada, como se fosse capaz de qualquer coisa naquele momento.

Abracei-a, com cuidado para não a apertar demasiado, pois tinha tanta adrenalina a correr-me nas veias como se estivesse naquela sala de urgências com ela, mais do que pronto para ir para a prisão por homicídio qualificado.

– Eu sei que pareço um disco riscado, mas peço desculpa – proferi. – E se te faz sentir melhor, eu senti o mesmo que tu, e nem sequer ouvi o que o sacana te disse. O olhar dele foi suficiente para me levar ao limite. Precisei de toda a minha força de vontade para não entrar ali. Se eu soubesse que ele te estava a provocar… Desviei a cabeça para que ela não visse a batalha que se desenrolava na minha mente.

Não, eu não queria ser como o meu pai, e não, eu não achava que corria o risco de me tornar como ele, mas às vezes ainda me preocupava com o risco de ser suplantado por impulsos que me levassem a cair num poço sem fundo e a tornar-me num ser humano subjacente a um monstro.

Como o Dexter ou o Joe. Alguém que fazia coisas terríveis, mas encontrava maneira de as justificar para si próprio.

A Aly levantou-se do meu peito o suficiente para alcançar o meu queixo com a sua mão e virar-me de novo para ela.

– Eu queria que tivesses entrado. – Os seus olhos percorreram-me, observando a minha *T-shirt* preta e a forma como a minha pila se esticava contra as minhas calças de ganga, mesmo enquanto falávamos de violência. Preocupava-me que ela pudesse sentir repulsa pela minha excitação, mas em vez disso, os seus lábios curvaram-se num sorriso malicioso. – Ver-te a dar-lhe uma tareia teria sido a coisa mais excitante de sempre.

– Ainda há tempo para que isso aconteça – disse-lhe, meio a brincar.

Ela sentou-se no meu colo e eu quase gemi com a forma como o seu robe se abriu. Enquanto eu a observava, ela baixou a mão e puxou pela ponta da faixa felpuda que mal lhe segurava a roupa. Olhou para baixo e continuou a puxar, tortuosamente devagar, mordendo o lábio inferior de uma forma que fez com que a minha pila se esticasse toda contra o meu corpo.

– Aly – chamei, com um toque de aviso no meu tom.

Não foi para isto que cá vim. Ela tinha tido uma noite terrível. Devíamos continuar a falar sobre isso e aprofundar a sua compulsão para pôr os outros acima de si própria.

Os seus olhos ergueram-se em direção aos meus, e sem se desviar do meu olhar, ela puxou a faixa, deixando o roupão cair aberto. Fiquei com água na boca ao ver os seus seios perfeitamente arredondados, dois globos grandes o suficiente para me encher as palmas da mão, os mamilos de um rosa-moreno vários tons mais escuros do que a sua pele, já pontiagudos de desejo. Ela levantou as minhas mãos e pô-las nos seus seios, e foi apenas com um esforço monumental que me impedi de rolar os meus polegares sobre os seus mamilos.

– Devíamos continuar a falar sobre o que aconteceu esta noite – disse-lhe.

Ela soltou um suspiro.

– Já não me apetece falar mais sobre isso. Estou há horas a pensar nisto, agora só quero desligar o meu cérebro por um bocado. – Inclinou-se para a frente, esfregando as mamas nas minhas mãos. – Eu quero ser má – disse ela. – Quero que me faças esquecer o Brad e toda a merda horrível que vi. Quero que uses o meu corpo como se fosse o teu brinquedo.

Não aguentando mais, massajei os seus mamilos com os meus polegares.

Ela estremeceu, baixou as ancas e rebolou o sexo nu em cima de mim.

– Eu quero ser obscura.

Levantei os olhos das suas mamas e encontrei-a a observar-me com uma intensidade que me fez sentir um aperto nos tomates.

– Quão obscura?

– Mais obscura do que a noite que passou. Eu sei que te contiveste. – Ela meteu uma mão entre nós e apalpou a minha pila por cima das calças. – Mas não o faças.

Eu gemi.

– Aly, porra. Sabes o que estás a pedir?

Céus, e eu, será que eu sabia? Tinha vindo aqui para a reconfortar, mas com a sua declaração ela tinha acabado de deitar fogo a esse plano. Tinha tanta merda terrível na cabeça que não conseguia perceber onde estava o limite do obscuro, até onde é que eu a podia levar comigo.

– Eu sei que te quero – disse ela. – E sei que confio em ti o suficiente para me pôr à tua mercê.

Respirava ofegante enquanto ela me apalpava pelas minhas calças de ganga, lembrando-me do bom que era ter a sua boca à volta da minha pila, da forma como as suas mamas saltavam enquanto eu as fodia. Até agora, a maior parte do que aconteceu entre nós tinha sido sobre mim e os meus desejos. Aqui estava ela, suficientemente corajosa para me confiar o seu prazer, suficientemente corajosa para me dizer o que queria. O mínimo que eu podia fazer era honrar essa confiança.

A calma desceu sobre mim como uma segunda pele. Foi-se o meu desejo de a provocar. Foi-se o homem que ela achava giro, engraçado e seguro, que se escondia do mundo por medo de ser reconhecido. Restava apenas a parte de mim que se despia e se cobria de sangue para poder horrorizar e excitar milhões de estranhos na Internet. Este lado era todo ego. Eu queria que a Aly se ajoelhasse perante mim, venerando-me humildemente. Queria vê-la rastejar até mim, nua, antes de beijar as minhas botas e lamber a superfície da minha faca.

Ela respirou fundo quando a mudança se apoderou de mim, observando a humanidade a esvair-se dos meus olhos, e o meu tesão por ela apoderar-se de mim. As suas pupilas dilataram com uma mistura de antecipação, luxúria e uma pequena pitada de medo. Ótimo. Ela devia ter medo. Apetecia-me destruir qualquer coisa.

Passei as mãos à volta das coxas dela e pus-me de pé.

– Não há palavra de segurança.

Ela agarrou-se a mim, parecendo sem fôlego ao responder.

– Não há palavra de segurança.

Entrei no quarto dela e atirei-a para a cama. Ela soltou um grito abafado de surpresa enquanto saltava no colchão. Deixei-a para ir buscar a minha mochila e para me certificar de que o *Fred* continuava na sua casinha de

feltro e que não tinha entrado no quarto enquanto estávamos distraídos. O que eu estava prestes a fazer à mãe dele nenhuma criança deveria ver.

Ao entrar no quarto saquei de uma faca e atirei a mochila para um canto, soltei a lâmina e fechei a porta com um pontapé. Fomos deixados quase inteiramente na escuridão, mas a Aly deve ter sentido o perigo a pairar no ar, porque se afastou assim que comecei a dirigir-me para ela, com o medo a superar o seu tesão.

Levantei a lâmina bem alto.

Ela atirou-se para o outro lado da cama.

– O que é que estás…

Espetei a faca no colchão.

Diretamente num dos cantos do colchão.

Ela pôs as mãos sobre a boca para abafar o seu grito de horror. Eu fiz-lhe sinal com um dedo, fazendo-a avançar.

– Anda cá, Aly – disse-lhe, envolvendo a minha outra mão no cabo da faca para que não houvesse dúvidas quanto à minha intenção. – Quero-te ver a montá-la.

15

Aly

O meu coração batia contra as minhas costelas como se estivesse a tentar libertar-se do meu peito. Merda, por um segundo, pensei que o Josh me ia matar. Precisava de me relembrar que este homem levava a sério as minhas palavras. *Online*, eu tinha-lhe implorado para entrar, e ele tinha-o feito. Agora, pedi-lhe que fosse obscuro, e ele estava a cumprir a promessa. Eu devia saber que haveria um preço a pagar.

Baixei os olhos para o cabo da faca que estava a sair da minha cama. A minha bela cama, que me custou um balúrdio.

– O teu colchão novo chega amanhã – disse ele, com a voz deliciosamente baixa, num esforço contínuo para a disfarçar.

Levantei o meu olhar para o dele.

Ele inclinou a cabeça, apontando para o colchão.

– Este é demasiado pequeno para mim, por isso comprei-te a mesma estrutura, cabeceira e estrado de molas, mas na versão California King.

Exalei num ápice. Chama filho ao meu gato. Comprou uma cama para nós os dois, como se planeasse passar muito tempo comigo nela. Quando eu precisava dele, vinha ter comigo, abraçava-me enquanto eu chorava, ajudava-me a resolver os meus problemas e quando confessei querer matar alguém, ouviu-me sem me julgar.

Não me lembrava da última vez em que alguém tinha estado lá para mim como ele esteve. Com certeza, nenhum dos homens com quem dormi ou namorei ultimamente estivera. Todos eles se tinham evaporado enquanto eu estava ocupada no trabalho. E que fazia o Josh? Vigiava-me durante o meu turno, não me querendo perder de vista, mesmo quando eu pedia espaço.

Por duas vezes, ele tinha-me assegurado de que isto, para ele, não era apenas um engate pervertido, mas ele devia estar ciente de que as palavras

são limitadas, porque também andava a fazer um trabalho dos diabos para o demonstrar com ações. Estava na altura de começar a acreditar nele em vez de esperar sempre pelo pior. Sim, ele podia acabar por me partir o coração, mas se eu não lhe desse uma oportunidade, estaria a partir o meu próprio coração, e possivelmente o dele também.

Sentei-me e libertei as amarras do roupão, deixando-o cair sobre os cobertores atrás de mim. Os seus olhos percorriam o meu corpo com uma intensidade febril, como se não soubessem para onde olhar e tentassem absorver-me toda de uma só vez. Nunca me cansaria de ser olhada daquela forma: como se fosse acarinhada e cobiçada ao mesmo tempo. Isso fazia-me sentir segura com ele, apesar de às vezes ele ainda me assustar.

E, ainda assim, esse ligeiro medo de nunca saber o que ele me faria a seguir só contribuía para o desejar ainda mais. Fazia com que quisesse ser corajosa por ele, mas ainda tinha algumas preocupações em relação ao seu pedido. O cabo da faca era longo e largo, com uma cabeça arredondada e uma ligeira ondulação mais adequada a uma faca de cozinha do que a uma de caça. Não achei que me fosse magoar, mas ainda havia o risco de infeção ou de me cortar.

Ele esticou a mão atrás de si e pegou na mochila. Mantendo os olhos em mim, tirou de lá o que parecia ser um pacote de desinfetante.

– Se achas que alguma vez deixaria que algo acontecesse a essa cona perfeita – disse ele, baixando o olhar para o vértice das minhas coxas –, não andas a prestar atenção. – Ele rasgou o pacote e tirou uma toalhita, esfregando bem o cabo da faca. – Vem cá, Aly. Estou a perder a paciência, e, acredita, tu ainda não estás preparada para que isso aconteça.

Os meus músculos internos apertaram-se em antecipação. Oh, porra, porque é que a ideia de ele sair dos carris era tão excitante?

Deslizei da cama e contornei-a por um dos lados em direção a ele, parando tão perto que tive de inclinar a cabeça para trás para encontrar os seus olhos. Esperava que ele visse a mesma coisa que eu via quando olhava para ele – uma mescla de desejo e afeto genuíno. Sim, é certo que cobiçava aquele seu corpo grande e esbelto, mas a sua personalidade excitava-me igualmente.

– Quero beijar-te – disse-lhe, com as palavras saindo-me da boca à medida que o pensamento me entrava na cabeça.

– Então vira-te – disse ele.

Franzi o sobrolho, com um argumento na ponta da língua – porque como é que nos podíamos beijar assim? –, mas algo no seu olhar me dizia que não estava para brincadeiras, por isso virei-me, pensativa, tentando adivinhar o que ele estaria a planear, quando de repente ouvi um ruído atrás de mim.

Ele aproximou-se, o seu peito roçou nas minhas costas, e depois deixou cair sobre os meus olhos o que parecia ser uma máscara de dormir de cetim. Quando ele terminou de a pôr no sítio, o meu mundo ficou às escuras. *OK*, isto era bom. Se estar vendada significava poder beijá-lo, eu estava bem com isso…

Gritei quando ele me pôs as mãos atrás das costas. Um pequeno aviso teria sido bom, mas, por outro lado, bom não era o que eu tinha pedido, pois não? Senti aço a morder o pulso direito e, sim, ele estava a algemar-me. Ainda assim, tudo bem. Não precisava de entrar em pânico com a ideia de que nunca tinha estado tão vulnerável em toda a minha vida.

Por favor, Deus ou Buda ou quem quer que seja que me está a ouvir, não deixem que esteja enganada sobre este homem, rezei.

– Estás a respirar com dificuldade, Aly – disse ele, com um tom de divertimento na voz, enquanto usava as algemas para me puxar para ele. A sua excitação cravou-se na parte inferior das minhas costas, e tive de me impedir de me esfregar contra ele como se estivesse com o cio. – Tens medo?

– Tenho, mas estou a desfrutar – confessei, e ter dito estas palavras libertou-me de uma forma que não tinha previsto.

Esperava sentir-me culpada por isso, suja, mas quando o Josh soltou um gemido torturado e pôs a sua grande mão à volta da minha garganta, tudo o que senti foi tesão. Passavam-me pela cabeça imagens do que ele poderia fazer comigo, assim, amarrada. Ele podia amarrar-me a uma grade da cama e aproveitar-se de mim até eu desmaiar. Ou dobrar-me e foder-me por trás, usando as algemas para me puxar para trás a cada investida bruta.

Sim, por favor.

Ele apertou um pouco mais o meu pescoço antes de o soltar e descer os dedos. Eu prendi a respiração, a antecipação correndo por mim enquanto as pontas dos dedos dele batiam na minha clavícula. Com a minha visão obscurecida, os meus outros sentidos ganharam vida. A minha pele tornou-se hipersensível ao seu toque. As exalações suaves que agitavam o meu

cabelo soavam como suspiros sussurrados. Estávamos tão próximos que senti o seu coração bater nas minhas costas, tão rápido como o meu, o único sinal de que ele estava tão afetado por isto quanto eu.

Enquanto uma mão deslizava para baixo, a outra começou a subir, e encontraram-se no meio, massajando-me os seios tal como tinha feito no sofá. A diferença é que desta vez não houve hesitação, os seus polegares acariciaram os meus mamilos, para trás e para a frente, fora de ritmo, de modo que cada bico fosse estimulado antes mesmo de eu processar o prazer que irradiava do outro. Foi direito ao meu âmago, fazendo com que os meus joelhos fraquejassem e a minha pulsação disparasse. Queria que ele também se sentisse bem, por isso levantei as mãos e tentei alcançar a sua ereção.

Ele fez um som de repreensão e inclinou as ancas para trás, negando-me.

– Isto é sobre ti – disse ele, beliscando-me suavemente os mamilos, um após o outro. – Tu vais-te sentar. Eu vou brincar.

Eu contorcia-me nas suas mãos. Se ele continuasse assim, eu estaria sentada mais cedo do que ele pretendia. No chão, a seus pés. As minhas pernas não iam aguentar muito mais tempo contra esta tortura saborosa.

Uma das suas mãos deixou o meu peito e deslizou para baixo, e ele era tão mais alto que teve de se baixar para me conseguir alcançar entre as pernas, trazendo os lábios até à minha orelha. Prendi a respiração, esperando aquela primeira carícia deliciosa, mas ela não veio. Em vez disso, traçou uma linha provocante pela parte superior da minha coxa e depois para os lados, parando bem perto de onde eu precisava que ele viesse.

– Eu também te quero beijar – disse ele, com os lábios a roçar a concha da minha orelha.

Estremeci e virei a cabeça na sua direção. Não era um ângulo muito bom para curtir, mas eu estava tão desesperada que estava disposta a arriscar um torcicolo permanente, se fosse preciso.

Ele soltou uma gargalhada baixa.

– Não na tua boca.

A minha cabeça rodou quando ele me virou. Ouvi um baque como se ele se tivesse ajoelhado diante de mim e, oh, Deus, se não fossem as algemas, teria arrancado a máscara para ver tal coisa. Fiquei ofegante enquanto aguardava o seu próximo movimento, e tive a sensação de que ele

estava bem ciente do que me estava a fazer e que se divertia ao fazer-me esperar por ele. Parecia que, mesmo agora, ele estava a gozar comigo.

De alguma forma, consegui manter a boca fechada em vez de o amaldiçoar ou exigir que me tocasse, cada segundo que passava só fazia aumentar a minha expectativa. O que é que ele estava a fazer? Para onde é que ele estava a olhar? Quanto tempo mais planeava ele prolongar isto?

Recuei surpreendida por a sua mão tocar no meu tornozelo, e quase tropecei por causa das estúpidas algemas, que me fizeram desequilibrar. Ele agarrou as minhas ancas, estabilizando-me enquanto o seu riso baixo ecoava pela sala.

– Estás muito nervosa esta manhã – disse ele, e eu conseguia ouvir um sorriso esgueirar-se pela sua voz… o sacana.

– Experimenta estar assim amarrado – atirei-lhe.

Os seus dedos cravaram-se nas minhas ancas, puxando-me para mais perto.

– Se fores tu a amarrares-me, de bom grado.

O meu breve aborrecimento evaporou-se. O Josh vendado e algemado. Digo sim de imediato. As possibilidades eram infinitas, mas a ideia que me veio à cabeça e que me ficou na memória foi a de me vingar da mordidela que ele me tinha dado. Não fazia ideia de como lhe retribuir – nunca tinha experimentado praticar *edging* –, mas sempre fora boa aluna e, todas as vezes que pudesse, dedicaria o meu tempo a estudar as várias formas de poder levar um homem à beira do clímax e impedi-lo de se vir.

– Pelo teu sorriso maléfico, deduzo que gostas da ideia – disse ele.

Abri a boca para responder, mas ele escolheu esse momento para levantar o meu pé direito do chão, e toda a minha atenção se concentrou subitamente em não cair para o lado. A mão que ainda me segurava a anca agarrou-a com mais força, ajudando-me a manter-me de pé enquanto ele guiava a minha perna para cima do seu ombro. Tive de pressionar o meu calcanhar nas suas costas para encontrar o equilíbrio, e isso puxou-o para mais perto.

Já me estava a habituar à posição quando o seu hálito quente se precipitou sobre o meu sexo, e o arrepio resultante fez-me tremer o tornozelo. Se não fosse a sua outra mão a voltar a segurar-me, teria caído. Apercebi-me então que, se sentia o seu hálito, ele provavelmente tinha tirado a balaclava.

– Estás encharcada, linda – disse ele, as suas palavras quentes contra a minha pele. – Devias ver como brilhas. – Senti o roçar suave de um beijo na parte superior da minha coxa e quase gemi. – Pensei que ia precisar de te ajudar a lidar com a faca, mas chegaste lá sozinha.

– Fizeste-me chegar até aqui – disse-lhe. – Passei tanto tempo a ver os teus vídeos que, mal te vejo, o meu corpo fica logo… pronto.

Ele encostou a testa na minha barriga e soltou um som torturado.

– Foda-se, Aly. Não me podes dizer coisas dessas.

– Porque não? – perguntei.

– Porque sempre que te vir, vou saber que estás molhada por minha causa – disse ele.

– Pode ser da venda, mas não estou a ver qual é o problema.

Ele soltou uma gargalhada e abanou negativamente a cabeça, a sensação do seu cabelo contra a minha pele confirmava que a máscara tinha desaparecido.

– Nós temos as próximas duas semanas de folga juntos. Agora que sei disso, tudo o que eu quero é manter-te trancada nesta casa, nua.

– Feito. Próxima pergunta.

Ele tremeu debaixo da minha perna enquanto se ria, e eu cambaleei novamente. Ele sentiu-o e cerrou os punhos que me seguravam, afastando a testa da minha barriga e depositando um beijo na minha coxa levantada.

– Como é que consegues fazê-lo? – perguntou ele. – Fazer-me rir mesmo quando estou a lutar contra a vontade de te deitar no chão e foder?

Oh, ótimo. Então era mútuo.

– Deve ser um talento que ambos partilhamos. Além disso, não tens de lutar contra esse desejo.

– Tenho sim – disse ele. – Acabaremos por lá chegar, mas tenho planos para ti antes disso, e não sou nada se não conseguir ser paciente.

– Eis um talento que não partilhamos.

– Estou a ver que sim – disse ele, com o hálito quente a bater-me de novo no peito.

Senti-lo respirar fundo foi todo o aviso que tive antes que ele soltasse outro gemido baixo e se inclinasse, apertando os lábios à volta do meu clítoris. Passou a língua por ele e depois chupou-o. Estremeci, e ele agarrou nas minhas ancas com mais força e deslizou a língua até baixo, lambendo a

minha fenda. Pelo som escorregadio que fez, eu estava ainda mais molhada do que imaginava, quase a pingar para o homem.

– O teu sabor é incrível – disse ele, deslizando a língua tão fundo quanto era possível.

O meu corpo tentou agarrar-se a ele involuntariamente, procurando resistência, precisando de algo maior e mais duro para o preencher. Ele inclinou-me e acariciou-me de baixo para cima, de uma forma que fez com que os meus dedos dos pés se encaracolassem, antes de voltar a circundar o meu clítoris com a língua. Foi então que os seus lábios se apertaram, e ele me começou a chupar, e eu enfiei as unhas dos meus dedos nas palmas das mãos, provavelmente deixando meias-luas marcadas na pele por causa da força com que os meus punhos se comprimiam. Isto era incrível, mas eu precisava de mais. Só estimulação superficial já não me bastava. Ou ele mantinha aqueles lábios onde estavam ou ia ter de me deixar sentar naquela faca.

Pestanejei. Sim. Tinha acabado de ter esse pensamento.

Como se sentisse a minha necessidade, o Josh chupou com mais força, e eu perdi a capacidade de pensar. A minha cabeça reclinou-se para trás, com as algemas a cravarem-se nos meus pulsos enquanto eu me debatia contra elas. Eu queria poder estender as mãos e cravar-lhe os dedos no cabelo, prendê-lo e puxá-lo contra mim enquanto cavalgava a sua cara. Talvez se usasse alguns movimentos de autodefesa, o pudesse *levar* para o chão. Infelizmente, não havia muito que eu pudesse fazer com as mãos algemadas, e nenhuma das técnicas que conhecia terminava comigo a cavalgar-lhe a cara.

Ouviu-se um estalido quando ele me soltou e voltou a passar a língua sobre e à volta do meu clítoris. Uma das suas mãos deslizou da minha anca pela minha coxa abaixo antes de serpentear por entre as minhas pernas. Ele provocou a minha fenda com as pontas dos dedos, cobrindo-se de suavidade ao lamber o meu sensível feixe de nervos. Estava tão desesperada para sentir algo, qualquer coisa dentro de mim, que quase solucei quando ele empurrou dois grandes dedos para o meu interior.

Meu Deus, aquilo sabia bem, e se ele continuasse assim, seria mais do que suficiente para me fazer chegar ao céu.

Ele enfiou os dedos dentro de mim num movimento de «anda cá» como tinha feito antes, atingindo um ponto que me deixou ofegante.

– A minha perna vai ceder se fizeres isso outra vez – avisei.

Ele tirou a boca de cima de mim apenas o suficiente para sussurrar.

– Então devias sentar-te.

Oh, meu Deus. Isto estava a acontecer. Eu estava prestes a montar o cabo de uma faca, algemada e com os olhos vendados. Devia ter ficado petrificada, mas tudo o que senti foi a antecipação do que estava para vir.

Com os dedos ainda dentro de mim, o Josh largou a minha anca e retirou a minha perna do seu ombro. Senti-me mais firme com os dois pés assentes na terra. Até que ele voltou a contorcer os dedos, e os meus joelhos vacilaram novamente. Ele aproveitou-se do meu desequilíbrio e pôs o seu ombro na minha pélvis. Apanhada desprevenida, tombei para a frente. Os seus dedos deslizaram para fora de mim, e ele envolveu o braço em torno da parte de trás das minhas coxas e ficou de pé comigo esparramada sobre ele como se fosse um saco de batatas.

Não devia ser *sexy*. Não devia mesmo. Mas o facto de ele ter suportado o meu peso como se nada fosse, fez com que eu ficasse toda derretida por dentro. Eu era uma mulher grande, alta, encorpada, musculada. Parte de mim sempre teve ciúmes daqueles vídeos de mulheres pequenas a serem levantadas pelos seus parceiros, e, por dentro, eu estava em festa por finalmente ser a minha vez.

Ele deu alguns passos e ajoelhou-se para me pôr de pé.

– O canto da cama está mesmo atrás de ti – disse ele. – Vou guiar-te para baixo. O cabo da faca tem uma proteção grossa, e a lâmina está suficientemente presa para não se mexer, mas vou manter uma mão debaixo de ti, como barreira e para a segurar no lugar.

– Mas as tuas mãos estão magoadas – disse eu.

– Eu gosto de dor.

Uff. Aquela declaração era tão excitante quanto fodida.

– *OK* – assenti, em tom de sussurro ofegante.

– Eu estava a falar a sério sobre o que te disse antes – disse ele, acariciando os meus lábios mais uma vez com os dedos. Ofeguei quando ele os apertou em torno do meu clitóris, tendo *flashbacks* da nossa sessão de *edging*. – Essa cona pertence-me a mim agora, Aly, e eu protejo o que é meu.

E ainda dizem que o homem perfeito não existe.

– É tua – concordei.

Ele fez um som masculino de aprovação e soltou o meu clitóris para poder pôr as duas mãos nas minhas ancas e empurrar-me suavemente para trás. Dei um passo cauteloso e depois outro, parando quando a parte de trás dos meus joelhos tocou na cama.

– Senta-te. Devagar – disse ele.

Fiz o que ele mandou, grata por todos os exercícios de pernas que me deram o controlo para o conseguir fazer. Era exatamente como um agachamento ritmado, em que…

Oh, céus. Isto é frio!

A ponta arredondada do cabo da faca encostou-se aos meus lábios, mesmo à entrada, e eu movi-me o suficiente para ficar bem alinhada. Aqui vou eu. Inspirei fundo e baixei-me até ele. Era diferente dos vibradores a que estava habituada. Para começar, era mais frio. Tão frio que os meus músculos internos se apertaram à volta dele em protesto, e tive de parar por um segundo até que o meu corpo o aquecesse o suficiente para que eu relaxasse e pudesse continuar, apenas para repetir o processo. Também o sentia como mais rígido e implacável dentro de mim, enquanto me afundava até ao colchão. Como prometido, a mão quente do Josh estava lá à minha espera, a pega saindo-lhe por entre os dedos, a sua palma pressionada contra o meu clitóris.

Soltei um suspiro trémulo, adaptando-me à sensação de ter um cabo de faca real completamente enterrado na minha cona.

O Josh soltou uma exalação igualmente carregada, e eu sabia que ele devia estar a sentir alguma coisa, porque se esqueceu de modular o tom.

– És uma deusa, Aly.

Reconheci instantaneamente a sua voz normal. Eu *sabia* que era ele, porra.

Ali sentada, senti-me como a deusa à qual ele me comparava. Não só porque ele ficou tão impressionado por me ver empoleirada no cabo da sua faca que se esqueceu de si próprio, mas também porque eu nunca tinha feito nada tão corajoso e imprudente. Fez-me sentir poderosa e intocável, como se depois disto nada me pudesse voltar a afetar. Da próxima vez que um doente tentasse fazer-me passar um mau bocado, lembrar-me-ia do tipo de mulher que eu era. Era o tipo de mulher que em vez de fugir aos gritos do seu perseguidor mascarado, lhe comia o cabo da faca.

Rodei as ancas para a frente, esfregando o clitóris na palma da mão dele e testando a sensação do cabo da faca enquanto me movia. Parte de mim estivera preocupada que fosse ser desconfortável, mas afinal sentia-me bem. Não era muito diferente do meu primeiro vibrador – simples e metálico. A única diferença era que este não vibrava.

– Estás bem, linda? – perguntou o Josh, com a voz novamente baixa, enquanto rodava o polegar e o pressionava mesmo por cima do meu clítoris, fazendo pressão exatamente onde eu precisava dela.

Um gemido suave escapou-me dos lábios.

– Estou para lá de bem.

Ouvi-o avançar e senti o seu braço deslizar à volta da minha cintura antes de agarrar na corrente que ligava as minhas algemas e a puxar para baixo, prendendo os meus pulsos ao colchão e forçando a minha coluna a endireitar-se.

– Então por que raio estás tão quieta? – ele ronronou ao meu ouvido. – Eu disse-te para o montares.

Caramba. O Josh *sabia-a toda*. Apoiei bem os pés no chão e desci novamente até à mão dele, o metal aquecia dentro de mim enquanto o pressionava deliciosamente contra o lugar que ele acariciara com os dedos.

– Outra vez – disse ele, e eu obedeci à ordem.

Ouvi um baque como se ele tivesse caído de joelhos entre as minhas pernas abertas, e logo senti a sua boca em mim, chupando-me a pele do pescoço antes de continuar a percorrer-me, mordendo e lambuzando o seu caminho para baixo. Uma mão ainda mantinha as algemas presas à cama, enquanto o polegar da outra começava a mover-se em círculos lentos no topo do meu clítoris, e eu continuava a saltar em direção a ele. Os seus lábios encontraram os meus seios, a língua a lamber-me os mamilos, e eu a berrar. As paredes da minha cona apertaram-se contra o cabo da faca, com um orgasmo já a crescer dentro de mim.

Estava tão molhada que a mão dele estava ensopada, e senti o seu longo dedo médio deslizar pela minha pele, em direção ao meu rabo. Será que ele ia fazer o que eu pensava que ele ia fazer? Será que eu queria que ele o fizesse? Quero dizer, eu *não* queria que ele parasse, mas é verdade que fazia algum tempo desde que eu tinha feito uma brincadeira anal, e por isso não sabia como me iria sentir agora.

– Tu consegues, linda – disse ele, esfregando o fruto aquoso da minha excitação sobre aquela entrada traseira apertada, preparando a área. – Quanto mais cedo te começarmos a habituar, mais cedo me vais poder receber aqui.

Ele esperou um compasso para que eu pudesse dizer não, e quando eu não disse nada, ele pressionou a ponta do seu dedo para dentro. Fiquei quieta, tentando forçar-me a relaxar quando o meu corpo se apertou instintivamente. Senti-me invadida, mas não necessariamente de uma forma má, era apenas uma sensação diferente, uma ligeira queimadura enquanto me estendia à volta dele.

Intenso. Essa era a única palavra para o descrever. Tão intenso que fiquei imóvel por um momento a *sentir* apenas o que ele me estava a fazer. Passou novamente a língua pelos meus mamilos, com o polegar ainda a massajar o meu clitóris. A estimulação combinada foi suficiente para me fazer derreter nele, e o seu dedo médio deslizou mais fundo.

Com cuidado, mexi as ancas numa investida tão subtil quanto fui capaz de dar, e oh, uau. *OK*, não foi terrível. Até foi meio excitante, na verdade, ainda intenso e um pouco desconcertante, mas havia algo mais, o tabu que envolvia o que estávamos a fazer só me fez querer mais e, por isso, lancei-me sobre ele e sobre a faca com mais força.

– Linda menina – disse ele, e sim, eu tinha mesmo um fraco por elogios, porque ao ouvir aquelas duas palavrinhas fiquei imediatamente mais perto da beira do abismo. – Olha como te estás a sair tão bem.

Um gemido fraco escapou-me dos lábios ao recomeçar a montá-lo. Estava a experimentar tantas sensações ao mesmo tempo, penetração anal, estimulação do clitóris e dos mamilos, para não mencionar o cabo da faca a preencher-me, que em pouco tempo se começaram todas a misturar num sentimento único avassalador de plenitude e de prazer. Ia-me vir. Em breve, e com força. Ele encaracolou o seu dedo para a frente dentro de mim, e eu podia senti-lo a pressionar a minha parede interior contra a faca.

– Foda-se, quero tanto estar dentro de ti – gritou ele antes de apertar o meu mamilo por entre os dentes, num movimento quase doloroso.

– Sim – ofeguei.

Eu também o queria tanto, que me deu vontade de chorar.

Isto era espantoso, nunca tinha tido uma experiência tão reveladora e tão libertadora na minha vida, mas a ideia de o ver enterrado até aos

tomates dentro de mim deixava-me louca de desejo. Estava esfomeada por ele, queria acariciar, beijar e lamber cada centímetro do seu corpo sem pelos, queria que ele reclamasse cada centímetro do meu em troca. Ansiava pela proximidade imanente de me envolver com alguém e sentir o seu peito a mover-se contra o meu e os seus braços a apertarem-me enquanto me embalavam.

– Quero-te tanto – disse-lhe, saltando com mais veemência, mais depressa, com a pressão a aumentar dentro de mim.

– Em breve, linda – prometeu ele. – Mas primeiro, quero ver-te vir na minha faca. Podes ser uma boa menina e dar-me isso?

– Posso – disse-lhe, com as coxas a contraírem-se, e o rabo a apertar-se à volta do dedo dele enquanto subia e descia.

Voltou a pôr a boca em mim, acariciando um mamilo e depois outro, mantendo o dedo contorcido e o polegar mesmo onde eu precisava dele. Estava tudo tão bom. Melhor do que qualquer coisa que eu já tinha sentido antes.

Se este homem me partisse o coração, eu estava lixada, porque tinha a sensação de que ele estava a alterar para sempre os meus desejos sexuais.

– Eu nunca te faria mal, Aly – disse ele.

Oh, porra, devo ter dito este último pensamento em voz alta, e agora era demasiado tarde para abrandar ou voltar atrás, porque me estava a vir, as minhas ancas balançavam a um ritmo frenético, gemidos voavam-me dos lábios, estrelas dançavam por detrás dos meus olhos fechados, o prazer a fazer-me ondular com tanto vigor que os meus ouvidos começaram a zumbir.

Para meu horror, começaram a escorrer-me lágrimas dos olhos. Porém, não as consegui evitar. Era tão bom, uma libertação tão perfeita depois da merda horrível por que tinha passado na noite anterior, ou mesmo nos últimos anos, que todas as emoções que tinha mantido sob controlo saíram à medida que a barragem cedia.

– Aly, porra. Estás bem? – perguntou-me, enquanto eu me enroscava nele. – Aguenta, linda.

Ele deslizou o dedo cuidadosamente para fora de mim e agarrou as minhas coxas, levantando-me da faca. Enrolei-me a ele como uma criança perdida.

– Estás segura – disse ele, de pé, com um braço à volta das minhas costas e o outro segurando-me nas pernas, por baixo do meu rabo.

Demorou algum tempo a retirar as chaves das algemas da mochila, porque se recusava a soltar-me, continuando a segurar-me junto a ele enquanto se agachou e remexeu nas algemas até me soltar. Assim que me libertei, envolvi os meus braços à volta do seu pescoço e agarrei-me a ele, a soluçar. Meu Deus, o que é que se passava comigo?

– Devias ter-me dito para parar – disse ele, sentado de costas para a minha cama, eu a agarrar-me a ele.

– Oh, me-meu Deus, não – engasguei-me. – Tu foste perfeito. *Isto* foi perfeito.

Foi o resto do que se passou esta noite que me atingiu.

Ele soltou um suspiro profundo e apertou-me com força.

– Só desta noite? Ou tens andado a reprimir outras coisas?

Como é que ele já me conhecia tão bem? Nem sequer podia culpar a perseguição. Havia um limite para aquilo que se podia aprender sobre alguém por meio de uma câmara de vídeo sem som ou lendo as suas publicações *online*. Não, este homem tinha uma compreensão quase intrínseca sobre mim, como se fosse mais hábil a ver por entre a superfície do que a maioria dos demais e conseguisse chegar ao âmago de uma pessoa.

– Não há problema em desabafar – disse ele, esfregando-me as costas.

– Não consigo. Não é altura para isso.

– É a altura ideal – contrapôs. – Uma libertação desencadeia outra. Deixa-te ir, solta-te. Já te disse que estás segura comigo, linda.

Porra! Ele ia ser a minha ruína, não ia? Só de o ouvir dizer isto senti-me como se tivesse finalmente permissão para deixar de esconder quem sou, assim como os meus sentimentos e emoções, e parar de me entorpecer e ficar insensível. A noite de hoje foi terrível. A noite passada não foi melhor. Todo este maldito mês tinha sido um atraso de vida sem fim, com uma única exceção: o homem que me tinha nos braços; ele era a única luz que ainda brilhava.

E o que é que eu tinha tentado fazer? Afastá-lo para longe de mim. Porque é que eu achava que não merecia algo de bom? Teria sido por me terem tirado tanto em tão tenra idade, como um pai que morreu de ataque cardíaco poucos meses depois de ver morrer a minha mãe num acidente de viação? Terá sido nessa altura que me comecei a fechar às pessoas e a

afastá-las, provando consecutivamente a mim própria que todos acabariam por me deixar?

Eu precisava de parar. O Josh tinha razão quando disse que a minha mãe não ia querer isto para mim. Conhecendo-a bem, ela estava algures no Além a amaldiçoar-me por eu trabalhar tanto e por ter lesado a minha vida social em prol da enfermagem. Quase que conseguia ouvi-la dizer: «Lá porque estou morta, não quer dizer que não espere netos teus!»

Este pensamento fez com que as minhas lágrimas começassem a fluir. Todos os meus conhecidos que já tinham perdido alguém falavam dos seus familiares falecidos como se fossem santos. A minha mãe era uma diabinha: fogosa, muito alegre, sem remorsos, e a mulher mais corajosa que alguma vez conheci. Uma vez enfrentou um assaltante que nos tentava roubar ao meter a mão na mala e gritar:

– Vejo a tua faca, filho da puta, mas eu tenho aqui uma arma!

Ele fugiu a correr e ela riu-se enquanto eu a observava horrorizada. Ela não tinha arma nenhuma na mala.

– Obrigada – disse eu ao Josh. – Acho que precisava de ouvir que é uma possibilidade o facto de eu poder ficar transtornada.

– De nada – disse ele, passando uma mão pelas minhas costas. – Por um segundo pensei que tinha estragado tudo.

Sentei-me e tirei a máscara dos olhos. A sua balaclava estava de novo no lugar e eu odiava ter de olhar para o azul gelado das suas lentes de contacto em vez dos olhos castanhos quentes que eu sabia escondidos atrás delas.

– Não conseguirias, mesmo se tentasses – disse-lhe.

Ele desviou o seu olhar do meu, com as sobrancelhas apertadas como se não estivesse a acreditar em mim.

Voltei-lhe o rosto para o meu.

– O que acabámos de fazer *mudou-me*.

Ele soltou uma gargalhada.

– A ti e a mim. Nunca vi nada mais bonito do que tu a cavalgares este cabo. Olha.

Ele abanou negativamente a cabeça apontando-a para baixo, e eu segui o seu olhar diretamente para uma mancha molhada nas suas virilhas.

Franzi o sobrolho.

– Tu…?

– Vim-me nas minhas calças quando o teu cu se apertou à volta do meu dedo, e te vieste com tanta força que esguichaste para cima de mim? Absolutamente. Isso é o quão louco me puseste, linda. Nem sequer precisas de me tocar para me excitar.

Levantei o olhar de volta para o dele.

– Se é assim agora, o que vai acontecer quando eu finalmente te tiver dentro de mim?

Ele gemeu, com a cabeça caindo para trás contra o colchão.

– Os polos vão provavelmente voltar a alinhar-se e nós seremos responsáveis por um fenómeno de extinção em massa.

Não consegui responder. Agora que as lágrimas estavam a secar nas minhas bochechas, apercebi-me de duas coisas: ainda estava nua e tinha o homem dos meus sonhos estendido por baixo de mim. A visão dele era arrebatadora, depois de ter sido privada da sua beleza durante tanto tempo. O meu olhar absorveu a forma como os seus músculos pressionavam e esticavam a *T-shirt* dele, antes de cair na deslumbrante visão caleidoscópica a cores que lhe descia pelos braços. O seu corpo era uma obra de arte.

Ele tinha acabado de arrebatar o meu mundo, e eu tinha acabado de chorar no seu peito, mas ainda tinha fome dele. Queria-o outra vez. Agora. Desta vez, ele todo, completo, que se lixe a espera.

– Não olhes para mim assim – disse o Josh.

– Tu nem sequer me consegues ver neste momento. Ele levantou a cabeça.

– Sim, mas pude sentir-te a despires-me com o olhar.

Passei um dedo pelo meio da *T-shirt* dele.

– Podes culpar-me?

Já me viste nua duas vezes e eu ainda não te vi nem uma.

Os olhos dele franziram-se nos cantos.

– Se eu conseguir o que quero, vais ver-me tanto nas próximas duas semanas que, no final, estarás farta de mim.

Abanei a cabeça, deixando o meu olhar vaguear novamente sobre ele.

– Duvido muito.

Ele apontou um dedo para mim.

– Nã-nã. Nada disso. Precisamos de nos limpar, e depois é comida e cama. Tiveste uma noite péssima e estás exausta. Neste momento, os teus olhos parecem estar tão sonolentos como sedutores.

O meu coração deu um salto mortal.

– Vais ficar?

Ele começou a levantar-se, puxando-me com ele.

– Queres que eu fique?

– Eu… – As palavras ficaram-me presas à garganta por um segundo. Eu tinha mostrado tanta vulnerabilidade esta noite que era difícil arrancar mais de mim. Senti-me crua e demasiado exposta, mas depois perguntei-me se talvez ele precisasse de me ouvir dizê-lo porque, até agora, tudo o que tinha feito era aparecer sem ser convidado. – Sim. Quero que fiques.

Ele soltou o que parecia ser um suspiro de alívio, e eu senti que tinha feito a escolha certa.

– Então eu fico – disse ele, pegando em mim e levando-me para a casa de banho, onde nos limpou a ambos.

Depois disso, vesti um pijama confortável e tentei não me rir quando ele vestiu as calças de fato de treino que eu lhe emprestei. Eram demasiado grandes para mim, feitas para serem usadas largas, mas nele pareciam mais como corsários. O homem podia facilmente passar por um jogador da linha média.

Um miar soou por detrás da porta do quarto, seguido do som do *Fred* a arranhar a porta. Honestamente, fiquei chocada por ele ter aguentado tanto tempo; o *Fred* normalmente choramingava à minha porta cinco minutos depois de eu a fechar.

O Josh virou-se para ele e gritou, ao estilo do Batman: «O senhor não respeita o nosso tempo a sós, hein?»

Miau.

– Não vou ter esta discussão consigo, jovem! – respondeu o Josh.

Miauu.

– Desculpe, senhor. Enquanto eu estiver por perto, é melhor não falar assim com a sua mãe.

Abanei a cabeça enquanto ele se dirigia para a porta e a abria. O *Fred* estava mesmo do outro lado, com a cauda a abanar enquanto emitia um miau final e todo-poderoso.

– É isso mesmo – disse o Josh, pegando nele e levando-o para longe. – Oh, mãe do céu, sê gentil, *Fred*. Estás a cravar-me as unhas na *T-shirt* outra vez. Sim, eu sei que estás contente por me ver. – A voz dele foi-se tornando cada vez mais sussurrante à medida que se afastava. – Sim, eu também senti

a tua falta, mas gritar com as pessoas não é a melhor forma de mostrar que te importas com elas, e não te atrevas a mencionar a minha mania por perseguição. Estamos a falar das tuas excentricidades, não das do papá.

Parecia que o meu coração crescia três vezes mais ao ouvi-lo. Ele tinha de deixar de ser tão giro, ou seria um problema.

– Linda? – chamou ele. – Queres ovos e *bacon* outra vez?

Oh, merda, não.

Saí do quarto atrás dele, tentando pensar numa forma simpática de lhe pedir que não voltasse a cozinhar para mim.

16

Josh

Um alarme despertador arrancou-me do meu sono profundo. Levantei-me na cama e, por um segundo, não conseguia ver nada. Fui trespassado por um medo súbito. Teriam as lentes de contacto deslizado para o fundo dos meus olhos enquanto dormia e cortado os meus nervos óticos? Será que isso era possível?

A Aly gemeu algures por perto.

– Que som é este?

– Não sei. Fiquei cego – disse-lhe, com a voz entrecortada de pânico.

Foda-se, era a segunda vez que me esquecia de disfarçar a voz.

– O quê? – gritou ela, e o colchão deslocou-se com o seu movimento. – Ajuda-me – choraminguei, ao estilo do Batman, e sim, foi tão patético como parece.

– Oh, meu Deus – disse ela com uma gargalhada trémula. – Tu não estás cego. A parva da tua baclava escorregou para o lado.

Dei um salto para trás, a tremer de tão aliviado que estava. O rosto carrancudo da Aly apareceu, erguendo-se sobre mim enquanto eu punha a máscara no lugar. Estava tão escuro no quarto que devemos ter dormido o dia inteiro, e agora era novamente de noite. Não me lembrava da última vez que tinha dormido tanto e sem interrupções, mas depois de nos enchermos com o pequeno-almoço que ela insistiu em preparar, tínhamo-nos enrolado um no outro na sua cama demasiado pequena, e eu adormeci assim que aterrei com a cabeça na almofada.

– Chama-se balaclava – disse-lhe.

– E o que é que eu disse? – perguntou ela.

– Baclava. Uma é um tipo de gorro. A outra é uma sobremesa deliciosa.

– Tanto faz. – Ela esticou-se sobre mim, e eu tive de lutar contra a vontade de a abraçar e de a puxar para o meu peito. – Deves ter-te

esquecido de desligar o despertador.

Fiquei imóvel, quando finalmente consegui reconhecer o som. O meu telemóvel tinha muitos alarmes, mas este, que era alto e particularmente estridente, estava ligado ao sistema de segurança da Aly, especificamente à câmara da porta das traseiras. Eu tinha ajustado as definições de modo que só disparasse se alguém estivesse a menos de 30 centímetros do sensor e ficasse lá durante vários segundos, o que excluiria animais que estivessem de passagem.

De repente, estava bem acordado. Fui buscar o meu telemóvel à mesa de cabeceira, antes de a Aly o alcançar, com a ansiedade e a adrenalina a correrem-me nas veias, ambas disputando-se para me conseguirem dominar. Silenciei o alarme e desbloqueei o ecrã. A visão que me recebeu gelou-me o sangue. A câmara estava totalmente escura. E não era a escuridão da noite, mas o tipo de escuridão que só se obtém quando se tapa a objetiva.

Juro.

– O que é que se passa? – perguntou a Aly.

– Está alguém na tua porta das traseiras.

Ela sorriu.

– Não, isso aconteceu ontem à noite.

– Estou a falar a sério – disse-lhe. – Acho que alguém está a tentar entrar aqui em casa.

– O quê? – sussurrou ela.

Saltei da cama, vestido apenas com os *boxers*. Onde raio estava o *Fred*? Os meus olhos fixaram-se na sua forma preta e branca, enroscada num cadeirão próximo. Peguei nele e entreguei-o à mãe.

– Protege o nosso bebé – disse-lhe.

– O que queres dizer com isso? – disse ela, agarrando o *Fred* com força. – O que estás a fazer?

– Vou lá fora.

– Nem pensar – disse ela. – Temos de chamar a polícia.

Congelei a meio de vestir as camisolas demasiado pequenas que ela me tinha emprestado.

– Nada de polícia. Agora não te posso explicar o porquê, mas… não metas polícia nisto. Onde é que está a arma carregada mais próxima?

– Na última gaveta da cómoda – disse ela. – E vamos absolutamente voltar ao que acabaste de dizer mais tarde.

– Já o imaginava.

Com um puxão final, levantei as calças de fato de treino, depois caminhei até à cómoda. A arma da Aly estava exatamente onde ela me disse que estava, e eu tirei-a da gaveta e carreguei-a. Quando voltei para o quarto, ela já estava ao lado da cama, a vestir as calças do pijama.

– Tu ficas aqui – disse-lhe.

– Não – respondeu ela, dirigindo-se para mim.

Apontei a arma para a porta e agarrei-lhe no ombro com a outra mão, parando-a a meio do passo enquanto me baixava para a olhar nos olhos. A ideia de ela sair deste quarto era ainda mais assustadora do que alguém estar a invadir a casa dela, e sim, compreendia bem demais a ironia da situação.

– És uma durona do caraças – disse-lhe. – E não duvido de que conseguisses tratar disto sozinha, se fosse preciso. Mas peço-te, pela minha sanidade mental, por favor, fica aqui. – Abanei-a para que ela percebesse que estava a falar a sério. Os meus ouvidos estavam tensos e aguçados, enquanto me perguntava quanto tempo tínhamos até que quem quer que estivesse lá fora tentasse arrombar a porta. – Por favor, Aly.

– Não gosto nada disto – disse ela, franzindo o sobrolho em sinal de preocupação.

– Eu sei, linda, mas se estiveres lá fora comigo, vou estar demasiado distraído e tenho de me concentrar em quem quer que seja que nos quer visitar.

Ela mordeu o lábio inferior, e as suas sobrancelhas apertaram-se. Que se lixe. Se estivesse prestes a morrer, gostava de poder sentir, por uma vez, os seus lábios doces nos meus. Tinha-lhe negado isso na noite passada, querendo adiar o momento em que finalmente nos beijássemos até que ela implorasse por isso, mas agora era eu quem estava desesperado.

Levantei a minha máscara para expor a minha boca e bati com os meus lábios nos dela. Ela encontrou-me com fome, com avidez, as suas mãos agarrando os meus ombros enquanto me puxava para mais perto. A minha cabeça girava, o sangue a correr diretamente para a minha pila quando ela entreabriu os lábios, dando-me as boas-vindas, as nossas línguas sentindo-se. Talvez eu já estivesse morto, porque beijar a Aly era muito parecido com estar no céu.

O seu corpo moldava-se tão perfeitamente ao meu que era como se fôssemos um par, feitos um para o outro. As nossas bocas trabalhavam em

conjunto como se já tivéssemos feito isto centenas de vezes e já soubéssemos exatamente aquilo que o outro gosta. Foi o melhor beijo da minha maldita vida, e fez-me ficar ainda mais determinado a certificar-me de que recebia mais mil iguais àquele. Mil não, um milhão.

Quebrei o momento, ambos ofegantes, o meu mundo basculava sobre o eixo enquanto o meu verdadeiro norte se realinhava, apontando diretamente para a mulher nos meus braços. Dei-lhe um beijo final nos lábios.

– Tranca a porta atrás de mim e tira a outra arma da tua mesa de cabeceira, para o caso de me acontecer alguma coisa.

Ela pestanejou, com os olhos tão arregalados que pareciam pires.

– Talvez seja apenas um guaxinim.

Forcei-me a afastar-me dela.

– Da última vez que verifiquei, os guaxinins não sabiam como tapar câmaras. – Ela respirou fundo enquanto eu me dirigia para a porta aberta. Fiz uma pausa para olhar para ela, o que poderia ser o meu último olhar, memorizando a visão dela ali de pé, com o pijama amarrotado, o cabelo solto à sua volta, os lábios inchados do meu beijo. – Pega na arma, Aly.

– Nem te vou perguntar como sabes onde estão todas as minhas armas.

Ela fez uma pausa a meio caminho da mesinha de cabeceira e virou-se para apontar para mim.

– E não te atrevas a magoar-te.

– Vou tentar não o fazer – disse. – Mas para que fique claro, eu sou o único homem mascarado a quem pediste para entrar em tua casa, certo? Não gostaria de dar uma tareia a um tipo inocente por causa de um mal-entendido.

Ela olhou além de mim, com uma expressão contemplativa.

– Homens mascarados? Não. Mas havia um trapezista seminu e um ou dois lutadores de *wrestling*.

A minha espinha endureceu-se.

– Mulher, é bom que estejas a brincar, ou estamos prestes a ter a nossa segunda discussão.

Ela atirou-me uma almofada.

– Estou a brincar. Sai daqui, psicopata, antes que eu mude de ideias e vá contigo.

Virei-me e fechei a porta, enquanto a ouvi sussurrar: «Por favor, tem cuidado.»

Por ti, sempre, pensei.

A árvore de Natal que a Aly ainda não tinha desmontado iluminava o caminho pela sala de estar. Por instantes pensei em desligá-la da tomada, mas rejeitei a ideia; a pessoa lá fora podia reparar no movimento e perceber que estava alguém acordado à sua espera. Apanhá-lo desprevenido era a minha melhor hipótese para evitar quaisquer ferimentos.

Aproximei-me chegando pela parede mais distante, fora do ângulo de visão da porta, e lentamente dirigi-me para a cozinha, onde ele se encontrava. O som da maçaneta a chocalhar foi a morte de qualquer esperança da possibilidade de ser um animal. Alguém estava à porta da casa da Aly, na calada da noite, a tentar arrombar a fechadura.

A raiva que me consumia era tão intensa que comecei a tremer. Ia matá-los, porra. Não. Espera. Isto podia levar-me a ser preso, e aí só ia poder ver a Aly no horário das visitas.

Só se fores apanhado, disse uma vozinha prestável.

Abanei a cabeça. Não era altura para ter um debate interno com os meus pensamentos intrusivos. Até aqui, não havia nada que indicasse algo mais do que uma simples invasão domiciliar. Os índices de criminalidade nesta parte da cidade eram médios – não tão altos como em algumas partes, mas não eram tão seguros como em outras. O carro da Aly não estava à entrada porque veio de Uber para casa. É provável que a pessoa do outro lado da porta julgue que não está cá ninguém. Foi apenas o meu tipo catastrofista de ansiedade generalizada que me fez assumir, de imediato, que se tratava de algo mais nefasto.

Concentrei-me na porta, e completamente encostando à parede fui-me aproximando dela. Assim que o potencial ladrão conseguisse destrancar a fechadura, aperceber-se-ia de que ainda havia um ferrolho e eu não queria que ele arrombasse a porta e despertasse a vizinhança toda com o barulho. Lenta e silenciosamente, estendi a mão e, com muito esforço, soltei o ferrolho.

Agora só tinha de decidir o que fazer quando eles tentassem entrar. Ficar aqui a apontar-lhes uma arma à cara, ou esconder-me aqui algures por perto e saltar-lhes para cima…

A porta abriu-se.

Reagi instintivamente, todos os meus pensamentos se varreram da minha cabeça, o meu corpo movia-se por si só graças aos anos que passei a

praticar artes marciais. O meu punho saiu disparado quando um homem de balaclava apareceu. Atirei-lhe com todo o meu peso com um murro, imaginando os nós dos meus dedos a atravessar-lhe a cabeça como, há tantos anos, me ensinara o meu primeiro professor de karaté. Ao dar-lhe um soco seco, o meu punho destroçou-lhe o rosto, e ele caiu ao longo da porta aberta como uma marioneta cujas cordas são cortadas.

Para me certificar de que estava inconsciente, levantei-o pelo colarinho e abanei-o. A cabeça dele balançou como se fosse invertebrado, fenómeno difícil de fingir. Baixei-o cuidadosamente até ao chão e fechei a porta atrás dele, voltando a trancar a fechadura para o caso de ele ter um parceiro por perto, à espera. Entre a balaclava e a grande mochila que usava, isto estava a parecer cada vez mais uma invasão ao domicílio.

O som de uma respiração entrecortada fez-me recuar. Não. Ela. Não o fez.

Apertei o maxilar e virei-me para ver a Aly a menos de cinco metros de distância com a arma apontada ao intruso. Claro que não me tinha dado ouvidos nem tinha ficado de guarda no quarto.

Estreitei os olhos na direção dela, mas ela estava a olhar para o homem inconsciente e não viu a reprovação no meu olhar.

– Estamos cem por cento prestes a ter a nossa segunda discussão.

O seu rosto estava pálido na escuridão, a sua expressão desenhada com o que parecia ser um medo genuíno. Em vez de uma resposta sarcástica, ela fez sinal para o homem com a arma.

– Tira-lhe a máscara.

– Aly – disse eu, com cautela a subir-me pela espinha.

– Já – vociferou ela.

Baixei a mão e puxei a balaclava do homem. Meu Deus. Foda-se. Foda-se.

Era o Bradley Bluhm.

O seu rosto ainda estava inchado devido à última agressão de que fora alvo, e agora também tinha o nariz arruinado, com sangue a escorrer-lhe pela boca e pelo queixo abaixo, mas não havia como confundir, era o violador – e provavelmente assassino, se as suspeitas da polícia estivessem corretas – com quem a Aly se tinha deparado na noite anterior. As implicações de ele estar aqui eram horríveis. A Aly tinha-o irritado, tinha-lhe chamado cobarde e ele tinha-a perseguido para fazer o quê? Vingar-se?

Fazer dela a sua próxima vítima? Se eu não tivesse mandado instalar este alarme, podíamos ter sido acordados com o som de ele a arrombar a porta das traseiras aos pontapés. Podia ter-nos apanhado desprevenidos e ter feito alguma coisa à Aly antes de eu perceber o que estava a acontecer.

O som dela a engatilhar uma bala fez-me perder a cabeça. Girei em direção a ela, de braços estendidos em frente ao corpo do Brad.

– Não podes disparar contra ele.

Apontou imediatamente a arma para o chão, mas continuou a fazer-me sinais com ela.

– Sai da frente.

– Não. Aly, escuta – disse eu com a minha voz normal. Falar como o Batman estava a dar-me dores de garganta, e eu já tinha cometido tantos deslizes que me parecia tolo continuar com a farsa. – Se lhe dás um tiro, acordas a vizinhança toda e alguém há de chamar a polícia. – Ela ativou a trava de segurança e pousou a arma sobre a mesa.

– Está bem. Vamos espancá-lo até à morte. Sem fazer barulho. Eu conheço pessoas que se podem livrar do corpo. – O olhar na cara dela enquanto avançava dizia-me que ela estava a falar muito a sério.

Levantei as mãos para a impedir.

– Pensa por um segundo. Ele tem uma mochila.

Ela parou aos pés do Brad, com os dedos enrolando-se em punhos, o rosto envolto por nuvens de trovoada.

– E depois?

– E depois, ele pode ter um telemóvel lá dentro – disse-lhe. – E se de facto tiver um e depois desaparecer, vão seguir o seu rasto diretamente até à tua casa. Arranja-me um par de luvas de látex para eu poder verificar.

A sua expressão tornou-se amotinada, mas após um momento de tensão, afastou-se de mim em direção a uma gaveta da cozinha e retirou de lá umas luvas.

Vesti-as e vasculhei a mochila do Brad, a minha fúria aumentou dez vezes mais quando me apercebi de que estava a olhar para um *kit* de morte: fechos de correr, corda, um frasco de clorofórmio, sacos do lixo, uma faca serrilhada, lixívia, panos. Tudo o que seria necessário para matar alguém e depois limpar o local do crime. Isso fez-me ter a certeza de que o Brad já tinha matado antes. Não podia ser tão ousado a não ser que já se tivesse safado algumas vezes antes.

Eu sabia disso melhor do que a grande maioria. Quando tinha seis anos, encontrei uma das vítimas do meu pai no congelador da nossa cave. Ele disse que era um manequim para pregar uma partida à mãe e que, se eu lhe contasse, ele me batia, por isso mantive a boca fechada e só me apercebi do que tinha visto quando ele foi apanhado.

Passei para os bolsos mais pequenos, mas também não encontrei nenhum telemóvel, por isso pousei o saco e virei o Brad para cima, verificando as suas calças de ganga e o casaco. *Niente*. Ele não era tão desleixado quanto eu pensava, o que era tão aliviante quanto preocupante. Por um lado, podia ter a oportunidade de pôr em prática o meu plano para acabar com ele; por outro, ainda havia o risco de o telemóvel dele estar algures por perto, muito provavelmente deixado num carro estacionado.

– Sem telemóvel? – perguntou a Aly.

Sentei-me nos meus calcanhares.

– Sem telemóvel.

Ela deu um passo em frente e bateu com o martelo nas virilhas do Brad com tanta força que as pernas dele se levantaram do chão. Ele sibilou e encolheu-se sobre si próprio, como se estivesse a começar a recuperar. Embora o quisesse ver morto, apetecia-me vomitar ao pensar no quanto aquilo lhe devia ter doído. Antes que eu a pudesse impedir, a Aly pisou-lhe as costelas. Um estalido ricocheteou pela sala, e depois um gemido baixo e torturado quando a dor trouxe o Brad de volta à realidade.

– Não, nem pensar – disse ela, inclinando-se e dando-lhe um murro na têmpora com tanta força que lhe fez saltar a cabeça. Ele voltou a ficar num estado invertebrado, e a Aly endireitou-se, sacudindo o braço. – Foda-se, isto doeu.

Peguei na mão dela, inspecionando os nós dos dedos à luz fraca.

– Estás bem?

– Não – disse ela, com as lágrimas a aflorarem-lhe os olhos. – Será que eu vi bem: ele tem uma corda e uma faca dentro da mala?

Puxei-a para mim e abracei-a, ambos a tremer com a adrenalina não gasta e mais do que só um pouco de medo.

– Sim.

– Ele veio aqui para me violar e matar – disse ela.

– Muito provavelmente.

Puxei-a para mais perto, petrificado por ela e por todas as outras mulheres, porque homens como o Brad era algo com que elas tinham de se preocupar constantemente.

Meu Deus, eu era um maldito idiota. O Brad e eu podíamos não ter tido as mesmas intenções, mas ambos tínhamos invadido a casa da Aly, e eu odiava a ideia de lhe ter causado um tipo de sofrimento semelhante. O que é que, há menos de duas semanas, pensei para mim mesmo? Que nunca me arrependeria do que tinha feito? Agora só queria poder voltar atrás no tempo e dar uma tareia ao meu eu passado. Este tipo de violação era imperdoável, e não podia acreditar que a Aly me tivesse dado uma oportunidade em vez de me dar um tiro na cara como eu merecia. Se tivesse de passar o resto do nosso tempo juntos a compensá-la, fá-lo-ia, de bom grado.

– O Brad precisa de morrer – disse ela, com a voz abafada por eu a ter apertado contra mim.

– Pois precisa – concordei. – Mas não posso ser eu a fazê-lo, e também não quero que sejas tu.

– Então, o que é que fazemos? – perguntou ela.

– Primeiro, precisamos de o amarrar e descobrir se ele tem ou não um telefone ou um veículo escondido por perto – disse. – Se não tiver, deixamo-lo em casa da sua última vítima. A família alargada dela vive fora da cidade, numa grande quinta, e entre um pai ex-militar e um marido ex-fuzileiro, tenho a certeza de que farão o resto do trabalho por nós.

– E se, em vez disso, chamarem a polícia? – perguntou ela.

– Até agora, o Brad não nos viu, por isso não nos pode identificar caso sobreviva. E não é como se ele pudesse dizer aos polícias a última coisa de que se lembrava antes de ficar inconsciente, porque assumir que «estava a invadir a casa de uma mulher com um saco cheio de armas» não o iria favorecer. Depois, havemos de encontrar outra maneira de o apanhar.

Ela afastou-se de mim o suficiente para encontrar o meu olhar.

– Pensaste bem nisto.

Não me dei ao trabalho de mentir.

– Sim.

Ora aqui estava o momento em que ela percebeu o quão perturbado eu era.

Em vez de se mostrar horrorizada, acenou com a cabeça.

– Ótimo. Eu teria tomado uma decisão precipitada e provavelmente acabaria na cadeia.

– Ei – disse-lhe, levantando-lhe o queixo enquanto reunia coragem.

– Sim?

– Desculpa ter-te feito isto.

Ela franziu o sobrolho.

– Tu não me fizeste isto.

– Sim, eu fiz-te literalmente isto – respondi-lhe. – Ou estás-te a esquecer de que o Brad não é o único homem nesta cozinha que invadiu a tua casa?

Ela soltou um suspiro trémulo e tirou o queixo da minha garra.

– Eu não me esqueci. Acredita em mim, da primeira vez, eu estava tão pronta para te dar um tiro como estava agora com o Brad. Mas… – ela desviou o olhar, enrolando o lábio inferior entre os dentes –, depois disso, nunca mais senti que me quisesses magoar. Não consigo explicar, e sei que parece estúpido e ilógico e perigoso, e, meu Deus, é isso tudo, mas a minha intuição disse-me para confiar em ti.

Inclinei-me e encostei a minha testa à dela.

– Foram os *snacks*, não foram?

Ela soltou uma gargalhada.

– O que é que posso dizer? Sou uma fã de barras de cereais caseiras.

Puxei-a para a abraçar outra vez, querendo continuar a abraçá-la ali mesmo para o resto da minha vida, protegendo-a com o meu corpo, se fosse preciso, deste mundo horrível, mantendo-a sempre a salvo. Infelizmente, o homem inconsciente aos nossos pés só ficaria assim durante algum tempo, e quanto mais depressa o tirássemos dali, melhor.

Soltei a Aly dos meus braços e deixei-me cair ao lado da mochila do Brad.

– Tens de concordar que há uma espécie de justiça poética em amarrá-lo com a sua própria corda, não?

– Sim.

Provavelmente não era a altura certa para aquela pequena palavra fazer o meu estômago dar uma cambalhota, mas ouvir a Aly dizê-la aqueceu-me o coração de uma forma que me fez querer escutá-la novamente, de preferência em frente a um altar numa praia tropical qualquer, só nós os dois; ou o que ela preferisse.

Pegou num par de luvas e agachou-se ao meu lado enquanto eu abria o fecho do saco.

– Filho de uma cadela – disse ela quando viu de perto o seu conteúdo. Os dedos dela tremeram ao agarrar a faca, que acabou por afastar para o lado e agarrar na corda. – Ele já fez isto antes, não achas?

– Com base nos artigos policiais que li, sim – respondi-lhe.

– Como é que ele se safou com tudo isto?

– Dinheiro, além de não ser nenhum idiota – disse. – A maior parte das provas que o ligam aos seus crimes recentes são circunstanciais. A sua única condenação aconteceu quando ele ainda era adolescente e foi eliminada do seu registo. Ele deve ter sido complacente no seu último golpe.

Amarrámo-lo juntos, enquanto eu o segurava com força pelos braços e pelas pernas e dava simultaneamente indicações à Aly sobre como proceder. Teria sido mais rápido se fosse eu a fazê-lo, mas este era o tipo de habilidade que toda a gente devia aprender e, depois de uma situação destas ter estado tão próxima, eu estava desesperado por lhe ensinar tudo o que sabia sobre autodefesa e sobrevivência.

– Quererei eu saber como é que tu sabes fazer isto? – perguntou ela a meio.

– Provavelmente não – disse-lhe. – Não, não é assim. Essa parte da corda passa por baixo em vez de passar por cima.

Ela corrigiu o erro.

– Tem alguma coisa que ver com o facto de não quereres que eu chame a polícia?

– Surpreendentemente, não – respondi, e ela abanou negativamente a cabeça.

Uma vez amarrado, fiz com que a Aly verificasse cada um dos nós, puxando com toda a força para confirmar que o Brad não se conseguiria soltar. Voltámos a meter a balaclava no lugar e, inspirados pelo meu ataque de pânico anterior, pusemo-la sobre os olhos dele como se fosse uma venda. Depois amordaçámo-lo e eu fui buscar o meu portátil à mala.

Uma hora depois, tinha todas as respostas possíveis de encontrar num tão curto espaço de tempo. O Brad tinha deixado o telemóvel em casa, num subúrbio rico a norte da cidade. Tinha desativado os serviços de localização GPS do seu veículo, por isso podia estar estacionado nas proximidades, mas se nós não o conseguíamos encontrar, a polícia também teria dificuldades.

Mesmo que o encontrassem, seria difícil provar que tinha vindo até ali ou saber sequer para onde tinha ido depois de ter estacionado, por isso senti-me confiante de que a Aly estava safa.

– Devias ficar aqui – disse-lhe enquanto fechava o portátil e encontrava o seu olhar, no outro lado da mesa da sala de jantar.

Ela abanou negativamente a cabeça, com expressão de amuada.

– De maneira nenhuma. Este é um trabalho para duas pessoas, não vou deixar que carregues o fardo sozinho. Ou fazemos isto juntos, ou não o fazemos de todo.

Soltei um suspiro profundo, reconhecendo que tinha sido derrotado. Baixando a voz, fi-la saltar da cadeira para o meu colo e passei os braços à volta da sua cintura.

– Estamos a falar de rapto e de seres cúmplice de um potencial homicídio.

Ela olhou em direção ao som do Brad a debater-se contra as amarras na cozinha, longe da nossa vista.

– Bem sei, mas aquele filho da mãe entrou aqui a planear fazer-me coisas imperdoáveis, e neste momento não me sinto uma pessoa lá muito clemente. Não estaria a exagerar se dissesse que era capaz de o matar eu mesma, sem perder o sono por isso.

Ela virou-se para olhar para mim e a ausência da sua luz habitual surpreendeu-me. Não, ela não estava a exagerar. Neste momento, eu estava a olhar para os olhos de uma mulher perigosa. E pensar que estava preocupado em ser demasiado fodido para ela. O que é que ela tinha dito na primeira vez em que a vi pelo computador? Que o *Fred* só gostava de mim porque os gatos eram sociopatas, e sabiam reconhecer um dos seus? Na altura, devia ter percebido o subtexto: o *Fred* gostava de duas pessoas, da Aly e de mim, o que fazia de nós duas ervilhas da mesma vagem.

Ela pestanejou, e a vida voltou a iluminar a sua expressão, com os lábios franzidos para cima enquanto abanava a cabeça para mim.

– Consigo sentir-te a ficar duro agora mesmo.

Encontrei o seu olhar, e sem me importar, abracei a minha loucura e o facto de ser fodido pela primeira vez na minha vida, porque ao menos já não estava sozinho.

– E aposto que se metesse a mão nas tuas cuecas, estariam encharcadas.

Ela revirou os olhos e libertou-se do meu abraço, pondo-se de pé.

– Nunca te devia ter dito como me deixas.

– Sim, claro, a culpa é toda minha.

Ela olhou-me fixamente.

Eu apalpei-lhe o nariz e estava prestes a puxá-la de novo para o meu colo quando o Brad tentou gritar por entre a mordaça.

Vinte minutos depois, tínhamos vestido roupas de verdade – graças a Deus eu tinha lavado e secado os meus *jeans antes* de adormecermos –, e inebriado o Brad com o seu próprio clorofórmio, reforçado a sua mordaça com fita adesiva, e fechando-o no saco de *snowboard* da Aly.

Enquanto ela preparava café para a viagem, eu fui buscar o meu carro, mantendo as luzes apagadas quando entrei em casa dela para evitar atenções indesejadas. Eram duas da manhã de um sábado, o que significava que o risco de alguém estar acordado era maior do que num dia de semana normal. As luzes exteriores da casa estavam apagadas e, felizmente, as de Natal estavam ligadas a um temporizador, por isso já se tinham apagado há horas.

Não havia iluminação pública nesta parte do quarteirão onde ela morava, mas ainda assim, não queria correr riscos. Por isso, tinha mais um *mini-blackout* à espera de ser ativado, e acionei-o mesmo antes de abrir a porta do carro. Foi quando o quarteirão mergulhou na escuridão, que abri a mala e corri para o alpendre da Aly. Ela abriu a porta quando a alcancei e, juntos, levantámos o saco com o Brad e carregámo-lo para o exterior, deixando-o na mala, sem cerimónias, fechando-a silenciosamente. Posto isto, a Aly voltou para trás para ir buscar o café enquanto eu subia para o lugar do condutor.

As luzes da vizinhança voltaram a brilhar logo depois de eu ter saído da entrada da garagem. A Aly e eu partilhámos um olhar de alívio pelo facto de termos conseguido escapar sem sermos apanhados.

– Aqui tem o seu café – disse ela, passando-me um copo de viagem. – Preto com um pouco de açúcar, certo?

Levantei as sobrancelhas para ela enquanto agarrava no copo.

– Certo.

Ela lançou-me um sorriso de satisfação e virou-se para a frente, no seu lugar.

– Eu também presto atenção, sabias.

A mulher adorava sexo pervertido, sabia como eu gostava do meu café e estava mais do que disposta a ajudar no assassinato de um violador. O que é que eu tinha feito para ter tanta sorte?

Saí do seu bairro adormecido e voltei a concentrar-me no caminho, seguindo por uma estrada mais movimentada. Ainda havia carros a circular por ali, mas quanto mais nos afastávamos da cidade, menos carros se viam e, em menos de uma hora, éramos o único veículo a conduzir por estradas rurais escuras como breu, serpenteando por campos de milho cobertos de neve.

Quase não falámos durante toda a viagem, os dois presos nos nossos pensamentos sobre o que estávamos a fazer e como esta noite poderia ter sido muito pior se o Brad tivesse conseguido entrar à socapa. O pouco que falámos foi para eu a pôr a par de tudo o que tinha aprendido sobre ele, durante o turno dela na noite anterior.

A polícia e o hospital tinham feito um excelente trabalho a tentar proteger o nome da última vítima do Brad, mas eu tinha conseguido encontrar Macy Harold, uma professora de vinte e sete anos que tinha estado em Chicago na noite em que fora atacada, para celebrar a despedida de solteira de uma amiga de faculdade. Pelo que tinha percebido, elas tinham encontrado o Brad e os amiguinhos num bar e, a certa altura da noite, ele tinha-se concentrado na Macy, pagando-lhe uma rodada de bebidas a ela e às amigas, mesmo depois de elas o terem recusado educadamente. Uma das últimas coisas de que a Macy se lembrava era de ter acabado por aceitar um *shot* para não parecer mal-educada e, em menos de uma hora, alguém ouviu o Brad a agredi-la numa das casas de banho, tendo aberto a porta aos pontapés para a auxiliar.

A Macy e o marido viviam numa pequena casa de campo adjacente à casa dos pais dela, numa quinta de quarenta hectares. O irmão, que já tinha confrontado o Brad, vivia num sítio semelhante, ali perto. Eu esperava que, mesmo que o pai e o marido da Macy não conseguissem fazer mal ao Brad, que o irmão dela se intrometesse e fizesse o trabalho.

Transmiti-lhe tudo isto ainda a falar com a minha voz natural, perguntando-me se ela a reconheceria. O tempo de me esconder dela estava a chegar ao fim, e eu tinha a sensação de que, se conseguíssemos concretizar esta proeza, uma das primeiras discussões que teríamos quando voltássemos a casa giraria em torno de confirmar a minha identidade e de

tentar compreender porque é que eu tinha evitado admitir quem era durante tanto tempo.

Temia aquela conversa. A Aly já me tinha perdoado tanto, já tinha suportado tanto. Como lhe poderia pedir que continuasse a confiar em mim depois de descobrir quem era o meu pai e começar a questionar por que razão o filho de um famoso assassino em série se cobriria de sangue e filmaria *thirst traps* com facas? Ela provavelmente assumiria que eu o idolatrava, quando nada poderia estar mais longe da verdade.

Desliguei os faróis do carro e virei por uma estrada de terra batida que cortava dois campos de milho. Conduzi até chegar a uma estreita faixa de árvores que surgiam à volta de um pequeno riacho. As imagens de satélite que eu tinha consultado *online* mostravam um caminho pedonal estreito que conduzia por meio delas até à casa principal. Eu tinha entrado na rede *wi-fi* dos pais da Macy e não consegui encontrar nenhuma evidência de câmaras de segurança, mas mesmo assim a Aly ficaria no carro enquanto eu arrastava o Brad para a varanda dos fundos, pronta para sair disparada dali caso algo desse para o torto, e eu voltasse a correr.

– Estás pronta? – perguntei, estacionando o carro e virando-me para ela.

Tinha uma expressão de preocupação estampada no rosto.

– Sim?

– Sentir-te-ias melhor se te dissesse que estou tão assustado que sou capaz de vomitar?

Ela soltou um suspiro trémulo.

– Oh, ótimo. Tenho estado a lutar contra a vontade de vomitar durante toda a viagem.

– Vamos ter de aguentar – disse-lhe. – Não quero deixar para trás montinhos nojentos de ADN para que alguém nos possa apanhar.

Ela soltou uma gargalhada.

– Vamos a isso, então.

Abri a bagageira e saímos do carro.

A Aly abriu o fecho da bolsa de *snowboard*, mas parou depois de expor o rosto do Brad e arregalou os olhos. Teria ela finalmente atingido o seu limite? Será que só agora lhe ocorreu o quão fodido era tudo isto, e começava a ter dúvidas em relação ao que estávamos a fazer?

Tínhamos chegado até aqui, era demasiado tarde para voltarmos atrás, por isso, estendi a mão para a frente e estava prestes a acabar de abrir o

fecho do saco quando ela me agarrou no braço.

– Não faças isso – disse ela.

Virei-me para ela, franzindo o sobrolho.

– Posso fazê-lo sem ti, se quiseres esperar no carro.

Ela abanou negativamente a cabeça e soltou-me o braço.

– Vamos ter de seguir o meu plano de reserva.

– Plano de reserva? – perguntei-lhe, começando a ficar confuso.

Ela não tinha mencionado nenhum plano de reserva.

Ela acenou afirmativamente com a cabeça e inclinou-se para a frente, pondo os dedos enluvados no pescoço do Brad. Parecia estar a medir-lhe a pulsação.

Espera. Por que raio estava ela a verificar-lhe o pulso?

Ela virou-se para mim, com simpatia estampada no rosto.

– Puseste-lhe fita adesiva na boca e no nariz. Está morto.

Foquei-me no Brad, e, oh, porra, ela tinha razão. Os seus olhos estavam arregalados sem pestanejar, e a sua pele tinha um brilho pálido que, ao luar, parecia anormalmente sem sangue.

As minhas entranhas pesavam.

Arranquei a balaclava e corri para os arbustos mais próximos, caindo de gatas enquanto o meu estômago tentava expelir tudo o que tinha comido. Lá se vai o cuidado de não deixar para trás montinhos de ADN.

A Aly agachou-se ao meu lado, esfregando-me as costas e fazendo ruídos suaves enquanto eu vomitava.

– Esta é provavelmente uma má altura para me gabar do facto de ter razão quanto à tua identidade, não é?

Caro leitor, vomitei e ri-me ao mesmo tempo.

E não. Não aconselho que o façam em casa.

Tinha acabado de matar um homem e a minha cúmplice estava a mandar piadas.

– Caralhos me fodam– murmurei.

– Momento estranho para te estares a oferecer – disse a Aly num ápice. – Podemos adiar para depois de nos livrarmos do corpo, e de teres oportunidade de lavar os dentes?

17

Aly

Se alguém me tivesse dito há duas semanas que eu acabaria a conduzir um carro com um corpo na bagageira, eu ter-me-ia… sei lá. Ter-me-ia escangalhado a rir? Ter-lhes-ia dito que estavam enganados? E, no entanto, aqui estava eu, a conduzir de regresso à cidade com um assassino enjoado, e um cadáver que ele tinha acabado de criar.

Olhei para o Josh deitado de lado no banco, com a testa encostada à janela.

– Estás bem?

Ele inclinou a cabeça para o lado, lentamente, como se não conseguisse acreditar que eu lhe estava a fazer aquela pergunta, porque era evidente que não estava bem.

– Estou ótimo. Definitivamente, não estou a meio de uma crise existencial. E tu?

– Desiludida.

Ele sentou-se um pouco, franzindo o sobrolho.

– Com o quê?

Encolhi os ombros e voltei a concentrar-me na estrada. Estava escuro como breu lá fora e, com a noite que estava a ter, teria sido uma sorte ter um veado a saltar-me para cima.

– A morte do Brad foi demasiado anticlimática.

– Anticlimática – repetiu o Josh.

– Sim. Quero dizer, um pedaço de merda como ele? A morte dele devia ter sido mais violenta e, idealmente, incluir ser queimado vivo no final.

Isso surpreendeu-o como uma valente bofetada.

– Fogueira à moda dos Bluhm.

– Ou Brad na brasa – disse eu, sorrindo.

O Josh gemeu.

– Vamos direitinhos para o inferno.

– Ótimo. Talvez consigamos apanhá-lo novamente lá em baixo. – Olhei de relance para a bagageira, por cima do ombro. – Estou a pensar em encostar para lhe dar umas quantas facadas e me poder sentir melhor.

– Ah, ah – disse o Josh sem humor.

Olhei para ele com um olhar vazio.

Os olhos dele arregalaram-se.

– Meu Deus, Aly.

Pisquei o olho para que ele soubesse que estava a brincar – mais ou menos – e voltei a encarar a estrada.

Ele virou-se para o meu lado, sentando-se completamente direito no lugar.

– Não acredito que acabei de matar um ser humano.

Levantei um dedo.

– Tecnicamente, acho que o que fizeste se classifica como homicídio involuntário.

– Oh, ótimo. Isso faz-me sentir muito melhor.

– Mas devia – disse-lhe.

– Porquê?

Pisquei-lhe o olho.

– Menos tempo de prisão.

– Como é que consegues estar tão calma com tudo isto? – perguntou ele.

– Porque a morte não é novidade para mim – retorqui. – Vejo-a semanalmente.

Na maioria das vezes, são pessoas boas que morrem antes do tempo, devido a doenças ou ferimentos. Muitas das perdas que testemunho são trágicas e sem sentido, e deixam para trás muitos familiares destroçados. Por uma vez, é bom ver alguém como o Brad ter aquilo que merece. Duvido de que mesmo os pais dele fiquem de luto.

O Josh respondeu com silêncio, olhei para ele e vi-o a observar a paisagem coberta de neve, enquanto processava as minhas palavras.

Meu Deus, o homem era lindo. O seu perfil sob a luz do *tablier* era algo para ser visto. Fez-me questionar o porquê de querer cobrir a cara com uma máscara.

Tinha visto pessoas de merda nos comentários dele dizerem coisas sobre como homens como ele eram todos camarões, aproveitava-se tudo menos a

cabeça, e que por isso usavam máscaras, mas isso não era verdade em relação ao Josh, e eu tinha visto vídeos suficientes de revelação do rosto de outros *vloggers* para saber que esses comentários eram falsos. Então, o que é que os levava a usarem máscaras? O anonimato? A oportunidade de poderem vestir um alter ego, como uma segunda pele, e de se tornarem alguém completamente diferente?

Isso pareceu-me estranhamente adequado ao Josh. Ele era como um dominador meigo, doce nas ruas e mau nos lençóis. Mas, tipo, mau no *melhor* sentido do termo. Mandão e exigente e implacável, e oh, não, eu estava a ficar excitada a menos de cinco metros de um cadáver fresco.

Voltei a olhar para a estrada. Isso confirmou-o. Tinha ficado oficialmente tão entorpecida que nem o corpo de um violador morto me afetava como era de esperar.

Dei uma última olhadela ao banco do passageiro. Ou talvez o Josh fosse tão atraente que as leis da moralidade deixavam de ter efeito na sua presença.

– O pior de tudo é que nem sequer me sinto mal – disse ele.

– O que é que queres dizer?

– Estou assustado por ter matado alguém, mas, fora isso, não sinto qualquer culpa em relação ao que fiz. Estou mais fodido por não me estar a sentir fodido, se é que isso faz algum sentido.

– Sim, faz – disse eu quando nos aproximámos de uma área de descanso. O meu mapa dizia-me para virar à direita, por isso liguei os piscas e segui as indicações enquanto pensava numa resposta mais detalhada.

– Acho que a maioria das pessoas no teu lugar se ia sentir da mesma forma. A morte, por si só, é aterradora. Na primeira vez em que vi alguém morrer, fui para o corredor e vomitei o chão todo. Vi várias outras enfermeiras em início de carreira a desmaiar. A tua reação é bastante normal. Quanto a não te sentires mal, porque é que sentes essa obrigatoriedade?

Ele virou-se para mim.

– Porque acabei com uma vida humana.

Abanei a cabeça.

– Isso é pressão social. Ensinaram-te que matar é errado e que só os monstros o fazem, mas isso não é verdade. As pessoas matam por todo o

tipo de razões. Por vezes, é no calor do momento, e passam o resto da vida arrependidas pelo que fizeram. Outras é por desespero, como uma mulher que mata o seu agressor porque sabe que, se não o fizer, acabará ela por morrer. E depois há acidentes como o que aconteceu esta noite. Sinceramente, sinto-me aliviada por termos sido nós a fazê-lo. Parte de mim estava a entrar em pânico com a ideia de aquelas pessoas chamarem a polícia em vez de tratarem do Brad sozinhas.

Estendi a mão e agarrei-lhe o joelho.

– Lembra-te de que foi um acidente e que cometer um erro não significa que és má pessoa. Especialmente quando o resultado é remover um violador e potencial assassino desta terra. Entre o dinheiro da sua família e o agravar óbvio da sua espiral de violência, ele teria ido atrás de outra pessoa se não fosse travado. Quem sabe quantas vidas estamos a salvar ao tirar-lhe a dele?

O Josh remexia-se no assento, com a perna a fletir-se sob a minha palma.

– Estás sempre a dizer nós, mas fui eu que o fiz.

– Sim, mas eu sou igualmente cúmplice – disse eu. – Talvez não tenha sido eu a amordaçá-lo, mas, de uma maneira ou de outra, planeei que ele acabasse morto.

O Josh passou a mão por baixo da minha e juntou os nossos dedos.

– Obrigado por dizeres tudo isto. É uma ajuda.

– Não tens de quê. E espero que saibas que não te estou a dar graxa. Acredito mesmo que ao eliminarmos o Brad, tornámos o mundo um lugar melhor. Eu sei que fazer justiça pelas próprias mãos é problemático como o caraças, mas às vezes acho que é necessário, especialmente quando o sistema criado para lidar com homens como o Brad falha por ser suscetível a lacunas legais.

– Não te esqueças dos subornos – disse o Josh. – O Brad deu muitos sinais de alerta que foram ignorados, incluindo espreitar por janelas, ser cruel com animais e assédio sexual. Isto aconteceu tudo na sua adolescência. Li uma citação de um juiz que o deixou sair em liberdade depois de ele, no último ano de liceu, ter conduzido embriagado e espetado com o carro contra a casa de uma colega que o tinha rejeitado. Com a desculpa de: «Ele é um jovem brilhante, com a vida toda pela frente. Seria terrível arruiná-la por uma coisa destas.» O juiz era um amigo de golfe do pai do Brad.

Afastei a minha mão da do Josh antes de lhe partir um dedo, por a estar a apertar com demasiada força.

– É por factos como esse que eu nunca me hei de sentir mal com isto.

O Josh soltou um som baixo e zangado.

– E isto mal arranha a superfície daquilo que o Brad foi capaz de fazer, sem sofrer quaisquer consequências por isso.

Fitei a estrada à minha frente.

– Não consigo deixar de pensar como é que isto pôde durar tanto tempo. Esse tal juiz? Eu percebo. Não o aceito, mas sei que em todas as profissões há sempre corruptos de merda. Mas anos e anos do Brad a safar-se dos seus crimes? *Isso* nunca ninguém me vai conseguir explicar de uma forma que eu entenda, mesmo que me deem uma lista detalhada de cada erro cometido ao longo do caminho.

– Talvez tudo tenha levado a esta noite – disse o Josh. – Talvez eu estivesse destinado a matá-lo.

Franzi o sobrolho.

– Foi o destino?

– Sim – disse ele. – Talvez eu sempre tivesse sido destinado a ser um assassino, e isso tivesse de acontecer de uma maneira ou de outra.

Mas que raio? Como é que o Josh pode pensar uma coisa destas? Ele? Destinado a ser um assassino? Eu não podia aceitar isto. Ele era demasiado bom, demasiado gentil, e sim, tinha invadido a minha casa e seguia-me, mas eu tinha-lhe pedido para cometer o crime do assalto, e nunca lhe tinha dito para parar de me seguir. Tinha a sensação de que, se o tivesse feito, ele me teria dado ouvidos e nunca mais me teria incomodado. As ações dele podiam ser semelhantes às do Brad quando examinadas com uma lente mais ampla, mas quando se fazia *zoom*, os dois homens não podiam ser mais diferentes, e eu recusava-me a deixar que o Josh se comparasse a um ser humano tão imundo.

– Não – disse-lhe. – Rejeito a ideia de que este era o teu destino. É demasiado perverso quando se tem em conta a dor e o sofrimento das vítimas do Brad. Não é possível que tenham sido trazidas ao mundo para serem vítimas dele.

O Josh passou uma mão pelo rosto e suspirou profundamente.

– Soo como um egocêntrico, quando o expões dessa maneira.

– Egocêntrico não, apenas desconcertado e confuso após um evento traumático.

Um olhar para ele revelou um rosto carregado de preocupação, as sobrancelhas juntas, os lábios cheios comprimidos numa linha dura.

Precisava de demonstrar o meu ponto de vista, e que melhor maneira de o fazer senão usar a lógica dele contra ele próprio?

– Perguntaste-me se eu alguma vez culparia outro adolescente por ter matado os pais dele, por isso deixa-me inverter a questão. Se tivesse sido eu a matar acidentalmente o Brad, ias questionar-te perante a possibilidade de eu sempre ter estado destinada a ser uma assassina?

– Não, nunca – disse ele. – Mas não é a mesma coisa.

– Mas é – argumentei.

– Não é. Isto é algo que me preocupa desde criança.

O meu sangue gelou. Quem é que tinha pensamentos destes em criança?

– O que queres dizer com isso?

– Oh – disse ele. – É melhor não fazermos isto agora. Se há pior altura para ter a conversa sobre a trágica história do Josh é agora, logo a seguir a ter matado alguém.

– Não é justo. Eu abri-me totalmente contigo sobre a minha história.

Ele soltou um som exasperado.

– Aly, a minha história é matéria-prima dos pesadelos das pessoas.

Olhei para ele, começando a preocupar-me.

– Já mataste alguém antes?

Ele abanou negativamente a cabeça.

– Não.

– Alguma vez magoaste alguém?

– Não fora de um estúdio de artes marciais e, mesmo assim, apenas acidentalmente, nunca a sério.

– És um criminoso?

– Sou um *hacker*, por isso, tecnicamente, sim. Já infringi inúmeras leis, mas a pior coisa que alguma vez fiz foi entrar em tua casa e perseguir-te.

Levantei uma sobrancelha para ele e, em seguida, lancei-lhe um olhar pontiagudo por cima do ombro em direção à bagageira.

– A sério? Isso é a coisa pior que já fizeste?

Ele fez-me um sorriso.

– Foi isso mesmo que ouviste. Não foste tu quem disse que ao matar o Brad fizemos um favor ao mundo?

Eu sorri. Sim, fui, e era bom ver um pouco do seu atrevimento de volta.

– Então é tudo o que preciso de saber. Confio no meu instinto de que não és uma pessoa má. Tudo o que tiveres para me dizer pode esperar até estares pronto. Sem pressa.

Inclinou-se sobre a caixa das mudanças e beijou-me a face.

– És a melhor namorada que um homem pode desejar.

As minhas sobrancelhas ergueram-se tão depressa que parecia que estavam a tentar saltar da minha testa.

– Ei, que dizes, rapaz?

– Demasiado cedo? – disse ele. – Quer dizer, eu sei que ainda não tivemos a conversa oficial, mas partilhamos uma criança, e eu sinto que desfazer-se de um corpo é uma atividade de namorado-namorada e não algo que se faça com um engate casual.

Eu preparei a minha cara.

– Estás a querer dizer-me que um casal que comete um homicídio junto permanece junto?

Ele bufou.

– Demasiado prolixo. Eu prefiro «Os que matam juntos ficam juntos».

Engasguei-me com uma gargalhada. Pois é. Diretamente para o inferno. Nós os dois.

– Já agora, para onde é que vamos? – perguntou-me. – Acho que me estavas prestes a dizer quando te pedi para encostares por causa das minhas náuseas.

O meu humor evaporou-se. Andava há meia hora a tentar ganhar coragem para ter esta conversa com ele, mas ainda não tinha conseguido descobrir uma boa maneira de lhe explicar o meu plano B.

– Quanto é que investigaste sobre a minha família?

– Fiquei-me pelos teus pais – disse ele. – Ir mais fundo pareceu-me demasiado intrusivo.

Fitei-o.

– A sério? Foi aí que traçaste o limite?

Um grande ombro levantou-se num encolher de ombros.

– O que foi? Tinha de o fazer algures. Preferias que eu tivesse bisbilhotado ainda mais?

– Sinceramente, tê-lo-ia preferido, porque assim poupar-me-ia de ter de te contar algumas coisas desconfortáveis sobre a minha família.

Voltei-me para a estrada. Estávamos a entrar nos subúrbios, e eu não podia continuar a olhar para ele sempre que me apetecia – o que acontecia aproximadamente a cada 1,2 segundos. Ele era demasiado bonito e isso era uma maldita distração.

A mão dele pousou na minha coxa, e eu devia estar para lá da redenção, porque até um toque tão reconfortante e inócuo me fez querer contorcer no meu lugar. Se ele tivesse subido um pouco mais…

– Aly, nada do que possas dizer sobre a tua família me irá afastar.

– Está bem, então. O meu tio Nico é da máfia.

O Josh virou-se para a porta.

– Encosta. Temos de acabar. – Ele sacudiu a maçaneta como se estivesse a tentar abri-la. – Deixa-me sair.

Dei-lhe uma bofetada.

– Para com isso. Estou a falar a sério.

Voltou a virar-se para mim.

– Pensei que não tivesses mais família. Não há nenhuma menção deles em qualquer lugar nos teus perfis das redes sociais ou outros registos digitais.

Seria estranho que confissões como aquela já não me afetassem?

– Isso é porque tenho andado a ignorar a existência deles – afirmei. – O Nico é o irmão mais novo da minha mãe. Meteu-se com gente duvidosa quando era adolescente e a família praticamente o renegou. Os meus avós vieram da Sicília para cá por causa da máfia e, depois de tudo por que já tinham passado, ter um filho mafioso era uma maldição. A última vez que vi o tio Nico foi no funeral da minha mãe. Eu pensei que era a última vez que ouviria falar dele, mas ele contactou-me há alguns meses e coagiu-me a conseguir um emprego de contínuo no hospital para o Greg, o meu primo mais novo.

– Aleatório – disse o Josh.

Abanei a cabeça.

– Quem me dera. Digamos apenas que há um assistente do médico legista cujo apelido termina numa vogal, e tenho quase a certeza de que a verdadeira razão pela qual o Greg foi contratado tem algo que ver com a forma como certos corpos são tratados. Só vi o Greg uma mão-cheia de

vezes no trabalho e chegámos a um acordo tácito sobre fingir que não nos conhecemos, o que não é difícil porque só nos conhecíamos do funeral da minha mãe. E não, não o quero conhecer agora. Ele está a seguir as pisadas do pai, como todos os meus primos, e o meu emprego é demasiado importante para eu arriscar perdê-lo por causa de qualquer merda mafiosa em que ele esteja metido.

– Então porque é que os estamos a implicar agora? – perguntou-me o Josh.

Suspirei.

– Porque antes de o meu pai morrer, ele disse-me que se eu alguma vez tivesse problemas sérios, devia ir ter com o meu tio. O Nico pode ser um sacana sem alma, mas a família continua a ser importante para ele e, aparentemente, nunca deixou de se tentar reconciliar com a minha mãe e com os meus avós antes de eles morrerem.

– Se pões as coisas assim, quase me sinto mal pelo tipo – disse o Josh.

– Não devias. Ele não é boa pessoa. Talvez não seja tão mau como o Brad, mas anda lá perto. Infelizmente, acho que ele é um mal necessário neste momento. Pelo que o meu pai me disse, embora o Nico não tenha um cargo alto, desempenha uma função que faz dele, agora, a nossa melhor aposta para sair desta situação sem sermos apanhados.

– O que é que ele faz? – perguntou o Josh.

Fiz uma careta.

– É empregado de limpeza.

– Lavagem de dinheiro?

Abanei a cabeça.

– É mais higienizar cenas de crime.

– Oh.

– Sim.

– E tens a certeza de que é assim que queres lidar com a situação na nossa mala? – perguntou.

Olhei de relance para ele.

– Acho que isso depende. Que te parece cortar as impressões digitais do Brad, arrancar todos os dentes da boca dele, cortá-lo em pedaços, queimar esses pedaços e depois despejá-los todos num rio ou lago?

O Josh empalideceu.

– Parece-me que preciso de vomitar outra vez.

Assenti com a cabeça.

– Sinto o mesmo. A morte, por mim tudo bem; em relação ao desmembramento, já não tenho tanta certeza. E como somos amadores, o risco de sermos apanhados algures pelo caminho é demasiado alto. Prefiro deixar este assunto com os profissionais.

– Então considerem-me um mafioso – disse o Josh.

– Vai ter um custo – avisei-o.

Ele agarrou-me no ombro, e a vontade de me virar e de lhe encostar a bochecha à mão era demasiado forte para resistir.

Passou o polegar pelo meu pescoço.

– Sabes quanto é que vai custar? Estamos a falar de dinheiro ou de favores?

– Provavelmente favores. Só porque sou da família não quer dizer que esteja isenta de ser alvo de chantagem e coação. Provavelmente, vou ter de convencer o hospital a contratar outro mafioso ou algo do género.

Enviei-lhe um olhar apologético.

– Imagino o que hão de pedir a alguém com as tuas capacidades de *hacker*.

Ele apertou-me o ombro.

– Se isso significa ficar longe da prisão e dos *media*, farei o que eles quiserem.

Franzi o sobrolho enquanto virava à esquerda. Ele estava preocupado com os *media*? A ideia de aparecer nas notícias nem sequer me tinha ocorrido. Ainda estava demasiado preocupada com a possibilidade de ser apanhada a conduzir com um morto no carro para pensar além disso, mas talvez devesse começar. Afinal de contas, o Brad vinha de uma família abastada. Os rapazes brancos e ricos eram sempre considerados dignos de notícia. Isso deixou-me ainda mais convencida de que ir ter com o Nico era a escolha certa, apesar das consequências que daí pudessem advir.

– Nunca me deste uma resposta – disse o Josh, tirando-me dos meus pensamentos sombrios.

– Sobre o quê?

– Se és ou não minha namorada.

A minha pulsação acelerou, e o meu estômago encheu-se de borboletas.

– Estás a pedir-me para ser tua namorada? – perguntei, lançando-lhe uma olhadela.

Ele devolveu-me um sorriso selvagem, e sinceramente? Esqueci-me do corpo que estava na bagageira. Diabos, parecia que a visão daquelas covinhas estava a alterar a química do meu cérebro para que todos os meus pensamentos futuros girassem em torno deste homem.

A reação do meu corpo ao dele já era forte o suficiente, mas agora com uma cara laroca para acompanhar, estava tramada. Condenada, digo-vos. Qualquer autopreservação que me restasse tinha ido pela janela fora. Era isto que eu queria – *ele* era o que eu queria –, que se lixassem as consequências. E sim, provavelmente estava tudo a acontecer mais depressa do que o normal, mas com ele não precisava de meses para me decidir. Estas últimas semanas tinham sido suficientes para eu saber qual seria a minha resposta.

Ele fez-me sentir viva. Tirou-me do mundo cinzento em que vivia e ensinou-me a ver cores novamente. Num mar de homens que mal se esforçavam, este destacava-se por ir mais alto e além. Ele era a definição de «Se ele queria, ele fazia». Porque ele tinha feito por mim o que mais ninguém fez: ele não só me satisfazia como excedia as minhas necessidades, tanto físicas como emocionais. Mantinha-me em alerta, expectante, sem saber o que iria acontecer a seguir. E tudo isto enquanto me fazia corar e rir, muitas vezes, em simultâneo.

Claro que eu queria ser namorada dele. Raios, a partir de agora, se eu pudesse escolher, passaria todos os momentos livres em que não estivesse a trabalhar na companhia dele. Esperava que ele percebesse no que se estava a meter, porque enquanto a obsessão dele tinha começado há relativamente pouco tempo, a minha já durava há meses e, assim que lhe pusesse as garras em cima, não tencionava largar.

Ele avançou, apertando o meu espaço de uma forma que fez com que a minha respiração ficasse suspensa e os meus nervos faiscassem.

– Aly? Queres ser minha namorada? O posto vem com lanches e orgasmos e talvez um pouco de perseguição ligeira.

Esbocei um sorriso.

– Sim.

Aproximou-se e beijou-me a bochecha, e eu já não me lembrava da última vez que me sentira tão feliz. Mesmo com um corpo morto a menos de cinco metros de mim. Mesmo a caminho de pedir ajuda à última pessoa a quem eu queria pedir ajuda. O Josh distraía-me de todas as tretas horríveis e

fazia-me sentir bem. Talvez este relacionamento possa ter partido de bases questionáveis, e talvez, fora da nossa perseguição mútua, ainda tivéssemos muito a aprender um sobre o outro, mas dizer sim a ser namorada do Josh parecia a decisão mais fácil que tive de tomar em muito tempo, e não importava o que estava por vir, ou quais eram os segredos que ele ainda guardava; duvidava de que houvesse algo que me pudesse fazer arrepender.

18

Josh

— Pensei que o teu tio fosse um mafioso de baixo nível – disse.

À Aly. A minha namorada.

– Foi o que o meu pai me disse – afirmou ela ao ver através do para-brisas a grande vivenda de estilo italiano de que nos aproximávamos. – Parece que o trabalho sujo paga bem?

Eu ia fazer-lhe um trabalhinho sujo assim que ficássemos a sós. Por esta altura, o sorriso na minha cara começava a doer, mas só conseguia pensar numa coisa, e era em como acabar com isto o mais depressa possível para a poder arrastar de volta para casa e consumar a nossa relação.

Talvez pudéssemos, simplesmente, fazer marcha atrás como se o carro fosse um camião basculante, deixar o corpo na entrada da garagem e desejar boa sorte ao tio dela enquanto nos afastávamos como os malandros excitados que éramos. E sim, sentia-me à vontade para falar por nós os dois. A Aly não tinha qualquer habilidade para esconder as suas emoções, e estava a mandar-me olhares de perseguidora desde que eu tinha tirado a balaclava.

Relutantemente, afastei o meu olhar do dela e admirei o imponente portão da entrada. Estava fechado, mas havia uma pequena consola que dava acesso à portaria. Estaria alguém acordado a esta hora?

Tive a minha resposta um minuto depois, quando a Aly baixou a janela. Mal tinha estendido a mão para premir o pequeno botão vermelho de chamada, já o altifalante tinha ganho vida.

– Quem são vocês e que raio querem? – perguntou uma voz masculina áspera.

Eu sabia que o dia ainda não tinha raiado, mas mesmo assim não gostava que ele falasse com a minha namorada daquela maneira.

Lá se foi a minha boca, arqueando-se em direção ao céu, novamente, esboçando um sorriso gigante. A minha *namorada*.

A Aly inclinou-se sobre o ar frio da noite.

– Chamo-me Alyssa Cappellucci, sou sobrinha do Nico.

O portão abriu-se silenciosamente.

A Aly engrenou o carro e partilhámos um vislumbre de surpresa. Aquilo parecia demasiado fácil. Não era necessário verificar a identidade? Eles estavam à nossa espera, ou havia uma ordem permanente para deixar entrar a Aly, se ela alguma vez aparecesse? Considerando o que acabara de contar sobre como a família era importante para o tio, a última opção parecia plausível.

Foi então que me ocorreu um pensamento, e ah, foda-se – os mafiosos provavelmente gostavam mais de crimes verdadeiros do que a maioria dos comuns mortais. Tinha estado tão ocupado a planear atividades de casal nuas e divertidas que não tinha pensado em como isto poderia acontecer. E se alguém se irritasse com a minha aparência e mencionasse o meu pai? Tinha de ser eu a contar à Aly; só porque não tinha tido tempo para parar e lhe explicar tudo, não podia arriscar que ela descobrisse por outra pessoa. Ela provavelmente perderia a cabeça se isso acontecesse, e eu não a culparia.

Meti a mão no bolso da frente da minha mala e tirei de lá o meu disfarce de confiança: óculos e um bigode falso. Em minha defesa, era um bigode falso muito sofisticado e, mesmo de perto, parecia incrivelmente real, mas ainda assim parecia um rejeitado de um filme policial dos anos 80.

– Que porra estás a fazer? – perguntou-me ela enquanto eu baixava uma das palas do carro e usava o espelho para me guiar e pôr o bigode no sítio.

– Explico-te depois. Prometo – disse-lhe, ajeitando os lados com os dedos.

– És famoso ou quê?

– Ou quê – disse, virando-me para ela.

Ela olhou para mim e abanou negativamente a cabeça.

– Pareces…

Eu agitei as sobrancelhas.

– Um garanhão, verdade?

Ao passarmos pelo portão, ela desviou o olhar da entrada da garagem para a figura sombria que nos observava pela janela.

– Não devias. Essa coisa é ridícula.

Incapaz de me conter, fechei a distância entre nós e sussurrei: «E ainda assim queres montá-lo.» Para não variar, passei-lhe o dedo na concha da orelha.

Ela afastou-se, com os olhos fixos no nosso destino, as bochechas cor-de-rosa à luz do painel do carro.

– Acho que já estabelecemos que eu gosto de experimentar tudo, pelo menos uma vez na vida.

Endireitei-me no meu assento, tentando lembrar à minha pila que estávamos prestes a conhecer um mafioso famoso, e fazê-lo com uma ereção completa não era o ideal. Infelizmente, só conseguia imaginar estar deitado de costas com a Aly a cavalgar-me a cara. Precisava de uma distração.

E o cadáver na bagageira?

Ah, pois. Eu tinha acabado de matar um homem. E apesar de a Aly ter feito um ótimo trabalho ao desarmar a minha lógica e usá-la contra mim, parte de mim ainda se perguntava até que ponto a morte do Brad tinha sido «acidental».

Não me lembrava do momento em que lhe tapara a boca. Sim, eu sabia que o tinha amordaçado com fita adesiva, mas na altura, meio entusiasmado, meio aterrorizado com o que estávamos prestes a fazer, acabei por me distrair com algo que a Aly disse. Teria sido apenas desleixo? Ou alguma parte do meu subconsciente tinha agido por impulso e posto intencionalmente a fita adesiva naquele lugar? O facto de não ter a certeza e de provavelmente nunca vir a ter iria assombrar-me para o resto da vida.

Ajeitei os óculos ao atravessarmos a entrada larga e circular. Esta parte era calcetada a tijolo vermelho. A manutenção deve ser um pesadelo. As nossas primaveras eram estranhas e o ciclo de congelamento/descongelamento causava estragos em estradas por toda a cidade, movendo-as e entortando-as. Eu só podia imaginar o impacto que isso teria sobre estes tijolos bem compactados.

Quando a Aly abrandou, abriu-se um dos grandes compartimentos da garagem para cinco carros, revelando um homem com um roupão de flanela azul. Tio Nico? Ele fez-nos sinal para entrarmos, recuando para que a Aly tivesse espaço para estacionar. Isso posicionou-o do meu lado do carro, e eu tentei não ficar pasmado a olhar para ele enquanto estacionávamos. Ele não

parecia um mafioso sem alma. O homem tinha talvez um metro e setenta de altura, era magro e de ar modesto. O seu cabelo era cinzento como o sal e a pimenta, a sua pele tinha um tom de azeitona mais escuro do que o da Aly, e o seu nariz era só um nadinha grande demais para o seu rosto.

A Aly estacionou o carro e virou-se para mim.

– Estás pronto?

Encolhi os ombros.

– Nem por isso, mas que escolha é que temos?

Ela abanou negativamente a cabeça.

– Nenhuma. Vamos a isto.

Juntos, saímos do carro.

O Nico ainda estava do meu lado e, por isso, quando me levantei completamente e atingi a minha altura máxima, ergui-me como uma torre sobre ele.

Ele olhou para mim, com as sobrancelhas levantadas.

– Que lindo bigode, ó Zé Porno.

Ótimo. A esperteza saloia fazia parte da família.

Uma réplica assassina estava-me na ponta da língua, mas contive-a. Trocar insultos não era a melhor forma de me aproximar deste homem e, graças ao corpo na bagageira, ele tinha muito poder sobre mim. Era melhor não começar por o irritar logo à partida.

Estendi a minha mão.

– Quase. Chamo-me Josh.

Ele bufou, mas deslizou a sua palma até à minha, dando-me um aperto surpreendentemente forte.

– É pena. O nome Josh não tem a mesma musicalidade. Sou o Nico.

Assenti com a cabeça enquanto nos soltávamos um do outro.

– És italiano? – perguntou-me ele, fitando-me.

– Sim, um quarto. A minha mãe é italiana e argelina.

Ele olhou-me de novo.

– Pensei que talvez tivesses um pouco…

– Não digas nada racista.

A Aly interrompeu-o, contornando o capô do carro.

O Nico virou-se para ela com os braços abertos e um sorriso largo que parecia genuíno.

– Nunca o faria.

A Aly olhou-me de relance, claramente desconfortável com a familiaridade de Nico e com a conversa que ela tinha interrompido, mas entrou no seu abraço na mesma, inclinando-se ligeiramente para o abraçar.

– Obrigada por nos deixarem entrar. Eu odeio fazer isto, mas nós temos um pouco de…

– EH! – latiu o Nico. – Aqui fora não.

Ele afastou-se para ir fechar a garagem. Depois fez-nos sinal na direção de uma porta lateral.

Ela dava acesso a um *hall* de entrada funcional, mas ainda assim opulento, com chão em mármore e, ao canto, o que parecia ser um *spa* completo para cães.

O Nico apontou para os nossos pés.

– Descalcem-se – disse ele. – A Moira dá-me cabo da cabeça se vierem para aqui deixar marcas dessas.

Olhei para baixo. Os meus sapatos assim como as minhas calças de ganga estavam todos cobertos de lama, de quando vomitei nos arbustos. A casa estava quente, por isso, quando acabei de descalçar os sapatos, despi o meu casaco de inverno e pendurei-o ao lado do da Aly num mancebo junto à porta.

O Nico conduziu-nos pelo *hall* até uma cozinha muito bem ornamentada, claramente desenhada e equipada por e para profissionais.

– Café? Vinho?

– Café seria maravilhoso – disse a Aly.

Espreguicei-me enquanto tentava assimilar tudo. As luzes do teto eram suficientemente brilhantes para fazerem reluzir todo o mármore e vidro. Parecia que o Palácio de Versalhes tinha vomitado ali dentro. Era tudo creme ou bege, e eu não conseguia perceber porque é que o mosaico da bancada estava cheio de pessoas nuas. Parecia ser um desenho italiano antigo, mas algumas das peças estavam um tanto desalinhadas, pelo que o braço de uma pessoa estava muito mais baixo do que o da outra e a pila de outra estava separada do corpo por um espaço de azulejo vazio. Parecia que estava a flutuar por si só. Como uma pila-fantasma no meio de uma festa.

Oh, meu Deus. Não te rias, pensei, puxando os olhos para cima. Infelizmente, o meu olhar pousou no lustre espelhado, e a reflexão das luzes fluorescentes quase me cegou. Qual era aquela frase sobre o dinheiro não poder comprar bom gosto?

A Aly deu-me uma cotovelada.

– Queres café ou algo mais forte?

– Oh – disse, baixando a minha atenção para o tio dela. – Café, por favor.

A ideia de alimentar um estômago já azedo com vinho era estapafúrdia, mas achei que um pouco de cafeína me faria bem, uma vez que mal tinha tocado na chávena que a Aly me tinha preparado.

O Nico dirigiu-se a uma elegante máquina em aço, branca e com demasiados botões.

– Então, o que te traz aqui tão cedo?

– Matámos uma pessoa – disse ela.

Virei-me para ela com os olhos arregalados. Ela fez-me uma expressão de «O que foi?»

– Não querias ir devagar?

Ela encolheu os ombros.

– Devo ter faltado às aulas no dia em que nos ensinaram de que forma devemos contar às pessoas que temos um cadáver na mala do carro.

O Nico virou-se para trás.

– Trouxeste um maldito cadáver cá para casa?

A Aly virou-se para ele.

– Sim? O meu pai disse-me para vir aqui se alguma vez estivesse em apuros.

– Foda-se! – bradou o Nico. – Posso ter agentes federais a vigiar-me. Não me podem trazer cadáveres como se eu fosse a morgue.

– Ei – disse, pondo-me à frente da Aly. Ele podia ser tio dela, mas ouvi-lo falar com ela naquele tom foi o suficiente para me fazer duvidar se me importava ou não em causar boa impressão. – Ela não sabia.

O Nico levantou as mãos.

– Diz isso à bófia! – Ele girou em torno de si, gritando enquanto saía da sala. – Greg! Stefan! Alec! Júnior! Levantem os vossos rabos! Temos um problema!

A Aly aproximou-se de mim e eu meti um braço à volta do seu ombro, olhando para baixo para a ver com um ar desgostoso.

– Ups? – disse ela.

Apertei-a com força.

– O que é que era suposto fazermos? Ligar-lhe a avisar, e por acréscimo aos agentes federais que podem muito bem ter posto o telefone dele sob escuta?

Passos trovejaram por cima de nós à medida que os gritos do Nico, ao dar o alarme, despertavam toda a gente. Alguém começou a descer as escadas a correr, e nós virámo-nos para o som quando vimos surgir um jovem, ainda com uma *T-shirt* cinzenta vestida. Tinha talvez a altura da Aly, 1,70 m, cabelo escuro e uma estrutura muito fina. Apesar da cara de bebé e das sardas, algo na dureza dos seus olhos me fez pensar que ele era mais velho do que o que parecia.

– Chaves! – gritou ele, apontando para a Aly.

– Olá, Greg. Também é bom ver-te – resmungou ela, procurando-as na mala.

Então este é que era o Greg. Olhei para o seu primo mais novo. Talvez ele fosse exatamente tão velho quanto parecia, e a dureza vinha do que ele já tinha feito pelo pai. Deus sabia que eu compreendia a forma como os pais podiam envelhecer os filhos prematuramente.

– Vamos lá – disse ele. – Temos de ir.

A Aly estendeu-lhe as chaves.

– O que queres dizer com nós?

O Greg abanou negativamente a cabeça.

– Fica com elas. Tu entraste com o carro. Tens de voltar a sair.

Ele virou-se para mim.

– Onde está o teu casaco?

– No *hall* de entrada – disse-lhe automaticamente.

Ele acenou com a cabeça e fez um gesto na direção da prima.

– Vamos dar o baza.

A Aly, hesitante, deu um passo em frente, afastando-se do meu abraço.

– E o Josh?

Os olhos do Greg saltaram para os meus.

– Eu vou fingir que sou ele para que quem estiver a ver não suspeite, e ele vai ficar aqui e vai contar tudo ao meu pai.

– Hum-hum – disse a Aly. – Ele não se vai separar de mim.

– Ele vai ficar bem – assegurou o Greg. – Achas que o meu pai quer ficar na tua lista negra por se meter com o teu *toy boy*? – Voltou a lançar-me

um olhar, observando-me de alto a baixo. – Além disso, parece que ele sabe cuidar de si próprio. Agora, mexe-te, Aly. Não temos muito tempo.

Ela virou-se para mim, com uma expressão preocupada.

Aproximei-me e beijei-lhe a testa antes de levantar os olhos para o Greg.

– Percebo que estejas com pressa, mas tenho de saber qual é o teu plano.

Ele caminhava pé ante pé, falando tão depressa que quase tropeçava nas palavras.

– Vamos até um sítio seguro onde alguém irá livrar-se do corpo.

– E se os bófias vos seguirem? – questionei.

– Despistamo-los.

Fiquei a olhar para ele durante um longo momento. Céus, ele era apenas um miúdo, mal tinha acabado o liceu.

– Não deixes que nada aconteça à tua prima.

– Não te preocupes – disse ele, dando um passo em direção à porta, como se estivesse a convidar a Aly a agir.

Olhei para ela.

– Eu fico bem. E tu?

As sobrancelhas dela juntaram-se e ela franziu o sobrolho.

– Espero que sim. Mas não estou a gostar disto.

– Eu também não, mas eles são os especialistas e temos de confiar que eles sabem o que é melhor.

O Greg estalou os dedos.

– Não temos tempo para um adeus lamechas, Aly. *Bora lá*.

A irritação aflorou-lhe o rosto ao mesmo tempo que ela virou costas e partiu.

– Estou a ir. Céus, acalma-te.

Encontrei os olhos do Greg por cima da cabeça da Aly e enviei-lhe um aviso leve, tinha o estômago a revirar-se de raiva. O meu pai costumava zangar-se com a minha mãe, e isso era um grande problema para mim.

– Não voltes a fazer isso.

Não tenho a certeza de como estava a minha cara, mas foi o suficiente para fazer o filho de um afamado mafioso dar um passo atrás.

– Desculpa – disse ele.

Inclinei a cabeça em direção à minha namorada.

– É a ela que deves desculpas.

Ele olhou para a Aly.

– Desculpa. Agora, podemos ir antes que o meu pai…

O Nico entrou na sala por uma porta lateral.

– Que raio ainda estão vocês os dois aqui a fazer? *Andate, idioti!*

O Greg, obviamente com mais medo da ira do pai do que da minha, agarrou no pulso da Aly e puxou-a rumo ao *hall* de entrada. A meio do caminho, ela soltou-se dele e ameaçou-o com danos corporais caso ele lhe voltasse a tocar.

Lançou-me um último olhar antes de se ir embora.

– Tem cuidado.

As palavras eram um aviso. Tem cuidado, ou então. Forcei um sorriso tranquilizador e assenti com a cabeça.

– Tu também.

O Greg disse qualquer coisa acutilante do outro lado da porta, e a Aly saiu e fechou-a ao som de uma discussão que parecia interminável. Um ronco ao longe indicou-me que a garagem se abria novamente.

E depois fiquei sozinho com o tio mafioso da Aly.

Virei-me para ele, desconfiado, mas ele já estava a sair da sala outra vez, de cabeça virada para o teto gritando com os restantes filhos, ordenando que se despachassem. Em breve, mais três homens entraram na sala, com idades compreendidas entre os vinte e os vinte e poucos anos. Pareciam-se com o Greg, só que mais fortes.

O Nico voltou à máquina de café e começou a carregar nos botões.

– O que aconteceu? – atirou por cima do ombro e, de repente, eu era o centro das atenções.

Odiava ser o centro das atenções. Dava-me vontade de me fechar em mim mesmo, de me esconder, mas a Aly estava a contar comigo, por isso tinha de me manter firme por ela.

– Primeiro, onde é que o Greg e a Aly vão exatamente? – perguntei.

– De volta à cidade, para uma oficina de reparação de automóveis que nós gerimos – disse o Nico enquanto a máquina de café trabalhava. – O nosso homem vai limpar o teu carro enquanto outros dois vão tratar do que está na mala.

– E achas que o Greg e a Aly vão ficar bem?

Ele acenou com a cabeça, de costas para mim.

– O Greg sabe o que está a fazer. É um dos nossos melhores condutores, e se alguém decidir intrometer-se, ele tem outras pessoas na estrada com ele prontas para intervirem.

Soltei um suspiro profundo, estava agora mais nervoso pela Aly do que antes, porque finalmente percebi que a minha namorada estava prestes a voltar à estrada e a conduzir pela cidade com um cadáver na mala. Foda-se, devia ter argumentado mais ou encontrado algum outro plano que não implicasse ela correr tamanho risco, mas aconteceu tudo tão rápido.

– Ainda estás connosco, Zé? – perguntou o Nico.

Levantei o olhar do chão e dei com ele a olhar para mim, de braços cruzados em frente ao peito.

– É Josh – disse-lhe. – Diga-me que ela vai ficar bem.

Pensei que a minha demora em começar a falar o ia irritar, mas ele apenas sorriu.

– Gostas mesmo da minha sobrinha, não é?

Assenti com a cabeça, olhando em volta para ver os quatro homens a olharem para mim da mesma forma especulativa. Porque é que de repente isto me parecia uma armadilha?

– E és tu o responsável pelo corpo na bagageira, verdade? – perguntou o Nico.

Acenei de novo com a cabeça e os homens à minha volta ficaram tensos. Ocorreu-me então que a ideia de a Aly namorar com um assassino poderia não ser bem recebida pelos seus familiares masculinos.

– Então tens de me contar o que aconteceu – disse o Nico, e eu tinha a sensação de que se ele não gostasse da minha história, nem mesmo a promessa do Greg à Aly de que eu ficaria bem me manteria vivo.

– Um violador e provável assassino chamado Brad Bluhm esteve no hospital há duas noites – disse. – Ele e a Aly tiveram uma discussão verbal e ela insultou-o. Hoje, no início da noite, ele tentou invadir a casa dela.

A sala encheu-se de grunhidos ruidosos de homens zangados, e eu comecei a sentir-me um pouco mais seguro, agora que tínhamos em comum um ódio mútuo pelo Brad.

Os olhos escuros de Nico ardiam de raiva.

– Porque é que ele estava lá?

– Ele trazia na mochila um *kit* de assassino – disse-lhes, sem me dar ao trabalho de elaborar, uma vez que eles provavelmente sabiam o que era. –

Dominámo-lo, amarrámo-lo e planeámos deixá-lo no alpendre traseiro da casa de família da sua última vítima, mas ele morreu pelo caminho. A Aly disse que devíamos vir até aqui, e assim fizemos. O telemóvel do Brad ainda está em casa, e ele desligou o localizador GPS do carro, por isso não sei onde está, mas acho que algures perto da casa da Aly.

– Como é que sabes isso? – perguntou o Nico.

Foda-se. Nesta fui direto.

– Sou *hacker*.

Um dos primos da Aly inclinou-se para a frente, atraindo o meu olhar.

– Qual é o modelo e a marca do carro do Bluhm?

Eu disse-lhe.

O Nico estalou os dedos em direção ao filho que tinha falado, e eu tentei não ranger os dentes. Devia ser uma coisa de família.

– Liga ao Jimmy – disse o Nico. – Diz-lhe que mande já os homens dele para o local, e que não se vá embora até encontrar o tal carro e o tirar de lá.

O filho acenou com a cabeça e afastou-se, dirigindo-se para a porta.

O Nico virou-se para outro.

– A casa dela precisa de ser limpa. Pede à Aly e ao Greg para irem lá ter quando acabarem com o carro do Josh, para que ela possa ir buscar o gato e as coisas dela antes de começares.

Esse filho dirigiu-se para a porta a seguir, deixando-me apenas a mim, ao Nico e ao filho mais velho do Nico – o Júnior? – à volta da ilha.

O patriarca da família olhou para mim.

– Que mais?

– Tudo o que o Brad soube sobre a Aly no hospital foi o seu primeiro nome, por isso deve ter feito alguma pesquisa para a encontrar – disse-lhe. – Preocupa-me que o telemóvel ou um computador dele possam levar a polícia diretamente à Aly quando ele for dado como desaparecido.

O Nico virou-se para o Júnior.

– Vai a casa do Vinny e diz-lhe que precisas de uma equipa inteira na casa do Bluhm.

– Ele vem de uma família bilionária – avisei-os. – Provavelmente terá câmaras de segurança e alarmes e…

O Nico levantou a mão, silenciando-me.

– Com todo o respeito, mas esta não é a nossa primeira tourada.

– Vais roubar o computador ou pirateá-lo?

O Nico olhou para o filho mais velho.

O Júnior encontrou-me com o seu olhar, um olhar ainda mais duro do que o do Greg.

– Isto tem de ser um assalto, porque não temos tempo para nos prepararmos. Vamos roubá-lo.

Abanei a cabeça.

– Isso é demasiado suspeito. Leva-me contigo, e eu pirateio-o.

As suas sobrancelhas ergueram-se enquanto me olhava.

– Tens a certeza?

Soltei um suspiro.

– Sim. É a minha profissão, consigo entrar e limpar o disco do Brad em menos de dez minutos sem deixar rastos digitais.

O Júnior virou-se para o pai, com as sobrancelhas levantadas em jeito de pergunta.

O Nico levantou as mãos e voltou-se para a máquina de café.

– Vou ter de refazer isto tudo num copo para levar.

***

Quarenta minutos depois, continuava vivo, tendo passado o estranho teste que o Nico me tinha feito na cozinha, e estava agora sentado na traseira de uma carrinha, a beber um *macchiato* bem quentinho de um copo térmico. Os lados do veículo tinham as marcas da companhia de eletricidade local. Não conseguia perceber se era roubada, se era uma boa cópia ou, na pior das hipóteses, se pertencia de facto à tal empresa de eletricidade que, por sua vez, era controlada pela máfia.

Fiz uma anotação mental para deixar de mexer no sistema deles sempre que quisesse invadir a casa da minha namorada. Já ia ficar a dever um favor à máfia por causa disto; não havia necessidade de pintar um alvo ainda maior nas minhas costas.

– Gostas do café? – perguntou o Júnior.

Ele estava sentado à minha frente, num banco, com dois homens muito maiores a quem eu não tinha sido apresentado – provavelmente era melhor assim. Havia mais dois de cada um dos meus lados e, no início, pensei que

fossem *a minha* equipa de limpeza até começarem a falar de logística sobre o que estávamos prestes a fazer.

– O café é excelente – disse.

O Júnior acenou com a cabeça.

– Não te esqueças de dizer isso ao meu pai se quiseres cair nas suas boas graças. Ele é muito vaidoso em relação aos seus dotes de barista.

Franziu o sobrolho e virou-se para o homem à sua direita.

– Ou baristo? Será um termo com género?

– Não faço ideia – resmungou o tipo.

O meu telemóvel tocou no meu bolso, e eu recuei para trás no banco para o pescar. Assim que li a mensagem da Aly, soltei um suspiro de alívio.

– Eles chegaram em segurança à garagem.

– Demoraram muito tempo – murmurou o Júnior.

Onde é que tu estás?, perguntou a Aly.

A fazer merdas de agente secreto, respondi-lhe.

O que é que queres dizer com isso? Já não estás em casa dele?

Mulher inteligente, a ser vaga nos pormenores.

Não. Viemos dar um passeio, disse eu.

O que é que queres dizer com isso? Já estás a fazer alguma coisa por ele?

Talvez, respondi.

O QUE É QUE QUERES DIZER COM ISSO?

Enviei-lhe três *emojis* a rir.

Josh, agora estou a falar a sério. Não faças nada por ele. É assim que eles te apanham.

Ela provavelmente tinha razão, mas agora já não havia maneira de desistir. Não quando a alternativa era sermos alvo de suspeitas policiais, caso as coisas do Brad desaparecessem com ele.

Respirei fundo e mandei-lhe uma mensagem de volta. *Eu fico bem, prometo. Mas isto tem de ser feito. Por favor, confia em mim.*

Acho que sabes o quanto confio em ti, disse ela, e não, não precisava de me relembrar de como ela tinha usado de bom grado a minha mão como um colar, pelo menos enquanto estava enfiado numa carrinha com outros sete homens.

Eu não confio é nos outros, disse ela. *Se te acontecer alguma coisa, vou ter de implementar a tática da terra queimada. Avisa lá os idiotas dos meus*

primos e todos com quem estejas.

Olhei para cima e vi o Júnior a observar-me.

– Sim? – disse ele.

– A Aly quer que eu passe um aviso.

Ele ergueu as sobrancelhas e inclinou a cabeça, à espera.

– Ela disse para se certificarem de que eu chegava a casa em segurança – respondi.

Ele bufou.

– Já sabia que era algo tipo mãezinha. Sabes, para alguém que não está no negócio da família, ela até partilha bastantes das nossas características.

O tipo ao lado do Júnior deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

– Se calhar é genético.

O Júnior virou-se lentamente para ele.

– O que é que estás a dizer? Que todos os italianos estão destinados a fazer parte da máfia?

– Não – disse o tipo, retirando o que disse. – Porque isso é racista, Phil.

Baixei a cabeça e voltei a concentrar-me no meu telemóvel. Não. Não vou contribuir para a discussão.

Já lhes disse, afirmei. *Decerto gostarás de saber que ele ficou abalado.*

Impressionante, retorquiu. *Poucas pessoas conhecem este termo arcaico em inglês.*

Eu sorri. Agora que a Aly deixara de fingir que estava aborrecida com as minhas provocações, começava a devolver-mas, e eu gostava disso. Muito mesmo.

Enfiei uma chave na tua mala, disse-lhe. *É a chave da minha casa. Se quiseres instalar-te a ti e ao Escolhido, posso ir ter convosco assim que terminar aqui.*

E o Tyler?, perguntou ela. *Não vai ser estranho?*

Pisquei os olhos. Pois é. De alguma forma, tinha-me esquecido dele e do facto de ele e a Aly terem estado juntos. O meu cérebro provavelmente tinha recalcado a informação para me proteger, mas agora parecia ser desnecessário. Eles nunca tiveram algo sério, e eu sabia que ambos já não nutriam sentimentos um pelo outro, por isso não havia necessidade de me sentir ameaçado nem inseguro.

Mandei uma mensagem ao meu colega de quarto. *Lembras-te de quando concordei em ajudar a Aly?*

Pouco passava das cinco da manhã, mas o Tyler levantava-se cedo e, mesmo aos fins de semana, tinha dificuldade em dormir até tarde. A sua resposta foi quase imediata.

Por favor, diz-me que se deram bem, disse ele.

Sorri. Tinha tido sorte no departamento dos melhores amigos.

Apareceu um pequeno balão, dizendo-me que ele estava a escrever. Um segundo depois, chegou outra mensagem. *Porque tens andado mais assustador do que o normal ultimamente, e eu estava a começar a pensar que tinha de chamar a Maria e o Rob para mais uma intervenção.*

E, de repente, ele conseguiu estragar tudo.

Não é preciso implicar os meus pais, disse-lhe. *Pedi a Aly em namoro.*

Parabéns! O Tyler mandou uma mensagem. *Espera, ela disse que sim, certo?*

Disse. Importas-te que ela vá aí a casa?

Sem problema, afirmou ele. *E tu, não vais estar aqui com ela?*

Não, disse-lhe. *Tenho de ir tratar de uma coisa e volto daqui a uma ou duas horas. A casa dela precisa de ser fumigada, por isso leva o gato com ela.*

Ótimo. Aquele merdinhas odeia-me.

O meu sorriso voltou. Nunca esqueceria o quão especial me fazia sentir o facto de ser um dos dois únicos humanos que o *Fred* tolerava. *Como te atreves a impugnar o bom nome do meu filho?*

Teu filho?

Sim. Sir Frederick Cappellucci-Hammond, o primogénito da família.

O Tyler mandou-me um *emoji* de olhos a rolar. *Graças a Deus que há uma mulher na tua vida para me retirar o peso de algumas das tuas esquisitices das mãos.*

Ao contrário da Aly, o Tyler não parecia apreciar o meu tipo particular de humor.

Agradeço-te muito, disse-lhe. *Ela deve estar a chegar. Dei-lhe uma chave para que ela pudesse entrar.*

Uaauuuu. Uma chave já? Entraste a pés juntos. Ela já sabe do teu pai?

O meu sorriso desvaneceu-se quando uma nova onda de culpa se apoderou de mim. *Ainda não. Ela sabe que a minha infância foi dura, mas não sabe a extensão total desta. Tenciono contar-lhe quando chegar a casa.*

Avisa-me se me quiseres lá para te ajudar a explicar tudo, disse ele.

Acho que fico bem sozinho, mas obrigado.

Mudei para a janela de texto da Aly. *Ele não se importa.*

Tens a certeza?, perguntou ela. *Isto vai parecer horrível, mas até agora nem sequer parei para pensar no que ele poderia sentir em relação a nós.*

Ah! Eu fiz a mesma coisa. A culpa é tua.

Minha?!, escreveu ela de volta. *Como é que isto é culpa minha?*

Oh, eu acho que tu sabes, disse-lhe. *E não te preocupes. Ele só está feliz por eu estar feliz.*

Eu também estou feliz por estares feliz, escreveu ela.

A carrinha deu um solavanco para a frente como se o condutor tivesse pisado no acelerador. O telemóvel voou-me da mão e eu tive de me agarrar ao banco para não me juntar a ele e ir parar ao chão.

O Júnior bateu no tipo ao seu lado e olhou para o lugar do condutor.

– Mas que raio, Vinny?

– O raio da polícia está na casa do Bluhm! – gritou ele.

O Júnior praguejou.

– Abranda. Passar a alta velocidade vai parecer suspeito.

– Tenho vários mandados de captura contra mim – disse o Vinny, com a voz embargada pelo pânico.

O Júnior levantou-se do lugar, retirando uma arma do interior do seu casaco. Ajoelhou-se atrás do Vinny e encostou o cano pressionando-o contra um dos lados do homem. O som do clique da alavanca de segurança ecoou pela cabina.

– Devagar. Caralho. Devagarinho – disse o Júnior.

O Vinny aliviou o pé do acelerador e um coro de exalações de alívio ergueu-se à minha volta. Meu Deus, aquilo foi tenso.

O Júnior virou-se e fitou-me prolongadamente.

– Como é que eles já estão aqui?

Todos os olhares na traseira da carrinha se voltaram para mim como se eu tivesse todas as respostas, mas tudo o que consegui fazer foi encolher os ombros.

– Não faço ideia.

O Júnior tirou a arma do flanco do Vinny e recostou-se no banco à minha frente. Inclinou-se, com os cotovelos nos joelhos, e fixou-me com o olhar.

– Começa do princípio e conta-me tudo o que aconteceu. Vocês devem ter-se enganado nalgum sítio.

Apanhei o meu telemóvel do chão.

– Deixa-me só dizer à Aly para ter cuidado.

O Júnior chutou o telefone para fora do meu alcance e apontou-me a arma.

– A Aly vai ficar bem. Tens de te preocupar contigo agora. Começa a falar, menino bonito.

Oh, foda-se.

19

Aly

Tinha acordado nem há seis horas, e já estava exausta. Acho que ver a minha casa ser assaltada, ajudar a raptar e a matar um violador, transportar o seu corpo por metade do estado, levar com gritos de um mafioso, conduzir de volta à cidade absorta pelo terror absoluto de estar a ser seguida, e depois esperar duas horas numa oficina fria enquanto o carro do meu namorado era repetidamente limpo por um homem negro de meia-idade chamado Lucius fazia isso a uma mulher.

E não, o Lucius não apreciou que lhe perguntasse se tinha recentemente aprendido algum feitiço novo e divertido.

Continuava a não estar convencida de que ele não era um feiticeiro. O facto de ele ter passado a última hora e meia a tentar incendiar-me com os olhos era muito suspeito. A não ser que ele já tivesse ouvido esta piada antes, e nesse caso… é justo.

Um grunhido veio do banco de trás do carro do Josh.

– Eu sei, compincha – disse ao *Fred*. – Aguenta só mais uns minutos. Estamos quase a chegar a casa do papá.

Ótimo, agora falava como o Josh.

Verifiquei o meu retrovisor pelo que me pareceu ser a centésima vez. Tinha ordenado ao Greg que não me seguisse quando nos separámos na minha casa, mas desconfiava de que o merdinhas me pudesse mentir. O Josh já estava a dever um favor ao meu tio; a última coisa que queria era conduzir o Nico ao apartamento do Josh. Embora, se o Josh continuasse desaparecido por muito mais tempo, talvez eu me zangasse o suficiente para mudar de ideias.

O semáforo à minha frente ficou vermelho, e abrandei até parar atrás de uma fila de carros, aproveitando a oportunidade para verificar o meu telemóvel. Novamente. Ainda nada do Josh ou de qualquer um dos meus

familiares homens, apesar das minhas mensagens cada vez mais ameaçadoras para estes últimos. Se eles magoassem o meu namorado, que Deus me ajudasse, eu ia passar o resto da minha vida a fazê-los arrependerem-se. Seria uma campanha ininterrupta de terror. Restos de animais mortos nos carros deles. Tachas afiadas dentro dos sapatos. *Pizzas* aleatórias entregues na casa deles, com notas a dizer que foram enviadas pela bófia.

Nunca mais teriam paz.

Desde que o Josh deixou de me enviar mensagens, rezava para que estivesse mesmo a ser vítima de *ghosting* e não tivesse acontecido nada de terrível. A última coisa que lhe disse foi que estava feliz por ele estar feliz. Se ele fosse outro homem qualquer, eu teria entrado numa espiral de culpabilização, pensando que o tinha afastado por ter sido tão romântica, tão cedo, mas era do Josh que estávamos a falar. Ele viu com alegria o meu «demasiado cedo» e presenteou-me com o «agora partilhamos um filho».

O que significava que provavelmente algo tinha corrido mal. Foda-se.

Infelizmente, não havia muito que eu pudesse fazer. Tinha o *Fred* comigo e se as suas miadelas cada vez mais lamuriosas queriam dizer algo, era que ele precisava de uma caixa de areia, agora. Mesmo depois de o ter instalado na casa do Josh, não o podia deixar lá e regressar até à casa do meu tio. O Greg disse-me para não dar nas vistas por uns tempos, o que significava ficar longe de qualquer membro da minha família que atraísse a bófia.

Ter ido ter com eles seria, claramente, um erro. O Josh e eu devíamos ter corrido o risco de ter eliminado o corpo do Brad por nós próprios e lidado com as consequências mais tarde, em sessões de terapia. Ou, pelo menos, eu devia tê-lo feito. Porque, depois da reação inicial do Josh ao corpo do Brad, saltar diretamente dali para o desmembramento teria sido, provavelmente, um passo demasiado grande para ele.

O semáforo ficou verde.

– Concentra-te – disse a mim própria, tirando o pé do travão.

O Greg deu-me uma lista de instruções que eu ainda tinha de seguir, incluindo esfregar-me no duche e raspar as unhas e a pele debaixo dos dedos das mãos e dos pés. Tinha-me mudado em casa, entregando as minhas roupas e sapatos sujos a um tipo chamado Guido, sem o sutiã e a

roupa interior porque, blehc, não. Não ia dar as minhas roupas íntimas a um mafioso velho e nojento.

Os telemóveis pelos quais eu e o Josh tínhamos estado a enviar mensagens de texto foram queimados. Ele tinha um de reserva para mim, «por precaução», e sim, eu tinha-o olhado de lado por causa dessa afirmação. Tínhamos deixado os nossos verdadeiros na minha casa, por isso, se os nossos registos telefónicos alguma vez fossem verificados, mostrariam que passámos lá a noite toda. Tinha-os comigo agora, juntamente com o portátil do Josh e dois sacos cheios com as minhas coisas e as do *Fred*.

Outro grito ecoou no carro, mais alto e mais longo do que o anterior.

– Cruza as pernas ou assim – disse eu ao *Fred*. – Estamos quase a chegar.

Um segundo depois, apercebi-me de que não era ele, mas sim uma sirene.

O couro que cobria o volante rangia quando eu o agarrava com a mão. Um olhar no meu retrovisor revelou um carro da polícia a subir a rua atrás de mim, com as luzes a piscar. O meu coração bateu-me nas costelas enquanto eu lentamente conduzia o carro para a berma da estrada, juntamente com todos os outros.

Por favor, não venhas atrás de mim, rezei.

O polícia abrandou ao lado do meu carro e eu comecei a entrar em pânico antes de me aperceber de que estávamos a chegar a um cruzamento e que provavelmente abrandaram para poderem verificar se vinha alguém na nossa direção. Virei a cara para o lado enquanto eles passavam devagar e voltavam a acelerar do outro lado do cruzamento.

– C’um caraças – sussurrei, deixando cair a testa no volante.

Não. Não fui talhada para a vida do crime. Sangue e tripas, eu conseguia aguentar. Preocupar-me constantemente com a possibilidade de ser presa? Impossível.

Alguém atrás de mim buzinou e eu ergui a cabeça. Agora não era altura para ter um esgotamento.

Acenei à pessoa e continuei a conduzir, com cuidado para me manter abaixo do limite de velocidade. Sim, o carro estava limpo e não, não havia nenhuma razão para a polícia andar atrás de mim tão cedo, mas dizer isso a mim própria não apagava magicamente a minha paranoia. Tinha a sensação

de que passariam semanas, se não meses, antes de poder voltar a relaxar completamente. O que aconteceria ao corpo do Brad? Será que o Lucius era de confiança? Ele tinha visto a minha cara. Podia identificar-me à polícia se fosse interrogado.

Raios partam, tinha de o irritar com aquela piada. Talvez pudesse enviar-lhe flores ou um novo conjunto de chaves inglesas como pedido de desculpa e voltar a cair nas suas boas graças.

Cinco minutos mais tarde, entrei no parque de estacionamento do Josh e do Tyler e fui para o lugar de convidado, ao lado do jipe do Tyler. O *Fred* não parava de miar, por isso passei a alça do seu saco de transporte por cima do ombro e peguei na caixa de areia antes de subir. Tinha o código de entrada, mas toquei à campainha para entrar, avisando o Tyler de que estava ali. Seria muito estranho entrar e apanhá-lo desprevenido, apesar de o Josh me ter dito que ele estava bem com isso.

– Olá, Aly – a voz dele soou pelo altifalante antes de me deixar entrar.

Alguns minutos mais tarde, ele encontrou-se comigo à porta, segurando-a aberta.

– Bem, olá.

O seu cabelo louro-escuro estava molhado, como se tivesse acabado de sair do duche, e ficava-lhe bem afastado do rosto. Era mais baixo do que o Josh, talvez um metro e oitenta, e igualmente musculado, embora parecesse mais musculado, sem tatuagens a adornar o seu físico. Não havia dúvida de que ele era bonito, mas não se comparava ao colega de quarto, nem na aparência nem na personalidade, e quando entrei não senti nada por ele.

– Desculpa – disse por cima do ombro, dirigindo-me para o quarto do Josh. – Emergência na casa de banho do gato.

Ao entrar no quarto, nem sequer reparei em nada, estava demasiado concentrada em montar a caixa de areia e soltar o *Fred* do saco de transporte. Uma vez livre, ele correu diretamente para a caixa e juro que ouvi um suspiro audível de gatinho antes de começar a urinar. Coitadinho.

Levantei a cabeça e… Oh, raios. Aqui estava eu. No cenário de todos os meus vídeos favoritos. Ali estava o sofá ao longo da parede mais distante. À minha direita estava uma cama enorme, apedrejada com furos para jogos de *bondage*. Em frente estava o grande parapeito das janelas pelas quais o Josh olhava fingindo-se melancólico.

Fiquei instantânea e dolorosamente excitada. A parte reptiliana do meu cérebro esperava que eu me virasse e encontrasse o Homem Sem Rosto mesmo atrás de mim, à minha espera, com o peito a arfar e coberto de sangue, e, meu Deus, esperava que o Josh chegasse depressa a casa. Nunca na minha vida tinha estado tão pronta para sexo atlético e pervertido.

Claro que foi nessa altura que o Tyler bateu à porta entreaberta.

– Queres café ou alguma coisa?

Fiz uma careta, ainda bem que estava de costas para ele, para que não visse a minha expressão e não percebesse.

– Um café parece-me bem, obrigada – disse, com a minha voz duas oitavas mais alta do que o habitual.

Tão awkwaaard.

Esperei até o ouvir afastar-se antes de me virar. O *Fred* era muito bem-comportado, mas não sabia como é que o Tyler se sentiria com o facto de ele ter rédea solta no apartamento, por isso fechei a porta do quarto do Josh atrás de mim para o manter isolado.

– Vou só buscar o resto das minhas coisas! – gritei enquanto caminhava pela entrada.

– Tens o código? – perguntou o Tyler. – Sim.

– Fixe. Então deixa a porta destrancada.

Saí a correr, feliz por ter ar gelado de inverno na minha pele demasiado quente, contrastando com a temperatura exterior. Realmente, ainda não tinha parado para pensar sobre o que ficar em casa do Josh faria comigo. Até agora, sentia uma estranha combinação de emoções. Num quarto, fantasiava sobre fazer as coisas mais obscuras e lascivas com um homem por quem eu estava obcecada, enquanto no outro, tinha tido sexo real e chato com um homem por quem não nutria quaisquer sentimentos.

O Josh disse que o Tyler estava bem com a situação, mas agora perguntava-me: e eu, como é que eu estou? Será que eu era adulta o suficiente para lidar com esta situação? Ou será que a *awkwardness* seria demais? Eu queria manter-me calma. Raios, achava-me mesmo capaz de o conseguir, em circunstâncias normais, mas depois da noite e da manhã que havia tido, tinha quase atingido o limite da minha capacidade mental, e fazer conversa de circunstância com um tipo com quem costumava estar nua parecia um passo demasiado grande neste momento. Teria de o evitar até conseguir recuperar o fôlego.

Abri a mala do carro e estava a pegar nas minhas coisas quando o meu telemóvel tocou no bolso do casaco. Saquei-o para fora.

– Josh? Estás bem?

– Uh… não é o Josh – respondeu uma voz de mulher.

Tirei o telemóvel do ouvido. Era a minha amiga Verónica, técnica de laboratório.

– Merda, desculpa, Vern – disse, pegando nas minhas malas e fechando a bagageira.

– Pensei que fosses outra pessoa.

– Não te preocupes – afirmou ela. – Só te queria dizer que fiz a tua análise mais cedo.

– Vern – queixei-me, introduzindo o código da porta do apartamento. – Eu disse-te para não te preocupares com isso.

– Eu sei – confirmou ela. – Ainda assim não tens porque te sentir culpada. Não passaste à frente de ninguém. Fiz uma hora a mais nas duas últimas noites para conseguir o resultado.

– Vern! – gritei, a minha voz a ecoar pelas escadas acima. – Isso faz-me sentir igualmente culpada.

– Vais conseguir sobreviver – disse-me ela. – Queres saber os resultados?

– Deixa-me adivinhar: não coincidiram?

– Ding, ding, ding! – declarou ela. – Temos uma vencedora.

Revirei os olhos e voltei a entrar no apartamento, fazendo uma nota mental para perguntar ao Josh como é que ele tinha conseguido fazer aquilo.

– Desculpa ter-te feito passar por tudo isto para nada. Sinto-me uma idiota.

O *Fred* estava à minha espera à porta do Josh, e quase tropecei nele quando entrei. «Céus, *Fred*. Cuidado.» Conseguia ouvir a Vern a falar, mas o telefone estava longe do meu ouvido enquanto eu fazia malabarismos com os sacos e tentava evitar que o meu gato passasse por mim a correr, em busca de liberdade.

– Um segundo, Vern.

Por fim, pus tudo lá dentro e o *Fred* voltou para o seu lugar. Voltei a encostar o telemóvel ao ouvido.

– Desculpa lá isto. O que é que disseste?

– Eu disse que investiguei um pouco mais.

Algo no tom dela me fez afundar numa das beiras da cama do Josh. Parecia que ela estava prestes a dar-me o tipo de notícia que se deve ouvir sentado.

– Diz-me?

– Como te disse no outro dia, deixaste-me curiosa, por isso decidi investigar além de uma simples correspondência e fui ver se conseguia encontrar mais alguma coisa.

– E?

– Não sei a melhor maneira de te dizer isto – disse ela.

Agarrei no telemóvel, começando a ficar preocupada. Haveria algo de errado com o sangue do Josh?

– Arranca-o como se fosse um penso rápido – pedi.

Ela respirou fundo.

– Verifiquei se o ADN das compressas ensanguentadas coincidia com outra amostra na base de dados aberta de ADN que usamos e, bem, o contribuinte partilha metade do seu ADN com o Ken Assassino.

Abanei a cabeça.

– Espera. O que é que estás a dizer?

– Que o homem que sangrou os trapos é filho de um assassino em série, Aly.

O telefone escorregou-me dos dedos. Conseguia ouvir a Vern chamar por mim, mas um zumbido baixo preencheu-me os ouvidos e abafou-a. A minha visão periférica ficou turva, e a minha cabeça girava. Ia desmaiar. Nunca tinha desmaiado na minha vida, mas conhecia todos os sintomas e, depois de todos os choques que tinha sofrido hoje, este último tinha-me feito ir pelos ares.

A minha enfermeira interna entrou em ação e recostei-me na cama enquanto vi o quarto desfocar-se ao meu redor. O homem que me tinha perseguido, entrado em minha casa e matado alguém era filho de um assassino em série.

Oh, meu Deus, ele filma-se coberto de sangue. Será que quer ser como o pai ou algo do género?

Será que já era?

Levantei-me. Tinha de sair dali. O crime verídico não era a minha praia, mas eu tinha conhecimento prático sobre distúrbios de personalidade e

sabia que algumas das pessoas portadoras desses distúrbios eram excelentes a fingir emoções reais. O suficiente para que o Bundy tivesse trabalhado conjuntamente com uma das escritoras criminais mais reconhecidas do nosso tempo, Ann Rule, sem que ela fizesse ideia do monstro que ele era. Se o Bundy era capaz de enganar alguém como ela, que hipóteses tinha eu contra alguém como ele?

Tanto quanto sabia, isto não passava de um grande jogo para o Josh – eu já tinha aprendido em primeira mão o quanto ele gostava de jogar – e esta conversa de namorada/namorado/pai do meu gato era só para me dar graxa e fazer com que eu confiasse nele, para que ficasse ainda mais horrorizada quando o verdadeiro eu dele aparecesse no jogo.

A minha cabeça rodopiava quando me tentei levantar fazendo-me cair novamente na cama. O *Fred* saltou para ao pé de mim e fez um ruído chilreante como se estivesse a perguntar se eu estava bem.

– Aly! – ouvi alguém gritar.

Certo. Merda. Deixei cair o telemóvel.

Apanhei-o.

– Estou aqui – disse à Vern. – Desculpa. Isso deixou-me atordoada.

– Estás bem? – perguntou ela. – Estás a salvo?

Olhei à minha volta, observando os ganchos presos à estrutura da cama com novos olhos. Estaria eu a salvo? O Josh continuava ausente, logo ainda tinha tempo para fugir. Não podia voltar para casa porque ele já tinha provado que a conseguia arrombar facilmente. O Greg disse-me para me manter afastada da família, mas neste momento não conseguia pensar em nenhum lugar mais seguro do que o condomínio de um mafioso. O Nico tinha provavelmente mais armas e sistemas de segurança do que aqueles que mesmo o Josh conseguiria contornar e piratear.

– Aly? – disse a Vern, soando frenética.

– Sim, desculpa. Estou a salvo. Eu prometo. – Ou pelo menos estaria em breve. – Olha, tenho de ir. Obrigada pela ajuda.

– Tens a certeza de que estás bem? – perguntou ela.

– Estou, sim. És capaz de guardar em segredo o que descobriste, por favor?

A minha cabeça estava uma confusão, mas uma coisa era certa: a ideia de a Vern espalhar boatos de que havia alguém relacionado com um infame assassino em série a viver na cidade iria lançar o pânico no hospital, e

chamar mais atenção para mim do que aquela que eu precisava neste momento.

– Claro que posso – disse ela. – Podes confiar em mim porque, tecnicamente, o que fiz conta como mau uso dos bens do hospital, e eu gosto demasiado do meu emprego para o perder.

Um grande obrigada por isso.

Despedimo-nos e desligámos, e eu fiquei sentada à beira da cama durante alguns minutos enquanto tentava controlar o meu ritmo cardíaco. Este era o passado sombrio que o Josh não me queria contar, e agora eu entendia porquê.

O que é que ele tinha dito sobre a pior altura para me contar ser logo a seguir a ter matado alguém?

Ri-me, e soou ligeiramente histérico. Sim, aquele momento teria sido uma merda, mas ouvi-lo da boca dele, mesmo nessa altura, teria sido melhor do que descobrir assim.

Ou talvez tenha sido bom o facto de ele não estar presente para manipular a minha resposta.

Encolhi-me. Esse pensamento não me pareceu justo. Agora que o choque inicial de ouvir a notícia estava a passar, começava a questionar a minha reação instintiva. Não, eu não conhecia o Josh assim tão bem, mas… tinha a sensação de que sim. Não sabia qual era a sua cor favorita nem com quem é que ele tinha ido ao baile de finalistas, mas sabia quem ele era como pessoa. Ele era engraçado, doce e mais carinhoso do que qualquer outra pessoa com quem eu já tinha saído. Era difícil acreditar que ele podia ser tão bom ator a ponto de fingir tudo isso.

Eu não era uma escritora criminal, mas agora que pensava nisso, percebi que era provável já ter estado perto de mais pessoas perigosas do que a própria Ann Rule. Ela só interagia com eles por meio de entrevistas altamente controladas, enquanto eu os encontrava naturalmente no dia a dia. Se se pudesse dizer alguma coisa, era que os meus instintos eram provavelmente mais aguçados do que os dela, porque, se algo corresse mal, ela tinha sempre ali agentes policiais por perto para a salvarem, e eu só me tinha a mim.

A minha família conhecia-o. Assim como os meus vizinhos do lado. E o Tyler sabia da nossa relação. Era muita gente para falar com a polícia, caso

eu desaparecesse de repente. Se alguém planeasse matar-me, não faria ele de tudo para reduzir ao máximo o número de testemunhas?

Alguém bateu à porta do quarto.

– Aly? – Era o Tyler a chamar-me. – O café está pronto.

Foi então que me apercebi. O Tyler não era apenas o companheiro de casa do Josh; era o seu melhor amigo. Uma vez ele disse-me que ele e o Josh eram melhores amigos desde miúdos. Isso significava que ele sabia provavelmente tudo sobre o pai do Josh.

Levantei-me da cama com as pernas trémulas, as minhas reticências anteriores em relação à interação com o meu ex desapareceram. Se havia alguém que podia responder às minhas questões e dar-me mais informações sobre se Josh era ou não quem eu pensava ser, esse alguém era o Tyler.

– Eh lá, estás bem? – perguntou ele quando eu saí do quarto.

– Não. Tive um pequeno choque.

– Vá, pronto, senta-te aqui – disse ele, puxando um dos bancos do bar de debaixo da ilha da cozinha.

Encostei-me a ele, vendo-o servir-me café, pensando em como poderia abordar o assunto de forma descontraída. Não me veio nada à ideia, por isso optei por ser direta.

– Conheces o pai do Josh?

O Tyler enrijeceu, de costas para mim.

– Porque é que perguntas?

– Conheces ou não?

Ele sacudiu a cabeça num aceno brusco.

– Bem, acabei de saber quem ele é e tenho algumas perguntas.

O Tyler lançou-me um olhar desconfiado por cima do ombro.

– Acho que não devia ser eu a responder-te. O Josh seria provavelmente a melhor pessoa para o fazer.

Abanei a cabeça.

– Quero ouvi-lo de ti.

Ele franziu o sobrolho e virou-se para mim.

– Porquê?

Foda-se, como é que te posso explicar?

– Porque algumas das minhas perguntas são difíceis de ouvir e eu não quero ferir os sentimentos dele.

– Sim, porque o Josh é tão delicado – disse ele, voltando ao café.

Eu travei a minha irritação crescente.

– Não importa se ele é delicado ou não. Mas como toda a gente tem sentimentos.

Por falar em sentimentos, não admirava que nunca tivesse desenvolvido nenhum por este tipo. Sem ter o desejo pelo seu corpo a cegar-me, ele era mais idiota do que eu me lembrava.

Ele virou-se e pôs-me uma chávena de café à frente.

– Como queiras. Venham daí essas perguntas.

– Ele não é como o pai, certo?

O Tyler estremeceu como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

– Credo, não. Porque é que pensaste isso?

Pensei em falar da conta do Josh nas redes sociais, mas depois pensei melhor. Conhecendo o Josh, nem o Tyler devia saber disso. E também não podia falar do Brad, mas precisava de esclarecer algo que o Josh disse sobre a sua morte.

– Ele comentou que temia estar destinado a ser um assassino.

A expressão do Tyler escureceu.

– Aquele maldito psicólogo.

– O quê? Qual psicólogo? – disse eu, confusa.

– Depois de o pai do Josh ter sido preso, a mãe dele levou-o a um psicólogo de renome para o ajudar a processar o trauma – contou o Tyler. – Esse psicólogo tinha acabado de conduzir um estudo que tentava provar que a psicopatia era genética. Ele estava convencidíssimo de que tinha razão, apesar de os dados serem questionáveis. E ali estava o Josh. A galinha dos ovos de ouro caíra-lhe no colo. No espaço de um mês, tinha convencido o Josh e a Maria de que o Josh precisava de tomar antipsicóticos para o resto da vida ou transformar-se-ia no pai.

Recostei-me no meu lugar, horrorizada.

– Que tipo de médico faz isso?

O Tyler abanou negativamente a cabeça.

– Ele já deixou de o ser. O Josh não foi o único miúdo que ele manipulou na tentativa de validar a sua investigação, e no final todas as vítimas acabaram por participar num processo civil contra ele. Ele perdeu a licença para exercer a profissão, mas os estragos já estavam feitos. O Josh só recentemente deixou de tomar a maior parte dos medicamentos e, se

continua a fazer comentários como o que mencionaste, ainda deve estar a questionar essa decisão.

– Então, ele nunca devia ter tomado tais medicamentos?

– Não – disse o Tyler. – Ele tem alguns tiques, claro, mas quem é que não tem? O importante é que ele não tem nenhum dos sinais mais preocupantes que apontariam para um distúrbio de personalidade antissocial. – Ele apoiou os cotovelos no balcão e olhou-me nos olhos. – Eu conheci o pai dele, e o Josh não é nada parecido com ele. O facto de eu ainda estar vivo deve ser toda a prova de que precisas. – Ele sorriu. – Não sei se já reparaste, mas às vezes posso ser bem chato.

Bebi um gole de café. Sim, estava a começar a reparar.

– Porque é que o Josh não me contou isto tudo mais cedo?

O Tyler levantou-se e pegou na caneca que estava no balcão.

– Provavelmente porque ele sabia que tu ias tentar fugir.

– Ei – disse-lhe. – Parece-te que estou a fugir?

Ele bufou.

– Pela forma como estavas pálida quando saíste do quarto, acho que é seguro dizer que o terias feito se eu não estivesse em casa para te convencer a descer do precipício.

OK, era justo. Mas mesmo assim.

– Ouve, eu tinha boas razões para me preocupar. O teu colega de quarto entrou na minha casa e pôs lá uma câmara. E também entrou no sistema de vigilância do meu trabalho para me vigiar.

Em vez de ficar devidamente horrorizado, o Tyler riu-se.

– Finalmente, alguém para aliviar um pouco do fardo do seu amor dos meus ombros. – Ele estendeu a mão e agarrou-me o pulso, parecendo grato. – Abençoada sejas.

Eu soltei as minhas das mãos dele.

– Estou a falar a sério, Tyler.

– Eu também – disse ele. – Essas são as peculiaridades de que te estava a falar. O Josh passou a sua infância preso debaixo do polegar de um assassino em série. Depois de ele e a mãe terem conseguido fugir, ele passou cada segundo do seu tempo livre a certificar-se de que nunca mais lá voltariam. Mesmo em adulto, ele sente necessidade de saber tudo sobre as pessoas de quem gosta, onde estão e com quem estão. Uma vez, esqueci-me

de lhe dizer que ia passar a noite fora e ele apareceu em casa do meu engate, às três da manhã, para me dar um sermão sobre isso.

Eu sorri. Isso soava a algo que o Josh faria.

– Não fazes ideia do pesadelo de que ele escapou – disse o Tyler. – Do pesadelo que ele ainda vive. As agências de notícias e os meios de comunicação social estão constantemente a tentar localizá-lo a ele e à mãe para entrevistas. Isto transformou-o num recluso paranoico, e tem sido ainda pior desde que aquele documentário saiu este verão. Ele mal saía de casa antes de vocês os dois começarem a ver-se.

– Porquê? – perguntei, confusa.

– Tu não gostas mesmo de crimes verdadeiros, pois não? – disse o Tyler, tirando o telemóvel do bolso. – O Josh parece-se exatamente com o pai dele.

Ele puxou algo do seu telemóvel e deslizou-o pela ilha na minha direção. Peguei nele e, caramba, ele tinha razão. O cabelo deles podia ser diferente e a pele do Josh era mais escura, mas, tirando isso, os homens eram idênticos.

Não, espera.

Inclinei-me, estudando os olhos do assassino em série. Também eram diferentes. Eram aquela estranha combinação de vivo/morto, como os do outro assassino que eu conhecera, como os do Brad, sem o calor e o humor que eu via regularmente no olhar do Josh. Desci da fotografia e passei os olhos rapidamente pelo artigo anexo. O pai do Josh estava mesmo ao lado do Bundy e do Dahmer no que dizia respeito ao horror dos seus crimes, e eu só podia imaginar como deve ter sido a vida do Josh com um pai como aquele.

Devolvi o telemóvel ao Tyler.

Ele meteu-o no bolso e estudou-me por cima da caneca.

– O Josh tem de estar informado, Aly. Sentir-se seguro é importante para ele, e manter as pessoas de quem gosta seguras é ainda mais importante. Se queres estar com ele, tens de aceitar que ele não quer saber dos limites normais. O meu carro tem um localizador de GPS que ele pôs no dia em que o trouxe do *stand*. Tenho os dados de localização ativados no meu telemóvel para que ele possa verificar constantemente o meu paradeiro. Se fosses fã de crimes reais, nunca te teria convidado para vires aqui, porque não lhes é permitido entrar no apartamento.

– Isso… estranhamente não me incomoda – admiti.

O Tyler acenou com a cabeça.

– Sim, a mim também não. É bom ter alguém sempre a olhar por nós. É como ter um anjo da guarda.

– Mas parece-me que também cuidas dele – disse-lhe. Ele franziu o sobrolho e eu fiz sinal em direção ao apartamento. – O facto de não trazeres pessoas que o possam reconhecer, de teres tido tempo para me explicar tudo isto e de não te importares que estejamos juntos.

Ele soltou uma gargalhada.

– Se soubesse que vocês poderiam ser um par, teria terminado contigo de imediato e encaminhando-te para ele. Sem ofensa.

– Tranquilo – disse-lhe, afastando-o.

Ele encostou-se ao balcão.

– Sei que é muita coisa para assimilar, mas o Josh é a pessoa mais fiável e leal que eu conheço. Tem as suas peculiaridades? Tem. Vais ficar irritada com a forma como ele transforma tudo numa piada? Mais cedo do que esperas. Porém, o Josh é o tipo de pessoa a quem podemos recorrer com um cadáver, e ele ajuda-nos a ocultá-lo.

Engasguei-me com o café. Se ao menos o Tyler soubesse o quão verdadeira era a sua afirmação.

Ele girou no banco e pegou num maço de guardanapos.

– Obrigada – consegui dizer enquanto *tossia*. – Engoli-o da maneira errada.

– Não há problema – disse ele. – E olha, se achas que não consegues lidar com a bagagem do Josh, devias desistir agora. Ele deixa entrar tão poucas pessoas que, se arrastares o assunto por muito mais tempo, só o vais magoar mais.

Assenti com a cabeça.

– Percebo isso. Também eu não deixo as pessoas entrarem facilmente.

O Tyler ergueu as sobrancelhas e olhou-me com atenção.

– Sim. Eu sei – encolhi-me. – Desculpa.

Ele acenou com a cabeça.

– Sem ressentimentos. É óbvio que não teríamos resultado se tivéssemos tentado algo sério.

Assenti com a cabeça. Sim, o Tyler era um idiota, mas, de alguma forma, eu começava a simpatizar com ele. Conseguia imaginar-me a ser

amiga dele se o Josh e eu ficássemos juntos por algum tempo.

– Que mais devo saber? – perguntei-lhe.

– Ele é vegetariano – respondeu ele.

Franzi o sobrolho.

– Mas ele fez-me *bacon* com ovos no outro dia.

E agora eu sabia porque é que tinham sido mal cozinhados. Porque o Josh provavelmente não fazia ideia de como os cozinhar corretamente.

O Tyler assobiou.

– Ele deve estar caidinho. A mim nunca me foi permitido cozinhar carne aqui.

– Porque não?

– Hum, como é que hei de dizer isto de uma forma ligeira? – disse, dedilhando o queixo. – O pai dele tornou uma das vítimas dele em hambúrgueres e deu-a a comer a todos numa festa de bairro.

Eu engasguei-me.

– O quê?!

– Sim. Esse tipo de coisas fica na memória da maioria dos miúdos de seis anos.

Levei uma mão ao rosto, horrorizada.

– Sim, compreendo. Não quero mais pormenores, por favor. Espera – estreitei o meu olhar sobre ele. – Como é que ainda consegues comer carne?

– Nesse dia, eu comi um cachorro-quente em vez de um hambúrguer.

– Sim, mas mesmo assim sentiste o cheiro dela a ser cozinhada – esta era uma frase que nunca pensei que pudesse sair da minha boca.

O Tyler encolheu os ombros.

– É justo. Mas cheirar e provar são duas coisas diferentes.

– Eeeh. Já chega – disse.

Até mesmo para mim esta conversa era demais, especialmente depois de eu ter feito aquele comentário casual sobre queimar pedaços do corpo do Brad. Pobre Josh. Ele deve ter ficado retraumatizado quando lhe disse aquilo. Senti-me uma idiota pelo meu momento de pânico depois do telefonema da Vern. Graças a Deus, sempre fui uma pessoa lógica e consegui recuperar o juízo, mesmo depois de toda a merda por que tinha passado nas últimas vinte e quatro horas. Imagino se tivesse saído dali sem dar uma oportunidade ao Josh para se explicar e tivesse deixado que um mal-entendido arruinasse a nossa relação. Imperdoável.

O Josh e eu éramos parecidos em muitos aspetos, e quanto mais eu aprendia sobre o passado dele, mais eu começava a perceber isso. As coisas estavam a encaixar-se no seu devido lugar sobre o porquê de o Josh ser como era e o porquê de ter criado a sua conta nas redes sociais. Eu só esperava que ele, quando finalmente chegasse a casa, quisesse ouvir o que eu tinha a dizer sobre tudo isto. Odiava a ideia de que ele ainda se pudesse questionar, e se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para o tranquilizar de uma vez por todas, fá-lo-ia.

Como se eu o tivesse convocado, a porta da frente abriu-se e o Josh entrou. Estava lindo, mesmo pálido e exausto, e vestia roupas de um estranho que eram obviamente demasiado pequenas para ele. A barba por fazer no queixo crescia, dando-lhe um ar rude que não tinha quando estava barbeado de fresco. Gostei. Muito.

Todas as minhas preocupações anteriores desapareceram ao vê-lo ileso, e eu lancei-me em direção a ele. Ele agarrou-me com os seus grandes braços e levantou-me, abraçando-me.

– Estás a salvo – dissemos ao mesmo tempo.

– Ainda bem que voltaste, meu – disse o Tyler. – Ah, e a Aly já sabe do teu pai. – O Josh ficou rígido nos meus braços. – Vou-me embora e deixo-vos tratar disto sozinhos.

Afastei-me o suficiente para mandar um olhar ao Tyler enquanto ele passava por nós com um sorriso de merda.

– Vira-me para ele.

– Porquê? – perguntou o Josh.

– Para lhe poder dar um pontapé – disse, lançando-me e falhando por mais de dois metros.

O riso do Tyler ecoou pelo corredor exterior antes de fechar a porta atrás de si.

O Josh pôs-me de pé, com uma expressão cautelosa enquanto olhava para mim.

– Ele contou-te?

Abanei a cabeça.

– A técnica de laboratório a quem dei as tuas amostras investigou mais do que devia e o teu ADN coincidiu com o do teu pai.

O Josh praguejou.

– Eu sabia que devia ter entrado no laboratório e roubado as amostras.

– Não te preocupes, ela prometeu manter a boca fechada.

– E tu confias nela? – perguntou.

– Sim. Ela é minha amiga e o trabalho dela depende disso.

As palavras não fizeram nada para conter a sua preocupação.

– Estás…? – Ele passou uma mão pelo rosto. – Foda-se, não era assim que eu queria que as coisas tivessem corrido.

– Está tudo bem – disse eu, agarrando-lhe nos bíceps. – Não me estou a passar. – Ele olhou para mim.

» Já não – acrescentei. – O Tyler esclareceu tudo.

– Então eu devia estar mesmo preocupado – declarou o Josh.

Abanei a cabeça.

– Ele é um bom amigo.

Ele soltou um suspiro.

– Eu sei. Um parvalhão, mas um bom amigo.

– Percebo porque o fazes – disse.

– Faço o quê?

– Usar uma máscara. Cobrires-te de sangue falso.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

– A sério? Porque eu adoraria uma explicação.

Peguei numa das suas mãos e levei-o até à cozinha. Parecia tão cansado como eu, e achei que lhe apetecia uma chávena de café, por isso mandei-o sentar-se no banco de bar que eu tinha deixado livre enquanto lhe servia um.

– Tu está a fazer o mesmo que eu – afirmei. – A tentar reescrever a tua história.

– Como assim?

– Eu tento salvar todos os doentes, como se isso pudesse compensar o facto de não ter conseguido salvar a minha mãe. – Virei-me e entreguei-lhe o café. – E tu vestes-te como um assassino em série assustador, mas fazes o oposto do que o teu pai fez.

Ele pestanejou.

– Pensa nisso – disse, tirando a minha caneca da ilha. – Entraste em minha casa e perseguiste-me, tal como o teu pai fazia às vítimas dele, mas nunca me quiseste fazer mal, apenas dar-me prazer. Fazes a mesma coisa a milhões de pessoas na Internet, três vezes por semana. Distrai-las deste mundo de merda e fazes com que se sintam bem em vez de mal.

Ele inclinou-se para trás, com um ar contemplativo.

– Nunca pensei nisso dessa forma.

– És o oposto dele, Josh – concluí.

Ele abanou negativamente a cabeça, com os olhos tristes a encontrarem-se com os meus.

– Gosto de ver medo como ele gostava.

O meu coração gaguejou por um segundo.

– A minha reação ao assalto do Brad excitou-te?

Oh, meu Deus. Eu não sabia como lidaria com isso se fosse verdade.

– Cristo, não – disse ele. – Esse tipo de medo não.

– Então o quê, especificamente? – perguntei.

Ele quebrou o contacto visual, olhando além de mim como se estivesse à procura das palavras certas.

– É difícil de explicar, mas aqueles momentos em que te apanho desprevenida e vejo os teus olhos arregalarem-se de medo antes de se transformarem em desejo é o que me excita.

Eu sorri.

– Repete lá o que acabaste de dizer, porque me parece que gostas mais quando eu deixo de ter medo e começo a ter tesão do que quando só tenho medo.

Os seus olhos voltaram-se para os meus, e pude ver as rodinhas do seu cérebro a girar dentro da sua cabeça.

– Não quero saber de outras pessoas além das do meu círculo íntimo.

Encolhi os ombros.

– E depois? A maior parte delas são lixo.

– Não me arrependo de te ter perseguido.

– Eu também não. Deves ter reparado que nunca te pedi para parares. Não há palavra de segurança, lembras-te?

Ele acenou com a cabeça, olhando para mim.

– Eu lembro-me, linda.

Arrepiei-me. Porque é que aquela alcunha me excitava tanto? Ou era mais por causa da propriedade que ele depositava na palavra cada vez que a usava?

– Agora – disse. – Se já acabaste de me tentar assustar, gostava de saber porque deixaste de me enviar mensagens há duas horas.

O calor desapareceu dos seus olhos.

– Não conseguimos entrar em casa do Brad.

Os polícias já lá estavam quando chegámos.

Praguejei e quase deixei cair o meu café.

– O quê? Como assim?

– Não foi nada que tu e eu tenhamos feito – disse ele. – Eles estavam lá para cumprir um mandado de prisão relacionado com a agressão da Macy.

Apertei a ponte do meu nariz.

– É um *timing* horrível.

– Eu sei – disse ele. – O teu primo manteve-me sob a mira de uma arma até resolvermos o assunto.

Baixei a mão e fitei-o, com os lábios enrolados num rosnado.

– Qual deles?

O Josh inclinou-se para longe de mim, fazendo girar um dedo entre nós.

– Estás com uma vibração mesmo assustadora, e não sei se devia estar preocupado ou excitado. – Ele olhou para o seu colo, escondido pela saliência da ilha. – Não interessa. O meu corpo já descobriu.

– Não é tempo para brincadeiras – disse-lhe. – É altura de começarmos a planear o nosso segundo homicídio.

– Pensei que tinhas dito que foi um homicídio involuntário.

– Para de empatar e dá-me um nome.

– Não – disse ele. – Só quando a Aly assustadora me devolver a minha namorada. Além disso, foi tudo um mal-entendido. Ele pediu desculpa depois e convidou-me para o seu jogo de póquer semanal. Acho que agora somos amigos.

– Nada de fazer amizade com os meus primos mafiosos – disse eu. – Nada de bom pode resultar disso. Espera. Eles deixaram-te aqui? Agora sabem onde vives?

Ele acenou com a cabeça, e eu tive de pousar o meu café no balcão para não o deixar estatelar-se. Lá se foi qualquer esperança de o manter a salvo deles. Acho que era uma batalha perdida, de qualquer forma. Eu tinha a certeza de que o Greg ou o Lucius tinham anotado a placa do carro do Josh, e era só uma questão de tempo até a usarem para o localizar.

– O que aconteceu depois de saíres da casa do Nico? – perguntou o Josh.

Passámos os dez minutos seguintes a contar um ao outro tudo o que tínhamos para pôr em dia, desde que nos separámos. Ao que parece, o meu

tio tem tudo sob controlo, e eu só posso imaginar o favor que lhe ficámos a dever, depois de tudo estar dito e feito. Estava especialmente preocupada com o que ele pediria ao Josh, e planeava estar presente quando isso acontecesse, para poder negociar os termos e ameaçar o Nico de nunca mais me ver, a única família alargada que lhe restava, caso ele exigisse demasiado.

– Vem cá – disse o Josh assim que acabámos de falar.

Dei a volta à ilha e ele virou-se no seu banco e puxou-me para entre as suas pernas, envolvendo a minha cintura com os seus braços.

– Obrigado por teres sido tão compreensiva em relação a tudo o que se passou com o meu pai – disse ele.

Abanei a cabeça.

– Não me agradeças. Fiquei cega de pânico logo a seguir a ter descoberto.

Ele inclinou o meu queixo para cima e acariciou o polegar sobre o meu lábio inferior, com o seu olhar fascinado pelo movimento.

– Eu não te culpo por isso. O facto de teres sido capaz de o ultrapassar é o mais importante.

– Não foi difícil quando parei para pensar um pouco – disse, passando os braços à volta do pescoço dele. – Já conheci a minha quota-parte de más pessoas, Josh, e posso dizer com segurança que não és nada parecido com elas.

– Não? – perguntou ele, ainda a olhar para os meus lábios.

– Não. E se tiver de te amarrar e de te pôr de pé até concordares comigo, fá-lo-ei. Tenho andado a estudar-te.

Ele sorriu, os seus olhos escuros aproximaram-se finalmente dos meus.

– Oh, eu sei. Tenho andado a ver-te.

Sorrimos um para o outro por um momento, e eu quis inclinar-me e beijá-lo tanto que me doeu.

– Como estás? – perguntei. – A sério?

Ele avançou e encostou a testa à minha, com os olhos negros e sem fundo, com as pupilas a sobressaírem do castanho das íris.

– Exausto. E tu?

– Igual.

– Tomamos um duche juntos e depois dormimos mais doze ou treze horas?

– Sim, aceito – disse-lhe, cerrando os meus braços à volta do seu pescoço.

– Meu Deus, adoro ouvir-te dizer isso – murmurou ele, e pegando-me ao colo dirigiu-se para o quarto dele.

Foi quando estava a abrir a porta que me lembrei do perigo de tropeçar no que estava do outro lado.

– Cuidado!

Saí do seu regaço assim que a porta se abriu e o *Fred* correu miando por entre as pernas do Josh, fazendo-o tropeçar.

Bendita seja a capacidade atlética do Josh, pois conseguiu dar alguns passos cambaleantes para frente, e fez-nos aterrar na cama em vez do chão de cimento. Mas infelizmente, o Josh era um filho da mãe enorme, e mesmo que ele tenha lançado uma mão para se segurar no último instante, a maior parte do seu peso caiu em cima de mim, esvaziando o ar dos meus pulmões.

– Ai, porra, o meu joelho – disse ele, rolando de cima de mim. – As minhas costelas – sibilei.

Ele virou a cabeça, com um sorriso a erguer os seus lábios cheios quando os nossos olhares se cruzaram.

– Agora percebo porque é que as pessoas dizem que ter filhos é um entrave à vida sexual.

– Foi isso que acabou de acontecer? Ou o *Fred* acabou de nos dar asas? Quero dizer, estamos deitados numa cama.

– Ele é tão bom menino – disse o Josh, virando-se para mim. – Hoje à noite vai ter guloseimas extras.

E pois, ali estava ele em cima de mim, o seu grande corpo a erguer-se sobre o meu, a minha própria fantasia desmascarada a ganhar vida.

20

Josh

Afastei-lhe o cabelo do rosto. Ela sabia. Esta mulher linda, simpática e *sexy* tinha descoberto o meu passado e, em vez de fugir, meteu os pés pelas mãos e ensinou-me coisas sobre mim que mudaram a minha perspetiva acerca de mim mesmo.

Como é que eu tinha tido tanta sorte?

Passei toda a vida convencido de que não podia ter alguém como ela. Que não era seguro. Que uma bomba-relógio vivia dentro da minha mente e que, quando eu chegasse a um ponto invisível, ela explodiria e, *bum*, tornar-me-ia igual ao meu pai. A minha mãe e o Rob tinham tentado dizer-me que isso não era verdade. O Tyler também, à sua maneira. O meu terapeuta também. Foi só com a Aly que comecei a achar que eles estavam todos a dizer a verdade.

E não, não foi por ter encontrado a pessoa certa na altura certa que me curei por magia. Eu já andava a marinar esta ideia há algum tempo. A Aly era simplesmente o teste derradeiro. Ela mostrou-me o seu lado vulnerável e tudo o que eu queria fazer era acarinhá-la, em vez de me aproveitar disso para a magoar.

Era altura de o aceitar de uma vez por todas: eu não era nada como o meu pai, pelo menos naquilo que mais importava.

Um miado distante chamou a minha atenção. Pois é. *Fred*.

– Fica aqui – disse a Aly.

Ela arranhou as minhas costas com as unhas.

– Senão o quê?

Lancei-lhe um olhar sombrio.

– Senão decido que está na hora do teu castigo.

Ela sorriu.

– Pelo quê?

Era óbvio que ela não fazia ideia sobre o que é que eu estava a falar ou do quanto me tinha assustado e preocupado antes, ou não me teria lançado um olhar tão fumegante. Agarrei-lhe no queixo, não com força suficiente para a magoar, mas com força suficiente para que ela soubesse que eu estava a falar a sério.

– Por teres saído do teu quarto depois de me teres prometido que lá ficavas.

O sorriso dela vacilou.

– Mas ouvi alguém levar um murro e fiquei preocupada por poderes ser tu.

Abanei a cabeça.

– E se tivesse sido, ver-te teria sido uma distração tão grande que teria provavelmente sido atingido outra vez. Deste-me a tua palavra, Aly. E depois quebraste-a.

– Tive medo de que te magoasses e fiz o que achei correto – disse ela, com a sua teimosia a emergir. – E fui cuidadosa. Esgueirei-me até ti com uma arma carregada. Se estivesses no chão, eu teria disparado contra o Brad. Não estou nada arrependida do que fiz.

– Mas vais estar quando terminar de fazer contigo o que tenho planeado – disse, inclinando-me para lhe morder o lábio inferior.

Os olhos dela estavam arregalados quando me afastei, a sua expressão era um misto de surpresa, preocupação e o que parecia ser antecipação. Baixei a mão e acariciei com o polegar o local onde o mamilo dela se encontrava debaixo da camisola fina por tempo suficiente apenas para que ela se arqueasse de prazer antes de o beliscar, arrancando-lhe um suspiro de choque dos lábios.

– Josh – disse ela enquanto eu me levantava e afastava. – Não podes estar a falar a sério sobre castigar-me.

Fiz uma pausa à porta e olhei para ela.

– Sim, estou. Mas não agora. Não temos tempo. Não faço ideia de quanto tempo o Tyler planeia dar-nos, e eu preciso de estar dentro de ti. Liga o duche enquanto eu vou buscar a nossa criança traquinas.

Ela acenou com a cabeça, a minha namorada forte e feroz tornando-se complacente com o meu tom de comando. Aquele interruptor tinha sido acionado dentro de mim novamente, e agora que eu não temia mais que as minhas necessidades se tornassem perigosas, não precisava de me conter.

Isso deixava-me impaciente, quase rabugento por não estar ainda mergulhado na cona apertada e acolhedora da Aly.

Ela levantou-se assim que me virei e saí, e ouvi-a a correr para a nossa casa de banho privativa, ela tão pronta para isto como eu. Estava a tornar-se cada vez mais evidente que a Aly tinha um interruptor semelhante ao meu. O seu trabalho exigia que ela estivesse sempre no controlo. Era a única responsável pela casa, pelo carro, pelo jardim, pelos cuidados ao *Fred* e pelo seu próprio bem-estar. Era fácil perceber porque é que ela era tão submissa no quarto – ela precisava de alguém que assumisse o controlo. Ela desejava sentir-se segura e protegida, tanto quanto ansiava por algo bruto e pervertido. Nesse aspeto, éramos o par perfeito.

O som do chuveiro a ligar-se seguiu-me para fora do quarto enquanto procurava pelo *Fred*. À primeira vista, ele não estava na sala de estar e, graças à acústica do local, o eco do seu miar seguinte fez com que parecesse que ele estava atrás do sofá. Inclinei-me sobre o sofá, procurando-o, mas ele não estava lá. Outro miar levou-me a entrar no quarto do Tyler. Ele tinha deixado a porta aberta e, para minha sorte, o *Fred* decidiu mijar na pilha de roupa suja do Tyler, convenientemente localizada mesmo ao lado do seu cesto de roupa suja vazio.

Mais dia menos dia, o meu colega de quarto ia enlouquecer a sua futura parceira com merdas como aquela. Talvez eu pudesse contar-lhes sobre o sucesso da minha experiência com as meias, e elas poderiam usá-la para corrigir o resto dos maus hábitos do Tyler. Felizmente, o *Fred* não estava dentro do quarto, por isso fechei a porta e virei-me para a sala de estar aberta. Ele tinha de estar ali algures. Não havia mais nenhuma divisão no apartamento onde ele se pudesse esconder.

– Vá lá, amigo – disse, verificando atrás das cortinas. – Acabaste de me dar asas. Agora preciso que não sejas um empata-fodas.

A minha pila esticava-se contra o fecho, quase dolorosamente ereta. Eu precisava da Aly como precisava de ar.

Outro miar fez-me levantar o olhar para o topo dos armários da cozinha. Ali estava o *Fred*, com um ar satisfeito enquanto me olhava de cima a baixo.

– Como raio é que chegaste até aí? – perguntei, arrastando um dos bancos altos da ilha para o poder agarrar.

Quando o levei de volta para o meu quarto e a porta se fechou atrás de nós, já saía vapor da casa de banho. Disse ao *Fred* para se comportar e fui ao encontro da mãe dele. As roupas dela estavam empilhadas sobre um tapete, o que significava que tudo o que me separava da Aly nua e encharcada era a frágil cortina de duche entre nós.

Arranquei a camisa por cima da cabeça antes de soltar o cinto. Alguns segundos depois, as minhas roupas caíram numa pilha ao lado das dela, e em dois passos, estava do lado de fora do duche. Abri a cortina, saboreando a visão dos olhos dela arregalados, bebendo o som do seu arfar antes que o seu medo e surpresa momentâneos se transformassem rapidamente em luxúria.

Ela tinha razão. Não é o medo que me agrada; é o momento em que se transforma em desejo. A mulher era tão inteligente quanto bonita, e a visão dela ali parada, imóvel sob a corrente de água, prendeu-me. Ela era tão impressionante, o seu cabelo comprido e escuro agarrado à pele molhada, o seu corpo uma obra de arte de músculos e curvas. Os seus mamilos escuros eram como botões firmes, quer devido à excitação, quer devido ao ar fresco que entrara comigo na casa de banho, e eu queria demorar-me a adorá-los, acariciando-os até que ela estivesse tão necessitada que implorasse por isso. Mas não tínhamos tempo para nada disso e, pelo olhar faminto na cara dela, preliminares eram a última coisa que lhe estava a passar pela cabeça.

Entrei no duche, mesmo para debaixo da água corrente, obrigando a Aly a recuar. Os seus olhos percorreram-me como se não soubesse para onde olhar primeiro e, tardiamente, apercebi-me de que era a primeira vez que ela me via nu. Apesar de as minhas mãos tremerem com a necessidade de a abraçar, deixei-a tomar o seu tempo a inspecionar-me, inclinando a minha cabeça para trás na água para que o calor me envolvesse, contraindo-me ligeiramente para ela. O calor nos olhos dela fez-me perceber porque é que o Tyler estava sempre a posar para as pessoas. Podia ficar rapidamente viciado na presente necessidade declarada e estampada no seu rosto tão expressivo. Ela abanou negativamente a cabeça quando os seus olhos se encontraram com os meus.

– És tão bonito. Sei que já o disse *online* uma quantidade embaraçosa de vezes, mas estou a falar a sério.

Fiquei imóvel debaixo de água.

– Não olhas para mim e vês o meu pai?

– Não – disse ela, e eu deixei escapar um suspiro de alívio quando o seu olhar deslizou até à minha pila. – Só estou a ver o meu namorado. E preciso dele agora mesmo.

Foda-se. Ela estava prestes a ter mais dele do que provavelmente estava preparada para receber. Não deixei escapar aquele breve momento de hesitação quando ela viu o monstro a crescer entre nós. Ela teve o meu pénis na boca e ensanduichado entre aqueles seios perfeitos, o que significava que ela sabia muito bem o quão grande ele era, mas agora na hora de o receber dentro do seu corpo parecia que, pela primeira vez, compreendia o quanto teria de se esticar em torno dele. Ainda bem que se tinha andado a preparar com aquele vibrador enorme dela.

Ainda assim, não seria suficiente, e sim, eu sabia o quão perturbador era o facto de a ideia de ela ter dificuldade em me acolher completamente me excitar ainda mais.

– Vira-te – disse-lhe. – Põe as mãos na parede.

Ela girou sem discutir, com as palmas das mãos espalmadas sobre o azulejo, as costas arqueadas, o rabo para fora como um presente. Quase gemi ao ver as suas bochechas apertadas e arredondadas. Um dia, eu iria reclamar cada parte desta mulher, mas eu não tinha paciência para o trabalho de preparação que ela precisaria para o sexo anal. Raios, nem sequer tinha paciência para preparar a sua cona como ela merecia.

Colei-me a ela de imediato, a minha pila emoldurada pelo seu rabo, enquanto punha a palma da mão ao lado da dela no azulejo. Os meus lábios roçaram a concha da sua orelha.

– Preciso demasiado de ti para ser brando contigo neste momento.

Um gemido baixo escapou-lhe dos lábios.

– Não quero que sejas brando comigo.

Abriu bem as pernas para mim, um arrepio de antecipação agitou-lhe o corpo enquanto se encostava a mim. O gemido que ela soltou foi suficiente para me levar ao limite do meu controlo. Empurrei-lhe as costas para baixo, arqueando-a como a corda de um arco, a minha palma deixando o azulejo fresco para serpentear por entre as suas coxas. Ela estava encharcada, e eu podia dizer pela viscosidade que cobria o seu sexo que não tinha nada que ver com o duche. A Aly queria-me tanto quanto eu a queria a ela, e aqui estava a minha prova.

Passeei os meus dedos desde a sua fenda até ao seu clitóris, perfazendo um círculo à sua volta enquanto me abaixei apenas o suficiente para pôr a minha pila por baixo dela. Se eu não fizesse isto bem, ela acabaria por ficar muito dolorida para me poder receber de novo quando tivéssemos mais tempo, e um pouco de paciência agora iria compensar mais tarde. Assim que fosse seguro voltarmos a casa dela, eu iria encerrar-nos lá dentro até me fartar dela, o que provavelmente nunca aconteceria. Graças a Deus pela tecnologia moderna e pelos serviços de entrega ao domicílio. Se jogasse bem as minhas cartas, conseguiria mantê-la nua durante as próximas duas semanas.

– Por favor – sussurrou ela, moendo-se contra os meus dedos.

Mexi as ancas para a frente, apenas o suficiente para lhe tocar na entrada, apenas o suficiente para ela sentir a largura da cabeça da minha pila. Ela respirou fundo, enrijecendo-se com a ameaça de uma invasão tão brutal.

– Relaxa, linda – disse-lhe, afastando-lhe o cabelo do pescoço. – Tu consegues aguentar.

Voltei a rolar os meus dedos sobre o seu clitóris, e ela estremeceu, empurrando-se para trás contra mim, por instinto. Eu empurrei para a frente ao mesmo tempo, apenas o suficiente para afundar a ponta. Ela estava encharcada, mas ainda assim era um encaixe à justa, apertado o suficiente para que parecesse que um torno macio e quente estava enrolado à volta da cabeça do meu pénis, e oh, porra, era uma sensação boa.

Deslizei a minha mão do seu clitóris para a anca, segurando-a no lugar, agarrando-a com força suficiente para provavelmente deixar marcas, mas a minha mão era a única coisa que me mantinha são, que me impedia de perder a sanidade que ainda me restava e começar a penetrá-la como uma besta inconsciente.

A minha outra mão subiu até ao seu pescoço, serpenteando à volta da sua garganta delicada e vulnerável, da forma possessiva que eu sabia que ela adorava. Inclinei-me sobre ela e sussurrei:

– Não fiques tensa outra vez.

Ela respirou fundo e abanou negativamente a cabeça.

– Não te preocupes.

– Linda menina – disse-lhe, e sem aviso, afastei-lhe os pés, afundando-me mais um centímetro enquanto ela caía em cima de mim.

Eu gemi. Ela sibilou. Mas em vez de se enrijecer, apoiou as mãos na parede e respirou fundo.

– És enorme – disse ela.

Os meus tomates encolheram-se.

– É demasiado?

Ela abanou negativamente a cabeça, e eu senti os músculos do seu pescoço a contraírem-se sob a ponta dos meus dedos.

– Não. Dá-me mais.

Deslizei para fora apenas o suficiente para me poder revestir com a sua seiva viscosa antes de empurrar as minhas ancas para frente, lutando por mais uns quantos gloriosos centímetros. Foda-se, ela era tão apertada. Tão apertada que eu sabia que ela se estava a esforçar para não ficar presa, enquanto o seu corpo tentava lutar contra a invasão.

– Mais – ofegou ela.

Agarrei-lhe no pescoço.

– Tão impaciente.

– Por ti, sempre – disse ela.

– Tenho de ir devagar para não te magoar.

Ela contorceu-se no meu aperto, as suas palavras estranguladas.

– Não quero saber se dói. Preciso de ti, Josh. Agora. Por favor.

– Foda-se, Aly – disse, introduzindo-lhe mais um centímetro e depois outro, tentando ser cuidadoso, tentando manter distante o meu desespero por ela, mesmo quando as minhas investidas se aceleraram. – Eu preciso mesmo dessa cona.

Ela esticou os braços, deixando a cabeça cair enquanto se empurrava contra mim.

– É tua. Toma-a. Reclama-a. Não te retraias.

– Não sabes o que me estás a pedir – avisei-a.

Ela fez um som baixo e zangado.

– Sim, sei muito bem. Fode-me, Josh. Fode a tua namorada.

O pouco controlo que ainda me restava estilhaçou-se. Mudei de ângulo, retirando-me até que apenas a cabeça da minha pila estivesse dentro dela, e depois empurrei para a frente com um impulso impiedoso, atingindo algo no fundo que a fez gritar e endurecer.

Fiquei imóvel, respirando com dificuldade. Tinha tentado avisá-la de que seria demasiado, mas seria esta mulher capaz de ouvir? Não, ela tinha

de usar a palavra «namorada» comigo, sabendo que seria a minha ruína, sabendo que…

– Outra vez – exigiu ela, a sua voz meio chorosa, meio carente, a sua cona a apertar-se à minha volta.

Quaisquer pensamentos sobre poder magoá-la desapareceram da minha mente. Ela era uma mulher adulta que sabia o que queria, e se ser violada pelo namorado no duche era o que ela exigia, então dar-lho-ia, com toda a força que a sua coninha gulosa precisava.

Larguei-lhe o pescoço e a anca, levantando as mãos para lhe beliscar e provocar os mamilos, enquanto iniciava um ritmo constante e implacável. Ela batia contra mim, usando a parede para se empurrar para trás e enfrentar cada uma das minhas investidas selvagens.

Foi duro. Foi selvagem. Fui tão fundo dentro dela que comecei a perder a noção de onde eu acabava e ela começava. Os nossos corpos pareciam um só, como se ela tivesse sido feita para me receber, e eu para lhe dar todos os centímetros grossos que pudesse, esticando-a até que nenhuma outra pila além da minha a satisfizesse a partir daquele momento.

Ela pediu-me que a tomasse, por isso inclinei-me para a frente e mordi-lhe o ombro com força suficiente para a fazer sibilar, com força suficiente para a sentir enrijecer na minha pega antes de estremecer e começar a lançar as ancas para trás com mais intensidade do que antes. Segurei-a no lugar com os meus dentes, a minha pila a marcar-lhe a cona, os meus dedos a atormentarem-lhe os mamilos. Esta mulher era minha, e se eu tivesse de marcar cada centímetro da sua pele, fá-lo-ia.

Nunca antes na minha vida me senti tão feroz, sentia-me capaz de lutar contra todos os homens que alguma vez olhassem para ela, de lhe pôr a porcaria de uma coleira ao pescoço e uma trela, só para a levar a passear e provar ao mundo que ela me pertencia.

A Aly não precisava de me reivindicar em troca. Ela já me possuía, de corpo e alma. Cada estalido das suas ancas, cada som doce e necessitado que ecoava pelo duche, só servia para me dominar ainda mais.

Ela contorceu-se, gemeu, abriu mais as pernas, e fez rebolar as ancas, e oh, foda-se, a forma como a sua cona se apertou à volta da minha pila ia deixar-me sem leite.

– Diz-me que tomas a pílula – disse.

– Sim – ela gemeu. – Não saias. Quero sentir a tua seiva dentro de mim.

Inclinei-me o suficiente para poder olhar para o que lhe estava a fazer, vendo a minha pila desaparecer na sua cona apertada, adorando a forma como ela fazia a minha pele brilhar como evidência da sua excitação.

– Devias ver como me recebes bem – disse-lhe, e ela gemeu e voltou a penetrar-me. Belisquei-lhe os mamilos, penetrando-a. – Mal posso esperar para te sentir vir. Aconchegas-me tão bem, linda.

Ela gritou, empurrando-se para trás, a sua espinha endureceu, os dedos arranhavam os azulejos enquanto ela se começava a aproximar da fronteira.

– Mais – ela gemeu. – Por favor, Josh.

Deslizei uma mão pelo seu estômago, sabendo bem do que ela precisava, e belisquei gentilmente o clitóris por entre os meus dedos, enquanto empurrava as minhas ancas para a frente, chocando com ela. Ela veio-se a gritar, a soluçar, a implorar, a sua cona a agarrar a minha pila com tanta força que eu mal me conseguia mexer.

No momento em que ela começou a descer do seu orgasmo, eu agarrei-a e girei-a, segurando-a pelas pernas e puxando-a para cima para a poder olhar nos olhos enquanto terminava de a foder.

– Olha para mim – disse eu enquanto a fazia deslizar para baixo, penetrando-a com a minha pila.

Ela envolveu os braços à volta do meu pescoço e agarrou-se a mim enquanto eu me endireitava até atingir a minha altura máxima e a empurrei contra a parede.

Os olhos dela arregalaram-se.

– Este ângulo. Como é que agora pareces ser ainda maior?

Sorri, sabendo ser presunçoso.

– Estive-me a conter até agora.

Antes de eu a penetrar completamente, ela teve apenas o tempo suficiente para franzir o sobrolho em confusão. Eu tinha estado à espera deste momento, à espera de que ela se viesse e estivesse solta, lânguida e completamente excitada antes de lhe dar o meu último centímetro. A sua boca abriu-se numa inalação de choque quando eu a meti até ao fundo, mas não lhe dei tempo para se adaptar enquanto batia dentro dela, assistindo à sua surpresa e pânico perderem a batalha contra o seu tesão.

Ela choramingou e rebolou as ancas experimentalmente, e deve ter gostado do resultado porque o gemido que se libertou dela foi mais profundo, mais áspero do que os que eu tinha ouvido até então.

– Faz isso outra vez – disse-lhe.

Ela fez, e ambos gememos.

– Vou-me vir outra vez – disse ela, com a cabeça inclinada para trás.

Apertei-lhe as coxas.

– Olhos em mim, lembras-te? Desta vez quero ver-te.

Ela praguejou, as unhas cravadas nos meus ombros, uma linha apareceu-lhe entre as sobrancelhas enquanto ela, concentrada, franzia a testa.

– Não sei se consigo. Nunca antes olhei nos olhos de alguém ao vir-me.

– Tu consegues, linda – disse-lhe, mexendo as ancas de modo a atingir um ponto bem fundo dentro dela que a fez arranhar-me as costas enquanto se contorcia. Era bom que o fizesse depressa, porque os meus tomates estavam a começar a apertar e podia sentir uma pressão a aumentar na minha coluna. – Dá-me mais um, Aly. Sê uma boa menina e vem-te na pila do teu namorado.

A conversa porca fez com que as suas costas se arqueassem, as suas ancas se mexessem a um ritmo frenético, o qual eu não tinha outra escolha senão acompanhar e, um instante depois, pude ver a centímetros de distância como os seus olhos perdiam a concentração e a sua cona se apertava novamente à volta da minha pila.

– Josh – gemeu ela.

O som do meu nome, pronunciado com tanta reverência, foi o suficiente para me levar ao limite, os nossos olhares fixaram-se enquanto a minha pila crescia ainda mais e endurecia, desencadeando o seu orgasmo ao mesmo tempo que eu descarregava a minha semente dentro dela como ela me tinha pedido.

– Foda-se, Aly – gemi. – Foda-se, és tão boa.

Empurrei uma última vez e fiquei quieto, o meu coração a trovejar, as pernas a transformarem-se em gelatina, mesmo quando ela ficou totalmente relaxada ao meu colo. Demorei um momento a aperceber-me de que tinha enterrado a cabeça no seu ombro e que a tinha mordido outra vez como um animal, mas pela forma como ela passava as mãos pelas minhas costas e me beijava na bochecha, não se deve ter importado muito.

– Preciso de ir buscar a pílula do dia seguinte – murmurou ela.

Soltei o maxilar e recuei.

– Pensei que tinhas dito que tomavas a pílula?

Não que me importasse se tivéssemos um «acidente», mesmo tão cedo. Nunca me arrependeria de ter trazido ao mundo uma versão em miniatura desta mulher, e não me perguntem porque é que eu sabia que o nosso primogénito seria uma menina selvagem; simplesmente o sabia.

– E tomo – disse ela. – Mas não se pode confiar nos meus ovários perto de ti.

Voltei a enterrar a minha cabeça no pescoço dela. Claro que ela me faria rir dez segundos depois de me ter dado o melhor orgasmo da minha vida.

– Se calhar é melhor irmos buscá-la – disse. – Tenho quase a certeza de que o meu esperma também não é de confiança ao pé de ti.

Começou a gargalhar, emitindo um som idiota e embriagado de sexo, antes de eu me retirar e o seu riso se transformar num assobio.

Estremeci. Se calhar tinha exagerado um pouco no final.

– Estás bem?

Ela acenou com a cabeça.

– Estou dorida, mas no bom sentido.

– Tens a certeza? – perguntei-lhe.

– Sim – disse ela, levantando-se nas pontas dos pés, com a mão a serpentear à volta do meu pescoço para me puxar para baixo. – Obrigada. Estava a precisar disto.

E depois a boca dela estava na minha, e ela beijava-me como se estivesse pronta para a segunda ronda. Puxou-me para mais perto, colando o seu corpo nu contra o meu, e caramba, lá estava eu outra vez, já a ficar duro para ela. A sensação das suas mamas húmidas contra o meu peito era demasiado boa para resistir, e não me preocupei em me impedir de me baixar e agarrar-lhe o rabo, puxando-a para mais perto.

A porta da entrada soou ao fechar-se e ouvimos o Tyler a saudar-nos.

A Aly contorceu-se contra mim, recuando apenas o suficiente para sussurrar: «Eu consigo ser silenciosa se tu conseguires.»

Abanei a cabeça.

– Não estou para arriscar. Os teus ruídos não são para mais ninguém a não ser para mim.

Os lábios dela separaram-se.

– Isso não devia ser assim tão excitante.

– O quê? A minha possessividade?

Ela acenou com a cabeça.

Eu arqueei uma sobrancelha para ela.

– Então estarias bem se outra mulher me ouvisse grunhir e gemer por ti?

Ela enrugou o nariz.

– Acho que não.

Encostei a minha testa na dela.

– Bem me parecia. Agora, anda, vamos limpar-nos. Tenho tanta fome como cansaço, depois disto tudo.

Ela inclinou-se para trás, com os olhos a percorrerem o meu corpo.

– Uhh. Pensei que tivesses mais resistência do que isso.

Eu ri-me para ela.

– Culpa-te a ti própria. A tua cona acabou de me ordenhar até ao tutano, mulher.

De olhos arregalados, tapou-me a boca com a mão.

– Fala mais alto, acho que o Tyler não te ouviu…

Mordi-lhe a palma da mão, e ela gritou e afastou-se.

– Eu disse que não queria que as pessoas te ouvissem, mas concordo totalmente em dizer a toda a gente que conheço, a partir de agora, o quão bem tu levas com a minha pila.

Ela desviou o olhar dela do meu, com as bochechas a corar, e passou por mim tentando alcançar o chuveiro. Enquanto o fazia, apanhei-a a murmurar uma e outra vez «Isto não me devia excitar», como se estivesse a tentar convencer-se de que não estava a gostar daquilo.

Afastei-me e deixei-a passar, sonhando com o divertimento que teria ao fazê-la admitir certas e determinadas coisas a si mesma.

Ela foi para debaixo da cascata de água e, como não podia deixar de ser, pus-me atrás dela e envolvi os meus braços à volta da sua cintura, baixando-me apenas o suficiente para lhe depositar uma linha preguiçosa de beijos no pescoço.

– Promete-me que estás bem – disse.

Ela acenou com a cabeça.

– Mais do que bem. Espero que este namoro seja a sério, porque foi o melhor sexo da minha vida e, se tentares acabar comigo agora, vais ser tu o perseguido.

Eu ri-me.

– Não me ameaces com um bom momento. Adorava dobrar uma esquina e encontrar-te à minha espera no escuro.

Ela estremeceu nos meus braços.

– Foda-se. Sinto o mesmo.

Eu animei-me.

– Com a máscara?

Ela choramingou e acenou com a cabeça, e eu tapei-lhe a boca com uma mão, para a silenciar.

– Numa casa ou no bosque?

Ela acenou novamente com a cabeça, e eu interpretei isso como um sim para ambas as opções.

Inclinei-me para baixo e mordisquei-lhe o pescoço, deliciando-me com a forma como ela se contorcia em resposta.

– Vamos divertir-nos tanto juntos.

Em resposta, ela remexeu o rabo sobre a minha pila semiereta, e foi só a ideia de o meu colega de quarto nos poder ouvir que me impediu de a fazer dobrar para a segunda ronda.

21

Aly

Aquilo que acontece quando se é fodido com força é que ficamos doloridos *e* excitados. Era meio-dia de domingo, pouco mais de um dia depois de o Josh me ter fodido bestialmente no duche, e estávamos agora de regresso ao carro dele a ir em direção à minha casa. O meu primo Alec garantiu-me que a casa estava impecavelmente limpa. A equipa dele tinha chegado ao ponto de montar a minha cama nova – que eu e o Josh, graças ao desastre «Brad», já nos tínhamos esquecido de que tinha chegado.

Aquela cama era tudo em que eu conseguia pensar agora. Cada vez que me mexia no banco do passageiro, uma pequena pontada de dor irradiava do meio das minhas pernas, relembrando-me com exatidão o quão tinha ficado dolorida. Não conseguia parar de imaginar as minhas mãos apoiadas na parede do duche. Se fechasse os olhos, jurava que podia sentir o eco do Josh a bater em mim, atingindo algo profundo que tinha levado o meu prazer a novas alturas.

Depois foi o segundo orgasmo que ele me deu, os seus olhos escuros e quentes a olharem diretamente para os meus, o azulejo frio contra as minhas costas enquanto ele se enfiava dentro de mim, preenchendo-me e esticando-me tanto que parecia que o meu corpo nunca esqueceria a sensação daquela pila grossa. O homem estava a arruinar-me em relação a poder vir a gostar de qualquer outra pessoa. Ele era a mistura perfeita de competente e dominador. E quando ele se veio, e eu pude sentir e ver isso acontecer? Isso trouxe uma nova proximidade à nossa relação que eu não tinha previsto.

O Josh ligou os piscas e entrou na faixa que levava ao meu bairro. Ele tinha ligado o aquecimento para mim e para o *Fred*, e estava suficientemente quente no carro para que ele tivesse arregaçado as mangas até aos cotovelos. Tinha aprendido nas últimas noites que o homem era uma

fornalha, e adorava isso. Não havia nada como me enfiar debaixo de lençóis frescos e aconchegar-me ao meu próprio aquecedor pessoal. Apesar de o Josh ser um homem *caliente*, ele gostava muito de carinhos – claro que gostava – e, nas últimas duas vezes em que dormimos juntos, ele pôs os seus membros robustos à minha volta e puxou-me firmemente para ele.

Os braços dele pareciam ser o sítio mais seguro do mundo. Normalmente, não me demorava na cama. Tinha tão pouco tempo livre por causa do meu trabalho que não suportava desperdiçá-lo. Por norma, levantava-me assim que o despertador me acordava e começava o dia.

Acordar ao lado do Josh tinha-me curado disso. Costumávamos ficar debaixo dos lençóis mais de uma hora, a falar baixinho com o *Fred* aconchegado entre nós, enquanto ouvíamos o Tyler a mexer-se pelo apartamento, a fazer café e a ligar a televisão. Ele não fazia barulho, mas ainda assim ouvíamos os apresentadores a falar sobre números do mercado da bolsa no que Josh disse ser o canal financeiro favorito do Tyler. Isso mostrou como a acústica da casa deles era estranha e deixou-me cheia de vontade de sair de lá e poder ter o Josh só para mim.

Voltei a perguntar-lhe se estava a falar a sério sobre o castigo, e o «sim» que ele me deu deixou-me preocupada e excitada. O que é que ele tinha planeado? Estávamos a falar de mais um *edging* cruel ou de umas palmadinhas ligeiras? As possibilidades fizeram-me contorcer no assento, o que por sua vez me fez sentir uma pontada de dor, fazendo-me pensar em quão dolorida tinha ficado, e o ciclo torturante recomeçou.

O Josh tamborilou os dedos sobre o volante distraidamente, e eu quase choraminguei ao ver como isso fazia o seu antebraço tatuado fluir. Os meus olhos foram atraídos para cima, para os bíceps que se esticavam contra a manga da camisa.

– Porque é que este semáforo é tão demorado? – disse ele, quase que falando consigo próprio. O *Fred* miou em resposta, e o Josh olhou pelo retrovisor. – Eu sei, amigo. Estamos a chegar. – Ele sorriu para mim antes de voltar a concentrar-se no semáforo. – Quando estávamos a sair eu disse-lhe para ir à casa de banho, mas será que ele me ouviu?

Fiz um som descomprometido, demasiado distraída com o seu perfil para falar. Meu Deus, nunca me iria cansar de o contemplar. Ele tinha de saber como era lindo. Eu entendia que ele se escondia por medo de que alguém dissesse que ele era parecido com o pai, mas eu apostava que 99 %

dos olhares que ele recebia em público não tinham nada que ver com o pai, mas sim com o facto de ele ser tão atraente que, se ele parasse ao lado de alguém e lhes dissesse para entrarem no carro, não precisaria de rebuçados para os atrair. Eles iriam olhar para ele e decidir que o risco de serem assassinados valia a potencial recompensa de serem fodidos.

Ou talvez eu estivesse a tentar racionalizar a facilidade e a rapidez com que me estava a apaixonar por ele. O meu estômago revirava-se de cada vez que ele olhava para mim. Não conseguia parar de observar a sua boca quando ele falava, como se estivesse a tentar memorizar a forma como os seus lábios formavam as palavras. O seu corpo parecia ocupar mais espaço do que devia, atraindo-me para ele como se ele tivesse um campo gravitacional e eu fosse a Lua atraída pela sua órbita.

Estávamos no carro há mais de quinze minutos, e eu não tinha tirado os olhos dele uma só vez. Sentia-me fisicamente incapaz de o fazer. Já não havia nada mais fascinante do que o homem ao meu lado. Tínhamos acabado de passar pelo que deveria ter sido uma experiência incrivelmente traumática, mas eu só conseguia pensar no Josh a foder-me contra a parede do duche. Ainda bem que tínhamos comprado a pílula do dia seguinte. Entre os meus ovários não confiáveis e a quantidade de esperma que eu tinha limpado das minhas pernas depois de terminarmos, redobrar o controlo de natalidade parecia necessário se não quiséssemos trazer um pequeno Josh ao mundo.

Não. Não o faças, disse a mim própria. *Não te é permitido imaginá-lo a lançar uma bola de basebol ao lado de uma versão miniatura dele próprio.*

A ideia devia ter-me assustado. Tínhamos acabado de nos tornar oficiais. Era demasiado cedo para começar a pensar em como seriam os nossos filhos, e eu nem sequer sabia se queria ter filhos. Todavia, eu não estava a brincar quando disse ao Josh que seria ele o perseguido se tentasse acabar a relação. A minha obsessão por ele estava a aumentar para níveis preocupantes. De repente, percebi porque é que ele me vigiava no trabalho, porque se eu tivesse os mesmos conhecimentos de *hacking*, havia cem por cento de hipóteses de eu retribuir o favor.

O Fred voltou a miar quando o semáforo ficou verde.

O Josh olhou pelo retrovisor antes de pisar no acelerador.

– Se aguentares até chegarmos a casa, o papá compra-te um brinquedo novo.

Que merda. Ele precisava de parar de dizer coisas destas. Estava a fazer com que não só eu quisesse ter filhos, como os quisesse ter em breve.

Inclinei-me para ele e passei um dedo pelos seus bíceps.

– E o que é que a mamã vai receber?

O volante rangeu sob as mãos dele. Ele fitou-me com um olhar pontual, depois olhou significativamente para o banco de trás, baixando a voz.

– O papá vai dizer à mamã mais tarde, quando não houver ouvidos delicados à escuta.

Sorri e aproximei-me mais.

– Tenho quase a certeza de que é nossa responsabilidade como pais assustar os nossos filhos. Fortalece-lhes o carácter.

Ele grunhiu e remexeu-se no assento.

– Se continuas a falar assim, vamos ter de triplicar os contracetivos.

Olhei para baixo e vi o contorno da sua ereção enfiada na perna das calças. Aquilo não podia ser confortável. Talvez se eu lhe abrisse o fecho das calças e lhe desse um pequeno «ajuste» ele se sentisse melhor.

Comecei a tentar alcançá-lo, mas ele agarrou-me o pulso.

– Aly – disse ele, com uma voz baixa de aviso. – Estaremos em tua casa em menos de um minuto.

– Não posso esperar tanto tempo – disse-lhe, quebrando o seu aperto.

Ele bloqueou-me novamente.

– Bem, vais ter de o fazer porque parece que está alguém à tua porta.

Levantei a cabeça. De facto, um SUV de luxo desconhecido estava estacionado em frente à minha casa. Ainda estava proibida de contactar o meu tio, por isso esperava que fosse um dos meus primos a vir contar-me tudo o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas e não um polícia à paisana.

O Josh estacionou ao lado do portentoso veículo, mas manteve o motor ligado.

– Não está ninguém lá dentro – disse-lhe, espreitando para o lugar vazio do condutor. – Deve ser um primo. É bom que aqueles sacanas não tenham copiado as minhas chaves e distribuído pela família. Não quero ter de mudar as fechaduras.

O Josh franziu o sobrolho ao veículo.

– A verdadeira questão é: ele tem estado aqui à tua espera até chegares a casa, ou sabia que estávamos a caminho?

Encolhi os ombros.

– Podemos tocar no capô quando sairmos para ver se ainda está quente, e então teremos a nossa resposta. Estás pronto?

O Josh abanou negativamente a cabeça e apontou para o seu colo.

– Vou precisar de um minuto. Algo me diz que os teus familiares mafiosos não iriam apreciar a minha ereção tanto quanto tu.

Sorri.

– Irias ficar surpreendido.

O Josh riu-se e estendeu a mão para me pôr uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Fechei os olhos e encostei-me à sua mão.

– Tenho andado a pensar numa coisa. Talvez me possas contar enquanto esperamos.

– Posso tentar.

Abri os olhos.

– Como é que tudo isto aconteceu?

Ele franziu o sobrolho.

– O que é que queres dizer?

Fiz um gesto entre nós.

– Tu e eu. O Tyler disse-te que acabou com tudo e tu decidiste dar o teu primeiro passo assustador?

Ele sorriu e afastou a mão.

– O Tyler mostrou-me a mensagem que lhe enviaste.

Fiquei pasmada a olhar para ele.

– Não, diz-me que ele não fez isso. O Josh acenou com a cabeça.

– E ele não reconheceu as tuas tatuagens?

– Não. Talvez ainda não tenhas reparado, mas o meu colega de quarto é mais do que um pouco egocêntrico.

Recostei-me, lembrando-me de como o Tyler tinha ficado grato por, agora, poder partilhar comigo o foco de atenção obsessiva do Josh, e isso deu-me que pensar. E se o Tyler soubesse da conta do Josh no *masktok* desde o início e, quando lhe enviei aquela mensagem, ele decidiu fazer de casamenteiro?

– O que é que se passa? – perguntou o Josh. – Estás com a mesma cara de esquilo que o *Fred* tinha quando roubou aquele pedaço de *bacon*.

– De certeza que não é nada – disse. Com algo tão diabólico, o Tyler ficou provavelmente todo convencido. – Então o que aconteceu depois de ele te mostrar a mensagem?

Agora era a vez de o Josh ficar com ar esquisito.

– Eu, hum, posso ter passado várias horas à tua procura nos meus comentários e a ler tudo o que alguma vez escreveste. – Ele virou-se para mim, esfregando a parte de trás do pescoço. – E depois decidi ver se eras só conversa ou se gostavas mesmo tanto da máscara como eu.

– Quem diria que, semanas mais tarde, arranjarias uma namorada por causa disso – disse-lhe.

O Josh virou-se para mim, com o olhar fixo no meu.

– Na primeira noite em que te vi no hospital, soube que queria que isto fosse mais do que o engate perverso que tinha planeado.

As minhas entranhas ficaram todas moles com a confissão.

– E lá estava eu, pronta para te dar um tiro. Deves ter-te cagado de medo quando, depois de teres entrado, me viste a revistar a casa.

Ele piscou-me o olho.

– Sim, mas dizem que se pode saber muito sobre uma mulher pela forma como ela manuseia uma arma, e eu estava mais do que…

Um miar estridente ecoou pelo carro. O Josh e eu trocamos um olhar de pânico.

Desapertei o cinto de segurança.

– Terminas a frase depois. O senhor Mija nas cuecas McGee parece desesperado.

Saí do carro e peguei no saco de transporte do *Fred*, com cuidado para não o abanar demasiado enquanto corria para a porta da frente. Havia uma segunda caixa de areia na lavandaria e, assim que abri o fecho do saco de transporte do *Fred*, ele correu para ela.

Segui-o até ao interior da casa, cautelosamente. Cheirava a lixívia e a pinho artificial. As minhas portas de madeira brilhavam como se tivessem sido polidas de fresco.

Quão profunda fora a limpeza que a equipa do meu primo tinha feito? O Brad esteve sobretudo no chão da cozinha e depois passou pela sala de estar, mas nessa altura já estava dentro do meu saco de *snowboard*. Pela forma como a minha casa brilhava, parecia que todas as superfícies tinham

sido limpas. Por uma questão de precaução? Se assim fosse, não me ia queixar. Assim, evitava de ter de a limpar durante algum tempo.

O Josh entrou atrás de mim, carregando as nossas malas e a caixa de areia.

Voltei-me para o ajudar, perguntando-me onde raio estaria o meu convidado.

Ele inclinou-se para mim e baixou a voz.

– O capô ainda estava quente. Mais tarde será necessário passar os nossos pertences e o meu carro a pente fino à procura de um localizador.

Filho da puta. O que é que se passa com todos estes perseguidores ultimamente? Seria eu? Estaria eu a libertar alguma feromona estranha, do tipo «venham ter comigo»? Ou Mercúrio estava novamente retrógrado?

Deixámos as nossas coisas na porta da frente e fomos à procura do meu último invasor. O meu primo Júnior estava sentado na mesa da minha cozinha, a beber café de um copo de papel. Ele era a imagem exata do pai, baixo e elegante, com traços faciais arrojados que eram mais impressionantes do que bonitos.

O seu olhar desviou-se de mim para o Josh, e ele arqueou uma sobrancelha escura.

– Vejo que fizeste a barba e perdeste os óculos.

Atrás de mim, o Josh praguejou.

Meti-me entre os dois homens, pondo o Josh atrás de mim.

– O que estás aqui a fazer?

Eu gostava quando era o Josh a invadir o meu espaço e a forçar os meus limites, mas ele era, afinal, uma exceção à regra. Qualquer outra pessoa que o fizesse deixava-me mal-humorada, quase homicida – incluindo familiares.

O Júnior pôs-se de pé, abrindo os braços.

– Isso é lá maneira de cumprimentar o teu primo mais velho?

Olhei para ele, sem fazer qualquer movimento para aceitar o seu abraço.

– Isso depende. É verdade que ontem apontaste uma arma ao meu namorado?

Ele baixou os braços e teve a decência de fazer um ar envergonhado.

– Foi um mal-entendido.

– A tua cara está prestes a ter um mal-entendido com o meu punho – disse-lhe, avançando na sua direção.

Ou pelo menos tentei fazê-lo. Consegui dar um passo antes de um puxão me fazer bater de costas no peito do Josh. Ele envolveu-me com os braços como se estivesse a abraçar-me, mas percebi, pela forma como os seus músculos se contraíam, que se tratava menos de afeto e mais de contenção.

– Solta-me – disse.

– Podia soltar, mas que tipo de exemplo estaríamos nós a dar ao nosso filho se eu te deixasse bater num membro da família à frente dele?

Olhei para o Júnior e vi o *Fred* a sair da lavandaria e vir na nossa direção.

– Que não se deve aceitar merdas de ninguém, nem mesmo de familiares.

O Júnior franziu o sobrolho, olhando à volta da sala.

– O teu filho? Não sabia que…

Ele viu o *Fred* na sua visão periférica e virou-se para o observar. A sua confusão aprofundou-se quando voltou a olhar para nós, apontando com o polegar para o *Fred*.

– Estás a falar do gato?

– Sim – disse o Josh. O «dah» foi silencioso, mas muito implícito. O Júnior fez uma careta.

– As pessoas com gatos são tão estranhas.

Os braços do Josh endureceram.

Suspirei.

– O que é que queres, Júnior?

– Precisamos do teu namorado.

– Para quê?

– Para a mesma coisa que antes – disse o Júnior. – Para piratear o computador do Brad.

O Josh fez um ruído baixo de contemplação.

– Não é um pouco arriscado voltar a casa dele logo depois de a polícia lá ter estado?

O Júnior acenou com a cabeça.

– Sim, e é por isso que não somos nós quem vai. Temos outra equipa para fazer coisas furtivas. Eles vão entrar à socapa esta noite, e tu podes pirateá-lo remotamente. – Ele levantou as sobrancelhas para o Josh. – Certo?

– Não é assim tão simples – disse o Josh. – A palavra-passe do computador do Brad está bloqueada? Quão segura é a rede dele? Que tipo de *software* é que ele usa?

O Júnior encolheu os ombros.

– Como é que eu hei de saber?

Os braços do Josh relaxaram à minha volta.

– São perguntas retóricas, mas, dependendo das respostas, isso pode-nos atrasar e exigir ferramentas diferentes para que o trabalho possa ser concretizado. Será mais rápido se eu lá estiver.

Enrijeci.

– Não gosto dessa opção.

O meu primo parecia preocupado, ao mudar o foco do seu olhar de mim para o Josh.

– Eu também não.

O Josh soltou uma gargalhada sem graça.

– Acreditem em mim quando vos digo que não era assim que eu queria passar a minha noite.

Os seus braços apertaram-se novamente, puxando-me para me depositar um beijo no topo da cabeça.

Fechei os olhos e recostei-me, desejando que estivéssemos sozinhos, desejando que esta merda acabasse para que o Josh e eu pudéssemos continuar com as nossas vidas. E talvez eu devesse ter-me sentido egoísta ou culpada por isso – um homem estava morto, e tudo o que me preocupava era o inconveniente que aquilo tudo era –, mas não consegui sentir mais nada a não ser uma leve preocupação de que isto pudesse explodir na nossa cara. Que melhor maneira de garantir que tal não sucederia do que ter um *hacker* de primeira classe para eliminar o nosso rasto?

Respirei fundo e abri os olhos.

– O Josh tem razão. Ele precisa de estar presente, e assim sendo eu vou com ele.

O Júnior abanou negativamente a cabeça.

– Não. Absolutamente não. Este não é um trabalho para uma mulher.

Recuei para os braços do Josh.

Por cima de mim, ouvi o meu namorado inspirar fundo e depois soltar a respiração com um ruído de «ooh» mais adequado a um parque infantil. Largou-me com uma mão e estendeu-a à minha frente.

– Esta é a parte em que tiras os brincos, certo? – disse ele. – Posso segurá-los enquanto lhe dás uma lição.

Virei-me de lado para olhar para ele.

– O que aconteceu a não se recorrer à violência em frente ao nosso bebé?

A expressão do Josh era estoica.

– Mudei de ideias. Às vezes, é preciso dar exemplos.

Voltei-me para o meu primo no momento em que o outro braço do Josh se soltou de mim. Em seu favor, o Júnior parecia perceber que tinha feito asneira. Ele estendeu as mãos em sinal de apaziguamento e deu um passo para trás.

– Ei, não era isso que eu queria dizer. Quis dizer que o meu pai me esfolava se eu te deixasse entrar nisto.

Dei um passo em direção a ele.

– Eu vou, ponto final.

Ele abanou negativamente a cabeça.

– Aly, não podes. Estou a falar a sério. Os homens da equipa são duros. Não devias estar perto deles.

Outro «ooh» ecoou atrás de mim, seguido de um som de trituração. Olhei por cima do ombro e fui dar com o Josh a observar-nos atentamente. Ele tinha tirado um saco de pipocas de uma das caixas de comida que tinha embalado e estava a comê-las com o tipo de alegria reservado a alguém que está a ver um episódio de *Real Housewives* – a reunião.

Abanei a cabeça na sua direção, desaprovando aquele gesto – que era o que ele queria, provavelmente – e voltei-me para enfrentar o meu primo.

– Eu trabalho com pessoas difíceis todos os dias, Júnior. Consigo desenrascar-me. Arranja uma maneira de fazer isso acontecer, porque se o Josh vai, eu também vou.

A cara do Júnior transformou-se numa nuvem de trovoada e, por um segundo, ele era a fotocópia do pai quando lhe contei sobre o cadáver do Brad.

– Está bem. Mas tu ficas na carrinha.

Assenti com a cabeça. Podia aceitar isso e, pela cara do Júnior, ele já tinha alcançado o seu limite.

– Que mais tem estado a acontecer?

A expressão do meu primo tornou-se cautelosa.

– O que queres dizer com isso?

– Com toda a situação do Brad. Encontraste o carro dele?

– Sim – disse o Júnior.

O som de algo crocante a ser triturado voltou a encher a sala. O Josh parecia continuar a desfrutar do espetáculo, já eu começava a ficar novamente irritada.

– E? – questionei.

O Júnior encolheu os ombros.

– E o quê?

– Livraste-te dele?

O Júnior revirou os olhos.

– Não, deixámo-lo onde estava.

Apertei a ponte do nariz e ignorei a pobre tentativa de o Josh tentar disfarçar o seu riso.

– Júnior, por favor, conta-nos o que se está a passar com o encobrimento da morte do Brad.

O merdinhas sorriu.

– Bem, já que pediste com jeitinho. – Voltou a sentar-se e bebeu um gole do seu café antes de apontar para as cadeiras à sua frente. – Por favor, juntem-se a mim.

Tentei não ranger os dentes enquanto me sentava. Ao meu lado, o Josh parecia estar a divertir-se à grande. Os seus olhos oscilavam entre mim e o Júnior como se estivesse a assistir a um jogo de ténis. Começava a pensar que o Josh não gostava apenas de me picar, mas também tinha muito prazer em ver outros chatearem-me. Porque será? Por ele ser antagónico por natureza, ou será que gostava de me ver enervada?

E onde é que era a linha? Não me tinha esquecido do momento em que o Greg a ultrapassou, quando se atirou a mim na cozinha do Nico. Num piscar de olhos, o Josh passou de um *golden retriever* descontraído e amigável a um *dobermann* feroz e nervoso.

Vê-lo chateado daquela maneira só confirmou ainda mais a diferença entre ele e o pai dele. Em vez de ter os olhos frios e mortos, os de Josh eram um inferno ardente, a promessa de retribuição a arder tão intensamente que até o meu primo mais novo e mais sarcástico se apercebeu do perigo e se apressou a pedir-me desculpa.

O Júnior pousou o café e levantou o olhar até encontrar o meu.

– O carro do Brad estava a uns quarteirões daqui – disse ele. – Conseguimos entrar enquanto ainda estava escuro sem acionar o alarme. Um dos nossos rapazes levou-o para uma oficina nossa, onde será desmantelado e vendido em peças.

Pestanejei, impressionada. Os polícias iam ter muito trabalho a tentar descobri-lo.

O Josh sentou-se à minha frente.

– Não estás preocupado com as câmaras das casas vizinhas?

O Júnior encolheu os ombros.

– Nem por isso. O Brad estacionou numa zona entre os postes de iluminação pública para não ser identificado, o que significa que os nossos rapazes também beneficiaram com isso. Dado o quão longe ele foi para encobrir o seu rasto ao vir até aqui, tenho a certeza de que assim que saiu do carro pôs a máscara, por isso, se alguma câmara o filmou a passar, seria praticamente impossível identificá-lo. E, no fim de contas, a polícia teria de suspeitar que o Brad esteve nesta zona para poder intimar as pessoas a ceder as imagens das suas câmaras de vigilância.

Assenti com a cabeça.

– É por isso que precisamos de chegar ao computador do Brad. – O Júnior ergueu um dedo. – E é por isso que o teu namorado precisa de o fazer. Tu não sais da carrinha.

Olhei-o fixamente.

– Eu sei disso, tanso.

O Júnior fungou.

– Isso é desnecessário.

O Josh meteu outra pipoca na boca, sorrindo enquanto mastigava.

– Quanto a mim, estou-me a divertir.

Revirei os olhos para ele e fixei o meu olhar no meu primo.

– E o corpo do Brad?

A expressão do Júnior fechou-se.

– Não. Essa é a única informação à qual não podemos ter acesso.

Franzi o sobrolho.

– O que é que queres dizer?

O Júnior encolheu os ombros.

– O pai tem dois tipos que lidam com esses assuntos, aos quais confia a própria vida.

– Estás a falar dos capangas que vieram buscar o Brad enquanto o carro estava a ser limpo? – perguntei, lembrando-me dos homens que tinham retirado o pesado saco da mala, desaparecendo, logo em seguida, sem sequer dizer um olá.

Eram homens de meia-idade, magros e vestiam roupas indescritíveis. Não havia nada neles que se destacasse a ponto de eu achar que, se eles fossem dispostos em fila e eu tivesse de os identificar, não o conseguiria fazer; provavelmente era esse o seu objetivo. Entrar, sair, ser esquecido.

– São esses mesmo – disse o Júnior. – Só eles sabem o que aconteceu ao Brad, mas posso-vos dizer por experiência própria que não precisam de se preocupar. Nunca ninguém encontrou alguém depois de esses dois o terem feito desaparecer.

Mexi-me, inquieta, no meu lugar e olhei para o Josh. O seu divertimento tinha-se desvanecido e ele também não parecia satisfeito com a notícia.

– Não é melhor sabermos o que aconteceu? – perguntei.

O Júnior abanou negativamente a cabeça.

– Não. Assim, se o pior acontecer, não podes dizer à polícia onde está o corpo. Sem corpo, não há provas de um assassínio. Quando se tem advogados da máfia a representar-nos, é muito difícil ser condenado só com base em provas circunstanciais. Já conseguiram livrar alguns dos nossos de acusações bem piores.

– Continuo a não gostar disto – disse.

O Júnior soltou uma gargalhada.

– Hás de te habituar.

Tinha grandes dúvidas.

Ele rodou distraidamente a chávena de café e olhou para mim, o seu olhar tornou-se perturbado e distante, como se já não estivesse a ver o que o rodeava, mas antes uma memória já enterrada.

– E acredita em mim quando digo que às vezes é melhor não saberes de algumas coisas.

Fiz um sorriso amarelo. Só Deus sabia o que ele tinha visto com um pai como o dele. Tanto quanto sabia, o Nico não era tão mau como o pai do Josh, mas devia andar lá perto.

As excentricidades e o charme exteriores do Nico nunca me enganaram, pois nunca esquecerei os olhares assombrados dos meus pais e avós quando

alguém falava nele. A família não temia familiares sem ter razões para isso, especialmente alguém como a minha mãe, que pouco receava desta vida.

– Oh – disse o Júnior. – Quase me esquecia. O pai quer que vás jantar lá a casa.

Enrijeci-me no meu lugar.

– Hum… não, obrigada?

O Júnior abanou negativamente a cabeça.

– Não tens escolha, miúda.

– Tenho sim, senhor – disse-lhe. – E não sou uma miúda.

A sua expressão transformou-se em pena.

– Deves-lhe um favor, lembras-te? O pagamento que ele exige por tudo isto é jantares uma vez por mês com a família.

Virei-me para o Josh, de olhos arregalados.

– Estou a ser «gilmored» neste momento? – Ele assentiu com a cabeça. – Sim. Ele é a Emily no seu melhor.

O Júnior observava-nos, alternando o olhar entre nós, meio confuso.

– De que raio estão a falar?

Não me dei ao trabalho de explicar nem voltei a tentar dialogar. Se a Lorelai conseguia aguentar umas horas com a mãe por causa da Rory, eu também conseguia aguentar jantar com o Nico e a sua prole. O meu tio era mau, mas compará-lo à Emily Gilmore fazia-o parecer uma peça de fruta.

– Conta comigo – disse.

O Josh aclarou a garganta e lançou-me um olhar incisivo.

Abanei a cabeça.

– Oh, não. Não te vou forçar a juntares-te à minha miséria.

Agarrou no meu joelho por baixo da mesa e virou-se para o Júnior.

– Nós vamos.

Tentei conter o meu pequeno sorriso de satisfação e, quase de certeza, falhei redondamente.

O Júnior bateu palmas.

– Ótimo. Se está tudo resolvido, temos de ir.

Olhei para o relógio.

– Ainda não é uma.

Ele acenou com a cabeça.

– Sim, mas o Sol põe-se daqui a umas horas, e o plano é fingir que a casa do Brad é o último cliente do dia. Temos de lá estar às 17h30 e, agora

que vocês também vêm, temos de alterar algumas coisas.

Era uma mulher adulta. *Não* ia fazer beicinho pelo facto de, em vez de fazer sexo pervertido com o meu namorado, ter de ir ajudar a resolver a confusão em que nos tínhamos metido.

O Josh encontrou os meus olhos, os dele brilhavam com diversão enquanto ele estendia a mão e roçava a minha bochecha com a parte de trás dos seus dedos.

– Lembra-te de que vamos ter as próximas duas semanas só para nós quando isto tudo acabar.

O Júnior fez um ruído de clarear a garganta e levantou-se do seu lugar.

– Vocês os dois são nojentos – bramiu por cima do ombro, enquanto se dirigia para a porta da frente.

Ignorei o meu primo, encostando-me ao Josh. Ele puxou-me do meu lugar para o seu colo e envolveu-me com os seus grandes braços. Enterrei o meu rosto no pescoço dele, respirando fundo. Ele cheirava a detergente da roupa e a pipocas de *cheddar* e, por um momento, deixei-me ficar quieta no seu abraço, para desfrutar do breve e perfeito presente que era ser abraçada pelo meu namorado.

Pus de lado a minha ansiedade no que concerne ao que estávamos prestes a fazer hoje à noite, e ao medo avassalador sobre o que os próximos dias e meses trariam. Aconteça o que acontecer, o Josh e eu enfrentá-lo-íamos juntos. Talvez fosse o facto de estar nos braços dele, mas apesar da gravidade dos nossos feitos e do risco real de irmos parar à cadeia caso fôssemos descobertos, sentia que juntos, eu e ele, éramos capazes de ultrapassar tudo.

22

Josh

O Júnior abriu a traseira da carrinha da empresa de eletricidade e fez-nos sinal para entrar. Não tinha a certeza, mas esta carrinha era muito parecida com aquela onde eu estivera antes e, depois de ter tido uma arma apontada à cabeça, fiquei com receio de lá entrar outra vez.

Estávamos numa rua secundária perto de um complexo industrial nos arredores da cidade, protegidos do sol poente pelos edifícios circundantes. Era aquele período esquisito do dia chamado crepúsculo, quando a luz do dia se esvaece e, embora os candeeiros de rua já estivessem acesos, ainda não estava suficientemente escuro para que fizessem a diferença, deixando-nos submersos num mundo sombrio e nebuloso.

Olhei de soslaio para a abertura da carrinha, mal conseguindo distinguir a equipa de seis homens a que nos íamos juntar. *Não* eram os mesmos gajos de antes. Pareciam-se mais com algo saído de um filme militar. Apesar das diferenças de idade, raça e estatura, havia uma semelhança entre eles que falava de uma unidade coesa de pessoas que tinham treinado e trabalhado juntas durante tanto tempo que já não precisavam de comunicar, porque *sabiam* inerentemente o que vinha a seguir.

Por fim, decidi entrar, ignorando o facto de os homens me perturbarem. Havia espaço, num dos bancos, ao lado da porta, por isso dobrei-me e assenti com a cabeça para os outros.

– Obrigado por nos deixarem vir convosco.

Tudo o que recebi em troca foi um único grunhido e vários olhares de indiferença.

– Não, têm razão – disse. – É melhor mantermo-nos misteriosos.

Um movimento chamou-me a atenção e eu virei-me para ver a Aly entrar.

Aconcheguei-a ao meu lado no banco para poder sussurrar: *Aposto vinte dólares em como consigo fazer com que um deles se ria antes do fim da noite*.

Ela sorriu.

– Apostado.

O Júnior sentou-se à nossa frente, e o modo como o seu olhar se deslocou de mim para a Aly fez-me sentir que ele percebeu a forma como eu a tinha posicionado entre mim e a porta, usando o meu corpo como um escudo protetor entre ela e os outros. Um movimento subtil da sua cabeça indicou-me que ele aprovava, antes de se virar para o homem ao seu lado e dizer algo que me escapou, por causa dos roncos do motor da carrinha.

Peguei nas mãos enluvadas da Aly, meti-as em concha e bafejei-as.

– Estás suficientemente quente?

Os olhos dela franziram-se enquanto o seu sorriso mudou de divertido para outra coisa. Algo repleto de afeto e calor.

– Estou bem, sim.

– Bem, eu cá estou a congelar – disse eu para ter uma desculpa para a abraçar e a puxar para mais perto.

Ela deu-me uma cotovelada nas costelas.

– Mentiroso.

Beijei-lhe a testa, ignorando todos os outros em favor da distração que ela me estava a proporcionar. Já não me lembrava da última vez em que tinha estado assim tão nervoso. Talvez na primeira noite em que invadi a casa dela?

O Júnior disse que o pai tinha mandado alguém vigiar a casa do Brad depois da nossa primeira tentativa falhada de lá entrar e, segundo essa pessoa, a polícia ainda não tinha lá voltado. Continuavam à espera de que o mandado de busca fosse aprovado. Os advogados da família Bluhm estavam a lutar contra isso, mas o Nico achava que, mais cedo ou mais tarde, eles iam perder a batalha e era por isso que estávamos aqui agora. Amanhã podia já ser tarde demais.

A Aly espreitou além de mim para ver os restantes homens na carrinha. Estávamos todos vestidos com o uniforme da empresa de eletricidade. Até tínhamos crachás pendurados ao pescoço, que pareciam oficiais – incluindo o Júnior e a Aly, que ficaram para trás com o motorista e o «técnico», enquanto os restantes entraram. Os crachás eram as nossas únicas formas de

identificação, e o Júnior confirmou que passaríamos despercebidos caso alguém nos investigasse. O facto de terem pensado e planeado tudo ao pormenor fez-me sentir um pouco melhor, porém parecia não haver maneira de conseguir eliminar o mal-estar que sentia no estômago.

Estava prestes a invadir a casa do homem que tinha matado, e parte de mim preocupava-se que isto pudesse ser uma armadilha. Disseram-nos que a máfia tinha tratado do corpo do Brad, do seu carro e de qualquer prova de ADN deixada em casa da Aly, mas tudo o que tínhamos era a palavra deles. Não parecia um exagero pensar que alguém como o Nico poderia ter um motivo oculto ou pelo menos um plano de reserva se algo corresse mal, e definitivamente não me tinha escapado o facto de eu poder vir a ser o bode expiatório perfeito.

Infelizmente, não havia muito que eu pudesse fazer em relação às minhas suspeitas. Se eu não apagasse todos os potenciais vestígios da Aly do computador dele, ela ficaria vulnerável, e eu preferia arriscar-me a mim do que a ela.

Estabilizei-nos enquanto a carrinha avançava, apertando a minha mão à da Aly para garantir que ela não deslizava para a porta. Ela apertou a minha coxa num agradecimento silencioso, e foi aí que soube que estava totalmente fora de mim porque, pela primeira vez, o seu toque não me deixou instantaneamente duro.

Sentada ao meu lado avançou com o olhar fixo no primo.

– O que é que acontece se estiver lá a polícia outra vez?

O Júnior abanou negativamente a cabeça.

– Não vão estar. Temos pessoas a vigiar. – E se eles aparecerem enquanto lá estivermos? – insistiu ela.

– Retiramos toda a gente antes de eles chegarem – disse ele. – E, mais uma vez, temos pessoal de vigia.

– E se eles passarem despercebidos ao teu pessoal?

O Júnior revirou os olhos.

– A casa do Brad fica num condomínio fechado e só há uma estrada para entrar e sair. Estão três carros de vigia na rua que interceta essa estrada. Se os polícias vierem, independentemente da direção, vamos conseguir saber a tempo de fugir.

A Aly estreitou os olhos.

– Uma carrinha a entrar e a sair do condomínio não vai levantar suspeitas? E os vizinhos?

Um músculo saltou ao longo da linha do maxilar de Júnior e ele respondeu-lhe lentamente, como se estivesse a tentar manter a calma.

– Não vamos entrar nem sair a correr de lado nenhum. Vamos conduzir a uma velocidade não suspeita.

O olhar da Aly dirigiu-se para a frente da carrinha.

– Tens a certeza, depois da forma como o teu último condutor entrou em pânico?

O Júnior abanou negativamente a cabeça.

– Hoje, não é o Vinny quem conduz. Agora, queres parar com o interrogatório? Já falámos sobre isto tudo.

A Aly atirou-se para mim de lado.

– Desculpa, mas estou nervosa, e a melhor maneira de aliviar a minha ansiedade é tentar compreender o máximo possível.

O Júnior soltou um suspiro, com o seu nervosismo a desvanecer-se.

– Eu percebo, mas não há muito que possamos fazer a não ser sentarmo-nos aqui e parecermos bonitos.

Ela franziu o sobrolho para ele.

– Não é por *nós que* estou nervosa.

Bati com o meu joelho no dela.

– És muito amável, mas tenho a certeza de que os nossos novos amigos vão ficar bem, apesar das suas aparências delicadas.

Bastou um olhar para perceber que nem uma contraçãozinha de lábios consegui com este comentário. Estes gajos iam ser mais difíceis de quebrar do que o que eu pensava.

– Também não estava a falar deles – disse a Aly, fazendo uma careta. Voltou a inclinar-se para a frente para olhar além de mim. – Sem ofensa.

Um deles acenou-lhe com a cabeça, e nada mais. Oh, meu, conseguir ter tanto autocontrolo. O silêncio estava a cair sobre a carrinha, e a vontade de quebrar a tensão com outra piada era quase demasiado forte para conseguir resistir.

Felizmente, a Aly salvou-me de mim mesmo, entrelaçando os seus dedos nos meus e olhando para mim.

– Vais ficar bem?

As minhas entranhas ficaram quentes e baralhadas quando olhei para os seus grandes olhos castanhos. Ela parecia tão preocupada, com as sobrancelhas franzidas, o lábio inferior apertado entre os dentes. Se não fosse o nosso público, ter-me-ia aproximado e beijado a sua preocupação.

Em vez disso, levantei a minha mão livre e passei-lhe o cabelo por cima do ombro.

– Eu vou ficar bem. E se esta merda der para o torto, não fiques à minha espera. – Inclinei-me e encostei a minha testa à dela, baixando a minha voz para que só ela a ouvisse. – Já deves ter reparado, mas sou muito bom a jogar às escondidas. Se for preciso, consigo sair de lá sozinho.

Os cantos dos olhos dela franziram-se.

– Então esperemos que não te aconteça nada, porque não sei se te conseguiria deixar para trás.

– Ei – disse o Júnior –, passarinhos. Vá, aqui têm um microfone e auriculares para cada um.

Com relutância, virei-me de costas para a Aly e aceitei do homem ao meu lado a engenhoca feita em plástico fino.

– Microfone de garganta – disse ele, puxando o seu.

Olhei para o que tinha na mão e perguntei-me se dariam pela falta dele caso eu «acidentalmente» me esquecesse de o tirar mais tarde, e acabasse por vir comigo para casa. Parecia equipamento militar, o colarinho era tão fino que, provavelmente, mal o sentiria quando o pusesse. Um cabo quase transparente e muito fino ia até um pequeno auricular. Nunca tinha visto nada assim antes, e a vontade de o dissecar e descobrir como funcionava era grande.

– Dá cá isso – disse a Aly, tirando-mo. – Deixa-me ajudar-te a pô-lo.

Virei-me para ela em silenciosa aquiescência, ancorando-me na sua presença, tentando dizer ao meu coração acelerado que ia correr tudo bem. Os homens na carrinha eram profissionais e a sua estratégia era sólida. Eu só precisava de entrar, limpar o computador do Brad e sair. Eles tratariam do resto, e se tudo corresse como planeado, toda esta operação demoraria menos de meia hora.

– Inclina-te para baixo – disse ela.

Curvei-me, respirando fundo, enquanto ela levantava o fio sobre a minha cabeça. A esta distância, conseguia cheirar o champô dela, e isso levou-me de volta ao duche que tínhamos partilhado. Depois do sexo

alucinante, virei-a de costas e lavei-lhe o cabelo, ensaboando-lhe as madeixas e massajando-lhe o couro cabeludo enquanto ela ficava totalmente relaxada ali ao meu alcance.

– Cabeça para cima – disse ela, e eu obedeci. Os seus dedos ágeis apertaram o fio à volta do meu pescoço. – Que tal?

Aumentei a minha voz para um tom agudo.

– Um pouco apertado.

Ela sorriu e soltou-o.

– E agora?

– Perfeito – disse-lhe.

Tal como tu, quis acrescentar, mas detive-me quando me lembrei do público ao nosso redor. Esta mulher tinha uma forma de me fazer esquecer onde estava, e nunca me sentira tão grato por isso como agora.

Ela tocou-me no queixo.

– Vira a cabeça.

Fiz o que ela disse e acabei por ficar de frente para o Júnior.

– Lembras-te do que tens de fazer? – perguntou ele.

Assenti com a cabeça.

– Deixa a equipa da pesada abrir caminho e não toques em nada a não ser no computador.

A Aly pôs-me o auricular no sítio, e eu levantei a mão e ajustei-o até ficar confortável.

– Estamos quase a chegar – disse o tipo que estava na ponta do banco do Júnior. Tinha um portátil aberto e equilibrado nos joelhos. Era o técnico que ficava na carrinha para monitorizar o nosso progresso e ajudar em tudo o que precisássemos, incluindo cortar a eletricidade o tempo necessário para entrarmos na casa do Brad sem sermos detetados, e podermos desarmar o sistema de segurança a partir do interior.

O Júnior voltou-se para nós.

– Tens a certeza de que consegues fazer isto? – sorri.

– Vai ser canja.

***

De facto não foi fácil. Tínhamos apenas dez minutos de operação e já nos tínhamos deparado com vários problemas. O primeiro foi o facto de a casa do Brad ter um gerador próprio robusto que ganhou vida no momento em que o técnico do Júnior cortou a eletricidade. Claro que o sistema de segurança estava ligado a ele, e eu fiquei a ver, de maxilares cerrados, o quão atrapalhado estava o *hacker* que tentava desarmá-lo remotamente, controlando-me repetidamente para me manter calado e deixá-lo concentrar-se, enquanto lhe tentava dizer que havia uma maneira mais rápida.

O segundo problema ocorreu ao contornarmos a propriedade. O homem da frente, da nossa fila de cinco, ergueu um punho ao alto sinalizando uma paragem. Eu esperei, com a respiração ofegante no ar gélido da noite, enquanto o nosso líder se esgueirava para a beira da casa. Ele baixou-se e agarrou algo que não consegui ver o que era porque, devido à distância, e ao facto de os vizinhos mais próximos de Brad não terem geradores como ele, aquela zona estava mais escura do que o próprio ato de pecar.

O homem fez um movimento como se tivesse lançado algo, e um instante depois, holofotes iluminaram o quintal do Brad como velas romanas. Nós encostámo-nos à lateral da casa e mantivemo-nos nas sombras.

Alguém praguejou, a sua voz alta no meu ouvido devido ao auricular.

– O que é que se passa? – perguntou o Júnior. – O que é que aconteceu?

– Dissemos-lhe para manter a linha livre – respondeu-lhe um dos homens, e a minha vontade de entoar «ooh» foi tão forte que tive de morder o lábio para me conter.

– As luzes estão ligadas ao gerador – disse o nosso líder. – Temos de as desativar remotamente. – Ele virou-se e fez sinal para o tipo à minha frente. – Vem cá e traz o bloqueador de sinal.

O homem atarracado avançou apressadamente, tirando do seu cinto de ferramentas um dispositivo que mais parecia uma pistola de radar do Batman. Vê-lo apontar, cuidadosamente, para a esquina da casa, e clicar num botão que apagou de imediato as luzes todas foi uma das coisas mais fixes que alguma vez vi, e perguntei-me se os talentos de carteirista desenvolvidos durante a minha breve fase rebelde na adolescência estariam à altura da tarefa de lho roubar mais tarde.

Aparentemente, torno-me num cleptomaníaco quando estou perto de tecnologia de ponta, mas quem é que me pode culpar? Um bloqueador mágico que apagava as luzes num único movimento? Não haveria no mundo um só *geek* da tecnologia que, estando no meu lugar, não acabasse por desenvolver um caso súbito de mãos gananciosas.

– Vamos – disse o líder.

Mantive a minha mão apoiada na parede enquanto avançávamos, perguntando-me como é que ele conseguia ver para onde ia depois de aqueles holofotes terem arruinado a nossa visão noturna. A resposta «ele não consegue» veio um segundo depois, quando ele tropeçou em algo enterrado na neve e mergulhou de cabeça nos arbustos.

Os ruídos imanentes da luta que travava para se libertar ecoavam pelo auricular, tão alto que quase o arranquei do meu ouvido.

– O que é que se passa? – perguntou o Júnior, ignorando o pedido de silêncio anterior. – Parece que estão a lutar. Estava lá alguém dentro à vossa espera?

Não consegui impedir-me de responder.

– O nosso destemido líder acabou de cair de cara para dentro de um rododendro, mas já está a recuperar. Parece envergonhado. – O homem virou-se para mim e, mesmo na escuridão, percebi que me fulminava com o olhar. – Ups, agora parece irritado.

Um riso abafado ecoou pela linha. Vitória!

– Aly, deves-me vinte dólares.

– Isto não conta – disse ela. – Foi o Júnior.

– Mantenham a linha livre – alguém resmungou.

Cobri o meu microfone e toquei no tipo mais próximo de mim.

– Pago-te dez dólares para te rires da minha próxima piada. Preciso de ganhar uma aposta à minha namorada.

– Ei! – disse ela. – Eu ouvi isso. Sem batota.

O líder apontou para mim.

– Pela última vez, mantenham a *merda* da linha limpa.

Saudei-o e imitei um fecho de lábios.

Conseguimos entrar na casa sem mais dificuldades, mas assim que fechámos a porta atrás de nós e demos um passo em frente, o terceiro problema acertou-nos como uma bofetada na cara. Os homens à minha

frente pararam e trocaram olhares, o que me fez sentir um pouco melhor por não ser o único a reconhecer o cheiro de um corpo em decomposição.

O líder apontou para os dois tipos atrás dele.

– Descubram que cheiro é este. – Virou-se para os dois seguintes na fila. – Vocês procurem o telemóvel.

Ficámos só ele e eu. Que bom. Fiquei com o mais rabugento como *babysitter*.

– Vamos lá então até ao tal computador, e descobrir se tu és ou não só conversa – disse ele, virando-se para a grande escadaria à nossa direita.

Segui-o até lá acima, tentando não olhar boquiaberto para a riqueza ao meu redor. O meu ordenado até nem era nada mau, mas nunca conseguiria fazer uma fortuna comparável à que a família do Brad tinha feito. A escadaria era forrada com painéis escuros, acima dos quais estavam pendurados quadros com molduras douradas que provavelmente custavam mais do que o meu carro. Por cima de nós, um candelabro deixava esvoaçar gotas de cristal, que captavam o luar brilhante que penetrava pelas janelas altas, assemelhando-se a prata cintilando na escuridão.

O plano era percorrermos a casa, tanto quanto possível, sem acender qualquer tipo de luz. As lanternas tradicionais podiam ser vistas pelos vizinhos pelas janelas, mas nós tínhamos connosco lanternas UV vermelhas de baixa luminosidade, caso fossem absolutamente necessárias. A minha estava presa ao meu cinto de ferramentas e eu estava desejoso de a testar. E sim, era outra peça de equipamento de espionagem que provavelmente iria «desaparecer» no final da noite. A Aly tinha ficado tão excitada com a nossa conversa sobre um futuro jogo com máscaras que tinha a sensação de poder vir a dar bom uso a todas estas ferramentas com ela.

– Já entraram todos, certo? – perguntou o homem que ficou na carrinha com a Aly e o Júnior.

O tipo à minha frente respondeu afirmativamente.

– Então vou voltar a ligar a eletricidade, assim que estiverem todos prontos – respondeu.

Subimos para o topo das escadas e agachámo-nos para evitar que uma luz próxima se acendesse.

– Prontos – disse o líder.

As outras duas equipas responderam em coro como ele, e todas as máquinas da casa emitiram um *bip* quando a energia voltou. Fomos

iluminados por um brilho suave imanente de uma luz distante que iluminava o andar de baixo, mas felizmente, perto de nós, nenhuma luz fora deixada acesa.

O líder virou-se para me encarar. Era um tipo branco, de estatura média, com cabelo maioritariamente grisalho. Como o Brad, ele tinha um daqueles rostos que seriam difíceis de identificar numa multidão, e eu aposto que, em tempos, a sua capacidade de conseguir passar despercebido tinha feito dele um excelente soldado. Talvez fosse por isso que ele era tão raivoso – os seus dias de militar tinham acabado, e a vida de civil não lhe agradava.

Os nossos microfones de pescoço eram alimentados por pequenas baterias presas aos nossos cintos de ferramentas, e ele baixou-se e desligou o seu interruptor de transmissão.

– Precisamos de nos manter baixos.

Também cortei o meu e assenti com a cabeça.

– Isso eu consigo fazer.

Ele observou a forma como eu me dobrei tal e qual um pretzel, o seu olhar desconfiado, obviamente suspeitando das minhas capacidades.

– Eu treino pernas duas vezes por semana – disse-lhe. – Não se preocupe.

Ele bufou e voltou a ligar o microfone. Com um gesto de «segue-me» virou-se e começou a percorrer o corredor, com os joelhos dobrados e a coluna vertebral curvada para conseguir passar por baixo do nível dos peitoris das janelas.

Suspirei, sabendo que a minha altura estava contra mim, e segui atrás dele, pondo-me de quatro sempre que passava por uma janela, *rastejando* como uma aspirante a *Teen Wolf*.

Analisámos criteriosamente todas as divisões por onde passámos, o que foi bastante trabalhoso. Antes da missão, durante o nosso *briefing*, o Júnior disse-nos que esta era uma casa com oito quartos, dois escritórios, uma biblioteca, uma sala de estudo e várias casas de banho.

Havia até uma sala de degustação de vinhos na adega, mas quando a Aly perguntou se podíamos trazer algumas das melhores garrafas, já que o Brad não ia dar por falta delas, recebeu um olhar reprovador do primo mais velho e um firme não.

Encontrámos o que parecia ser o escritório do Brad a meio do corredor. O tipo que estava comigo fechou as persianas e a porta enquanto eu fui

direito ao computador. Estava a ligá-lo quando surgiu o quarto problema.

– Uh, temos uma situação aqui em baixo – alguém disse, e pela primeira vez, o gelo que nos separava a todos parecia começar a estalar.

– O que é que se passa? – perguntou o líder.

– Há dois montes enormes de areia de gato no chão da cave, e é daí que vem o cheiro.

– Mas que raio? – cuspiu o Júnior. – Mas o Brad tem um tigre ou algo do género?

– Não – disse-lhe. – A areia de gato destina-se a cobrir o cheiro dos corpos e a absorver os líquidos de decomposição.

Só depois de dizer as palavras é que me apercebi de que provavelmente tinha revelado demasiado sobre mim.

O líder esticou a cabeça na minha direção, franzindo o sobrolho.

Encolhi os ombros, tentando parecer indiferente.

– Vejo muitos documentários sobre crimes reais.

Olhou para mim durante um longo momento antes de falar.

– Todos para fora. – Franzi o sobrolho. – Acabei de pôr o computador a funcionar.

Ele sacudiu a cabeça em direção à porta.

– Fora. Quando os polícias encontrarem os corpos, o mandado vai passar de uma simples ordem de busca para uma investigação minuciosa. Todas as superfícies vão ser passadas a pente fino. Não podemos arriscar deixar nada para trás.

– Só preciso de cinco minutos – disse-lhe.

Ele abanou negativamente a cabeça.

– Nós vamos embora. E tu, se tens um palmo de testa, juntas-te a nós.

Posto isto, saiu porta fora. Bem, porra para isto.

– Josh? – disse a Aly. – Sais com eles?

Olhei da porta para o ecrã do computador, que me pedia para introduzir a palavra-passe. O meu cabelo estava coberto com um boné de basebol ostentando o logótipo da companhia de eletricidade. As luvas que eu usava eram de couro, por isso não haveria nem impressões digitais nem fibras para serem encontradas. As nossas botas eram de uma marca tão popular que provavelmente havia milhares de pessoas na cidade que usavam as mesmas, tornando-as quase impossíveis de localizar.

A probabilidade de ser apanhado era semelhante à de ser morto por um esquilo: baixa, mas nunca nula.

Respirei fundo.

– Vou ficar para trás. Vou ter convosco ao ponto de encontro quando puder.

– Eu fico contigo – disse a Aly.

Foram tantos os gritos de «não» a esta afirmação que mal consegui ouvir os meus por cima dos restantes.

Até que a voz da Aly surgiu clara como o dia, depois de o alarido se acalmar.

– Não me tentes impedir.

O primo não estava a gostar.

– O pai mata-me se eu te deixar sair desta carrinha. Ei! Onde é que pensas que estás… volta aqui!

O som de uma luta chegou à linha, seguido de um gemido alto e depois silêncio.

Quase tive medo de perguntar, mas forcei as palavras a saírem.

– O que é que acabou de acontecer?

– A tua namorada – disse o Júnior entre sibilos – deu-me um pontapé nos tomates e fugiu pela noite dentro.

– Oh, então ela é *tua prima* quando se porta bem e *minha namorada* quando se porta mal? Estou a ver como é.

– Queres parar com as brincadeiras? – quebrou o Júnior. – Suponho que têm uma convidada.

– Podemos intercetá-la – disse o líder.

– Absolutamente não – disse eu de repente, sério como uma pedra. – Se alguém encostar um dedo na Aly, eu faço da vida de todos vós um inferno. Não pensem que não sou capaz de esvaziar as vossas contas bancárias e pôr coisas ilegais nos vossos computadores e telemóveis.

Se eu estava feliz com a Aly neste momento? Foda-se, claro que não. Mas isso não significava que gostava da ideia de que outra pessoa a prendesse.

– Entendido? – disse, a minha voz tão baixa com o aviso que mal a reconheci.

– Entendido – confirmou o chefe. – Júnior? – insisti.

– Sim, *OK* – resmungou ele.

Deixei escapar um suspiro de alívio.

– Alguém conseguiu localizar o telemóvel do Brad?

A resposta foi imediatamente negativa.

Foda-se. Não havia maneira de me ir embora sem o encontrar. Pelo menos a maior parte do *software* de *hacking* que trouxera comigo era automatizado. Bastava-me carregar em «run» para todas as aplicações e podia ir vasculhar a casa enquanto elas faziam o trabalho sozinhas.

– Aly, querida – disse. – Podes esperar por mim nas traseiras, no escuro da noite? Não quero que entres, já que estás bem mais descoberta.

Foi um alívio escutar a sua voz doce pela linha.

– Eu posso esperar, mas despacha-te. Está um briol do caraças aqui fora.

– Vou despachar-me – disse-lhe.

– Nós vamos embora – informou o Júnior. – Vamos manter os carros de vigia no lugar e esperar por vocês no local de recolha. Não vamos conseguir ouvir-vos quando sairmos do vosso alcance, por isso estão por vossa conta. Usem os telemóveis só em último recurso.

– Certo, obrigado – declarei. – Vou trabalhar o mais rápido que puder, Aly.

– Eu sei que vais – disse ela, a confiança aberta na sua voz apaziguando-me diretamente o coração.

– Vou ficar silencioso por um bocado para poder acabar isto.

O tom dela tornou-se doce como sacarina.

– Como é que eu vou conseguir sobreviver ao silêncio?

Uma gargalhada veio do outro lado da linha, dizendo-me que os outros ainda estavam por perto.

Enrijeci.

– Por favor, digam-me que foi o Júnior.

– Não – responde o homem que se riu. – Acho que isto significa que lhe estás a dever vinte dólares.

A Aly soltou um grito quase silencioso de vitória.

Resmunguei e comecei a trabalhar.

A primeira coisa que fiz foi tirar uma *pen drive* do cinto de ferramentas e inseri-la numa entrada USB. Tinha lá o meu programa gerador de senhas favorito, e em menos de dez segundos estava dentro do sistema do Brad. Em seguida, abri um ficheiro que iria analisar exaustivamente todo o histórico do Brad, e defini todas as palavras-chave de que me consegui

lembrar, abarcando cada variante do nome da Aly, juntamente com a sua morada, e carreguei em «run». Não importava se o Brad usava o Firefox ou um navegador incógnito que lhe prometia não ser detetado. A minha ferramenta de rastreio encontrá-los-ia a todos e extrairia deles os dados que eu procurava. Em seguida, abri outro *software* bastante útil, criado por um amigo *hacker*. Ele chamara-o de *Brick Layer*, e não, nunca tinha conseguido que ele me explicasse o porquê daquele nome.

O programa procurava por ficheiros escondidos e discos rígidos. Assim que o programa começou a correr, recuei da cadeira e saí da sala, com o cuidado de me manter o mais baixo possível e oculto enquanto percorria o corredor à procura do telemóvel do Brad. Estava ciente de que se fôssemos dois isso facilitaria as coisas, mas se não conseguíssemos encontrar o telefone do Brad e este contivesse traços digitais da Aly, seria desastroso a polícia encontrar também traços físicos dela no apartamento.

O fim do corredor estava suficientemente escuro para que eu decidisse arriscar ligar a minha lanterna, lembrando-me da instrução de a manter sempre apontada para baixo. O feixe vermelho funcionou como prometido. Eu mal conseguia ver por meio dele, por isso duvidava de que alguém conseguisse notar o seu brilho pelas janelas.

Espreitei pelos vãos das portas à medida que passava por elas, mas os quartos que foram surgindo pareciam ser de hóspedes. Finalmente, ao fundo do corredor, na parte mais obscura do escuro – pois, claro, só podia – encontrei o quarto do Brad. No início não havia muito a assinalar, apenas indícios subtis de que era o mais habitado. Segui o meu instinto e, assim que entrei, vi um par de sapatos abandonados perto da cama e soube logo que estava no sítio certo.

O Júnior disse-nos que o Brad vivia sozinho e raramente recebia visitas, e agora eu sabia que isso estava provavelmente ligado aos cadáveres na cave. A constatação fez-me estremecer. Eu estava numa casa com dois cadáveres, e só Deus sabia quantas mais pessoas tinham morrido ali dentro.

Um arrepio percorreu-me a espinha. Parecia que alguém tinha estendido a mão para me tocar, mas tinha mudado de ideias no último segundo.

Virei-me para trás. Não estava lá ninguém.

Sim, este sítio estava definitivamente assombrado. O que é que a minha mãe me tinha dito para fazer se alguma vez encontrasse um fantasma?

– Não te quero mal – sussurrei.

– Com quem é que estás a falar? – perguntou a Aly, fazendo-me saltar.

Apoiei a mão no peito, tentando reaprender a respirar.

– Hum, com ninguém, desculpa. Estou só à procura do telemóvel do Brad.

– Queres que te vá ajudar? – perguntou ela. – Não. Por favor, fica aí fora.

– Está bem.

– Aly – disse-lhe.

– Eu disse *OK*! Vá, despacha-te lá. Os meus dedos dos pés estão a começar a formigar.

– Podia ser pior – disse, retomando a minha busca. – Podias ser o filho de um assassino em série, preso na casa de outro assassino com as suas duas últimas vítimas algures enterradas na cave abaixo de ti, e estares a tentar não ter uma crise de pânico nem deixar que as memórias da tua infância te façam sair daqui aos gritos.

A Aly ficou em silêncio durante tanto tempo que pensei que o meu auricular se tivesse desligado.

– Aly?

A voz dela era tão baixa que mal a ouvia.

– Acho que alguém acabou de entrar na garagem.

Apaguei a lanterna, com o medo e a adrenalina a inundarem-me as veias.

– Podes verificar?

– Sim – sussurrou ela. – Estou a tentar chegar à parte da frente da casa, mas a neve está muito alta e não quero que eles me escutem a caminhar na direção deles.

– Aguenta um pouco. Acho que este quarto é capaz de ter vista para a entrada da garagem.

Esgueirei-me para a janela, inclinei-me para a frente o suficiente para ver lá para fora, e – *porra!* – estava um carro mesmo por baixo de mim.

– Fica onde estás – disse eu à Aly. – Está aqui alguém.

– Sai! – sussurrou ela.

– Estou muito à tua frente – disse, correndo de volta para o escritório. – Só tenho de te apagar do computador do Brad.

– Não, Josh. Tens de te vir embora. E se eles te apanham?

– Não vão conseguir – disse-lhe. – O Júnior mandou-te alguma mensagem sobre o pessoal dele ter visto polícias?

– Não, mas podem estar num carro sem identificação, ou pode ser um dos amigos ou familiares do Brad. Josh, sai.

– Fá-lo-ei assim que tiver terminado. Se for preciso, saio pela janela.

Eu não queria mesmo sair pela janela, mas quando contornei a secretária do Brad e vi o quanto da Aly teria de apagar do seu histórico de pesquisa, apercebi-me de que poderia ter de chegar a esse ponto.

Na esperança de ganhar algum tempo, fechei e tranquei a porta do escritório antes de começar a limpar o *browser* que o Brad usara para a procurar. Ele tinha outros dois escondidos, e um olhar rápido revelou que havia mais do que suficiente para o condenar aos olhos da lei, por isso deixei-os intactos e só limpei o primeiro. Ele também tinha um disco rígido encriptado, pelo que o desencriptei de imediato e também o analisei com o meu *software* de busca. Como ali não havia vestígios da Aly não me dei ao trabalho de aprofundar a busca sobre o seu conteúdo; tinha pouco tempo e pressenti que o que quer que estivesse lá contido iria provavelmente deixar-me marcado. E eu já tinha marcas para uma vida inteira, muito obrigado.

– Josh? – sussurrou a Aly. – O que é que está a acontecer?

– Chiu – disse, esticando os ouvidos. – Acho que estou a ouvir alguém a chegar.

A sua única reação foi um ruído baixo e de pânico. Estávamos juntos nisto. Os passos ecoaram no corredor enquanto eu fazia um último teste de diagnóstico, procurando pela Aly em qualquer lugar que me pudesse ter escapado.

Vá lá, vá lá, implorei enquanto os passos se aproximavam. A barra de progresso parecia abrandar enquanto a maçaneta da porta abanava. Quem quer que estivesse lá fora veio diretamente ao escritório onde eu me encontrava. Será que andavam atrás da mesma coisa que nós – o computador do Brad? Se sim, porquê? E o que fariam com ele se lhe deitassem a mão?

– Está trancada – disse uma voz masculina baixa. – Vou arrombá-la. – Merda, merda, merda.

A voz que lhe respondeu era feminina.

– Não o faças. Vai parecer demasiado suspeito uma vez que o mandado de busca seja executado. Acho que ele guarda uma chave na mesinha de

cabeceira.

O homem fez um som zangado.

– Se ele fugiu do país, desta vez vou deserdá-lo, Vivian. Juro-te que vou.

O aperto no meu coração acalmou. Seriam os pais do Brad no outro lado da porta? Eu lembrava-me vagamente de que o nome da mãe dele começava por V, e a conversa de deserdar só podia vir de alguém com poder para tal, como o pai.

– Já agora – disse o homem –, também vou despedir a empregada. Cheira como se já não despejassem o lixo há semanas.

Será estranho eu ter considerado um bom sinal o facto de os pais do Brad não reconhecerem o cheiro de cadáveres a apodrecer?

O som da retirada deles foi um alívio tão grande que quase colapsei, mas lutei contra isso e, confiando nos meus instintos, liguei outra *pen drive* ao computador do Brad e comecei a fazer uma cópia de tudo, da sua máquina, discos rígidos, históricos de pesquisa, copiei tudo. Se os pais dele planeavam esconder as provas dos seus crimes destruindo o computador, eu encontraria uma forma de entregar os ficheiros de cópia de segurança à polícia sem ser apanhado.

A desvantagem era que demoraria vários minutos. Peguei numa cadeira e meti-a debaixo da maçaneta da porta, como tinha visto a Aly fazer todas as noites anteriores. Como reforço, encontrei um candelabro mesmo ali ao lado, com uma base larga e encostei-o discretamente à parte de baixo da porta como se fosse um batente. Ao menos todas aquelas antiguidades no escritório do cavalheiro inglês Brad serviam para alguma coisa.

Uma espreitadela ao ecrã do computador disse-me que ainda precisava de ganhar tempo, por isso, quando ouvi passos a aproximarem-se da porta, abeirei-me e agarrei na fechadura, rezando para que a minha força estivesse à altura do trabalho.

O som do metal a encontrar-se com o metal encheu-me os ouvidos quando a chave do outro lado deslizou e entrou perfeitamente na ranhura. A pressão na fechadura indicava que alguém estava a tentar rodá-la, mas eu cerrei os dentes e apertei-a bem. A pressão aumentou, e suor começou a brotar na minha testa enquanto eu tentava canalizar toda a força do meu corpo para os meus dedos.

– Bolas, esta é a chave errada – disse o homem – ou pai do Brad?

– O que é que queres dizer? – perguntou a Vivian.

– Não está a funcionar.

– Afasta-te, deixa-me experimentar. Talvez tenhas forçado demasiado.

– *OK* – disse o homem aos uivos. – Continua a tentar enquanto eu vou à procura de outra.

Ele afastou-se e eu mantive-me firme enquanto a mulher tentava abrir a porta educadamente e, quando isso falhou, tentou forçá-la ainda com mais força do que o seu cúmplice.

– Josh, estou a ouvir pessoas a falar – disse a Aly. – Por favor, fica bem. Eu preciso que fiques bem.

Eu segurei as suas palavras enquanto a mulher fazia um esforço final. Os meus dedos começaram a ficar pegajosos dentro das minhas luvas de tanto apertar, e eu não sabia quanto tempo mais poderia aguentar sem que elas ficassem escorregadias o suficiente para perder o controlo.

Finalmente, a pressão parou e a mulher do outro lado da porta, soltou um suspiro baixo antes de tirar a chave e seguir o homem que supunha ser seu marido. Fiquei ali, atónito, durante alguns segundos, com a pulsação a ressoar nos meus ouvidos. Que merda, tinha funcionado.

Ao sair daquela situação, apressei-me rumo ao computador, no qual a barra de progresso do meu programa tinha finalmente atingido os cem por cento. Desconectei os discos rígidos e apaguei todos os vestígios de que tinha entrado. Quando passos se aproximaram novamente da sala, eu já tinha desligado o computador e estava a abrir a janela do escritório.

Um ruído disse-me que o meu tempo tinha acabado.

A Lua erguera-se sobre a linha das árvores, dando-me luz suficiente para ver uma queda de três metros até à pérgula lá em baixo. Era melhor do que nada. Entoando uma prece silenciosa a qualquer entidade que me pudesse estar a ouvir, saí pela janela, baixando-me o mais que pude e agarrando-me ao parapeito com as pontas dos dedos. Respirei fundo, olhei para baixo uma última vez, e apontando para a viga transversal mais próxima soltei-me.

Graças ao meu ato acrobático, a minha queda foi de apenas alguns metros, tinha conseguido acertar na trave, tal como pretendia, sentindo uma explosão momentânea de triunfo antes de as minhas botas derraparem por causa da neve. Foi um milagre não ter soltado um grito de pânico ou um rugido de dor ao cair como uma peça de tamanho humano do jogo Quatro

em linha. Ao aterrar de canelas na viga o meu corpo foi projetado para a frente, tendo batido com as costelas no chão logo a seguir. Este golpe lançou-me para trás o suficiente para que eu batesse com o ombro direito na viga oposta antes de finalmente escorregar por entre elas e cair como um saco de batatas no pátio abaixo.

Fiquei ali sentado, atordoado, durante vários segundos, a tentar perceber que parte de mim me doía mais. Graças a Deus não tinha batido com a cabeça nem desmaiado. A Aly era forte, mas não o suficiente para arrastar um homem inconsciente de cem quilos por um quilómetro e meio através de uma floresta coberta de neve.

Um puxão no meu braço fez-me olhar para cima e ver a sua cara de pânico.

– Temos de ir – sussurrou ela.

Entre os puxões dela e os meus desesperados esforços para me levantar, lá conseguimos pôr-me de pé. A Aly apoiou imediatamente o meu braço por cima do ombro dela e tentou arrastar-me consigo rumo ao bosque que fazia fronteira com o quintal do Brad, mas eu resisti.

– Liga ao Júnior – sibilei. – Diz ao tipo dele para voltar a ligar o alarme.

– Não temos tempo para isso – insistiu ela.

Agarrei-lhe o queixo com a minha mão livre e olhei para ela com imploração.

– Por favor, confia em mim.

A expressão dela irradiava teimosia, mas ela ligou.

– Olá. Não, não estamos nada bem. Entretanto chegou alguém. Precisamos que voltes a ligar o alarme. – O Júnior tentou obter mais informações, mas ela abanou negativamente a cabeça. – Não sei. Faz o que te estou a pedir, porra.

Um segundo depois, ela desligou.

– Está feito.

Agarrei numa espreguiçadeira que estava ali ao pé, e arremessei-a contra as portas francesas que davam para o pátio.

– O que estás a fazer? – sussurrou a Aly.

Arremessei a espreguiçadeira outra vez, agora com força suficiente para as abrir, e com força suficiente para fazer disparar o alarme.

Atirei a cadeira para o lado e virei-me para a Aly.

– Corre.

Ela não precisou de ouvir mais nada, deslizou para debaixo do meu braço e arrancou tão depressa que eu tive dificuldade em me manter direito enquanto ela me arrastava em direção à linha de árvores.

– Ei! – gritou uma voz de homem atrás de nós. – Voltem aqui!

Ao entrarmos no bosque tivemos de abrandar porque as sombras eram mais serradas sob os ramos cobertos de neve.

A Aly olhou para trás.

– Queres contar-me que proeza foi aquela?

– Acho que eram os pais do Brad que foram lá a casa – disse. – Eles foram diretamente ao computador dele. Aposto tudo em como o iam encobrir de alguma forma.

– E? – insistiu ela.

– E, neste estado, quando um alarme dispara, é o que basta para a polícia dizer que um crime está a ser cometido e poderem entrar legalmente na casa sem qualquer mandado de busca.

Os olhos da Aly arregalaram-se quando percebeu.

– Acabaste de lhes dar a desculpa perfeita para poderem entrar nas instalações e encontrarem aquilo de que andavam à procura.

Assenti com a cabeça.

– Assim que entrarem e cheirarem os corpos, estará tudo acabado para os Bluhm.

Ela virou-se para mim e puxou-me para baixo para me beijar com força nos lábios. O sorriso que iluminou o seu rosto quando ela se afastou era tão brilhante que parecia que o Sol tinha cortado a escuridão.

– És um génio e peras.

Inclinei-me e dei-lhe um beijo a sério, com língua e uma boa dose de apalpões.

Quando me afastei, ela parecia esbaforida, pelo que deixei cair a minha mão e entrelacei os meus dedos aos dela.

– Só sou um génio se não formos apanhados.

A luxúria desapareceu do seu rosto numa fração de segundo.

– Oh, foda-se. Pois é. Os polícias já devem estar a caminho, e acabámos de deixar pegadas na neve para eles seguirem.

Juntos, fugimos pela noite como os criminosos em que nos tínhamos tornado.

23

Aly

Agora já podia responder à pergunta: será que é divertido correr pelo bosque à noite, durante o inverno?

É tão divertido como ter o Hannibal Lecter como ginecologista.

Tinha os pés ensopados por causa da neve e a cara toda arranhada devido aos ramos baixos que mais parecia que tinha andado à bulha com uma trituradora e, apesar de a temperatura estar abaixo de zero, estava toda a transpirar. Sentia-me simultaneamente cheia de calor e gelada, e entre a minha litania de desconfortos físicos e o medo e a adrenalina que me corriam pelas veias, estava tão desconfortável e ferida que estava pronta para desatar a chorar. Queria um duche quente, canja caseira e todos os cobertores da minha casa enrolados à minha volta enquanto fazia um ninho no meu sofá.

O Josh parecia ainda mais infeliz do que eu. Não conseguia parar de olhar para ele ao luar, preocupada com o facto de ele poder desmaiar de repente. Tinha dobrado a esquina da casa mesmo a tempo de o ver a cair na pérgula como uma bola de pingue-pongue e, embora ele jurasse que não tinha batido com a cabeça, eu continuava desconfiada. Suspeitava, por já ter tratado de pessoas, que numa queda como aquela, em que tudo tinha acontecido tão depressa, não se podia ter a certeza de tudo o que tinha sido atingido até as nódoas negras começarem a aparecer.

Graças a Deus ele tinha conseguido sair do apartamento antes de ser apanhado. Tinha tentado manter a calma enquanto ele estava lá dentro, mas internamente estava a passar-me. A ideia do Josh preso dentro da mansão do Brad, enquanto duas das suas vítimas jaziam algures na cave, dava-me vómitos.

Eu não conhecia o horror total daquilo por que o Josh tinha passado com o pai, mas entre as revelações do Tyler e os comentários enigmáticos

do Josh era seguro afirmar que ter um assassino em série como pai era matéria-prima de pesadelos. O facto de saber que havia cadáveres por perto podia ter ativado o trauma do Josh, e os olhares furtivos que lhe ia lançando eram tanto sobre a sua saúde mental como sobre o seu bem-estar físico.

Ultrapassava-me como é que ele tinha tido a capacidade de pensar em acionar o alarme depois de tudo o que tinha acabado de acontecer, e isso fez-me olhar para ele com um novo nível de admiração. O meu namorado não só era engraçado, gentil e atraente, como também era muito inteligente. Nunca antes me sentira tão atraída por alguém, e se não fosse o medo genuíno devido aos polícias no nosso encalço, teria feito com que ele abrandasse até parar, ajoelhando-me à sua frente para lhe mostrar o quanto o apreciava.

Olhou para mim, com o rosto ainda encoberto pelo chapéu, escondendo a sua expressão.

– O ponto de encontro deve ser logo a seguir à próxima subida – disse ele, mantendo a voz baixa.

Eu segui-o.

– Achas que ainda estão à nossa espera?

A voz do Júnior estalou nos nossos auriculares, fazendo-nos saltar.

– Nós… aqui… vocês estão… em?

O Josh e eu olhámos um para o outro e acelerámos o passo enquanto subíamos uma colina. A carrinha devia estar por perto.

– Conseguem ouvir-nos? – perguntei, com a voz um pouco mais alta do que um sussurro. – Não… me conseguem… ouvir?

Soltei um suspiro frustrado e continuei a subir. A neve era funda e, embora estivesse congelada à superfície, era macia por baixo, e o Josh e eu continuávamos a esburacá-la, quase tropeçando. As minhas pernas protestavam a cada passo. Eu estava a começar a perder a sensibilidade nos dedos dos pés, o que era o primeiro sinal de queimadura de frio. Precisávamos de chegar à carrinha e dar o baza dali para fora.

– Que tal agora? – perguntou o Josh.

– Melhor – disse o Júnior. – Consegues ouvir-me?

Se não fosse o medo de ser ouvida, teria gritado em comemoração.

– Em alto e bom som.

– Há polícias por todo o lado – disse o Júnior. – Disparaste a merda do alarme?

– Explicamos depois – disse-lhe. – Onde é que vocês estão?

– Estacionei perto do ponto de encontro. Tivemos de tirar a carrinha de lá por causa do que vocês, seus idiotas, fizeram, por isso entrei num dos carros de vigia. Quando chegarem à estrada, virem à direita e procurem um jipe preto estacionado numa estrada de terra batida sem iluminação.

Encolhi-me. O plano exigia discrição e sigilo, mas agora qualquer vizinho que tivesse visto a nossa carrinha parada em frente à casa do Brad, antes de os pais dele aparecerem, ia julgá-la suspeita e contar à polícia. Ao menos, quando os pais do Brad chegaram, a carrinha já lá não estava. O Júnior tinha herdado o talento do pai para a mentira, mas eu duvidava de que funcionasse com *snobs* elitistas.

Não, esta situação não era a ideal, contudo, na minha opinião, era melhor ter polícias a rastejar por toda a zona do que dar aos pais do Brad a oportunidade de encobrirem mais crimes.

– Onde é que vocês os dois estão? – perguntou o Júnior.

Bradei uma maldição quando o meu pé voltou a mergulhar na neve.

– Estamos a chegar ao…

O Josh agarrou-me no braço e puxou-me para baixo.

– Carro da polícia.

Uma nova onda de adrenalina atravessou-me quando um holofote passou por cima das nossas cabeças, iluminando a floresta como se fosse 4 de julho. O Josh e eu caímos contra a encosta da colina, e eu rezei uma pequena oração de agradecimento por ainda estarmos a alguns metros do topo e nos termos conseguido esconder. Mais uns metros e teríamos sido apanhados em campo aberto.

O holofote atravessou a floresta mais uma vez, antes de voltar para uma segunda ronda, mais lenta. Encostei-me à neve, com pedras e ramos caídos a penetrarem nas minhas roupas, já completamente encharcadas. Nem sequer respirava por medo de não conseguir ouvir algum som de aviso que nos dissesse que alguém tinha saído do carro e vinha em nossa direção.

O Josh segurou a minha mão e eu virei-me o suficiente para encontrar o seu olhar. O castanho comovente a que eu estava habituada já não existia. Eram quase pretos agora, com uma borda metálica que falava de determinação. Ele não tinha pegado na minha mão para me tranquilizar; tinha-a agarrado para me poder levantar ao mínimo sinal de perigo.

Eu estava ali com ele, totalmente presente. *Não* íamos ser apanhados. Se isso significasse ter de voltar para trás e fugir pela floresta, que seja. De repente, tinha adrenalina suficiente nas veias para me sentir capaz de correr uma maratona.

O holofote voltou a *scanear* as árvores, ainda mais lento desta vez, pintando a noite de um branco ofuscante. Um som crocante chegou-me aos ouvidos, e a minha pulsação disparou. O Josh apertou a minha mão, os seus dedos tremiam literalmente com a necessidade de escapar.

– Espera – sussurrei, reconhecendo o som de pneus a ranger num pavimento coberto de sal.

Devíamos estar mais perto da estrada do que eu imaginava para conseguirmos ouvir aquilo.

O Josh soltou um suspiro trémulo quando os holofotes se afastaram, deixando a nossa secção da floresta de novo na escuridão.

– Foda-se – disse o Júnior. – Retirada! Retirada!

Deve ter visto o feixe de luz e apercebeu-se de que os polícias iam na direção deles.

O Josh e eu ficámos onde estávamos, congelados no lugar, enquanto ouvíamos impotentes os ruídos que nos chegavam pelos auriculares.

– Vira! – gritou o Júnior.

Qualquer que tenha sido a resposta, não a ouvimos.

– Não me interessa a merda da tua pintura – disse o Júnior. – Entra para a merda da floresta se tiveres de o fazer.

Sentiu-se um som de raspagem pela linha, suficientemente alto para me fazer estremecer.

Adeus, pintura.

– Desliga o motor! – ladrou o Júnior.

Levantei a cabeça apenas o suficiente para ver o holofote a atravessar a floresta a algumas centenas de metros de nós. As árvores eram mais densas ali, mais coníferas do que folhosas. Com sorte, eram suficientemente espessas para esconder um carro. Espreitei com os olhos, procurando no sub-bosque qualquer sinal de luz a incidir em metal. Nada.

Olhei para baixo e encontrei o olhar de Josh.

– Consegues vê-los? – sussurrou ele.

Abanei a cabeça, mas a sua expressão manteve-se preocupada. Ele sabia que só por eu não conseguir ver o carro deles do nosso ângulo não

significava que os polícias não o conseguissem ver do deles.

O seu olhar estendeu-se para além de mim, e foi aí que soube, pela forma como estava desfocado, que ele já não estava a ver a floresta à nossa volta. Estava a pensar noutro plano de fuga, caso o Júnior e o motorista fossem apanhados. Estiquei os ouvidos enquanto o Josh pensava, mas tudo o que conseguia ouvir eram as respirações agitadas do meu primo. O holofote varreu a área dele, tal como tinha varrido a nossa, e eu mantive o meu olhar focado nele, à procura de algum sinal de um carro ou de uma interrupção na luz que pudesse indicar que alguém estava fora do veículo da polícia, a vasculhar por entre as árvores.

– Não vos consigo ver daqui – disse eu ao Júnior. – E também não vejo ninguém na floresta.

– Continua a procurar – disse ele, com um tom baixo numa voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Até este momento, o Júnior tinha sido impetuoso, convencido e controlador, mas agora parecia assustado, e isso fez-me lembrar de que ele não era assim tão mais velho do que eu. Pela primeira vez desde que conheci o meu tio e primos afastados, senti uma pequena pontada de algo como responsabilidade familiar a irradiar algures do meu centro. Não queria que o Júnior fosse apanhado. E não apenas porque o Josh e eu íamos ter de encontrar outra maneira de sair dali, mas porque não gostava da ideia do Júnior algemado e sentado numa cela de prisão.

Quase praguejei. Esta era a altura ideal para este tipo de resposta emocional. Absolutamente perfeita. Se os polícias fossem direitos ao carro estacionado, eu ia ter de fazer algo a esse respeito, mas essa ideia não me agradava mesmo, *mesmo nada*. Já tinha corrido riscos suficientes para uma noite. Para uma vida inteira. Felizmente, não chegou a esse ponto. O holofote continuava a rodar, varrendo território cada vez mais longínquo, até que a floresta o obscureceu quase por completo.

– Foda-se – disse o Júnior. – Foi por pouco.

– Eles passaram por ti? – perguntou o Josh, sentando-se.

– Sim – respondeu o Júnior. – Têm de vir ter connosco à floresta. Pode haver mais polícias na estrada.

Levantei-me e comecei a sacudir-me.

– Liguem o aquecimento. O Josh e eu precisamos de nos aquecer para evitar queimaduras.

O Josh foi mais lento a pôr-se de pé, movendo-se de forma hesitante, o que me fez questionar o quão ferido estaria. Quando se ergueu na totalidade, parecia uma torre sobre mim, ou parecia-se mais com uma grande sombra do que qualquer outra coisa, graças à minha visão noturna arruinada. Pegou nas minhas mãos e aproximou-se o suficiente para me olhar nos olhos.

– Estás bem?

– Os meus dedos dos pés estão dormentes – respondi.

– Merda. Não te devia ter feito esperar lá fora.

– Não, tinhas razão quanto a isso – disse-lhe. – Eu entrar era demasiado arriscado. Agora vamos. Precisamos de ser rápidos.

Juntos, avançámos aos tropeções pelos arbustos. A vegetação era mais densa perto da estrada do que no resto da floresta, e eu estava sempre a tropeçar por causa da dormência que me subia pelas pernas. Depois de quase cair pela segunda vez, o Josh pegou em mim ao colo, ao estilo nupcial.

Ele soltou um grunhido de dor, e eu contorci-me, tentando libertar-me da sua pega.

– Sou demasiado pesada – protestei. – E tu estás ferido.

Ele abanou negativamente a cabeça, com o maxilar cerrado numa linha teimosa, o olhar baixo enquanto punha um pé à frente do outro.

– Eu estou bem. E não é muito longe. Estás mais segura nos meus braços do que nos teus pés neste momento.

Entrelacei os meus dedos atrás do pescoço dele e beijei-o na bochecha.

– Sinto-me sempre mais segura nos teus braços.

– Silêncio – disse o Júnior, estragando o momento.

Qualquer sentimento de carinho familiar que eu pudesse ter sentido por ele desapareceu. Apesar de o Josh me garantir que estava bem, chegar ao jipe continuava a ser uma tarefa árdua. Fosse por estar ferido ou por medo de tropeçar e nos voltar a fazer cair na neve, ele movia-se cuidadosamente. Tivemos de fazer várias pausas no percurso, uma vez porque o Júnior pensou ter visto alguma coisa suspeita e outras duas porque pensámos ter ouvido alguma coisa. Esses momentos passavam-se com uma lentidão excruciante, enquanto o Josh e eu sustínhamos a respiração e esticávamos os ouvidos.

Quando finalmente chegámos ao jipe, fiquei tão aliviada que quase comecei aos soluços, e percebi pela sua respiração trémula que o Josh estava igualmente grato por termos conseguido escapar.

O condutor, um homem idoso chamado Jimmy, responsável por localizar o carro do Brad no meu bairro, tinha uns cobertores na parte de trás do veículo que usava para cobrir os bancos quando transportava os seus cães. Explicou-nos tudo isso numa voz baixa e rouca enquanto nos abria a porta traseira, pedindo desculpas pelo cheiro a cão molhado. Estava tão agradecida que não me importei nada com o odor, e agradeci-lhe profusamente por nos deixar usá-los.

O Josh e eu tirámos sapatos e meias e enrolámos os pés nos cobertores enquanto o Jimmy saía das árvores e voltava à estrada. Havia aquecedores debaixo dos bancos da frente, e eu avisei o Josh para não se aproximar demasiado do dele, porque era necessário que aumentássemos a temperatura da nossa pele progressivamente. Depois, despimos os nossos casacos encharcados e secámo-nos o melhor que pudemos, enquanto contávamos ao meu primo tudo o que tinha acontecido depois de a sua equipa ter desistido da missão.

O Júnior não ficou contente por termos acionado o alarme, nem mesmo depois de o Josh ter explicado porque o tinha feito. Para o Júnior, era melhor que a família do Brad se tivesse desfeito das provas do que ter pressão policial sobre a companhia de eletricidade ou sobre o pai.

O Josh lançou-me um olhar de desagrado enquanto o meu primo nos repreendia pelo nosso comportamento, e eu inclinei a cabeça para ele e baixei a voz ao dizer: *Eu disse-te que eles não eram boas pessoas*.

Quando chegámos à autoestrada, a minha preocupação com o destino dos nossos pés começou a diminuir. Os dedos dos pés do Josh não tinham ficado completamente dormentes, apenas sentia um leve formigar, por isso estava safo. Os meus estavam pálidos o suficiente para eu continuar preocupada, mas agora que surgia uma sensação desconfortável de formigueiro, sabia que pelo tempo que tinham permanecido frios e molhados, até estava com sorte.

O telemóvel do Júnior tocou quando nos aproximámos da saída para o bairro industrial. Ele ergueu um dedo para todos no carro e levou o telemóvel ao ouvido.

– O quê? – Um vinco apareceu entre as suas sobrancelhas enquanto ele ouvia falar a pessoa do outro lado da linha. – E eles estão a cooperar? – Passaram-se alguns momentos antes de ele acenar com a cabeça e voltar a falar. – Entendido.

Puxou o telemóvel para baixo e virou-se para olhar para mim e para o Josh.

– Os polícias encontraram os cadáveres.

A minha respiração soltou-se numa onda de alívio.

– Oh, graças a Deus.

– A mãe do Brad desmaiou quando lhe contaram – continuou o Júnior. – O pai dele deu aos polícias rédea solta da casa. Aparentemente, eles desconheciam a merda sádica que o filho deles era.

O Josh acenou com a cabeça ao meu lado.

– Imaginei-o quando eles não reconheceram o cheiro dos corpos em decomposição. Pensaram que a empregada se tinha esquecido de ir despejar o lixo.

O olhar do Júnior fixou-se nele.

– E como é que tu o reconheceste?

O Josh abriu a boca, mas eu interrompi-o.

– Não é da tua conta.

E como assim, os pais dele não sabiam? Afinal, estavam lá em casa à procura do computador do filho.

Relutantemente, o Júnior tirou os olhos do meu namorado e pousou-os em mim.

– Eles disseram que o estavam a tentar localizar. Assumiram que ele tinha deixado a cidade, logo depois de o mandado de prisão ter sido aprovado.

Recostei-me no meu lugar.

– Isso é bom para nós, não é?

O Júnior acenou com a cabeça.

– Podemos não ter encontrado o telemóvel dele, mas um dos nossos homens roubou-lhe a carteira. Vamos pedir a alguém com a altura e o porte dele para usar o seu cartão de débito algures no norte, perto da fronteira, para parecer que ele entrou no Canadá. Isso deve manter os polícias e a família dele ocupados durante algum tempo.

O Josh e eu partilhámos um olhar de alívio. Este parecia ser o melhor cenário possível. Os crimes do Brad estavam prestes a vir à luz do dia. A família dele não parecia querer impedir a investigação. Os polícias iam pensar que ele tinha fugido do país, o que significava que não teriam qualquer razão para procurar um corpo.

C'um caraças. Será que nos íamos mesmo safar com o que tínhamos feito? Parecia que sim, mas eu não queria azarar ao pensar demasiado nisso.

Em vez disso, assim que o meu primo se voltou para a frente no lugar, e continuou com o telefonema, aproximei-me do Josh. Ele pôs um braço à volta dos meus ombros e ajeitou o cobertor para que ficássemos ambos cobertos por ele. Inclinou-se e encostou o nariz ao meu cabelo, mesmo por cima da minha orelha. Fechei os olhos e estava a começar a relaxar quando ele falou, suficientemente baixo para que só eu o pudesse ouvir.

– Já é a segunda vez que quebras uma promessa, Aly. Espero que consigas lidar com as consequências.

Os meus olhos arregalaram-se. Que merda. Eu tinha-lhe dito que ficaria para trás e não cumpri com a minha palavra. Outra vez. Mas em minha defesa, houve circunstâncias atenuantes em ambas as situações. Ele tinha de perceber isso, certo?

Eu queria mencionar esse aspeto, defender o meu caso, mas esta não era a melhor altura. O Josh era um tipo racional – na maior parte das vezes. Talvez conseguisse chamá-lo à razão quando estivéssemos a sós. Qualquer pessoa no meu lugar teria feito o mesmo. Sobretudo, *ele* faria o mesmo, mas parece que já o ouvia a contrapor «Sim, mas sendo assim nunca teria prometido ficar quieto para começar».

Pensar que podia ter aprendido a lição depois da primeira quebra de confiança, mas *não*, tive de voltar a fazê-lo uma segunda vez. Honestamente, nem sequer podia culpar o Josh por estar zangado com isso. A confiança era a base de qualquer bom relacionamento, e eu quebrei a nossa logo após ser estabelecida. Talvez pudesse encontrar uma maneira de melhorar as coisas pedindo desculpa. Dizendo-lhe que não voltaria a fazê-lo.

No entanto, Deus me ajude, grande parte de mim estava demasiado excitada com a ideia de ser castigada por ele para me atrever a dizer o que quer que fosse. Contrariamente a mim, ele não tinha feito nada para quebrar

a minha confiança até agora, e eu tinha a sensação de que qualquer coisa que ele me quisesse dar seria tão prazerosa quanto torturante.

Os vinte minutos seguintes voaram enquanto fantasiava sobre todas as formas pecaminosas às quais o meu namorado poderia recorrer para corrigir o meu mau comportamento. Tinha visões de chicotes e correntes, colares de mão e pinças para mamilos. Antes de conhecer o Josh, a minha vida sexual era o epítome de baunilha, mas entre as redes sociais, os livros picantes que eu lia e o porno *pervertido* que escolhia ver, era fácil para mim conseguir imaginar todas estas deliciosas punições no meu futuro, e pensar nelas era muito melhor do que pensar na noite que tínhamos acabado de ter.

Não devo ter sido a única a perder-se nos seus pensamentos, porque a viagem de regresso ao armazém decorreu quase em silêncio. Assim que chegámos às traseiras do edifício onde tínhamos começado a noite, o Josh disse-me para ficar quieta e depois saiu do jipe para pré-aquecer o nosso carro de modo que eu não voltasse a ter frio. Na superfície, o gesto foi doce como o caraças, mas havia um brilho selvagem nos seus olhos quando ele me fitou, que me fez sentir como o seu alvo de caça.

– Ei – disse o Júnior.

Deixei de fitar a silhueta escura do Josh a caminhar pela noite, e voltei-me para o meu primo. A julgar pela sua expressão, já devia estar a tentar chamar a minha atenção há algum tempo.

– Sim?

– Lembras-te do que fazer se os polícias aparecerem para vos interrogar?

– Dizer-lhes que não sabemos de nada – disse.

– E se eles insistirem?

– Exigir um advogado.

O Júnior acenou com a cabeça.

– Ótimo. Vou pedir ao nosso homem que te ligue amanhã para saberes quem te irá representar.

– Obrigada por tudo – disse. Afinal de contas, se não fosse a ajuda da minha família, eu e o Josh teríamos provavelmente sido apanhados. Quando pensava nisto desta forma, jantar com eles uma vez por mês parecia um pequeno preço a pagar.

O Júnior encolheu os ombros.

– Vocês são família. É o nosso trabalho.

Era assim tão simples para ele?

– Mesmo assim, obrigada.

– De nada – disse ele, começando a parecer desconfortável. Olhou pela janela para o carro do Josh. – Como é que ele conhece o cheiro de um cadáver em decomposição?

Não me cabia a mim contar a história do Josh, mas era a segunda vez que o Júnior fazia esta pergunta, e eu tinha a sensação de que, se não lhe dissesse nada, ele começaria a investigar o passado do meu namorado. Para meu bem e do Josh, faria todos os possíveis para o evitar.

Mentir não era o meu forte, mas dei o meu melhor.

– Ele encontrou um veado a apodrecer na floresta quando era miúdo, e isso traumatizou-o. Disse que nunca esqueceria o cheiro.

O Júnior fez uma careta.

– Aposto que sim.

– Como é que os teus homens o reconheceram? – perguntei, na esperança de inverter a situação.

Ele encarou-me, parecendo-se mais do que nunca ao pai.

– Como é que achas?

Foi a minha vez de fazer uma careta. Não admira que os meus nervos se tivessem levantado no momento em que os vi. No início, ficar para trás na carrinha parecia ser a coisa mais fácil do mundo, porque significava que poderia estabelecer tanto espaço quanto possível entre mim e o grupo de ex-soldados de olhos mortos.

Tinha ficado igualmente feliz por ficar para trás com o Josh depois de eles abortarem a missão, decidindo que preferia arriscar a ira do meu namorado a ter de ficar presa numa carrinha com eles. Agora, ao ver o Josh sair do carro e dirigir-se para a minha porta, perguntei-me por que razão tinha eu tomado essa decisão. Se tivesse ficado, o Júnior estaria comigo e sabia que ele atiraria em quem se tentasse aproximar de mim. Teria eu ficado para trás porque, inconscientemente, uma parte de mim esperava aumentar o meu castigo? Ou será que não conseguia suportar a ideia de abandonar o meu namorado?

Abanei a cabeça para a desanuviar. Talvez o meu subconsciente tivesse desempenhado um pequeno papel, mas, acima de tudo, a minha reação tinha sido instintiva. O Josh estava a ficar para trás, por isso eu também ficaria. Fim da discussão. Nunca me teria perdoado se o tivesse deixado e

lhe tivesse acontecido alguma coisa. E, no fundo, uma parte de mim perguntava-se se deixá-lo lá não teria sido o plano desde o início. Afinal de contas, o Josh era o responsável pela morte do Brad. Se não fossem os corpos na cave, será que a equipa teria arranjado outra desculpa para se ir embora prematuramente, abandonando-o, contribuindo assim para que fosse apanhado?

A ideia fez-me estremecer. Se eu não tivesse saído da carrinha quando saí, será que o meu primo nos teria vindo buscar ao local de recolha? Ou teria tentado dominar-me e deixar o Josh para trás? Talvez estivesse a ser paranoica ou maldosa ao pensar tais coisas sobre os meus familiares, mas o meu instinto dizia-me que aqui havia gato e, até agora, nunca me enganara. Eu podia ter amolecido um pouco em relação aos membros da minha família mafiosa, mas nunca confiaria neles, especialmente em relação ao bem-estar do meu namorado, o que provavelmente faria com que os nossos próximos jantares fossem tão divertidos como correr pela floresta à noite durante o inverno.

O Josh abriu a minha porta, tirando-me dos meus pensamentos sombrios. O seu olhar fixou-se no meu, o brilho anémico dos holofotes distantes pintava o seu rosto, metade sombra, metade luz, recordando-me da sua máscara.

– Pronta? – assenti com a cabeça e estendi os braços.

Um olhar para o Josh foi suficiente para perceber que, independentemente das consequências ou razões por trás das minhas ações, a minha decisão de ficar com ele não mudaria. Os nossos destinos estavam ligados, para o bem ou para o mal.

Ele pegou em mim e eu envolvi os meus braços à volta do seu pescoço e agarrei-o com força enquanto ele me tirava do banco de trás, com cobertores e tudo.

– Obrigado, Júnior – disse ele para dentro do jipe.

– Deves-nos uma – respondeu o meu primo.

O Josh acenou com a cabeça.

– Vocês sabem onde me encontrar.

Com isso, virou-se e dirigiu-se para o carro dele, ajeitando-me quando lá chegámos de forma a poder abrir a minha porta e acomodar-me no banco. Chegou ao ponto de o adiantar para que os meus pés ficassem mais perto do aquecedor. Abaixando-se, enrolou um cobertor à minha volta.

– Estás bem? Confortável?

– Sentir-me-ia muito mais confortável se me dissesses o que me espera – respondi.

Os seus dentes pareciam ferozes à luz da Lua. Não achei coisa boa o facto de não me ter respondido, e em vez disso fechar a porta, dar a volta e entrar na dele, mas a forma como coxeava fez-me pensar se estaria sequer em condições de me castigar.

A enfermeira em mim assumiu o controlo quando ele se sentou no banco do condutor.

– Independentemente do que tenhas planeado para mim, quero ver as tuas costelas quando chegarmos a casa. Não penses que não reparei na forma como tens gemido.

Ele mandou-me uma piscadela de olho atrevida.

– Só queres uma desculpa para me veres nu.

– Sempre – respondi. – Mas a sério, bateste com as costelas?

Pôs o carro em andamento e saiu do lugar de estacionamento.

– Tu roubas-me o fôlego, Aly.

Quase gemi. Não era um não.

– Josh, se me carregaste com uma costela partida, também te vou castigar.

Um sorriso malicioso dividiu-lhe o rosto, e eu sabia, pelo brilho malicioso dos seus olhos, o que viria a seguir.

– Per…

Pus-lhe uma mão sobre a boca.

Lambeu-me a palma, e esse foi o único aviso que tive de que ele me iria morder. Com força.

Gritei e recuperei a minha mão.

– … vertida – terminou ele.

24

Josh

Citando um dos meus programas de televisão favoritos, «Tudo me doía, e eu estava a morrer*».

Bem, vá, talvez não literalmente, mas quase. As minhas canelas latejavam. Uma dor profunda e pulsante irradiava do meu ombro direito até ao cotovelo. Apesar de me ter conseguido esquivar do interrogatório da Aly, tinha definitivamente batido com as costelas.

Era provável que não estivesse em posição de dar uma lição à minha namorada por me ter faltado à palavra, mas será que lhe ia dizer isso? Claro que não. Era demasiado prazeroso observar a forma como ela se sobressaltava cada vez que eu me mexia repentinamente, como se esperasse que, a qualquer momento, eu a pudesse atacar.

Alcancei a maçaneta da porta de entrada mais depressa do que o necessário, e ela estremeceu tanto que quase caiu para dentro do canteiro ao nosso lado. Oh, isto era demasiado bom. Tão bom que estava a começar a pensar que era melhor adiar o castigo que tinha planeado e concentrar-me só no jogo psicológico.

– Estás bem, linda? – perguntei, lutando contra a vontade de rir. – Pareces um pouco inquieta.

Ela lançou-me um olhar de desagrado que não devia ser tão adorável.

– Só estou impaciente para entrar.

Pois. Por muito divertido que fosse atormentá-la, não nos podíamos demorar ali. As nossas roupas ainda estavam húmidas e precisávamos de nos despir e verificar se tínhamos algum ferimento que precisasse de tratamento.

Enfiei a chave na fechadura e abri a porta, cedendo-lhe a passagem. Ela passou por mim de lado, com os olhos semicerrados e o corpo tenso como se estivesse a preparar-se para atacar. A vontade de avançar sobre ela era

forte, mas contive-a. Tínhamos passado uma noite infernal, e a última coisa que ela precisava era de outra descarga de adrenalina.

Um grunhido agudo atingiu-me os ouvidos quando fechei a porta atrás de nós. O *Fred* saiu a correr do quarto da Aly com a cauda levantada e a boca bem aberta, anunciando o quão chateado estava por o termos deixado sozinho. Talvez fosse altura de começar a pensar em arranjar-lhe um irmãozinho ou uma irmãzinha, alguém que lhe fizesse companhia enquanto eu e a Aly estávamos a trabalhar ou a ter tempo para a mamã e o papá.

Antes de conhecer a Aly, nunca me tinha permitido pensar em como seria ter a minha própria família – tinha demasiado medo de poder passar os meus genes para sequer o conseguir contemplar –, mas parecia que já estava a formar uma com esta mulher. Agora que confiava em mim próprio para pequenas coisas, não conseguia tirar da cabeça a ideia de ter um gatinho bebé fofinho. Parecia ser o próximo passo lógico, e já nos estava a ver: nós os quatro aconchegados no sofá, a Aly a beber vinho e eu a massajar-lhe os pés enquanto falávamos dos nossos dias, com os gatos enroscados entre nós.

À minha frente, a Aly inclinou-se e pegou no *Fred*.

– Nem sequer estivemos assim tanto tempo fora.

O *Fred* deu-lhe uma cabeçada no queixo com força suficiente para que eu ouvisse o *ruído* do impacto.

Deixei-os ter o seu momento de reunião familiar enquanto tirava o casaco e desapertava as botas. Quando cheguei ao pé deles, o *Fred* estava a ronronar suficientemente alto para acordar os mortos, com os olhos fechados em êxtase enquanto amassava filhoses no ombro da Aly.

Afaguei-lhe o pelo entre as orelhas, sorrindo quando ele me retribuiu com um pequeno chilreio de boas-vindas.

– Com toda a agitação dos últimos dias, deve estar carente.

A Aly abraçou-o com mais entusiasmo.

– Pobre bebé.

– Vou ligar o duche – disse-lhe, inclinando-me para lhe beijar a têmpora. – Precisamos de nos lavar e aquecer.

Ela virou-se para mim, com as pupilas dilatadas, as bochechas a corar, e eu sabia que ela estava a pensar na última vez em que tínhamos estado juntos no duche.

Quase gemi. Mais do que tudo, eu queria estar dentro dela novamente. Tinha passado metade da noite com medo de sermos apanhados e de ter de ver a minha namorada ser algemada. Precisava de ter a certeza de que ela estava segura, que estava bem, e nada me dava isso como tê-la nos meus braços, a gemer gritando pelo meu nome.

– Não demores muito – pedi antes de me afastar.

Pus o meu telemóvel no balcão da casa de banho antes de abrir a torneira. Tinha aumentado o volume do aparelho para o máximo, porque estava paranoico depois do assalto do Brad e queria conseguir ouvir caso algum dos alarmes que tinha posto nas portas disparasse. Não gostava do facto de a família da Aly ter as chaves de casa dela. Pareciam ser tão maus como eu a respeitar limites, e não confiava nas suas intenções. Talvez conseguisse convencer a Aly a mudar as fechaduras, se não estivesse já decidida a fazê-lo. Pelos olhares desconfiados que lançou ao Júnior na viagem de regresso ao armazém, era provável que confiasse nele ainda menos do que eu.

Deixei a porta aberta enquanto tirava a roupa húmida e a punha no chão de tijoleira. Um olhar de relance para o espelho fez-me parar. Um roxo-escuro começava a florescer ao longo do meu lado direito. Sabia o suficiente sobre primeiros socorros para perceber que não era bom sinal, por isso respirei o mais profundamente que consegui tentando perceber o quão mal estava. Doíam-me as costelas, mas não era uma dor tão intensa quanto a da vez em que o meu pai me pontapeou de lado com as botas de biqueira de aço, por isso achei que não tinha nenhuma partida.

Levantei o olhar e quase recuei. Tinha andado tão obcecado com a Aly recentemente que me tinha esquecido de cortar o cabelo, e entre o comprimento do cabelo e as olheiras de cansaço que tinha nos olhos, a semelhança com o monstro que me gerou era assombrosa.

Incapaz de continuar a ver-me ao espelho, desviei o olhar e entrei no duche.

Foda-se, que noite. Não fazia ideia de como tinha conseguido manter a calma durante tanto tempo na casa do Brad. Se não fosse a minha necessidade de apagar o rasto da Aly do seu disco rígido, duvidava muito de que tivesse conseguido chegar ao computador.

O cheiro doentio e doce dos corpos em decomposição tinha-me mergulhado numa das minhas mais assombrosas memórias de infância, pelo

que tive de respirar pela boca para o evitar. Jurava que ainda conseguia detetar uma ponta de decomposição, colada à minha pele, a precisar de ser limpa, por isso, agarrei na barra de sabão mais próxima e comecei a esfregar-me.

Ainda me estava a esfregar quando a Aly entrou no duche e, por mais que a quisesse nos meus braços, não conseguia parar.

– Josh? – disse ela, pondo a mão sobre o meu pulso.

– Consigo cheirá-lo em mim – confessei.

Pela forma como a sua cara se encolheu, ela sabia, sem ter de perguntar, do que é que eu estava a falar. Tirou-me o sabonete da mão e aproximou-se, encostando o nariz ao meu peito.

– Cheiras a limpo.

– Tens a certeza? – perguntei, odiando o facto de a minha voz soar tão baixa.

Levantou-se nas pontas dos pés e cheirou-me o pescoço. A seguir, levantou cada um dos meus braços e deu-lhes o mesmo tratamento.

– Nada mais do que lúcia-lima e limão.

Inclinei a cabeça em direção à barra amarela que ela segurava.

– É esse o aroma?

Ela acenou com a cabeça e pôs o sabão no devido tabuleiro, pegando nas minhas mãos enquanto se virava para mim.

– Suponho que reconheceste o cheiro dos corpos por causa de algo relacionado com o teu pai?

Apertei-lhe os dedos, mergulhando no seu toque.

– Sim.

– Queres falar sobre isso? – levantei a cabeça, olhando para lá dela, e as palavras começaram a sair-me antes que eu as conseguisse parar. – Aconteceu no verão em que fiz onze anos. Por alguma razão, o meu pai levou-me à cidade com ele. Mas o carro cheirava tão mal que, mesmo com as janelas abertas, fiquei enjoado até ele finalmente estacionar. Perguntei-lhe o que era e disse-me que tinha atropelado um guaxinim na noite anterior, e que uma parte dele devia ter ficado agarrada ao chassis e estava a apodrecer por causa da vaga de calor. Naquela altura, eu fazia de tudo para o agradar, por isso decidi ir à procura de material de limpeza na mala do carro. Antes de a conseguir abrir, o meu pai empurrou-me com tanta força que caí no passeio.

Levantei o braço direito, dobrando-o para mostrar o meu cotovelo à Aly.

– Foi daí que veio esta cicatriz.

Ela inclinou-se e beijou-a, com uma expressão cheia de empatia.

– Lamento imenso que isso te tenha acontecido.

Assenti com a cabeça e deixei o meu braço cair para o lado.

– Na altura, estava habituado à sua ira, mas naquele dia ele parecia assustado, ajudando-me a levantar enquanto os transeuntes paravam para ver, dizendo-lhes que tinha sido um acidente e pedindo-me desculpa como nunca tinha feito antes. Em vez de irmos às compras, mandou-me voltar a entrar no carro para me levar a casa e tratar dos meus arranhões. Uma vez à porta de casa, deixou-me sair do carro e desapareceu durante dois dias. Não sei bem onde é que ele foi depois disso, mas quando voltou, o carro dele estava tão limpo que parecia novo e não tinha qualquer odor.

A Aly aproximou-se e envolveu-me nos seus braços pela cintura, com cuidado para evitar as minhas costelas, os seus seios a encostarem-se ao meu estômago.

Estivera nua este tempo todo?

Espera, claro que estava. Estamos no duche. Céus, odiava a forma como as memórias do meu pai ainda me sufocavam, cegando-me perante o que me rodeava.

– Achas que ele tinha uma das vítimas dele dentro da mala? – perguntou a Aly.

Abracei-a e pousei o meu queixo na sua cabeça.

– Sim. O pai andou muito ativo nesse verão. Só gostava de saber a data exata em que aconteceu.

– Porquê?

– Porque ainda há várias mulheres dadas como desaparecidas, e ele continua a ser o principal suspeito pelo seu desaparecimento. Se a data coincidisse com o desaparecimento de uma delas, poderia dar à família algum tipo de conclusão ou ajudar a polícia a encontrá-la. Até tentei hipnose uma vez para extrair este tipo de pormenores úteis, mas não resultou. Sinto-me um idiota de merda por não me conseguir lembrar.

A Aly recuou, franzindo o sobrolho.

– Sabes que a culpa não é tua, certo? Que não deves sentir qualquer culpa por isso? Eras uma criança, e a tua mente provavelmente suprimiu tudo quanto podia para te proteger.

Assenti com a cabeça e puxei-a de novo contra mim.

– Eu sei disso, mas mesmo assim isso não torna as coisas mais fáceis.

– Eu compreendo – disse ela. – É a mesma coisa comigo e com o acidente de carro. Não em relação à memória, mas em relação ao sentir-me culpada. Por mais que eu saiba que a culpa não é minha, não me consigo livrar do sentimento de responsabilidade.

– Partilhamos uma bagagem e peras, hum?

A Aly engasgou-se com uma gargalhada.

– Desculpa. Não tem piada nenhuma.

Agarrei-lhe nos ombros e inclinei-me o suficiente para olhar para ela.

– O que foi?

Ela torceu o nariz.

– Tive só um *flashback* da nossa última noite e da bagagem literal que trazíamos connosco.

Sorri.

– Estou a perceber. Não é engraçado de graça; é engraçado de fodido.

O humor desvaneceu-se dos seus olhos quase tão rapidamente como tinha aparecido.

– Tive tanto medo por ti hoje à noite.

As suas palavras atingiram-me diretamente no coração.

– Eu também temi por ti.

Ela abanou negativamente a cabeça, com gotas de água a escorrerem-lhe pela cara.

– Não, estou a falar a sério, Josh. Eu *não* te podia deixar para trás. Não só porque não suportava a ideia de te ver preso naquela casa sozinho com as pobres vítimas do Brad, mas também porque não confiava que o Júnior cumprisse a sua palavra de te ir buscar depois.

Ah, então ela tinha receios semelhantes aos meus sobre eu poder ser um ótimo bode expiatório ou, no mínimo, ser convenientemente dispensável. Nada mau.

Até agora, estava a atribuir a minha suspeita à paranoia, mas o facto de saber que a minha namorada tinha chegado à mesma conclusão fez com que a ameaça se tornasse mais real. De agora em diante, teria de ser mais cuidadoso com a família dela. E precisava definitivamente de fazer tudo ao meu alcance para ficar de bem com o Nico.

Afastei o cabelo do rosto da Aly, envolvendo os meus dedos atrás do seu pescoço para poder trazê-la para mais perto. Ela aproximou-se de bom grado, com os lábios entreabertos como se estivesse inconscientemente a preparar-se para um beijo.

Baixei-me e encostei a minha testa à dela, sentindo um frio subir-me pela espinha quando me lembrei do medo que senti quando ela disse que ia ficar para trás comigo.

– Devias ter ido com eles, mesmo que isso me pusesse em risco.

Os seus olhos brilhavam de teimosia e ela tentou afastar-se, mas eu cerrei os punhos e mantive-a onde estava. Ela respirava de forma irregular, e não deixei de reparar que, apesar de parecer chateada, os seus mamilos tinham ficado mais hirtos.

– Não é assim que isto funciona – disse ela. – Tu não te sacrificas por mim. Não estamos na época medieval, e eu não sou uma donzela em perigo.

– O objetivo de ficares na carrinha era eliminar a possibilidade de a polícia encontrar quaisquer sinais teus no apartamento, Aly.

– Eu sei disso – respondeu ela.

– E se um vizinho te visse? E se um fio de cabelo teu caísse e a polícia o encontrasse?

Rápida como um relâmpago, ela inclinou-se para a frente e virou-se, quebrando o meu aperto.

– O meu cabelo estava preso numa trança – disse ela, recuando o máximo possível. – E o mais perto que cheguei da casa foi quando te ajudei a sair do chão do pátio. A probabilidade de eles encontrarem algum sinal meu é muito menor do que encontrarem um sinal teu.

Abanei a cabeça, diminuindo a distância entre nós.

– O meu cabelo estava tapado e eu tinha luvas.

– Podes ter deixado para trás fios de tecido.

Inclinei-lhe o queixo para cima para facilitar o contacto visual.

– A análise das fibras é tão fiável como os salpicos de sangue hoje em dia, e todas as nossas roupas eram de poliéster genérico por uma boa razão. Quaisquer fibras deixadas para trás poderiam ter vindo de qualquer coisa.

Ela soltou um suspiro.

– Está bem. Lamento ter faltado à minha palavra, mas não lamento ter ficado para trás.

Eu girei-a, envolvendo os braços sobre os seus ombros para me inclinar e poder dizer-lhe as próximas palavras diretamente ao ouvido.

– Eu não estava a tentar sacrificar-me por ti, e a última coisa que eu acho que tu és é uma donzela em perigo. Eu só te quero manter segura. E desculpa se estou a ser arrogante, mas preocupo-me contigo, Aly. Tenho a certeza de que o Tyler te avisou sobre a minha tendência para exagerar quando se trata das pessoas de quem gosto.

– Ele pode ter falado nisso.

Ao reparar que ela começava a ficar com pele de galinha, puxei-a para mim, para debaixo de água.

– Então, acho que estamos num impasse. Ambos faremos de tudo para mantermos o outro em segurança, mesmo que isso signifique irritá-lo.

Agarrou os meus antebraços e beijou o que estava mais próximo.

– Prefiro que te preocupes mais do que menos.

Apertei-a com força.

– O mesmo.

Ficámos assim durante alguns momentos, com a água a correr sobre nós, a aquecer a nossa pele gelada, até eu sentir que o calor me tinha finalmente penetrado até aos ossos, eliminando o último resquício de frio.

A Aly ainda não se tinha lavado, por isso libertei-a dos meus braços e agarrei no sabonete. Aceitaria qualquer desculpa para lhe tocar, para a fazer sentir bem, então tomei o meu tempo a esfregar-lhe as costas, fazendo-o tanto para a relaxar como para a limpar. A espuma escorria-lhe pela pele abaixo, e eu observava-a escorregar até ao seu rabo perfeito.

O meu pénis ganhou vida quando finalmente a visão da minha namorada nua reinou sob a escuridão persistente. Tínhamos conseguido escapar. Estávamos bem. Estávamos a salvo. Não sabia quanto tempo isto iria durar, por isso planeei aproveitar ao máximo o tempo que tínhamos juntos, quer fossem semanas, anos ou o resto das nossas vidas.

Voltei a acariciá-la com o sabão, subindo pelo seu corpo, a minha mão livre seguindo a outra por entre uma longa linha de músculos.

A Aly soltou um gemido suave e inclinou a cabeça para a frente.

– Isso sabe muito bem.

– Ótimo – disse-lhe, com uma voz mais áspera do que pretendia.

Ela virou-se para mim, com os lábios entreabertos, enquanto o seu olhar começava a desviar-se do meu para ir em direção à minha pila a entesar. A

meio do caminho, parou, pousando-o no meu lado magoado.

– *OK*, já não consigo ignorar as tuas costelas por mais tempo.

Os cinco minutos que se seguiram consistiram em fazermos a crónica das nossas lesões. Depois de algumas cutucadas dolorosas, a Aly finalmente concordou que provavelmente não tinha as costelas partidas, apenas doloridas. Com o meu ombro e as minhas canelas passava-se o mesmo, e a Aly, em modo enfermeira, disse que, assim que saíssemos do duche, eu teria de pôr gelo em todos estes locais, o que me fez querer adiar esse momento o mais possível. Depois do frio que sentira, a ideia de pressionar algo frio contra a pele era abominável, mas pelo olhar teimoso no rosto dela, se eu tentasse novamente argumentar, iria perder.

Felizmente, nenhum dos arranhões causados pelos galhos das árvores nos nossos rostos e pescoços necessitava de pontos, não eram suficientemente profundos nem longos. Eram, porém, visualmente desagradáveis, o que me deixou aliviado por ter outra desculpa para poder ficar em casa com a Aly, nas duas semanas seguintes, enquanto recuperávamos.

Ela recuou depois de olhar para os meus últimos arranhões, apertando o lábio inferior entre os dentes de uma forma que me deixou louco.

– Achas que nos safámos muito facilmente?

– Facilmente? Não – disse, apontando para as minhas costelas. – Mas uma parte de mim acredita que o pior ainda está para vir.

Ela franziu o sobrolho e começou a ensaboar-se. Fiz o meu melhor para manter o contacto olhos nos olhos, mas raios me partam, as mamas dela estavam mesmo ali à mão de semear, a pingar espuma, e já as conseguia sentir a encher-me as mãos, quentes e escorregadias e sensíveis a cada carícia minha.

– Talvez seja porque não fomos nós a tratar do assunto – disse ela, sem se aperceber dos meus pensamentos em cascata. – Pelo menos, é o que acho. Estou habituada a ter o controlo. Não me agrada o facto de ter de confiar num tio e primos afastados, e na palavra deles de que fizeram a sua parte. Quero saber onde está o corpo, a quem vão vender as peças do carro do Brad, como tencionam enganar a polícia para que pensem que ele fugiu para o Canadá.

– Talvez possas dar vinho ao Nico no jantar de família e interrogá-lo logo depois.

Ela acenou com a cabeça.

– Não é uma ideia terrível. Gostava mesmo de saber como é que o Júnior já sabia de todos aqueles pormenores sobre a investigação.

– Polícias corruptos – disse-lhe. Era a resposta mais lógica.

A sua expressão tornou-se contemplativa.

– Era o que eu também estava aqui a pensar.

Incapaz de me conter, estendi a mão, passando-a pelo seu ombro.

– Por mais que eu odeie a ideia de que existem polícias corruptos, ter alguém lá dentro pode beneficiar-nos. Se eles continuarem a divulgar o correr da investigação ao Júnior, iremos saber assim que encontrem algo que aponte para nós ou para a tua família. Dependendo do quão corruptos eles forem, podem até destruir provas.

A Aly fez uma careta.

– Não gosto de beneficiar desse tipo de movimentos. Parece demasiado próximo daquilo que o Brad andava a fazer.

Belisquei-lhe o ombro.

– Preferes ir dentro?

– Não – disse ela. – Só não me agrada, e sim, sei que isso provavelmente faz de mim uma hipócrita.

Sorri.

– Grande hipócrita.

Ela afastou a minha mão com um estalo.

Agarrei-lhe o pulso e puxei-a para junto de mim.

– Mas uma hipócrita boazuda.

A sua resposta saiu abafada devido à forma como lhe apertei a cara contra o meu peito.

– Vou assumir que só me chamaste de boazuda.

Ela veio por trás de mim e beliscou-me o rabo com tanta força que me fez saltar para a frente, fazendo com que a minha pila ficasse refém entre a nossa pele escorregadia. Estava à espera de que ela se afastasse e dissesse algo sarcástico, mas em vez disso contorceu-se e veio contra mim. A minha necessidade dela regressou num ápice, todos os outros pensamentos foram abafados pela memória de como era bom enfiar a minha pila dentro daquela cona apertada e molhada.

– Aly – disse, afastando-me dela. – Quero-te tanto neste momento, mas vou desmaiar se não comer algo depressa.

O rosto dela esmoreceu, mas rapidamente se recompôs e abanou a cabeça.

– Sim, tens razão. Sinto o mesmo.

Levantei uma mão e pousei-a na bochecha dela.

– Além disso, não sou demasiado orgulhoso para admitir que, neste momento, estou com tantas dores que não me sinto apto a adorar-te da forma que mereces.

Ela acenou com a cabeça, com uma expressão cheia de compreensão.

– Eu posso esperar até te sentires melhor. Sei que vai valer a pena. – Ela levantou uma mão para me mostrar como as pontas dos seus dedos estavam enrugadas. – E estou a começar a ficar toda enrugada, não me importo nada de sair daqui.

Virei-me de costas para que ela não me visse sorrir. Será que me devia ter sentido mal por ter mentido à minha namorada? Talvez. Mas tinha a sensação de que, quando a acordasse em algumas horas, ela estaria mais do que disposta a perdoar-me.

---

* Everything hurt, and I was dying. (*N. de T.*)

25

Aly

Um som despertou-me a meio da noite. Estava a ter um sonho belíssimo sobre… algo. Começou a desvanecer-se assim que abri os olhos, mas lembrava-me de ver cerveja fresca e uma praia de areia quente. O que eu não daria por umas férias nas Caraíbas a meio do inverno. Tinha algum dinheiro guardado. Talvez, durante as próximas duas semanas, o Josh e eu pudéssemos escapar para…

O meu teto estava vermelho. Porque é que o meu teto estava vermelho? Oh, porra, estaria a minha casa a arder?

Tentei erguer-me, mas um puxão de braços fez-me cair de novo no colchão. Levantei a cabeça, em pânico, e congelei. Tinha algemas de seda preta à volta dos pulsos, e as cordas que as prendiam levavam-me diretamente à cabeceira da cama, na qual uma série complexa de nós que pareciam impossíveis de desatar me amarravam.

O medo atravessou-me os pulmões, roubando-me o fôlego. O Josh não estava na cama ao meu lado. Adormecemos enrolados com o *Fred* empoleirado em cima de nós. Agora, tinham os dois desaparecido, e eu devia estar só meio acordada, porque tudo o que conseguia pensar era que o Brad não estava realmente morto, e que tinha invadido a minha casa para vir terminar o que tinha começado.

– Oh, ótimo – disse uma voz profunda e modulada. – Estás acordada.

Levantei o olhar.

Lá estava ele sentado aos pés da cama, sem camisa e iluminado com a luz carmesim profunda que usava frequentemente nos seus vídeos: o Homem Sem Rosto. A sua máscara parecia mais ameaçadora do que eu me lembrava, as suas maçãs do rosto mais afiadas, os seus olhos negros mais profundos. O seu porte maciço fazia com que a minha pequena poltrona parecesse algo feito para crianças. Porque é que nunca me tinha apercebido

do quão sinistras eram as suas tatuagens? Formas escuras e retorcidas rastejavam pelos seus braços como pesadelos góticos emergindo do inferno.

Uma das mãos segurava uma faca de aspeto perverso que eu nunca vira antes, curva e afiada – algo feito para esfolar presas. A maneira como ele a segurava tão casualmente, meio pendurada nos dedos enquanto a girava num círculo ocioso, fazia com que parecesse ainda mais perigosa. Só alguém bem versado no uso de armas as manuseava com tão pouca consideração, como se conhecesse a ferramenta tão intimamente que já se tornara como uma extensão do próprio braço.

É apenas o Josh, tentei dizer a mim própria, mas esse conhecimento pouco fez para conseguir acalmar a minha pulsação acelerada.

O meu namorado gentil e divertido tinha desaparecido. No seu lugar estava um homem que irradiava ameaça. Quando mascarado, era como se ele se transformasse noutra pessoa. Ou talvez não. Talvez ele continuasse a ser o mesmo Josh de quem eu tinha começado a gostar tanto, e o facto de usar a máscara permitia-lhe revelar um lado mais sombrio da sua personalidade que ele mantinha escondido durante o dia. Um lado que ansiava pelo meu medo tanto quanto pelo meu desejo.

Levantou a faca e apontou-a para mim, com a cabeça inclinada para o lado de uma forma enervante, quase estranha, por ser um gesto tão pouco parecido com o do Josh. Analisei-o novamente para me certificar de que era, de facto, o meu namorado e não outro mascarado qualquer que invadira a minha casa. As costelas magoadas confirmavam a sua identidade, mas o meu coração continuava acelerado.

– Abre-as – disse ele.

Olhei para baixo e vi que os lençóis me protegiam até à cintura. Ainda tinha vestidos o *top* de cetim preto e os calções a condizer com que me tinha deitado, e estava grata por isso. Já era mau o suficiente ter dormido enquanto era amarrada, mas se tivesse dormido enquanto era despida, teria de marcar uma consulta numa clínica do sono para ver o que raio se passava comigo.

O tom de voz do Homem Sem Rosto não permitia qualquer discussão, por isso apoiei-me nos cotovelos e abri lentamente as pernas dobradas. Ele inclinou-se para a frente apenas o suficiente para afastar os lençóis para baixo, tortuosamente devagar, e a minha pele já estava tão hipersensível que

senti cada centímetro de algodão, como mãos errantes, a deslizar sobre mim.

O que é que ele me ia fazer?

Ele levantou-se num movimento fluido. A luz vermelha deve ter sido posta no chão, algures perto dos pés da minha cama, porque o feixe de luz vacilou à sua passagem e delineou na parede mais distante a sua forma maciça como uma espécie de sinal *kinky* do Batman.

*Acende-o e ele vem** – trocadilho intencional.

A ideia deu-me vontade de sorrir, mas tive a sensação de que isso só me iria meter em ainda mais apuros, e em apuros já eu estava. Esta não era a altura de provocar o homem que me tinha amarrado. Talvez quando isto acabasse e eu soubesse exatamente com o que podia contar, me pudesse permitir ser traquinas, mas até lá, sentia-me demasiado cobarde para lhe dar mais motivos para me punir.

Ele voltou a rodar a faca e o meu olhar caiu sobre ela. Até agora, só tínhamos falado brevemente sobre as nossas fantasias sexuais partilhadas, mas ainda não tínhamos chegado a definir até onde cada um de nós estava disposto a levá-las, e a perceção de que ele e eu podíamos ter pontos de paragem muito diferentes deixou-me subitamente nervosa.

Não há palavra de segurança, recordei-me a mim própria. Se ele me pressionasse demasiado, podia simplesmente dizer-lhe para parar. Depois de tudo o que passámos juntos, confiava nele o suficiente para crer que iria manter a sua palavra.

Deslizou um joelho por cima da cama, por entre as minhas pernas abertas. A mão que não segurava a faca pousou na minha anca, e ele inclinou-se para a frente, apoiando-se em mim. Foda-se, ele era grande. Os seus ombros eram tão largos que me impediam de ver o teto. Os músculos ondulavam no seu peito e tronco enquanto ele se equilibrava no lugar. De alguma forma, estar tão perto dele nos últimos tempos tinha-me deixado indiferente perante a nossa diferença de tamanhos, mas olhar para ele agora mostrava-me o quão grande ele era.

Um barulho de metal fez-me baixar o olhar para a arma que ele empunhava. Eu estava amarrada com um homem mascarado de faca na mão, fazendo-a pairar sobre mim. Esta era uma fantasia que eu tinha há meses, porém, a realidade era muito diferente. Sim, estava excitada. Não estava a usar cuecas por baixo dos meus calções de seda, e já conseguia

sentir o tecido completamente encharcado pelo meu desejo. Mas também tinha mais medo do que julguei que ia ter. Tudo o que me restava era confiar no meu instinto de que estava segura com o Josh, e acreditar na insistência da sua promessa de não me querer magoar. Este era o momento em que o meu medo se transformava em tesão; no tesão que ele desejava. Se estivesse enganada, isto podia terminar tão mal.

Isso só me fez ficar ainda mais molhada por ele.

A ponta afiada do medo levou o meu desejo para o reino da escuridão e aumentou a sensibilidade dos meus outros sentidos, tornando a minha pele tão sensível que cada centímetro de mim se transformou numa zona erógena. O Homem Sem Rosto levantou a faca e arrastou a sua ponta pela parte interna da minha coxa, eu estremeci sob ela, lutando contra um gemido.

Ele estudou o progresso da lâmina antes de levantar os olhos sem alma para olhar os meus.

– És linda quando estás assustada.

Meu Deus, totalmente louco. Adorei-o.

Só a ameaça da faca me manteve imóvel debaixo dele. Se não houvesse faca, eu estaria a contorcer-me toda. A minha cona latejava, e eu precisava de algo para aliviar a dor, alguma fricção contra o meu clitóris, ou, melhor ainda, a sua pila monstruosa a preencher-me. Nunca esqueceria o ardor inicial de ter de me estirar em torno dele, tentando receber algo tão grande e duro dentro do meu corpo. Ainda estava um pouco dolorida da nossa primeira vez, e sabia que isso tornaria esta segunda muito melhor – mais dolorosa no início, mas depois puro êxtase quando ele estivesse enterrado até ao fundo, e eu relaxasse no prazer.

Por cima de mim, ele inspirou, lendo-me sem dúvida o desejo estampado no rosto. Costumava achar que o facto de mostrar todas as minhas emoções tão abertamente era algo negativo, mas a forma como ele reagia a isso fazia-me não querer mudar nunca. A faca, suficientemente afiada para me picar, deslizou um centímetro mais para cima, sem força suficiente para me poder rasgar a pele. Sustive a respiração enquanto ele se aproximava cada vez mais da interceção das minhas coxas, o meu olhar percorrendo os seus músculos tensos, tatuagens retorcidas, voltando ao negro sem fundo das suas órbitas oculares vazias. Este era o momento mais quente e aterrador da minha vida, e ter de ficar quieta era uma tortura

absoluta, o que provavelmente era a intenção dele. Eu devia saber que o meu castigo seria tão mental quanto físico.

– Não te mexas – disse ele.

Congelei, chegando mesmo a suster a respiração quando a faca se virou contra mim, a lâmina empunhada para cima enquanto ele a enfiava por baixo da bainha dos meus calções. Houve um puxão na parte superior da minha coxa quando o tecido ficou esticado, e então um suspiro suave encheu a sala quando ele pressionou a lâmina para cima, cortando a seda. O som era perturbadoramente parecido com o de um bisturi a abrir a pele, e isso fez com que o meu medo aumentasse ainda mais.

Olhei para baixo e vi o lado direito dos calções a cair. A seguir girou a faca para a minha outra coxa e libertou-me do resto do tecido. Só sobrava um pequeno quadrado a cobrir-me e, enquanto eu o observava, ele usou a ponta da faca para o arrastar para baixo até me revelar completamente nua perante ele. O ar fresco a roçar-se nas minhas pregas quentes e húmidas fez-me estremecer.

Com um movimento rápido e o punho enrolado ao cabo, girou a faca e apontou a lâmina para baixo. Logo pousou o punho ao meu lado, apoiando-se e transferindo para ele o seu peso, enquanto levantava a mão livre. Essa mão foi levada diretamente para o meio das minhas coxas, aconchegando-me a cona. A vontade de me esfregar contra ele era tão forte que gemi ao lutar contra ela. A mão dele estava tão quente e tão perto de onde eu precisava dela.

– Estás ensopada – disse ele, parecendo tão torturado pela minha excitação como eu.

Estava tão fora de mim com a necessidade de o tocar que só depois de tentar levantar os braços é que me apercebi das malditas amarras e caí de costas. Assim que atingi o colchão, ele mergulhou os seus dedos dentro de mim. Fiquei tão chocada com a intrusão repentina que a minha coluna se arqueou para fora da cama, e um suspiro caiu-me da boca. Ele não me deu tempo para me ajustar, enfiando os dedos tão fundo quanto possível, a palma da sua mão a esfregar o meu clitóris enquanto usava o resto da mão para me foder.

Contorci-me, meio a tentar afastar-me, meio a tentar aproximar-me. Era demasiado, e tão precoce, mas por mais repentina que a sua invasão fosse,

já conseguia fazer algo apertar dentro de mim. Não. Não era possível que eu já estivesse à beira de um orgasmo.

Ele adicionou um terceiro dedo, sons molhados e escorregadios enchiam o quarto, quase alto o suficiente para abafar os meus suspiros contínuos. Os seus movimentos eram duros, implacáveis, empurrando com tanta força que as minhas mamas saltavam, e os meus calcanhares raspavam contra os lençóis enquanto eu procurava uma forma de me proteger. Ele estava a foder-me como se estivesse zangado comigo, como se não se tratasse de me satisfazer, mas sim de me fazer subir o mais alto e depressa possível, e isso deixou-me nervosa diante do que estaria para vir.

A sua última investida quase me matara e ele, governado por um espírito brincalhão, estava só no início. Não conseguia imaginar a tortura que seria quando ele estivesse mesmo decidido a dar-me uma lição.

Eu devia estar assustada, e talvez estivesse, mas a ideia de ser dominada daquela maneira, completamente descontrolada, era mais emocionante do que qualquer outra coisa. Foi o suficiente para acabar com a minha resistência momentânea perante ele, os meus calcanhares afrouxaram quando deixei de tentar afastar as minhas ancas e comecei a empurrá-las de encontro à sua palma.

Aparentemente, era disso que ele estava à espera. No segundo em que me comecei a contorcer na sua direção, ele retirou os dedos de dentro de mim, deixando a minha cona apertada em torno de si mesma. Não consegui impedir que um baixo assobio de frustração me escorresse pelos lábios. Precisava dele. O choque repentino da perda era demasiado forte para o conseguir suportar. Como é que ele se atrevia a fazer-me isto outra vez, deixando-me tão desesperada por ele?

Não podia esperar que ele piorasse a situação.

Os dedos que tinham estado dentro de mim brilhavam sob a luz vermelha. Ele sentou-se sobre os calcanhares e levantou a máscara o suficiente para deslizar a mão por baixo dela. Um som de sucção disse-me que ele estava a sorver a minha excitação dos dedos. Só de pensar nisso as minhas paredes interiores espasmaram-se e, mais do que tudo, eu queria poder ver, mas a visão foi-me negada, levando a minha frustração a novos patamares. Aqueles dedos seriam mais bem aproveitados fora da boca dele e dentro da minha cona. Por mais chocante que tivesse sido, eu ansiava novamente pela sensação de eles a bater contra mim.

– Mostra-me – disse-lhe, com a voz rouca de desejo.

No início achei que não o fosse fazer, mas ele levantou a máscara ainda mais para cima, apenas o suficiente para revelar os lábios. Vi a sua língua deslizar para fora lambendo os seus dedos num círculo pecaminoso, até limpar a última gota de mim. Quase me vim só com a visão.

Com um puxão, pôs a máscara no lugar, e eu só tive tempo para registar a protuberância nas suas calças de ganga escuras antes de ele enrolar as mãos aos meus tornozelos, e me puxar, estendendo-me ao longo da cama. Quando os meus braços se esticaram ao máximo, os meus pulsos ficaram totalmente cerrados pelas amarras fortes da corda. Ele soltou uma mão, e começou à procura de algo escondido ao pé do colchão.

A mão dele voltou a aparecer, segurando o que parecia ser um *plug* anal de tamanho pequeno, era de silicone azul-escuro estreito na ponta e depois inchava no meio, antes de afunilar novamente e terminar numa base larga. Depois, voltou a movimentar-se por entre as minhas pernas, empurrando um dos meus joelhos para cima, até ao meu peito. Acariciou-me com a ponta embotada do *plug*, fazendo-o descer pela minha barriga, continuando, até o roçar nas minhas pregas.

– Estás tão molhada que nem preciso de lubrificante – murmurou ele, com as palavras deliciosamente ásperas por causa do modulador.

As órbitas negras dos seus olhos estavam entre as minhas pernas enquanto ele enfiava lentamente o brinquedo na minha cona.

– Estou sempre molhada para ti – ofeguei, afastando a minha outra perna para o lado, para lhe dar mais acesso.

O *plug* era mais estreito do que eu queria, mas as minhas paredes interiores, famintas de fricção, agarraram-se a ele de qualquer maneira.

Ele fez um som baixo de aprovação masculina, rodando o *plug* dentro de mim para que ficasse coberto pela minha seiva. De seguida, fê-lo deslizar para fora da minha fenda, traçando uma linha com a ponta até ao meu ânus. Estava com medo que fosse bruto depois da maneira como me tinha penetrado com os dedos, mas ele tomou o seu tempo, permitindo-me soltar um suspiro profundo depois do desconforto inicial e dando-me tempo suficiente para me ir ajustando. Achei que estava tudo bem até chegar à parte mais larga, em que tudo apertou, mas o meu corpo resistiu.

O Homem Sem Rosto levou a mão direta à minha vulva, a ponta do seu polegar pousando no meu clitóris. A minha cabeça caiu para trás enquanto

ele massajava a zona ao redor do meu clitóris em círculos, parando para o lamber suavemente antes de voltar a circundá-lo.

Oh, foda-se, isto sabe bem.

Voltou a fazê-lo, empurrando o *plug* mais fundo à medida que os meus músculos se soltavam com o prazer. Depois de fazer entrar a parte mais larga, o resto foi fácil de enterrar e, quando dei por mim, ele já tinha o brinquedo todo cá dentro. Foi então que ele afastou o polegar, e eu fiquei ao mesmo tempo demasiado cheia e demasiado vazia. A minha cona continuava a contrair-se, desejosa de ser preenchida, e eu conseguia sentir o *plug* a cada espasmo dos meus músculos vaginais.

Levantou outra coisa do colchão e mostrou-ma.

Era um pequeno quadrado de plástico, parecia um tipo de comando ou algo do género…

O único aviso que tive foi um *estalido* agudo, antes de o *plug* começar a vibrar no meu cu.

Soltei um grito por ter sido apanhada desprevenida pela súbita sensação, os meus pés a debaterem-se novamente contra os cobertores. Que merda, nem sequer sabia que *existiam* vibradores anais.

Duas mãos grandes pousaram nas minhas coxas, imobilizando-as, forçando-me a ficar deitada e *a sentir*, e oh, Deus, como eu senti. Nunca tinha estado tão consciente daquela parte do meu corpo. Nem de como as coisas estavam tão próximas no meu interior. De alguma forma, parecia que a vibração no meu cu estava a acontecer, também, na minha cona e enquanto, no passado, eu até tinha achado piada às brincadeiras anais, agora eu estava realmente a gostar. Mais do que gostar. Se ele continuasse assim e me estimulasse de qualquer outra forma, eu ia-me vir com tanta força que iria provavelmente esguichar.

Com outro clique, a vibração foi interrompida, deixando-me ofegante. As mãos nas minhas coxas subiram até às ancas e, antes que me apercebesse do que estava a acontecer, o quarto girou quando ele me virou de barriga para baixo. Um puxão na minha cintura fez com que eu ficasse de bruços sobre o colchão, de rabo para cima; as cordas estavam tão apertadas que eu não podia fazer muito além de virar as mãos para dentro e me agarrar a elas como apoio. O meu ritmo cardíaco, já em galope constante, disparou.

O que é que ele estava ali atrás a fazer? O que iria acontecer a seguir?

Uma mão pousou entre as minhas omoplatas, pressionando-me para baixo com força. Virei a cara para não sufocar, tentando olhar para trás, mas não vi nada a não ser uma longa linha de coxas vestidas com calças de ganga, enquanto o Homem Sem Rosto se posicionava atrás de mim.

Por favor, fode-me, queria implorar, mas tinha a sensação de que, naquele momento, ele estava tão antagónico que talvez recusasse só para me irritar.

Um estalido repentino atingiu-me os ouvidos, e eu tentei preparar-me, mas *oh, foda-se* não sei se existe uma maneira de se estar preparada para a sensação de ter algo no cu a vibrar. Entre o som do brinquedo e a minha respiração irregular, mal ouvi o fecho das calças dele a abrir. Eu sabia que isso significava algo, mas estava tão distraída com o que se estava a passar dentro de mim que não me apercebi do que me esperava até que a mão que me prendia se soltou e as minhas ancas foram puxadas para trás, lançando-me diretamente para a pila do Homem Sem Rosto.

Gritei, a minha cona apertou-se à volta dele, estrelas dançavam por trás das minhas pálpebras fechadas enquanto eu tentava adaptar-me à mistura de prazer e desconforto. Sim, ainda estava dolorida, mas qualquer pessoa que tenha sido fodida com força conhece a picada ardente e deliciosa de ser novamente preenchida antes de se estar pronta para isso. Talvez não seja assim para toda a gente, mas para mim este era um tipo de dor *bom*. O que o tornava ainda melhor era o facto de, com a adição do *plug* anal, eu me sentir mais preenchida do que nunca. E pelo sítio onde os músculos da minha vagina se esticavam à volta dele, podia dizer que o Homem Sem Rosto ainda nem sequer estava metade dentro de mim.

– Preciso de poder confiar em ti – rosnou ele.

E depois bateu-me com tanta força que todo o meu corpo se contraiu, o som da bofetada a ecoar-me nos ouvidos. Com um grunhido, tirou tudo de dentro de mim, e tive de empurrar as minhas ancas para a frente por causa do quanto a minha musculatura se tinha apertado à volta dele.

Fiquei paralisada.

Ele tinha-me mesmo *batido*.

Nunca tinha sido batida na minha vida. E ele também não se tinha contido. Tinha-me batido com força suficiente para ainda me estar a doer. Não pensei que ficasse com nódoas negras, mas não havia dúvida de que o meu rabo estava agora tão vermelho como o rubor que me subia pelas faces,

aquecendo-me a cara com uma mistura inesperada de vergonha e embaraço. E não era porque o meu namorado estava a cumprir a sua ameaça de me castigar, mas antes por eu estar a gostar tanto daquilo.

Atrás de mim, ele tinha ficado completamente imóvel, como se estivesse à espera da minha reação. Sim, ele estava a ser um sacana dominador naquele momento, mas, no fundo, eu sabia que ele estava provavelmente a tentar não entrar em pânico, preocupado por se ter deixado levar pelo momento e ido longe demais.

O vibrador desligou-se, e a mão que me segurava na anca amoleceu.

– Diz qualquer coisa.

Em resposta, empurrei o meu rabo para ele.

– Acho que ainda não aprendi a minha lição.

O modulador de voz transformou a sua expiração profunda em algo mais parecido com um rosnado.

Arqueei a coluna.

– Outra vez.

Os punhos nas minhas ancas apertaram-se. Um estrondo baixo encheu a sala antes de ele me voltar a penetrar, mais fundo desta vez, e entre a sua pila e o *plug*, eu estava tão cheia que os meus dedos dos pés se enrolavam contra os lençóis. Senti uma mudança de movimento nele mesmo antes de sentir a palma da sua mão bater-me outra vez no rabo, de forma mais leve do que da primeira vez, mas ainda assim com força suficiente para arder. Apesar de estar à espera daquilo, enrijeci, e ele ligou o vibrador assim que se retirou.

Os meus olhos arregalaram-se, uma pulsação profunda de desejo a explodir dentro de mim. A sensação de a sua pila a sair, enquanto todos os músculos do meu corpo se apertavam, juntamente com a vibração do *plug*, produzia uma sensação diferente de tudo aquilo que já sentira antes. O prazer era inigualável; se ele continuasse assim por muito tempo, eu provavelmente rasgaria os lençóis com as unhas.

Senti-me feroz, carente. Desesperada.

– Agarra-te às cordas – disse ele, desligando o vibrador.

Agarrei-me a elas com todas as minhas forças enquanto ele me penetrou de novo e bofeteou a minha outra bochecha, e depois retirou-se quase todo, ligando o vibrador enquanto o fazia. Estrelas explodiram à minha frente. Virei a cara para os lençóis e gritei contra eles.

Ele começou com um ritmo: dentro, bate, fora, vibra. Perdi-me, tornei-me noutra pessoa, já não era a Aly, mas uma versão selvagem dela, empurrando as minhas ancas para trás, gemendo e suplicando e pedindo desculpa, inconsciente e totalmente desinibida pela primeira vez na minha vida.

– Foda-se – rosnou o Homem Sem Rosto. – Consigo senti-lo a vibrar contra mim.

Depois disso deixou o *plug* ligado enquanto as suas ancas se lançavam para a frente, com impulsos brutais, enterrando-se em mim até às bolas.

Quanto mais tempo passava, mais descontrolados ficávamos. Soltei-me das cordas para agarrar os lençóis. O meu homem mascarado enroscou os seus dedos no meu cabelo e puxou-me a cabeça para cima. Em vez de me bater com cada estocada, os seus golpes tornaram-se intermitentes, e a falta de fiabilidade tornava cada um deles muito mais doce e muito mais doloroso.

Muito mais prazeroso.

Sentia-me crua e sobre-exposta, todas as minhas camadas de humanidade despojadas para revelar o animal em mim. Animal esse que queria ser fodido, com força, com cada parte tão preenchida que o mundo inteiro desaparecia, não deixando nada entre ela e o homem atrás dela. Da próxima vez que fizéssemos isto, pedir-lhe-ia que me amordaçasse. Queria chamar por ele quando me viesse, e odiava não o poder fazer porque havia vizinhos próximos o suficiente para me ouvirem e provavelmente chamarem a polícia, pensando que eu estava a ser violentada. Pelo menos, se me enfiassem algo suficientemente fundo na boca para abafar o barulho, eu podia ceder a esse desejo.

A pila dele começou a inchar dentro de mim e eu quase solucei de alívio. Tinha estado a aguentar o meu orgasmo o mais que pude, à espera dele para saltarmos juntos do abismo.

– Vem-te para mim, Aly – disse ele, puxando-me o cabelo com força suficiente para me magoar. – Deixa-me sentir essa cona perfeita sufocar esta pila.

A sua outra mão deixou a minha anca e, um segundo depois, senti a mordida fria de metal na minha garganta. Ele tinha voltado a pegar na faca.

O pico de medo que me atravessou foi o bastante para me levar ao limite. A minha cona espasmou, os músculos internos contraíram-se,

tentando puxá-lo para mais fundo. A poucos milímetros de distância, o *plug* vibrava, roubando-me o fôlego dos pulmões e fazendo-me correr lágrimas dos olhos. Nunca me tinha sentido assim e faria tudo para o voltar a sentir. Ele tinha-me oficialmente arruinado para todos os outros homens.

O Homem Sem Rosto gemeu atrás de mim, as suas ancas começaram a perder o ritmo enquanto a sua pila inchava e se esticava, atingindo um ponto tão profundo que me cortou a respiração. E estava a vir-me, a soluçar, a louvá-lo, mesmo se também amaldiçoava a sua própria existência.

Nunca o perdoaria por me ter feito isto. Mal podia esperar até à próxima vez que o fizesse.

– Aly, foda-se! – gritou ele.

A faca caiu-lhe das mãos, e as suas mãos regressaram às minhas ancas enquanto as suas investidas se tornavam furiosas e desesperadas. Senti-lo vir-se dentro de mim apenas prolongou a minha libertação, com o preto a rastejar nos limites da minha visão e um zumbido baixo a encher-me os ouvidos. Estaria eu prestes a desmaiar?

Quando saí do meu torpor, as minhas mãos estavam livres das amarras e eu estava deitada sobre os cobertores, completamente relaxada, a ser acariciada e recompensada por ter aguentado tão bem o meu castigo. Os seus toques eram tão suaves como tinham sido duros, e as suas palavras estavam cheias de aprovação quando me disse como eu era linda, e que nenhuma das suas fantasias se comparava ao que tínhamos acabado de fazer.

Levantei a mão e tirei-lhe a máscara, e o Homem Sem Rosto voltou a ser o Josh, com o cabelo despenteado e os olhos escuros cheios de espanto enquanto me olhava fixamente.

– Foi a parte de trás da lâmina que encostei à tua garganta – proferiu. – Nunca estiveste em perigo.

– Eu sei – disse-lhe, porque era claro que não estava.

– Aly, foi espetacular.

Enrodilhei os meus dedos nos dele.

– Infelizmente, vamos ter de resolver os nossos problemas com diálogo como adultos racionais, porque se isto era uma tentativa de me impedir de voltar a quebrar a minha palavra, tenho de te dizer que foi um retrocesso.

O peito dele subiu e desceu, e ele riu-se.

– Tens a certeza? Porque parecias muito apologista a meio da conversa.

Sorri.

– Lamentei mais o facto de não estar a lamentar ser castigada.

Levantou a mão livre e deu-me uma palmada suave na parte lateral do rabo.

– Menina má.

– Acho que me estou a apaixonar por ti – disse eu sem rodeios.

Talvez fossem as hormonas, ou talvez fosse a maneira como ele tinha dado vida às minhas fantasias. Ou talvez fosse o modo como ele me conseguia fazer rir mesmo nas situações mais stressantes. A forma como ele se tinha introduzido na minha vida como se sempre tivesse feito parte dela. A maneira como ele tratava o meu, não, *o nosso* gato como uma criança humana. A bondade inconsciente do homem. A sua beleza. A sua inteligência. A forma como olhava para mim, como se eu fosse o seu mundo. E sim, até a maneira obsessiva como seguia todos os meus movimentos. Até a forma como me observava, me perseguia e me caçava.

Ele sorriu.

– Se tudo o que fosse preciso fosse uma palmada leve para te fazer dizer isso, eu ter-te-ia dobrado sobre o meu joelho assim que nos encontrámos.

Ele chamava *isto* uma palmada leve? Meu Deus, desta vez estava safa.

Tomei nota mentalmente para não o voltar a chatear. Pelo menos até me sentir preparada para enfrentar mais dor do que aquela.

Levantei-me e passei o polegar pelos seus lábios.

– Estava demasiado nervosa naquela noite no parque de estacionamento para te deixar aproximar do meu rabo.

Os seus olhos escureceram.

– Não estou a falar disso.

Oh. Ele referia-se à primeira vez que nos vimos no apartamento dele, há tantos meses. Teria a sua obsessão começado nessa altura?

Enquanto eu o observava, ele separou os lábios e sugou o meu polegar, passando a língua à volta dele antes de morder a ponta. O sorriso que lhe rasgou o rosto quando me libertei foi perverso. Num ápice, ele virou-me de costas, pondo as suas ancas entre as minhas para que eu pudesse sentir a forma como a sua pila estava a endurecer novamente.

Ele inclinou-se e beijou-me, e depois de não lhe poder tocar durante tanto tempo, senti como se poder envolver os meus braços e pernas à volta dele fosse a mais doce recompensa.

Os seus olhos escuros enrugaram nos cantos quando ele quebrou o beijo e se afastou o suficiente para olhar para mim.

– Acho que também me estou a apaixonar por ti.

O calor espalhou-se no meu cerne, o calor do prazer misturado com pura alegria. Apesar de estar dolorida, precisava dele outra vez. Agora.

Meti os meus braços à volta do seu pescoço e puxei-o para mim, provocando-o com beijos embriagados até ele me dar o que eu queria, empurrando-o para dentro com cuidado desta vez, as suas investidas profundas e suaves e tão alucinantes como antes.

Passou muito tempo até deixarmos o meu quarto, acabadinhos de sair do duche e esfomeados depois da nossa maratona a queimar calorias.

Parámos pouco depois de abrir a porta. O *Fred* estava sentado do outro lado da porta, com um ar agitado. Os seus olhos estavam grandes e vidrados e olhavam além das nossas pernas, para a cama amarrotada, como se soubesse o que se tinha passado ali dentro.

O Josh aproximou-se.

– Acho que marcámos oficialmente o nosso filho.

Levantei a mão para lhe dar um «high five».

– Concretização de tarefa parental desbloqueada.

---

* Turn it on, and he will come. (*N. de T.*)

26

Josh

—Como é que eu estou? – perguntei à Aly.

Ela fez uma pausa antes de tocar à campainha, lançando-me uma olhadela.

– Sensual. Queres sair daqui e ir ramboiar em pelota?

Tapei-lhe a boca com a mão.

– Cala-te! E se houver câmaras aqui fora?

A sua resposta foi apenas ligeiramente abafada pela minha palma.

– Então vai ensinar a minha família intrometida a não ouvir conversas que não lhe dizem respeito.

Tinham passado três semanas desde a noite em que invadimos a casa do Brad. No dia seguinte, tinha procurado localizadores no meu carro, e a Aly ainda estava zangada por eu ter encontrado um. Depois disso, fomos diretamente à loja de ferragens e mudámos as fechaduras.

Tirei a mão da boca dela e endireitei o meu casaco, sentindo-me pouco à vontade com roupas tão formais.

– Preciso de conquistar a simpatia do teu tio. Lembras-te?

Ela soltou um suspiro.

– Eu sei. Desculpa. Vou tentar manter o tom familiar, por ti.

– Linda menina – disse-lhe, incapaz de me conter.

A boca dela abriu-se, com um rubor nas bochechas que não tinha nada que ver com embaraço e tudo que ver com excitação.

Tentei não deixar que isso me subisse à cabeça. Estávamos a fazer tanto sexo que começámos a implementar pausas forçadas para não nos deixarmos ir abaixo. Preocupava-me que ela pudesse ficar insensível a mim, mas o facto de eu ainda a conseguir excitar com apenas duas palavras fazia-me sentir melhor em relação ao que o seu vestido vermelho me estava a fazer. Nem sequer era tão apertado ou revelador, mas eu nunca tinha visto

tanto dela em público, e estava a reagir como um miúdo no sua primeira festa da escola.

– Estás muito bonita – elogiei.

Ela sorriu-me.

– Já me disseste. Devíamos fazer isto só nós os dois. Vestirmo-nos a rigor e sairmos para um jantar agradável.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço, sentindo-me a sobreaquecer, apesar de estar um frio de rachar.

A Aly apercebeu-se de imediato do meu desconforto e apressou-se a declarar.

– Vou encontrar um sítio com pouca luz e uma mesa nas traseiras onde ninguém, a não ser o nosso empregado, nos possa ver. E se alguém começar a parecer esquisito, ou se não te sentires bem, abalamos logo.

– Não sei – disse-lhe, ainda hesitante.

Ela revirou os olhos.

– Olha, não te queria dizer nada para não alimentar ainda mais o teu já perigosamente grande ego, mas tu percebes que as pessoas que param para olhar para ti não o fazem porque pensam que te reconhecem, certo?

Franzi o sobrolho.

– Então porque é?

– É por causa do quão atraente tu és.

Pestanejei. Estaria ela a falar a sério? Seria aquilo possível? Eu sabia que era mais atraente do que o típico gajo bom, mas seria assim tão atraente para fazer parar o trânsito?

Voltei a concentrar-me na minha namorada, à procura de algum sinal de que ela estivesse a brincar ou a exagerar, mas a sua expressão era fria como um cristal. Oh, meu. Se ela tivesse razão, eu ia divertir-me bastante com isto.

A Aly viu o meu sorriso a alargar-se e soltou um suspiro.

– Eu sabia que não devia ter dito nada. Agora vais ser insuportável, não vais?

Virei o meu rosto da esquerda para a direita.

– Qual é que achas que é o meu melhor lado? Vou precisar de saber quando chegar a altura de enviar o meu portefólio às agências de modelos.

Ela deu-me uma bofetada no braço e depois voltou a tocar à campainha.

A porta da frente abriu-se tão depressa que parecia que o Nico tinha estado ali mesmo, parado, do outro lado. A ouvir a nossa conversa?

Awkwaaard.

O Nico abriu os braços e veio ter connosco ao alpendre da frente.

– Aqui está a minha miúda.

A Aly lançou-me um olhar de pânico quando o tio a abraçou. Aquela familiaridade excessiva deixava-a tão desconfortável como sair em público me deixava a mim, e eu sabia que ela só o estava a suportar por minha causa. Mais tarde, teria de encontrar uma maneira de lhe agradecer por isso. Talvez fosse altura de finalmente ceder e deixá-la usar o *plug* anal em *mim* para variar.

– Muito bem, companheiro – proferiu uma voz suave e feminina. Olhei para a porta da frente quando uma mulher pequena, de pele clara e cabelo castanho-claro, apareceu lá de dentro. – Não é preciso tanto alarido, assim assustas a rapariga.

O seu sotaque irlandês era tão forte que a palavra «there's» soava mais a «tears». Esta devia ser a infame Moira.

O Nico soltou a Aly e virou-se para a esposa.

– Quem é que me pode culpar de estar entusiasmado por receber de volta a nossa sobrinha?

– Uh – disse a Aly. – Uma coisa não tem nada que ver com a outra.

A Moira fez-nos sinal para entrarmos.

– Seja como for, entrem. Está um frio de rachar aqui fora.

A Aly e eu trocámos olhares e seguimos os dois para dentro de casa. Pelo que a Aly me tinha contado da sua tia, sabia que a família da Moira tinha ligações ao exército republicano irlandês, e que ela e o Nico se tinham conhecido quando ainda eram adolescentes, na altura em que a máfia italiana estava a tentar cortejar a fação provisória desse mesmo exército. Os pais deles tinham feito negócios juntos, e o namoro deles fora ao estilo de Romeu e Julieta, porém, com um resultado melhor.

A Aly tinha interagido poucas vezes com ela, mas foi quanto bastou para a fazer gostar da tia, mesmo contra a sua própria vontade. A Moira tinha um sentido de humor afiado e não aceitava merdas de ninguém, incluindo do marido. Tinha acabado de a conhecer e já conseguia perceber o que Aly queria dizer.

A Moira segurou a porta para eu passar, apreciativa, sem fazer nada para disfarçar a forma como me olhava, e eu decidi que talvez a Aly tivesse razão quanto à minha aparência.

O olhar da Moira dirigiu-se depois para a sobrinha e piscou-lhe o olho.

– Bom trabalho, tu.

A Aly encaixou o seu braço no meu, parecendo *a Mona Lisa* com um sorriso cheio de segredos.

– Se tu soubesses.

As sobrancelhas da Moira ergueram-se, os seus olhos verdes brilharam de interesse enquanto se aproximavam lentamente dos meus.

O Nico escolheu este momento para clarear a garganta, e eu fiquei grato a ponto de o abraçar. Independentemente da razão pela qual eu chamava tanto a atenção, continuava a sentir-me como se estivesse à beira de um ataque de nervos.

O Nico fechou a porta atrás de nós e levantou um braço, indicando que o acompanhássemos até ao interior da casa.

– Há vinho à nossa espera, e a Moira preparou uma bela refeição.

Ela bufou.

– Não tenham grandes expectativas. São apenas alguns queijos e bolachas *gourmet*, dispostos numa tábua.

O marido revirou os olhos.

– Estou a tentar fazer-te um elogio.

– Então sê mais direto – ripostou ela. – Da próxima vez, tenta dizer qualquer coisa sobre o meu belo rabo.

O Nico pareceu escandalizado.

– Não em frente aos miúdos.

A Aly arrastou-me para longe do casal, mas não suficientemente depressa para perdermos a réplica da Moira.

– Chamar aquele homem de miúdo é como chamar à estátua de David um pedaço de mármore. Para de o tentar infantilizar só porque ele te faz sentir borboletas na barriga.

– Moira! Meu Deus. Ele *não* faz nada disso.

Ao atravessarmos um corredor, a Aly assobiou ao meu lado, fazendo o seu melhor para abafar o riso e falhando espetacularmente.

– Borboletas na barriga. A mulher é uma lenda.

Eu não lhe achei assim tanta graça.

– Lá se vai a última esperança de cair nas boas graças do senhor teu tio.

Ela aconchegou-me o braço.

– Vais ficar bem. Ameacei contar tudo à polícia se ele alguma vez se virar contra ti.

Parei a meio do passo, arrastando-a comigo para uma paragem.

– Quando é que fizeste isso?

– Há uma semana. Lembras-te de quando voltaste à tua casa para ir buscar mais coisas?

Assenti com a cabeça.

– Eu vim cá enquanto estavas fora e dei-lhe um sermão sobre o localizador, sobre a cópia em massa das minhas chaves e o facto de nos ter privado de seguir o desenvolvimento do caso do Brad.

– Como é que correu? – perguntei.

Ela encolheu os ombros.

– Ele disse que nos ia contar tudo esta noite, agora resta saber se irá manter a sua palavra.

– Vai pois – alguém gritou.

Girámos para ver o Júnior a dar a volta ao fundo do corredor. Ele fez um gesto apontando para trás.

– Estamos aqui dentro, se se quiserem juntar a nós.

Eu estava prestes a jantar com o clã completo. O Nico, a Moira, os filhos e respetivas parceiras românticas. Ótimo. Esplêndido. Mal podia esperar para isto começar.

Porque é que as minhas mãos ficaram tão húmidas de repente? A Aly beliscou-me o braço.

– Deem-nos só um momento.

O Júnior acenou com a cabeça e desapareceu ao virar da esquina.

A Aly arrastou-me para uma casa de banho próxima, em que mal cabíamos os dois. Estávamos tão apertados que eu tinha um ângulo de visão direto sobre o seu decote. Estranhamente, isso ajudou a acalmar a minha pulsação acelerada. Ainda na noite anterior tinha aninhado ali a minha cabeça depois de ela me ter feito vir com tanta força que me fez ver Deus, e tinha passado vários minutos com o meu ouvido encostado à sua pele, a ouvir o ritmo constante do seu coração a bater. *Já* quase conseguia ouvir o *ba-dump*, *ba-dump* baixinho.

Ela pegou nas minhas mãos, com os olhos grandes e implorantes.

– Não tens de fazer isto.

Tê-la-ia beijado se não fosse o risco de esborratar o seu batom carmesim.

– Obrigado, mas se tu estás aqui, eu estou aqui. Vou ter de encontrar uma maneira de me adaptar.

– Tens a certeza? – perguntou ela.

– Tenho – disse-lhe.

Ela estava maravilhosa esta noite, com o seu cabelo comprido a cair-lhe à volta dos ombros em ondas soltas, a sua beleza natural acentuada com maquilhagem e aquele vestido. Meu Deus, aquele vestido. Mal podia esperar para mais tarde o poder ver caído, em volta dos pés dela. Tinha visto de relance o conjunto de sutiã e cuecas que ela usava por baixo dele, todo em seda e renda pretas. Uma imagem de mim a cortá-los em tiras cruzou os meus pensamentos, mas essa fantasia provavelmente nunca se tornaria realidade. Afinal, a *lingerie* de luxo era cara, e a Aly tinha ficado muito zangada depois de eu lhe ter cortado um outro conjunto.

Talvez me conseguisse safar se depois lhe comprasse outro. Ela abanou a cabeça negativamente na minha direção.

– Estás a pensar em sexo, não estás? – sorri.

– Sexo selvagem e animalesco.

– Sim, estás ótimo, vai correr bem.

Com isso, empurrou-me para fora da casa de banho e juntámo-nos ao resto da família numa sala de estar formal. Estava a começar a aperceber-me de que tudo nesta casa era formal. O teto era altíssimo, com vigas pintadas de branco que se intercetavam formando um padrão quadrado. Uma lareira de pedra ocupava a maior parte da parede mais distante, e nela tinha sido feito um fogo crepitante que tornava toda a sala aconchegante. No centro, por baixo de um lustre de cristal, estava um trio de sofás brancos virados para uma mesa circular cheia de bebidas e aperitivos.

Esperava uma multidão, mas apenas três dos primos da Aly estavam de pé com os pais, o Greg estava desaparecido em combate. Eu era o único acompanhante de alguém presente e não sabia como me sentir em relação a isso. Era suposto estes jantares serem para a família e aqui estava eu, a intrometer-me? Ou será que as parceiras dos rapazes tinham sido excluídas porque esta noite ia haver uma conversa de trabalho?

– Tinto ou branco? – perguntou Nico, apontando para um par de garrafas de vinho.

– Branco – disse a Aly.

Olhei para os sofás imaculados antes de pedir o mesmo. O Nico passou-nos um copo a cada um.

A Aly bebeu um gole e depois dirigiu o seu olhar para o patriarca da família.

– O que é que se passa com a investigação?

O primo mais velho, o Alec, levantou as sobrancelhas.

– O que é que aconteceu ao *Olá. Tudo bem?*

A Aly ignorou-o, mantendo-se focada no Nico.

– Disseste-me que nos convidavas hoje à noite para esclarecermos este assunto.

Ele lançou-lhe um olhar de reprovação.

– Não falamos de negócios até depois do jantar.

– Isso soa-me a treta – disse a Aly.

A Moira interveio.

– É verdade, mas também é uma tradição. Comida e bebida em primeiro lugar. As pessoas são mais simpáticas quando estão bêbadas e de barriga cheia.

– Sim – disse o Alec. – Diz-se esfomeado* por alguma razão.

A Aly franziu o sobrolho.

– Então, e até lá o que é que fazemos? Trocamos gracejos frívolos e fingimos que não estamos todos à espera de que a tal conversa aconteça?

A Moira encostou o seu copo ao da sobrinha.

– Aprendes depressa.

A Aly lançou-me um olhar frustrado.

Bebi um gole de vinho para não ter de falar. Cobarde? Sem dúvida, mas eu sabia que não me devia meter no drama familiar dos outros, e queria permanecer nas boas graças do Nico, o máximo de tempo possível. Só esperava que ninguém passasse dos limites com a Aly, porque o meu estatuto neutro de Suíça tinha os seus limites.

Também compreendi a frustração da minha namorada. O nome Brad estava em todos os noticiários. Um filho de pais megarricos tinha revelado ser um violador em série e um possível assassino em série – até agora, só tinham sido encontrados os dois corpos na cave, e eram precisos três para

ganhar o título de «assassino em série». Suspeitava-se de que ele tivesse matado mais pessoas, e havia planos de ir à procura de mais vítimas, escavando e vasculhando o seu quintal e o bosque que tínhamos atravessado.

O Nico tinha-se mantido fiel à sua palavra, e um homem muito parecido ao Brad tinha sido apanhado nas câmaras de vigilância a levantar dinheiro de uma caixa multibanco perto da fronteira canadiana. Os postos de controlo das fronteiras estavam em alerta máximo, e o passaporte do Brad tinha sido marcado. Não foram registados mais avistamentos, mas todas as noites as notícias locais recordavam que havia um assassino à solta e toda a cidade estava nervosa, perguntando-se se ele teria mesmo fugido ou se a família o estaria a esconder algures nas redondezas.

Os pais dele permaneciam em casa por causa da atenção dos meios de comunicação social, e os seus advogados andavam muito ocupados a tentar esquivar-se às perguntas, patinando enquanto tentavam atrasar a investigação policial. Afinal, a aquiescência inicial dos Bluhm deveu-se sobretudo ao choque, e agora estavam a fazer de tudo para se distanciarem das ações do filho e tentarem salvaguardar o seu prestígio aos olhos do público.

Havia tanto escrutínio sobre o caso que nem me dei ao trabalho de entrar no sistema da polícia, apesar de a Aly e eu estarmos desesperados por saber o que realmente estava a acontecer. Isso deixou o Nico como a nossa única fonte de informação.

Ele fez um gesto à Aly com o copo.

– Como é que tem corrido o teu trabalho?

Ela olhou para ele.

– A tua pequena toupeira não te tem informado sobre a minha vida diária?

O Nico sorriu.

– O Greg tem estado preocupado com as suas próprias responsabilidades.

– Que responsabilidades são essas? – perguntou Aly.

– Limpeza, claro – respondeu o Nico, com um ar de perplexidade.

A Aly olhou em redor.

– Onde é que ele está esta noite?

– Ocupado – disseram os primos todos em coro.

Bem, isso não foi nada suspeito.

A Aly não largou o osso.

– Ocupado com o quê?

O sorriso do Nico desvaneceu-se.

– Já alguém te disse que não és boa a fazer conversa fiada?

– Fala-me da investigação e eu vou tentar melhorar – respondeu a Aly.

Escondi o meu sorriso atrás de outro gole de vinho. Ela tinha-o atraído para aquela armadilha.

O resto da conversa antes do jantar não melhorou muito a partir daí. A Aly e o Nico passaram a maior parte do tempo a trocar farpas. A Moira tentou várias vezes trazê-los de volta a um terreno mais seguro, com piadas bem elaboradas, mas nenhum deles estava a responder; estavam demasiado absorvidos na sua luta de vontades. O Júnior tentou dar-me uma ajuda a meio da conversa, falando do último jogo do campeonato de futebol, mas eu nunca gostei muito de desporto, por isso a conversa morreu rapidamente.

Por mais desconfortável que a situação fosse, estava orgulhoso da Aly. O graxista em mim teria sido simpático só em prol de pôr toda a gente à vontade, mas ela manteve-se firme. Não estávamos aqui porque a ela lhe apetecia passar tempo com a família; estávamos aqui por obrigação. E por mais engraçada que a Moira fosse e por mais acolhedores que os primos dela fossem, estas pessoas eram criminosos. Tinham-se livrado de um corpo de forma tão impecável que isso falava de anos de experiência.

Fez-me ponderar sobre quantos mais já teriam sido eliminados. Quantas famílias andavam por aí, destroçadas, à procura de um ente querido que nunca voltaria a casa? A máfia não se limitava a fazer «desaparecer» só os colegas e outros mafiosos que os irritassem. Eles atacavam os proprietários de lojas que se recusavam a pagar à máfia o imposto de proteção forçado. Atacavam os funcionários públicos e os mentores comunitários que lhes tentassem fazer frente. E livravam-se de testemunhas inocentes que tivessem o azar de ver ou ouvir o que não deviam.

E o Nico era o tipo que se certificava de que ninguém nunca os conseguiria encontrar. A opulência que nos rodeava tinha sido construída sobre os ossos dessas vítimas. O meu pai era um monstro, mas pelo menos nunca tinha lucrado com os seus crimes. Cometeu-os por ser doente, porque tinha crescido num lar violentamente abusivo e tinha sofrido várias lesões

no lóbulo frontal que lhe alteraram o funcionamento cerebral. Não estava a desculpar as suas ações, mas havia uma razão para ele ser como era.

E isso fez-me questionar sobre qual seria a desculpa do Nico. A mãe da Aly disse-lhe que eles tiveram uma educação rígida, mas estável. Os pais não lhes batiam. O Nico tinha simplesmente caído no meio de gente má. No entanto, perguntava-me se havia algo mais do que isso. Eu estava em terapia há tanto tempo e pesquisava tanto sobre transtornos de personalidade antissocial que era quase natural para mim questionar pessoas encantadoras como o Nico. Seria ele naturalmente magnético, ou teria traços sociopatas?

– Amor? – perguntou a Aly. – Estás bem?

Pestanejei e voltei a mim. Todos se estavam a encaminhar para o jantar, deixando-nos um momento a sós.

– Sim, desculpa. Apaguei por um segundo.

Ela franziu o nariz e baixou a voz.

– Desculpa lá isto. Sei que deve ter sido estranho.

Aproximei-me o suficiente para lhe passar a mão pelo braço.

– Não peças desculpa. Fizeste bem. Estou orgulhoso de ti por te manteres firme e não fingires que isto é algo que não é.

Ela sorriu.

– Obrigada.

A minha vontade de lhe dizer que a amava era quase demasiado forte para conseguir resistir, mas este não era o momento nem o lugar. Quase o tinha dito ontem ao pequeno-almoço e anteontem quando a apanhei a cantar Mariah Carey desafinada no duche, mas por muito que uma grande parte de mim pensasse que ela estava mesmo ali comigo, uma parte mais pequena duvidava, mantendo as palavras sob controlo. Não era que eu não me achasse digno de ser amado; era mais porque tinha dificuldade em acreditar na sorte de ser *ela* a amar-me.

O jantar correu um pouco melhor do que o aperitivo. Estávamos demasiado ocupados a encher o bandulho para podermos conversar, e a Aly e o Nico estavam sentados suficientemente longe um do outro para terem de levantar a voz para continuarem a discutir. A breve discussão que tivemos centrou-se em tópicos mais seguros, como a qualidade da comida, a merda de tempo que estava, e os planos da Moira para substituir a casa de banho principal por um *spa* personalizado.

Depois disso, sentei-me na minha cadeira, incapaz de comer mais, sentindo-me quente, sonolento e saciado. Não admira que esperassem até ao fim do jantar para conversarem a sério. Seria difícil ficar excitado quando tudo o que se conseguia pensar era em como seria bom dormir uma sesta rápida depois daquela refeição.

A Aly poisou o guardanapo ao lado do prato e virou-se para onde o *Lord* Nico nos contemplava sentado à cabeceira da mesa.

– É agora?

Ele suspirou.

– Sim, *OK*.

A Moira pôs uma mão sobre a dele.

– Café?

A expressão dele suavizou-se ao olhar para ela, e questionei-me sobre o facto de ele ser um sociopata ao ver o afeto caloroso emanar-lhe do olhar.

– Sim, por favor. – Ele virou-se para nós. – Alguém quer café? – Lembrando-me do que o Júnior dissera sobre o orgulho do Nico em relação aos seus dotes de barista, assenti com a cabeça. – Nunca vou dizer não a um desses *macchiatos*.

Ele sorriu.

– A Moira ainda é melhor do que eu a fazê-los. – O seu olhar deslizou para a sua parceira. – E ela tem um ótimo rabo.

Os filhos soltaram um gemido coletivo e começaram a sair da mesa, levando os pratos com eles para a cozinha.

No entanto, a Moira parecia entusiasmada.

– Ele é capaz de aprender – disse ela, inclinando-se para beijar a bochecha do marido.

Quinze minutos depois, a Aly e eu juntámo-nos ao Nico e ao Júnior no escritório do Nico com os nossos cafés. Era o único espaço da casa onde eu sentia que podia relaxar. As paredes eram revestidas de madeira escura. Uma iluminação suave vinha de um lustre preto. Sob os nossos pés, um tapete persa bem gasto cobria a maior parte do chão de azulejos cinzento-ardósia. A mesa do Nico ocupava o centro da sala, mas as duas cadeiras de couro de frente para ela pareciam tão confortáveis quanto o sofá escuro contra a parede mais distante e, por isso, decidi que ficaria feliz sentado onde a Aly escolhesse sentar-se. O couro significava que, mesmo que eu

derramasse acidentalmente um pouco de café, podia limpá-lo num piscar de olhos.

A Aly decidiu-se pelo sofá e eu sentei-me ao seu lado, enquanto o Nico e o Júnior viravam as cadeiras para nos encarar.

Uma vez sentado, o Nico tomou um gole do seu expresso antes de levantar o olhar para a Aly.

– Eles não encontraram nenhum vestígio de ti ou dos nossos homens dentro do apartamento.

O alívio foi tão forte que tive de pousar o copo no joelho para não o entornar.

A Aly estendeu a mão agarrando-me o ombro, e pela força com que me apertou percebi logo que estava tão emocionada quanto eu.

– E a carrinha?

O Júnior sorriu.

– A companhia de eletricidade confirmou que fora apenas uma chamada de rotina, para manutenção, e os registos que enviaram para a polícia confirmaram-no.

– E as pegadas que toda a gente deve ter deixado para trás? – pressionou a Aly.

– Quais pegadas? – disse o Júnior. – Os rapazes varreram a neve ao saírem.

Forcei os meus dedos a relaxar à volta da minha caneca.

– Então isso só deixou as nossas?

O Nico acenou com a cabeça.

– Lembras-te quando te pusemos a usar sapatos um número demasiado pequeno?

– Sim – disse-lhe. – Presumi que era para que não houvesse uma correspondência com o meu tamanho real.

Eu tinha feito um truque semelhante na primeira noite em que invadi a casa da Aly.

O Nico acenou com a cabeça.

– O tamanho que usaste era o do Brad.

Ali, podiam-me ter derrubado com uma pena.

A minha mente estava em esforço, enquanto me tentava recordar de todas as outras instruções que tinha recebido naquela noite, como eles queriam que eu entrasse no portátil do Brad, mas fazendo parecer que tinha

sido o próprio a entrar, e como devia desencriptar tudo o que fosse mais difícil para a polícia desbloquear, como o seu disco rígido secreto.

A Aly soltou o meu ombro e chegou-se para a frente no assento.

– Estás a dizer que a polícia acha que foi o Brad que esteve no escritório naquela noite?

O Nico acenou com a cabeça.

– Ele e um cúmplice. É por isso que o boletim da polícia diz para estarmos atentos a dois homens. Felizmente para nós, tens pés grandes para uma mulher.

A Aly fez uma careta.

– Obrigada pelo elogio?

O Nico acenou-lhe com a cabeça.

– Não era isso que eu queria dizer.

Franzi o sobrolho.

– E o telemóvel do Brad? Os polícias encontraram-no?

– Ah, isso – disse o Nico, fazendo uma pausa para drenar o resto do seu expresso. – Sim, encontraram-no. O Brad fez uma pesquisa rudimentar sobre a Aly pouco depois de ter tido alta do hospital, mas ela não foi a única sobre quem ele pesquisou. A maior parte da sua pesquisa girava à volta de outra enfermeira chamada Erica Willet.

A Aly soltou um suspiro trémulo.

Agarrei-lhe no joelho.

– É esta a tua colega que corresponde ao perfil preferido dele?

A expressão dela estava perturbada ao virar-se para mim.

– Sim.

Esfreguei o polegar na sua pele coberta por *collants*, querendo acalmá-la. Se não fosse o nosso público, tê-la-ia sentado ao meu colo. A necessidade de a ter nos meus braços quando ela se sentia perturbada estava a ficar mais forte a cada dia que passava – mais uma prova de como eu estava caidinho.

Ela virou-se de novo para o Nico.

– A polícia vai interrogar-me?

Ele abanou negativamente a cabeça.

– É pouco provável. Não foi encontrado mais nenhum vestígio teu, por isso não há razão para isso. Talvez queiram falar contigo sobre o vosso encontro, para saberem em que estado de espírito ele se encontrava nessa

noite, mas acho que só daqui a umas semanas, se é que isso alguma vez vai acontecer. Estão demasiado ocupados a seguir outras pistas e a investigar relatórios de mulheres desaparecidas. Cerca de vinte prostitutas desapareceram na cidade nos últimos quatro anos.

– Trabalhadoras sexuais – corrigiu a Aly.

Recostei-me no meu lugar, atónito.

– E só agora é que os polícias se preocupam com isso?

O Nico levantou uma sobrancelha para mim.

– Devias saber melhor do que ninguém que os polícias não querem saber de prostitutas.

Ele levantou uma mão.

– Desculpa. Trabalhadoras sexuais.

Fiquei completamente imóvel. Que merda. Ele sabia do meu pai.

A Aly baixou a mão e encruzilhou os seus dedos nos meus.

– Só vou dizer isto uma vez. Esta é a última referência dessas que fazes.

O olhar do Nico fixou-se nela.

– Então tu sabes?

O olhar do Júnior saltitou entre eles os dois.

– Sabe o quê?

O Nico não lhe tinha contado? Graças à porra.

– Nada – disse a Aly, olhando de volta para o tio. – Não é?

Ele segurou o olhar dela durante um longo momento. Parecia que estava a acontecer outra batalha de vontades entre eles, desta vez silenciosa.

– Sou a única família que te resta além dos teus filhos – recordou-lhe ela.

Ele franziu o sobrolho, mas acabou por acenar com a cabeça.

– Ótimo.

A Aly soltou um suspiro.

– O que mais está a acontecer que deveríamos saber?

Na verdade, muito. Uma equipa de vinte pessoas foi formada para assumir a investigação, incluindo a polícia local e agentes do FBI. A primeira prioridade deles é encontrar o Brad, e a segunda é encontrar as vítimas dele. Os polícias vasculharam todas as ruas da cidade, e estão finalmente a investigar todos os casos de pessoas desaparecidas com os quais se deviam ter preocupado já há muito tempo. O registo de infância do Brad tinha sido aberto, e um psicólogo criminal estava a usá-lo para ajudar

a construir um perfil mais completo dos seus crimes e potenciais consequências.

As suas vítimas anteriores estavam a ser novamente entrevistadas. Os respetivos juízes e advogados foram intimados a depor relativamente aos seus casos ligados ao Brad. Um dos analistas do FBI estava a examinar os seus registos telefónicos enquanto procuravam possíveis locais de enterro e tentavam fazer corresponder os seus dados de GPS a áreas onde mulheres tinham desaparecido.

Este era um caso de proporções gigantescas, o que fez com que o nome da Aly fosse apenas uma palavra, facilmente esquecida, num vasto oceano de informação.

Quanto mais o Nico falava, mais eu começava a acreditar que nos íamos safar desta. O Brad tinha deixado o telemóvel para trás quando foi a casa da Aly. Tinha desativado o GPS do seu carro. A casa dela e o meu carro tinham sido limpos. Mesmo que um vizinho o tivesse apanhado a aproximar-se da casa da Aly por meio da sua câmara de segurança privada, não havia absolutamente nenhuma prova física de que ele se tivesse aproximado de nós.

O Júnior jurou que nunca ninguém encontraria o corpo dele. O seu carro tinha sido desmontado até ao chassis, e as peças estavam espalhadas por várias outras viaturas pela cidade fora. Raios, os polícias pensavam que o Brad ainda estava vivo. Quando o Nico disse que pretendia manter as coisas assim, com vários avistamentos planeados no Canadá nos próximos meses, os meus ombros começaram a relaxar pela primeira vez desde a noite em que o Brad invadiu a casa da Aly. Graças a Deus, porque andava perto de desenvolver um torcicolo sério, e a minha galante figura de «fazer parar o trânsito» teria sido totalmente arruinada por rugas.

Se senti que estávamos completamente safos? Não. Mas senti que podia parar de olhar por cima do ombro a cada cinco segundos e, por isso, ficaria eternamente grato ao Nico.

Falámos durante quase uma hora, com a Aly a fazer perguntas ao tio e ao primo, até que o Nico segurou a ponte do nariz e pediu-nos licença para sair, alegando que estava com uma enxaqueca. Prometeu telefonar caso surgissem novidades, e foi só então que a Aly se levantou e disse que estava pronta para ir embora. O Nico convidou-nos a ficar para a sobremesa, mas ela recusou.

À saída, ela parou para ir à casa de banho, eu peguei nos casacos e esperei por ela com o tio, junto à porta da entrada.

Era apenas a segunda vez que estava a sós com ele e, na esperança de ultrapassar alguma da estranheza anterior, estendi-lhe a mão.

– Mais uma vez, obrigado por tudo.

Ignorou a minha oferta de aperto de mão, chegando mesmo a meter as mãos nos bolsos enquanto me fitava.

– Fi-lo pela minha sobrinha. Não por ti.

– Compreendo, mas estou-lhe grato na mesma.

A sua expressão esbateu-se.

– Não confio em ti.

– *OK* – respondi, porque, o que mais podia eu dizer?

Ele chegou mais perto e, embora tivesse metade do meu tamanho, parecia que planeava continuar a aproximar-se, esperando que eu recuasse. Os seus olhos tinham ficado frios, e havia um brilho cruel neles que me fez sentir como se estivesse a ter o meu primeiro vislumbre real do Nico, o mafioso.

– Se alguma vez fizeres alguma coisa para magoar a minha sobrinha…

Ri-me.

Em minha defesa, aguentei o mais que pude. Meu Deus, ele era tão previsível. Eu estava disposto a lamber-lhe as botas se ele continuasse a ser civilizado comigo, mas tive um pressentimento de que isso não ia durar muito, e foi por isso que decidi seguir o livro de receitas da Aly e trazer comigo um plano B na manga.

– Olha – disse-lhe. – Tenho a certeza de que esta conversa funciona com a maioria das pessoas, mas tu sabes quem foi o meu pai. Nada do que me possas dizer será comparável ao que vivi com ele. – Tirei o telemóvel do bolso e acenei-lhe com ele. – Além disso, gravei toda a conversa que tivemos no teu escritório e já enviei uma cópia de segurança para um servidor privado que possuo, por isso agora estamos quites. Tu tens merdas contra mim e eu tenho merdas contra ti. Nunca mais me ameaces, e decerto que não te aconselho a tentares cobrar-me um favor por encobrires a minha identidade, ou desmantelo toda a tua organização por dentro.

Levantei o meu telemóvel e toquei no ecrã para me fazer entender. Todas as luzes da casa piscaram. Lá fora, o alarme da porta da frente

começou a apitar. O Nico correu para digitar o código antes de o alarme disparar.

– Hum? – A Moira chamou do fundo da casa. – O que é que foi isso? – respondi por ele.

– Deve ter sido uma sobrecarga energética!

Depois voltei a minha atenção para o Nico e fiz algo que não fazia há anos. Fui àquele lugar frio e escuro na minha psique no qual me costumava esconder quando o meu pai estava no seu pior. Lá dentro, não havia qualquer dor ou emoção. Não queria saber de nada nem de ninguém, nem sequer de mim próprio, e sabia que isso transparecia na minha cara, porque tinha sido o mesmo sítio onde tinha ido há anos, quando afugentei a ex-namorada de merda do Tyler.

– De qualquer das formas, não tenho qualquer interesse por ti – disse ao Nico. – E a tua família parece simpática, mas também não me interessa. Vocês podiam-se evaporar amanhã que eu não ia perder o sono por isso. E não, não estou a ameaçar-vos, estou apenas a constatar factos. Percebes o que te estou a dizer?

– Que és um psicopata, tal e qual o teu pai – cuspiu o Nico.

– Não, não estou assim tão mal. Sou capaz de me preocupar com *algumas* pessoas. E preocupo-me com a Aly. Farei de tudo para a proteger, vou até onde for preciso. Com as minhas capacidades, é muito melhor teres-me como aliado do que como inimigo. Por isso, mais uma vez te ofereço saudosamente a minha mão, em sinal de paz e para tentarmos conversar.

Estendi uma mão entre nós.

– Muito obrigado por tudo.

O rosto do Nico parecia uma nuvem de trovoada, com um vermelho a bafejar as suas bochechas, imanente de um poço fundo de raiva. Teria de ter muito cuidado com ele e com os filhos a partir de agora, mas se o meu pai me tinha ensinado algo, era que rufias como o Nico só respondiam a ameaças e violência, e eu nunca mais deixaria que alguém como ele me pressionasse. Esperei vários segundos, ainda naquele estado de distanciamento emocional, segurando o olhar do Nico enquanto o deixava decidir se queria ser meu amigo ou meu inimigo. Parte de mim esperava que ele tivesse feito a escolha errada. Há anos que não tinha tido a oportunidade de pôr à prova as minhas capacidades de *hacker*, e a ideia de ir revelando lentamente os crimes da máfia ao FBI, um a um, fez-me sorrir.

Acho que foi o sorriso que fez o Nico decidir-se. Ele estremeceu e, com uma careta, finalmente deslizou a sua mão em direção à minha.

– Não tens de quê.

– Agradeço-lhe muito por todo o seu trabalho árduo para manter a sua sobrinha em segurança – disse-lhe, o que era verdade.

Ele franziu o sobrolho.

– És um grande tarado, não és, miúdo?

Uma respiração ofegante anunciou a chegada da Aly.

– O que é que acabaste de dizer ao meu namorado?

Num piscar de olhos, voltei a mim, o meu sorriso tornou-se mais genuíno do que assustador quando libertei o Nico e me virei para encarar a sua sobrinha.

– Ele estava a brincar – disse-lhe. – Eu disse uma piada parva. Não foi? – perguntei-lhe.

O seu olhar deslizou de mim para a Aly.

– Foi.

Dei-lhe uma palmada no ombro.

– Agradeça novamente à Moira pelo jantar. Estava delicioso.

A Aly franziu o sobrolho quando chegou ao pé de nós, sentindo que algo não estava bem.

– Estás pronto? – perguntou ela.

– Estou – disse eu, antes de me virar para o tio dela. – Mal posso esperar para fazer isto outra vez daqui a um mês.

O Nico ficou um pouco verde com a ideia, mas conseguiu despedir-se da Aly e acompanhar-nos até à porta sem revelar nada.

– Que raio lhe disseste? – perguntou ela enquanto nos dirigíamos para o meu carro.

– Disse-lhe que ele tinha um belo rabo. – A Aly engasgou-se em seco. – O que é? É verdade.

Destranquei as portas e entrámos. Ela virou-se para mim quando eu liguei o motor, com os olhos muito fechados.

– Ameaçaste-o, não foi?

– Sim, mas em minha defesa, foi ele que começou.

– E quanto a tentares ganhar a simpatia dele? – perguntou ela.

– Acontece que ele não tem simpatia para dar.

Ela deu-me um murro no braço.

– Estás doido? Sabes o que é que ele te pode fazer?

Virei-me para ela.

– A melhor pergunta é: sabes o que é que eu lhe posso fazer?

Isso deixou-a sem palavras. Consegui ver as rodas na sua cabeça a girar enquanto ela revia tudo o que tinha aprendido sobre os meus conhecimentos informáticos.

– Mas o risco…

Estendi a mão e afastei-lhe o cabelo do rosto, procurando uma desculpa para a tocar.

– Compreendo o risco, mas acho que nunca chegará a esse ponto. O Nico é um tipo esperto. Ele sabe que uma trégua entre nós é preferível a pôr todo o seu mundo em chamas só para provar que ele tem o maior pénis metafórico.

Ela fez uma careta.

– Que nojo. Nada de conversas sobre pilas de familiares.

– Mas compreendes o que te estou a dizer. A ameaça era apenas uma ameaça. Ele precisava de perceber que não me pode intimidar como faz com toda a gente. E também precisava de saber que não me pode expulsar da tua vida só porque não sou suficientemente italiano ou ao gosto dele.

O seu olhar deslocou-se dos meus olhos para a minha boca e depois para trás.

– Tinhas de esperar que eu saísse da sala para o fazer? Teria gostado de te ver a fazeres-te todo alfa com ele.

Ergui uma sobrancelha para ela.

– Alfa, hã? Isso é algo que saiu dos teus livros porno?

Ela revirou os olhos.

– Chamam-se romances picantes e ensinaram-me tanto sobre mim como a tua conta no *masktok*.

– Ai sim? – perguntei. – Como o quê?

– Como, por exemplo, quando estivermos no Airbnb que reservámos nas montanhas, quero que me persigas e me fodas na natureza como um animal.

Era a minha vez de me engasgar em seco. Sim. Sim. Eu podia definitivamente fazer isso por ela.

– Por falar na minha conta no *masktok* – disse. – Queres voltar a segurar na câmara por mim, hoje à noite? Desde que começaste a ajudar as pessoas

parecem estar a gostar do novo conteúdo.

Ela gemeu e virou-se para pôr o cinto.

– Desde que não me agradeças publicamente outra vez. Consegui, tipo, mil novos seguidores desde quarta-feira.

– Aly, tu sabes que as pessoas pagam por esse tipo de crescimento nas redes sociais – disse eu, incapaz de disfarçar o tom provocador na minha voz.

Voltou-se para mim, impassível.

– Sim, mas será que também pagam aos seus novos seguidores para lhes fazerem ameaças? Porque é só isso que me aparece.

– Eles só querem ter a certeza de que me estás a tratar bem. Ainda não têm confiança em ti, especialmente depois daquela vez em que me deixaste triste.

Ela revirou os olhos.

– Se eles soubessem a verdade sobre o que aconteceu.

Sorri.

– Se calhar iam achar *sexy*.

Ela suspirou.

– Tens razão. Quem é que eu estou a tentar enganar? Estou a viver as fantasias deles. Serei sempre um inimigo.

Agarrei-lhe a parte de trás do pescoço e puxei-a para mim. O carro mal tinha aquecido e o nosso hálito gelou entre nós.

– Ei – disse.

Ela olhou-me nos olhos a centímetros de distância.

– Sim?

– Eu amo-te – disse-lhe, incapaz de o conter por mais tempo.

– Eu sei – declarou ela.

– Tu sabes?

Ela acenou com a cabeça, o cabelo a fazer-me cócegas na testa.

– Sim, há uma semana que andas a dizer isso enquanto dormes.

– Oh.

– Ei – disse ela.

– Sim?

– Eu também te amo. E aconteça o que acontecer, vamos ultrapassar isto juntos. Não tenho nada a prender-me aqui. Se for preciso, podemos imitar o Brad falso e fugir do país.

– Esperemos que não chegue a esse ponto – disse. – Mas se isso acontecer, estou dentro. Posso fazer o meu trabalho a partir de qualquer lugar ou tornar-me um *hacker* de aluguer. Temos várias opções.

Ela sorriu.

– Está bem, mas podemos concordar em ir para um sítio quente? Já estou farta deste frio.

– Onde quiseres, linda – respondi, inclinando-me para a beijar.

---

* O termo *hungry* (esfomeado) pronuncia-se de forma muito similar à palavra *angry* (zangado). (*N. de T.*)

EPÍLOGO

ALY

Abri caminho pela vegetação rasteira com a graça de um búfalo-de-água. Galhos estalavam sob os meus calcanhares. Pássaros chilreavam por cima de mim, anunciando a minha presença. Ignorei tudo e continuei a correr. Neste momento, não se tratava de furtividade; tratava-se de velocidade. Estava a ser caçada e, se tivesse alguma esperança de escapar ao meu destino, precisava de estabelecer a maior distância possível entre mim e o homem que me perseguia. O sol de verão estava alto, no céu azul, beijando a floresta com o seu calor. O suor escorria-me pela testa enquanto saltava por cima de um tronco caído e continuava a correr. As árvores estavam carregadas de folhas, os seus ramos mais baixos agarravam-se ao meu cabelo e às minhas roupas como se tentassem abrandar-me, o ar era tão húmido que podia senti-lo a pressionar-me como se fosse um cobertor pesado.

Acelerei mais uma vez, com o desejo a arder-me nas veias. O Josh *não* me ia apanhar. Por que raio tinha eu feito aquela aposta com ele? Na altura, ou estava fora de mim ou estava a sofrer temporariamente de diminuição da capacidade cognitiva induzida por sexo excessivo.

Será que isso existia?

Há seis meses, não teria acreditado ser possível, mas desde então, lembro-me de várias vezes em que tinha sido tão bem fodida que até me tinha esquecido de como fazer coisas básicas, tais como andar sem ajuda ou resolver equações matemáticas básicas.

A aposta era simples: se o Josh me apanhasse nos próximos vinte minutos, eu perdia.

Eu não queria nada perder. Perder significava fazer a minha primeira aparição numa das suas *thirst traps*, e ele teria total licença criativa sobre a

forma exata como eu iria participar. Conhecendo-o bem, ele usaria isso como outra oportunidade para me espicaçar, e eu ou ficaria envergonhada ou tornar-me-ia a mulher mais odiada da Internet, pela segunda vez em menos de um ano.

Isso só ia acontecer por cima do meu cadáver.

Talvez literalmente, se eu não começasse a prestar mais atenção ao caminho.

Derrapei até parar, mesmo em frente a uma descida acentuada. Uma olhadela por cima da berma revelou uma descida longa e íngreme que dava para uma ravina cheia de pedras. O meu coração quase me saiu pelo rabo, ao aperceber-me de como tinha estado tão perto de ter um Muito Mau Dia.

Olhei para trás. Que merda. Devo ter saído do caminho principal e acabei num trilho de caça. Voltar atrás custar-me-ia minutos preciosos que não podia dispensar, por isso segui em frente, continuando no que parecia ser outro trilho de caça que corria colina acima, paralelo à ravina. Tive de abrandar a velocidade por causa da proximidade entre o caminho e a berma da ravina. Um passo em falso podia fazer-me cair, mas eu sabia que, se eu tinha de ter cuidado, o Josh também teria.

Por mais que não quisesse perder, parte de mim estava desejosa de que ele me alcançasse para que a perseguição pudesse começar de verdade. Ele tinha-me dado cinco minutos de avanço. Para ser desportivo, disse ele. Ele tinha crescido no interior, afinal de contas, e algumas das suas melhores lembranças eram os laços que criara com o seu padrasto durante as suas várias viagens de campismo selvagem. O Rob era um rapaz do campo a cem por cento, e o Josh tinha aprendido muito com ele sobre como localizar animais e sobreviver se alguma vez se perdesse na natureza.

Eu sabia zero sobre *técnicas de sobrevivência*, mas tinha duas vantagens do meu lado: velocidade e resistência. Tinha sido uma velocista na equipa de atletismo do liceu, tendo chegado aos campeonatos estatais no meu último ano. Sem que o Josh soubesse, tinha passado os últimos três meses a faltar ao ginásio dois dias por semana, para ir treinar para uma pista local. Alternava entre treinos de velocidade e de distância, esforçando-me ao máximo para não lhe facilitar a vida.

Sim, eu desejava ser caçada e fodida na floresta, mas também queria desfrutar da experiência completa mais do que qualquer outra coisa. Queria a perseguição. Queria que o Josh *ganhasse* o direito de me possuir. Pelo

brilho faminto que reluzia nos olhos dele sempre que falávamos sobre os nossos planos para hoje, ele queria isto tanto quanto eu, e eu mal podia esperar para que ele soltasse o seu lado mais sombrio, e viesse brincar.

Não tínhamos acordado muitas regras, mas as que tínhamos eram rígidas e, se algum de nós as violasse, perdia o jogo. Em primeiro lugar e acima de tudo, não havia batota. Tínhamos localizadores de GPS para o caso de nos perdermos, e prometemos não os verificar a menos que passasse uma hora sem que o Josh me encontrasse. As jogadas desonestas também eram proibidas. Não podíamos atirar areia para os olhos um do outro nem tentar montar armadilhas – não que eu o soubesse fazer.

A última regra era que só a penetração contava como captura. Se o Josh me apanhasse, eu ainda podia ganhar se conseguisse manter a pila dele fora de mim até o tempo acabar.

No papel, esta era uma situação de consentimento dúbio, mas eu estava mais do que interessada, por isso talvez fosse mais uma situação de consentir o consentimento dúbio? Além disso, o Josh estava convencido de que eu só tinha de lhe dizer para parar, e ele parava. Como sempre.

Parte de mim esperava que chegássemos a ter uma luta em que tivéssemos de nos derrubar, arrastar e, finalmente, dominar. Adorava a ideia de ele me dominar fisicamente, e já nos tínhamos divertido tanto com a negação do orgasmo e com o *edging* que tentar mantê-lo longe de mim só me deixava ainda mais molhada por ele.

Não que já não estivesse encharcada.

Estava preparada e pronta para a ramboia desde o primeiro segundo em que pisei a floresta, virando-me para lhe mandar um beijo de despedida e dizer-lhe para não ser brando comigo só porque eu o fazia sentir borboletas na barriga.

Ele soltou uma gargalhada e disse-me para correr, e foi com a visão dos seus olhos a escurecerem de desejo que entrei pela floresta adentro.

Inicialmente, eu queria fazer isto à noite, para realçar as vibrações assustadoras, mas no final concordámos que era demasiado perigoso. Não valia a pena corrermos o risco de tropeçarmos em alguma coisa e torcermos um tornozelo ou ficarmos inconscientes.

Um som tirou-me dos meus pensamentos sensuais, e por um momento perdi o ar, achando que o Josh me tinha encontrado, mas era apenas um esquilo a escalar a lateral de uma árvore próxima. Voltei a concentrar toda a

minha atenção no caminho estreito, dando um suspiro de alívio quando este começou a desviar-se da ravina e se alargou o suficiente para que eu pudesse ganhar mais velocidade.

O trilho continuava a subir, dirigindo-se para o sopé das montanhas. Cheguei a uma pequena elevação e desci para o outro lado, assustando um veado e a sua cria quando cheguei ao fundo.

Um riacho fluía no centro da colina e eu decidi atravessá-lo em vez de procurar por uma travessia mais fácil. Ao aterrar do outro lado, o meu dedo grande do pé prendeu-se numa raiz exposta e quase caí de cara na lama.

Parei por um segundo para recuperar o fôlego e certificar-me de que não tinha torcido nada. Depois de confirmar ter escapado ilesa, arranquei de novo, levantando o meu relógio para ver as horas. Quase gritei quando vi que já estava na floresta há um quarto de hora. O cronómetro começou oficialmente quando o Josh entrou, por isso, tecnicamente, estávamos agora a meio da caçada. Ele estava no meu encalço há já dez minutos e, apesar de não o ter visto nem ouvido, não conseguia deixar de pensar que ele estava a ganhar terreno sobre mim.

O homem era enorme, e tínhamos treinado juntos no ginásio do seu apartamento o suficiente para eu saber que ele era rápido para alguém do seu porte. Eu babava-me regularmente com a visão dele a fazer *sprint*, de uma ponta à outra da sala, puxando um trenó de cento e quarenta quilos, e só conseguia imaginar o quão mais rápido ele seria sem todo aquele peso a atrasá-lo.

Abri bem os ouvidos e comecei a ter mais cuidado com o local onde punha os pés, evitando o maior número possível de ramos. Sempre que pensava em florestas, imaginava-as cheias de cantares de pássaros, mas agora que me encontrava na floresta profunda era estranhamente silenciosa, e isso tornava o som da minha passagem ainda mais óbvio. As folhas caídas do ano passado cobriam o trilho, rangendo sob os meus calcanhares. Os ramos farfalhavam à minha passagem.

A vantagem era que, se eu fazia barulho, alguém que pesava quase cinquenta quilos mais do que eu seria provavelmente mais barulhento, mas eu já tinha aprendido há muito tempo a lição de não subestimar o meu namorado, por isso os meus sentidos continuavam em alerta máximo, à espera de algum aviso de que ele estava por perto.

Não ouvia nada além dos ruídos que eu própria estava a fazer e, ocasionalmente, um esquilo a resmungar ou um gaio-azul irritado. O silêncio tornava-me paranoica. Imaginei mãos a sair de arbustos, passos-fantasma a correr atrás de mim. Um arrepio percorreu-me a espinha, e fez-me sentir como se alguém tivesse soprado ar sobre a minha nuca. Voltei-me para trás, mas não vi ninguém.

Ainda bem que não tínhamos feito isto à noite, porque já era suficientemente stressante em plena luz do dia. O meu coração batia aceleradamente dentro do meu peito. A adrenalina corria-me nas veias, impelindo-me para a frente e para cima de uma cascata de rochas, na qual tive de me agarrar a rebentos e raízes para me alavancar para a frente.

Por que diabos tinha eu de escolher tal rota? A caçada estava a tornar-se menos uma corrida e mais uma caminhada, e embora a minha resistência fosse grande em terreno plano, as minhas pernas já começavam a arder de esforço. Isso fez-me sentir ainda mais desequilibrada, ansiosa e nervosa, como um coelho com uma raposa aos calcanhares.

Na esperança de poupar as minhas pernas doridas, virei à esquerda perto do topo de outra colina, abandonei o trilho e continuei a correr pelo bosque ao longo do largo pico da colina. A esta altura, a floresta antiga era mais de coníferas do que de folhosas, e o sub-bosque era suficientemente esparso para que eu pudesse ver centenas de metros à minha frente. Por cima de mim, os troncos dos pinheiros erguiam-se à minha volta como fósforos, com vegetação apenas na copa. Assim, ia conseguir ver o Josh muito antes de ele me alcançar.

Era perfeito.

Abrandei para uma caminhada rápida, grata pelas agulhas macias que atapetavam o chão e silenciavam os meus passos. O tempo de ser veloz já era. Agora era hora de ser discreta. Com alguma sorte, seria capaz de ouvir o Josh a chegar e assim esconder-me ou descer a montanha, deixando a gravidade fazer a maior parte do trabalho por mim, economizando a minha energia para quando chegasse ao sopé e pudesse correr novamente.

Eu podia ser a presa, mas era uma presa inteligente, e ia fazer tudo ao meu alcance para que o meu predador se tivesse de esforçar para me capturar.

Um *estalido* agudo ecoou por entre as árvores. Virei-me e quase gritei.

O Josh estava atrás de mim, a menos de cem metros, com um ramo partido nas mãos. Não me orgulhava disto, mas ele tinha-me apanhado tão desprevenida que fiquei paralisada. De onde raio é que ele saiu?

Veio na minha direção, saindo de um aglomerado de sombras, parecendo enorme e ameaçador nas suas roupas escuras. Será que ele tinha ficado *maior* desde que tínhamos começado a andar? Os seus bíceps esticavam-se contra as mangas da *T-shirt*. Os músculos, como cordas, subiam-lhe pelos braços. Como eu, para proteger as pernas dos arranhões ele usava calças de corrida, que se esticavam sobre as suas coxas como se fossem troncos de árvore.

Sim, ele estava definitivamente maior. Comprei-lhe aquela *T-shirt* há dois meses e, pela forma como lhe esticava o peito, ou tinha engordado ou tinha encolhido na lavagem.

O filho da mãe nem sequer estava a respirar com dificuldade. Conseguiu aproximar-se de mim tão silenciosamente que partiu de propósito um ramo para me dar uma oportunidade de jogar. Enquanto eu o observava, ele atirou-o para o lado, com um sorriso vitorioso a rasgar o seu belo rosto.

Parecia que estava a gozar comigo.

Oh, não, porra.

Como uma bala, arranquei, tão irritada como assustada. Tinha-me esforçado tanto para fazer com que esta fosse uma boa experiência para ambos, e o sacana tinha-me encontrado assim que parei de correr.

O seu riso perseguiu-me pela floresta.

Era demasiado tarde para me esconder, demasiado tarde para uma estratégia. Corri apenas por instinto, com os braços a baterem-me nas costas, enquanto esgotava as minhas últimas reservas. As árvores desfocavam-se à minha volta. Os meus pés voavam sobre o chão da floresta. Avistei um denso amontoado de arbustos e corri na sua direção.

– Ai, não, não vais! – disse o Josh, com os pés a baterem no chão enquanto me perseguia.

Apesar do esforço que estava a fazer, conseguia ouvi-lo a ganhar terreno. Era tentador olhar por cima do ombro e ver o quão perto ele estava, mas preocupava-me que abrandar para o fazer, nem por meio segundo que fosse, significasse a minha morte. Cada passo parecia que podia ser o

último. Os meus ombros endureceram enquanto me preparava para ser atacada por trás.

Corre, porra, disse a mim mesma, abraçando a dor e dando tudo por uma última tentativa de alcançar a liberdade.

Um rosnado masculino chegou aos meus ouvidos quando me aproximei do pequeno matagal. Caramba, será que me ia safar?

O meu olhar fixou-se num trilho de caça tão estreito, quase inexistente, que entrecortava a vegetação densa, provavelmente feito por coelhos. Foi a única passagem que consegui encontrar, e não tinha tempo para procurar outra.

Aqui vai nada.

Mergulhei diretamente nela, baixando-me para evitar as silvas mais altas e levantando os braços para proteger a cara. Os arbustos prendiam-se nas minhas calças. Os meus braços ardiam à medida que as picadas se espalhavam pela minha pele. Atrás de mim ouviu-se um estrondo, seguido de um grito de frustração. O caminho era demasiado estreito para o Josh.

O triunfo e a antecipação percorreram-me enquanto eu prosseguia.

Parte de mim queria que a perseguição durasse para sempre, enquanto outra mal podia esperar que a luta começasse. Humidade cobria-me as cuecas. Os meus seios estavam cheios dentro do meu sutiã desportivo, ansiando pelo toque do Josh. Apesar dos meus esforços renovados para ganhar, o meu corpo estava preparado para perder, tornando-se flexível e maleável.

Saí do outro lado do matagal para a luz do Sol e desci a encosta. O mato não era muito profundo, mas era largo, e o Josh perderia segundos preciosos a contorná-lo. Segundos que eu planeava usar a meu favor.

Lancei-me com mais força, meio a correr, meio a deslizar colina abaixo, em direção à ravina e ao rio. Algures atrás de mim, o Josh tinha provavelmente contornado o matagal e conseguia ver-me a fugir. Ele tinha a vantagem da visão, de saber a que velocidade teria de correr para me alcançar. Eu era obrigada a mover-me apenas por instinto, pondo toda a minha energia em fugir às cegas e esperar que isso fosse suficiente.

Ele não me podia apanhar. Ainda não. Parecia que tinha passado uma hora desde a última vez que tinha olhado para o meu relógio, mas sabia que era por causa do caos da perseguição. Não me podia arriscar a olhar para ele

outra vez. Tudo o que podia fazer era rezar para que as minhas pernas aguentassem tempo suficiente para alcançar a linha de chegada.

O meu cabelo rodopiava à minha volta, libertado pelas silvas. Sentia as primeiras bolhas a formarem-se nos meus calcanhares. Cada inspiração e expiração era mais irregular do que a anterior. Eu ia conseguir fazer isto. Estava tão próxima da vitória.

Uma forma escura saiu por entre as árvores à minha esquerda e, desta vez, gritei realmente quando o Josh me agarrou pela cintura, na lateral, como um maldito jogador de futebol americano. Eu tinha-lhe dito para não ser brando comigo, e, porra, agora arrependia-me. Com a queda, todo o ar dos meus pulmões saiu-me pela boca num ápice. Ele conseguiu virar-se no ar, amparando a minha queda, mas mesmo assim doeu como o caraças. As pedras mordiam-me a pele e bati com a cabeça no chão.

– Merda – gemeu o Josh. – Aly, estás…

Dei-lhe uma cotovelada no estômago.

– … beeem – sibilou, os seus braços soltaram-se à minha volta.

Libertei-me dele com dificuldade e pus-me de pé, tentando enterrar o arrependimento que me ameaçava. Esperava não o ter magoado demasiado. O objetivo era divertirmo-nos selvaticamente, não magoarmo-nos à seria.

Um torno de ferro prendeu-se à volta do meu tornozelo e eu só tive tempo de me aperceber do Josh a agarrar-me antes de um puxão violento me varrer a perna e me projetar para a frente, fazendo-me girar como uma ventoinha.

Filho da puta.

Bati no chão, apoiando a maior parte do meu peso nas mãos e nos joelhos.

Ohhh.

Não deixei que a dor me abrandasse, virando-me de costas enquanto o Josh me arrastava para ele. Ele parecia ao mesmo tempo irritado e excitado, e isso fez com que a minha pulsação aumentasse um pouco mais.

Tinha de me afastar, mas, meu Deus, a tentação de ceder era forte.

Desculpa, amor, pensei, levantando a minha perna livre.

Os seus lindos olhos castanhos arregalaram-se quando ele percebeu que eu estava prestes a dar-lhe um pontapé no peito. Bati com o pé no chão, mas ele soltou-me e rolou para o lado bem a tempo de se esquivar do golpe.

Girei para o outro lado e pus-me de pé. Ele devia estar um passo à frente, porque me agarrou no braço e fez-me girar para trás.

Estava à beira de conseguir quebrar a pega dele quando me agarrou pela nuca e me puxou para a frente, fazendo com que as nossas bocas colidissem. Foi quase a minha ruína. O meu corpo reconheceu o dele como a sua fonte principal de orgasmos. O meu hipotálamo desencadeando alegremente o fluxo hormonal, hormonas sexuais galopando pelas minhas veias. Apesar do meu desejo de fugir, os meus lábios abriram-se por instinto, dando-lhe as boas-vindas.

Ele afagou a minha língua com a sua, encostando-me a uma árvore.

Gemi-lhe na boca, agarrando-lhe a camisola enquanto o puxava para mais perto. A sua ereção, longa e dura, pressionada contra a minha barriga e…

Que merda! O que é que eu estava a fazer? Pisei-lhe o pé.

Ele praguejou e deu um salto para trás. Eu virei-me e desci a colina.

E de repente, a perseguição continuava a valer.

A floresta aqui era mais densa, com folhas largas pairando nos galhos, os ramos mais baixos a baterem contra mim à minha passagem. Ainda bem que eu tinha a semana seguinte livre. Iria certamente precisar desse tempo para recuperar. Já conseguia sentir as nódoas negras a florescer na minha pele devido à nossa breve luta, e tinha a certeza de que havia mais arranhões do que na noite em que tínhamos fugido de casa do Brad.

Não. Não penses nele, disse a mim própria. *Pensamentos sobre ele não são bem-vindos aqui. Isto é só para mim e para o Josh.*

O som da perseguição chegou aos meus ouvidos, e… o Josh estava a rir-se? Eu sorri enquanto corria aos tropeções percorrendo os últimos metros da colina. Ele estava certo; isto era uma coboiada e peras. Eu podia ter ficado um pouco irritada com ele por me encontrar tão rapidamente, mas isso só me fez querer melhorar o meu jogo para o futuro. Talvez pudesse encontrar um curso de sobrevivência e aprender a deslizar pela floresta como um fantasma.

O som da água a correr disse-me que o rio estava mesmo à minha frente. Ele surgiu um segundo depois, parecendo mais largo do que onde eu o atravessara pela primeira vez. Não havia problema. Eu estava a andar tão depressa que tinha a certeza de que podia voltar a atravessá-lo.

O problema é que o Josh começou a mover-se ainda mais rápido. O estalo de um ramo disse-me que ele estava a poucos centímetros de distância antes de os seus dedos agarrarem a parte de trás da minha camisola. Contorci-me, tentando soltar-me, mas o impulso dele conduziu-o até mim. Os seus braços grandes rodearam a minha cintura e, com os pés emaranhados, tropeçámos e caímos.

Diretamente para o raio da água. Fria! Foda-se, estava fria!

Embora não tivesse mais de trinta centímetros de profundidade, parecia que eu tinha sido atirada para um lago ártico. O rio deve começar no alto das montanhas, onde ainda se avistava o branco da neve a cobrir os picos mais altos.

Levantei-me a gaguejar, com a boca cheia de água. Se eu contraísse giardia, nunca iria perdoar o Josh por ter um *timing* tão mau.

Ele agarrou-me no tornozelo e puxou-me para ele. Pelo caminho, o meu rabo raspou numa dúzia de pedras do rio. Tentei dar-lhe um pontapé, mas ele apanhou o meu outro pé ainda no ar, com os dedos a apertarem-se e os bíceps a esticarem-se enquanto se esforçava para me manter imóvel. A sua demonstração de força era impressionante como o diabo.

Ou fugia ou estava tramada.

Parei de lutar contra ele e avancei. Ele não estava à espera disso. Fiz-lhe uma placagem diretamente no peito, fazendo-o cair de costas na água. As mãos dele soltaram-me e eu comecei a fugir, mas ele conseguiu agarrar-me uma perna pelas calças, rasgando um buraco enorme ao puxar-me e arrastar-me até ele.

Continuámos a chapinhar enquanto ele tentava agarrar a minha carne escorregadia, e eu tentava afastar-me da dele. Devemos ter parecido ridículos. Como dois salmões perdidos, sem jeito, a saltitar enquanto tentavam desvendar o mistério sobre que caminho tomar. Graças a Deus que esta secção de floresta estava suficientemente longe da civilização para sermos os únicos humanos num diâmetro de vários quilómetros, não havia ninguém a testemunhar a nossa idiotice além de criaturas selvagens intrigadas.

Ter-me-ia rido se não fosse a ameaça genuína de me tornar numa estrela convidada do próximo vídeo do Josh. As pessoas *online* eram *maldosas*. E também um pouco assustadoras. Havia uma discussão em curso numa das suas secções de comentários sobre onde poderíamos viver, com base nos

vislumbres da cidade que tinham visto pelas janelas dele. Em resposta, deixámos de filmar perto delas, mas isso não significava que os detetives da Internet tivessem abandonado as tentativas de nos localizar.

Se eu pudesse evitar dar-lhes mais alimento, fá-lo-ia, e era por isso que precisava de me afastar. Agora.

Consegui libertar-me do Josh, tempo suficiente para me virar para frente e avançar gatinhando. Mal tinha chegado à margem lamacenta do rio quando fui novamente atacada. Desta vez, o Josh pôs todo o seu peso sobre mim, deixando-me espalmada como uma panqueca. Cambaleei por baixo dele, tentando tirá-lo de cima de mim, mas entre a lama viscosa e o facto de ele pesar mais de noventa quilos, era uma causa perdida.

Conseguiu prender-me os pulsos em tempo recorde, e juntou-os por cima da minha cabeça, mantendo-os no lugar com uma mão do tamanho de uma luva de forno.

Que merda. Eu ia perder.

Uma dúzia de golpes de jiu-jítsu passaram-me pela cabeça, mas cada um deles poderia causar ferimentos graves e, por mais que eu quisesse vencer, nunca conseguiria magoar o Josh daquela maneira. E ele também não, apercebi-me. O Josh era ainda mais habilidoso do que eu em artes marciais, mas também não tinha usado um único movimento contra mim, e foi por isso que decidimos andar às estaladas como dois amadores.

Ainda assim, eu não estava pronta para desistir, por isso balancei as ancas para o lado, tentando despistá-lo.

Ele enfiou os dedos no buraco das minhas calças e rasgou-as num movimento ascendente, rompendo-as até à cintura. A minha roupa interior foi arrancada para o lado sem cerimónias e só tive tempo para me aperceber do que estava a acontecer antes de o sentir vir contra mim numa investida brutal.

Gritei, tanto de surpresa como de alívio.

O Josh congelou atrás de mim, tensão presente em cada linha do seu corpo.

– Já não lutas mais, ou queres que te dê outra oportunidade?

Terminou a pergunta balançando as ancas para frente, mostrando-me o que eu estaria a perder caso tomasse a decisão errada.

O som agudo de um alarme soou à nossa volta, os nossos relógios apitaram em simultâneo. O meu tempo tinha acabado. Ele tinha ganho com

segundos de sobra, e eu fiquei sem quaisquer hipóteses.

Em vez de responder à sua pergunta em voz alta, desliguei o alarme e arqueei a coluna, levantando as ancas o suficiente para ele deslizar mais um centímetro para o meu interior. A minha cona apertou-se à volta dele, tentando arrastá-lo para o mais fundo que conseguisse. Queria-o com força, à bruta. Ele tinha conseguido caçar-me como se eu fosse uma presa, e agora desejava que ele me fodesse e expulsasse o resto da minha resistência para fora de mim.

Ele gemeu, a mão que prendia a minha relaxou, mas não a largou.

– Portaste-te tão bem, linda.

Com um estalar de ancas, ele penetrou-me com mais força, mais fundo, e apesar de andarmos nisto há meses, continuava a sentir que ele me ia rasgar ao meio.

– Adorei perseguir-te – disse ele. – Adorei que estivesses a sorrir o tempo todo.

Estava? Mesmo quando estávamos a lutar? Bolas, eu precisava mesmo de trabalhar na minha *poker face*.

Mais uma investida e o Josh estava completamente dentro. Parecia que estava quase a atingir a parte de trás dos meus dentes. Eu adorava-o. Adorava estar tão preenchida que mal conseguia respirar, mal conseguia pensar além da picada inicial de desconforto e da forma como o meu corpo tinha de se esforçar para o receber inteiro.

– Estás encharcada, Aly – disse ele, a sua voz áspera de tesão. – Gostaste de ser caçada?

– Sim – gemia.

– Gostaste de ser apanhada como uma presa.

Não era uma pergunta, mas respondi-lhe na mesma.

– Sim.

– Abre-me essas pernas, então. Mostra-me o quanto gostas de ser caçada.

– Obriga-me – disse-lhe.

Ele congelou por meio segundo, mas eu podia dizer pela forma como o seu pénis se contorcia dentro de mim que ele gostou da ideia. A mão dele que prendia a minha segurou-me com mais força enquanto a outra agarrava a minha anca. Puxou-me para cima com ele enquanto nos reposicionava, e

depois usou os seus joelhos para afastar ainda mais os meus, um após o outro.

Depois começou a mover-se, penetrando-me mais fundo, com mais força. Deste ângulo conseguia sentir cada centímetro dele a penetrar-me. A minha cona estremeceu, um tremor percorreu-me a espinha. A forma como ele me prendia deixava-me quase sem poder de movimento. Tudo o que eu podia fazer era inclinar a pélvis e empurrar-me contra ele à medida que os seus movimentos ganhavam velocidade.

As suas ancas batiam-me no rabo. Ajoelhámo-nos à beira do rio, a água a correr sobre as nossas canelas, a lama a esborratar-se nos nossos joelhos. O cheiro da floresta encheu-me o nariz, o cheiro a pinheiro namorando com o de terra molhada e folhas caídas. O Sol brilhava beijando-me as costas, aquecendo-me. Sim. Era isto que eu queria. Ser caçada como um animal, ao ar livre, sem inibições e sem ter pensamentos na minha cabeça além de como o meu namorado me fodia bem.

– Com mais força – disse-lhe.

O Josh agarrou-me pelo cabelo erguendo-me, com os dedos enrodilhados nas minhas madeixas, continuando com as suas estocadas fortes, que agora se tinham tornado punitivas. Abri a boca enquanto olhava de olhos arregalados para a floresta ao nosso redor. A luz do Sol caía em feixes ao longo do chão da ravina. O musgo apoderava-se das rochas mais próximas. O som da nossa respiração irregular pairava no ar.

Havia algo de tão primitivo, de tão *certo*.

Pensava que queria isto por causa de coisas que tinha lido em romances paranormais que envolviam lobisomens, mas agora perguntava-me se os meus desejos eram mais profundos do que isso, se eram ainda mais instintivos. Era assim que os nossos antepassados fodiam, rudes e desesperados nos momentos roubados entre caçar e ser caçado, dando tudo o que tinham porque não sabiam se iriam viver para ver o próximo nascer do sol.

Estranhamente fazia sentido que eu o desejasse, e sentia-me a mulher mais sortuda do mundo por ter um namorado disposto a fazer parte de todas as minhas fantasias.

– Amo-te – disse, empurrando as minhas ancas para trás.

O Josh gemeu, os seus dedos puxando-me o cabelo.

– Eu também te amo, mas não digas isso de novo, ou eu venho-me.

Sorri.

– Amo-te.

Ele penetrou-me com tanta força que escorreguei no piso lamacento e avancei um centímetro para a frente.

– Estou a falar a sério, Aly.

– Eu amo… – Outra investida impiedosa fez-me engasgar. Palavras de louvor e devoção começaram a sair da minha boca enquanto ele me fodia cada vez mais perto do limite. – Amo-te tanto. Adoro ser a tua presa. Adoro a facilidade com que me dominas. Adoro que a tua pila seja quase demasiado grande. Adoro senti-la ficar ainda maior dentro de mim, mesmo antes de te vires.

As investidas do Josh tornaram-se frenéticas. Eu gemia de necessidade, quase inconsciente, enquanto a minha cona se espasmava à volta dele. Tremores trespassaram-me o corpo. Eu arranhava a lama, tentando encontrar apoio, desesperada para me enraizar por meio do prazer que se estava a formar dentro de mim. Normalmente, eu precisava de mais do que isto para me levar ao limite, fosse estimulação do clitóris ou dos mamilos, mas o Josh estava a foder-me tão profundamente que estava prestes a desencadear o meu tipo favorito de orgasmo: o orgasmo cervical, aquele que derrete o cérebro, que faz tremer a espinha, os joelhos, que faz baloiçar as mamas, que nos deixa a cona inundada.

E depois puxou-me a cabeça para cima e mordeu-me o pescoço.

Eu não estava à espera, e o breve lampejo de dor, juntamente com a emoção de sentir os seus dentes a afundarem-se em mim, levou-me a novas alturas, com sons frenéticos e de carência a saírem-me dos lábios. A minha mente apagou-se. Os meus ouvidos encheram-se com um zumbido enquanto eu batia com as ancas para trás. Estava a vir-me. Estava a vir-me com tanta força que tudo o que podia fazer era contorcer-me, a minha cona apertada com tanta força que o Josh mal se conseguia mexer.

E depois ele também se estava a vir, a sua pila alongando-se, endurecendo-se, o calor a fluir para dentro de mim enquanto ele descarregava a sua seiva no meu interior. A sensação prolongou o meu orgasmo, ou talvez tenha espoletado um segundo. Tudo o que eu sabia era que nunca me tinha sentido tão bem durante tanto tempo e não queria que aquilo acabasse.

Descemos devagar, juntos, respirando como se ainda estivéssemos a correr. O Josh estava deitado nas minhas costas, com a testa encostada à minha coluna. O som das suas exalações enchia-me os ouvidos. Eu sentia o coração dele a bater na minha caixa torácica.

Nunca me tinha sentido tão ligada a alguém, nunca tinha amado alguém como o amava a ele.

– Casa comigo – disse-lhe.

O Josh enrijeceu.

– O quê?

O pânico atingiu-me, afastando o brilho das hormonas sexuais e atirando-me diretamente para a realidade. Oh, foda-se. Oh, foda-se, foda-se, foda-se.

O Josh saiu de dentro de mim, o calor dos nossos orgasmos escorregando-me coxas abaixo. Era por isso que não se devia falar logo após o orgasmo. As pessoas tendiam a partilhar demasiado ou a dizer coisas tolas que os parceiros não estavam prontos para ouvir.

– Desculpa – disse-lhe, levantando-me e tentando endireitar as minhas calças rotas.

Os meus dedos estavam escorregadios de lama e eu estava a tremer tanto que mal conseguia agarrar o tecido molhado.

O Josh permaneceu quieto atrás de mim. Que merda! O que é que eu tinha feito?

Virei-me para ele, esperando o pior, e dei com ele ajoelhado no chão da floresta. Uma mão levantada, empunhando algo que brilhava à luz do Sol.

Meti uma mão sobre a boca, incrédula, e dei um passo em direção a ele. Era um anel. O Josh estava a segurar um anel. Um anel deslumbrante com um rubi no centro que parecia uma grande gota de sangue, emoldurado por pequenos diamantes. Era perfeito.

– Alyssa Cappellucci – disse ele. – Casas comigo para que eu possa passar o resto da minha vida a perseguir-te?

Baixei a mão, sorrindo, com a alegria a substituir o pânico.

– Pensei que as pessoas se casavam porque queriam deixar de andar atrás de alguém?

Ele abanou negativamente a cabeça, com uma expressão séria que nunca lhe tinha visto antes.

– Eu não.

– Eu também não – disse, alcançando-o em dois passos e baixando-me para lhe pôr os braços à volta do pescoço. – Sim, eu caso contigo.

***

Dez minutos depois, estávamos limpos e a sair da floresta. Eu tinha-nos levado para tão longe dos trilhos que tivemos de usar o GPS para encontrar o nosso Airbnb.

Por ter corrido pela floresta tão freneticamente, acabei por perder muita da beleza que me rodeava e, ao voltarmos ao trilho principal, tomei o meu tempo para a absorver. Esta terra fazia parte de um parque estatal que não era explorado há pelo menos cinquenta anos. As árvores eram gigantescas, com os seus ramos a estenderem-se escondendo o céu azul. Ribeiros como aquele no qual andámos à luta permeavam os bosques, alguns meros fios de água, outros suficientemente profundos para terem passadiços sobre eles.

Enviei uma oração silenciosa de agradecimento a quem pudesse estar a ouvir por ter tido esta experiência. E por estar livre e não na prisão. A polícia nunca me viera entrevistar, embora tivesse interrogado a Erica. Como o Nico prometeu, os avistamentos de Brad continuaram até há algumas semanas, terminando perto de um aeroporto privado nos arredores de Quebeque. A teoria reinante era que os Bluhm tinham alugado um jato e levado o filho para um país que não extraditava para os EUA.

Eram constantemente assediados pelos meios de comunicação social e a opinião pública há muito que se tinha voltado contra eles, tornando-os pouco mais do que prisioneiros dentro da sua própria casa. Eu ter-me-ia sentido mal se não fosse o facto de a) a casa deles ser uma mansão de vinte mil metros quadrados e b) embora eles pudessem estar inocentes agora, tinham encoberto muitos dos crimes anteriores do filho. Considerei este como um merecido castigo, por todos os pecados cometidos no passado.

Pensava que nunca deixaria de me preocupar com o facto de que aquilo que tínhamos feito podia, um dia, voltar-se contra nós, mas já não deixava que isso dominasse os meus pensamentos. Era livre. Estava apaixonada. E estava determinada a desfrutar de tudo isso durante o máximo de tempo possível.

Respirando fundo, virei o rosto para o céu. O calor, sufocante durante a minha corrida, era agora motivo de gratidão por nos aquecer e ajudar a secar as nossas roupas molhadas.

– Da próxima vez que fizermos isto, devíamos trazer mochilas – disse.

O Josh inclinou a cabeça para o lado, fitando-me.

– Para brinquedos sexuais?

– Para roupas sobressalentes e um *kit* de primeiros socorros.

Ele ergueu as sobrancelhas.

Revirei os olhos.

– E *OK*, sim, para brinquedos sexuais.

Ele sorriu, parecendo satisfeito consigo mesmo, e entrelaçou os seus dedos nos meus. Não deixei de reparar no olhar que lançou à minha mão. Ou, mais especificamente, ao anel que eu tinha no dedo.

– Devíamos consumar o nosso noivado quando voltarmos.

– Primeiro preciso de um duche – disse. – Tenho areia de rio em sítios impronunciáveis.

Ele riu-se.

– O mesmo. E se calhar devias ver este corte. Acho que pode ser sério. – Ele levantou o outro braço e rodou o punho para dentro, como se estivesse a posar. Havia um pequeno arranhão na parte interna do bíceps. – Vês? Aqui mesmo. – Ele fletiu os músculos, fazendo-os saltar. – Estás a ver? – Fletiu-os novamente.

Foi a minha vez de me rir.

– Sim. Parece que pode ser fatal. É melhor despacharmo-nos.

Deu-me uma palmada no rabo.

Estendi a mão e passei-a pela virilha dele.

Quando voltámos ao nosso Airbnb, estávamos a apalpar-nos como dois adolescentes no seu primeiro encontro. De alguma forma, entre beijos, o Josh conseguiu destrancar a porta.

Abri a porta e pus logo as mãos na bainha da minha camisa, mais do que pronta para me livrar da roupa molhada.

Paralisámos ao ver o que nos esperava.

A cabana era pequena, consistia em apenas um espaço único e amplo com uma sala de estar de um lado e uma minicozinha do outro. A casa de banho ficava mais atrás, delimitada por uma porta, e a cama de casal, na qual o Josh mal cabia, ficava por cima, numa *mezzanine*.

Alguém tinha espalhado papel higiénico por toda a parte. Mas que raio? Isto era algum tipo de partida? *Oh, meu Deus.*

O Josh e eu trocámos um olhar de pânico.

– Os gatos! – disse ele, correndo para dentro.

A minha pulsação disparou quando o medo se abateu sobre mim. Se lhes tivesse acontecido alguma coisa, eu iria definitivamente juntar-me ao Josh e matar alguém.

Ele parou à minha frente tão depressa que dei um salto para trás. Abanei a cabeça para clarear os olhos e olhei ao seu redor, para perceber o que é que o tinha feito parar. Ali sentada em frente a nós estava a Maud, a nossa criança problemática de doze semanas, aconchegada num ninho de papel higiénico. Ela saudou-nos com um chilreio, agarrou num rolo de papel higiénico e correu em direção à casa de banho, deixando uma longa linha de papel correr atrás de si.

Pus-me ao lado do Josh, vendo-a partir.

– Vamos comprar uma gatinha, disse ele. Ela vai ser muito gira, disse ele. O *Fred* precisa de alguém para brincar com ele, para não se sentir sozinho.

Como se tivesse sido convocado, o *Fred* saltou de trás da porta da casa de banho, com as patas levantadas, e atacou a Maud. Rebolaram pelo chão numa zaragata antes de o *Fred* sair disparado, com ela logo atrás dele, ainda a deixar um rasto de papel higiénico.

– Foste tu que nos fizeste isto – disse eu ao Josh.

A cabana era tão pequena que não havia outro sítio para o *Fred* ir senão para cima e, enquanto os observávamos, ele escalou a cortina mais próxima. Tive tempo suficiente para me aperceber que talvez o tivesse alimentado em demasia, antes de um estalo ecoar por toda a sala, e o varão da cortina cair ao chão, envolvendo os gatos em tecido. Os dois pequenos pimpolhos emergiram, correndo em direções opostas enquanto se tentavam libertar do tecido.

– Bem – disse eu. – Lá se vai a minha classificação de convidada cinco estrelas.

O Josh passou um braço à volta dos meus ombros e puxou-me para junto de si.

– Se estivesses mesmo assim tão zangada, punhas um ponto final nisto. Não mintas. Estás a adorar.

– Eu não iria tão longe – respondi.

– Bem, eu cá sim. Cos diabos, espero que o nosso futuro clã de filhos seja igualmente maluco.

Quase me engasguei.

– Quantos miúdos fazem um clã?

– Não sei – respondeu ele, esfregando a parte de trás do pescoço. – Tipo, oito?

Eu sabia que a minha vagina não podia falar, mas jurava que a tinha ouvido soltar um gemido baixinho de terror.

– Que tal dois?

– Sete – disse o Josh.

– Isto não é uma negociação.

Ele tirou o braço dos meus ombros e virou-se para mim.

– Está bem, seis. Mas isso é o mais baixo que estou disposto a ir.

– Dois – disse, lutando contra um sorriso.

Cruzou os braços sobre o peito.

– Cinco. Esta é a minha oferta final.

– Continua assim e será zero.

Ele inclinou-se para a frente e fez dançar as sobrancelhas.

– Imagina-me a segurar uma criança num braço e um bebé no outro.

Oh-oh. Não, ovários. Pousem a pintura de guerra.

Ele inclinou-se para mais perto.

– Sem camisa.

Foda-se. Eu ia mesmo ter os bebés gigantes deste homem.

Ele deve ter visto a sua vitória na minha expressão, porque fechou a distância entre nós e agarrou-me, beijando-me até me deixar sem fôlego enquanto o *Fred* tentava subir a outra cortina e arrancava, diretamente da parede de gesso, o outro lado do varão.

Era o puro caos.

O melhor dia da minha vida.

Mal podia esperar por mais um milhão como este.